

M A R T I N G I L B E R T



WINSTON
Churchill

U M A V I D A

VOLUME II

Martin Gilbert, biógrafo oficial de Churchill, nos apresenta uma das mais completas biografias já escritas sobre o maior estadista britânico em muito tempo. Homem de inteligência excepcional e personalidade explosiva, Churchill viveu no centro de acontecimentos fundamentais do século XX.

Neste volume, o leitor mergulha nas questões da política europeia dos anos que antecederam a Segunda Guerra Mundial. Você enxergará, pelos olhos de Churchill, e de todos que o cercavam, a situação crítica da Europa na primeira metade do século passado – com uma Alemanha cada vez mais poderosa e hostil. O autor faz uma leitura inédita e de fôlego sobre a trajetória pessoal e política do homem que se mostraria fundamental na resolução de um dos conflitos mais cruéis da história moderna.

Churchill – uma vida é o casamento perfeito entre a dureza dos fatos da vida pública e os detalhes íntimos da vida pessoal de um dos homens fundamentais do nosso passado recente. Elaborado a partir de anos de pesquisa, de documentos exclusivos e cartas reveladoras, este livro desfaz mitos e entrelaça a história de Churchill aos acontecimentos de uma época turbulenta e determinante para a história mundial. Entender quem foi Churchill, por meio de uma obra tão contundente, é entender os caminhos que levaram a Europa e o mundo aos dias atuais.

WINSTON
Churchill

M A R T I N G I L B E R T

WINSTON
Churchill
UMA VIDA

VOLUME II


Casa da Palavra

Churchill: A Life Copyright © 1991 by Martin Gilbert
Copyright © 2016 Casa da Palavra
Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610, de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título original
Churchill – a life

Tradução
Vernáculo, Gabinete de Tradução

Adaptação
Elisa Nogueira

Copidesque
Beatriz Sarlo

Revisão
Gabriel Demasi

Diagramação
Abreu's System

Capa
Sérgio Campante e Leandro Dittz

Fotografias de capa e miolo
Imperial War Museum

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Gilbert, Martin

Churchill : uma vida, volume 2 / Martin Gilbert ; tradução de Vernáculo Gabinete de tradução. – Rio de Janeiro : Casa da Palavra, 2016.

480 p.

ISBN: 978-85-441-0422-4

Tradução de : Churchill, a life

1. Churchill, Winston, 1874-1965 2. Primeiros-ministros – Grã-Bretanha – Biografia I. Título II. Vernáculo Gabinete de tradução

16-0738

CDD 941.084092

Índices para catálogo sistemático:

1. Primeiros-ministros – Grã-Bretanha – Biografia

CASADA PALAVRA PRODUÇÃO EDITORIAL

Av. Calógeras, 6, 701 — Rio de Janeiro

21.2222-3167 21.2224-7461

editorial@casadapalavra.com.br

www.casadapalavra.com.br

Para Natalie, David e Joshua

Sumário

Nota do autor à segunda edição inglesa

Nota do editor à primeira edição brasileira

Prefácio

1. O momento da verdade
2. Não há lugar para Churchill
3. De Munique à guerra
4. Retorno ao Almirantado
5. Primeiro-ministro
6. A Grã-Bretanha em dificuldades
7. A generalização da guerra
8. Preparativos para a vitória
9. Doença e recuperação
10. A Normandia e mais além
11. Guerra e diplomacia
12. “Em frente, Inglaterra!”
13. “Uma cortina de ferro”
14. Cartografando o passado, guiando o futuro
15. Primeiro-ministro em tempo de paz
16. Recuperação, última ambição, demissão
17. Os últimos anos

Agradecimentos

Mapas

Índice remissivo

Nota do autor à segunda edição inglesa

Um ano depois da publicação deste livro, em 1991, foi lançada uma versão resumida que inevitavelmente transmite menos nas suas páginas do que o retrato mais completo que tentei apresentar nesta nova edição, que permitirá aos leitores percorrer, mais detalhadamente, pela carreira de Churchill, por seus pensamentos, suas aspirações e suas ações.

Martin Gilbert, 7 de janeiro de 2000

Nota do editor à primeira edição brasileira

Churchill – uma vida foi originalmente publicado num volume único. Na edição brasileira, optou-se por dividir o livro em dois volumes, de modo a oferecer ao leitor dois recortes separados, mas obviamente complementares. O primeiro volume abrange a infância de Churchill, seus primeiros anos no exército e no Parlamento, além de suas experiências como ministro. O segundo volume se inicia no momento conturbado que antecedeu a Segunda Guerra Mundial, às vésperas da nomeação de Churchill como primeiro-ministro, e avança pelos anos de maturidade à frente da Grã-Bretanha, quando se consolidou como protagonista dos rumos políticos europeus.

Prefácio

É meu objetivo dar nestas páginas um retrato completo e perfeito da vida de Churchill, tanto em seu aspecto pessoal quanto político. Sua carreira tem sido tema de inúmeros livros e ensaios, nos quais ele foi julgado com cavalheirismo ou com severidade. Procurei fazer uma apreciação equilibrada, baseada em seus verdadeiros pensamentos, ações, realizações e convicções, em contraste com as muitas ideias erradas que existem.

O registro da vida de Churchill é particularmente completo, havendo uma enorme quantidade de material contemporâneo. Por isso, é possível apresentar, para quase todas as ocasiões nas quais esteve envolvido, suas próprias palavras e seus próprios argumentos, aquilo que pensava, suas verdadeiras intenções e ações.

Minha pesquisa começou em outubro de 1962, quando comecei a trabalhar como assistente da equipe de investigação de Randolph Churchill, um ano depois de o pai ter lhe pedido que se encarregasse de escrever uma biografia em vários volumes e editar documentos de apoio. Perto de sua morte, em 1968, Randolph Churchill tinha escrito a história de seu pai até a eclosão da guerra em 1914. Pediram-me que continuasse seu trabalho. O volume final de minha autoria, o oitavo da série, terminava com a morte de Churchill, aos 90 anos de idade.

A biografia oficial, tal como se tornou conhecida, apresenta em pormenores a história de Churchill e foi baseada em cinco fontes principais, às quais eu próprio recorri para esse relato num só volume; dessas fontes retirei muito material novo, particularmente para os primeiros anos de Churchill, até a Primeira Guerra Mundial.

A primeira dessas fontes é o enorme arquivo pessoal de correspondência política, ministerial, literária e pessoal de Churchill, atualmente guardado no Churchill College, em Cambridge, que contém correspondências privadas e públicas que abrangem a totalidade dos seus 90 anos.

A segunda fonte são os documentos de sua esposa, Clementine, incluindo as centenas de cartas que o marido lhe escreveu desde o casamento, em 1908, até seus últimos anos. Essa fonte está sob custódia da filha de Churchill, lady Soames, e oferece um retrato notável de todos os aspectos da personalidade de Churchill.

A terceira fonte é o arquivo governamental dos dois mandatos de Churchill como primeiro-ministro e de seu trabalho ministerial oficial, que começou em dezembro de 1905 e continuou até sua retirada da vida pública, em abril de 1955. Esse arquivo, que se encontra no Departamento de Arquivos Nacionais em Kew, contém todas as discussões do Gabinete de Guerra e dos chefes de Estado-Maior na Segunda Guerra Mundial, assim como os documentos de seus onze ministérios durante esses anos e do Conselho de Guerra, para o qual trabalhou em 1914 e 1915.

A quarta fonte são os arquivos pessoais, alguns deles substanciais, outros incompletos, de seus amigos, colegas e opositores; enfim, daqueles que estiveram em contato com ele em diferentes épocas ao longo de sua vida. Esses materiais encontram-se em muitos arquivos, bibliotecas e coleções particulares, na Grã-Bretanha e em outros países, e mostram a impressão que Churchill causava em seus contemporâneos: o que diziam entre si acerca dele, como alguns o detestavam e como outros, desde seus

primeiros anos, viam-no como uma pessoa de qualidades excepcionais e como futuro primeiro-ministro.

A quinta fonte, que eu mesmo elaborei durante trinta anos, é constituída pelas recordações pessoais da família de Churchill, de seus amigos e de seus contemporâneos. Essas recordações vêm de pessoas de todas as classes sociais, como pilotos que o ensinaram a voar antes da Primeira Guerra Mundial e oficiais e homens que estiveram com ele na Frente Ocidental em 1916. Tive a sorte de encontrar, e de vir a conhecer, seus assistentes literários dos anos anteriores e posteriores à guerra, incluindo Maurice Ashley, Sir William Deakin e Denis Kelly; seus secretários particulares, entre eles Sir Herbert Creedy, que esteve com ele em 1919, e membros de seu gabinete privado da Segunda Guerra Mundial, incluindo Sir John Martin, Sir John Peck e Sir John Colville, e também Anthony Montague Browne, que esteve com ele de 1953 a 1965.

Como biógrafo de Churchill, tive a sorte de poder vê-lo pela perspectiva de suas secretárias, entre elas Kathleen Mill, que começou a trabalhar com ele em 1936, Elizabeth Layton e Marian Holmes, que trabalharam com ele durante a Segunda Guerra Mundial, e Elizabeth Gilliatt, lady Onslow, Jane Portal e Doreen Pugh, que estiveram com ele nos seus últimos anos. Grande parte da vida de Churchill se passou em Chartwell, e Grace Hamblin, que ali trabalhou desde 1932, foi minha guia para esses anos.

Várias palavras extraídas dessas cinco fontes foram editadas e anotadas nos volumes de documentos publicados (e ainda a publicar) para cada um dos tomos da biografia.

Decidi fornecer material suficiente neste volume para que os leitores possam julgar por si próprios as ações e as capacidades de Churchill durante sua notável e longa carreira. Foi uma trajetória frequentemente marcada pela controvérsia e perseguida pelo antagonismo, porque ele sempre foi direto e independente e expressou seus pontos de vista sem falsidades, criticando aqueles que julgava estarem errados com um poderoso arsenal de conhecimento e com uma linguagem viva, hábil e penetrante.

O envolvimento de Churchill na vida pública abarcou mais de cinquenta anos. Ocupou oito postos do Gabinete antes de se tornar primeiro-ministro. Quando resignou seu segundo mandato como primeiro-ministro, em 1955, tinha sido membro do Parlamento durante 55 anos. O leque de suas atividades e experiências foi extraordinário. Elevado à categoria de oficial durante o reinado da rainha Vitória, ele tomou parte na carga de cavalaria em Omdurman. Esteve intimamente envolvido nos primeiros desenvolvimentos da aviação, tendo aprendido a voar antes da Primeira Guerra Mundial e tendo criado o Royal Air Force (RAF), a Força Aérea Britânica. Esteve intimamente envolvido no desenvolvimento dos tanques. Foi pioneiro no desenvolvimento da defesa antiaérea e na evolução da guerra aérea. Previu a construção de armas de destruição em massa e, em seu último discurso no Parlamento, propôs a criação da bomba de hidrogênio e o uso de seu poder de intimidação como base para o desarmamento mundial.

Desde seus primeiros anos, Churchill teve uma extraordinária compreensão e visão do futuro. Tinha uma forte confiança em sua própria capacidade de contribuir para a sobrevivência da civilização e para a melhoria do bem-estar material da humanidade. Seu treino militar e sua genuína engenhosidade lhe deram grande perspicácia em relação à natureza da guerra e da sociedade. Era também um homem cuja coragem, fosse nos campos de batalha do império na virada do século, na Frente Ocidental em 1916 ou em Atenas em 1944, combinava com um profundo conhecimento dos horrores da guerra e da devastação da batalha.

Tanto em seus anos como liberal quanto como conservador, Churchill foi um radical; um verdadeiro crente na necessidade de interferência do Estado por meio da legislação e financeiramente e de garantia de padrões mínimos de vida, trabalho e bem-estar social para todos os cidadãos. Entre as áreas de reforma social em que teve um importante papel, incluindo a criação de muitas leis, estão a reforma das prisões, os seguros-desemprego, as pensões do Estado para viúvas e órfãos, um mecanismo de

arbitragem para as disputas laborais, a assistência do Estado para quem procurava emprego, menor jornada de trabalho e melhores condições nas fábricas e oficinas. Foi também adepto do Serviço Nacional de Saúde, do maior acesso à educação, da tributação dos lucros extraordinários e de uma coparticipação dos empregados nos lucros. Em seu primeiro discurso público, em 1897, três anos antes de entrar no Parlamento, anteviu o dia em que o trabalhador se tornaria “um acionista da empresa em que trabalha”.

Em épocas de dificuldades nacionais, Churchill foi um persistente defensor da conciliação e até da coligação, evitando os caminhos da divisão e do confronto desnecessário. Nos assuntos internacionais, procurava consistentemente determinar as razões de queixa daqueles que tinham sido derrotados e a construção de associações significativas para a reconciliação de antigos inimigos. Depois de duas guerras mundiais, agiu em favor da manutenção do apoio dos vencedores, de modo a reparar as injustiças sofridas pelos vencidos, e assim preservar a paz. Foi o primeiro a usar a palavra “cúpula” para designar um encontro entre os chefes do mundo ocidental e do mundo comunista e fez tudo o que pôde para realizar esses encontros e pôr fim às perigosas confrontações da Guerra Fria. Entre os acordos que negociou, com paciência e compreensão, incluem-se os convênios constitucionais na África do Sul e na Irlanda e o esquema de pagamento das dívidas de guerra após a Primeira Guerra Mundial.

Comentador perspicaz e judicioso dos acontecimentos ao seu redor, Churchill foi sempre um defensor de linhas de ação audazes e intrépidas. Um de seus maiores dons, presente em milhares de discursos públicos e ouvido em seus muitos discursos transmitidos por rádio, era a habilidade de usar um excepcional domínio das palavras e o amor pela língua para transmitir argumentos pormenorizados e verdades essenciais, para informar, convencer e inspirar. Era um homem de muito humor e entusiasmo e de grande generosidade; apresentou-se durante toda a vida, e de forma consistente, como um liberal. Era consistente em sua maneira de ver, um homem por vezes chamado por sucessivos primeiros-ministros devido à sua habilidade como conciliador. Sua aversão pela injustiça, pela vitimização e pela discriminação — tanto em seu país quanto no estrangeiro — era a pedra angular de grande parte de seu pensamento.

O trabalho público de Churchill tocou todos os aspectos da política britânica interna e externa, desde a luta por reformas sociais antes da Primeira Guerra Mundial até as diligências para uma reunião de cúpula após a Segunda Guerra Mundial. Esse trabalho envolveu as relações britânicas com a França, a Alemanha, os Estados Unidos e a União Soviética, todas em suas épocas mais difíceis. Seu melhor momento foi a liderança da Grã-Bretanha quando ela estava mais isolada, mais ameaçada e mais fraca, quando sua coragem, determinação e fé na democracia estavam em uníssono com a nação.

Martin Gilbert, Merton College, Oxford
23 de janeiro de 1991

1.

O momento da verdade

Durante o outono de 1934, Churchill preparou um importante apelo parlamentar para acelerar a expansão da Força Aérea. Em 25 de novembro, três dias antes do debate, Desmond Morton enviou-lhe uma análise de três páginas sobre os planos aéreos germânicos, fatos disponíveis para o governo para cujos serviços secretos Morton trabalhara. Churchill enviou a Baldwin uma síntese do que pretendia dizer no debate, com a intenção de apresentar um aditamento crítico aos planos de rearmamento aéreo do governo. Tudo indica que esse aditamento “causou muita agitação nos círculos governamentais”, escreveu Churchill a Lloyd George em 24 de novembro. “Os fatos relatados no aditamento não podem ser contraditados, creio eu, e o governo acordou tarde demais para o fato de ter sido ‘apanhado em falso’ nesse grave assunto.”

De fato, os ministros ficaram incomodados; em 25 de novembro, Hoare disse ao Gabinete que era “essencial mostrar ao mundo que o governo tinha tanta ou mais informação do que o sr. Churchill”. Por sugestão de Hoare, concordou-se que Baldwin devia acusar Churchill de exagero, mas, numa posterior reunião do Gabinete, em 26 de novembro, o Estado-Maior da Aviação insistiu em que, para que se pudessem igualar os planos de expansão da Alemanha, o novo programa aéreo britânico devia ser acelerado, de modo que todos os aviões envolvidos no atual esquema britânico estivessem prontos no final de 1936, e não em 1939.

O discurso de Churchill em 28 de novembro marcou o clímax de sua campanha para uma política governamental mais ativa em relação à defesa aérea. “Acelerar a preparação da defesa não é afirmar a iminência da guerra”, começou ele. “Pelo contrário, se a guerra estivesse iminente, seria muito tarde para preparar a defesa.” A guerra não estava iminente nem era inevitável, mas a menos que a Inglaterra tomasse imediatamente medidas para se tornar segura “em breve não estará ao nosso alcance fazê-lo”. Em violação ao Tratado de Versalhes, a Alemanha estava preparando um exército poderoso e bem-equipado, “ainda que isso seja pouco dito em público”, com uma produção cada vez mais voltada para material de guerra. O rearmamento aéreo da Alemanha representava um enorme perigo. “Apesar de uma calma vigilância, o perigo de um ataque vindo do ar é tremendo.”

Churchill afirmou que não queria exagerar ou aceitar “as reclamações generalizadas” divulgadas por alarmistas. No entanto, era sua convicção que em sete ou dez dias de intenso bombardeio a Londres podia esperar-se que “pelo menos 30 mil ou 40 mil pessoas fossem mortas ou mutiladas”, e a situação seria ainda pior com o uso de bombas incendiárias. Como resultado de um “ato de poder e terror tão horrível”, com bombas capazes de atravessar vários andares “incendiando-os simultaneamente”, como me foi assegurado “por pessoas que conhecem o assunto”, um enorme pânico afetaria a população civil, deixando 3 ou 4 milhões de pessoas desabrigadas.

Churchill avisou que não apenas Londres correria o risco de sofrer bombardeios aéreos; Birmingham, Sheffield e “muitas grandes cidades industriais” também seriam alvos de bombardeios aéreos na eventualidade de uma guerra. Todos os estaleiros e depósitos de combustível correriam perigo. Portanto,

era essencial adotar meios de “mitigar e minimizar” os efeitos desses ataques. Simplesmente dispersar as indústrias não seria suficiente. “Não se pode fugir do perigo aéreo. É necessário encará-lo no local onde estamos. Não podemos bater em retirada. Não podemos deslocar Londres. Não podemos deslocar a vasta população que depende do estuário do Tâmis.”

Churchill implorava ao governo que não negligenciasse “os estudos para defesa contra ataques de avião”. Já ouvimos “muitas sugestões” que devem ser exploradas “com todo o apoio do governo”. Ele continuou: “Espero que rotinas de serviço ou preconceitos ou algo desse gênero não impeçam que novas ideias sejam estudadas e espero que essas ideias não sejam prejudicadas por longos adiamentos, como sucedeu no caso dos tanques e de outras novas ideias durante a Grande Guerra.”

Outro aspecto da questão da defesa também não devia ser desprezado. Para Churchill, a “única medida direta de defesa em grande escala” era possuir o poder de infligir “simultaneamente ao inimigo” tantos danos quantos ele pudesse infligir. Por isso, considerava necessário duplicar ou mesmo triplicar o dinheiro a ser gasto na expansão da Força Aérea. Um completo domínio do ar de uma potência sobre outra conduziria à “absoluta subjugação” da potência mais fraca, que não teria “qualquer chance de se recuperar”. Esse era “o odioso novo fator que tinha de ser aplicado para defesa das nossas vidas neste vigésimo século de civilização cristã”.

Churchill propôs novamente, como já tinha feito em maio, “que decidamos agora manter a todo o custo, pelos próximos dez anos, uma Força Aérea substancialmente mais forte do que a alemã, sendo considerado um grave crime contra o Estado, qualquer que seja o governo no poder, se essa força ficar substancialmente abaixo, mesmo apenas durante um mês, da força potencial de um país estrangeiro”.

A Força Aérea ilegal da Alemanha se aproximava rapidamente da força britânica; isso, apontou Churchill, era um fato conhecido, “mas além do conhecido há também o desconhecido. Por todos os lados, ouvimos dizer que o desenvolvimento do poderio aéreo alemão é muito superior ao que foi dito até hoje. Por tudo isso, eu gostaria de dizer: ‘Cuidado!’ A Alemanha é um país fértil em surpresas militares”. Depois, Churchill falou sobre a crucial capacidade produtiva. Pode parecer “absurdo falar em 10 mil aviões, mas os recursos de produção em massa são muito grandes. Lembro-me de que quando a Grande Guerra acabou, a organização que eu presidia no Ministério das Munições estava fabricando aviões à média de 24 mil por ano e planejava um programa muito mais vasto para 1919. É claro que essa quantidade de aviões não pode ser colocada no ar ao mesmo tempo, mas os números dão uma ideia da escala a que a fabricação pode facilmente aceder se for feita uma preparação com antecedência e for lançado um grande programa de produção”.

Churchill recordou à Câmara que durante o debate sobre a aviação em março Baldwin dissera: “Se não está satisfeito, pode pedir uma votação.” Porém, de que adiantaria, perguntou Churchill, dividir a Câmara e convocar eleições? “Você pode manter uma maioria durante um ano, mas isso não alterará os fatos com os quais nos defrontamos.” Apesar de o governo ter anunciado em julho que seriam acrescentadas à Força Aérea 42 novas esquadrilhas até 1939, o programa era tal que, apontou Churchill, apenas cinquenta novas máquinas estariam em serviço em março de 1936. Apesar das informações de um rápido crescimento do poderio aéreo da Alemanha, que tinham surgido desde julho, esse programa não foi acelerado. Se esse “processo dilatatório” continuasse, mesmo que apenas durante alguns meses, privaria a Inglaterra da capacidade “de ultrapassar o esforço aéreo alemão”.

Quando Churchill se sentou, “quase foi ovacionado”, segundo relatou Frances Stevenson. Em resposta, Baldwin disse à Câmara que “não tinha desistido da limitação ou da restrição de alguns tipos de armas”, mas era “extraordinariamente difícil” dar números precisos sobre a Força Aérea da Alemanha; é um “continente negro” desse ponto de vista, mas “não era o caso” de a Força Aérea alemã “aproximar-se rapidamente da nossa”. Na verdade, o poderio aéreo da Alemanha “não chegava a 50%”

do poderio britânico. No final de 1935, a Inglaterra ainda teria “uma margem de cerca de 50%” na Europa. Não havia portanto “fundamento para indevido alarme e menos ainda para pânico. Não há uma ameaça imediata de nós ou alguém na Europa ser confrontado nesse momento. Não há nenhuma emergência”.

Baldwin respondeu a Churchill com as palavras que o Gabinete tinha concordado que fossem usadas: “Não posso olhar para além de dois anos. Meu honorável amigo fala do que pode acontecer em 1937. Investigações que pude fazer levam-me a crer que seus números são consideravelmente exagerados.” Baldwin repetiu depois o compromisso de paridade, dizendo à Câmara: “O governo de Sua Majestade está determinado a não aceitar em condição nenhuma qualquer posição de inferioridade em relação ao poderio aéreo que possa surgir na Alemanha.”

Aceitando o compromisso de Baldwin como válido, Churchill retirou seu aditamento. A Câmara, em seguida, votou a emenda do Partido Trabalhista que criticava os atuais planos de rearmamento excessivos e que foi derrotada por 276 votos contra 35. Em 29 de novembro, Morton escreveu a Churchill: “Sua magnífica exposição sobre a situação atingiu sem dúvida seus objetivos. De qualquer maneira, temos uma declaração de S. B. de que seu governo se compromete a não permitir que o poderio aéreo de Inglaterra fique abaixo da capacidade alemã.” Contudo, Morton acrescentou que os números atuais de que Baldwin dispunha mostravam que ele já sabia que a Inglaterra tinha perdido cinquenta por cento de sua superioridade. Ao comentar o debate numa carta ao vice-rei, Hoare admitiu que se o Gabinete tivesse decidido “deixar os ministros do governo responderem sobre questões técnicas”, Churchill “teria tido uma grande vitória”.

Na noite de 29 de novembro, Randolph ofereceu ao pai uma festa no Ritz para celebrar seus 60 anos. Churchill continuava incansável; em 12 de dezembro, numa tentativa de conseguir que o governo concordasse em conceder mais tempo para debater o projeto para a Índia, com base no argumento de que um autogoverno “significava apenas liberdade para que uma parte dos indianos explorasse a outra”, foi apoiado por 75 deputados conservadores. O governo, no entanto, conseguiu uma maioria de 283. Em janeiro de 1935, fez um último esforço para moderar o projeto para a Índia, propondo a limitação da autonomia indiana, durante os anos próximos, às assembleias provinciais, seguindo a linha do Relatório Simon. Porém, nem sua emissão radiofônica em 29 de janeiro de 1935 nem o apoio, numa eleição intercalar, à candidatura do seu filho, contrária ao projeto para a Índia, tiveram qualquer efeito. Na verdade, quando Randolph, dividindo o voto conservador, permitiu que o candidato do Partido Trabalhista vencesse, houve uma ira feroz nos jornais conservadores às “ruinosas atividades” não de um, mas de dois membros da família Churchill.

Em 11 de fevereiro, no encerramento da segunda leitura do projeto para a Índia, Churchill avisou que permitir um autogoverno central na Índia levaria um pequeno grupo de homens politicamente motivados a espezinharem os direitos de milhões, de minorias desarticuladas e mal representadas. Para ele, os deputados que falavam contra o projeto esperavam “matar a ideia de que os britânicos na Índia são estrangeiros que abandonarão o país assim que tenham conseguido qualquer forma de organismo governamental que os substitua”. Pretendiam, ao contrário, estabelecer a ideia de que os britânicos estavam na Índia “para sempre”, como “honráveis parceiros de nossos amigos-súditos indianos que convidamos com toda a boa-fé a juntarem-se a nós nas mais altas funções governativas e administrativas para seu, e para o nosso, duradouro benefício”.

Houve aplausos no final do discurso de Churchill, mas, depois de Baldwin prometer que “o princípio de lei e ordem” que os britânicos tinham estabelecido seria mantido na supervisão indiana, o projeto

passou com 404 votos contra 133. Oitenta e quatro conservadores votaram contra o governo.

Em 25 de fevereiro, enquanto o projeto para a Índia estava sob o escrutínio da comissão, os príncipes indianos, num encontro em Bombaim, aprovaram uma resolução que expressava forte insatisfação em relação ao esquema federal. Isso causou comoção em Whitehall, pois o governo confiava na cooperação dos príncipes para que o projeto passasse tranquilamente. Em 26 de fevereiro, encorajado pela decisão dos príncipes, Churchill argumentou que era inútil prosseguir com o projeto, mas Hoare insistiu em que os príncipes deviam aceitar o esquema tal como estava. O assunto foi posto à votação, e a moção de Churchill foi derrotada por 283 votos contra 89. Essa foi a maior oposição que ele e a Comissão de Defesa da Índia conseguiram na Câmara dos Comuns.

“O projeto para a Índia está agora na comissão, e eu estou na Câmara dois ou três dias inteiros por semana, falando três ou quatro vezes por dia”, escreveu Churchill a Clementine em 2 de março.

Tenho feito pequenos discursos de cinco, dez e quinze minutos, por vezes meia hora, sempre sem notas, e creio ter a atenção da Câmara. Estou adquirindo uma liberdade e uma facilidade que nunca possuí e julgo-me capaz de seguir meu caminho e sem dúvida abalar o governo em praticamente qualquer extensão. Os apoiadores do governo estão intimidados, ressentidos e mal-humorados. Mantêm 250 membros à espera nas bibliotecas e nas salas de fumo para votarem contra nós em cada emenda, e temos uma força de luta de cerca de cinquenta que se mantém unida com crescente lealdade e convicção. Tenho conduzido a oposição com considerável sucesso em relação aos debates. As votações deslocam-se para o outro lado, mas rimos deles por serem lacaios e escravos.

Churchill falou então a Clementine sobre a pouca confiança que tinha no governo e sobre seu desespero com o comportamento dos seus líderes:

O valor do governo é muito baixo. É como um grande iceberg que entrou em águas quentes e cuja base se derrete rapidamente, deixando-o prestes a desmoronar. É de fato um mau governo, apesar de contar com alguns membros capazes. A razão é que não há cabeça e mentalidade de comando em todo o campo dos assuntos públicos. Não se pode dirigir o sistema de governo britânico sem um primeiro-ministro efetivo. O maldito Ramsey é quase um caso mental — e “estaria muito melhor num asilo”. Baldwin é astuto e paciente, mas é também espantosamente preguiçoso, estéril e ineficaz no que diz respeito aos assuntos públicos. Fazem besteira em praticamente qualquer lugar em que ponham o pé. Os ministros só conseguem fazer comícios em qualquer parte do país com elaborados arranjos políticos e manipulações em reuniões partidárias para garantir-lhes ininterruptas audiências. É evidente que isso não pode continuar. É claro que Lloyd George gostaria de juntar-se a eles e de reconstituir uma espécie de Gabinete de Guerra, no qual, ousado dizer, ofereceria a mim um lugar. Porém, estou muito pouco inclinado a me associar a qualquer administração que não resulte de eleições gerais.

Quando o projeto para a Índia finalmente passou, Churchill foi visitado em Chartwell por G. D. Birla, um dos maiores amigos de Gandhi, que escreveu ao líder espiritual indiano acerca do interesse e da amizade de Churchill. “Diga ao sr. Gandhi que use os poderes que são oferecidos e que tenha sucesso”,

pediu Churchill. Ele tinha “sentido que havia cinquenta Índias” e que só a Grã-Bretanha seria capaz de garantir o equilíbrio entre elas, pelo menos durante um bom tempo e com sua habitual magnanimidade. “Mas agora é a sua vez”, disse ele. “Tenha sucesso, e, se tiver, tentarei fazer com que tenha muito mais.”

Em 4 de março, o governo publicou um novo relatório da Defesa, no qual admitia haver “graves deficiências” em seus três serviços. Os gastos tinham sido aumentados para 10 milhões de libras. Quatro dias depois, numa carta a Clementine, Churchill disse que o governo, “tardia, tímida e inadequadamente, acordou por fim para o perigo germânico, que cresce perigosamente”. Ele acrescentou:

A situação germânica é cada vez mais sombria. O governo informou que o aumento de 10 milhões de libras para a Defesa se deve ao rearmamento alemão, deixando Hitler furioso. Ele se recusou a receber Simon, que o visitaria em breve em Berlim. Hitler alegou que estava gripado, mas se trata evidentemente de um pretexto. Esse gesto de afastamento de nosso ministro das Relações Exteriores constitui uma medida significativa da convicção de Hitler sobre o poderio da Força Aérea e do Exército alemães.

Devido à severidade de sua contraespionagem (na semana passada, degolaram duas mulheres com uma crueldade medieval), é muito difícil saber exatamente o que prepararam, mas é indiscutível que esse perigo se acumula. Todas as nações temerosas finalmente começam a juntar-se. Anthony Eden vai a Moscou, e eu não discordo. Os russos, à semelhança dos franceses e de nós próprios, querem ser deixados em paz, e as nações que querem estar tranquilas e viver em paz devem juntar-se para garantir uma segurança mútua. A união faz a força. Só a união faz a força. Se houver outra Grande Guerra — dentro de dois ou três anos ou mesmo antes — será o fim do mundo. Como desejo e rezo para que possamos ser poupados de horrores tão insensatos.

Em 16 de março, Hitler anunciou a reintrodução do serviço militar obrigatório em toda a Alemanha. Como resultado dessa decisão, o exército de 300 mil homens poderia ser duplicado ou mesmo triplicado sem dificuldade. Na verdade, Hitler declarou que já tinha 500 mil homens em armas. Em 19 de março, durante um debate sobre meios aéreos na Câmara dos Comuns, Philip Sassoon anunciou um novo aumento de mais de quarenta esquadrilhas nos próximos quatro anos. “Foram brandidos muitos números falsos e foi pintado um falso quadro negro de nossa fraqueza no ar”, declarou ele. No entanto, acrescentou que “nossa fraqueza numérica é grave e não se pode permitir que continue”.

Sobre o compromisso feito por Baldwin em novembro de 1934, Sassoon declarou:

Achávamos que teríamos no final deste ano, como foi dito pelo lorde-presidente, uma superioridade de cinquenta por cento sobre a Alemanha. Desse ponto de vista, a situação deteriorou-se. Houve uma grande aceleração, pelo que sabemos, na manufatura de aviões na Alemanha, mas no final deste ano ainda teremos uma margem. No entanto, não posso dizer que será de cinquenta por cento.

Durante o debate, Churchill voltou a comparar as forças aéreas da Inglaterra e da Alemanha. Baldwin tinha dito, três meses e meio antes, que a real Força Aérea alemã tinha menos de cinquenta por cento da

dimensão da Força Aérea inglesa. Para Churchill, essa declaração não era verdadeira e Baldwin se enganara nos números que dera à Câmara. Os atuais números do governo mostravam que as duas forças aéreas “são praticamente iguais”. Churchill expressou sua profunda preocupação com esses fatos, dizendo à Câmara: “Tenho certeza de que a Alemanha pretende ir infinitamente mais longe do que nós. Teremos a enorme tarefa de derrubar, às vésperas de uma guerra, a força da indústria germânica.”

Churchill receava que tivessem perdido tempo demais quando podiam ter dado passos relativamente fáceis que garantiriam à Grã-Bretanha uma margem segura de superioridade aérea:

Se os preparativos necessários tivessem sido feitos há dois anos, quando o perigo era claro e evidente, teria havido um substancial avanço no último ano e um enorme avanço neste ano. Mesmo depois, se tivesse sido tomada uma atitude, como reclamei, para duplicar duas vezes a Força Aérea da Grã-Bretanha o mais depressa possível — Sir Herbert Samuel descreveu-me como um malaio amouco por eu ter feito essa sugestão —, podíamos ter conseguido resultados muito melhores em 1935 e não estaríamos agora numa situação extremamente perigosa.

Ao comentar uma declaração de Sassoon de que seriam acrescentados 151 aviões à linha da frente no ano seguinte, Churchill disse que os alemães estavam produzindo 100 ou 150 aviões por mês, máquinas que “estão sendo transformadas em esquadrões, para os quais já se reuniu equipes que treinam há muito tempo” e estão sendo construídos aeródromos. “Por isso, no final deste ano, quando deveríamos ter uma superioridade de cinquenta por cento sobre a Alemanha, eles estarão pelo menos três ou quatro vezes mais fortes do que nós.” “A Grã-Bretanha já perdeu sua paridade, tanto em número de máquinas como em qualidade. Todos veem agora que entramos num período de perigo. Fomos a menos vulnerável de todas as nações, porque desenvolvemos os meios aéreos, e somos agora a mais vulnerável, e ainda assim não estamos tomando as medidas que estariam em verdadeira proporção com nossas necessidades”, acrescentou.

Após o discurso de Churchill, um deputado trabalhista, William Cove, falou contundentemente sobre o “discurso alarmista do honorável membro por Epping, que se esforça por fazer nossa pele se arrepiar”. Contudo, em 25 de março, a uma semana do debate sobre a aviação, Hitler disse a Anthony Eden e a Sir John Simon, que finalmente havia sido recebido em Berlim, que a Alemanha “tinha atingido paridade com a Grã-Bretanha no que dizia respeito à capacidade aérea”. No dia seguinte, Churchill escreveu a Clementine:

A sensação política, evidentemente, foi a declaração de Hitler de que sua Força Aérea já é tão forte quanto a nossa. Isso torna completamente ridículo tudo o que Baldwin disse e, de certo modo, vinga todas as afirmações que fiz. De fato, creio que ele está muito mais forte do que nós. Seguramente eles serão em breve pelo menos duas vezes mais numerosos do que nós, por isso as palavras de Baldwin de que não seremos inferiores a qualquer outra nação já não valem nada. Imagine se nosso governo liberal tivesse deixado o país neste estado antes da Grande Guerra! Espero insistir vigorosamente nesse assunto no próximo mês. Muitos que se opuseram a mim quanto à Índia prometem agora seu apoio.

Churchill recebeu um apoio inesperado; em 7 de abril, o chefe do Departamento Central das Relações

Exteriores, Ralph Wigram, foi a Chartwell com informações que mostravam que as fábricas de aviões alemãs “estão praticamente organizadas para a eventualidade de uma emergência de guerra”. Ao compilar essas informações, Wigram tinha recebido a ajuda de um membro de seu departamento, Michael Creswell, que partilhava de suas preocupações. Um dia depois de sua visita a Chartwell, Wigram enviou a Churchill os números mais recentes e mais secretos do governo, que mostravam que o poderio aéreo alemão tinha atingido oitocentos aviões contra 453 aviões britânicos. Quando viu esses números pela primeira vez, Wigram anotou numa minuta interna: “Esses são fatos graves e terríveis para aqueles que têm a responsabilidade de defender nosso país.”

Mais tarde, Churchill escreveu acerca de Wigram:

Era um homem encantador e destemido, e suas convicções, baseadas em profundo conhecimento e estudo, dominavam sua existência. Viu tão claramente quanto eu, mas com informações mais corretas, o terrível perigo que nos ameaçava. Isso nos uniu. Nós nos reunimos muitas vezes em sua casinha na North Street, e ele e sua esposa foram nos visitar em Chartwell. À semelhança de outros funcionários superiores, falou comigo com inteira confiança.

Em 13 de abril, Churchill escreveu a Clementine: “O único fato verdadeiramente importante que aconteceu foi sabermos que a Alemanha é agora a maior potência armada da Europa, mas creio que os Aliados estão juntos contra ela, e por isso tenho a esperança de que será mantida em seu lugar e não tentará mergulhar a Europa num terrível conflito.” Ele acrescentou:

As declarações sobre meios aéreos que fiz em novembro revelam-se agora verdadeiras e as respostas de Baldwin, totalmente falsas. Não há dúvida de que os alemães já são substancialmente superiores a nós no ar e de que estão produzindo a tal ritmo que não podemos acompanhá-los. Que descrédito para o governo ter sido enganado, e ter enganado o Parlamento, num assunto que envolve a segurança do país.

Em 2 de maio, a França e a União Soviética assinaram um pacto de cooperação mútua, sugerindo que a visão de Churchill de uma união “das nações que queriam ser deixadas em paz” teria resultados. “Nunca devemos desesperar e nunca devemos desistir”, disse ele na Câmara dos Comuns nesse dia. “Devemos encarar de frente os fatos e tirar as devidas conclusões.” No dia seguinte, o *Daily Express* pediu desculpas a Churchill por ter “ignorado” seus avisos sobre o poderio aéreo alemão, desculpa essa que foi lida por seus 1.857.939 leitores. Então, em 22 de maio, durante o debate sobre a Defesa, Baldwin admitiu que estivera “totalmente errado” em sua estimativa sobre o futuro poderio aéreo da Alemanha.

Os avisos de Churchill sobre o ritmo e a escala da construção de aviões na Alemanha, até então zombados como alarmistas, estavam vingados. Imediatamente, ele propôs uma sessão privada da Câmara, como fizera em 1917, para uma livre discussão sobre o poderio aéreo alemão e sobre a política aérea britânica, mas Baldwin recusou. “Discurso bem-sucedido, mas governo foge como habitualmente”, telegrafou Churchill a Randolph depois do debate. Nove dias depois, em 31 de maio, chamou a atenção da Câmara dos Comuns para o movimento de caráter nazista que tinha sido criado entre os habitantes de língua alemã da região montanhosa dos Sudetos, na Tchecoslováquia. Áustria, Hungria, Bulgária e até a Iugoslávia olhavam com admiração para o crescente poderio da Alemanha. Quando o debate terminou,

Morton escreveu a Churchill: “Parece que você, sozinho, galvanizou a Câmara.”

Em 5 de junho, Ramsay MacDonald presidiu ao Gabinete pela última vez, pois estava doente e encontrava-se incapaz de desempenhar suas tarefas. Baldwin sucedeu-lhe como primeiro-ministro; Hoare tornou-se ministro das Relações Exteriores enquanto Neville Chamberlain continuou no Ministério das Finanças.

Os amigos e apoiadores de Churchill ficaram desapontados por não lhe ter sido atribuído nenhum cargo na administração de Baldwin. “Tive a esperança de que você fosse escolhido para ministro da Defesa”, escreveu-lhe seu antigo instrutor de voo, Spenser Grey. “Realmente pensei que chamariam alguém, e não vejo outro alguém que tenha a experiência necessária.” No dia em que o novo Gabinete foi anunciado, Churchill falou na Câmara dos Comuns sobre sua insatisfação com a lentidão da investigação na defesa aérea. A recém-estabelecida Subcomissão de Investigação de Defesa Aérea, da Comissão de Defesa Imperial, só se reuniu duas vezes nos últimos três meses. “Na realidade, essa história é mais um filme em câmera lenta.”

Em 11 de julho, em seu primeiro discurso como ministro das Relações Exteriores, Samuel Hoare fez uma extraordinária referência a Churchill quando mencionou aqueles que “parecem ter um prazer mórbido em alarmar e em divagar numa psicologia de medo e até de brutalidade”. Ele prosseguiu num tom contundente:

Ainda ontem vi uma criança, filha de uns amigos meus, rodeada por muitos balões. A ama perguntou-lhe: “Por que você tem tantos balões?” E a criança respondeu: “Gosto de estourar para levar susto.” Isso pode ser um hábito inócua no caso de uma criança, mas é um hábito perigoso no caso de muitos alarmistas e profetas da desgraça que parecem agora deleitar-se em criar crises e, se houver uma crise, em torná-la ainda pior do que de fato seria.

Duas semanas depois dos comentários de Hoare, Baldwin convidou Churchill a fazer parte, à semelhança de Lindemann, da Subcomissão de Investigação de Defesa Aérea. Churchill aceitou e assistiu a uma primeira reunião em 25 de julho. No dia anterior, soubera que fora feita uma série de experiências, com sucesso, para localizar aviões inimigos por rádio, sistema mais tarde conhecido como radar.

Os perigos de guerra pareciam crescer mês a mês. Em agosto, Mussolini ameaçou invadir a Abissínia. Numa conversa privada com Churchill, Hoare encontrou-o “profundamente indignado” com a ação italiana e fazendo pressão para que a esquadra britânica no Mediterrâneo fosse reforçada. Churchill argumentou sobre a necessidade de uma ação coletiva contra a Itália, incluindo sanções econômicas. A Liga das Nações deveria ser chamada a atuar. A Marinha devia estar preparada para qualquer ação necessária. “Onde estão as frotas?”, perguntou a Hoare. “Estão em boas condições? São adequadas? São capazes de uma concentração rápida e completa? São seguras? Foram formalmente avisadas de que devem tomar precauções?”

Nesse setembro, Churchill recebeu palavras de encorajamento do editor do *Observer*, J. L. Garvin: “Em relação à Índia, não pôde ter mais de 1/4 do Partido Unionista a seu favor. Na Defesa, pode ter pelo menos 3/4 se for bom, se expuser o caso como só você sabe expor, e assim pode mudar tudo. Não vejo outra esperança.”

Churchill estava de férias no sul da França, pintando no castelo de Maxine Elliott, perto de Cannes, quando recebeu a carta de Garvin. Os assuntos europeus continuavam presentes; outro convidado do castelo, Vincent Sheean, mais tarde recordou que Churchill tinha a esperança de que, se a Liga das

Nações pudesse aplicar sanções à Itália de Mussolini “e fazê-la *parar* com a submissão da Abissínia, todos poderíamos ficar mais fortes e mais seguros por um bom tempo”. “Fazia uma distinção que tentava trazer à tona em todas as conversas acerca da Etiópia até então e que para ele era muito importante”, notou Sheean. “Não é ao *fato* que nós objetamos”, dizia ele, “é à *espécie* de fato”. “Na época, eu ainda não tinha sucumbido ao seu genial encanto, como sucumbi mais tarde, e não podia de forma alguma aceitar isso”, continuou Sheean. “Mencionei o mar Vermelho, a rota da Índia, a importância de Adém. O sr. Churchill varreu tudo isso de uma só vez: ‘Não temos de nos preocupar com os italianos’, disse ele. ‘Não se trata disso. Não é o fato. É a *espécie* de fato.’”

Quando uma senhora francesa que estava presente protestou, dizendo que todas as nações, inclusive a Inglaterra, tinham conquistado territórios, como a Itália ameaçava fazer, Churchill respondeu com um benevolente sorriso que lançou através da mesa: “Ah, mas tudo isso pertence a um tempo que não volta. Está encerrado no limbo dos dias passados e cruéis.” O mundo progrediu. A finalidade da Liga das Nações era “tornar impossível que as nações infringam os direitos de outras”. Ao tentar conquistar a Abissínia, “Mussolini está realizando o mais perigoso e imprudente ataque a toda a estrutura estabelecida, e os resultados são incalculáveis. Quem poderá dizer o que acontecerá dentro de um ano, ou dois, ou três? A Alemanha arma-se a grande velocidade, a Inglaterra está perdida num sonho de pacifismo, a França está corrompida e dilacerada por dissensões, a América está longe e indiferente... Madame, minha querida senhora, não receia pelos seus filhos?”

Quando retornou a Chartwell no final de setembro, Churchill começou a corresponder-se com o almirante Chatfield, primeiro-lorde do Mar, na esperança de que uma demonstração do poderio naval britânico no Mediterrâneo detivesse Mussolini. Em Londres, dirigiu-se a homens de negócios conservadores mencionando a necessidade de impedir uma agressão italiana à Abissínia. Falou também sobre o crescimento do rearmamento alemão e sobre o fracasso britânico em tomar medidas para alcançar a paridade. “Deve haver alguns membros da Câmara dos Comuns com uma posição suficientemente independente para confrontarem tanto os ministros quanto os eleitores com verdades desagradáveis”, disse ele. “Não queremos ver à beira da morte nossa velha liberdade e a decente civilização tolerante que preservamos nesta ilha.”

Esse discurso foi amplamente divulgado; o poeta Osbert Sitwell, que havia criticado Churchill publicamente na época da intervenção antibolchevique em 1919, escreveu-lhe para pedir desculpas “por minha estupidez no passado” e para dizer que falava “por muita gente”. Dois dias depois, Churchill encontrou-se com o embaixador da Itália, conde Grandi, e advertiu-o para os perigos de uma invasão à Abissínia; do Ministério das Relações Exteriores, Sir Robert Vansittart agradeceu-lhe por ter dito o que disse. Num jantar com Vansittart e Alfred Duff Cooper, o secretário das Finanças do Tesouro, Churchill expressou o desejo de ir com eles a Roma para tentar persuadir Mussolini a não desencadear o ataque. “Nada resultou dessa conversa e tenho profundas dúvidas de que conseguiríamos fazê-lo mudar de ideia”, escreveu ele mais tarde. “Ele estava convencido de que a Grã-Bretanha estava podre até o âmago.”

Mussolini desencadeou seu ataque à Abissínia em 4 de outubro. Nesse dia, na conferência do Partido Conservador em Bournemouth, Churchill apresentou uma emenda para instigar o governo a organizar a indústria britânica “para acelerar as conversões com propósitos de defesa” e para fazer “renovados esforços” para estabelecer paridade aérea com a Alemanha. A emenda foi votada unanimemente. Oito dias depois, ofereceu seus serviços ao Escritório Central Conservador durante as eleições gerais que foram convocadas para meados de novembro. Sua oferta foi aceita. Na Câmara dos Comuns, continuou a pressionar para que se aumentassem os armamentos e para que se desenvolvesse uma indústria de máquinas e ferramentas capaz de maior expansão. O ataque italiano à Abissínia era “um assunto

secundário” quando comparado ao perigo alemão. Não havia ansiedades “comparáveis ao sentimento causado pelo rearmamento alemão. Não podemos dar-nos ao luxo de ver um reino nazista, nessa sua fase de crueldade e de intolerância, com todo o seu ódio e todas as suas reluzentes armas, ser preponderante na Europa”.

O governo alemão voltou a protestar contra o discurso de Churchill, como tinha feito acerca de um artigo que Churchill publicara na revista *Strand*, no qual escreveu que, “lado a lado com campos de treinamento dos novos exércitos e aeródromos maiores, os campos de concentração enxameiam o solo alemão. Nestes, milhares de alemães são coagidos e submetidos como gado ao irresistível poder do Estado totalitário”. Também escreveu sobre o “vigor brutal” da perseguição aos judeus. “Nenhum serviço, nenhum patriotismo e nenhuma ferida sofrida na guerra produziu imunidade em pessoas cujo único crime foi terem sido postas neste mundo por seus pais.” Mesmo as “pobres crianças judias” são perseguidas nas escolas públicas. O mundo ainda tem esperança de que o pior já tenha passado “e de que ainda viveremos o suficiente para vermos em Hitler um velhinho simpático”. Apesar de o ditador alemão dizer palavras de confiança de Berlim, “as grandes rodas estão determinadas; os fuzis, os canhões, os tanques, as balas e as granadas, as bombas aéreas, o gás venenoso, os aviões, os submarinos e agora o princípio de uma armada saem em golfadas cada vez maiores dos já grandes arsenais e fábricas alemães mobilizados para a guerra”.

Em 25 de outubro, o Parlamento foi dissolvido e foram convocadas eleições gerais para 14 de novembro. Muitos acreditavam que depois das eleições Baldwin incluiria Churchill no Gabinete. O adido naval britânico em Berlim, capitão Gerald Muirhead-Gould, enviou-lhe uma mensagem: “Os alemães receiam, mas eu espero, que você *venha a ser* primeiro-lorde ou ministro da Defesa! Por favor, não me deixe mal.” Em 31 de outubro, o embaixador da Inglaterra em Berlim, Sir Eric Phipps, informou que o próprio Hitler tinha expressado preocupação de que Churchill se tornasse “ministro da Marinha inglesa”.

Na mesma data, no culminar da campanha eleitoral, Baldwin declarou: “Dou a vocês minha palavra de honra de que não haverá grande rearmamento.” Churchill, pelo contrário, pressionando por um maior rearmamento, escreveu no *Daily Mail* em 12 de novembro: “Creio que as pessoas não perceberam quão perto e quão graves são os perigos de uma explosão mundial.” Ralph Wigram, seu amigo no Ministério das Relações Exteriores, tinha acabado de enviar-lhe cópias dos despachos secretos do embaixador inglês em Berlim, que o governo também viu, prevendo futuras exigências territoriais por parte de Hitler.

As eleições gerais deram uma vitória esmagadora aos conservadores, que conseguiram 432 lugares contra 151 para os trabalhistas e apenas 21 lugares para os liberais. Randolph foi derrotado. Churchill, que manteve seu lugar numa maioria acrescida, viu os primeiros resultados numa tela colocada no Albert Hall. Para ver a continuação dos resultados, foi para Stornoway House, a casa de Beaverbrook em St. James, onde, para sua consternação, Beaverbrook o felicitou com as seguintes palavras: “Bom, você está acabado. Baldwin tem uma maioria tão grande que poderá dispensar seus serviços.”

Churchill cultivava a esperança de que suas diferenças com Baldwin já tivessem chegado ao fim e que a aceitação de sua ajuda durante as eleições fosse um sinal de reconciliação política. Durante seis dias, esperou um telefonema do primeiro-ministro. Ninguém telefonou. Quando foi publicada a primeira lista de ministros, não constava o nome de Churchill. “Para mim, foi um tormento, e de certo modo um insulto”, escreveu ele mais tarde. “Houve muita zombaria na imprensa. Não posso dizer que, sedento em participar, não fiquei decepcionado.” O círculo de Baldwin ficou muito satisfeito, e Thomas Jones elogiou seu patrão por ter “afastado o entusiasmo de Winston por navios e armas”. Numa carta a Davidson, o próprio Baldwin escreveu: “Creio que não lhe devíamos atribuir um cargo nesse momento.

Ele põe corpo e alma em tudo o que faz. Se houver guerra, e ninguém pode dizer que não haverá, temos de mantê-lo fresco para ser nosso primeiro-ministro.”

Ferido e frustrado, Churchill decidiu tirar longas férias para trabalhar e pintar, primeiro em Maiorca e depois no Marrocos. Adiou sua partida por três dias para estar presente numa reunião da Subcomissão de Investigação de Defesa Aérea, na qual falou veementemente, e com copiosos detalhes, sobre a inferioridade britânica no ar e sobre preparativos antiaéreos. Em 10 de dezembro, Clementine e ele deixaram Londres em um voo para Paris. Tinha 61 anos. Tinham passado cinco anos e meio desde que tinha sido ministro.

Churchill e Clementine seguiram de trem para Barcelona. Encontrando-se com Lindemann, embarcaram em um navio para Maiorca. Durante a viagem, ocorreu um alarmante acontecimento diplomático em Paris; Samuel Hoare havia feito um acordo provisório com o ministro das Relações Exteriores francês, Pierre Laval, segundo o qual Mussolini seria autorizado a manter suas conquistas na Abissínia, quase 20% do território, em troca de terminar uma guerra que suas tropas consideravam cada vez mais fácil vencer. Numa só ação, a Liga das Nações tinha sido ridicularizada, a segurança coletiva, abandonada e as sanções, desdenhadas. Foi tal a indignação pública na Grã-Bretanha, que em 18 de dezembro, depois de dez dias de protestos, o governo britânico renunciou ao acordo. Hoare demitiu-se e Eden sucedeu-lhe como ministro das Relações Exteriores.

Clementine voltou à Inglaterra para passar o Natal em Blenheim enquanto Churchill passou as festas em Tânger. “A nomeação de Eden não me inspira confiança”, escreveu ele a Clementine em 26 de dezembro. “Espero que a grandeza do cargo revele seu destino.” Ele terminou a carta assinando “Seu errante, desejoso de sol, apodrecido e desconsolado, W.”

Na esperança de que pudesse ser encontrado um cargo no Gabinete para ele, Churchill escreveu nesse dia a Randolph, que era agora um jornalista bem-sucedido: “Seria muito prejudicial para mim a publicação de artigos que ataquem os motivos e o caráter dos ministros, em especial Baldwin e Eden.” Se ignorasse seu conselho, “não poderei sentir confiança na sua lealdade e no seu afeto por mim”.

Churchill foi para Marrakech, onde, em 30 de dezembro, passou várias horas na companhia de um ainda mais desconsolado Lloyd George, que não ocupava nenhum cargo público havia treze anos. “Baldwin é tolo, com essa terrível situação em mãos, em não reunir seus recursos e sua experiência a favor do serviço público”, escreveu Churchill a Clementine nesse dia, falando também, com angústia, acerca de “nossas defesas negligenciadas e nosso governo mais incapaz que nunca de conduzir os assuntos”. Ele acrescentou: “O regime Baldwin-MacDonald golpeou profundamente esse país e talvez seja o fim de suas glórias.”

Ainda em Marrakech, ao refletir sobre o alastrar de ditaduras e a fraca resposta das democracias, Churchill escreveu a Clementine em 8 de janeiro de 1936: “O mundo parece estar dividido entre as nações confiantes que se comportam com rispidez e as nações que perderam a confiança em si mesmas e que se comportam com fatuidade.” Ainda tinha esperança de fazer parte do governo e ficou zangado quando Randolph finalmente decidiu concorrer numa eleição intercalar na Escócia, em Ross e Cromarty, contra o filho de Ramsay MacDonald, Malcolm, que já tinha sido secretário de Estado para os Domínios durante o governo de Baldwin.

Randolph tinha decidido manter sua própria iniciativa, mas Churchill disse a Clementine que estava preocupado, pois Baldwin podia considerar a eleição como “uma definitiva declaração de guerra pela minha parte”. Ele acrescentou: “Eu estava lendo o que Marlborough escreveu em 1708: ‘Como creio que a maior parte das coisas se resolve pelo destino, quando alguém fez o melhor que pôde resta-lhe esperar pelos resultados com paciência.’”

As eleições intercalares realizaram-se em 10 de fevereiro. Malcolm MacDonald foi eleito e

Randolph ficou em terceiro lugar, abaixo do candidato trabalhista. O episódio, escreveu o *Edinburgh Evening News*, “pode ser encarado como mais um prego no caixão político do sr. Winston Churchill, quer como candidato ao Almirantado quer como ministro encarregado da coordenação dos serviços de defesa”.

Nessa altura, o governo começou a sentir-se pouco à vontade com o que Churchill sabia sobre as forças aéreas da Inglaterra e da Alemanha e com a precisão de suas previsões. Em 30 de janeiro, Hankey escreveu-lhe para perguntar “se está preparado para comunicar confidencialmente qualquer fonte secreta na qual suas informações se baseiam”. Churchill respondeu que os números que tinha dado eram “fruto do meu julgamento” e recordou a Hankey sobre os eventos de novembro de 1934, “quando chamei a atenção para o crescimento secreto da Força Aérea da Alemanha e fiz algumas declarações acerca das forças em relação às nossas. Essas declarações foram contraditadas pelo sr. Baldwin, que, presumo eu, depois de ter considerado extensivamente toda a informação dos serviços secretos posta à disposição do ministro da Aviação, fez outras declarações. Porém, apenas alguns meses depois, na primavera, o sr. Baldwin foi obrigado a confessar na Câmara dos Comuns que o governo tinha dado uma informação oficial errada, acrescentando que ‘todos somos responsáveis’. E aqui temos mais um caso em que um julgamento exterior independente se provou mais perto da verdade do que as estimativas do governo, baseadas em todas as suas fontes secretas”.

“Por essas razões”, acrescentou Churchill, “espero que não ignore minhas estimativas mínimas, ainda que não tenham outro fundamento além de meu julgamento”. Sem que Churchill soubesse, o novo ministro da Aviação, lorde Swinton, partilhava de sua ansiedade por a Força Aérea britânica estar atrás da capacidade alemã, falando ao Gabinete, em 10 de fevereiro, sobre as desvantagens do atual programa aeronáutico. Duas semanas depois, propôs um novo programa, dessa vez de 1.750 aviões de primeira linha em 1939. O Gabinete aceitou.

Em 10 de fevereiro, Churchill recebeu pormenores que a própria unidade de Informações de Morton tinha preparado sobre a produção de armas na Alemanha. Estava claro que a Alemanha tinha decidido manter um ritmo bastante elevado de produção de armas. No entanto, o Gabinete tinha rejeitado, quatro dias antes, a instalação de uma indústria sombra de armamentos, com base em que uma interferência no comércio normal afetaria “de modo adverso a prosperidade do país” e poderia “atrair críticas do Parlamento”. Nesse mês, no entanto, houve crescentes exigências no Parlamento e nos jornais por um ministro da Defesa. Uma moção nesse sentido foi posta em votação na Câmara dos Comuns em 14 de fevereiro. Três dias antes, o primeiro-comissário, William Ormsby-Gore, escreveu a Baldwin: “Espero que não subestime o forte sentimento que existe em muitas pessoas bem informadas de que são necessárias melhorias drásticas na organização existente.”

Depois do debate de 14 de fevereiro, Hankey escreveu ao presidente do Tesouro, Sir Warren Fisher: “Receio que tenhamos de fazer algumas concessões para um ministro da Defesa. Quero algo que funcione e que não prejudique a psicologia de toda a máquina.” Hankey e Fisher, os dois funcionários públicos mais graduados, estavam determinados a que o novo ministro não fosse uma influência nefasta. “O ministro deve ser um homem desinteressado”, escreveu Fisher a Neville Chamberlain em 15 de fevereiro. “Sem um machado para destruir e sem o desejo de conseguir um lugar para si.” Fisher sugeriu que lorde Halifax, anteriormente lorde Irwin, seria apropriado ao cargo. No entanto, Austen Chamberlain discordava, conforme escreveu à irmã em 15 de fevereiro:

Do meu ponto de vista, há apenas um homem que por seus estudos e suas capacidades e aptidões se adapta ao cargo, e esse homem é Winston Churchill! Não creio que S. B. lhe oferecerá

o lugar, e acho que Neville não o quereria, mas creio que ambos estão errados. Ele é o homem certo para o cargo, e vivemos em tempos tão perigosos que essa decisão pode ser determinante.

Em 23 de fevereiro, Hoare encontrou-se com Baldwin. Depois do encontro, explicou a Neville Chamberlain que Baldwin não tinha qualquer intenção de nomear Churchill para ministro da Defesa. “Em circunstância nenhuma ele considerará a possibilidade de ter Winston no Gabinete, por várias razões óbvias, mas em especial pelos riscos envolvidos, quando a questão de seu sucessor é iminente”, explicou Hoare. Baldwin “deseja evidentemente, e acima de tudo, evitar nomear-me”, escreveu Churchill a Clementine. “Tenho de reconhecer isso.” Ela respondeu simpaticamente: “Meu querido, Baldwin deve estar louco para não pedir que você o ajude.”

Em 29 de fevereiro, a discussão intensificou-se; a revista *Cavalcade* escreveu que mesmo “conservadores da ala esquerda, que eram hostis a Winston quanto à questão da Índia, concordam agora em que, se houver um ministro da Defesa, Winston Churchill é a pessoa indicada”. Dois proeminentes deputados conservadores, Harold Macmillan e lorde Castlereagh, tinham “sussurrado aos *whips* que Winston Churchill era o homem indicado”.

Em 3 de março, Churchill escreveu a Clementine dizendo que Neville Chamberlain tinha dito recentemente a um amigo mútuo: “Evidentemente, se é uma questão de eficácia militar, Winston é sem dúvida a pessoa indicada.” O próprio Chamberlain não ocupará o lugar, explicou-lhe Churchill, “porque vê que o cargo de primeiro-ministro não está longe. Todas as outras alternativas estão sendo desconsideradas”. Alguns candidatos eram considerados inadequados por serem pares, Hoare pela continuada hostilidade pública ao pacto com Laval, Kingsley Wood porque pretendia ser ministro das Finanças, “e de qualquer modo não distingue um tenente-general de um torpedo” e Sir Robert Horne porque não quer abandonar um lucrativo posto de diretor na City. “Assim, no fim, talvez tudo volte ao seu humilde.” Ao lado dessa frase, Churchill desenhou um porquinho. Ele continuou: “Aconteça o que acontecer, meu coração não se parte. O destino desempenha seu papel. Se eu for nomeado, trabalharei fielmente perante Deus e os homens pela paz e não permitirei que o orgulho ou as emoções dominem meu espírito. Se não me quiserem, tenho muitas coisas que me fazem feliz.”

O Ministério da Defesa, acrescentou Churchill, “seria o maior fardo já enfrentado. Eles são *terrivelmente* lentos”. Em 3 de março, antes que qualquer decisão tivesse sido tomada acerca de um ministro da Defesa, o governo britânico publicou um relatório em que pretendia expandir o Exército, a Marinha e a Força Aérea. Em 4 de março, porém, Swinton comentou sobre a estimativa do Ministério da Aviação de que a produção alemã de aviões atingiria 1.500 máquinas em abril de 1937 e 2 mil máquinas pouco mais tarde: “Devo expressar uma ansiedade pessoal em relação a estimativas dessa natureza, apesar de cuidadosamente preparadas. A capacidade alemã de produzir aviões é enorme.”

Em 7 de março, Hitler enviou suas tropas para a Renânia, território sob soberania alemã que tinha sido desmilitarizado pelos Aliados em 1919. Dois dias depois, falando pelo Partido Trabalhista, Attlee opôs-se às novas propostas de defesa do governo, argumentando que eram belicosas demais. Churchill, apoiando as propostas na Câmara dos Comuns em 10 de março, propôs outras medidas que considerava necessárias; a indústria devia preparar-se de modo que pudesse mudar de uma produção de paz para uma produção de guerra, “pressionando um botão”, e devia ser criado um esqueleto de um Ministério das Munições.

Ao referir-se à decisão, anunciada numa frase do relatório da Defesa, de que “não era possível” recondicionar o exército territorial, Churchill perguntou:

É preciso dizer mais do que diz essa reveladora frase para provar que a indústria não foi organizada? Que desencorajamento para a força territorial, que devemos esforçar-nos por todos os meios para recrutar entre a galante e patriótica juventude e que se encarregou de suportar o fardo, saber que é preciso transcorrer um longo intervalo de tempo, mesmo em tempos como esses, antes que seja possível recondiçioná-los.

Em seu discurso, Churchill elogiou o relatório da Defesa como um passo na direção certa, ainda que tardio, e aprovou a decisão de Neville Chamberlain sobre convocar uma comissão especial de financiamento para garantir que o dinheiro fosse gasto de modo sensato. “Quando se deixam correr as coisas assim, não é possível ter uma economia credível”, disse ele. “Isso é parte do preço que as nações pagam por se atrasarem. Além disso, devem ser feitos todos os esforços para evitar qualquer desperdício.” Mesmo com o incremento dos armamentos previstos pelo relatório, a Inglaterra não estava verdadeiramente segura, pois lhe faltava “o poder de expansão da fabricação industrial”.

Churchill acrescentou:

Há uma impressão geral de que estamos à frente da Alemanha, de que começamos tarde mas estamos recuperando o tempo perdido e de que a cada mês que passa nossa posição melhora. Isso é uma ilusão. O contrário é que é a verdade. Durante todo esse ano e provavelmente durante muitos meses do próximo ano, a Alemanha avançará cada vez mais. Mesmo que nossos novos programas sejam pontualmente executados, estaremos relativamente pior no final deste ano do que estamos agora apesar de nosso enorme esforço. A explicação para esses penosos fatos reside no passado.

A diplomacia britânica já tinha sido adversamente afetada devido à fraqueza militar; em 12 de março, numa reunião da Comissão das Relações Exteriores na Câmara dos Comuns, Churchill reclamou a elaboração de um plano coordenado sob a égide da Liga das Nações para ajudar a França a contrariar a ação germânica na Renânia. Hoare respondeu-lhe que as nações que poderiam participar nesse tipo de plano “estavam totalmente despreparadas de um ponto de vista militar”. Isso, notou um observador, acalmou-os. No dia seguinte, num artigo publicado no *Evening Standard*, Churchill argumentou que o antídoto para a fraqueza dos Estados era reestabelecer “um reinado da lei” na Europa. Somente por meio dessa ação seria possível conter “o horrível, estúpido e desapiedado impulso para a guerra em 1937 ou 1938”. Há apenas um meio de preservar a paz, que é “a reunião de uma poderosíssima força, moral e física, que suporte a lei internacional”.

Em 14 de março, o governo finalmente anunciou o estabelecimento do cargo de ministro da Coordenação da Defesa. O homem escolhido para ocupá-lo foi o procurador-geral Sir Thomas Inskip; Lindemann disse que essa nomeação foi “a coisa mais cínica desde que Calígula nomeou seu cavalo como cônsul”. Sir William Goodenough, um almirante reformado, escreveu a Churchill: “Depois de tanto trabalho, essa grande montanha pariu um ratinho como o que foi anunciado essa manhã, o que é profundamente desanimador.” Ele acrescentava: “Eu esperava — todos esperávamos — que fosse alguém que transportasse a luz que guiaria e iluminaria nosso caminho. Essencialmente, o problema só pode ser resolvido com uma ação executiva. MALDITOS.”

Em seu diário, Chamberlain comentou que a militarização da Renânia “permitiu arranjar uma excelente desculpa para afastar tanto Winston quanto Sam, pois ambos tinham uma reputação que poderia se tornar perigosa se passassem a fazer parte do Gabinete nesse momento crítico. Inskip não criaria

invejas. Não provocaria entusiasmo, mas não nos envolveria em novas dificuldades”.

Depois de militarizar novamente a Renânia, Hitler ofereceu-se para negociar divergências anglo-germânicas. Em 17 de março, o Gabinete debateu o futuro das relações entre a Grã-Bretanha e a Alemanha. Segundo as minutas do Gabinete, “nossa atitude baseou-se no desejo do governo de utilizar as ofertas de Herr Hitler para conseguir um acordo permanente”. Aqueles que estavam convencidos de que não era possível conseguir qualquer “acordo permanente” com a Alemanha nazista voltaram-se para a liderança de Churchill. Wigram, que partilhava dos pontos de vista das Relações Exteriores de que Churchill podia ser uma voz eficaz contra a crescente propaganda germânica, levou a Chartwell, em meados de março, uma cópia de um despacho final secreto de Sir Horace Rumbold, o embaixador britânico em Berlim, na época em que Hitler chegara ao poder. O texto avisava sobre a intensidade das ambições territoriais de Hitler.

Seria a Áustria o próximo alvo na lista dos avanços de Hitler?, perguntou Churchill na Câmara dos Comuns em 26 de março. E deveria a Grã-Bretanha tomar a iniciativa de estabelecer uma “união efetiva” com os Estados ameaçados pela Alemanha? Para levar essa união adiante, convidou o embaixador soviético, Ivan Maisky, para almoçar com ele no início de abril, com a aprovação de Sir Robert Vansittart.

Em 6 de abril, a Câmara dos Comuns debateu sobre manter as sanções econômicas à Itália. Churchill criticava agora as sanções, que não conseguiram salvar a Abissínia e tinham despertado o antagonismo da Itália, o que obrigaria a Inglaterra a manter forças mais numerosas ao longo do Mediterrâneo e aumentaria as despesas com a Marinha. Assim, a política de sanções obscureceu “um assunto ainda mais grave”, que era a ameaça da Alemanha à Europa. “Herr Hitler rasgou todos os tratados e militarizou a Renânia. Suas tropas estão lá, e lá ficarão.” Dentro de seis meses, a linha de fortificações na Renânia permitiria que o exército alemão atacasse a França pela Bélgica e pela Holanda. Quando esses dois países do mar do Norte passassem “para o domínio germânico”, a segurança da Grã-Bretanha estaria ameaçada.

Para Churchill, quando a Alemanha estivesse suficientemente forte para desafiar a França, a posição da Polônia, da Tchecoslováquia, da Iugoslávia, da Romênia, da Áustria e dos países bálticos seria “profundamente alterada”. Vários desses Estados seriam obrigados a submeter-se ao sistema germânico. Outros seriam incorporados à força. “Onde estaremos?”, perguntou ele, resistindo a qualquer tentativa de negociar com a Alemanha “em nome” da Europa. “Não temos a solidariedade de convicção nem as defesas nacionais preparadas para esse papel dominante.”

Quando Hankey almoçou em Chartwell, em 19 de abril, Churchill sublinhou a necessidade de um Ministério dos Abastecimentos ou um Ministério das Munições. Mais tarde, Hankey escreveu a Inskip, dizendo que “ele me disse claramente que não queria o lugar para ele”. Churchill também expôs a Hankey um plano, que este considerou “fantástico”, para enviar parte da armada britânica para o Báltico, onde ficaria baseada num porto russo, para garantir uma permanente superioridade naval britânica sobre a Alemanha nessa zona. Queria também que Inskip obtivesse todos os dados possíveis acerca da capacidade militar da Rússia como aliada.

Dois dias depois da visita da Hankey a Chartwell, foi enviada a Churchill uma carta oficial e secreta por Reginald Leeper, chefe do Departamento de Informação das Relações Exteriores, perguntando-lhe se estaria disposto a falar em público para contrariar a propaganda alemã e para expor a urgência da preservação dos valores democráticos. Isso era um pedido extraordinário, vindo de um funcionário público, para um oponente da política governamental de manter boas relações com a Alemanha. Churchill convidou Leeper para ir a Chartwell, onde Leeper explicou que Vansittart sentia convictamente que Churchill devia ser um foco de opinião entre os vários grupos que achavam que a democracia tinha de ser

defendida por meio de segurança coletiva, armamento adequado, preparação feita a tempo e discurso franco.

Churchill concordou em falar para o recém-formado Conselho Antinazista, que tinha o apoio de vários membros proeminentes do Partido Trabalhista e do movimento sindical que não aceitavam a oposição do partido ao rearmamento. Pressionou também o governo para que confiasse nos sindicatos em relação a todos os planos de expansão da produção de munições. Para tal, propôs medidas contra a exploração, dizendo à Câmara dos Comuns em 23 de abril: “Não se conseguirá uma efetiva cooperação dos trabalhadores a menos que se garanta que não haverá dedos gananciosos a desviarem o resultado de seu trabalho.” O governo deveria criar um Ministério dos Abastecimentos ou um Ministério das Munições. Se as necessárias fábricas de armas, munições e “acima de tudo” aviões não pudessem ser criadas em condições de paz, o governo introduziria “não necessariamente condições de guerra, mas condições que afetariam a vida cotidiana e os negócios do nosso país”.

Cinco dias depois, no sigilo do Gabinete, Inskip falou em apoio à exigência de Churchill da criação de um novo ministério, com poderes para dar prioridade às ordens do governo relacionadas a armamentos, mas Chamberlain respondeu que não pretendia criar um Ministério dos Abastecimentos “até que tenham sido tomadas decisões sobre importantes aspectos da política do governo”.

Alargava-se o fosso entre aqueles que pensavam que Hitler não tinha propósitos ofensivos e aqueles que viam formar-se um padrão de agressão. Em 4 de maio, lorde Londonderry, que tinha estado recentemente em Berlim e se encontrara com Hitler, escreveu a Churchill: “Gostaria de poder retirar de sua mente o que parece ser uma forte obsessão antigermânica.” Churchill respondeu que Londonderry estava “equivocado se pensa que tenho uma obsessão antigermânica”. Ele continuou:

A política britânica durante quatrocentos anos foi opor-se à mais forte potência europeia, formando uma combinação de países suficientemente forte para defrontar o valentão. Por vezes, foi a Espanha, por outras a monarquia francesa, o império francês ou a Alemanha. Não tenho dúvidas de quem se trata agora, mas se a França se dissesse dona da Europa, do mesmo modo me oporia a ela. Foi assim que durante séculos mantivemos nossas liberdades, nossa vida e nosso poder.

Churchill continuou a prevenir Londonderry:

Espero que não venha a ser proeminentemente identificado com os pontos de vista pró-germânicos. Se prevejo corretamente o futuro, o governo de Hitler confrontará a Europa com uma série de acontecimentos ultrajantes e um poderio militar crescente. São acontecimentos que mostrarão os perigos que nos ameaçam, mas para alguns a lição virá tarde demais.

Muitos funcionários partilhavam do sentimento de urgência de Churchill e, mesmo correndo consideráveis riscos, aproximaram-se dele para ajudarem a consolidar seus argumentos. O ex-chefe da Divisão Aeronaval do Almirantado, capitão Maitland Boucher, enviou-lhe uma nota de sete páginas sobre o trabalho do esquadrão de aviação militar e seus problemas. Boucher sublinhava a falta de condições de treinamento e aeródromos, o efeito prejudicial de sistemas incompatíveis de disciplina naval e aérea, a falha do Ministério da Aviação em fornecer ao esquadrão de aviação militar os aviões adequados, o fraco desempenho dos aviões e o “perigosamente lento” mecanismo de controle conjunto do

Almirantado e do Ministério da Aviação. “Não me coloco como perito nesses assuntos, mas como alguém que está habituado a julgar a opinião de peritos”, disse Churchill na Câmara dos Comuns em 14 de maio.

Em 19 de maio, como tinha sido aconselhado a fazer por seus amigos do Ministério das Relações Exteriores, Churchill falou no primeiro de uma série de almoços dados pelo Conselho Antinazista. Entre os presentes estava Hugh Dalton, presidente do executivo nacional do Partido Trabalhista. Churchill sugeriu que eles deviam “manter a oportunidade de proclamar que há homens de todas as classes, de todas as condições, de todos os graus de força humana, do mais humilde trabalhador ao mais belicoso coronel, que estão do mesmo lado na resistência aos perigos e à tirania agressiva”. À filha de Asquith, Violet, que perguntou a Churchill qual era sua proposta, ele respondeu: “Ordenaria a todos os países, incluindo a União Soviética, desde o Báltico ao sul até a costa da Bélgica, que concordassem em defender qualquer vítima de agressões não provocadas. Um combinado com todos os países vizinhos à Alemanha para que subscrevessem isso e para que garantissem uma cota de forças armadas para essa finalidade.” Isso constituiria “um esmagador dissuasor contra a agressão”.

Os argumentos de Churchill pretendiam desviar e evitar a guerra; a alegação de que ele era “favorável à guerra” era uma “acusação falsa”, segundo explicou na Câmara dos Comuns em 21 de maio. “Existe alguém aqui que não sacrificaria sua mão direita para garantir que não haja uma guerra na Europa durante vinte anos?”

À medida que crescia a influência de Churchill, aumentava a necessidade que Baldwin tinha de minimizar suas ideias. Em 22 de maio, Thomas Jones anotou em seu diário os comentários de Baldwin:

Qualquer dia, vou fazer uns comentários sobre Winston. Não será um discurso e não vai haver oratória. Apenas algumas palavras. Já tenho tudo pronto. Vou dizer que, quando Winston nasceu, inúmeras fadas desceram rapidamente sobre seu berço com braçadas de presentes — imaginação, eloquência, diligência, capacidade —, mas depois veio uma fada que disse: “Ninguém tem o direito de ser brindado com tantos presentes”. Ela lhe deu um safanão e, mesmo com tantos presentes, foi-lhe negada a capacidade de julgamento e de sabedoria. E é por isso que o ouvimos com tanto prazer, mas não levamos em conta seus conselhos.

Apesar dessas censuras, os receios de Churchill eram partilhados por muitos membros do governo. Nesse mês, Hankey pressionou o Gabinete, escrevendo a Inskip em 22 de maio: “Vejo-me obrigado a pôr à sua consideração minhas preocupações acerca do ritmo a que se desenvolvem nossos programas de defesa. Um exame do calendário, desde que o processo de recondicionamento de nossos serviços de defesa foi implementado há um ano, não é muito lisonjeiro quanto à eficácia do trabalho.” Hankey sublinhava que as circunstâncias eram tais “que talvez seja preciso lidar numa base de guerra com as questões relacionadas aos programas de defesa”.

Nessa noite, na Rhodes House, em Oxford, Churchill recordou aos alunos e decanos que o ouviam que quando falou pela última vez em Oxford, insistindo em que a Grã-Bretanha precisava se rearmar, riram dele. “Eu disse que tínhamos de estar seguros em nossa casa, e o riso aumentou”, disse ele. “Espero que tenham aprendido a ter bom senso.”

Em 25 de maio, o diretor de Treinamento do Ministério da Aviação, chefe de esquadrilha Charles Torr Andersen, foi visitar Churchill em sua casa na Morpeth Mansions, nº 11, levando consigo dezessete páginas de notas para ilustrar o tema de que não tinha sido feito o suficiente para “preparar a Força

Aérea para a guerra” e mais catorze páginas de informações estatísticas sobre a falta de preparação para a guerra no que dizia respeito a pilotos e treinamento.

Nesse verão, trabalhando quase sempre em Chartwell, Churchill completou o terceiro volume da biografia de Marlborough. Um jovem decano de Oxford, Bill Deakin, aceitou ajudá-lo a organizar a enorme quantidade de material histórico. Foi um tempo de formidável concentração. “Nunca o vi cansado”, recordou mais tarde Deakin. “Era totalmente organizado, quase como um relógio. Sabia como poupar energias e como consumi-las. Sua rotina era absolutamente ditatorial. Impunha a si mesmo todos os dias uma rotina implacável e ficava muito agitado e contrariado se tivesse de quebrá-la.”

Churchill começava o dia de trabalho na cama, às 8h, lendo as provas do novo volume. Depois fazia um intervalo para ditar a correspondência. Então, pedia a Deakin que desse uma olhada em vários fatos e pormenores ou que lhe lesse a versão revista de um parágrafo ou seção. Continuava assim até o almoço. “Só descia para almoçar quando já estivessem presentes todos os convidados. Nunca os recebia à porta.” O próprio almoço era um intervalo. “Sua conversa ao almoço era magnífica”, recorda Deakin. “Depois da refeição, se havia mais gente, afastava-se completamente da política e da escrita. Se tinha convidados, passeava com eles pelo jardim. Se não tinha, ia para o quarto.”

Não trabalhava à tarde. Em determinado momento, deitava-se durante alguns minutos. Depois, às 17h, assinava as cartas que tinha ditado pela manhã e tratava da correspondência que tivesse chegado durante o dia. Ainda que não voltasse a trabalhar no livro, Deakin podia dar-lhe um memorando acerca de determinado aspecto do trabalho, como uma controvérsia histórica, ou sugerir um método para explicar um tópico ou um resumo factual. Por volta das 18h, podia jogar cartas com Clementine ou Randolph. Às 19h, tomava banho; gostava de mergulhar na água tão quente quanto possível e esfregar-se vigorosamente com uma escova. Depois se vestia para o jantar; “o acontecimento do dia”, chamava-lhe ele.

Em muito boa forma, podia manter uma conversa sobre qualquer assunto — memórias de Harrow ou da Frente Ocidental —, dependendo dos convidados. Depois que as senhoras se retiravam, sentava-se com seus convidados homens até meia-noite. Raramente falava sobre o trabalho que estava fazendo, ainda que às vezes citasse alguma coisa que o tivesse interessado.

Depois de meia-noite, quando os convidados tinham ido embora, voltava a trabalhar até 3h ou 4h da manhã. “Sentia-se rejuvenescido”, recordou Deakin. “Parte do segredo era sua fenomenal capacidade de concentração. Éramos absolutamente parte daquilo, arrastados para aquilo.” Durante a noite, tanto Violet Pearman quanto sua adjunta, Grace Hamblin, que estava em Chartwell desde 1932, ficavam às ordens caso ele quisesse ditar algo. O memorando que Deakin entregara a Churchill cinco ou seis horas antes, seria lido, absorvido e refundido. “Ele andava de um lado para o outro, ditando. Meus fatos estavam ali, mas ele os vira com olhos de político. Meu memorando era uma moldura. Ele desenvolvia o texto, libertava a imaginação.”

Muitos correspondentes de Churchill continuavam pensando que ele devia ter feito parte do Gabinete. “No atual estado das coisas, não tenho o menor desejo de integrar o governo”, escreveu ele a um correspondente em 3 junho. “Se nossos receios forem infundados, e tudo correr tranquilamente nos próximos anos, e peço a Deus que assim seja, obviamente não serei necessário, mas, se vierem tempos

perigosos, posso ser forçado a tomar parte. Só assim terei o desejo de servir.”

No mesmo dia, ironicamente, Inskip escreveu a Churchill para pedir conselhos sobre a melhor maneira de desempenhar sua tarefa de coordenação da Defesa. Churchill respondeu imediatamente, dizendo o que pensava sobre o modo como Inskip deveria agir. “Sua tarefa, como a Gália, parece estar dividida em três partes”, escreveu ele. “(I) Coordenação estratégica e apaziguamento de querelas entre serviços; (II) garantir que os suprimentos sejam entregues em função dos vários programas; (III) criação de uma estrutura de indústria de guerra e sua organização.” Churchill expôs então em detalhes como devia ser organizada uma “máquina poderosa” para que seu âmbito crescesse mês a mês, garantindo que sejam cumpridas as necessidades de abastecimento dos três ramos. “Sei por experiência própria que as pessoas se opõem a todas as precauções em tempo de paz, mas mudam radicalmente de opinião em duas semanas de guerra e ficam furiosas com qualquer falha. Espero que isso não aconteça com você.”

“Estou totalmente solidário com você nessa tarefa”, acrescentou Churchill. “Nunca aceitaria tal tarefa sabendo por experiência própria como as opiniões se tornam veementes sobre esses assuntos quando a nação está alarmada. É terrível ter responsabilidades mal definidas.”

De fato, Inskip estava frustrado com sua missão. Em uma reunião do Gabinete em 11 de junho, apresentou argumentos em favor de receber poderes de emergência que lhe permitissem fazer com que várias fábricas mudassem sua produção para uma produção de guerra. Foi apoiado pelo ministro da Aviação, lorde Swinton, mas tanto Samuel Hoare, que integrava novamente o Gabinete como primeiro-lorde do Almirantado, como Neville Chamberlain, argumentaram contra tais poderes de emergência. “O próximo passo da Alemanha pode não nos conduzir necessariamente à guerra”, disse Chamberlain. Uma convulsão na economia “só se justifica em condições extremamente perigosas”.

O interesse em não perturbar a economia afetou todo o pensamento do governo; em 12 de junho, o inventor do radar, Robert Watson-Watt, apelou diretamente a Churchill para ajudar a influenciar o que chamou de “a teimosia do ministro da Aviação em não tomar medidas de emergência” em relação ao seu trabalho, que não poderia ser testado “em condições que se comparassem a uma situação de guerra”.

Em seus discursos públicos, Churchill continuou a pedir a introdução de maior compulsão na indústria e uma mais rápida melhoria dos equipamentos e dos treinamentos das tropas e dos pilotos. “Fiz o melhor que pude durante os últimos três anos para avisar a tempo o que se passava lá fora e a perigosa situação para a qual fomos conduzidos”, disse ele aos seus eleitores em 20 de junho.

Não foi uma tarefa agradável. E seguramente não foi uma tarefa que trouxe agradecimentos. Conduziu-me a conflitos com muitos antigos amigos e colegas. Riram de mim e fui censurado como alarmista e até como partidário da guerra por aqueles cuja complacência e inércia nos levaram perto da guerra, mas me conforta saber que disse a verdade e que cumpri meu dever, e enquanto eu tiver vosso inabalável apoio, estou satisfeito. Certamente sinto muito mais orgulho da longa série de discursos que fiz em defesa da política externa nos últimos quatro anos do que qualquer outra coisa que fiz nos meus quarenta anos de serviço público.

Ao falar em Birchington, três semanas depois, Churchill citou uma afirmação de Inskip de que a Grã-Bretanha tinha “atingido o estágio de planejamento”. Disse depois que a Alemanha tinha acabado seu estágio de planejamento há três anos e toda a sua indústria já havia sido adaptada à guerra numa escala sem precedentes. Era seu dever “manter uma pressão sem remorsos sobre o governo para que encarasse as realidades e tomasse atitudes apropriadas às nossas necessidades”. Certamente o fez, tirando partido

dos artigos quinzenais publicados no *Evening Standard*, que só em Londres tinha uma circulação de mais de 3 milhões de exemplares. Na Câmara dos Comuns, no entanto, preveniu em 20 de julho que “a influência da máquina do Partido Conservador está sendo usada por intermédio de mil canais” para espalhar a mensagem “soporífera” de que não há necessidade de alarme, de que “está sendo feito um acordo” e de que “não se pode fazer melhor”.

Churchill estava convencido da necessidade de fazer algo mais e de que a consolidação do poder de Hitler na Alemanha, sua intensificação da produção de armas e aviões e a crescente pressão sobre a Áustria e a Tchecoslováquia significavam que “todo nosso rearmamento deve ser conduzido a um nível mais elevado”, mesmo que isso signifique pôr de lado “muito do conforto e paz de nossa vida diária”.

Mais uma vez, Churchill solicitou uma sessão privada da Câmara dos Comuns, mas foi recusada. Em alternativa, Baldwin concordou em receber um grupo de conservadores seniores, incluindo Churchill, Austen Chamberlain e Amery, para discutir secretamente a política de defesa. O encontro realizou-se em 28 de julho; Baldwin tinha Inskip ao seu lado. “Esse pensamento me devora”, disse-lhes Churchill. “Os meses passam rapidamente. Se protelarmos demais a reparação de nossas defesas podemos ser impedidos, por forças superiores, de completar o processo.” Ele expôs em seguida detalhes importantes e cuidadosamente trabalhados, baseando-se em material que lhe fora disponibilizado por Anderson, Morton, Wigram e Watson-Watt. Primeiro, falou sobre a necessidade de acelerar e melhorar o treinamento de pilotos, de tomar mais providências para a defesa de Londres e outras cidades, de proteger contra ataques aéreos germânicos os depósitos das reservas britânicas de petróleo e de prosseguir mais vigorosamente do que até então o desenvolvimento do sistema de radar, essa “poderosa descoberta”.

Ao comparar as forças aéreas da Inglaterra e da Alemanha, Churchill sublinhou os esforços que estavam sendo feitos pela Alemanha para treinar pilotos e praticar “voos noturnos em condições de guerra” e disse que “tudo reside na inteligência, audácia, mentalidade e firmeza de caráter dos pilotos”. É preciso haver mais comissões permanentes e devem ser admitidos mais candidatos universitários. Até agora, foram autorizados a candidatar-se apenas cinquenta por ano.

“Onde estão as esquadrilhas totalmente prontas da Força Aérea?”, perguntou Churchill. “Ouvi dizer que uma tinha apenas trinta homens em vez de 140.” Ele continuou:

Quando são feitas interpretações estritas do poderio de nossa Força Aérea de primeira linha em comparação com a Alemanha, é desconcertante saber que muitas de nossas esquadrilhas regulares, não as novas em processo de formação, mas esquadrilhas há muito formadas que estão muito abaixo de suas capacidades, e uma larga proporção, se não a totalidade dos aviões de reserva, foram levados para servir em escolas de treinamento ou estão desprovidos dos equipamentos necessários; em alguns casos, sequer têm motores.

Havia muitas preocupações na mente de Churchill, inclusive o intervalo de tempo entre o planejamento de um avião e sua entrega e a demora na entrega de sobressalentes. “Devo sublinhar que, nessa superfina esfera do ar, um avião que não tenha tudo é, para todos os efeitos práticos, um avião que não tem nada. Pode figurar nas estatísticas, mas não é um fator de luta”, disse ele. Sua conclusão foi severa: “Afirmo que vivemos num estado de emergência. Enfrentamos o perigo como nunca enfrentamos antes”, nem mesmo no auge da campanha alemã de submarinos na Primeira Guerra Mundial.

Numa segunda reunião da delegação da Defesa, em 29 de julho, Churchill falou sobre o fornecimento

de muitos artigos de guerra, incluindo munições, tanques, caminhões e carros blindados, em relação aos quais, argumentou, “nossa indústria, que é tão polivalente e variada”, deve preparar-se para contribuir numa escala substancial. Ele também estava preocupado com a falta de metralhadoras, bombas, gás venenoso, máscaras de gás, holofotes, morteiros de trincheira e granadas. Como o Almirantado era dependente do Ministério da Guerra para o fornecimento desses artigos, uma escassez num deles “causaria graves problemas à Marinha”. À escala de produção daquele momento, “mesmo ao fim de dois anos o fornecimento será insignificante se comparado às necessidades de uma guerra nacional e melancólico se comparado com o que outros já garantiram em tempos de paz”.

Ele continuou, dizendo que havia queixas de que “a nação não responde às necessidades nacionais” e de que as centrais sindicais são “imprestáveis”. “Vemos até os socialistas votarem contra os orçamentos.” Enquanto o governo garantir ao público que não há um estado de emergência, os obstáculos continuarão, “mas acredito que desapareceriam se a verdadeira situação sobre os armamentos em outros países lhes fosse apresentada, não por palavras, não por confissões, mas por ações, que falam mais alto, medidas do Estado a ordenar isso e aquilo, por meio de acontecimentos, de fatos que levem as pessoas a ver o que está a acontecer aqui e o que está a acontecer ali”.

“Não peço de forma alguma que procedamos de modo a nos tornarmos um país em condições de guerra”, disse ele em sua conclusão. “Contudo, creio que para progredirmos em munições não podemos hesitar em incrementar numa certa percentagem — 25% ou 30% — a indústria normal do país e em obrigá-los e obrigarmo-nos a esse sacrifício.”

Nesse dia, sem que Churchill soubesse, o próprio Inskip pediu poderes especiais ao Gabinete, explicando aos seus colegas que uma escassez de materiais estava atrasando o programa de acondicionamento dos três serviços. Ao responder à delegação, Baldwin não mencionou o apelo de Inskip por poderes especiais conforme Churchill propunha nem respondeu às detalhadas informações de Churchill; em vez disso, falou sobre os efeitos adversos no comércio britânico se a economia em tempo de paz tivesse de dedicar-se, mesmo que apenas em metade, a condições de guerra. Ele informou que havia discutido a questão “principalmente” com o ministro das Finanças, Neville Chamberlain. Ambos acreditavam que perturbar a produção em tempo de paz “poderá prejudicar o comércio normal do país, talvez durante muitos anos, e prejudicá-lo seriamente numa altura em que temos de ter todo o crédito do país”.

Baldwin continuou a duvidar do “próprio perigo” e em particular da possibilidade de uma guerra entre a Grã-Bretanha e “a Alemanha isolada”, perguntando à delegação se estavam realmente preparados para dizer às pessoas que a Alemanha “se arma para nos combater”. “Não é fácil, quando se está num palco, dizer às pessoas quais são os perigos”, acrescentou ele, dizendo que tinha tentado “prevenir” as pessoas para os perigos, mas “eu nunca soube onde está a linha entre assustar as pessoas e não as aterrorizar”.

Falando sobre Hitler, Baldwin disse à delegação: “Todos conhecemos o desejo alemão, e ele disse-o em seu livro, de expandir-se para leste, e isso não seria grande surpresa. Não acredito que a Alemanha se moverá para oeste, porque constituiria um difícil programa.” A declaração de Baldwin foi concluída com as seguintes palavras:

“Não conduzirei este país para a guerra pela Liga das Nações ou por alguém ou por qualquer coisa. Há evidentemente um perigo, que provavelmente tem estado em nossas mentes. Supondo que os russos e os alemães entrem em guerra, e que os franceses entrem nessa guerra como aliados da Rússia devido ao assustador pacto que fizeram, não se sentiriam obrigados a ajudar a França,

sentiriam? Se houver uma guerra na Europa, quero ver os bolcheviques e os nazistas a fazê-la.

Ao fim desses encontros, Baldwin apresentou as transcrições do que tinha sido dito ao Ministério da Aviação, ao Almirantado e ao Ministério da Guerra. Uma das respostas do Ministério da Aviação começou com rudeza: “A produção potencial de aviões por parte da indústria aeronáutica britânica não é equivalente à dos alemães.” O memorando do Ministério da Aviação confirmava “o fracasso da indústria aeronáutica em manter o programa de entregas”. O memorando do Ministério da Guerra concordou com a maior parte da argumentação de Churchill nas esferas militar e industrial, que descreveu como “perfeitamente corretas”. Quanto aos problemas de defesa da Inglaterra, o Ministério da Guerra concordou em que “a situação atual é insatisfatória”. Em outro ponto, comentou que “o sr. Churchill acredita que a enorme preparação para a guerra por parte da Alemanha permitirá que desencadeiem uma primeira ofensiva numa escala equivalente às ações de 1918, que isso pode evitar o beco sem saída da guerra de trincheiras e que, por isso, teremos muito pouco tempo para organizar a nação, como sucedeu em 1915. Apesar de ninguém saber se essa profecia vai ou não se concretizar, o perigo de que possa concretizar-se é suficientemente grande para levá-la seriamente em conta”.

Nesse agosto, Churchill visitou a linha de defesa francesa de Maginot, na fronteira com a Alemanha. “Os oficiais do exército francês são impressionantes em sua gravidade”, escreveu ele a Clementine. “Sentimos que a força da nação reside em seu exército.” Em meados de setembro, Churchill voltou a Chartwell para preparar um discurso que faria em Paris, a pedido de seus amigos das Relações Exteriores, para contrariar a propaganda alemã. Foi em Paris, em 24 de setembro, que falou sobre os malefícios do totalitarismo e as virtudes da democracia. “Como poderemos suportar sermos tratados como meninos de escola quando somos crescidos?”, perguntou ele.

Como poderemos ser levados, às dezenas de milhares, a marchar e a aclamar esse ou aquele slogan, a ver filósofos, professores e autores serem perseguidos e mortos em campos de concentração? Ser forçados a esconder as atividades naturais do intelecto humano e as pulsações do coração? Digo-lhes que devemos fazer tudo o que pudermos, mas não nos deixarmos submeter a tal opressão.

O discurso de Churchill foi o toque de clarim para a manutenção dos valores democráticos. “Entre as doutrinas do camarada Trótski e do dr. Goebbels deve haver espaço para vocês e para mim, e para outros mais, em que possamos cultivar nossas próprias opiniões”, disse ele. A ação agressiva deve ser julgada, não pelo ponto de vista de direita ou esquerda, mas de certo ou errado. “Estamos no cerne de tão grandes e crescentes perigos, somos os guardiões de causas tão preciosas para o mundo, que temos de, como diz a Bíblia, ‘afastar as dificuldades’ e prepararmo-nos noite e dia para sermos dignos da fé que temos em nós.”

O discurso feito em Paris foi largamente divulgado. “Nunca fez nada melhor”, escreveu um antigo colega de Churchill no governo liberal, Herbert Fisher. O vespertino de Londres *Star* comentou: “Gostaríamos que a defesa da democracia feita pelo sr. Churchill reverberasse na caixa de ressonância dos altos cargos políticos.”

Em 15 de outubro, numa reunião do Conselho Antinazista, Churchill elogiou a decisão do Congresso dos

Sindicatos sobre pressionar o Partido Trabalhista a apoiar qualquer rearmamento que fosse necessário “para que os países livres não fossem espezinhados”.

Oito dias depois, Churchill celebrou a publicação do terceiro volume de sua biografia de Marlborough, enviando mais de setenta exemplares autografados. Contudo, uma sombra pairou sobre a comemoração: um mês antes, sua filha Sarah tinha anunciado sua intenção de casar-se com um comediante de *music hall* austríaco, Vic Oliver, que já tinha sido casado duas vezes. Houve muita grosseria em alguns jornais, que diziam que Churchill era contra o casamento. Contudo, Sarah estava determinada e partiu em segredo para os Estados Unidos, onde se casou com Vic Oliver. “Estive para escrever-lhe umas linhas no mês passado, mas hesitei”, escreveu Baldwin a Churchill em 9 de outubro. “Quero que saiba que estive contigo do fundo do meu coração quando li nos jornais referências a algumas aflições domésticas que lhe devem ter causado dor. Conheço-o suficientemente para perceber como essas coisas o incomodam.”

Churchill, vendo a tristeza de Sarah, deu sua bênção ao casal; dois anos depois agiu, por intermédio de um funcionário superior do Ministério do Interior, Sir Alexander Maxwell, para conseguir que os documentos de viagem de seu genro tornassem impossível que os alemães pudessem apresentar qualquer reivindicação sobre ele, como judeu, quando partiu com Sarah para Nova York num navio alemão. “Apesar de a princípio, como terá ouvido, ter sido contra o casamento dele com minha filha, agora gosto dele e estimo-o muito”, escreveu Churchill a Maxwell.

Numa reunião do Conselho Antinazista em 15 de outubro, Churchill decidiu iniciar um movimento de Defesa da Liberdade e Paz, cuja finalidade era preservar o “governo democrático e a lei pública”, resistindo a todos os ataques a essa liberdade “por meio da violência no interior ou ataque do exterior”, e juntar-se a outras nações ameaçadas “na preservação da paz e oposição à agressão armada”. Churchill disse aos presentes: “Faremos todos os esforços ao nosso alcance para reunir em torno do grupo toda a ajuda efetiva que possamos conseguir, de onde quer que venha, sem limitações de partido ou nação.” Ele acrescentou: “Temos os meios para sermos a ponta da lança de toda essa vasta massa de opinião pública que *guarda* nossos direitos.”

A primeira reunião pública da nova organização seria realizada no Albert Hall, sob os auspícios públicos da União da Liga das Nações, e pretendia juntar numa única base política todas as organizações que favorecessem a segurança coletiva e o rearmamento. Assim, a ideia apresentada a Churchill por Vansittart e Leeper no início do ano tornou-se uma realidade. Em 21 de outubro, Churchill explicou a A. H. Richards, secretário do Conselho Antinazista, que “não pretendo formar uma sociedade nova e rival, mas apenas unir essas organizações para que tenham utilidade efetiva”. Ao escrever sobre seus colegas do Partido Trabalhista no conselho, Churchill disse a Austen Chamberlain: “Fiquei surpreso ao saber da resolução e da clareza de pensamento que prevaleceu entre eles e da profunda consciência do perigo que se aproxima.”

Em 8 de novembro, Churchill voltou a advertir os colegas na Câmara dos Comuns, afirmando que “a menos que haja uma frente contra uma agressão potencial, não haverá acordo”. “Todas as nações da Europa serão conduzidas desordenadamente ao longo do tabuleiro de xadrez diplomático até que os limites da retirada estejam exauridos, e então, em desespero, talvez em algum improvável bairro, terá lugar a explosão da guerra, provavelmente em condições não muito favoráveis àqueles que se têm envolvido nessa longa retirada.” Churchill preparava-se também para falar no próximo debate da Defesa. Duas semanas antes do debate, outro oficial da Força Aérea que chegara de uma visita à Alemanha, o chefe de esquadrilha Herbert Rowley, foi visitá-lo na Morpeth Mansions com pormenores sobre os

atrasos no programa britânico de aviões. No dia seguinte à visita de Rowley, o comandante da Brigada de Tanques, brigadeiro Percy Hobart, trouxe-lhe detalhes sobre as deficiências no programa de tanques. O próprio debate foi aberto, em 11 de novembro, por Inskip, que disse que a Inglaterra possuía agora 960 aviões disponíveis para a defesa do território e que insistiu em que tudo corria normalmente na preparação das defesas.

Em 12 de novembro, Churchill apresentou uma emenda apontando que as defesas britânicas, em especial aéreas, já não eram adequadas à paz, à segurança e à liberdade do povo britânico. Tinha havido um “grande incremento nos fatores adversos” em 1937 e apenas “intensos esforços” poderiam contrariá-los. Ele acrescentou que havia ainda sérias deficiências no poder e nas armas de muitos elementos da defesa nacional, incluindo o exército territorial, o exército regular e a Força Aérea. “Ao Exército faltam quase todas as armas necessárias às formas mais recentes da guerra moderna”, disse ele. “Onde estão as armas antitanque, onde estão telefones via rádio de campanha, onde estão as armas antiaéreas contra aviões blindados voando a baixa altitude?”

Falando por experiência própria sobre o tanque como arma de guerra, Churchill disse à Câmara:

Essa ideia, que revolucionou as condições da guerra moderna, foi introduzida à força no Ministério da Guerra por pessoas externas. Deixem-me dizer-lhes que teriam hoje a mesma dificuldade para ali introduzirem uma nova ideia. Falo do que sei. Durante a guerra tínhamos quase um monopólio, sozinhos à frente na guerra de tanques, e durante muitos anos depois mantivemos essa dianteira. Todos os olhares estavam voltados para a Inglaterra. Tudo isso desapareceu. Nada foi feito nos “anos à deriva” para equipar o corpo de tanques com novas máquinas.

Depois, Churchill avisou os deputados: “Decorrerá um longo período antes que se possa esperar um fluxo efetivo de munições, mesmo *para* as pequenas forças de que dispomos. No entanto, foi-nos dito que não há necessidade de criar um Ministério dos Abastecimentos nem há qualquer emergência que nos leve a alterar o decurso normal do comércio.”

Voltando-se para os argumentos do governo para atrasos na implementação de um programa de rearmamento entre 1933 e 1935, Churchill declarou:

Tenho ouvido dizer que o governo não tem um mandato para rearmamento até as eleições gerais. Essa doutrina é totalmente inadmissível. A responsabilidade dos ministros pela segurança pública é absoluta e não requer qualquer mandato. É de fato o principal motivo por que existem governos. O primeiro-ministro comanda enormes maiorias em ambas as Câmaras, prontas a votar a favor de quaisquer medidas de defesa. O país nunca deixou de cumprir seu dever quando foi defrontado com a verdade dos fatos, e não vejo como qualquer atraso pode ser defensável.

O governo continuava a declarar o perigo de transformar a Inglaterra num “vasto campo de munições”, disse Churchill, refutando esses exageros e dizendo à Câmara:

O primeiro-lorde do Almirantado, num discurso que fez, foi ainda mais longe e afirmou que “Estamos sempre revendo a situação.” Tudo, garantiu-nos ele, é inteiramente fluido. Tenho certeza

de que isso é verdade. Qualquer um pode ver qual é a situação. Simplesmente, o governo não decide, ou não consegue que o primeiro-ministro decida. Portanto, entram num estranho paradoxo, decidindo apenas serem indecisos, resolvendo serem irresolutos, inflexíveis em fazerem derivas, sólidos na fluidez, poderosos na impotência. E continuamos perdendo mais meses e anos — preciosos, talvez vitais, para a grandeza da Grã-Bretanha. Poderão dizer que não é necessário um Ministério dos Abastecimentos, pois tudo corre bem, mas eu nego tal asserção. Não é verdade.

Churchill terminou sua crítica com uma nota pessoal, dizendo aos seus colegas deputados:

Estou chocado com o fracasso da Câmara dos Comuns em reagir efetivamente a esses perigos. E isso, ousar dizer, nunca esperei. Nunca pensei que seria permitido que caminhássemos nesse aperto, mês a mês, ano a ano, e que mesmo as confissões de erro do próprio governo não provocariam uma concentração da opinião do Parlamento e força capaz de elevar nossos esforços a um nível de emergência. A menos que a Câmara resolva procurar a verdade por si, cometerá um ato de abdicação do dever sem paralelo em sua longa história.

O *Times*, que sempre criticara de forma hostil os esforços de Churchill, chamou esse discurso de “brilhante”. Muitos deputados se viram numa posição crescentemente incômoda por o Gabinete não tratar a situação como devia. “Seu estilo é mais considerado e lento do que o habitual, mas ele expõe seus pontos de vista com firmeza”, escreveu o deputado do Partido Trabalhista Nacional Harold Nicolson em seu diário.

O próprio Baldwin respondeu a Churchill, explicando por que não fez um rearmamento mais vigoroso entre o outono de 1933 e as eleições gerais do verão de 1935: “Coloco perante a Câmara meus pontos de vista com tremenda franqueza. Recordarão a época em que a Conferência Mundial para o Desarmamento se reuniu em Genebra. Recordarão que havia o mais forte sentimento pacifista em todo o país desde a Guerra.” Recordou depois as eleições intercalares em Fulham no outono de 1933, quando foi perdido um lugar do governo nacional para um candidato pacifista. “Minha posição como líder de um grande partido não era propriamente confortável.”

Ele continuou:

Pergunto que chances havia — quando esse sentimento era comum em todo o país — de tal sentimento mudar tanto no período de um ou dois anos que o país precisasse de um mandato para rearmamento? Mesmo que me dirigisse ao país e dissesse que a Alemanha se rearmava e que portanto tínhamos de rearmar a Inglaterra, alguém acha que essa pacífica democracia teria aderido a esse apelo naquele momento? Não consigo imaginar nada que teria tornado a perda das eleições, no meu ponto de vista, mais certa.

O contraste entre as acusações de Churchill e a explicação de Baldwin provocou muitos comentários. “Não me recordo de ter visto a Câmara mais inquieta”, escreveu a Churchill um jovem deputado conservador, Patrick Donner. Ao comentar o discurso de Baldwin, Londonderry escreveu a Churchill: “Avisamos a ele e a Neville sobre os riscos, mas eles estavam muito receosos de perderem as eleições

intercalares. De fato, Neville era o vilão da peça, porque como chanceler bloqueou tudo sob argumentos relacionados às finanças.” Outro deputado conservador, Sir Archibald Boyd-Carpenter, escreveu: “Devo enviar-lhe algumas palavras de congratulações por seu belo e inspirado discurso de ontem. Eu disse a mim mesmo: ‘Graças a Deus que alguém tem coragem.’ E ainda o sinto mais depois do patético esforço de S. B., que foi terrível.” Churchill respondeu-lhe: “Nunca ouvi tão esquelética confissão de um homem público quanto a fala de Baldwin ontem.” Ciente do crescente apoio dos deputados ao apelo de Churchill por maior vigilância, Baldwin concordou em receber um segundo grupo da Defesa. Cinco dias antes do encontro, Anderson forneceu a Churchill os dados mais recentes sobre a produção da Força Aérea germânica, preparados pela seção alemã do Serviço de Informação do Ministério da Aviação. O material, adquirido pelos serviços secretos através de agentes na Alemanha, deixava claro que, se a guerra se tornasse uma possibilidade em 1937 ou 1938, a Inglaterra não teria uma defesa aérea suficiente para resistir a um ataque sustentado nem suficiente poderio aéreo para contra-atacar ou para exigir uma política de não intervenção.

Na questão crucial da comparação de forças, o Ministério da Aviação estimava que os 372 bombardeiros britânicos que estariam disponíveis em junho de 1937 seriam comparados a oitocentos bombardeiros germânicos, não considerando outros oitocentos bombardeiros germânicos de reserva que não sabiam se eram armamentos de primeira linha. Três dias antes da reunião, outra pessoa com acesso a documentos confidenciais, o major G. P. Myers, escreveu a Churchill dizendo que de 89 caças Hawker Fury encomendados pelo governo à General Aircraft Ltd. apenas 23 tinham sido entregues dentro dos prazos do contrato.

Em 23 de novembro, a segunda delegação parlamentar pediu para ser recebida por Baldwin para discutir o estado das defesas britânicas. Mais uma vez, apesar de Inskip estar presente, nenhum ministro dos três serviços, Hoare, Swinton e Duff Cooper, estavam presentes para ouvir as críticas dos seus departamentos ou para responderem a elas cara a cara. Baldwin estava acompanhado de Neville Chamberlain e lorde Halifax; a delegação, como anteriormente, era chefiada por Austen Chamberlain e lorde Salisbury. Com o prosseguimento da discussão, ficou claro que muitos dos receios e das afirmações de Churchill tinham sido admitidos pelos vários departamentos. Tinha passado cerca de dois anos desde as eleições de 1935, e, no entanto, a escala de produção de armas ainda não era adequada para defrontar uma ameaça germânica em 1937 ou 1938. Explicando por que não poderia haver uma rápida expansão do exército territorial para a defesa de Londres, Inskip disse à delegação: “Há sem dúvida uma escassez de equipamento.”

A discussão, cuja ata preencheu 58 páginas impressas, foi dominada por um constante interrogatório feito por Churchill. “Sem dúvida poderia enumerar doze esquadrilhas que em nada se assemelham a aviões. Por outro lado, há muitos pilotos, mas tão poucos aviões que não podem treinar.” Para Churchill, o fato ainda era “não termos oitenta esquadrilhas metropolitanas efetivas, ou algo que se assemelhe, para nos proteger no ano que vem”. Inskip respondeu-lhe: “Se é posta a ênfase em ‘efetivas’, concordo.”

* * *

Em 25 de novembro, cinco dias antes de completar 62 anos, Churchill recebeu uma mensagem de seu primo Frederick Guest, que dizia que tinha havido progressos em seus esforços para agrupar o mais vasto espectro possível de opiniões. Dizia a mensagem: “Attlee irá apoiá-lo no programa de rearmamento. Ele admira-o e estima-o. Estão abertas as portas, se quiser falar com ele.” Reanimado com essa informação, Churchill preparou o grande apelo que o Conselho Antinazista lhe tinha solicitado sobre unidade pública

e “disciplina autoimposta”, falando no Albert Hall em 3 de dezembro, mas essa sua recente posição política foi momentaneamente enfraquecida pelo tempestuoso episódio da crise da abdicação.

Em janeiro de 1936, o príncipe de Gales sucedeu seu pai no trono. Churchill conhecia e tinha sido amigo do novo rei desde sua posse como príncipe de Gales, vinte e cinco anos antes. Durante o primeiro ano de Edward VIII no trono, houve rumores que ligavam seu nome a Wallis Simpson, uma americana que estava prestes a divorciar-se de seu segundo marido. Churchill sabia que Edward queria acima de tudo se casar com a sra. Simpson quando o segundo casamento dela fosse dissolvido, o que aconteceria em finais de outubro. Churchill não concordava de modo nenhum com a escolha do rei e apoiou aqueles que trabalhavam arduamente nos bastidores para tentarem persuadir a sra. Simpson a desistir da ideia. Porém, em 16 de novembro, o rei informou Baldwin de sua intenção de casar.

Rebentou uma crise constitucional. Baldwin, apoiado pelo Gabinete, deu duas opções ao rei: desistir da sra. Simpson ou abdicar. Desesperado para casar, Edward disse a Baldwin, em 2 de dezembro, que estava preparado para escolher a abdicação. Com a aprovação de Baldwin, Churchill tinha ido visitá-lo dois dias depois para tentar persuadi-lo a não se precipitar em desistir do trono. O rei pediu a Churchill mais tempo para pensar; queria mais duas semanas “para pesar bem o assunto”. Churchill enviou a Baldwin um relato completo de sua conversa e da “exaustão mental” do rei. A combinação da pressão pública e privada, sublinhou ele, “é o mais difícil de suportar. Eu disse ao rei que, se ele apelasse a você por mais tempo para se recobrar e para considerar, agora que as coisas tinham atingido o caos e que graves questões constitucionais e pessoais haviam feito com que você, no desempenho de seus deveres, fosse obrigado a confrontá-lo, eu tinha certeza de que você não deixaria de ter amabilidade e consideração. Seria cruel e errado tentar conseguir dele uma decisão no atual estado de coisas”.

Confiante em que Baldwin concederia ao rei pelo menos um mês para que decidisse o que pretendia fazer, Churchill disse ao rei: “Vossa Majestade não precisa ter qualquer receio sobre o tempo. Se quer tempo, não há força neste país que possa negá-lo.” Contudo, estava enganado; no domingo, 6 de dezembro, Baldwin disse numa reunião de ministros do Gabinete que o assunto precisaria ser resolvido antes do Natal. Na opinião de Neville Chamberlain, mesmo esse prazo de três semanas era inaceitável, pois a incerteza estava afetando o comércio natalício.

Embora Churchill não soubesse, o rei não queria mais tempo; tinha decidido que se casaria com a sra. Simpson mesmo que isso significasse desistir do trono. No entanto, Churchill, depois de um encontro nesse domingo com Archibald Sinclair e Robert Boothby, ainda tinha esperança de que o rei se mantivesse no trono na condição de concordar em fazer publicamente uma declaração, sugerida por Churchill e por seus dois amigos e enviada ao rei em 6 de dezembro, de que não assinaria nenhum contrato de casamento em oposição ao conselho de seus ministros.

Convencido de que o rei aceitaria sua proposta se lhe fosse dado tempo suficiente, Churchill solicitou aos Comuns, em 7 de dezembro, que “não fosse dado nenhum passo irrevogável antes que a Câmara tivesse recebido uma declaração formal”. Para sua estupefação, houve imediatamente gargalhadas indignadas de zombaria. Gritos de “Cale-se” e “Desonesto” vieram de todos os lados da Câmara. Churchill manteve-se ali, tentando expor seu ponto de vista acerca da necessidade de dar mais algum tempo ao rei para que tomasse uma decisão, mas a zombaria continuou e ele não se fazia ouvir. Ao sair da Câmara, voltou-se zangado para Baldwin e disse-lhe: “Não ficará satisfeito enquanto não o obrigar a ceder, ficará?”

Os deputados estavam convencidos de que Churchill estava tentando desacreditar Baldwin e chefiar uma revolta contra ele, mas ele apenas tentava fazer o rei desistir da sra. Simpson e manter-se assim no trono, evitando as implicações constitucionais de uma situação por meio da qual o primeiro-ministro podia pressionar o rei a tomar rapidamente uma importantíssima decisão. Contudo, a impressão de que

Churchill tinha decidido utilizar a crise da abdicação para prejudicar o governo generalizou-se e causou prejuízos. O *Times* chamou o episódio na Câmara dos Comuns de “o ato mais repulsivo da história do parlamentarismo moderno”. Harold Nicolson escreveu nessa noite em seu diário: “Ele desfez em cinco minutos o paciente trabalho de reconstrução de dois anos.” Em 11 de dezembro, o *Spectator* declarou: “Ele fez um péssimo julgamento da índole do país e da índole da Câmara, e a reputação de gênio voluntarioso inadequado ao conselho, que começava a abandoná-lo, voltou a pesar firmemente sobre seus ombros.”

Esse foi o sentimento momentâneo da opinião pública, que o governo não desencorajou. Porém, na mesma tarde da humilhação de Churchill na Câmara dos Comuns, quando falou num encontro de deputados conservadores acerca das deficiências da Força Aérea, seu discurso, como seu primo Frederick Guest lhe disse, foi “admirável e muito bem recebido”. Outro deputado que estava presente no encontro também escreveu a Inskip, dizendo que as observações de Churchill foram “bem recebidas”. Catorze anos depois, o próprio Churchill recordou numa carta a Brendan Bracken, que apesar de estar “naturalmente consciente da esmagadora opinião de seus membros, nessa tarde falei por cerca de uma hora, creio, a um grande grupo de membros da Comissão Conservadora para a Defesa Militar e fui ouvido com a maior atenção”.

Três dias depois, quando Baldwin disse à Câmara que o rei tinha assinado o documento de abdicação, o discurso de Churchill, no qual sublinhou o perigo de futuras “recriações e controvérsias”, foi ouvido com respeito. “O que foi feito, ou o que deixou de ser feito, pertence à história, e à história deve ser deixado”, disse ele. Amery anotou em seu diário: “Winston ergueu-se diante de uma Câmara hostil e, num pequeno e admirável discurso, executou uma retirada estratégica.” Quando Churchill falou sobre como o rei seria particularmente recordado “nas casas de seus súditos mais pobres”, os deputados aplaudiram. “Perfilam-se perigos em nosso caminho”, disse ele. “Não podemos — não temos esse direito — olhar para trás. Temos de olhar para a frente. Temos de obedecer à exortação do primeiro-ministro de que devemos olhar para a frente.” Essas palavras finais foram aplaudidas com o que os registros oficiais do Parlamento consideraram “fortes aplausos”.

Ao escrever ao duque de Westminster uma semana depois, Churchill confidenciou-lhe: “É extraordinário como Baldwin se torna mais forte cada vez que dá golpes em alguém ou em algo importante para nosso país.” A Lloyd George, que estava de férias nas Índias Ocidentais, Churchill escreveu no Natal: “Aqui, foram tempos terríveis, e estou muito magoado com o que aconteceu. Creio que a abdicação foi prematura e provavelmente desnecessária. No entanto, a grande maioria está do outro lado. Você fez bem em estar longe daqui.”

No dia de Ano-Novo de 1937, Churchill escreveu a Bernard Baruch: “Não creio que minha posição política tenha sido muito afetada pelo caminho que tomei, mas, mesmo que tenha sido, não desejaria ter atuado de outro modo. Como você sabe, sempre preferi aceitar o que me diz o coração a fazer cálculos sobre os sentimentos públicos.”

2.

Não há lugar para Churchill

Em 2 de janeiro de 1937, em Chartwell, Churchill soube que seu amigo e informante do Ministério das Relações Exteriores, Ralph Wigram, que estava doente havia algum tempo, tinha morrido aos 40 anos. Ele escreveu imediatamente à viúva de Wigram, Ava:

Admirava muito sua coragem, integridade de propósitos e grande capacidade de compreensão. Era um dos tão poucos que defendem a vida da Grã-Bretanha. Agora deixou-nos — e na véspera deste decisivo ano. É sem dúvida um revés para a Inglaterra e para o melhor que a Inglaterra significa. Faz agora apenas uma semana desde que ele me pediu para falar acerca do rei. Em minha memória posso ouvir sua voz. E a senhora? O que perdeu? A senhora tem o direito de recordar tudo o que fez por ele. Protegeu a luminosa chama que ardeu na candeia quebrada. Não fosse a senhora, ele teria ido há muito, e sua luz não nos teria guiado tão longe em nosso caminho.

“Ele o adorava”, respondeu Ava. “Sempre disse que o senhor é o maior inglês vivo.” Em 4 de janeiro, Churchill foi a Uckfield para o enterro de Wigram. “A viúva estava destroçada pela dor”, escreveu ele a Clementine três dias depois. “Foi uma experiência pungente. Creio que não está prevista nenhuma pensão ou equivalente para as viúvas dos funcionários das Relações Exteriores, mas ela diz que sobrevive com seus próprios recursos. O futuro dela é vazio e restrito. Que mundo triste!”

Depois do enterro, Churchill ofereceu um almoço em Chartwell aos que tinham estado presentes, incluindo Sir Robert Vansittart. Clementine, que estava de férias na Suíça, percebeu o quanto a morte de Wigram entristeceu o marido. “Ele era um grande amigo seu”, escreveu ela em 5 de janeiro. “Era possível ver nos seus olhos a faísca de luz interior brilhante.” Quatro dias depois, ela voltou a escrever: “Sinto que a morte do sr. Wigram deixou você muito infeliz. Sei que sente muita saudade dele.”

Ao longo dos primeiros meses de 1937, Churchill recebeu mais informações acerca da negligência do governo nos preparativos e planejamento da defesa. Suas novas fontes incluíam seu antigo perito na Junta de Comércio, Sir William Beveridge, e seu antigo diretor de Construção Naval no Almirantado e coinventor do tanque, Sir Eustace Tennyson d’Eyncourt. Porém, Churchill já não via qualquer vantagem em fazer discursos públicos. “Atualmente, os personagens não oficiais contam muito pouco”, escreveu ele ao par liberal lorde Davies em 13 de janeiro. “Um pobre diabo pode esgotar-se sem criar uma simples onda na corrente de opinião.”

Churchill correspondia-se privadamente com ministros, tentando encorajá-los a fazerem esforços maiores e a manterem mais vigilância. Em 14 de janeiro, escreveu a Inskip acerca do que temia ser uma política dilatória do governo em relação às encomendas de maquinaria:

Com um sistema apropriado de controle, toda a capacidade da indústria britânica pode ser reexaminada. O governo, ao fazer encomendas no exterior, deveria avisar às empresas britânicas que produzem peças vitais de que seus serviços serão requeridos, para que não possam receber encomendas do governo alemão. Você diz que a política do governo é não interferir nas trocas comerciais normais. Pode ser política do governo e, no entanto, não ser a política correta. Você está equivocado quando sugere que pretendo que você exija à indústria de ferramentas que “abandone todo o seu comércio normal”. Eu ficaria bem contente se em vez de “todo” estivesse escrito “todas as requisições dos governos”.

Churchill disse a Inskip que lhe havia sido garantido que o programa de armamento britânico estava “cada vez mais atrasado” e que a fraqueza da Grã-Bretanha em relação à Alemanha, no ar, era “notória e deplorável”. Sua carta terminava com uma nota pessoal:

Adiei esta carta até ter o prazer de saber que você se recupera rapidamente da gripe que o afligiu. Pedi à sua secretária que não lhe dê esta carta até que esteja totalmente recuperado. Os tempos são graves, e espero que se certifique de que dispõe do período necessário de convalescença. Todos na minha casa têm sido afetados por esse pequeno sofrimento e alguns dias de total afastamento de qualquer tipo de trabalho é absolutamente necessário para uma recuperação total. Até agora sobrevivi, e, se escapar, atribuirei o fato a uma boa consciência e a uma boa constituição.

Ao falar durante o debate sobre os meios aéreos em 27 de janeiro, Inskip defendeu o programa que estava em curso. Pelo menos 120 entre as 124 esquadrilhas prometidas estariam completadas em julho de 1938, “se bem que nem todas totalmente acabadas”. Ao falar depois de Inskip, Churchill sublinhou o fato de que apenas cem esquadrilhas prometidas para 31 de março estariam realmente prontas. Entre essas cem, 22 “não estavam em condições de tomar parte na luta”. Ficavam apenas 78, em vez das prometidas 124, faltando 46. “Portanto, afirmo que não temos a paridade que foi prometida”, disse Churchill à Câmara. “Não estamos nem próximos. Não vamos consegui-la durante o ano de 1937 e duvido de que consigamos ou que nos aproximemos durante 1938.”

Dois dias depois desse discurso, Churchill recebeu, por intermédio de Anderson, um memorando de oito páginas escrito pelo comandante Lachlan MacLean, um oficial superior da Aviação do quartel-general do 3º Grupo de Bombardeiros. O memorando criticava muitos aspectos do desenvolvimento da Força Aérea, incluindo navegação de longa distância, trabalho de manutenção e treinamento de pilotos. MacLean não sabia que Anderson tinha enviado esses memorando a Churchill, descobrindo quando Churchill pediu para falar com ele em Morpeth Mansions.

Em 2 de fevereiro, Churchill enviou a Clementine, que estava num cruzeiro de férias nas Índias Ocidentais, notícias de que Baldwin provavelmente abandonaria o cargo de primeiro-ministro em maio, imediatamente após a coroação de George VI e de que Neville Chamberlain, que “já estava de fato fazendo o trabalho, sem dúvida lhe sucederá. Seria “um grande alívio e uma simplificação dos nossos assuntos se a incerteza desaparecer nessa data, de um modo ou de outro. Na verdade, pouco me importa qual”.

Churchill, ainda perturbado com preocupações de ordem econômica que se seguiram ao colapso de suas ações na quebra do mercado de ações americano, pensava em vender Chartwell. “Se não conseguirmos um bom preço, podemos manter-nos durante mais um ou dois anos”, disse a Clementine. “Mas não deve ser recusada nenhuma boa oferta, tendo em conta que nossos filhos já são quase independentes e que minha vida está provavelmente em sua última década.”

Durante o debate sobre a Defesa, em 4 de março, Churchill acolheu bem os aumentos nos orçamentos para os próximos cinco anos recentemente anunciados pelo governo, mas continuou a perguntar:

Quando todo um continente se arma febrilmente, quando poderosas nações põem de lado todas as formas de tranquilidade e conforto, quando milhões de homens e armas são preparados para a guerra, quando populações inteiras são deslocadas em condições excepcionalmente aflitivas, quando as finanças dos mais orgulhosos ditadores se veem nas mais desesperadas condições, podem os senhores ter certeza de que seus programas, tão tardiamente adotados, serão executados a tempo?

Churchill terminou seu discurso com um apelo a um genuíno empenhamento britânico, tanto no potencial militar da Liga das Nações quanto nas forças morais que personificam. Sobre essas forças morais, declarou:

Não vamos caçar delas, pois estão seguramente do nosso lado. Não vamos caçar, pois poderemos viver tempos em que o maior idealismo não estará separado da prudência estratégica. Não caçemos, pois poderemos viver anos em que, por mais estranho que possa parecer, o direito poderá andar de mãos dadas com o poder.

Em 16 de março, Austen Chamberlain morreu; sua amizade com Churchill remontava ao início do século. Nos quatro anos desde que Hitler chegara ao poder, as convicções de ambos sobre os perigos vindos da Alemanha estavam muito próximas. Em 18 de março, Churchill escreveu à viúva de Chamberlain, dizendo-lhe como tinha ficado “profundamente chocado e abalado” quando se deslocara ao Ministério das Relações Exteriores e soubera da notícia. Sua carta continuava:

Rezo para que consiga encontrar recursos que lhe permitam suportar esse supremo golpe. Nada pode aliviar a solidão ou preencher o vazio. Uma grande e prolongada felicidade é sempre ensombrada por essa nuvem. Todos os seus amigos, grupo ao qual me orgulho de pertencer, lamentam penosamente essa perda. Durante o último ano, estive mais tempo com ele e trabalhei mais perto dele do que em qualquer outra época numa associação política e pessoal de quase quarenta anos. Sinto que talvez a única ligação com os bons velhos tempos, de fato bons tempos, quebrou-se.

“Sei como você gostava do Austen e como sente enormemente sua perda”, respondeu lady Chamberlain em 20 de março. “Ele sempre teve uma grande afeição e admiração por você, mesmo

quando estavam em desacordo!”

No final de março, Churchill regressou à França para passar nove dias de férias em Cap Martin. “Pinto durante todo o dia”, escreveu ele ao antigo rei e agora duque de Windsor. “Até onde minhas posses me permitem, jogo à noite.” Escreveu também a Inskip acerca do poderio aéreo britânico de primeira linha. Em 22 de março, uma semana antes da viagem para a França, Inskip tinha dito na Câmara dos Comuns que haveria 103 esquadrilhas baseadas no Reino Unido a partir de 1º de abril. Contudo, escreveu a Churchill em privado explicando que dez dessas esquadrilhas estariam desfalcadas de aviões “pendentes da entrega de motores” e que algumas das esquadrilhas auxiliares recém-formadas não estariam do mesmo modo “prontas para atuar”. Inskip acrescentou: “Sinto que se justifica dar-lhe, como conselheiro privado, essa informação confidencial, em especial porque você já possui muitas informações secretas a esse respeito.”

Em sua resposta a Inskip, Churchill concordou em que seria preciso “muita reorganização e franqueza durante um período de rápida expansão”. Enviou-lhe também “como confiança pessoal” um memorando sobre as deficiências nas esquadrilhas por alguém que se identificou como “oficial do Estado-Maior da Força Aérea”, mas que não deu o próprio nome. O memorando tinha sido escrito pelo comandante Lachlan MacLean; ao devolvê-lo a Churchill em 8 de abril, Inskip anotou: “É indesejável que esteja entre meus papéis, atendendo ao seu desejo de que eu o trate como confidencial.”

Ao enviar esse memorando a Inskip, Churchill expôs seus pontos de vista sobre como deviam ser tratadas as deficiências que MacLean detalhara:

Fico surpreso em saber que você não tem uma lista de tudo o que uma esquadrilha deve ter — pilotos, máquinas, motores e peças sobressalentes, metralhadoras, visores de bombardeio etc. — juntamente com as reservas de todos os tipos que devem ser mantidas na base. Depois, armado com essa informação, vá visitar, acompanhado de três ou quatro pessoas competentes, como que por acaso e sem avisar, algumas esquadrilhas. Se o seu pessoal seguir a lista enquanto você examina os oficiais terá uma informação em que poderá confiar com bastante segurança.

“Não menciono esses assuntos em público pelo receio de expor nossas fraquezas mais ainda do que já são conhecidas no exterior”, disse Churchill a Inskip. Depois de ler sua carta a Inskip, Morton escreveu a Churchill: “Como já aconteceu anteriormente, estou espantado com os pormenores de seu conhecimento acerca de assuntos da Defesa.”

Nessa altura, o Partido Trabalhista apresentou uma moção que condenava a recusa da Marinha em apoiar os navios britânicos que transportavam alimentos para os republicanos na Espanha, sublinhando que enquanto a Inglaterra e a França haviam aderido ao acordo de não intervenção, a Alemanha e a Itália o ignoravam. Aos protestos de discordância vindos da bancada trabalhista, Churchill falou em apoiar o governo para incrementar a não intervenção:

Não é encorajador que oficiais navais alemães, franceses, russos, italianos e britânicos estejam a atuar em conjunto, ainda que com certo desequilíbrio, em algo que representa, embora debilmente, o concerto da Europa, e que desenvolvam, mesmo que seja uma pálida e deformada nuvem, a ideia do reino da lei e da autoridade coletiva que muitos entre nós consideram de vital importância?

Churchill incitou ao prosseguimento da neutralidade inglesa em relação à Espanha. “Não tomarei partido de qualquer dos lados”, declarou ele. “Não quero dizer que se tivesse de escolher entre comunismo e nazismo escolheria o comunismo. Espero não sobreviver num mundo governado por qualquer desses desígnios. Não sinto qualquer entusiasmo por esses credos rivais. Sinto uma profunda dor e simpatia pelas vítimas.”

Apelando a um esforço final de todas as potências estrangeiras para que abandonassem o conflito e tentassem uma reconciliação, Churchill disse à Câmara: “Parece que estamos sendo conduzidos, sem rumo, contra a nossa vontade, contra a vontade de todas as raças, todos os povos e todas as classes, para uma odiosa catástrofe. Todos querem impedi-la, mas não sabem como. Há conversações dos pactos orientais e ocidentais, mas isso não nos dá maior segurança. Armamentos e defesas prosseguem celeremente, e é preciso encontrar algo novo.”

Os críticos de Churchill reconheciam a qualidade de seu pensamento; um deputado conservador, Henry Channon, apesar de opor-se a que Churchill integrasse o governo, escreveu em seu diário:

Winston Churchill fez um excelente discurso, brilhante, convincente e irrespondível, e o seu “crédito” aumentou. Hoje, as pessoas compram “Churchill” e dizem novamente que deveria estar no governo e que é lamentável manter um homem tão brilhante afastado, mas o que significa dar-lhe um lugar no governo? Uma explosão de absurdos ao fim de algum tempo? Guerra contra a Alemanha? Um lugar para Randolph?

Ao escrever-lhe do Ministério das Relações Exteriores em 16 de abril, Eden agradeceu a Churchill por suas palavras de apoio durante o debate:

Posso assegurar-lhe que foram apreciadas pelo ocupante desse inquieto cargo. Permita-me dizer que considerarei muito bom seu discurso como um todo; é opinião de muita gente que o discurso deve ser colocado entre seus melhores. É difícil ter o apoio da Câmara nestes tempestuosos e insensatos tempos, mas você conseguiu acalmá-los e fazê-los refletir.

Nesse abril, Baldwin anunciou que se demitiria do cargo de primeiro-ministro no final de maio. Ao declinar um convite do duque de Windsor para visitá-lo na França em maio, Churchill explicou que não considerava “sensato” sair da Inglaterra. “O governo estará num processo de reconstrução, e, ainda que eu não esteja muito interessado em ocupar um lugar, gostaria de ajudar na Defesa.” Uma vez mais à espera da chamada, Churchill descobriu um modo de tornar suas ideias mais amplamente conhecidas na Europa. Um judeu húngaro de 33 anos, Emery Reves, havia instalado um serviço de imprensa em Paris, dedicado ao entendimento internacional e aos valores democráticos. Reves divulgou os artigos quinzenais de Churchill publicados no *Evening Standard* em jornais por toda a Europa, incluindo Varsóvia, Praga, Belgrado, Bucareste e Helsinque, chegando a um todo de 26 cidades.

Nesses artigos, Churchill instigava todos os países ameaçados a unirem-se contra incursões alemãs. Enquanto Churchill continuava a advogar pela segurança coletiva, Geoffrey Dawson, editor do *Times*, tinha outra opinião, que escreveu a um amigo em 23 de maio: “Gostaria de entender os alemães. Pura e simplesmente não consigo entender por que estão tão aborrecidos com o *Times*. Passo noites a retirar tudo o que penso que pode ferir sua suscetibilidade e a colocar aqui e ali pequenas coisas com a intenção

de tranquilizá-los.”

Três dias depois dessa clara caracterização de apaziguamento por parte de Dawson, Neville Chamberlain sucedeu a Baldwin como primeiro-ministro. À semelhança de Dawson, estava determinado a encontrar uma base para reconciliação com a Alemanha, desejando retirar a Europa da beira da guerra não por meio da segurança coletiva e do rearmamento, mas com um acordo negociado com a Alemanha. Não havia lugar para Churchill no esquema de Chamberlain. Durante dez anos, tinham estado em desacordo em quase todos os assuntos importantes com que foram confrontados, desde a redução das tarifas de impostos em 1927 até a abdicação, e acima de tudo acerca da prioridade dos armamentos e da necessidade de ter capacidade para enfrentar a Alemanha; as profundas diferenças na política eram ainda exacerbadas por um choque de personalidades.

No dia em que Chamberlain se tornou primeiro-ministro, lorde Derby perguntou a Churchill se apoiaria uma moção, a ser feita numa reunião do Partido Conservador em Caxton Hall, que nomeasse Chamberlain líder do partido. Como conselheiro privilegiado na Câmara dos Comuns, a tarefa caberia naturalmente a Churchill. Enquanto preparava seu discurso, tomou conhecimento dos novos indigitados para o Gabinete. “As mais sinceras congratulações por sua promoção”, telegrafou ele a Duff Cooper, que tinha sido nomeado primeiro-lorde do Almirantado. Inskip manteve-se como ministro da Coordenação da Defesa. Hoare foi para o Ministério do Interior. Leslie Hore-Belisha tornou-se ministro da Guerra.

O jovem deputado Robert Bernays, que desde as eleições de 1935 tivera assento perto de Churchill, havia entrado para o governo. “Meus parabéns”, telegrafou-lhe Churchill ao saber de sua nomeação como secretário parlamentar no Ministério da Saúde. “Tenho apenas um desgosto”, respondeu-lhe Bernays. “Estarei longe demais e não poderei ouvir seus comentários sussurrados e mordazes na fugaz cena parlamentar, que foram sempre tão excitantes. Ficarei para sempre grato — como deveriam ficar todos os jovens na Câmara — pelo modo como o senhor demonstrou que altura pode atingir a arte do debate parlamentar.” Não foi oferecido nenhum cargo a Churchill, que em 31 de maio falou, como se oferecera para fazer, no encontro de Caxton Hall. Após recordar as “memoráveis realizações” de Chamberlain como ministro das Finanças ao restaurar o crédito financeiro e ao estimular o comércio externo, recordou à assembleia que a liderança do partido nunca foi interpretada “num sentido ditatorial ou despótico” e apelou a um contínuo reconhecimento dos direitos daqueles que discordam da política do partido. “A Câmara dos Comuns continua a sobreviver como uma arena de debate livre”, disse ele. “Temos certeza de que o líder que em breve escolheremos não ficará ressentido, como distinto homem do Parlamento e da Câmara dos Comuns, com honestas diferenças de opinião e que à opinião do partido não será negado seu subordinado mas sempre legítimo lugar.”

Em seu diário, Channon descreveu o discurso de Churchill como “hábil, ardente e não isento de amargura”. Chamberlain não precisaria convocar eleições gerais antes de 1940.

Ao falar durante o debate do orçamento em 1º de junho, Churchill começou com boas-vindas bem-humoradas a Chamberlain, que fizeram a Câmara rir. “Tenho um amistoso interesse nesse novo governo”, disse ele. “Não sei exatamente por quê. Não posso ir tão longe a ponto de chamá-lo de interesse paternal, pois, para falar com franqueza, não é exatamente o tipo de governo que eu criaria. Se não é paternal, creio que poderia chamar de um interesse avuncular.”

Churchill expôs suas objeções ao método que Chamberlain tinha proposto para lançar uma nova taxa, a Contribuição Nacional de Defesa, por meio de um tributo especial da indústria. Esse tributo seria “um encargo para as empresas” e não aumentaria as receitas. Pelo contrário, “abrirá um novo panorama de questões duvidosas, supérfluas e importunas”. Ele sabia, por experiência própria como ministro das Munições, “que se o governo não mantiver um relacionamento mental e moral com os fabricantes de armas, pode ser confrontado com graves dificuldades”. Depois de uma apresentação detalhada dos

obstáculos, Churchill incitou Chamberlain a mostrar “flexibilidade e elasticidade e a ter o necessário distanciamento de aspectos pessoais e departamentais” para abandonar seu esquema. O discurso teve sucesso. “Um dos seus melhores”, escreveu-lhe um antigo deputado liberal, lorde Melchett, em 2 de junho. “E creio que foram os fatos que você apresentou e o modo prudente como lidou com o primeiro-ministro — grave e alegre — que lhe deram coragem para abandonar a CND.” Melchett acrescentou: “Você é um *grande* homem, e Deus sabe por que não está no Gabinete para conduzir este velho país nos tempos difíceis que atravessamos.” Churchill sabia quão profundo era o abismo entre ele e Chamberlain. “Não estou ansioso por integrar o governo, a não ser que haja reais tarefas que queiram que eu cumpra”, respondeu-lhe. “Por enquanto, estão muito satisfeitos uns com os outros.”

Nesse verão, as fontes de informação de Churchill aumentaram, dando-lhe um conhecimento ainda maior do fosso entre os fornecimentos de guerra que estavam sendo manufaturados e as necessidades dos três ramos da Defesa. Em junho, recebeu informações do coronel Henry Hill, antigo comandante da Brigada de Defesa Aérea de Londres, e do almirante Bertram Ramsay, antigo chefe de Estado-Maior da Esquadra Metropolitana quando ambos o visitaram em Morpeth Mansions. Em 14 de junho, ofereceu outro almoço ao Conselho Antinazista. Um refugiado judeu alemão, Eugen Spier, que estava presente, recordou mais tarde os avisos de Churchill de que a segurança da Grã-Bretanha estava sendo “fatalmente posta em perigo”, tanto por falta de armas como porque o governo dá aos alemães “a perigosa convicção de que não devem temer nossa interferência façam eles o que fizerem”.

Duas semanas depois, a Subcomissão de Abastecimentos da Comissão de Defesa Imperial discutiu a preparação das defesas britânicas. Suas conclusões, desconhecidas por Churchill, confirmavam por inteiro seus receios. Durante a discussão, o presidente da Comissão, Sir Arthur Robinson, afirmou que a ausência de ordens firmes por parte do Ministério da Guerra significava que “o trabalho de abastecimento como um todo não podia prosseguir com eficácia”. O Ministério da Aviação, acrescentou Robinson, também tinha revelado “um enorme fosso” entre os abastecimentos manufaturados “e as necessidades de potencial de guerra”. A comissão concluiu que “não será possível que os preparativos para o abastecimento estejam completados em novembro de 1939”.

Em paralelo às suas preocupações acerca da Defesa, Churchill continuou a trabalhar no volume final da biografia do primeiro duque de Marlborough. Deakin ia frequentemente a Chartwell para ajudá-lo. Violet Pearman e Grace Hamblin faziam turnos de trabalho durante a madrugada. “Minha chefe e eu trabalhávamos alternadamente com ele pela noite fora”, recordou mais tarde a srta. Hamblin.

Ele vinha da sala de jantar por volta das 22h, renovado e frequentemente jovial. Era óbvio que para ele esse era o melhor período para trabalhar e que tinha prazer nessas horas. Ficava totalmente mergulhado e ditava até as 2h ou 3h; por vezes, falava muito lentamente, medindo sempre cada palavra e murmurando frases para si próprio até que elas o satisfizessem, e então ditava-as, por vezes com tremenda força, olhando penetrantemente para a pobre secretária quando conseguia o que queria. Muitas vezes estava presente um de seus “jovens” — um assistente literário, um amigo, o professor Lindemann ou o sr. Bracken —, e tenho certeza de que ele gostava de companhia. Se fôssemos dois, ainda melhor.

Grace Hamblin acrescentou:

Não há dúvida de que ele era um trabalhador incansável. Impelia-nos. E elogiava poucas

vezes. Mas tinha maneiras sutis de mostrar sua aprovação, e não poderia ser de outro modo. Trabalhava tão intensamente e dedicava-se às tarefas de modo tão absolutamente dedicado que esperava o mesmo dos outros. Para ele, era um direito. E com o tempo, nós, que trabalhamos para ele, percebemos que, em compensação à pressão e à inquietação, tivemos o raro privilégio de ter conhecido a beleza do seu caráter dinâmico e gentil.

Em 6 de julho, com o aumento do trabalho de correspondência e literário, Churchill contratou uma secretária residencial, Kathleen H. W., para juntar-se a Violet Pearman e Grace Hamblin. Quando o patrão estava fora de Chartwell, recordou mais tarde a sra. Hill, “tudo ficava silencioso como um rato, mas, quando estava lá, era uma vibração”. Ela acrescentou: “Era um homem desapontado, à espera de um telefonema para servir ao seu país.”

Com a aprovação de Swinton, Churchill visitou a estação da Força Aérea em Biggin Hill, em 9 de julho, para observar um exercício de interceptação. Pouco depois da visita, Anderson enviou-lhe uma carta de MacLean, que falava em uma alta taxa de acidentes entre os pilotos. Anderson levou MacLean a Chartwell e escreveu a Churchill depois de sua visita:

Com toda a sinceridade, fiquei muito impressionado com um incidente na vida do duque de Marlborough, que você leu, e com sua conclusão acerca do poder do exemplo e da inspiração pessoal. É exatamente essa influência que está tão desastrosamente ausente da Força Aérea nesse momento. Estamos, enquanto serviço, peculiarmente dependentes de, e suscetíveis a, uma genuína inspiração da liderança, ainda mais que a Marinha e o Exército, uma vez que na guerra nosso trabalho é majoritariamente feito por indivíduos, e não por grupos ou companhias.

Em 17 de setembro, Churchill apelou a Hitler, num artigo publicado no *Evening Standard*, para que abandonasse a perseguição aos judeus, protestantes e católicos. Dada a perseguição nazista, não poderia haver uma devolução das colônias alemãs de antes da guerra nem ajuda financeira da Grã-Bretanha. Churchill terminou com uma nota de conciliação. “Podemos não gostar do sistema de Hitler e, no entanto, admirar seus empreendimentos patrióticos”, escreveu ele. “Se nosso país for derrotado, espero que possamos encontrar um campeão tão indomável para restaurar nossa coragem e conduzir-nos novamente ao nosso lugar entre as nações.” Pediu também que “o Führer da Alemanha se torne agora o Hitler da paz”. “Quando luta num conflito desesperado, um homem pode ter de cerrar os dentes e fazer faiscar os olhos. A ira e o ódio encorajam o braço da luta. Mas o sucesso traz uma ária melodiosa e genial, e adaptar o estado de espírito às novas circunstâncias preserva e consolida em tolerância e em boa vontade o que foi ganho no conflito”, explicou ele.

Porém, a correspondência privada de Churchill revela o quanto ele considerava improvável que Hitler se suavizasse e o quanto acreditava ser séria a situação que se aproximava. Ao escrever em Chartwell em 23 de setembro, disse a lorde Linlithgow que em pouco tempo, já em 1938, “veremos a Alemanha mais forte do que agora, relativamente à Força Aérea britânica e ao exército francês”. Churchill terminava essa carta com uma previsão:

Não acredito que uma guerra de grandes proporções ocorrerá este ano, porque o exército francês é tão numeroso quanto o alemão e muito mais maduro. Porém, no próximo ano e no ano

seguinte, poderemos ver os países dirigidos por ditadores atingirem o clímax de seu armamento e de suas dificuldades internas. Temos de estar preparados para eles.

Quanto a ele próprio: “Tenho vivido uma vida perfeitamente plácida, pinto e trabalho na biografia de Marlborough; na realidade, quase não fui além do jardim desde que as sessões do Parlamento foram interrompidas.”

Em 3 de outubro, Churchill convidou Eden para almoçar no Savoy com seu grupo Liberdade e Paz. Muitos apoiadores do grupo eram influentes nos círculos trabalhistas e liberais, mas evidentemente “sempre tivemos também uma proporção de conservadores vivos”, escreveu um atrevido Churchill. Sem o apoio dos sindicatos, escreveu ele, “nosso programa de munições não pode ser executado corretamente. Esse aspecto tem uma importância pública real. Pode ser que no futuro os sindicalistas se desliguem dos partidos políticos”. Isso, acreditava Churchill, “representará um enorme ganho para nossa vida política”.

Em 4 de outubro, foi lançado um livro que reunia artigos de Churchill publicados em revistas, intitulado *Great Contemporaries*. O volume abarcava todo o período de sua vida e continha ensaios penetrantes e divertidos, sobre Rosebery, Balfour, Asquith, o ex-Kaiser entre outros. A pedido das Relações Exteriores, o ensaio sobre Hitler, originalmente publicado na revista *Strand*, era menos penetrante. Porém, nem o ensaio menos expressivo nem o artigo conciliador no *Evening Standard* marcaram qualquer mudança na atitude de Churchill; em 23 de outubro, escreveu a Londonderry, que insistia que ainda era possível conseguir uma amizade com a Alemanha: “Não podemos esperar que o povo britânico seja atraído pelas brutais intolerâncias do reinado nazista, mesmo que possam diluir-se com o tempo. Por outro lado, todos nós queremos viver em termos amigáveis com a Alemanha. Sabemos que os melhores alemães estão envergonhados com os excessos nazistas e com o paganismo em que se baseia.”

Churchill continuou:

Certamente não queremos manter uma política de inimizade em relação aos legítimos interesses da Alemanha, mas devemos estar prevenidos para o fato de que quando o governo alemão fala em amizade com a Inglaterra, o que quer dizer é que devemos devolver suas antigas colônias e deixá-lhes livres, no que nos diz respeito, no centro e no sul da Europa. Isso significa que eles devorariam a Áustria e a Tchecoslováquia como medida preliminar para a construção de um gigantesco bloco centro-europeu. Não seria seguramente do nosso interesse ser coniventes com tais políticas de agressão. Seria errado e cínico conseguir imunidade para nós à custa de países menores da Europa Central. Seria contrário ao sentido da opinião da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos facilitarmos o alastrar da tirania nazista a países que atualmente têm uma considerável liberdade democrática.

Para Churchill, segundo disse a Londonderry, a Alemanha parecia ter a intenção de manter uma política que a levará a “invadir seus vizinhos menores, assassiná-los e ficar com suas fazendas e casas”. Isso não era uma ideia que ele tinha “inventado para chamar a atenção”. Tudo o que a Alemanha precisava fazer para conseguir a boa vontade britânica era “não cometer crimes”. Churchill acrescentou: “Devemos ter a esperança de que esses ditadores desapareçam com o passar do tempo, como tantas outras criaturas horríveis.”

Em 12 de outubro, num jantar em Londres, Churchill expressou em particular sua preocupação com a generalizada falta de preparação da Força Aérea. Hankey, que estava presente, escreveu a Inskip: “De acordo com determinados pontos de vista que ouvi o sr. Winston Churchill declamar perante um grupo na Trinity House, creio que ele tem um conhecimento perspicaz da situação, mas me disse depois que não podia usar essa informação no Parlamento devido à perigosa situação mundial.”

Nesse mesmo dia, Churchill recebeu uma carta do comandante MacLean sobre a próxima visita à Grã-Bretanha de uma missão da aviação alemã, que seria chefiada pelo ministro da Aviação alemão, general Milch. MacLean enviou a Churchill as notas oficiais do que seria mostrado a Milch, com o comentário do marechal da Aviação Edgar Ludlow-Hewitt de que “devíamos ter vasculhado o país de modo a produzir um número suficiente de aviões para fazermos um show”. O ministro da Aviação decidiu permitir que a missão germânica inspecionasse no solo um exemplo de cada avião moderno; como nenhum estava completamente equipado com painéis para voo cego ou com torres de tiro, estavam sendo feitos preparativos pelo ministro da Aviação para apresentar um exemplo de cada aeronave totalmente equipado e para treinar pilotos especiais para completarem uma única formação. MacLean anotou: “Esse é um comentário claro sobre o estado dos equipamentos e do treinamento!!!” Encorajado pelo aparente interesse de Hankey no jantar, Churchill enviou-lhe uma cópia da carta de MacLean, em que o descrevia como “oficial de alta patente da RAF”, mas sem o nomear. Indicando em sua carta a Hankey que o conteúdo era “segredo e pessoal”, Churchill escreveu:

Como uma pequena parcela dos alarmantes relatórios que recebi sobre o estado da RAF, envio-lhe esse anexo. É para sua informação pessoal e confio em sua amizade e em sua honra para que a origem não seja investigada. Mas veja os fatos! Convidamos a missão alemã — o porquê, não sei. Virão homens altamente competentes. Está sendo feito um esforço desesperado para apresentar uma farsa. Vai ser mostrada uma torre de tiro elétrica, como se fosse o tipo de coisa que fazemos regularmente. Devemos mostrá-la?

A carta de Churchill prosseguia:

Será preciso enviar um telegrama para conseguir que um dos poucos homens familiarizados com essa torre faça uma demonstração e checar quais são os sentimentos de alguns oficiais de alta patente envolvidos. Você verá que, pelo testemunho do comandante-chefe do Comando de Bombardeiros (documento C marcado em vermelho), Ludlow-Hewitt, ele foi obrigado a assumir a tarefa de organizar um espetáculo e que enorme esforço é necessário para pôr um pouco mais de cem bombardeiros no ar — dos quais a grande maioria (como os alemães facilmente verão) mal consegue atingir a costa da Alemanha se estiver carregada de bombas.

Ao apelar a Hankey para que agisse, Churchill escreveu:

Lembro-me do papel essencial que você desempenhou ao salvar o país com um sistema de escolta e de como, quando jovens oficiais o procuraram e disseram a verdade, contra as normas dos serviços, você viu que a semente não tinha caído em terreno infértil. Se eu pudesse, revelaria o

chocante estado do que se passa na Força Aérea e ninguém ficaria mais satisfeito do que eu em ser categoricamente refutado. Você tem uma grande responsabilidade — talvez a maior — e deixo agora o assunto em suas mãos.

Churchill terminou a carta da seguinte forma: “Por favor, envie-me essa documentação quando já não necessitar dela, pois estou muito inclinado a apresentar um memorando ao primeiro-ministro sobre toda a situação. Obviamente, não pode ser conhecida pelo público.”

Hankey já preocupara-se com deficiências no programa de rearmamento havia algum tempo, mas estava muito zangado por terem sido fornecidas informações secretas a Churchill. Sua resposta foi uma censura de oito páginas; não investigaria “nessa altura” a origem das informações de Churchill, escreveu ele, mas não podia esconder que “estou muito preocupado com seu contato com tantas informações confidenciais desse tipo”. Hankey acrescentou:

Somos velhos amigos que agimos juntos em circunstâncias de grandes perigos e dificuldades. Sempre estimei sua amizade. Os elogios frequentes, vindos de alguém por quem tenho uma imensa admiração, foram, e continuam a ser, um tremendo encorajamento, em especial nos perigosos tempos que atravessamos. Por isso, sinto que posso ser totalmente franco nesse assunto. Fico muito chocado que oficiais de alta patente em forças disciplinadas estejam em contato direto com um destacado homem de Estado que, mesmo notoriamente patriota acima de qualquer crítica, é, na opinião popular, visto como um crítico dos departamentos em que esses oficiais servem.

“Informações clandestinas podem apenas alimentar desconfianças e têm ‘um efeito desintegrador na disciplina dos serviços’”, disse Hankey. Ele também aconselhou Churchill a dar aos seus informantes um “conselho amigável”, no interesse, primeiro, do serviço e depois de suas próprias “carreiras e reputações”, que deveriam falar, não a ele, mas “aos comandantes” ou a um “amigo” do Departamento da Aviação.

Irritado com a repreensão de Hankey, a resposta de Churchill foi áspera: “Meu caro Maurice, não esperava, com efeito, receber uma longa reprimenda quando lhe dei a conhecer, de modo estritamente confidencial, informação de interesse público. Agradeço-lhe por ter devolvido os documentos e pode ter certeza de que nunca mais o incomodarei com esses assuntos. Com os melhores cumprimentos, Winston S. Churchill.”

Churchill enviou sua resposta a Hankey em 21 de outubro. Nove dias antes, um documento secreto, de que ele não tinha conhecimento, mencionara o pânico e os conflitos nos círculos governamentais acerca da falta de preparação da Força Aérea britânica. O documento, um memorando oriundo do Estado-Maior da Força Aérea que Swinton divulgou no Gabinete, dizia que a Alemanha teria em dezembro de 1939 um total de forças de primeira linha de 3.240 contra um total britânico de apenas 1.736. Swinton afirmou ainda que a artilharia e os holofotes da defesa antiaérea britânica “não estarão prontos à escala aprovada antes de 1941”. Ainda de acordo com a Subcomissão de Defesa Metropolitana, mesmo a escala aprovada não proporcionaria “segurança suficiente”. O memorando de Swinton concluía:

É portanto claro que, além de estarmos numa posição de grave inferioridade em relação à Alemanha em poderio aéreo efetivo, a concretização do atual programa não proporcionará um remédio adequado, e ainda não teremos conseguido em 1939 uma igualdade em poder de ataque aéreo com a Alemanha, que é a política do governo de Sua Majestade e compromisso do sr. Baldwin com o país.

Informado de que a Grã-Bretanha não conseguiria acompanhar a Alemanha na corrida aérea, Churchill concentrou sua energia na necessidade de formar uma frente unida contra o nazismo. Por intermédio dos almoços da Liberdade e Paz, alargou a gama de seus contatos no movimento trabalhista e entre seus parceiros conservadores. Em 2 de novembro, reuniu no Hotel Savoy o ministro das Relações Exteriores, Anthony Eden, e o presidente socialista da Câmara de Manchester, Joseph Toole. “Temos um pequeno ‘foco’ que pretende juntar esforços de todos os partidos, em especial os partidos da ‘esquerda’, para o rearmamento britânico, para uma associação das duas democracias ocidentais (França e Grã-Bretanha) e para a manutenção da paz por meio do poder britânico”, explicou Churchill a lorde Derby, um antigo adversário que concordara em estar presente.

Numa carta a lorde Linlithgow, em 3 de novembro, Churchill escreveu amargamente: “Os anos mortíferos para nossa política foram 1934 e 1935, anos perdidos. Suponho que sofreremos as consequências num futuro próximo.” Porém, ele não pretendia entregar-se ao desespero e disse a Linlithgow: “Nosso povo está unido e saudável. O espírito da Grã-Bretanha está revivendo. Os trabalhadores estão prontos para defender a causa da liberdade com sua própria vida. Os Estados Unidos enviam-nos sinais de encorajamento para o que for necessário. Todos devemos lutar tão bem quanto soubermos, cada um em seu posto, grande ou pequeno.”

“Evidentemente, o meu ideal é estreito e limitado”, disse Churchill a Linlithgow. “Quero ver o poder e o esplendor do império britânico preservados durante mais algumas gerações.” Ele acrescentou: “Só o mais prodigioso esforço do gênio britânico conseguirá tal resultado.”

No final de novembro, lorde Halifax visitou Hitler; sua visita marcou um ponto de virada na política governamental e de apaziguamento ativo. Ao apresentar seu relatório ao Gabinete em 24 de novembro, Halifax disse que “tinha encontrado amizade e um desejo de bom relacionamento”, mas admitiu que esse julgamento podia estar errado. Os alemães, acrescentou, “não têm uma política imediata de ação”, e tudo ficaria bem na Tchecoslováquia se ela tratasse “bem os alemães que vivem no interior de suas fronteiras”. Em conclusão, Halifax disse aos seus colegas que esperava “uma persistência de castor” por parte da Alemanha “em levar em frente seus desígnios na Europa Central, mas não de forma a dar-nos pretextos — ou provavelmente oportunidades — para interferirmos”. Halifax disse também que Hitler “sugeriu um progresso no caminho do desarmamento” e “criticou veementemente a difundida convicção de uma catástrofe iminente e de que o mundo estava em perigo”.

Chamberlain apoiou Halifax, dizendo ao Gabinete que, em relação à Liga das Nações, tinha “a mesma opinião que Herr Hitler. No momento, é uma vergonha, em particular devido à ideia de que pode impor seus pontos de vista pela força”.

Preocupado com a deterioração da relação de forças, Churchill disse ao general Ironside, que se deslocou a Chartwell em 5 de dezembro para vê-lo, que enquanto o exército francês era uma “incomparável máquina neste momento” e que assim se manteria até 1938 e 1939, “o contingente anual na Alemanha será o dobro da capacidade francesa” em 1940. Churchill e Ironside concordaram que 1940 seria “um momento muito ruim para nós”.

Ironsides tinha impressionado Churchill. “Se entrarmos numa crise, ele deve ser o ministro dos Abastecimentos”, escreveu em seu diário.

Sua energia e sua mente brilhante não diminuíram com a idade. Seguramente não se deixa abater pelas dificuldades. Diz que nossos governantes começam agora a sentir medo e que por vezes não consegue dormir à noite pensando nos perigos e em como esse maravilhoso império, que foi construído tão devagar e de modo tão seguro, pode ser dissipado num minuto.

A visita de Halifax a Hitler foi discutida na Câmara dos Comuns em 21 de dezembro, quando Chamberlain expressou seu desgosto com o debate. “É tão difícil dizer alguma coisa boa e tão fácil dizer muitas coisas que podem ferir”, disse ele. Durante o debate, Churchill falou sobre a perseguição aos judeus na Alemanha. “É uma coisa horrível ver uma raça ser ameaçada de ser escorraçada da sociedade em que nasceu”, disse ele, expressando também inquietação com a visita de Halifax a Berlim:

Devemos recordar quão perigosa é a situação na Europa. Se pensarem que estamos fazendo acordos em nosso benefício à custa de pequenas nações e de conceitos que são valiosos não só a muitas nações, mas também a milhões de pessoas em todas as nações, uma onda de desespero correria em muitas partes da Europa. Por isso a viagem de lorde Halifax causou generalizada comoção, como todos vimos, nos países com os quais não temos compromissos além da Liga das Nações.

Churchill disse à Câmara que seria um erro se qualquer nação desistisse “de um pedaço de território para manter a chaleira nazista a ferver” e continuou reiterando seu tema de relações estreitas com a França como pedra angular da segurança britânica. “As relações baseiam-se no poderio do exército francês e da armada britânica”, disse ele. A Grã-Bretanha e a França juntas, acreditava Churchill, “com suas ligações em nível mundial, apesar da demora em preparar-se no ar, constituem um corpo tão vasto e formidável que muito provavelmente ficarão em paz, em qualquer nível, durante bastante tempo”. Na parte final de seu discurso, Churchill argumentou que seria errado ignorar “as forças morais envolvidas” na opinião pública: “Há cinco anos peço a esta Câmara e ao governo que fabrique armamentos — armas, aviões, munições —, mas estou plenamente convencido de que os armamentos britânicos por si só nunca nos protegerão nos tempos pelos quais talvez tenhamos de passar.”

O governo de Chamberlain estava mantendo uma política diametralmente oposta à que Churchill defendia. Em 22 de dezembro, falando ao Gabinete, Inskip explicou os perigos inerentes a um aumento de despesas com a Defesa, insistindo em que era vital manter as facilidades de crédito britânicas e “a balança geral de comércio”. Vista “em sua verdadeira perspectiva”, a manutenção da estabilidade econômica britânica “pode acertadamente ser vista como um quarto elemento de defesa, a par dos três serviços da Defesa, sem o qual esforços puramente militares não teriam eficácia”. Outra razão para não incrementar as despesas com a Defesa era que a política externa de “longo prazo” tinha como objetivo “mudar a presente situação com nossos inimigos potenciais”. Longe de trabalhar com a França, como pretendia Churchill, isso envolvia planejamentos e despesas na base de “nenhum papel continental” por parte do Exército, cuja principal missão seria a defesa interna e do império. Além disso, escreveu Inskip, “a Alemanha garantiu a integridade do território belga e parece não haver razões para pensar que seria

do interesse alemão não honrar seus acordos”.

Chamberlain apoiou Inskip, dizendo não aceitar a ideia de que a paridade aérea com a Alemanha ainda era essencial, e explicou ao Gabinete que “nenhum compromisso dura eternamente”. O compromisso de Baldwin, após ter sido negligenciado durante muito tempo, havia sido oficial, mas secretamente, abandonado. Depois de Sir John Simon falar contra a atribuição de qualquer montante a uma “exagerada produção de reservas”, Halifax chegou à conclusão lógica, dizendo aos seus colegas que como resultado das discussões “era de grande importância conseguir melhorias nas relações com a Alemanha”.

Churchill tinha 63 anos. Em 2 de janeiro de 1938, deixou a Inglaterra para passar férias no Château de l’Horizon, de Maxine Elliot, onde ditou os últimos capítulos do quarto e último volume da biografia de Marlborough, trabalhando tanto, escreveu Violet Pearman a um amigo, que sequer tinha tempo para pintar. Estava muito cansado quando partiu para essa viagem, mas pareceu ganhar forças por intermédio do trabalho. “O sr. Churchill parece melhor”, escreveu a sra. Pearman a Lindemann. “Aproveita bem seus passeios sozinho e está muito satisfeito.”

Em seu regresso a Chartwell no início de fevereiro, Churchill encontrou informações que esperavam por ele acerca de problemas de treinamento no Comando de Bombardeiros; a informação vinha de MacLean, que ele convidou novamente a Chartwell para discutir o assunto em detalhes. O amigo de Wigram, Michael Creswell, que tinha passado dois anos e meio na embaixada em Berlim como terceiro-secretário, também lhe perguntou se podia recebê-lo para discutirem as mais recentes informações sobre o poderio do exército alemão.

No final de janeiro, o comandante Frank Don, que tinha passado três anos e meio em Berlim como adido da Aviação, havia enviado a Churchill, sem ter informado ao Ministério da Aviação, os últimos detalhes sobre os preparativos aéreos da Alemanha. O Gabinete também teve acesso a esses detalhes, mas rejeitou um novo esquema do Estado-Maior da Aviação, preparado por Swinton, que pretendia ir tão longe quanto as finanças de tempo de paz permitissem. Swinton avisou aos colegas que o esquema que tinha sido acordado, “para falar francamente, era inadequado *vis-à-vis* à Alemanha”.

Em 27 de janeiro, como primeira fase de um “apaziguamento geral” das tensões na Europa, Chamberlain propôs, na Comissão de Política Externa do Gabinete, “um capítulo inteiramente novo na história do desenvolvimento colonial da África”, em que a Alemanha “seria incluída no acordo, tornando-se uma das potências coloniais africanas”. Segundo o plano de Chamberlain, seriam dados a Hitler “alguns territórios para administrar” na África.

Chamberlain também esperava conseguir a amizade de Mussolini. Numa reunião do Gabinete em 16 de fevereiro, tornou-se claro que Eden, em sua insistência por uma atitude mais firme em relação à Itália, não tinha o apoio de Chamberlain. O desacordo, que era conhecido por muitos deputados, atingiu o clímax em 17 de fevereiro numa reunião de deputados da Comissão das Relações Exteriores, a que Churchill esteve presente, e onde afirmou seu apoio a Eden. Eden mais tarde escreveu que Churchill tinha incitado a comissão a “juntar-se a mim neste momento difícil” e dito aos seus colegas deputados que “se formos fracos agora, o risco de guerra será inevitavelmente maior no futuro”.

Para não ser desviado de sua tentativa de amizade com a Itália, Chamberlain decidiu iniciar negociações com Mussolini. Isolado no Gabinete, Eden demitiu-se. Churchill estava em Chartwell, conversando com o comandante Don, quando chegou a notícia da demissão de Eden. “Devo confessar que meu coração afundou um pouco e que, durante algum tempo, as águas negras do desespero inundaram-me”, escreveu Churchill mais tarde. Eden, que ele receara ser um peso-pluma, era então o “único

personagem jovem e forte que se mantinha erguido contra lentas e vagarosas ondas de deriva e rendição, de cálculos errados e de impulsos fracos”. Nessa noite, Churchill não conseguiu dormir: “Da meia-noite até a madrugada, estive estendido na cama, consumido pela tristeza e pelo medo. Vi a luz da manhã surgir lentamente através das janelas e vi diante de mim, numa contemplação mental, a visão da morte.”

Hankey sentiu o contrário e disse a um amigo que tinha acordado nessa manhã “com um estranho sentimento de alívio” e que Chamberlain estava “determinado a implementar relações com a Itália e, se possível, com a Alemanha”. Durante o debate sobre a renúncia de Eden, em 21 de fevereiro, Churchill falou sobre o apaziguamento da Itália e das ações de Hitler em 16 de fevereiro, que havia obrigado o governo austríaco a nomear para o Ministério do Interior um nazista austríaco. “Essa foi uma boa semana para os ditadores”, disse ele.

É uma das melhores que já tiveram. O ditador alemão colocou sua pesada mão num pequeno mas histórico país e o ditador italiano levou a uma vitoriosa conclusão sua *vendetta* contra meu distinto amigo, ex-ministro das Relações Exteriores. O conflito entre o ditador italiano e meu distinto amigo foi longo. No entanto, não há dúvida sobre quem ganhou. O *signor* Mussolini ganhou. A majestade, o domínio e o poder do império britânico não foram uma proteção para meu distinto amigo. O *signor* Mussolini o pegou.

Churchill disse à Câmara que Chamberlain tinha agido “na esperança de que, por meio de atos de submissão importantes e de grande alcance, não só em sentimento e em orgulho, mas também em assuntos materiais, a paz fosse preservada”. Ele continuou, perguntando: “Que preço teremos de pagar por isso? Ninguém pode calcular. Os pequenos países da Europa desejarão mudar para o lado do poder e da resolução.” Suas palavras de conclusão provocaram um calafrio em muitos ouvintes: “Prevejo que virá o dia em que, num ponto ou em outro, precisaremos tomar uma atitude, e peço a Deus que, quando esse dia chegar, não tenhamos de tomar essa atitude sozinhos devido a uma política imprudente.”

O jornal *Yorkshire Post* informou que Churchill tinha dado voz, “como já fez em várias ocasiões, a sentimentos de ansiedade e de perplexidade difundidos pelo país”. O *Evening Standard*, no entanto, não só se opunha ao apelo por uma ação coletiva para dissuadir a Alemanha de perpetrar uma agressão como cancelou o contrato de Churchill para os artigos quinzenais. O *Daily Telegraph*, jornal que se opunha à política de apaziguamento do governo, de propriedade de um amigo de Churchill, lorde Camrose, concordou em publicar os artigos quinzenais de Churchill.

Em 26 de fevereiro, Chamberlain pediu que Halifax sucedesse a Eden como ministro das Relações Exteriores. Hitler continuava a pressionar a Áustria para que se tornasse parte do Reich alemão. Em resposta a essa pressão, o primeiro-ministro austríaco, Kurt von Schuschnigg, convocou um plebiscito; seria perguntado aos austríacos se eram a favor ou contra a preservação de sua independência. Na tarde de 11 de março, Halifax telegrafou a Schuschnigg dizendo que a Grã-Bretanha não podia “tomar a responsabilidade” de aconselhá-lo a empreender uma ação “que pode expor seu país a perigos contra os quais o governo de Sua Majestade não pode garantir proteção”. Nessa mesma tarde, após Mussolini anunciar que não faria nada para preservar a independência da Áustria, Schuschnigg demitiu-se. Às 22h, tropas alemãs invadiram a Áustria. Num período de 24 horas, milhares de pessoas hostis ao novo regime nazista foram presas e enviadas para campos de concentração. Centenas foram mortas a tiros. Dezenas de milhares de liberais, democratas, socialistas e judeus conseguiram fugir.

Durante o debate sobre a Áustria na Câmara dos Comuns em 14 de março, Chamberlain prometeu uma “revisão” dos programas de defesa britânicos. Churchill ficou satisfeito com essa promessa, mas avisou que se a ação fosse muito adiada poderiam chegar a um ponto em que conseguir “uma resistência continuada e uma verdadeira segurança coletiva será impossível”. Ele continuou:

A gravidade dos acontecimentos de 11 de março não pode ser desmentida. A Europa está confrontada com um programa de agressão, cuidadosamente calculado e planejado, executado passo a passo, e existem apenas duas alternativas, não só para nós, mas para outros países que estão infelizmente envolvidos: sermos submetidos, como a Áustria, ou tomarmos medidas efetivas enquanto há tempo para evitar o perigo ou, não podendo ser evitado, enfrentá-lo.

Churchill falou depois sobre a Tchecoslováquia, país que provavelmente seria o próximo ameaçado e que manufaturava as munições de que tanto a Romênia quanto a Iugoslávia dependiam para sua defesa. O país havia sido isolado política e economicamente como resultado da anexação da Áustria por Hitler. Rodeada por três lados pela Alemanha, suas comunicações e seu comércio estavam ameaçados. “Para os ouvidos ingleses, o nome Tchecoslováquia é um tanto estranho”, disse Churchill.

Não há dúvida de que é apenas um pequeno Estado democrático, não há dúvida de que têm um exército três vezes menor que o nosso, não há dúvida de que têm um abastecimento de munições três vezes menor que o italiano, mas continua a ser um povo viril, que tem seus direitos segundo o tratado, que tem uma linha de fortalezas e que tem manifestado energicamente sua vontade de viver em liberdade.

Churchill temia que a promessa feita por Chamberlain sobre acelerar o rearmamento não seria, por si só, suficiente para preservar a paz. Os pequenos estados da Europa precisavam juntar-se num sistema de defesa coletivo e sentir que podem confiar na palavra da Grã-Bretanha. Ele continuou, dirigindo-se às bancadas conservadoras: “Sei que alguns dos meus honoráveis amigos deste lado da Câmara rirão quando eu propuser este conselho, mas digo-lhes que riam, mas ouçam. Afirmo que o governo deverá reiterar nos termos mais fortes nossa aderência à Liga das Nações e nossa firme intenção de instaurar, por meio de uma ação internacional, o reinado da lei na Europa.”

Churchill defendeu um “solene tratado para defesa mútua contra agressões”, organizado pela Grã-Bretanha e pela França, “que pode ser chamado de Grande Aliança”. Ele explicou: “Se tiver uma estratégia organizada, se enquadrar-se, como pode honrosamente enquadrar-se, na Liga das Nações e na prossecução de todos os seus propósitos e ideais, se for apoiado, como deverá ser, pelo sentido moral do mundo, e se for constituído no ano de 1938 — e, acreditem, pode ser a última chance de fazê-lo —, então digo que ainda poderemos deter a guerra que se aproxima.” Churchill continuou: “Antes de recusarmos essa esperança, essa causa e esse plano, que afirmo sem disfarces ter um elemento de risco, deixemos aqueles que pretendem rejeitá-lo ponderarem bem e com seriedade sobre o que nos sucederá se, quando todo o resto tiver sido lançado aos lobos, formos obrigados a enfrentar nosso destino sozinhos.”

“Winston fez o discurso de sua vida em favor da Liga”, anotou Harold Nicolson em seu diário nessa noite. Em 15 de março, o *Star* declarou em seu artigo principal: “Estamos agradecidos por um homem ter falado no Parlamento e ter feito um discurso de uma hora.” Contudo, no preciso momento da anexação da

Áustria pela Alemanha, o governo abandonou publicamente o compromisso de paridade em meios aéreos de Baldwin. Sobre a promessa de ter 1.500 aviões de primeira linha em março de 1937, Inskip disse na Câmara dos Comuns: “Essa promessa não foi acompanhada por outra promessa de que seriam aviões modernos. É bem conhecido de todos que seriam, em sua grande maioria, obsoletos.”

Inskip revelou também a decisão do Gabinete sobre não definir como paridade uma igualdade nas forças de primeira linha, dizendo à Câmara: “Creio que o primeiro-ministro está apenas fazendo o que a maior parte dos homens de senso comum teria feito ao dizer que se tentarmos conseguir forças de primeira linha como marco na determinação de paridade, procederemos numa base enganadora.” Chocado com essa nova definição, Churchill recordou que três anos e meio antes o governo tinha baseado a promessa de paridade num cálculo da força britânica de primeira linha e acrescentou:

Creio ser muito insatisfatório que agora, tendo isso sido deliberadamente adotado como padrão pelo governo, sejamos convidados a adotar um padrão inteiramente novo e vago. Estou absolutamente certo de que não deveríamos ser convidados a aceitar um novo, a não ser que se tenha tornado impossível ao governo mostrar que manteve seu compromisso num padrão que anteriormente prescreveu à Câmara.

Em 18 de março, em seu artigo final no *Evening Standard*, Churchill pressionou o governo a se juntar à recente declaração francesa de que ajudaria a Tchecoslováquia se fosse vítima de uma agressão não provocada. Contudo, o governo britânico tinha planos diferentes; nesse dia, na Comissão de Política Externa do Gabinete, Inskip descreveu a Tchecoslováquia como “uma unidade instável na Europa Central” e disse aos seus colegas que não via razões para que a Grã-Bretanha tomasse “quaisquer medidas para manter essa unidade”. Ao comentar a declaração francesa de defender a integridade da Tchecoslováquia, Chamberlain interrogou-se, segundo as minutas, “se não seria possível um acordo que fosse mais aceitável para a Alemanha”.

Seria pedido à Tchecoslováquia que fizesse algumas concessões territoriais à Alemanha, entregando a região montanhosa dos Sudetos, uma área fronteiriça de língua alemã. Porém, essas montanhas constituíam uma linha de defesa da Tchecoslováquia e continham muitas de suas matérias-primas e riqueza industrial.

Apesar das profundas divisões políticas que opunham Churchill e Chamberlain, havia quem achasse que deveria ser atribuído a Churchill um cargo no governo. Dizia-se que poderia ser ministro da Aviação. Entre aqueles que viam com bons olhos essa nomeação, estava Thomas Jones, ex-secretário auxiliar do Gabinete, que em 20 de março escreveu a um amigo dizendo que “sua capacidade de dirigir em breve seria sentida em todo o departamento, até as datilógrafas e os mensageiros”. Porém, na “política”, acrescentou Jones, “ele teria de ser mantido acorrentado”.

Chamberlain não tinha qualquer intenção de atribuir um cargo a Churchill. Tanto ele quanto Halifax rejeitavam a opinião de Churchill sobre a formação de uma grande aliança. Em 12 de março, Halifax disse à Comissão do Gabinete para as Relações Exteriores que “a grande maioria das pessoas responsáveis no país se oporia a quaisquer novos compromissos”. Chamberlain chegara à mesma conclusão, mas, com Hitler agora como senhor da Áustria e iniciando uma barragem de propaganda contra os tchecos, Churchill estava convencido de que a paz na Europa só poderia ser preservada, conforme disse na Câmara dos Comuns em 24 de março, por meio de uma “acumulação de fatores dissuasores contra o agressor”. Ao comentar uma declaração anterior de Chamberlain no debate, que

dissera que a França e a Grã-Bretanha deveriam trabalhar em conjunto para sua mútua defesa, perguntou se isso seria uma aliança. Se sim, por que não dizer? “Por que não torná-la efetiva por meio de uma convenção militar pormenorizada? Será que mais uma vez ficaremos com as desvantagens de uma aliança e sem suas vantagens e assumiremos um compromisso sem total segurança?”

Churchill acreditava que um acordo anglo-francês para defesa mútua constituiria “uma enorme segurança” tanto para a Grã-Bretanha quanto para a França e exortou o governo:

Tratar os problemas de defesa dos dois países como se fossem apenas um. Então, sim, teremos uma verdadeira capacidade de dissuasão contra agressões não provocadas, e, se o poder de dissuasão não for suficiente, teremos um método altamente organizado de lidar com o agressor. Os atuais governantes da Alemanha hesitarão longamente antes de atacarem o império britânico e a república francesa se juntarem vontades numa unidade poderosa com propósitos de defesa.

Churchill falou depois sobre a Tchecoslováquia. Para ele, a menos que a pressão germânica fosse contrariada, “a Tchecoslováquia será obrigada a fazer rendições contínuas, muito além dos limites do que qualquer tribunal imparcial possa considerar justo ou correto, até finalmente sua soberania, sua independência e sua integridade terem sido destruídas”. Ele disse ainda que “agora os vitoriosos são os derrotados, e aqueles que abandonaram suas armas no campo de batalha e suplicaram um armistício caminham a passos largos para um domínio mundial”.

Halifax discordava; uma semana antes, tinha dito aos seus colegas do Gabinete que “distingua os esforços raciais germânicos, que ninguém podia questionar, e a ânsia de conquista numa escala napoleônica, à qual ele não dava crédito”.

No dia seguinte ao seu discurso, Churchill foi a Paris, onde, para desgosto de Halifax, afirmou, de acordo com os principais políticos franceses com quem se encontrou, a necessidade de uma forte aliança entre os dois países, que servisse como exemplo aos países da Europa Central e dos Balcãs. “Se a França quebrar, tudo quebrará, e o domínio nazista da Europa, e potencialmente de grande parte do mundo, será provavelmente inevitável”, escreveu em 4 de abril, no primeiro de seus artigos publicados pelo *Daily Telegraph*. Um mês depois, em Morpeth Mansions, Churchill encontrou-se com Konrad Henlein, líder dos alemães nos Sudetos. Henlein disse a Churchill que estava preparado para aceitar a autonomia dos alemães nos Sudetos dentro das fronteiras tchecoslovacas existentes. Isso significava que a integridade territorial da Tchecoslováquia seria preservada. Ao falar em Bristol, três dias depois, Churchill disse que não via razões para que os alemães residentes dos Sudetos não se tornassem parceiros honrados e de confiança no que, afinal de contas, era o mais progressivo e democrático dos novos Estados da Europa.

Nesse mês de maio, apesar das contínuas pressões de Swinton e do apoio de Duff Cooper, o Gabinete desistiu de um esquema de expansão acelerada do Ministério da Aviação, um esquema, avisou Swinton, que estava abaixo do que o Estado-Maior da Força Aérea considerava como segurança mínima. Em 16 de maio, não tendo conseguido convencer Chamberlain a adotar o esquema aéreo mínimo e incomodado com as críticas de incompetência ao Ministério da Aviação, Swinton demitiu-se. Dois dias depois, Churchill disse a uma audiência em Sheffield:

Agora se admite que há uma lamentável inadequação na mais vital de todas as esferas, as nossas defesas aéreas. O ministro da Aviação, lorde Swinton, foi obrigado a demitir-se, mas quero

dizer que, na minha opinião, ele é, de todos os responsáveis, o que menos deve ser censurado. Trabalhou noite e dia e conseguiu muito. Sua contribuição para o rearmamento foi muito maior do que a ajuda de muitos outros que agora estão em altos cargos do Estado.

Em 19 de agosto, Churchill recebeu em Chartwell um oficial do exército alemão, o major Ewald von Kleist, que fazia parte de um grupo de oficiais antinazistas que se opunham a um ataque alemão à Tchecoslováquia. Von Kleist pediu a Churchill uma carta que pudesse mostrar aos seus companheiros. “Tenho certeza de que a travessia da fronteira da Tchecoslováquia pelo exército ou pela aviação, em força, significará a possibilidade de uma guerra mundial”, escreveu Churchill. “Tenho tanta certeza quanto tive no final de julho de 1914 de que a Grã-Bretanha marcharia ao lado da França, e *agora* é certo que os Estados Unidos são fortemente antinazistas. Essa guerra, se começar, conduzirá, como a última, a um final muito amargo, e não devemos considerar o que suceder nos primeiros meses, mas onde estaremos no final do terceiro ou quarto ano.”

Quanto à possibilidade de bombardeios aéreos, que quatro anos antes tinha influenciado Baldwin contra o rearmamento britânico, Churchill disse a Kleist:

Seria um grande erro imaginar que uma chacina da população civil provocada por ataques aéreos impedirá o império britânico de desenvolver todo o seu poderio de guerra. Evidentemente, sofreríamos mais do que sofremos da última vez, mas os submarinos são manobrados por métodos científicos, e teremos a liberdade dos mares e o apoio da maior parte do mundo. Quanto pior for a chacina aérea no início, mais implacável será a guerra. É evidente que todas as grandes nações que se envolverem na luta serão obrigadas a lutar até a vitória ou até a morte.

Durante o verão de 1938, Churchill trabalhou em Chartwell para terminar o quarto e último volume da biografia de Marlborough, completando também o primeiro capítulo de sua *História dos povos de língua inglesa*. Ele escreveu a lorde Halifax em 20 de agosto, dizendo que estava “terrivelmente concentrado nos antigos bretões, romanos, anglos, saxões e jutos, de quem eu pensava ter escapado para sempre quando saí da escola!”.

Uma semana depois, enquanto prosseguiam as negociações entre os tchecos e os alemães dos Sudetos, Chamberlain escreveu a Churchill: “As últimas informações vindas de Praga são bastante encorajadoras.” Churchill não partilhava do otimismo de Chamberlain. “As histórias fabricadas de uma ação marxista na Tchecoslováquia e as ordens para que os alemães dos Sudetos se armem e se defendam são sinais inquietantes, similares àqueles que precederam a tomada da Áustria”, disse ele aos seus eleitores em 27 de agosto. Para Churchill, Henlein e o presidente tcheco, Eduard Benes, poderiam resolver suas diferenças sem qualquer transferência de território para a Alemanha. Um negociador britânico, antigo colega liberal de Churchill, lorde Runciman, ainda estava em Praga, tentando conseguir que as duas partes chegassem a um acordo. No entanto, era possível, avisou Churchill, que “forças externas, mais numerosas e com mais impetuosas ambições, possam impedir que o acordo se realize”. Se isso acontecer, se os alemães invadirem a Tchecoslováquia, será “um ultraje à civilização e à liberdade de todo o mundo”. Todos os países perguntarão: “Quem será o próximo?”

Em 30 de agosto, Halifax informou ao Gabinete que tinha discutido a situação tcheca com Churchill, que mencionara “a possibilidade de enviar uma nota conjunta de várias potências a Berlim”. Halifax criticou essa política conjunta, avisando aos seus colegas que “se convidássemos alguns países a

assinarem uma nota conjunta, provavelmente fariam perguntas embaraçosas sobre qual seria nossa atitude caso a Alemanha invada a Tchecoslováquia”. Chamberlain apoiou Halifax, dizendo ao Gabinete que “uma declaração imediata ou uma ameaça pode muito bem resultar em desunião neste país e no império”. Para ele, a guerra não era uma possibilidade “que os ministros da Defesa encaram com grande confiança”.

Inskip disse então ao Gabinete: “Sobre nossa preparação para ir para a guerra, temos a consciência de que este país nunca estará preparado, considerando sua posição vulnerável.” A Grã-Bretanha ainda não tinha atingido “a preparação máxima e não a atingirá dentro de um ano ou mais” e não poderia pôr um exército em ação até “muitos meses depois do início da guerra”.

O quarto volume do livro de Churchill, *Marlborough: His Life and Times*, foi publicado em 2 de setembro. Nesse mesmo dia, a Alemanha mobilizou-se após a declaração de Hitler de que os alemães dos Sudetos tinham de ser protegidos dos seus dirigentes tchecos. Churchill escreveu ao jornalista Richard Freund: “Tenho um sentimento profundo de que um veto da França, da Grã-Bretanha e da Rússia seguramente evitará o desastre da guerra.” Nessa tarde, o embaixador soviético, Ivan Maisky, foi a Chartwell e disse a Churchill que o governo soviético pretendia invocar o artigo II do tratado da Liga das Nações, segundo o qual as potências do grupo eram obrigadas a fazer consultas mútuas se houvesse uma guerra iminente.

Segundo Maisky, a União Soviética estava ansiosa por estudar com a Grã-Bretanha e a com França meios de defender a Tchecoslováquia contra um ataque alemão. Em 3 de setembro, Churchill enviou a Halifax um relato de sua conversa, mas, na resposta que deu dois dias depois, Halifax pôs em dúvida a utilidade de desencadear uma ação ao abrigo do artigo II. Apesar do encorajamento de Churchill, o governo não pretendia envolver-se em uma ação com a Rússia.

Em 7 de setembro, para espanto e fúria de Churchill, o *Times* expressou seu apoio à separação da região dos Sudetos em relação à Tchecoslováquia. Dois dias depois, enquanto as tropas alemãs se concentravam na fronteira tcheca, Chamberlain decidiu entabular negociações com Hitler e excluir os tchecos. Sem saber o que se passava, Churchill foi nesse dia à Downing Street “para exigir um ultimato imediato a Hitler”, recordou Hoare mais tarde. “Estava convencido de que era nossa última chance de evitar uma derrocada, e, segundo informações que possuía, totalmente contrárias às nossas, tanto os franceses quanto os russos estavam preparados para uma ofensiva contra a Alemanha.”

Nessa noite, Churchill telefonou a Halifax para reiterar seu pedido por um ultimato, sem saber que Halifax, nessa mesma noite, tinha avisado o governo francês que a Grã-Bretanha não pretendia “entrar automaticamente em guerra com a Alemanha por conta de obrigações francesas que a Grã-Bretanha não partilha e que desagradam a uma larga parte da opinião pública deste país”. Churchill queria que o pacto franco-russo fosse a pedra angular de uma ação tripartida. Halifax estava determinado a separar a Grã-Bretanha dessa ação.

Em 11 de setembro, Churchill voltou à Downing Street e disse a Chamberlain e a Halifax que a Grã-Bretanha devia informar a Alemanha que “se entrasse na Tchecoslováquia, entraríamos imediatamente em guerra contra ela”. Estava convencido de que essa declaração dissuadiria Hitler de sua ação. Halifax e Chamberlain discordaram. De acordo com o artigo principal do *Times* quatro dias antes, estavam preparados para aceitar um plebiscito sobre a região dos Sudetos, acreditando que, se a maioria quisesse, deveriam ser autorizados a se separarem da Tchecoslováquia. Ao retornar a Morpeth Mansions, Churchill escreveu a lorde Moyne: “Devido à negligência de nossas defesas e à má gestão do problema germânico nos últimos cinco anos, parece estarmos muito perto de uma triste escolha entre guerra e

vergonha. É minha convicção que escolheremos vergonha, e só mais tarde guerra, e em termos ainda mais adversos do que temos agora.”

Chamberlain estava convencido de que a guerra podia ser evitada se o governo tcheco aceitasse a perda da região dos Sudetos. Em 15 de setembro, foi visitar Hitler em seu retiro em Berchtesgaden, nos Alpes bávaros, e disse-lhe que a princípio não tinha nada contra a separação da região dos Sudetos em relação à Tchecoslováquia e que apoiaria um plebiscito para apurar a opinião dos habitantes. “Como receio que o governo permitirá que a Tchecoslováquia seja despedaçada, parece que atravessaremos tempos muito difíceis”, escreveu Churchill a A. H. Richards em 17 de setembro, após o regresso de Chamberlain.

Nessa manhã, sem que Churchill soubesse, Chamberlain disse ao Gabinete que não queria nem publicidade nem qualquer debate sobre o fato de que nos últimos cinco dias os líderes dos Sudetos, que anteriormente pretendiam aceitar a autonomia, recebiam “ordens” de Berlim. “No Parlamento, tal discussão colocaria em perigo questões muito delicadas”, disse ele. Essas negociações não eram sobre o princípio da transferência, que Chamberlain tinha concedido em Berchtesgaden, mas sobre os detalhes de um plebiscito e o momento de transferência do território. Em 21 de setembro, no mais estrito sigilo, os governos inglês e francês insistiram com Benes para que concordasse em transferir a região dos Sudetos para a Alemanha. Se recusasse, criaria uma situação “pela qual a França e a Inglaterra não se responsabilizariam”.

Sem saber dessa mensagem, Churchill estava seguro de que a Inglaterra e a França apoiariam Benes numa resistência a uma invasão alemã. Nesse mesmo dia, pensou em enviar-lhe um telegrama que dissesse: “Dispare seu canhão e tudo se resolverá.” Acabou não enviando por sentir, conforme escreveu mais tarde, “que assumiria responsabilidades que não tinha o direito de querer nem poder para sustentar”.

Nessa noite, Churchill distribuiu uma declaração à imprensa, afirmando que o colapso da Tchecoslováquia colocaria a Inglaterra e a França numa situação ainda mais fraca e perigosa.

A mera neutralização da Tchecoslováquia significa a libertação de 25 divisões germânicas que ameaçarão a frente ocidental e ainda abrirá aos triunfantes nazistas um caminho para o mar Negro. Não apenas a Tchecoslováquia está ameaçada, mas também a liberdade e a democracia de todas as nações. A convicção de que é possível alcançar segurança atirando um pequeno Estado aos lobos é uma ilusão fatal. O potencial de guerra da Alemanha crescerá mais rapidamente do que será possível à França e à Grã-Bretanha completarem suas necessárias medidas de defesa.

Em 22 de setembro, Chamberlain foi a Bad Godesberg, no Reno, onde contou a Hitler sobre um plano anglo-francês, preparado em Londres, para um plebiscito seguido pela possível transferência da região dos Sudetos para a Alemanha. Foram dados a Churchill detalhes sobre o acordo nessa tarde, quando se deslocou à Downing Street. Então, ele convidou vários amigos a Morpeth Mansions, todos eles pares ou deputados, entre os quais lorde Lloyd, Archibald Sinclair, Brendan Bracken e Harold Nicolson, que receavam que a Tchecoslováquia seria abandonada. “Enquanto eu esperava pelo elevador, Winston desceu de um táxi”, anotou Nicolson em seu diário. “Subimos juntos. ‘Vamos ter um inferno’, falei. A isto, Winston respondeu: ‘É o fim do império britânico.’”

Durante o encontro em Morpeth Mansions, Clement Attlee telefonou para dizer que a oposição estava preparada, anotou Nicolson, “para acompanhar-nos se nós quiséssemos”. Nicolson acrescentou:

“Continuamos a conversar e chegamos a uma conclusão: ou Chamberlain regressava com uma paz honrosa ou a rompia. Em qualquer dos casos, temos de apoiá-lo. Porém, se regressasse com uma paz desonrosa, estaríamos contra ele.” “Nós formaremos o ponto de convergência”, disse Winston. Em Godesberg, Hitler exigiu a cessão imediata da região dos Sudetos. Chamberlain tentou argumentar a favor de um plebiscito prévio. No segundo dia desse encontro, acedeu às exigências de Hitler de que não haveria qualquer plebiscito em áreas com mais de cinquenta por cento de habitantes de língua alemã e concordou também com a transferência para a Alemanha de todas as fortificações tchecas e materiais de guerra na região.

Garantindo a Hitler que pressionaria o governo tcheco a aceitar esses termos, Chamberlain retornou à Inglaterra e disse aos membros seniores de seu Gabinete que “pensava ter estabelecido certo grau de influência pessoal sobre Herr Hitler” e que estava “satisfeito por Herr Hitler não voltar atrás com sua palavra”. Hitler garantira a Chamberlain que não queria “tchecos” no interior da Alemanha.

Em 26 de setembro, Churchill foi novamente à Downing Street para falar com Chamberlain e Halifax, pedindo uma declaração da Grã-Bretanha, da França e da Rússia de que Hitler não estava autorizado a invadir a Tchecoslováquia. Porém, Chamberlain ainda estava pressionando a Tchecoslováquia para que satisfizesse as exigências de Hitler; na manhã de 28 de setembro, Chamberlain telegrafou a Hitler, solicitando outro encontro.

Nessa tarde, Chamberlain divulgou o desenrolar da crise à Câmara dos Comuns; enquanto falava, foi-lhe entregue uma mensagem. Interrompeu o discurso para dizer que a mensagem vinha de Hitler, que o convidava para uma conferência a quatro, incluindo Alemanha, Itália, França e Grã-Bretanha, que se realizaria em Munique. Entre muita animação e aplausos, declarou que aceitaria o convite e que se deslocaria a Munique. Muitos deputados levantaram-se de seus lugares e agitaram suas ordens de trabalhos com entusiasmo. Churchill, Eden, Amery e Nicolson mantiveram-se sentados. Os deputados que estavam perto de Churchill, incentivaram-no: “Levante-se! Levante-se!” Então, quando Chamberlain se levantou para abandonar a Câmara, Churchill levantou-se para dar-lhe um aperto de mão e desejar boa sorte.

Chamberlain voltou à Alemanha em 29 de setembro, chegando a Munique à tarde. Imediatamente perguntou a Hitler se uma delegação tcheca que tinha chegado a Munique podia participar da discussão. Hitler recusou; em vez disso, os tchecos ficaram à espera numa sala à parte enquanto seu destino era decidido. Durante doze horas, Hitler, Chamberlain, Daladier e Mussolini discutiram os pormenores e as datas da transferência da região dos Sudetos. Pouco depois da meia-noite, a conclusão foi apresentada aos tchecos, a quem foi dada a possibilidade de a aceitarem ou a recusarem. Não haveria qualquer discussão dos termos.

A ocupação alemã das áreas em que predominava a língua alemã começaria no dia seguinte, sem plebiscito e sem demora. Onde era incerta uma maioria linguística, haveria um plebiscito. Nas áreas transferidas, a Alemanha tomaria todas as fortificações, armas e instalações industriais.

Nessa noite, antes que os detalhes do Acordo de Munique chegassem a Londres, Churchill estava no Hotel Savoy, jantando com o Other Club. Entre os presentes estava o primeiro-lorde do Almirantado, Duff Cooper. Os primeiros detalhes dos termos de Munique chegaram às primeiras horas da manhã. Mal tomou conhecimento das informações, Duff Cooper abandonou a sala, determinado a demitir-se do governo. Enquanto deixava o hotel, Churchill parou brevemente à porta de um dos restaurantes, de onde emergiam sons de risos e alegria. Depois, quando voltou, murmurou para um amigo: “Coitados! Mal sabem o que os espera!”

Três dias depois, a Câmara dos Comuns debateu o Acordo de Munique. Tendo se demitido do governo, Duff Cooper falou em primeiro lugar, dizendo à Câmara em seu discurso de demissão: “O

primeiro-ministro achou que devia dirigir-se a Herr Hitler com uma linguagem de doce razoabilidade. Eu acho que ele entende melhor a linguagem dos muros.” Chamberlain respondeu:

Desde que assumi o cargo que desempenho, meu principal propósito foi trabalhar para a pacificação da Europa por meio da remoção de suspeições e animosidades que há muito empesteiaram o ar. O caminho que conduz à conciliação é longo e cheio de obstáculos. A questão da Tchecoslováquia é a mais recente e talvez a mais perigosa. Agora que está ultrapassada, creio que é possível fazer progressos no caminho do bom senso.

Nem todos os deputados consideraram o Acordo de Munique um triunfo; o líder do Partido Trabalhista, Clement Attlee, descreveu-o como uma “humilhação” e uma “vitória da força bruta”. O líder liberal, Archibald Sinclair, disse que uma política “que impõe a injustiça a uma nação pequena e fraca e tirania a homens e mulheres livres jamais pode ser a base de uma paz duradoura”. Mais de trinta conservadores falaram contra o acordo, incluindo Eden, Amery e o filho de Bonar Law, Richard.

Quando Churchill se levantou para falar, em 5 de outubro, sabia que expressaria o mal-estar de muitos homens e mulheres. “Consumou-se”, começou ele. “Silenciosa, triste, abandonada e quebrada, a Tchecoslováquia mergulha na escuridão. Sofreu, em todos os aspectos, por ter se associado às democracias ocidentais e à Liga das Nações, da qual foi sempre uma obediente serva.” O Acordo de Munique foi “uma derrota total e absoluta”. Num período de tempo “que pode ser medido por anos, mas que também pode ser medido apenas por meses, a Tchecoslováquia será engolida pelo regime nazista”. Quando Hitler decidir “olhar para oeste”, a Grã-Bretanha e a França lamentarão amargamente a perda da linha de fortes da Tchecoslováquia. Muitas pessoas, “sem dúvida honestamente”, acreditaram que estavam apenas a “abandonar os interesses da Tchecoslováquia, mas eu receio que descobriremos que comprometemos profundamente e pusemos talvez em perigo fatal a segurança e até a independência da Grã-Bretanha e da França”.

Churchill recusou-se a aceitar o ponto de vista de que o Acordo de Munique era um triunfo para a diplomacia britânica ou de que abriria caminho, como pensava Chamberlain, para uma redução da tensão europeia e até para relações mais estreitas entre a Grã-Bretanha e a Alemanha. Com severidade, declarou:

Estamos em presença de um desastre da maior magnitude, que atingiu a Grã-Bretanha e a França. Não nos deixemos cegar. Temos de aceitar que todos os países do centro e do leste da Europa tentarão ter boas relações com o triunfante poder nazista. O sistema de alianças na Europa Central, no qual a França confiou para sua segurança, foi varrido, e não vejo como possa ser reconstituído. O caminho do Danúbio ao mar Negro, com seus recursos de trigo e petróleo, levando tão longe quanto a Turquia foi aberto.

Para Churchill, Hitler não precisaria disparar “um único tiro” para alargar seu poder até a bacia do Danúbio.

Verão, dia após dia, semana após semana, a inteira alienação dessas regiões. Muitos desses

países, com receio do crescimento do poder nazista, já têm políticos, ministros e governantes pró-Alemanha. Sempre houve um enorme movimento popular na Polônia, na Romênia, na Bulgária e na Iugoslávia que olhava para as democracias ocidentais e odiava a ideia de ser dominado por um governo arbitrário do sistema totalitário, com a esperança de que fosse tomada uma atitude, mas tudo isso acabou.

Falando daquilo que acreditava ser a deficiência fatal na política de pacificação, Churchill disse à Câmara:

O primeiro-ministro deseja que haja relações cordiais com a Alemanha. Não há qualquer dificuldade em ter relações cordiais com o povo alemão. Nossos corações estão com ele. Mas eles não têm poder. Podemos ter relações diplomáticas e corretas, mas nunca haverá amizade entre a democracia britânica e o poder nazista, esse poder que despreza a ética cristã, que se regozija com seu progresso por meio de um paganismo bárbaro, que exalta o espírito de agressão e conquista, que retira força e prazer perverso da perseguição, e que usa, como temos visto, com impiedosa brutalidade, a ameaça de uma força assassina. Esse poder nunca poderá ser um amigo fiel da democracia britânica. É intolerável que nosso país possa cair na órbita e na influência da Alemanha nazista e que nossa existência dependa de sua vontade e de seu prazer.

Para evitar isso, continuou Churchill, “fiz meu melhor para incitar a manutenção de todos os baluartes de defesa — em primeiro lugar, a criação em tempo útil de uma Força Aérea superior a qualquer outra que esteja a uma distância de ataque em relação às nossas costas; em segundo lugar, reunir a força coletiva de várias nações; em terceiro lugar, realizar alianças e convenções militares, todas dentro da Liga das Nações, de modo a juntar esforços a todos os níveis para restringir o avanço dessa potência. Tudo foi em vão. Todas as posições foram sucessivamente minadas e abandonadas com desculpas falaciosas e plausíveis”.

Nos cinco dias que se seguiram ao regresso de Chamberlain de sua viagem a Munique, houve grande regozijo público, algo que foi muito visível no entusiasmo das multidões que o receberam em seu retorno. Churchill encerrou seu discurso mencionando esse júbilo:

Não guardo ressentimentos ao nosso leal e bravo povo, sempre pronto a cumprir seu dever a qualquer custo, que nunca vacilou sob a tensão da semana passada — não guardo ressentimentos por sua explosão de alegria e alívio, natural e espontâneo, quando soube que por enquanto não teria de suportar uma provação, mas deve saber a verdade.

Deve saber que houve grandes negligências e deficiências em nossas defesas; deve saber que apoiamos uma derrota sem guerra e cujas consequências nos acompanharão ao longo do caminho; deve saber que ultrapassamos um horrível marco de nossa história quando todo o equilíbrio da Europa foi perturbado e foram pronunciadas terríveis palavras contra as democracias ocidentais: “Foram pesadas na balança e consideradas insuficientes.”

E não pensem que tudo terminou. Isso é apenas o início do ajuste de contas. É apenas o primeiro sorvo, o primeiro gosto de uma amarga taça que nos será oferecida ano a ano a menos que, por meio de uma suprema recuperação de saúde moral e de vigor marcial, consigamos erguer-

nos e saibamos lutar pela liberdade como nos velhos tempos.

Um ministro de Chamberlain, Malcolm MacDonald, recordou mais tarde que lhe transpiravam as palmas das mãos enquanto Churchill pronunciava essas palavras. No final do debate, quando foi feita a votação, trinta deputados conservadores abstiveram-se. Treze, incluindo Churchill, mantiveram-se desafiadoramente em seus lugares.

Triunfante com a anexação da região dos Sudetos, Hitler atacou publicamente Churchill, dizendo a uma audiência em Munique, no 15º aniversário de sua primeira tentativa de chegar ao poder: “O sr. Churchill pode ter um eleitorado de 15 ou 20 mil. Eu tenho um eleitorado de 40 milhões. De uma vez por todas, exigimos ser poupados da surra, como uma criança que apanha de uma babá.”

Churchill regressou a Chartwell, sentindo-se momentaneamente derrotado. A Paul Reynaud, que se demitira do cargo de ministro da Justiça francês como protesto pelo Acordo de Munique, escreveu: “O senhor foi infectado pela nossa fraqueza sem ter sido fortificado pela nossa força. Os políticos quebraram sucessivamente as forças de ambos os países.” Churchill continuou, fazendo-lhe perguntas: “Poderemos enfrentar o domínio nazista ou deveremos chegar a acordo com a Alemanha enquanto tentamos rearmar nossos países? Ou ainda é possível fazer um esforço comum?”

Churchill não tinha as respostas. “Já não sei no que me apoiar hoje em dia”, admitiu a Reynaud. Em 11 de outubro, escreveu a um amigo canadense: “Neste momento, estou muito angustiado e chocado com a situação. Até agora, as potências amantes da paz têm sido sem dúvida mais fortes do que os ditadores, mas devemos esperar uma situação diferente no ano que vem.”

3.

De Munique à guerra

A oposição de Churchill ao Acordo de Munique marcou sua total ruptura com o Escritório Central Conservador. Em 29 de outubro de 1938, escreveu a um leal apoiante do Partido Conservador, Sir Henry Page Croft:

Talvez seja possível lutar nas fileiras do Partido Conservador, mas as principais forças do Partido Conservador se agruparão para defender nossos direitos e posses e para fazer os sacrifícios e os esforços necessários à nossa segurança ou irá tudo por água abaixo como sucedeu com os assuntos da Índia, por influência do Escritório Central e dos líderes de bancada do governo? Se for assim, sei qual é meu dever.

Entre aqueles que criticaram o discurso de Churchill sobre o Acordo de Munique estava um membro sênior conservador de seu distrito eleitoral, Sir Harry Goschen, que escreveu ao presidente do distrito eleitoral: “Não posso deixar de pensar que foi lamentável ele ter quebrado a harmonia da Câmara com o discurso que fez. É evidente que ele não é como um pequeno membro e que suas palavras foram telegrafadas para todo o Continente e para a América, e creio que teria sido muito melhor se tivesse ficado calado e não tivesse feito discurso algum.”

Outro antigo apoiador de Churchill em seu distrito eleitoral, Colin Thornton-Kemsley, que tinha estado ativo durante o debate de Munique, reunindo um *lobby* anti-Churchill, recordou mais tarde: “Queríamos que ele apoiasse a administração conservadora, e não que a desacreditasse.”

Apesar das vociferantes críticas locais, que o Escritório Central Conservador encorajou e que culminaram numa reunião pública em Winchester House, na City, os eleitores de Churchill deram-lhe um voto de confiança em 4 de novembro. Porém, Churchill notou um sentimento de comedimento entre muitos deputados que poderiam ser seus aliados; quando, em 12 de novembro, o secretário do Conselho Antinazista, A. H. Richards, sugeriu convidar Eden para um de seus almoços, Churchill respondeu: “Duvido que o sr. Eden venha. Ultimamente tem estado muito reservado.”

Ao editor do *Sunday Referee*, R. J. Minney, que tinha escrito a Churchill insistindo para que iniciasse uma campanha nacional de discursos para acordar a opinião pública do “estado de apatia” em que se encontrava, Churchill respondeu com pessimismo em 12 de novembro:

Receio que fazer discursos pelo país já não tenha o mesmo efeito. Em primeiro lugar, já não são publicados nem suscitam comentários como antes da guerra. Fiz cinco ou seis comícios em março e abril para prevenir o país para o que sucederia no outono, e havia muita gente e

representantes dos três partidos por todos os lados, mas, embora o trabalho tenha sido enorme, parece não ter produzido o menor resultado.

Ao falar em Weimar em 6 de novembro, Hitler advertiu as democracias para os “perigos” dos discursos livres, em especial “a liberdade para fazer a apologia da guerra”. Ao referir-se aos apelos de Churchill para que os oponentes do nazismo no interior da Alemanha fizessem ouvir sua voz, declarou: “Se o sr. Churchill tivesse menos a ver com traidores e mais com os alemães, veríamos quão malévolos é seu discurso, pois posso garantir a esse homem, que parece viver na Lua, que não há forças na Alemanha que se oponham ao regime — há apenas a força do Movimento Nacional-Socialista, dos seus líderes e dos seus seguidores em armas.”

Nessa mesma noite, Churchill enviou uma resposta a Hitler, que tinha insultado outros “bem-nascidos” da política britânica que o tinham criticado. “Estou surpreso com um chefe de um grande Estado atacar os membros do Parlamento britânico que não ocupam cargos oficiais e que sequer são líderes de partidos”, afirmou Churchill. “Tal atitude de sua parte pode apenas aumentar a influência que possam ter, pois os britânicos tiveram muito tempo para formar sua própria opinião acerca desses homens e não necessitam de orientação externa.”

Em 17 de novembro, uma semana depois da Kristalnacht, uma noite de violência antissemita por toda a Alemanha, Áustria e região dos Sudetos, Churchill perguntou na Câmara dos Comuns: “Não terá chegado o momento de serem ouvidas as profundas e repetidas badaladas do sino de alarme e de percebermos que seu toque nos chama para a ação e que não é um toque de finados por nossa raça e fama?” Ele continuou a incitar o apoio a uma emenda liberal para a formação de um Ministério dos Abastecimentos. Chamberlain tentou diminuir o impacto do apelo de Churchill com sarcasmo. “Tenho a maior admiração pelas brilhantes qualidades do meu ilustre amigo”, disse ele.

Ele brilha em todas as direções. Recordo-me de ter perguntado a um homem de Estado, que ocupou um elevado cargo dos domínios durante muitos anos, qual era em sua opinião a mais valiosa qualidade que um homem de Estado podia possuir. Sua resposta foi: discernimento. Se me fosse perguntado se o discernimento é a principal das muitas e admiráveis qualidades de meu ilustre amigo, teria de solicitar à Câmara dos Comuns que não me obrigasse a ir tão longe.

Churchill não sabia sobre os comentários de Chamberlain na reunião do Gabinete de 31 de outubro, que disse: “Foi colocada uma grande dose de falsa ênfase no rearmamento, como se a necessidade de aumentarmos nossos programas de rearmamento tivesse sido um entre os resultados do Acordo de Munique. Acelerar os programas existentes é uma coisa, mas aumentos no âmbito do nosso programa, que levaria a uma nova corrida aos armamentos, é outra bem diferente.” As propostas de Chamberlain não consistiam em abandonar as políticas de Munique, mas em continuá-las “com o objetivo”, como ele disse aos seus colegas, “de garantir melhores relações”.

Churchill também não sabia que num memorando secreto para o Gabinete, entregue em 25 de outubro, o novo ministro do Ar, Sir Kingsley Wood, dissera aos seus colegas: “É evidente que nos nossos programas de expansão anteriores não pensamos suficientemente a longo prazo e subestimamos tanto as capacidades quanto as intenções da Alemanha.”

Ao advogar por um Ministério dos Abastecimentos em 17 de novembro, Churchill pediu aos conservadores que se juntassem a ele no apoio à emenda liberal. “Honrados senhores, empenhados, leais,

fiéis apoiadores em todas as ocasiões do governo de Sua Majestade, não pensem que se pode lançar todo o peso do fardo nos ombros dos ministros da Coroa. Neles repousa muito poder. Tivesse havido um resmungo saudável dessas bancadas há três anos, como seria diferente hoje nosso enquadramento da produção de armamentos! Infelizmente, não há um fim à vista”, declarou ele. Para Churchill, votar pela criação de um Ministério dos Abastecimentos não afetaria a vida do governo, mas o levaria a agir. “Faria que se movimentasse uma energia real.” Não é uma questão partidária e “não tem nada a ver com o partido”; é “um assunto que afeta toda a segurança da nação”.

O apelo de Churchill foi um completo fracasso. Não cinquenta, mas apenas dois deputados o acompanharam ao *lobby*: Brendan Bracken e Harold Macmillan. Amargurado, Churchill escreveu a Duff Cooper cinco dias depois: “Chamberlain conseguiu tudo. Munique está morto, a falta de preparação esquecida e não há nenhum esforço real, sincero e novo para rearmar a nação. Até a pausa, adquirida a um custo medonho, será desperdiçada.”

Em 1º de dezembro, no dia seguinte ao seu aniversário de 64 anos, Churchill terminou o primeiro volume de sua *História dos povos de língua inglesa*. Quatro dias depois, estava na Câmara dos Comuns para criticar o estado das defesas antiaéreas de Londres. Então, ainda irritado com a crítica de Chamberlain no debate sobre o Ministério dos Abastecimentos, disse aos seus eleitores em 9 de dezembro:

O primeiro-ministro disse dias atrás, na Câmara dos Comuns, que falhei, devido às minhas brilhantes qualidades, na faculdade de julgar. De bom grado submeto à vossa apreciação meu julgamento acerca das Relações Exteriores e da Defesa Nacional nos últimos cinco anos, comparando-o com o julgamento dele.

Em fevereiro, o primeiro-ministro afirmou que a tensão na Europa tivera um forte abrandamento. Poucas semanas depois, a Alemanha nazista apoderou-se da Áustria. Eu previ que ele repetiria essa declaração assim que o choque da violação da Áustria tivesse passado, e ele utilizou as mesmas palavras que utilizara no final de julho. Em meados de agosto, a Alemanha mobilizava-se para manobras inacreditáveis que, depois de nos terem conduzido à beira de uma guerra mundial, terminaram com a completa destruição e absorção da república da Tchecoslováquia.

No banquete de lorde Mayor em novembro, em Guildhall, disse-nos que a Europa estava caminhando para um estado mais pacífico. As palavras saíram de sua boca praticamente ao mesmo tempo que as atrocidades nazistas sobre a população judaica ressoavam pelo mundo civilizado.

Churchill falou também sobre o predecessor de Chamberlain:

Em 1934, avisei ao sr. Baldwin que os alemães tinham uma Força Aérea secreta e que estavam nos ultrapassando rapidamente. Dei números exatos e previsões. Claro que tudo foi negado com o peso da autoridade oficial. Fui considerado profeta da desgraça. Menos de seis meses depois, o sr. Baldwin teve de admitir à Câmara que estava errado. Ele disse: “Todos somos culpados.” E todos disseram: “Como esse homem é honesto, pois admite seus erros.”

Teve mais aplausos por ter cometido esse erro, que pode ser fatal para o império britânico e para a liberdade britânica, do que as pessoas lhe dariam se ele tivesse prestado um grande serviço

que lhes desse mais segurança e poder.

O sr. Chamberlain foi, depois do sr. Baldwin, o mais poderoso membro desse governo. Foi ministro das Finanças. Tinha conhecimento de todos os fatos. Seu julgamento falhou, como falhou o julgamento do sr. Baldwin, e nós estamos sofrendo as consequências.

Depois, Churchill falou sobre lorde Samuel, seu colega no governo liberal antes da Primeira Guerra Mundial. “Há quatro anos, quando pedi que a Força Aérea fosse duplicada duas vezes, mais do que está sendo feito hoje, lorde Samuel considerou meu julgamento tão defeituoso que me comparou a um malaio amouco”, recordou ele aos seus ouvintes. “Teria sido bom para ele e para sua perseguida raça se meu conselho tivesse sido seguido. Não estariam onde estão e nós não estaríamos onde estamos.” “É com base nesses comprovados erros de julgamento do passado, que lhes chamo atenção para alguns julgamentos que se transferiram para o futuro e cujos resultados ainda não foram experimentados”, terminou Churchill.

Quatro dias depois desse discurso, A. H. Richards escreveu-lhe: “Creio que foi um ano de grandes esforços para você, mas não foi trabalho em vão. Há indicações de que forças resolutas e dinâmicas se juntam ao seu redor, junto aos seus corajosos e severos esforços pela preservação da liberdade, nossa preciosa herança.” Oito dias depois, Richards escreveu-lhe novamente, dizendo que quinze cidades diferentes tinham escrito para saber se Churchill podia falar nessas cidades. Richard acrescentou: “Quando passo por pessoas de todas as classes, sinto mais do que nunca que o sentimento geral é que se tivéssemos dado ouvidos a tempo aos seus sagazes conselhos sobre o rearmamento e o pacto — tantas vezes e tão resolutamente repetidos durante os últimos cinco anos —, não teríamos chegado a tão terrível perigo.” A Clementine, que fazia um cruzeiro pelas Índias ocidentais, Churchill escreveu em 22 de dezembro: “Tudo indica que nossos interesses estão declinando por toda a Europa e que Hitler continuará sua ação em fevereiro ou março, provavelmente contra a Polônia.” No dia de Natal, o principal secretário privado de Halifax, Oliver Harvey, escreveu em seu diário que o governo, e em particular Inskip, não estava pressionando no sentido de um rearmamento “de modo fundamental, como a situação exige”. Harvey acrescentou: “Devia estar uma personalidade mais vigorosa e imaginativa em seu lugar. Winston é o homem óbvio, mas creio que o primeiro-ministro prefere morrer a nomeá-lo.” Em Chartwell, Churchill escreveu sobre a Guerra das Rosas e Joana d’Arc. Numa manhã, ao saber da morte, aos 68 anos, do homem que se apaixonara por Clementine em 1903, escreveu-lhe:

Minha querida Clemmie, ficará muito triste ao saber que Sidney Peel morreu. Não sei a causa. Muitos que conheci quando eram novos estão morrendo. É espantoso chegar ao fim da vida e sentir o que se sentiu há cinquenta anos. Desejamos sempre uma morte súbita antes que as faculdades se degradem, mas este é um final lúgubre para minha carta. Adoro pensar em você tomando banho de sol. Espero e rezo para que haja melhorias substanciais na sua estabilidade e no seu vigor.

Uma semana depois, nasceu a primeira neta de Churchill, Edwina, filha de Diana e Duncan Sandys. Veio “inesperadamente”, escreveu Churchill a Clementine. “Nasceu com menos de oito meses e pesava apenas dois quilos. Estava ótima à tarde, sentada e olhando para mim. O bebê é pequenino, mas perfeito, e, segundo as últimas notícias, vigoroso.”

Em 7 de janeiro de 1939, Churchill foi a Paris, onde almoçou com Reynaud, visitou o ex-primeiro-ministro Léon Blum e pegou o trem noturno para o sul da França, onde passaria duas semanas e meia com Maxine Elliott no Château de l'Horizon. Chegando ao seu destino, escreveu a Clementine sobre suas conversas com políticos franceses em Paris:

Todos confirmam o fato de que os alemães praticamente não tiveram soldados na fronteira francesa durante a crise. Blum disse-me (em sigilo) que soube pelo próprio Daladier que tanto o general Gamelin quanto o general Georges estavam confiantes de que poderiam passar pela fraca e não terminada linha alemã, que quase não tinha guarda, o mais tardar no 15º dia, e que se os tchecos tivessem aguentado apenas esses dias, os exércitos alemães seriam obrigados a recuar para fazer frente à invasão. Por outro lado, têm uma grande preponderância no ar, e cada um julga esse fato conforme a importância que dá a essa questão.

Churchill acrescentou: “Não tenho dúvidas de que uma atitude firme por parte da Inglaterra e da França teria evitado a guerra e creio que, se acontecer o pior, a história se inclinará para a ideia de que deveríamos ter condições muito melhores do que teremos no futuro.”

Sobre suas perspectivas sobre o Gabinete, Churchill escreveu a Clementine: “Creio que não teria muita graça lançar esses fardos e descuidos sobre meus ombros sem os poderes que eles nem sonham em conceder.” Numa reflexão sugerida por uma taça de prata que lhe foi enviada pelo ex-primeiro-ministro da Irlanda do Norte, Sir James Craig, com citações do pai, dele próprio e do filho, Churchill escreveu: “Eu gostaria que alguns indecentes *tories*, que querem me ver fora do partido, vissem esse troféu.” A vida na Riviera era uma mistura de prazer e trabalho. “À semelhança de Chartwell, dividi meus dias entre construir e ditar”, disse a Clementine em 18 de janeiro. “Agora, divido-me entre ditar e jogar. Tenho passado muito tempo jogando, mas não faço loucuras e até agora consegui um lucro substancial.”

Churchill voltou à Inglaterra na última semana de janeiro. “Nunca o vi em tão boa forma”, escreveu-lhe Maxine Elliott depois de sua partida. “Ríamos continuamente. Sua *joie de vivre* é uma maravilhosa dádiva, que caminha ao lado de outros espantosos dons — de fato você é a criatura mais espantosamente talentosa do mundo, e, quando você vai embora, é como o sol que se põe.”

Apesar do voto de confiança em novembro, vozes críticas em seu distrito eleitoral continuavam a denunciar a atitude hostil de Churchill em relação ao Acordo de Munique. A menos que fosse firmemente combatido, o “sentimento de intolerância que é visto em alguns círculos do partido destruirá a qualidade da Câmara dos Comuns”, avisou ele aos seus eleitores em 25 de janeiro. Ainda havia muito o que fazer antes que o país estivesse seguro; tanto em relação às precauções contra ataques aéreos quanto à preparação de um registro compulsivo daqueles que são suscetíveis a cumprir o serviço militar em tempo de guerra, Churchill temia que ainda houvesse falta de “clareza de pensamento e vigor de execução”. Ele continuou seu discurso, dizendo aos eleitores: “Decorreram cerca de cinco meses desde que as trincheiras foram escavadas; no entanto, ainda não se encontrou a força moral para preenchê-las e para torná-las permanentes. Elas se escancaram como um desacreditado aviso de enfermidade administrativa, e receio não serem o único exemplo que pode ser citado nessa esfera.”

Churchill recordou aos seus eleitores que na época do Acordo de Munique houve quem tivesse desejado que a Inglaterra tivesse comprado “mesmo que a preço mais elevado, uma paz duradoura”, enquanto outros sentiam que se tinha conseguido um “espaço para respirar”. “Cuidemos para que esse espaço para respirar não seja imprevidentemente desperdiçado”, disse ele. Contudo, o “espaço para

respirar” estava sendo perdido; em 26 de janeiro, ao rejeitar a proposta Hore-Belisha sobre incrementos no Exército para o ano seguinte, Chamberlain disse ao governo: “As finanças não podem ser esquecidas, pois nossa força financeira é uma de nossas mais poderosas armas em qualquer guerra que não termine em pouco tempo.” Como ex-Ministro das Finanças, a posição financeira pareceu-lhe “extremamente perigosa”.

Essa cautelosa atitude diante dos gastos na Defesa revelou-se de vários modos. Em 1º de janeiro de 1939, um painel consultivo de industriais, constituído no mês anterior para apontar atrasos e problemas no programa de rearmamento, sublinhou em seu relatório a Chamberlain que a indústria ainda estava a “operar, devemos recordá-lo, numa base de tempo de paz”. Ao ser sugerido que essa frase fosse omitida no relatório final, o chefe do Serviço Civil e confidente de Chamberlain, Sir Horace Wilson, elaborou uma minuta em 27 de janeiro: “Há referências anteriores a uma base de tempo de paz e não vejo qualquer vantagem em voltar a mencioná-la. A repetição convida comentários de que talvez seja uma boa época para colocar o país num andamento de guerra e não desejamos fazê-lo por enquanto.”

“Tudo isso é uma vergonha indescritível”, escreveu Churchill à cunhada, lady Gwendeline, em 30 de janeiro. Nessa semana, Inskip deixou o Ministério da Coordenação da Defesa e foi para o Ministério dos Domínios. Churchill foi amplamente mencionado para ocupar o lugar vago, mas o cargo foi para lorde Chatfield, ex-primeiro-lorde do Mar.

Chamberlain ainda estava confiante em que o Acordo de Munique tinha sido um passo não no caminho do rearmamento e da preparação para a guerra, mas para a conciliação e negociações de paz. Em 19 de fevereiro, escreveu à irmã:

Sinto o coração mais leve, como não me sucedia havia muitos dias. Todas as informações que tenho apontam na direção da paz e repito mais uma vez que acredito que finalmente vencemos os ditadores. É claro que isso não significa que eu queira tyrannizar ninguém como eles tentaram tyrannizar a nós; pelo contrário, creio que eles têm boas razões para pedirem consideração pelos agravos que sofreram, e, se o tivessem feito gentilmente depois de eu ter entrado em cena, talvez já tivessem recebido. Demorará algum tempo até que a atmosfera esteja respirável, mas as coisas se movimentam na direção que quero. Creio que poderemos estabelecer excelentes relações com Franco, que parece disposto a entender-se conosco, e então, se os italianos não estiverem de muito mau humor, podemos conseguir conversações franco-italianas. Se essas forem razoavelmente amigáveis, poderemos avançar para o desarmamento. É assim que vejo as coisas e, se me forem dados mais três ou quatro anos, creio que poderei aposentar-me em paz.

Em 18 de fevereiro, o embaixador britânico em Berlim, Sir Nevile Henderson, informou ao Ministério das Relações Exteriores que o marechal Goering, chefe da Força Aérea alemã, havia perguntado quais garantias tinha a Alemanha de que o sr. Chamberlain se manteria no cargo e que não seria sucedido “pelo sr. Churchill ou pelo sr. Eden”. Para Goering, essa questão “era a principal preocupação da Alemanha”. Em 22 de fevereiro, durante um debate em que Churchill voltou a pedir um Ministério dos Abastecimentos, Chamberlain referiu-se a ele como o “mal nº 1 em algumas partes da Europa”. A insinuação foi rapidamente aproveitada por alguns eleitores de Churchill, que tentavam substituí-lo por alguém mais entusiástico acerca da pacificação.

Num discurso aos seus eleitores em 10 de março, Churchill defendeu seus antecedentes e sua crença de que qualquer tentativa para fazer um acordo com Hitler falharia. “Não faço oposição facciosa”, disse

ele. “Não tenho interesses a defender nesse assunto. Estou simplesmente comprometido a tentar fazer com que este país esteja bem armado e convenientemente defendido e que tenha uma política externa que alcance a paz com honra.”

É inútil enviar membros ao Parlamento “para dizerem as coisas populares”, disse Churchill aos seus eleitores num segundo encontro quatro dias depois.

De que valem nossas instituições parlamentares e como podem sobreviver nossas doutrinas parlamentares se os distritos eleitorais tentam reeleger apenas membros domesticados, dóceis e subservientes que tentam esmagar qualquer forma de julgamento independente? Não ocupo qualquer cargo no governo há dez anos, mas estou mais satisfeito com o trabalho que tenho feito nestes últimos cinco anos como conservador independente do que em qualquer outra época da minha vida pública. Sei que isso me proporcionou uma maior dose de benevolência por parte de meus concidadãos do que jamais me foi dada antes.

Um crítico do círculo eleitoral de Churchill, Colin Thornton-Kemsley, exprimiu o ponto de vista do Escritório Central Conservador, dizendo no encontro: “Creio que, a menos que o sr. Churchill esteja preparado para trabalhar com o Partido Conservador, com o governo nacional e com nosso grande primeiro-ministro, não deve abrigar-se à sombra da boa vontade e do nome que está ligado a um grande partido.” Contudo, os eleitores de Churchill uniram-se para apoiá-lo.

Em 9 de março, Chamberlain disse num encontro do Lobby de Correspondentes que “a situação internacional parece causar menos ansiedade agora do que há algum tempo”. No dia seguinte, Hoare disse à Associação Conservadora de Chelsea que “a confiança, quase sufocada no final do outono pelo derrotismo, regressou; a esperança tomou o lugar do medo”. Para ele, se os três ditadores trabalhassem com os primeiros-ministros da Inglaterra e da França “com propósitos sinceros”, a Europa poderia estar na aurora de uma nova “era de ouro”. Quatro dias depois, os alemães começaram a movimentar tropas em direção às fronteiras do Estado tcheco, que já se encontrava truncado, como prelúdio de nova anexação. “A República da Tchecoslováquia está sendo despedaçada perante nossos olhos”, disse Churchill aos seus eleitores nesse dia.

Na manhã seguinte, as tropas alemãs entraram na Tchecoslováquia. Nessa noite, Hitler pernitoiu no palácio presidencial em Praga. Na manhã seguinte, proclamou um protetorado da Boêmia e da Morávia. A Tchecoslováquia tinha deixado de existir e sua região eslovaca proclamava independência e apoio total à Alemanha nazista.

“É minha convicção que Hitler não vai parar no Mar Negro, a menos que seja contido pela ameaça de uma guerra generalizada ou um antagonismo verdadeiro”, escreveu Churchill em 19 de março ao ex-embaixador inglês em Berlim, Sir Horace Rumbold. Em 21 de março, Churchill recebeu a visita de um funcionário superior do Ministério do Interior, Forbes Leith Fraser, chefe dos serviços secretos do Departamento de Prevenção de Ataques Aéreos, que lhe forneceu detalhes das deficiências de seu departamento. Churchill escreveu imediatamente a Chamberlain, insistindo num imediato estado de “preparação total” das defesas antiaéreas britânicas e explicando por que acreditava que era essencial agir: “Tal passo não pode ser considerado agressivo, mas deve ser colocada ênfase na importância que o governo de Sua Majestade assumirá no continente. A junção de esforços desses oficiais e soldados melhoraria sua eficácia em cada dia de incorporação. O efeito interno seria mais um acréscimo da confiança do que alarme.”

“É principalmente em Hitler que estou pensando”, explicou Churchill a Chamberlain.

Neste momento, ele deve estar sob uma grande pressão. Ele sabe que estamos empenhados em formar uma coligação para reprimir futuras agressões. Com esse homem tudo é possível. A tentação de um ataque-surpresa a Londres ou às fábricas de aviões, em relação aos quais estou cada vez mais preocupado, seria evitada se ele soubesse que estamos preparados. De fato, pode não haver surpresa, e portanto será removido o incentivo a utilizar extremos de violência e poderão prevalecer os conselhos mais prudentes. Em agosto de 1914, convenci o sr. Asquith a deixar-me enviar a esquadra para o mar do Norte, de modo que pudesse atravessar o estreito de Dover e os mares estreitos antes que a situação diplomática se tornasse desesperada. Parece que está numa posição muito similar com as defesas antiaéreas agora e espero que não me leve a mal por colocar essas questões à sua apreciação.

“Meu caro Winston, agradeço pela sua nota”, respondeu Chamberlain no mesmo dia. “Tenho consumido muito tempo considerando o assunto que menciona, mas não é tão simples quanto pode parecer.” Dez dias depois, chocado com a ocupação alemã de Praga, Chamberlain deu a garantia britânica à Polônia, mas não se sabia se essa garantia incluía o Corredor Polonês, de língua predominantemente alemã, que tinha sido separado da Alemanha em 1919. Em 1º de abril, o artigo principal do *Times* dizia: “A nova obrigação que este país assumiu ontem não obriga a Grã-Bretanha a defender cada centímetro das atuais fronteiras da Polônia. A palavra-chave dessa declaração não é ‘integridade’, mas ‘independência’.”

Churchill ficou alarmado. “Há uma passagem sinistra no artigo principal do *Times* de sábado, semelhante àquela que prefigurou a ruína da Tchecoslováquia, que pretende explicar que não houve garantia da integridade da Polônia, mas apenas de sua independência”, disse ele na Câmara dos Comuns em 3 de abril. Suas suspeitas estavam bem fundamentadas; nesse mesmo dia, Chamberlain explicou à irmã que a garantia britânica à Polônia era “não provocadora no tom, mas firme e clara, sublinhando o ponto importante (apenas percebido pelo *Times*) de que o problema com que nos defrontamos não são as fronteiras dos Estados, mas os ataques à sua independência. E somos nós que temos de avaliar se essa independência está ameaçada ou não”.

Em 7 de abril, uma Sexta-Feira Santa, tropas italianas invadiram a Albânia. Nesse dia, Churchill estava em Chartwell, onde Harold Macmillan era um de seus convidados. Macmillan recordou mais tarde que Churchill procurava mapas e fazia constantes telefonemas para saber a localização de todos os navios de guerra britânicos no Mediterrâneo. “Terei para sempre a imagem desse dia de primavera e o sentimento de poder e de energia, o grande fluxo de ação que emanava de Churchill, apesar de ele não desempenhar nenhum cargo público”, escreveu mais tarde Macmillan. “Parecia ser ele quem detinha todo o comando, e todos estavam estupefatos e hesitantes.” No dia seguinte, Churchill telefonou várias vezes a Chamberlain para pressioná-lo para que convocasse o Parlamento no dia seguinte, domingo de Páscoa. Pressionou também Chamberlain para que ordenasse uma ocupação naval da ilha grega de Corfu, para indicar a Mussolini que podia ir até ali, mas não mais do que ali. “Agora, cada hora conta para recuperar a iniciativa diplomática”, disse ele.

Chamberlain não agiu nesse sentido. Em 13 de abril, na Câmara dos Comuns, Churchill criticou o governo por aquilo que considerou uma atitude errada em relação à situação na Europa e no Mediterrâneo.

Como é possível que, na véspera do ultraje da Boêmia, os ministros estivessem condescendentes no que foi chamado de “conversa de circunstância” e anteviram a aurora de uma era de ouro? Como é possível que se tenha mantido a rotina da semana de férias num momento em que, claramente, algo verdadeiramente excepcional, com consequências que não podem ser medidas, estava iminente? Não sei. Sei muito bem do patriotismo e do desejo sincero de agir que anima os ministros da Coroa, mas me pergunto se não haverá mãos que intervêm ou filtram ou sonegam informações secretas aos ministros.

Muitos ouvintes de Churchill consideraram que ele se referia a Sir Horace Wilson.

Churchill afirmou que um processo similar acontecera com os números relativos ao poderio aéreo alemão em 1934. “Os fatos não chegavam às mãos dos ministros da Coroa sem que antes fossem de tal modo modificados que não apresentassem uma impressão alarmante.” Há o “tremendo risco” de que os ministros deem importância apenas a esses pedaços de informação, “que estão de acordo com seu sincero e honrado desejo de que a paz no mundo se mantenha intacta”. Ele tinha duas sugestões práticas a fazer; a primeira era a “inclusão total” da União Soviética num bloco defensivo junto com a Inglaterra, França e Polônia; a segunda, era a promoção de uma “união autoprotetora” nos Bálcãs, que incluísse a Romênia, a quem a Inglaterra tinha acabado de dar uma garantia similar à que dera anteriormente à Polônia. “O perigo está muito próximo. Em grande medida, uma boa parte da Europa está mobilizada. Milhões de homens estão sendo preparados para a guerra. Por todos os lados, as defesas fronteiriças estão providas de homens.”

Quando o debate terminou, Churchill foi falar com o líder *whip*, David Margesson. Não se queixou dos dispositivos navais ou da falta de preparação, mas, disse Margesson a Chamberlain, exprimiu “o profundo desejo” de fazer parte do Gabinete. Essa sugestão “chegou num momento em que eu precisava de ajuda, mas não queria fazer nada precipitado” disse Chamberlain à irmã. “A questão é se Winston, que seguramente seria uma ajuda na Bancada do Tesouro na Câmara dos Comuns, ajudaria ou atrapalharia no Gabinete ou no Conselho. No sábado passado, por exemplo, estive ao telefone o dia todo, pressionando para que o Parlamento fosse convocado no domingo e para que a armada se apoderasse de Corfu nessa noite! Eu ficaria desgastado ao resistir a impulsivas sugestões desse tipo?”

Em 18 de abril, pressionado a agir pelo Painel Consultivo de Industriais, Chamberlain finalmente concordou em estabelecer um Ministério dos Abastecimentos. “Winston venceu sua longa batalha”, escreveu Brendan Bracken a um amigo. “Nosso governo adotou agora a política que ele propôs há três anos. Nenhum homem público do nosso tempo demonstrou tanta capacidade de previsão, e creio que essa longa e solitária luta para expor os perigos das ditaduras provará que esse foi o melhor capítulo de sua movimentada vida.”

O novo ministro dos Abastecimentos era o anterior ministro dos Transportes, Leslie Burgin, que tinha entrado para o Parlamento em 1929, quase trinta anos depois de Churchill. Sua nomeação levou muitos jornais a pedirem a inclusão de Churchill no Gabinete. Em 22 de abril, o *Evening News* sugeriu que Churchill fosse nomeado primeiro-lorde do Almirantado ou ministro da Aviação. Em 26 de abril, Percy Cudlipp, editor do *Sunday Picturals*, escreveu-lhe dizendo que “apenas 73 de um crescente total de 2.400 cartas são contra sua inclusão no Gabinete”. Algumas das objeções referiam-se a questões antigas: “Os objetores mais sérios atribuem-lhe culpa por Galípoli.”

Em 27 de abril, Churchill criticou, na Câmara dos Comuns, a relutância de Chamberlain em introduzir o serviço militar obrigatório, aspecto para o qual o Gabinete já tinha sido pressionado por Hore-Belisha.

O serviço nacional de registro, por meio do qual as pessoas indicariam seu desejo de servir quando o governo decidisse instituir uma mobilização geral, não era suficiente: “Um gesto não é suficiente; queremos um exército e podemos precisar dele a curto prazo.” Porém, mesmo esse registro deveria ter sido posto em prática imediatamente depois do Acordo de Munique. O impulso para resistir aos princípios nazistas “vem da massa do povo”, declarou Churchill. O *Times* considerou o discurso de Churchill “uma de suas melhores intervenções parlamentares”, trazendo muitos deputados para o seu lado.

Em 10 de maio, o *News Chronicle* publicou uma sondagem em que 56% dos interrogados diziam querer Churchill no Gabinete, 26% eram contra e 18 por cento não sabiam. Quatro dias antes, Emery Reves dissera-lhe que seus artigos quinzenais não seriam publicados na Polônia, na Romênia e na Grécia “por medo da Alemanha”. Também não estava confiante em que o apaziguamento tivesse terminado; a recente decisão do governo sobre restringir a emigração dos judeus para a Palestina era, na sua opinião, a indicação de um sentimento similar. Em 22 de maio, na Câmara dos Comuns, ao falar sobre o proposto veto árabe a toda a emigração judaica depois de 1944, declarou: “Estamos perante uma ruptura, uma violação do compromisso, o abandono da Declaração Balfour. É o fim da miragem, da esperança, do sonho.”

O receio de Churchill, conforme disse à Câmara, era que essa “violação” do compromisso com os judeus pudesse incitar os potenciais inimigos da Inglaterra na Europa “a iniciarem ações irrevogáveis e concluírem, quando já for tarde demais, que não é só esse governo, com seus cansados ministros e sua falta de determinação, que terão de enfrentar, mas o poderio e tudo o que a Grã-Bretanha significa”. Voltando-se para os ministros do governo, Churchill avisou: “Nunca foi tão necessário fidelidade e firmeza. Só fundarão e forjarão uma grande aliança para resistir à agressão se derem exemplos de firmeza em manter, mesmo que com dificuldades, e nas garras das dificuldades, as obrigações com as quais se comprometeram.”

Nesse verão, Churchill foi um dos principais defensores, juntamente com Eden e com Lloyd George, da inclusão da União Soviética numa aliança com a Grã-Bretanha e a França. No entanto, Chamberlain não só tinha dúvidas acerca da capacidade militar soviética, como, disse à irmã, “pior ainda, sinto que a aliança seria claramente uma conciliação de blocos opostos e uma associação que tornaria difícil, senão impossível, qualquer negociação com os totalitários”.

As negociações com a União Soviética foram iniciadas, mas sem caráter de urgência; não Halifax, mas um diplomata experiente, foi enviado a Moscou para chefiar as negociações. Os russos, desconfiados das intenções ocidentais e preocupados em conseguir uma faixa protetora de território báltico e polonês, encetaram negociações secretas com a Alemanha. Com o decorrer do verão, Churchill começou a ficar crescentemente preocupado com o sentimento de derrotismo e de desespero que começou a sentir à sua volta. Em 11 de junho, Halifax falou na Câmara dos Lordes sobre as relações anglo-germânicas. Em determinado momento de seu discurso, mencionou “o elemento verdadeiramente perigoso da presente situação, que é o fato de o povo alemão em sua totalidade tender para a conclusão de que a Grã-Bretanha abandonara o desejo de chegar a um entendimento e que qualquer outra tentativa para atingir esse desiderato devia ser eliminada”.

Churchill escreveu a Halifax nesse mesmo dia, explicando que tinha ficado “um tanto perturbado” com seu discurso:

Tenho certeza que entende que falar sobre devolver colônias, sobre *lebensraum* ou sobre qualquer concessão, enquanto 9 milhões de tchecos ainda estão em cativeiro, causaria grandes

divisões entre nós. Chegam relatórios muito ruins da Boêmia e da Morávia acerca da opressão e do terrorismo do regime nazista sobre os povos conquistados e condições similares desenvolvem-se na Eslováquia. Podem ocorrer episódios sangrentos a qualquer momento e diz-se também que já estão sendo feitas muitas execuções pela Gestapo. Por isso, parece ser impossível iniciar conversações com Hitler.

Dois dias depois, num jantar, sentado ao lado do colunista americano Walter Lippmann, Churchill ficou chocado quando soube que o embaixador dos Estados Unidos, Joseph Kennedy, dissera aos amigos que, quando houvesse guerra, a Grã-Bretanha se renderia a Hitler após a primeira derrota. Harold Nicolson, que esteve presente ao jantar, recordou que, no momento em que ouviu a palavra “rendição”, Churchill se voltou para Lippmann e declarou:

Não, o embaixador não deveria ter dito isso, sr. Lippmann, não deveria ter dito essa terrível palavra, mas, supondo (o que nem por um momento suponho) que o sr. Kennedy tenha razão nessa trágica declaração, eu daria minha vida em combate para não ter de, com receio da derrota, render-me às ameaças desse sinistro homem. Então, competiria a vocês, americanos, preservar e manter a maior herança dos povos de língua inglesa.

Em 22 de junho, Churchill publicou um artigo no *Daily Telegraph* que dizia que os alemães estavam intensificando suas exigências sobre a Polônia e que suas exigências pela cidade livre de Danzig e pelo Corredor Polonês separariam a Polônia do mar. Cinco dias depois, foi publicada em livro uma compilação de seus artigos de jornal de 1938 e 1939, intitulada *Step by Step*. “Deve ser uma satisfação melancólica ver como tinha razão”, escreveu-lhe Clement Attlee. “A leitura desse livro é de certo modo penosa, mas sem dúvida salutar”, comentou Eden.

Houve uma intensificação dos apelos para que Churchill fizesse parte do Gabinete. Em 21 de junho, Halifax disse em particular que era necessário que Churchill “fosse incluído”. Malcolm MacDonald recordou mais tarde que vários ministros pressionaram Chamberlain para apontar Churchill como “um ministro da guerra ou de uma possível guerra, mas Neville estava relutante”. Segundo o *Star*, tinha sido dito ao líder *whip* David Margesson, por muitos deputados, que nomear Churchill para “um dos postos-chave do Gabinete criaria uma nova confiança”. Em 2 de julho, o *Sunday Graphic* falou sobre especulações de que Churchill seria em breve nomeado primeiro-lorde do Almirantado. No *Observer*, J. L. Garvin comentou: “Será tão desconcertante para os estrangeiros quanto lamentável para a maior parte de nossos concidadãos que um dos mais firmes políticos europeus não seja incluído no governo.”

Chamberlain não estava convencido e disse a lorde Camrose, um dos proprietários de jornais que mais pressionavam para que Churchill fosse incluído no Gabinete, que sentia que “não haveria benefício suficiente das ideias e dos conselhos de Winston que contrabalançasse a irritação e os transtornos que necessariamente causaria”. Durante sua conversa com Camrose, Chamberlain também expressou o ponto de vista de que se Hitler exigisse Danzig “de modo correto”, então “talvez se pudessem arranjar as coisas”. Em 2 de julho, Chamberlain disse à irmã que não acreditava que Hitler quisesse realmente uma guerra ou que não assinaria um compromisso, “se o pudesse fazer sem que sentisse ser uma humilhação”.

Na extrema esquerda, Stafford Cripps juntava-se agora aos que exigiam que Churchill fizesse parte do Gabinete, mas Chamberlain não se rendia. “Se Winston entrar para o governo, não será muito antes do começo da guerra”, disse ele à irmã em 8 de julho.

Dois dias antes, o Ministério das Relações Exteriores tinha sabido, por intermédio do adido militar britânico em Berlim, que o ministro das Finanças de Hitler, conde Lutz Schwerin von Krosigk, tinha dito a um general britânico que o visitara: “Ponham Winston Churchill no Gabinete. Churchill é o único inglês que Hitler teme. Ele não leva a sério o primeiro-ministro ou Halifax, mas coloca Churchill no mesmo nível de Roosevelt. O mero fato de darem a ele um importante lugar ministerial convencerá Hitler de que estamos enfrentando-o.”

Chamberlain ainda tinha esperança de que a Polônia pudesse concordar em ceder Danzig a Hitler e de que isso o satisfaria até que se iniciassem negociações de âmbito mais amplo. Também estava convencido de que a campanha por Churchill tinha decrescido, mas ela continuava a ganhar ímpeto; em 13 de julho, um candidato liberal, T. L. Horabin, venceu largamente uma eleição intercalar em North Cornwall com o programa político “Tragam Churchill”, derrotando o candidato conservador.

Churchill manteve-se em Chartwell, trabalhando em sua *História dos povos de língua inglesa*. “Foi um conforto, nesse angustiado ano, retirar-me para séculos passados”, escreveu ele ao seu editor, Sir Newman Flower. Quando Ironside o visitou, em 24 de julho, Churchill disse ao general que agora era “tarde demais para apaziguamento”. Para ele, Hitler faria a guerra. Três dias depois, Ironside escreveu em seu diário: “Continuo a pensar em Winston Churchill em Westerham, cheio de patriotismo e ideias para salvar o império. É um homem que sabe que se deve agir para vencer. Não nos podemos manter inativos e permitir que nos agridam indefinidamente. Winston está mortificado pela falta de ação. Estou vendo Churchill andando de um lado para o outro na sala.”

Foi anunciado que o Parlamento não se reuniria entre 4 de agosto e 3 de outubro. Durante um colérico debate em 2 de agosto, Attlee, Sinclair, Eden, Macmillan e Churchill protestaram contra tão longa pausa e pediram que o Parlamento fosse reunido na terceira semana de agosto. “Este é um mau momento para que a Câmara declare que vai ter férias de dois meses”, disse Churchill. “É apenas por acidente que nossas férias de verão coincidem com meses perigosos na Europa, quando as colheitas foram feitas e quando as potências do mal estão em sua máxima força.”

Churchill continuou:

Neste momento de sua longa história, seria desastroso, seria patético, seria uma vergonha que a Câmara dos Comuns se demitisse de ser um eficaz e poderoso fator na atual situação e reduzisse a força, qualquer que seja, que pode oferecer à firme frente que a nação formará contra a agressão. É terrível, e eu espero que tal não suceda e que o governo não diga à Câmara: “Saíam! Vão brincar. Levem as máscaras. Não se preocupem com os assuntos públicos. Deixem isso para os talentosos e experientes ministros.” Apesar de tudo, esses ministros, no que diz respeito às nossas defesas, deixaram-nos onde estávamos em setembro do ano passado e — levando em consideração todas as dificuldades — deixaram-nos, em política externa, no ponto em que garantimos a Polônia e a Romênia depois de termos perdido a Tchecoslováquia e não termos ganhado a Rússia.

Chamberlain não só rejeitou o apelo por uma menor interrupção como disse que o voto seria considerado como se fosse uma moção de confiança. Como resultado, o governo venceu. Depois da votação, um jovem deputado conservador, Ronald Cartland, que um ano depois foi morto em combate durante a retirada de Dunquerque, disse a Churchill: “Não podemos fazer mais nada.” A isso, Churchill respondeu: “Não podemos fazer mais nada, meu jovem? Podemos fazer muito mais. Esse é o momento de lutar, de falar, de atacar!”

Em 8 de agosto, conforme o Parlamento se preparava para interromper os trabalhos por dois meses, Churchill fez uma transmissão de quinze minutos pela rádio para os Estados Unidos. “Tempo de férias, senhoras e senhores!”, começou ele.

Tempo de férias, meus amigos do outro lado do Atlântico! Tempo de férias, quando o verão chama os trabalhadores de todos os países para uma breve fuga dos escritórios, das fábricas, das rígidas rotinas do dia a dia e do ganha-pão e envia-os à procura, senão do repouso, pelo menos de uma mudança de ambiente para que regressem repousados e para que mantenham a sociedade civilizada a progredir. Deixem-me olhar para trás, deixem-me ver... Como passamos nossas férias de verão vinte e cinco anos atrás? Foi nesses dias que a guarda avançada alemã entrou na Bélgica e dominou seu povo a caminho de Paris! Foi nesses dias que o militarismo prussiano, para citar suas próprias frases, abriu caminho através de um pequeno e fraco país vizinho, cuja neutralidade e independência ele tinha jurado não só respeitar como defender.

Por toda a Europa, disse Churchill aos seus ouvintes na América, fez-se silêncio. “É o silêncio do suspense e, em muitos países, o silêncio do medo.” E pode também ouvir-se a marcha dos exércitos da Alemanha e da Itália. “Afim, os ditadores precisam treinar seus soldados. Dificilmente poderiam fazer menos quando os dinamarqueses, os holandeses, os suíços, os albaneses — e evidentemente os judeus — podem precipitar-se a qualquer momento para tomar sua área vital.”

Dois dias depois dessa emissão, Churchill visitou o posto da Força Aérea em Biggin Hill, não longe de Chartwell, onde, a convite de Kingsley Wood, observou exercícios dos caças. Depois, em 14 de agosto, foi a Paris, antes de ir à linha Maginot, onde, num gesto de confiança das autoridades militares francesas, foram mostradas a ele seções que a nenhum outro político estrangeiro fora permitido ver, incluindo linhas de estrada de ferro subterrâneas no setor em frente da linha Siegfried.

Quando perguntou sobre a natureza das defesas francesas a partir do ponto em que terminava a linha Maginot até a costa de Dunquerque, foi dito pelo general Georges que havia “trabalhos de campo” que tomavam o espaço de trezentos quilômetros. O rosto de Churchill “deixou de sorrir”, recordou mais tarde Louis Spears, que o acompanhava. “O acenar de sua cabeça foi agourento quando observou que esperava que esses trabalhos de campo fossem fortes e que seria imprudente pensar que as Ardenas impediam a passagem de forças substanciais. “Lembrem-se de que estamos diante de uma nova arma, a blindagem em larga escala, na qual os alemães sem dúvida se concentram, e que essas florestas são particularmente tentadoras para essas forças, pois não são vistas do ar”, disse Churchill.

Três dias depois, Churchill regressou a Paris. Em 17 de agosto, foi a Dreux para pintar no Château St. Georges. Nesse dia, o *Times* publicou um apelo assinado por 375 membros das administrações das universidades britânicas e que pedia a inclusão de Churchill no governo. No Strand, apareceu um grande cartaz com as seguintes palavras: “A QUE PREÇO, CHURCHILL?”

Durante quatro dias, Churchill pintou em St. Georges. Ao artista Paul Maze, que trabalhava ao seu lado, comentou: “Este é o último quadro que vamos pintar em paz durante muito tempo.” Ao falar sobre o tamanho e a qualidade do exército alemão, disse a Maze: “Eles são fortes. Deixe-me que lhe diga que eles são fortes.” Depois, recordou Maze, “seu maxilar apertou o grande charuto, e senti a determinação de sua vontade”. “Ah, mesmo com tudo isso, nós vamos vencê-los”, disse Churchill.

Em 23 de agosto, Churchill voltou a Londres, onde soube sobre um acordo iminente entre a Rússia e a

Alemanha. No dia seguinte, Chamberlain convocou o Parlamento e foram dadas ordens à armada para que ocupasse suas posições de guerra. Em 25 de agosto, a Inglaterra assinou um tratado de aliança formal com a Polônia.

Durante cinco dias, Hitler hesitou. Churchill trabalhava em Chartwell em sua *História dos povos de língua inglesa*. “Estou, como você sabe, concentrando cada minuto do meu tempo livre e das minhas forças para completar nosso contrato”, disse a Newman Flower. Ainda não tinha “acabado o período da rainha Elizabeth”, escreveu ao historiador G. M. Young em 31 de agosto, mas acrescentou orgulhoso que já tinha 530 mil palavras impressas: “É um alívio, nestes tempos, podermos escapar para outros séculos.”

Nessa noite, os exércitos de Hitler invadiram a Polônia. Às 8h30 da manhã seguinte, 1º de setembro, o embaixador polonês, conde Raczynski, telefonou a Churchill para dar-lhe notícias. A Câmara dos Comuns estava convocada para reunir-se às 18h. Churchill foi para Londres; a pedido de Chamberlain, passou primeiro na Downing Street, onde Chamberlain o convidou a juntar-se ao Gabinete de Guerra. “Aceitei sua proposta sem comentários e tivemos uma longa conversa sobre homens e quais medidas tomar”, recordou Churchill mais tarde.

Chamberlain e Churchill concordaram que deveria haver um pequeno Gabinete de Guerra de seis membros, de onde deveriam ser excluídos os ministros dos três ramos militares. Churchill faria parte desse Gabinete como ministro sem pasta, mas não se firmou nenhum compromisso nem foi feito qualquer ultimato à Alemanha, apesar do novo tratado de aliança com a Polônia. Quando falou na Câmara dos Comuns nessa tarde, Chamberlain explicou que a Inglaterra não tinha enviado nenhum ultimato, mas uma nota que solicitava “garantias satisfatórias” de que o governo alemão tinha “suspendido toda e qualquer ação agressiva contra a Polônia” e de que estava preparado para retirar as suas forças da Polônia num breve prazo de tempo.

Os alemães não responderam. Pouco depois da meia-noite, Churchill escreveu a Chamberlain, de Morpeth Mansions: “Estou aqui à sua disposição.” Esperou em Morpeth Mansions durante a manhã seguinte, 2 de setembro, à espera de ser chamado à Downing Street para se juntar ao Gabinete de Guerra. Não chegou nenhuma mensagem; Kathleen Hill recordou mais tarde que ele “andava de um lado para o outro, como um leão numa jaula, à espera de uma chamada que não vinha”. Durante a manhã, Maurice Hankey, que também tinha sido convidado a fazer parte do Gabinete, visitou Churchill. “Tanto quanto posso perceber, minha principal tarefa é vigiar Winston!”, escreveu no dia seguinte à sua mulher. “Passei uma hora e meia com ele ontem pela manhã. Ele transbordava de ideias, umas boas, outras nem tanto, mas todas animadas e grandes. Só desejo que ele não dê a impressão de que se considera genial!”

O Gabinete reuniu-se nessa tarde, mas sem Churchill. Seus membros foram unânimes em que deveria ser enviado à Alemanha um ultimato que terminasse à meia-noite. Porém, quando Chamberlain falou na Câmara dos Comuns nessa tarde, não anunciou nenhum ultimato, pois nenhum fora enviado, falando sobre um compromisso que evitasse uma declaração britânica de guerra. “Se o governo alemão aceitar retirar suas forças, o governo de Sua Majestade poderá considerar que a situação é a mesma que existia antes de da ruptura das fronteiras da Polônia pelas forças alemãs”, dizia o compromisso.

A Câmara estava “irritada”, recordou mais tarde Amery. “Durante dois dias inteiros, os poloneses tinham sido bombardeados e massacrados, e nós ainda estávamos considerando qual prazo daríamos para Hitler nos dizer se estaria interessado em abandonar sua presa!” Churchill mais tarde recordou: “Não havia dúvida de que o humor da Câmara era favorável à guerra. Considero que foi ainda mais resoluta e unida do que numa cena semelhante em 3 de agosto de 1914, da qual também participei.”

Cinco membros do Gabinete de Chamberlain, Simon, Hore-Belisha, Sir John Anderson, Walter Elliot e o conde De La Warr dirigiram-se imediatamente a uma sala da Câmara dos Comuns, onde concordaram

que, a menos que sua decisão anterior de um ultimato até a meia-noite fosse aceita, pediriam demissão. Ao mesmo tempo, vários deputados, incluindo Duff Cooper, Eden e Bracken, encontravam-se com Churchill em Morpeth Mansions para lhe expressarem, conforme recordou Churchill mais tarde, “sua profunda ansiedade no caso de não serem cumpridas nossas obrigações em relação à Polônia”.

“Estávamos num estado de raiva desorientada”, escreveu Duff Cooper em seu diário. Churchill disse aos seus convidados que na noite anterior tinha concordado em integrar o Gabinete de Guerra, mas que desde então não tinha recebido qualquer palavra de Chamberlain. Se não se sentisse “quase um membro do governo”, disse ele, teria falado na Câmara dos Comuns depois de Chamberlain.

Churchill discutiu a crise com os seus convidados até depois da meia-noite, sendo sua conversa pontuada pelos trovões de uma violenta tempestade de outono. Depois, com a aprovação geral, escreveu a Chamberlain: “Creio que prevaleceram ideias muito diferentes do que você expressou quando me disse que ‘os dados estão lançados’. Sentiu-se autorizado a pedir ao primeiro-ministro que o informasse do ‘estado das coisas, tanto públicas quanto privadas’ antes do início do debate ao meio-dia do dia seguinte. “Creio que, se o Partido Trabalhista, e segundo penso, o Partido Liberal, forem afastados, será difícil formar um governo de guerra eficaz”, continuou ele.

Transmitindo o desconforto não só de seus amigos, mas de quase todos aqueles que tinham ouvido as declarações de Chamberlain sobre mais um adiamento, Churchill continuou: “Houve na Câmara o sentimento de que foi infligido um golpe no espírito de unidade nacional pelo aparente enfraquecimento de nossa resolução.” Portanto, pedia a Chamberlain que não anunciasse a composição do Gabinete de Guerra ou que o incluísse nesse Gabinete “antes de termos outra conversa”. Não se tratava de uma ameaça. “Como lhe escrevi ontem pela manhã, estou inteiramente à sua disposição, com todo o desejo de ajudar em sua tarefa.”

Sem o conhecimento de Churchill, Chamberlain foi visitado, à meia-noite desse dia, por um grupo de ministros que tinham concordado em exigir que fosse enviado sem demora o ultimato britânico à Alemanha. Acedeu às suas exigências, não tendo havido resposta de Hitler sobre se eram aceitáveis as condições — a retirada das tropas alemãs para a fronteira — para iniciarem negociações. O ultimato britânico foi enviado a Berlim às 9h de 3 de setembro, dando aos alemães um prazo de duas horas para cancelarem seu avanço pela Polônia. Às 11h, não tinha chegado qualquer resposta. A Inglaterra e a Alemanha estavam em guerra.

4.

Retorno ao Almirantado

Às 11h15 de 3 de setembro de 1939, em sua casa em Morpeth Mansions, Churchill ouviu o anúncio de Chamberlain no rádio, informando que a Inglaterra estava em guerra contra a Alemanha. Mal Chamberlain acabou de falar, soou uma sirene de ataque aéreo. Churchill foi ao terraço para ver o que estava acontecendo e ficou impressionado ao ver trinta ou quarenta balões de barragem no céu. Então, recordaria mais tarde, “equipado com uma garrafa de brandy e outros confortos médicos apropriados”, foi com Clementine para um abrigo subterrâneo na sua rua. “Estavam todos bem-dispostos e brincalhões, que é a maneira inglesa de lidar com o desconhecido.”

Tinha sido um falso alarme; quando soou a sirene de fim do perigo, Churchill dirigiu-se à Câmara dos Comuns. Ao chegar, foi-lhe entregue em mãos uma nota de Chamberlain, pedindo-lhe que o procurasse quando o debate tivesse terminado. Chamberlain falou à Câmara, seguido por Arthur Greenwood pelo Partido Trabalhista. Tal era a importância de Churchill nessa questão que, apesar de não desempenhar cargos oficiais havia mais de dez anos, foi-lhe solicitado que falasse a seguir. “Não se trata de lutar por Danzig ou pela Polônia”, disse ele.

Estamos lutando para salvar o mundo da pestilência da tirania nazista e em defesa de tudo o que é mais sagrado para os homens. Não se trata de uma guerra de domínio, engrandecimento imperial ou ganho material; não é uma guerra para derrubar nenhum país. É uma guerra, vista em sua inerente qualidade, para estabelecer em rochas inexpugnáveis os direitos do indivíduo e é uma guerra para fazer reviver a grandeza do homem.

Nesse dia, Amery escreveu em seu diário: “Acho que Winston pode vir a ser primeiro-ministro até o final do ano.” Até então, Churchill não ocupava nenhum lugar no Gabinete. Depois do debate, foi à sala de Chamberlain, que lhe ofereceu o cargo de primeiro-lorde do Almirantado, que Churchill tinha ocupado entre 1911 e 1915, acumulando com um lugar no Gabinete de Guerra. Ele aceitou e enviou uma mensagem ao Almirantado, dizendo que chegaria naquele mesmo dia, ao fim da tarde, para ocupar seu cargo. A junta do Almirantado enviou imediatamente uma mensagem a todos os navios: “Winston voltou.”

Churchill assistiu à reunião do Gabinete de Guerra às 17h. Depois, dirigiu-se ao Almirantado com Kathleen Hill, que mais tarde recordou como ele entrou na sala do primeiro-lorde e andou até um armário na parede. “Prendi a respiração. Ele abriu a porta do armário com um gesto dramático. Por trás do painel de madeira que cobria a parede havia um grande mapa que mostrava a disposição de todos os navios alemães no dia em que deixou o Almirantado em 1915.” Nessa noite, Churchill reuniu-se com a junta. “Olhou para cada um de nós com um ar crítico e, dizendo que mais tarde queria falar pessoalmente com cada um”, adiou o encontro, recordou mais tarde um membro da junta. “Meus senhores, aos seus lugares e

deveres”, disse Churchill. Mais tarde, ele escreveu sobre seu primeiro encontro com o primeiro-lorde do Mar, Sir Dudley Pound: “Nós nos olhamos com desconfiança, mas, desde os primeiros dias, nossa amizade e mútua confiança amadureceram.”

Duas semanas depois do início da guerra, Churchill recebeu uma carta de Colin Thornton-Kemsley, que seis meses antes tinha tentado removê-lo de seu distrito eleitoral. “Você avisou-nos repetidamente sobre o perigo alemão e tinha razão”, escreveu Thornton-Kemsley em seu acampamento do Exército. “Um gafanhoto sob uma planta não se sente orgulhoso por ter incomodado o campo com seu inoportuno tilintar. Por favor, não pense em me responder. Você está ocupado demais num cargo que todos estamos contentes que ocupe nestes tempos de perigo para a Grã-Bretanha.”

Mesmo assim, Churchill respondeu, dizendo ao seu ex-opponente: “Creio sinceramente que os ingleses devem partir de uma base de confiança entre eles, nessa tão grave luta, e, no que me diz respeito, o passado está morto.”

Na manhã de 4 de setembro, na esperança de aliviar um pouco a tremenda pressão militar alemã na frente polonesa, Churchill propôs um ataque conjunto do exército francês e da Força Aérea britânica à linha Siegfried, obrigando os alemães a defenderem sua Frente Ocidental. A ação não foi desencadeada, mas o constante propósito de Churchill era procurar todas as possíveis áreas de ação, acelerar qualquer medida e não se acomodar a rotinas e adiamentos. Todos os dias ditava uma dúzia ou mais de notas aos seus subordinados com sugestões de ações ou com perguntas. Na noite de 4 de setembro, disse aos seus assessores: “O primeiro-lorde submete essas notas a seus colegas navais para consideração e *para crítica e correção* e espera receber propostas para ação no sentido desejado.” Quando o assunto era urgente, Churchill colava na minuta uma etiqueta vermelha, na qual estavam impressas três palavras: “AÇÃO PARA HOJE.”

No mar, os submarinos alemães tinham começado a afundar sistematicamente os navios mercantes ingleses. Uma proposta que Churchill fez nessa semana, e à qual ele atribuía “a maior importância”, foi que o boletim de notícias do Almirantado “mantivesse sua reputação de veracidade”. Suas responsabilidades rapidamente avançaram para além da guerra no mar. Em 6 de setembro, Chamberlain nomeou-o para uma comissão do Gabinete de Guerra que determinaria os efetivos das forças terrestres britânicas e o ritmo a que deveria ser completada a produção de equipamentos, uma decisão sucessivamente atrasada e adiada pelo governo antes da guerra. “Temos de ocupar nossa posição na linha se quisermos manter a Aliança unida e vencer a guerra”, disse Churchill à sua comissão em 8 de setembro. Seu objetivo era ter vinte divisões britânicas prontas para combater juntamente com os franceses, em março de 1940, e 55 divisões equipadas e prontas para ação no final de 1941. Contudo, o ministro da Aviação opunha-se ao ritmo acelerado que Churchill propunha para preparar as novas divisões do Exército, com base em que poderia afetar negativamente o ritmo da produção de aviões; a mobilização das fábricas que Churchill tinha exigido repetidamente nos seus anos mais selvagens tinha sido feita tarde demais para permitir que as necessidades da Grã-Bretanha fossem satisfeitas quando era mais necessário.

Churchill continuou a pressionar para que fábricas fossem construídas, sabendo que, se não fossem preparadas antecipadamente, não poderiam ser criadas de repente, quando a necessidade se tornasse urgente. A Kingsley Wood, que não acreditava que poderiam ser criadas 55 divisões do Exército no prazo de dois anos sem prejudicar a Força Aérea, Churchill escreveu em 9 de setembro: “Perdoe-me se coloco minha experiência e meus conhecimentos, que não são teóricos, à sua disposição.” Churchill tomava agora conhecimento de quão desastrosos eram os efeitos das falhas e dos atrasos anteriores à

guerra, mas mantinha sua confiança. Ao saber que o embaixador da Inglaterra em Roma, Sir Percy Loraine, tinha falado sobre uma possível paz negociada quando a Polônia fosse derrotada, Churchill fez uma minuta: “Parece que Loraine não entendeu nossa determinação. Seguramente pode ser conduzido a um estado de espírito mais robusto.”

Em 9 de setembro, em absoluto sigilo, as primeiras tropas da Força Expedicionária Britânica dirigiram-se à França em navios e sem baixas. Churchill, cujos navios de guerra tinham escoltado as tropas, repetia um feito de agosto de 1914 que muito o orgulhava. Por duas vezes, em vinte e cinco anos, tinha sido responsável pela travessia segura de um exército inglês para a França.

Nesse dia, para ajudá-lo a estudar a massa de material técnico que chegava às suas mãos todos os dias e para dar prosseguimento à investigação e ao desenvolvimento de novas ideias, Churchill nomeou Lindemann como “assessor pessoal do primeiro-lorde para assuntos científicos”. Um mês depois, nomeou-o chefe de um departamento especial de estatística de seu gabinete privado, com instruções para providenciar “um quadro semanal dos progressos em todas as novas construções, apontando atrasos em relação às datas estabelecidas”. Lindemann e sua equipe elaboravam também relatórios semanais sobre munições, torpedos, entregas de combustível e produção. Em pouco tempo, os gráficos de Lindemann tornaram-se um ponto fundamental na conduta das ações do Almirantado, esquadrinhados todas as manhãs por Churchill para detectar qualquer área de fraqueza ou perigo potencial e atuar em conformidade.

Tal como em agosto de 1914, o primeiro plano de ofensiva de Churchill consistia numa incursão naval britânica no Báltico; dessa vez, ele propunha uma expedição naval conduzida por dois couraçados munidos de canhões de quinze polegadas para ameaçar a costa alemã. Em 12 de setembro, apresentou essa ideia aos seus conselheiros, estipulando o início da ação para março de 1940. “Submeto essas ideias para estudo, esperando que a intenção seja resolver as dificuldades”, escreveu ele à sua equipe. Dois dias depois, pressionou o Conselho de Guerra a fazer total uso do poder ofensivo da Força Aérea atacando as fábricas alemãs de óleo sintético que se encontrassem “isoladas da população civil”. Porém, em resposta, Kingsley Wood falou sobre a necessidade de manter intacta a “pequena e inferior Força Aérea” da Grã-Bretanha enquanto a existência da própria Grã-Bretanha não estivesse ameaçada. A situação seria “incomensuravelmente melhor” em março de 1940, afirmou ele.

Em 15 de setembro, Churchill pôde falar a Chamberlain sobre a descoberta de uma “massa de artilharia do tempo da guerra que armazenei em 1919”. As armas e as munições que tinha mandado armazenar como ministro das Munições constituiriam agora “a artilharia pesada, não da nossa pequena força expedicionária, mas de um grande exército”. Nessa noite, Churchill foi até a base naval de Scapa Flow, onde mais uma vez tomou conhecimento da lentidão dos preparativos no período anterior à guerra; as defesas de Scapa não estariam completadas antes da primavera de 1940. Soube também que a Marinha não possuía contratorpedeiros suficientes nem para proporcionar uma escolta de um contratorpedeiro a cada couraçado.

Preocupado com a capacidade alemã de movimentar seus abastecimentos essenciais de minério de ferro extraídos das minas na Suécia até o porto norueguês de Narvik por estrada de ferro e depois por mar, através das águas territoriais da Noruega, para a Alemanha, Churchill sugeriu ao Gabinete de Guerra, em 19 de setembro, que a Marinha colocasse minas dentro das águas territoriais norueguesas, obrigando os navios de transporte de ferro a passarem por alto-mar, onde podiam ser afundados. Não se chegou a uma decisão, mas, numa discussão sobre uma possível ofensiva aérea britânica contra a Alemanha, Samuel Hoare disse aos seus colegas: “Segundo nosso programa, passará muito tempo até que consigamos paridade com os alemães.” Cinco anos antes, Hoare havia minimizado continuamente os avisos de Churchill de que a Inglaterra estava perdendo sua paridade aérea com a Alemanha.

A leste, a Rússia havia colocado em prática o pacto feito em agosto com a Alemanha, avançando

rapidamente para a Polônia e eliminando qualquer possibilidade de continuação da resistência polonesa a partir das províncias orientais. Encurralados entre uma máquina militar alemã superior e o avanço russo, os poloneses não tinham outro remédio se não encarar a derrota e a partilha. Com a aliança entre a Rússia e a Alemanha, Churchill abandonou seu plano de enviar a armada inglesa para o Báltico. Porém, “a tentativa de uma ofensiva naval deve ser incessante”, disse ele a Pound.

Em 26 de setembro, Churchill falou na Câmara dos Comuns, fazendo um pequeno resumo da guerra no mar e informando que o sistema de escoltas de navios já estava implementado, mas que não se podia esquecer que “a guerra está cheia de surpresas desagradáveis”. Seu tema era o mesmo do discurso que tinha feito na Mansion House em outubro de 1914: “Temos apenas de perseverar para conquistar.” Depois do discurso, Harold Nicolson escreveu em seu diário: “Naqueles vinte minutos, Churchill aproximou-se mais do posto de primeiro-ministro do que nunca antes. Em conversas posteriores, até defensores de Chamberlain disseram que haviam encontrado ‘nosso líder’. Velhos parlamentares confessaram que nunca, em sua experiência, tinham visto um único discurso mudar tanto o ambiente da Câmara.”

Antigos críticos viam agora as qualidades de Churchill. “Winston é o único ministro do Gabinete que coloca as coisas de modo cativante aos olhos do nosso povo”, escreveu Thomas Jones a um amigo em 30 de setembro. “O primeiro-ministro é mesquinho e enfadonho e fala de resistência e vitória no tom mais derrotista.”

Em 1º de outubro, Churchill fez sua primeira emissão radiofônica desde o início da guerra. Sobre a Polônia derrotada, disse que se ergueria novamente “como uma rocha, que pode por algum tempo ser submergida por uma onda da maré, mas que se manterá uma rocha”. Quanto à Marinha britânica, estava tomando a ofensiva contra os submarinos alemães, “perseguindo-os dia e noite — não direi sem misericórdia, porque Deus nos proíbe que nos separemos dela —, mas a todo o custo, com o maior zelo e não sem satisfação”. A guerra pode durar pelo menos mais três anos, mas a Grã-Bretanha lutará até o fim, “convencida de que somos os defensores da civilização e da liberdade”.

“Ouvi o inspirador discurso de Winston Churchill no rádio”, escreveu em seu diário Jock Colville, um secretário privado de Chamberlain. “Ele nos dá confiança e força de vontade. Suspeito de que será primeiro-ministro antes do final da guerra.” Cinco dias mais tarde, depois de Hitler ter falado em Berlim sobre sua vontade de negociar a paz com a Grã-Bretanha e a França em troca de uma “hegemonia efetiva” sobre a Tchecoslováquia e a Polônia, Churchill pressionou seus colegas para que rejeitassem quaisquer negociações até que fossem feitas reparações “aos Estados e aos povos que foram tão injustamente conquistados” e até que tenham sido inequivocamente restauradas “vida e soberania efetivas”. Aconselhou-os também a procurar um modo, enquanto a Itália se mantivesse neutra, de afastar Mussolini da influência de Hitler.

Em 4 de outubro, Churchill fez uma pequena pausa em suas preocupações com a guerra para ir a Smith Square, em St. John, para o casamento de seu filho Randolph com Pamela Digby, de 19 anos. Aos que diziam que o casal não tinha dinheiro suficiente para casar, Churchill comentou: “Do que eles precisam? Charutos, champanhe e uma cama de casal.”

Em 8 de outubro, Churchill propôs o estabelecimento de uma Guarda Territorial composta por meio milhão de homens de mais de 40 anos, homens “cheios de vigor e experiência”, muitos dos quais haviam servido na última guerra e agora ouviam que não eram necessários. Para Churchill, eles podiam guardar instalações metropolitanas, deixando livres homens mais jovens que pudessem servir em unidades preparadas para irem para o exterior.

Quanto a assuntos navais, após sua visita a Scapa Flow recomendou que a esquadra não ficasse “amarrada”, como ele a viu. “Os próximos dias apresentam grande perigo.” Sua recomendação foi feita a tempo, mas nenhuma providência foi tomada. Dois dias depois, em 14 de outubro, um submarino alemão penetrou nas defesas de Scapa Flow e afundou o couraçado *Royal Oak*, então ancorado, afogando mais de oitocentos oficiais e marinheiros. “Quando dei a notícia a Churchill, apareceram lágrimas em seus olhos e ele murmurou: ‘Pobres rapazes, pobres rapazes, apanhados nas negras profundidades’”, recordou mais tarde um dos seus secretários privados, John Higham.

Churchill voltou a Scapa Flow em 31 de outubro. Sua primeira instrução foi ordenar a camuflagem dos depósitos de combustível e a criação de modelos de depósitos que os alemães pudessem ver com maior facilidade e onde gastassem suas bombas. Dois dias depois, tendo voltado a Londres, atravessou o canal para a França num contratorpedeiro, fazendo sua primeira visita em tempo de guerra, para oferecer à Marinha francesa um suprimento completo e treinamento para o uso de um novo equipamento britânico de detecção de submarinos. O ministro francês da Marinha, almirante Darlan, a quem a oferta foi feita, estava visivelmente comovido. Em Paris, Churchill visitou o primeiro-ministro, Daladier, a quem disse que a Grã-Bretanha pretendia “fazer melhor do que o combinado” quanto ao número de soldados a serem enviados à França.

Ao voltar a Londres, Churchill falou na Câmara dos Comuns em 7 de novembro, abordando a perda do *Royal Oak* e o contínuo afundamento de navios mercantes ingleses pelos alemães. Mantendo o equilíbrio entre realismo e confiança que tinha sido a marca de todos os seus discursos em tempos de guerra, disse: “Não haverá nessa guerra nenhum momento em que os mares serão totalmente seguros, mas também não haverá, acredito e confio, qualquer período em que o tráfego dos aliados não poderá ser posto em prática. Sofreremos continuamente, mas com perseverança, e não tenho dúvida de que no final quebraremos seus corações.”

Numa emissão radiofônica em 12 de novembro, enquanto relatórios diplomáticos e de agentes revelavam a preparação alemã para atacar a ocidente, Churchill voltou a falar com confiança nos resultados da guerra. Poderão ocorrer “acontecimentos violentos e terríveis”. Haverá “tempestades terríveis”. Porém, “pode ser que a extinção de uma maligna dominação pavimente o caminho para uma mais vasta solidariedade de todos os homens em todas as terras, algo que nunca poderíamos ter planejado se não tivéssemos marchado juntos através do fogo”.

Desde o início de novembro, as perdas britânicas de navios tinham aumentado no mar do Norte, em especial devido ao uso alemão de minas magnéticas, para as quais não se conheciam defesas. Os peritos do Almirantado trabalharam dia e noite para descobrir o segredo da nova mina. Na noite de 22 de novembro, a investigação tomou o rumo de uma solução. “Muitas minas magnéticas foram localizadas”, disse Churchill no Gabinete de Guerra dois dias depois. “Uma mina caiu na lama perto de Shoeburyness, onde foi recuperada na maré baixa.”

Oficiais navais estavam estudando a mina. Duas protuberâncias, que se presumiu serem detonadores, foram retiradas e levadas, com a mina, para um exame detalhado. Às 23h de 23 de novembro, o capitão-tenente Roger Lewis, um dos quatro homens que tinham recuperado a mina, chegou ao edifício do Almirantado. “Reuni oitenta ou cem funcionários e oficiais em nossa maior sala”, recordou mais tarde Churchill. “A audiência estava entusiasmada e ouviu a narrativa profundamente consciente de tudo o que estava em jogo.”

Quando Lewis terminou seu relato, Churchill comentou: “Em suma, você disseceu esse monstro, dividiu-o em peças e agora pode examiná-lo à vontade! Poderá descobrir toda a história da vida desse

animal!” Era meia-noite. “Recebemos nossa recompensa”, disse Churchill aos marinheiros reunidos. “Devemos muito ao espírito público do capitão-tenente Lewis e de seu colega capitão-tenente Ouvry, que defrontaram essa ameaça hoje.” Um dos resultados da recuperação da mina foi a atribuição, por sugestão de Churchill, das primeiras cinco condecorações navais da guerra, duas Distinguished Service Order (Ordem de Serviços Distintos), uma Distinguished Service Cross (Cruz de Serviços Distintos) e duas Distinguished Service Medal (Medalha de Serviços Distintos), entregues pessoalmente pelo rei George VI.

Em 30 de novembro, Churchill completou 65 anos. A filha de Asquith, Violet, felicitou-o: “O senhor não precisa de uma transfusão de sangue, ao contrário de alguns dos seus colegas.” Uma semana depois, Churchill fez uma exposição sobre a guerra no mar na Câmara dos Comuns. “Quando apresenta estimativas de nossa tonelagem naval, ele acrescenta os navios que operam nos lagos canadenses, mas é vigoroso e eloquente”, disse Harold Nicolson.

Nessa semana, Churchill ficou zangado com as objeções do ministro da Aviação ao seu plano de lançar milhares de minas no Reno, com a intenção de quebrar uma das principais rotas alemãs de fornecimento de matérias-primas e munições. Quando o ministro da Aviação escreveu que o esquema não era “vantajoso”, Churchill comentou à margem: “Não irrite os alemães, meu caro!” Numa carta a Kingsley Wood, tentando conseguir apoio para o lançamento das minas, escreveu: “A ofensiva é três ou quatro vezes mais dura do que a resistência passiva do dia a dia e, por isso, requer todo o apoio possível nas primeiras fases. Nada é mais fácil do que embalá-la no berço. No entanto, talvez resida aí a segurança.”

Em 30 de novembro, a União Soviética havia invadido a Finlândia. Muitos ingleses quiseram ir em auxílio dos finlandeses, mas Churchill, não; para ele, a Alemanha era o inimigo contra o qual deveriam concentrar todos os esforços. “Ainda tenho esperança de que seja possível evitar uma guerra com a Rússia e é minha política tentar evitá-la”, escreveu a Dudley Pound enquanto a guerra na Finlândia se intensificava. As bases que a Rússia conseguisse na Finlândia “são necessárias apenas contra a Alemanha”, disse ele. Sua principal preocupação não era o Báltico, mas a costa atlântica da Noruega. Numa semana, sete navios de transporte de ferro alemães tinham utilizado as águas territoriais norueguesas. “Devemos demonstrar que temos razão”, escreveu a Pound em 7 de dezembro. Uma mensagem de Washington dizia que as reações de Roosevelt ao lançamento de minas nas águas norueguesas “eram mais favoráveis do que eu pensava”, disse Churchill ao Gabinete de Guerra em 11 de dezembro.

Churchill pediu ao Gabinete de Guerra que uma decisão fosse tomada com urgência. Além de minarem as águas norueguesas, propunha um desembarque militar em Narvik e um avanço por terra para a Suécia, para ocuparem os campos de minério. Propôs 29 de dezembro como data para início da ação. Porém, o Gabinete de Guerra, ainda que concordasse em princípio com seu plano, recusou marcar uma data e pediu que fossem feitas novas averiguações, em especial sobre os efeitos adversos de um avanço por terra através da Suécia, na opinião pública neutra.

No Atlântico Sul, o couraçado de bolso alemão *Graf Spee* afundava navios mercantes quase diariamente. Em 13 de dezembro, no primeiro grande sucesso da guerra, foi localizado por três cruzadores britânicos, atingido mais de cinquenta vezes e obrigado a refugiar-se nas águas territoriais uruguaias. “Foi verdadeiramente emocionante acompanhar o drama dessa brilhante ação dirigida da sala de guerra do Almirantado”, recordou Churchill mais tarde.

Quatro dias depois, o *Graf Spee* foi explodido. Numa transmissão radiofônica feita nessa noite,

Churchill deu à nação detalhes sobre a ação, confiante em que “no final, as dificuldades serão ultrapassadas, os problemas serão resolvidos e o dever, cumprido”. Um deputado conservador, Vyvyan Adams, escreveu: “Gostaria que pudesse falar no rádio todas as noites!” Ele acrescentou: “O senhor tem razão, se me é permitido dizê-lo, em colocar a ênfase na dificuldade da luta que temos pela frente.” A David Margesson, cuja irmã tinha morrido havia pouco tempo, Churchill escreveu nesse mês: “O mundo torna-se cada vez mais horrendo à medida que por ele caminhamos.”

Pouco antes do Natal, estimulada pelos encorajamentos de Churchill, sua equipe descobriu um meio de desmagnetizar navios para que pudessem passar pelas letais minas magnéticas sem danos. “Creio que pegamos os alemães”, telegrafou Churchill ao presidente Roosevelt em 24 de dezembro.

No dia de Natal, Churchill reiterou a Chamberlain que todos os seus assessores navais estavam determinados a ocupar os campos de minério de ferro suecos “e acreditam que é o caminho mais curto e mais seguro para atingirmos nossos fins”. Dois dias depois, ele disse ao Gabinete de Guerra que, assim que autorizasse, o Almirantado estava pronto para enviar uma força naval para conter o movimento de navios carregados de minério para sul. No entanto, mais uma vez, a única decisão foi adiar a decisão. Em 29 de dezembro, dia proposto por Churchill para o início da ação, informou ao Gabinete de Guerra que estavam sendo despachados dezoito trens de minério por dia, em vez de dez, como sucedera até então, das minas para Narvik. “Assim, o minério alemão vai fluindo para sul e os agravos ingleses esfriam.”

Churchill propôs uma nova data para agirem, com a captura dos navios de minério de ferro alemães a começar dentro de seis dias, em 4 de janeiro de 1940. Apesar de ter advertido para o fato de que se houvesse um adiamento muito prolongado os alemães “podem tentar se antecipar a nós”, os chefes do Estado-Maior preferiam desencadear uma ação mais vasta contra a Suécia em março em detrimento de uma ação costeira contra a Noruega em janeiro. Churchill foi demolidor: “Receio que isso nos conduzirá a conclusões puramente negativas e que nada poderá ser feito.”

Em 6 de janeiro, Churchill foi à França, atravessando o canal a partir de Dover no contratorpedeiro *Codrington*. Com ele iam Lindemann, que ele descreveu ao comandante-chefe da Força Expedicionária Britânica, lorde Gort, como “meu confidente”, seu filho Randolph, sua secretária Kathleen Hill, seu ajudante de campo naval capitão-tenente “Tommy” Thompson, que viajaria com ele ao longo da guerra, dois inspetores da polícia e seu antigo guarda-costas, Walter Thompson, agora novamente ao seu lado, que também o acompanharia até o fim da guerra. Nessa manhã, Churchill foi a Vincennes para discutir com o general Gamelin e o almirante Darlan sobre o lançamento de minas no Reno; Darlan estava ansioso por agir tão breve quanto possível.

Churchill foi então à linha Maginot e, por fim, ao quartel-general do exército francês em La Ferté, passando a noite num hotel próximo. No dia seguinte, visitou o quartel-general da Força Avançada de Ataque Aéreo britânica, perto de Reims, onde inspecionou posições de artilharia e aeródromos e passou a noite. Em 8 de janeiro, foi a Arras, onde almoçou com lorde Gort e visitou várias unidades militares. “Quem se sente deprimido e insatisfeito na Inglaterra aprenderia muito passando alguns dias com os exércitos britânico e francês”, disse ele numa declaração à imprensa no dia seguinte. “Veriam que é ao mesmo tempo um tônico e um sedativo. Infelizmente, o Almirantado não pode garantir transporte para todos.”

De volta a Londres em 9 de janeiro, Churchill insistiu numa melhoria da qualidade dos armamentos antiaéreos no setor britânico. Ficou também preocupado, como em agosto de 1939, com a interrupção de trezentos quilômetros entre o extremo norte da linha Maginot e o mar do Norte. Essa interrupção situava-se na Bélgica. Porém, apesar de pressões, tanto de Chamberlain quanto de Churchill, o rei belga recusou-

se a permitir que as tropas britânicas se deslocassem para preenchê-la, querendo que o ônus da quebra da neutralidade belga fosse atribuído aos alemães.

Essa não foi a única decisão negativa que preocupou Churchill nessa semana. Em 12 de janeiro, o Gabinete de Guerra decidiu, apesar de pressões em sentido contrário, que “não deveria ser feita nenhuma ação” para interromper o tráfego alemão de minérios vindo de Narvik. Sua frustração era enorme. Numa carta enviada a Halifax em 15 de janeiro, mencionou “as enormes dificuldades que nosso maquinismo de condução da guerra apresenta a uma ação positiva. Vejo paredes de prevenção tão altas, construídas e em construção, que me pergunto se algum plano conseguirá ultrapassá-las”. Tinha um ou dois planos em andamento, entre os quais minar o Reno e as águas norueguesas, “mas receio que sucumbirão perante a tremenda quantidade de forças e argumentos negativos”. Uma coisa era “absolutamente certa: nunca conseguiremos a vitória seguindo o caminho de menor resistência”.

Em 18 de janeiro, no Gabinete de Guerra, Churchill ficou furioso ao saber que a comissão do Ministério dos Abastecimentos, cuja tarefa era coordenar a manufatura de munições na área de Birmingham, somente iniciaria os trabalhos no dia seguinte e que era apenas consultiva, sem poderes para fazer encomendas de munições. Muito tempo antes, em 23 de abril de 1936, ele já tinha defendido a criação de um Ministério dos Abastecimentos com poderes reais, mas a instituição só foi criada em 14 de julho de 1939 e ainda não tinha o poder de obrigar a manufaturar de acordo com as necessidades das Forças Armadas.

Em 20 de janeiro, em sua quarta emissão radiofônica desde o início da guerra, Churchill falou sobre os finlandeses, que ainda lutavam teimosamente contra o exército russo. “A Finlândia, soberba, não, sublime nas garras do perigo. A Finlândia mostra o que homens livres podem fazer”, disse ele. No entanto, foi mordaz ao falar sobre os Estados neutros: “Cada um espera que, alimentando o crocodilo, ele o comerá por último.” Todos esperam que a tempestade passe “antes que chegue sua vez, mas eu receio — e receio muito — que a tempestade não passará. Assolará e rugirá, com ainda mais ruído e de forma mais vasta. Alastrará para o sul, alastrará para o norte”. Não é possível “apressar o fim” da guerra a não ser por intermédio de uma ação unida. Se a Grã-Bretanha e a França, “fatigadas da luta, forem obrigadas a fazer uma paz vergonhosa, nada mais restará aos pequenos Estados da Europa senão serem divididos entre barbarismos opostos, mas similares: nazismo e bolchevismo”.

No entanto, Churchill terminou com uma nota de confiança:

Que as grandes cidades de Varsóvia, Praga e Viena varram o desespero, mesmo no meio de sua agonia. Sua libertação é garantida. Chegará o dia em que os sinos voltarão a bater em toda a Europa e em que vitoriosas nações, dominadoras não só de seus inimigos, mas de si próprias, planejarão e construirão em justiça, em tradição e em liberdade uma casa com muitos quartos onde haja espaço para todos.

O fator decisivo na vitória não será a quantidade, mas “uma causa que faça brotar espontaneamente ondas do espírito humano em milhões de corações”. Se fosse de outro modo, “como a raça dos homens se teria erguido acima dos símios? Como teria vencido e extirpado dragões e monstros? Como teria feito evoluir o tema moral?”.

Milhões de ouvintes sentiram-se inspirados pelas palavras de Churchill, que foram ouvidas não só na Inglaterra e na França, mas em rádios clandestinas nos territórios conquistados. No entanto, quatro Estados neutros — Noruega, Holanda, Dinamarca e Suíça — protestaram contra esse apelo a que se

unissesem aos Aliados. Halifax informou a Churchill sobre esses protestos, que respondeu: “O que eles dizem é muito diferente do que sentem e do que vai acontecer. No entanto, isso se aproxima de uma profecia.” Halifax não disse a Churchill que o governo francês considerou seu apelo aos países neutros “apropriado e cuidadosamente fraseado” e que elogiou o próprio discurso por seu “realismo e firmeza”. “Pedirem que eu não faça discursos é como pedir a uma centopeia que caminhe sem pôr as patas no chão”, acrescentou Churchill.

Uma semana depois, ele fez nova emissão radiofônica, em que descreveu algumas das atrocidades que os nazistas estavam perpetrando na Polônia, onde milhares de civis tinham sido assassinados num banho de sangue selvagem e indiscriminado. Por esses “vergonhosos fatos”, disse ele, “podemos julgar qual será nosso destino se cairmos em suas garras”. No entanto, desses fatos também “podemos retirar a força e a inspiração para levarmos adiante nossa tarefa e não termos pausas nem descanso até que a libertação seja conseguida e tenha sido feita justiça”.

Mais de três meses haviam decorrido desde que a Polônia fora invadida. Desde então, a Grã-Bretanha se mantivera na defensiva. Churchill estava convencido de que ainda se devia atuar em relação aos navios transportadores de minério de ferro que se movimentavam sem interrupção de Narvik para a Alemanha. No Conselho Supremo da Guerra, em Paris, em 5 de fevereiro, em que ele esteve presente, foi finalmente decidido controlar os campos suecos de minérios.

Nesse dia, também se chegou a um acordo sobre a ajuda à Finlândia, contra a Rússia, por meio do envio de mais de 30 mil soldados britânicos e franceses para a Escandinávia. Os chefes de Estado-Maior britânicos estabeleceram uma data para o desembarque em Narvik, que ficou marcado para 20 de março.

Pouco depois do regresso de Churchill, um navio de abastecimentos alemão, o *Altmark*, foi visto nas águas territoriais da Noruega. Presos sob o convés estavam 299 prisioneiros britânicos, muitos marinheiros mercantes que o *Graf Spee* tinha capturado após ter afundado seus navios no Atlântico Sul. Os prisioneiros estavam sendo transferidos para a Alemanha para serem internados em campos. Um contratorpedeiro britânico, o *Cossack*, tinha seguido o *Altmark* até as águas norueguesas. Em 16 de fevereiro, Churchill escreveu pessoalmente uma ordem para o comandante do contratorpedeiro, capitão Philip Vian: “Deve abordar o *Altmark*, libertar os prisioneiros e tomar o navio.” Se o torpedeiro norueguês que está ao lado do *Altmark* abrir fogo, “o senhor deve defender-se, não usando mais força do que a necessária, e cessar fogo quando ele desistir”.

Nessa noite, Churchill esperou ansiosamente para receber notícias do que se passara. Um grupo de abordagem do *Cossack* tinha subido a bordo do *Altmark*. Na luta que se seguiu, quatro alemães foram mortos, mas os outros renderam-se ou fugiram para terra. Todos os prisioneiros britânicos haviam sido libertados. “Winston merece grande parte do mérito”, escreveu lorde Lloyd numa carta privada em 18 de fevereiro. Cinco dias depois, Churchill falou em Guildhall, dando as boas-vindas às tripulações dos navios de guerra que tinham acabado com as depredações do *Graf Spee*. “Lutaram brilhantemente no mar”, disse ele. “Num negro, frio inverno, aqueceram os corações britânicos.”

“Winston domina o público com seus discursos”, comentou Hoare. Contudo, para o público britânico havia algo especial na linguagem de Churchill, um tom e uma disposição que transformavam, e continuariam a transformar, seus discursos em um tônico. Em 27 de fevereiro, voltou a discursar, apresentando os orçamentos da Marinha ao Parlamento pela primeira vez desde 1914. Em seu discurso, apresentou detalhes das “violências” cometidas pelos alemães em frotas de pesca, pequenos navios mercantes desarmados e navios ligeiros. Os barcos de pesca e pequenos navios, no entanto, começaram a andar armados, “porque se concluiu que nada dá melhores resultados do que disparar imediatamente quando se defrontam com esses atacantes”.

Violet Pearman, secretária de Churchill antes da guerra, enviou-lhe uma carta de agradecimento por

seu “enternecedor” discurso. “Creio que o país confia mais no senhor do que em qualquer outro membro do Gabinete para expressar o sentimento nacional do único modo que os alemães entendem, enfrentando o tirano e mostrando-lhe como é covarde.”

Em seu diário, Halifax, crítico de Churchill durante mais de dez anos, anotou em 28 de fevereiro: “Que extraordinária criatura ele é. Devo dizer que quanto mais sei sobre ele mais gosto dele. É a combinação de simplicidade, energia e agilidade intelectual que o torna tão interessante.”

Os chefes de Estado-Maior tinham marcado o desembarque em Narvik e o avanço militar para os campos de minérios de ferro da Suécia para 20 de março. Portanto, Churchill iniciou os planos para minar as águas territoriais norueguesas como preparação para o desembarque. Porém, em 29 de fevereiro, Chamberlain disse ao Gabinete de Guerra que os líderes do Partido Trabalhista, Clement Attlee e Arthur Greenwood, acreditavam que “não se justificava realizar ações que pudessem prejudicar uma terceira parte”. Para Chamberlain, os Estados Unidos também poderiam resistir ao lançamento de minas em águas neutras. Por isso, a operação devia ser adiada. Churchill ficou furioso. O plano deveria ter sido desencadeado “três meses antes”, disse ele. Ainda não era tarde demais. A ação faria “mais para acelerar a derrota da Alemanha do que qualquer outra medida que pudesse ser executada neste momento”.

Churchill estava desarmado perante a oposição de Chamberlain e a relutância do Gabinete de Guerra em determinar um plano ou fixar uma data definitiva. Somente em 12 de março, o Gabinete de Guerra concordou em avançar com um desembarque em Narvik, a ser seguido por outro desembarque mais ao sul. No dia seguinte, porém, os finlandeses assinaram um tratado com a União Soviética, cedendo grandes extensões de território e fortificações. Nessa noite, Chamberlain deu uma ordem de “pausa” na expedição a Narvik.

Completamente frustrado, Churchill escreveu a Halifax nessa noite: “Considerando o desconforto e o sacrifício impostos à nação, homens públicos encarregados da guerra deveriam viver em constante tensão. Leais descargos de consciência não são desculpa para os ministros. Temos de forjar e forçar a vitória.” A Grã-Bretanha tinha sofrido um “grande desastre” por não ter atuado no norte, “e isso deixou os alemães mais à vontade do que nunca. Se eles possuem algum plano contra nós, não sei, mas para mim seria espantoso que não tivessem”. Os alemães também deviam estar pensando sobre o que fazer. “É evidente que têm um plano. Nós não temos nenhum.”

Em 26 de março, os chefes de Estado-Maior, entre eles Pound, renovaram sua exigência de uma ação contra os carregamentos de minério de ferro sueco para a Alemanha. Quando o Conselho Supremo da Guerra se reuniu em Londres dois dias depois, concordou com a solicitação de Chamberlain de “dar todos os passos possíveis” para evitar que a Alemanha tivesse acesso ao minério sueco. Assim, a proposta de Churchill, apresentada inicialmente em 19 de setembro, foi finalmente posta em ação como política dos Aliados. Concordou-se em que as minas seriam lançadas nas águas norueguesas em 8 de abril, seguindo-se o controle naval da costa e um desembarque militar em Narvik. Churchill sentiu alívio; um intérprete do Gabinete, o capitão Berkeley, anotou em seu diário que, quando se chegou a um consenso, “Winston riu ruidosamente”. Finalmente, suas energias podiam ser aplicadas num plano com data estabelecida. Numa mensagem radiodifundida em 30 de março, ele previu “uma intensificação da luta”, acrescentando: “Não estamos de modo nenhum inclinados a afastar-nos.”

Com confiança, Chamberlain declarou num discurso público em 2 de abril que Hitler “tinha perdido o trem”. Porém, como Churchill tinha previsto em sua carta a Halifax, os alemães também tinham um plano, que consistia em fazer perigar e confundir tudo o que o Gabinete de Guerra tinha tão tardiamente concordado em fazer. De fato, a natureza e o calendário do plano alemão foram tais, que, no exato

momento em que forças navais britânicas colocavam minas no fiorde conduzindo a Narvik, em 8 de abril, as forças militares alemãs eram transportadas por mar para seis pontos da costa norueguesa, inclusive Oslo. Na manhã seguinte, uma força alemã também desembarcou em Narvik.

O governo britânico tinha adiado demais seus planos, apesar dos repetidos apelos de Churchill. Em 48 horas, os alemães tinham ocupado Oslo. A Dinamarca foi ocupada sem resistência. Na noite de 10 de abril, o general britânico que tinha sido designado comandante da força britânica, major-general Mackesy, recebeu instruções, ainda em Londres, para “expulsar os alemães de Narvik e estabelecer controle da cidade”. Suas tropas não estariam prontas para deixar a Grã-Bretanha pelo menos nas próximas 36 horas.

Era tarde demais; na batalha do norte da Noruega, bem como no sul, os alemães tinham predomínio e superioridade aérea. “Não ganhamos nada em culpar os Aliados, por não terem conseguido dar ajuda substancial e proteção a países neutros, se foram mantidos a prudente distância por esses países neutros até que fossem atacados segundo um plano cientificamente preparado pela Alemanha”, disse Churchill na Câmara dos Comuns em 11 de abril. Ele não fez referências públicas à sua tentativa de implementar um plano e atuar mais de seis meses antes ou aos posteriores cancelamentos, alterações, hesitações e adiamentos por parte do Gabinete de Guerra.

Em 13 de abril, sete navios de guerra alemães foram afundados em Narvik, mas a cidade manteve-se em mãos alemãs. Mais para sul, foram feitos desembarques britânicos bem-sucedidos a norte e sul de Trondheim, como parte de um ataque em tenaz, em relação ao qual Halifax estava muito entusiasmado, mesmo tendo desviado tropas da tentativa de assalto a Narvik. Ao largo de Narvik, o general Mackesy decidiu que um assalto direto à cidade não seria “praticável”. No entanto, fez desembarques em três outros pontos, o mais perto deles a 45 quilômetros a norte da cidade, e esperou pelo momento mais favorável para atacar. Em meados de abril, esse momento favorável ainda não tinha chegado; neve profunda e temperaturas de dezoito graus negativos à noite levaram Mackesy a propor, em 17 de abril, um adiamento do ataque até o final do mês.

Parecia que uma nova palavra, “Narvik”, poderia ser acrescentada à lista de fracassos de Churchill, mas a opinião pública já não olhava para episódios individuais. Queria liderança. Homens e mulheres de todos os partidos políticos e de todas as camadas da sociedade acreditavam que Churchill podia fornecer essa liderança. Sua posição no país era “inexpugnável”, anotou Colville em 26 de abril. Três dias depois, quando as tropas alemãs obrigaram os britânicos a abandonarem o ataque em pinça a Trondheim e a retirarem-se de suas duas posições costeiras, uma delegação de membros do Parlamento encontrou-se com Halifax para protestar pela “falta de iniciativa” demonstrada pelo governo em quase todas as esferas da política de guerra. O fracasso da Noruega estava criando um sentimento de cólera entre muitos conservadores leais a Chamberlain e causando até pressões para uma mudança do primeiro-ministro. Henry Channon, leal a Chamberlain, registrou em seu diário, em 30 de abril, o ponto de vista de muitos deputados “de que Winston deve ser primeiro-ministro, pois tem mais vigor e o país apoia-o”.

Entre 19 de abril e meados de maio, mais de mil mensagens de rádio ultrassecretas, entre elas ordens, instruções, relatórios e respostas de rotina, transmitidas na cifra Enigma usada pela Força Aérea e pelo exército alemão na Noruega para suas comunicações mais urgentes e secretas, foram decodificadas e lidas todos os dias pela Escola Governamental de Códigos e Cifras em Bletchley, a norte de Londres. A capacidade de decifrar essas mensagens de rádio ultrassecretas foi um triunfo dos serviços secretos britânicos, mas aconteceu de forma tão rápida e inesperada que ainda não havia um sistema seguro para enviar as preciosas informações aos comandos britânicos em campo.

Apesar dos repetidos apelos de Churchill, o general Mackesy recusou-se novamente a atacar o porto em 5 de maio. Churchill não tinha autoridade para destituí-lo nem meios para explicar-lhe que as ordens enviadas se baseavam num conhecimento preciso das forças e das intenções do inimigo.

A opinião pública estava agitada com as contínuas desistências e fracassos na Noruega. O povo ria de Chamberlain, que dois meses antes tinha declarado que Hitler “tinha perdido o trem”. Muitos, em ambas as oposições, trabalhista e liberal, queriam que Churchill conduzisse uma revolta parlamentar contra Chamberlain, mas ele se recusou. Era um membro leal do Gabinete de Guerra e trabalharia como parte de uma equipe e sem conspirações. Sua tarefa era conseguir meios de capturar Narvik; para isso, dedicava seu tempo à complexidade do planejamento militar e naval.

Apesar de continuamente pressionado por Churchill, que sabia por intermédio das mensagens decifradas quais eram os planos e as fraquezas dos alemães, o almirante no comando ao largo da Noruega, lorde Cork, hesitava em expulsar os alemães de Narvik. Em 1º de maio, na esperança de dar um maior impulso na direção da guerra, Chamberlain nomeou Churchill presidente da Comissão de Coordenação Militar, que englobava os ministros dos três ramos militares, dando-lhe maior autoridade para “orientar e dirigir” os chefes de Estado-Maior. Porém, a alteração veio tarde demais. Em 3 de maio, o chefe do Estado-Maior Imperial, general Ironside, escreveu em seu diário: “Ouvi dizer que começa uma contestação de primeira classe na Câmara e um forte movimento para mandar embora o primeiro-ministro. Naturalmente, o único homem que lhe pode suceder é Winston, mas ele é instável demais, ainda que tenha o gênio para levar ao fim da guerra.”

No Gabinete, em 6 de maio, Halifax tomou a iniciativa, quando, disse ele mais tarde, “sugeri que podíamos iludir os alemães com negociações de paz para ganharmos tempo”. Churchill ficou furioso, acusando-o de traição e recebendo depois uma nota de Halifax: “Você é muito injusto para com minhas irresponsáveis ideias. Podem ser tolas e são seguramente perigosas, mas não são uma traição.”

Churchill devolveu a nota a Halifax com um pedido de desculpas: “Meu caro Edward, tive um espasmo de medo. Desculpe-me se o ofendi. Foi um pensamento mortífero na presente atmosfera de frustração. Você não podia prever isso. Perdoe-me, W.”

Chamberlain cometeu então um novo erro ao dizer na Câmara dos Comuns que “a vantagem” continuava a ser da Inglaterra na batalha da Noruega. Tal declaração era claramente falsa. Numa atitude de raiva e incerteza, o povo falava até em trazer Lloyd George novamente ao poder, aos 77 anos. O Parlamento debateria a batalha da Noruega em 7 de maio. Nessa manhã, lorde Cork telegrafou a Churchill dizendo-lhe que podia, apesar de tudo, atacar Narvik com “uma boa chance” de sucesso. Esse telegrama só chegou a Londres à noite; o Parlamento, entretanto, ainda que com má disposição, tinha iniciado o debate sobre a Noruega.

Como ministro responsável pela Marinha, Churchill esteve entre os principais alvos das críticas. Com lealdade, preparou-se para defender as ações do governo, mesmo aquelas que tinham suscitado sua oposição no sigilo do Gabinete. Sua tarefa seria mediar o debate, mas se manteve sentado em silêncio na maior parte do tempo. Quando entrou na Câmara para defender a campanha da Noruega, Chamberlain foi recebido com gritos de “Perdeu o trem!”. Quando, incrivelmente, fez referência à complacência do povo britânico, houve ruidosos e irônicos gritos vindos de todas as seções da Câmara.

Momentos depois, Amery falou. Ex-ministro conservador e amigo de Chamberlain há duas décadas, voltou-se para o primeiro-ministro e citou as palavras que Cromwell tinha proferido no Longo Parlamento cerca de trezentos anos antes: “O senhor esteve sentado por tempo demais, qualquer que tenha sido o bem que fez. Retire-se, digo-lhe, e permita-nos que não tenhamos mais nada a ver com o

senhor. Em nome de Deus, retire-se!”

O debate devia continuar em 8 de maio. Nessa noite, Channon anotou em seu diário: “A atmosfera era intensa e por todo o lado se ouviam murmúrios: ‘o que vai fazer Winston?’”

O segundo dia do debate foi tão tempestuoso quanto o primeiro. Havia o receio de que um governo fraco provocasse um desastre militar e mesmo uma derrota. Quando a oposição trabalhista propôs que o debate se encerrasse com um voto de censura ao governo, Chamberlain retorquiu que tinha “amigos” na Câmara. Seu comentário foi recebido com gritos de escárnio. “Não se trata de saber quem são os amigos do primeiro-ministro”, replicou Lloyd George. “É uma questão muito maior”, disse ele, voltando a pedir a demissão de Chamberlain.

Lloyd George também disse à Câmara que Churchill não devia ser considerado culpado pelo que tinha acontecido na Noruega. Churchill levantou-se imediatamente de seu lugar e declarou: “Assumo inteira responsabilidade por tudo o que foi feito no Almirantado e assumo a parte que me cabe desse fardo.” Lloyd George, então, eletrizou a Câmara cheia ao avisar Churchill de que ele “não deve converter-se num abrigo contra ataques aéreos para evitar que os estilhaços atinjam seus colegas”.

Churchill falaria em breve. Antes disso, teve uma breve conversa com Harold Macmillan. “Desejei-lhe sorte, mas acrescentei que esperava que seu discurso não fosse convincente demais”, recordou mais tarde Macmillan.

— Por quê? — perguntou Churchill.

— Porque precisamos de um novo primeiro-ministro e deve ser você.

Churchill compreendeu a preocupação do amigo. “Respondeu asperamente que se alistara na viagem e que não abandonaria o barco”, recordou Macmillan.

Quando falou, Churchill não apenas defendeu a conduta da Marinha na Noruega, como também, conforme Lloyd George e Macmillan receavam, defendeu o objetivo do governo de expulsar os alemães da costa norueguesa. “Via-se claramente que tinha modos belicosos e estava vivo e contente consigo mesmo, saboreando a posição irônica em que se encontrava; isto é, a defender seus inimigos numa causa em que não acreditava”, escreveu Channon em seu diário. De fato, Churchill tinha esperança de que a situação norueguesa pudesse ser melhorada. Sabia, ainda que não o pudesse dizer, que lorde Cork desejava e fazia planos para tentar apoderar-se de Narvik.

Ao comentar a observação de Chamberlain de que tinha “amigos” na Câmara, Churchill disse: “Ele pensa ter alguns amigos, e eu espero que sim. Tinha muitos quando as coisas corriam bem.” Numa votação normal, Chamberlain e os conservadores podiam contar com uma maioria de mais de duzentos votos. Nessa noite, conseguiram uma maioria de apenas 81 votos. Foi uma falsa vitória. Quando o resultado da votação foi anunciado, muitos membros, numa demonstração hostil para com o primeiro-ministro, começaram a cantar “Rule Britannia”. Contudo, mesmo essa demonstração sem precedentes foi afogada em gritos de “Saia! Saia! Saia! Saia!” enquanto Chamberlain deixava a Câmara. David Margesson chegou a recear pela segurança física de seu chefe quando o acompanhou na saída.

Chamberlain estava devastado. Nessa noite, foi ao palácio de Buckingham para falar com o rei; não pretendia se demitir, mas dizer-lhe que tentaria formar um governo multipartidário, que incluiria trabalhistas e liberais. A aversão que agora existia entre Chamberlain e os partidos da oposição era profunda, mas podia ser diminuída. Para eles, Chamberlain era a personificação da lentidão e do fracasso. Na manhã seguinte, 9 de maio, disse a um confidente, Sir Kingsley Wood, que, se os trabalhistas não aceitassem ser incluídos num governo chefiado por ele, pediria a demissão. Nesse dia, Churchill almoçou com Kingsley Wood, que não só o pressionou a tornar clara sua disponibilidade para suceder a Chamberlain como o avisou de que Chamberlain pretendia que Halifax lhe sucedesse. O conselho de Kingsley Wood a Churchill foi enfático: “Não concordamos.”

Nessa tarde, Chamberlain convocou Churchill e Halifax à Downing Street. A “questão principal”, segundo disse a ambos, era preservar a unidade nacional. Por isso, os trabalhistas deveriam integrar o governo. Se os trabalhistas não concordassem em fazer parte de um governo chefiado por ele, estava “pronto para demitir-se”. Depois, pediu aos líderes do Partido Trabalhista, Attlee e Greenwood, que se deslocassem à Downing Street. Estariam dispostos, perguntou-lhes na frente de Halifax e Churchill, a integrar um governo de que ele, Chamberlain, seria primeiro-ministro, ou, se não o aceitassem, integrariam um governo com outra personalidade conservadora?

Os líderes trabalhistas explicaram que a resposta a ambas as perguntas dependeria dos pontos de vista do Partido Trabalhista. Poderiam conseguir uma resposta rápida, pois o partido realizava naquele momento sua conferência anual em Bournemouth. No entanto, era sua convicção que as respostas seriam “não” com Chamberlain como primeiro-ministro e “sim” com outro conservador no cargo. Attlee e Greenwood partiram da Downing Street para a costa sul, deixando sozinhos Chamberlain, Churchill e Halifax. Era evidente que Churchill ou Halifax assumiria o cargo de primeiro-ministro. Era também evidente que Chamberlain sem dúvida preferia Halifax, seu colega da década anterior.

Chamberlain disse aos dois contendores que Halifax seria “mencionado como o mais aceitável”. No entanto, Halifax explicou que estava relutante em tentar dirigir o destino da guerra a partir da Câmara dos Lordes. Seria responsabilizado por tudo, mas não teria “o poder de conduzir a assembleia de cuja confiança dependia qualquer governo”. Sem liderar a Câmara dos Comuns, disse Halifax, “eu seria um zero”. Churchill não fez comentários. Halifax disse então que pensava que “Winston seria uma escolha melhor”. Churchill não objetou. Como observou Halifax horas depois, estava “muito amável e simpático, mas mostrava que pensava ser essa a melhor solução”.

Churchill garantiu a ambos que não contataria nem os líderes trabalhistas nem os líderes liberais até que o rei lhe pedisse que formasse um governo. O encontro encerrou-se. As esperanças de Chamberlain sobre impedir que Churchill viesse a ser primeiro-ministro pareciam desvanecer-se. O líder *whip* do governo, David Margesson, olhos e ouvidos de Chamberlain na Câmara dos Comuns, disse-lhe que a opinião parlamentar se inclinara para Churchill.

Nessa noite, Churchill jantou com vários políticos que eram seus amigos íntimos, entre eles Sinclair e Eden. Estava confiante e disse aos convidados que pensava que Chamberlain aconselharia o rei a chamá-lo, pois Halifax “não quis suceder-lhe”. Ao longo do jantar, falou-se sobre a composição do novo Gabinete se ele fosse chamado a formá-lo; Churchill disse que pretendia manter Chamberlain no Gabinete, nomear Eden ministro da Guerra e a si próprio ministro da Defesa, acumulando com o cargo de primeiro-ministro.

Nessa noite, Churchill recebeu um telefonema de Randolph, que estava em seu acampamento do Exército no norte da Inglaterra e perguntava quais eram as novidades. “Creio que amanhã serei primeiro-ministro”, respondeu o pai.

Às primeiras horas da manhã de 10 de maio, as forças de Hitler atacaram Holanda, Bélgica e França. Chamberlain, ao tomar conhecimento desse fato quando acordou, decidiu imediatamente que não era o momento de mudar o primeiro-ministro. Deveria manter-se no cargo; seu lugar era ao leme.

O primeiro encontro de Churchill nessa manhã foi às 6h. Com Oliver Stanley, ministro da Guerra, e Hoare, ministro da Aviação, discutiu quais as medidas imediatas a tomar, militares, marítimas e aéreas, em vista da ofensiva germânica. “Churchill, cuja mente, tão longe de ser agitada pelo fracasso ou pelo desastre, ganhava força numa crise, estava pronto, como sempre, com seu conselho de confiança”, recordou Hoare. Churchill, Hoare e Stanley tomaram o café da manhã juntos. “Tínhamos dormido pouco

ou nada, e as novidades não podiam ter sido piores”, escreveu Hoare mais tarde. “Mas ali estava ele, fumando seu grande charuto e comendo ovos mexidos e bacon como se tivesse regressado de um passeio matinal.”

Às 7h, Randolph voltou a telefonar ao pai. Tinha acabado de ouvir no rádio as notícias sobre a ofensiva alemã.

— O que aconteceu? — perguntou ele.

— Bem — respondeu o pai —, as hordas germânicas estão sendo despejadas nos Países Baixos.

— E sobre o que me disse ontem? — perguntou Randolph. — Sobre vir a ser primeiro-ministro?

— Ah, não sei nada a esse respeito — respondeu Churchill. — Neste momento nada é importante a não ser derrotar o inimigo.

Chamberlain também pensava assim. Às 8h dessa manhã, quando o Gabinete de Guerra se reuniu na Downing Street, ele o dirigiu como habitualmente. Quando Hoare o visitou, uma hora depois, soube que a inclinação de Chamberlain “era adiar sua demissão até que a batalha na França tivesse terminado”. Lentamente, ao longo da manhã, os deputados conservadores souberam que Chamberlain se manteria no cargo. Muitos ficaram zangados e até indignados. Quando perguntaram a lorde Salisbury qual era sua opinião, disse aos descontentes membros, como um deles assinalou, “que devemos manter nosso ponto de vista, em particular que Winston deve ser nomeado primeiro-ministro no decorrer do dia”.

Pouco antes das 10h, Kingsley Wood encontrou-se com Chamberlain na Downing Street. O primeiro-ministro disse ao seu colega e amigo de muitos anos “que estava inclinado a sentir que a grande batalha que se abateu sobre nós tona necessário que me mantenha no posto”. Wood, no entanto, enfatizou que, como disse a Chamberlain, “a nova crise tornou indispensável ter um governo nacional, o único que pode enfrentá-la”.

Uma segunda reunião do Gabinete de Guerra foi convocada para as 11h dessa manhã, sob a presidência de Chamberlain, para discutir o avanço germânico. Por sugestão de Churchill, Sir Roger Keyes, um dos mais duros críticos de Chamberlain durante o debate sobre a Noruega dois dias antes, foi enviado à Bélgica para tentar fortalecer a determinação do rei. Às 16h30, o Gabinete de Guerra voltou a reunir-se. Foi informado de que as tropas paraquedistas alemãs tinham tomado o campo de aviação em Roterdã e de que a Holanda estava em perigo de ser rapidamente invadida. Um mensageiro do Ministério da Guerra entregou uma nota a Ironside, que a leu em voz alta, informando a todos que tropas paraquedistas alemãs tinham sido lançadas por trás das linhas na Bélgica. Houve uma discussão sobre a necessidade de avisar as tropas na Grã-Bretanha sobre a ação a tomar contra paraquedistas que tentassem aterrissar. Chegou outra nota para Chamberlain. O primeiro-ministro recebeu-a, mas não disse nada, deixando que a discussão continuasse durante algum tempo. Depois interrompeu-a dizendo que tinha recebido, de Bournemouth, a resposta do Partido Trabalhista às duas questões feitas na tarde anterior. A mensagem era enfática: nenhum membro do Partido Trabalhista estava preparado para fazer parte do governo “presidido pelo atual primeiro-ministro”. No entanto, os dois líderes trabalhistas estavam preparados caso houvesse um novo primeiro-ministro. Com esse breve e áspero comunicado, Chamberlain estava acabado como primeiro-ministro. Uma hora depois, estava no palácio de Buckingham para apresentar sua demissão ao rei. Nessa noite, o rei escreveu em seu diário: “Pedi um conselho a Chamberlain, e ele me disse que devia mandar chamar Churchill.”

No começo da tarde de 10 de maio, Churchill deslocou-se ao palácio de Buckingham.

— Suponho que não saiba por que lhe pedi que viesse aqui — disse o rei com um sorriso.

— Sequer imagino, Majestade — respondeu Churchill.

O rei deu uma gargalhada e disse a Churchill:

— Queria pedir-lhe que formasse o governo.

Os oito meses e meio de frustração de Churchill tornaram-se apenas uma memória. A ambição de sua vida tinha sido satisfeita. Antes de sair do palácio de Buckingham, deu ao rei os nomes de algumas pessoas que esperava ter no seu governo, entre eles quatro trabalhistas: Clement Attlee, Arthur Greenwood, Ernest Bevin e Herbert Morrison. Seria um governo multipartidário, ou, como ele gostava de dizer, uma “grande coligação”.

Enquanto Churchill falava com o rei, foi entregue uma mensagem a Randolph em seu acampamento do Exército, pedindo-lhe que telefonasse para o Almirantado. Falou com um secretário particular do pai, cuja mensagem foi breve: “É apenas para dizer que seu pai foi ao palácio e, quando voltar, será o primeiro-ministro.”

5.

Primeiro-ministro

Ao anoitecer de 10 de maio de 1940, Churchill era primeiro-ministro. Mais tarde, escreveu que, quando se deitou nessa noite, estava consciente de “uma profunda sensação de alívio”. Ele continuou: “Finalmente tinha autoridade para dar diretivas sem restrições. Eu me senti caminhando junto com o destino, como se toda a minha vida passada tivesse sido apenas uma preparação para essa hora e essa prova.” Contudo, ainda havia alguma oposição conservadora por ele ter sido nomeado primeiro-ministro; em 11 de maio, lorde Davidson escreveu a Stanley Baldwin: “Os *tories* não confiam em Winston. Depois de passado o primeiro impacto da guerra, pode bem acontecer que surja um governo mais sólido.”

Família, amigos e um vasto círculo de apoiadores ficaram felizes com a nomeação de Churchill para primeiro-ministro. “Toda a vida eu soube que você seria primeiro-ministro, desde os dias de Hansom Cab”, escreveu Pamela Lytton, sua namorada de quarenta anos antes. “Agora que é, as notícias põem meu coração a bater como uma súbita surpresa. Sua tarefa é enorme.” Seu filho Randolph enviou uma carta de encorajamento filial: “Finalmente o pai tem o poder e a autoridade que facções eleitorais lhe negaram, e à Inglaterra, durante nove longos anos! Não tenho palavras para expressar como estou orgulhoso. Só espero que não seja tarde demais. É certamente um difícil momento para iniciar funções. Envio-lhe meus mais sinceros desejos de boa sorte nos angustiados dias que se aproximam.”

Desde a tomada de posse de Churchill como primeiro-ministro, perigos diários ameaçavam a sobrevivência da Grã-Bretanha. Com o intuito de ajudar a corrigir as deficiências nos aviões, Churchill nomeou lorde Beaverbrook ministro da Produção de Aviões; Eden foi para o Ministério da Guerra e Sinclair, para o Ministério da Aviação. Eram amigos em quem ele sabia que podia confiar para executar suas tarefas sem a necessidade de constantes sobressaltos. Sua oferta do Ministério da Agricultura a Lloyd George foi recusada; Lloyd George já não confiava na vitória. Attlee tornou-se o representante de Churchill no Gabinete de Guerra. Ernest Bevin tornou-se ministro do Trabalho e Serviço Nacional e Herbert Morrison, ministro dos Abastecimentos. Churchill confiava nesses trabalhistas para sustentar o enorme esforço necessário para incrementar a produção de guerra e manter a unidade da nação.

Na tarde de 13 de maio, Churchill convocou todos os seus ministros ao Almirantado e disse-lhes: “Nada mais ofereço além de sangue, trabalho árduo, lágrimas e *suor*.” Ele repetiu essas palavras poucas horas depois, na Câmara dos Comuns, quando declarou:

Perguntam-nos qual é a nossa política. Eu respondo. Fazer a guerra, por mar, terra e ar, com toda a nossa energia e com todas as forças que Deus nos der; fazer a guerra contra uma monstruosa tirania, nunca ultrapassada no negro e lamentável catálogo dos crimes humanos. Essa é a nossa política.

Perguntam-nos qual é o nosso objetivo. Posso responder com uma só palavra: vitória. Vitória a todo o custo, vitória a despeito do terror, vitória por mais longo e difícil que seja o caminho, pois

sem vitória não há sobrevivência, não há sobrevivência para o império britânico, não há sobrevivência para tudo o que o império britânico significou, não há sobrevivência para o desejo e o impulso das eras, para que a humanidade vá em frente a caminho de seus objetivos.

Eu me dedicarei à minha tarefa com atenção e esperança. Tenho certeza de que nossa causa não fracassará. Neste momento, sinto-me autorizado a exigir a ajuda de todos e digo-lhes: “Venham, vamos juntos em frente, com nossa unida firmeza.”

Ao voltar à Downing Street, Churchill soube que os exércitos de Hitler avançavam cada vez mais pelo interior da Holanda, da Bélgica e da França. Ele pretendia tomar uma iniciativa imediata, bombardeando a Alemanha, mas a negligência na preparação do poderio aéreo britânico antes da guerra foi uma das razões que levaram o Gabinete de Guerra a decidir, em 13 de maio, que tal não poderia ser feito; lorde Halifax colocou a questão com aspereza, considerando a Inglaterra “a nação em posição mais fraca”. Dois dias depois, com a Itália ainda neutra, Halifax sugeriu que “pode ser recompensador” enviar uma mensagem pessoal a Mussolini.

Churchill concordou. Na mensagem, que foi enviada no dia seguinte, perguntou: “Será tarde demais para evitar que esorra um rio de sangue entre os povos inglês e italiano?” Qualquer que fosse o decurso da guerra na França, “a Inglaterra irá até o fim, mesmo que sozinha, como já fizemos antes, e creio com alguma segurança que seremos cada vez mais ajudados pelos Estados Unidos da América e certamente por todas as Américas.” Esse também foi o tema do telegrama que enviou a Roosevelt nesse dia, 15 de maio, com palavras de mau presságio: “Se necessário, continuaremos a guerra sozinhos. Não temos medo disso. Porém, confio em que compreenderá, sr. presidente, que a voz e a força dos Estados Unidos podem não ter préstimo se forem adiadas demais. Poderemos ter, estabelecida com surpreendente rapidez, uma Europa nazificada completamente subjugada, e o peso pode ser maior do que podemos suportar.”

Na manhã de 16 de maio, à medida que as tropas alemãs atravessavam a linha Maginot, chegaram a Londres notícias de uma iminente retirada francesa, o que exporia a perigo a Força Expedicionária Britânica. Determinado a empregar toda a influência pessoal que pudesse para evitar uma retirada, Churchill voou para Paris, onde encontrou o alto comando francês sem qualquer plano de contra-ataque. Nessa noite, enviou um telegrama ao Gabinete de Guerra em Londres para perguntar se o pedido francês por mais caças e bombardeiros poderia ser satisfeito: “Não seria bom historicamente se o pedido fosse negado, daí resultando sua ruína.” O Gabinete de Guerra concordou.

Na manhã de 17 de maio, Churchill regressou a Londres. “Winston está deprimido”, disse seu secretário privado, Jock Colville. “Ele diz que os franceses estão sendo derrotados por completo, como aconteceu aos poloneses, e que nossas forças na Bélgica têm de ser retiradas de modo a manter contato com os franceses.” No Gabinete de Guerra, em 18 de maio, Neville Chamberlain, que Churchill tinha indicado para lorde-presidente do Conselho de Guerra, sugeriu que o próprio Churchill falasse pelo rádio à nação naquela noite, para indicar “que enfrentamos um dilema e não poderão ser permitidas quaisquer considerações pessoais para nos mantermos fiéis às medidas necessárias à vitória”.

Churchill aceitou a sugestão de Chamberlain e fez sua primeira emissão radiofônica como primeiro-ministro desde que tinha ocupado o cargo, nove dias antes.

“Não é esse o momento para que todos façam os maiores esforços possíveis?”, perguntou. Ele continuou, falando dos “grupos de países despedaçados e raças coagidas — tchecos, poloneses, noruegueses, dinamarqueses, holandeses, belgas — sobre quem descera uma longa noite de barbarismo sem que nem mesmo uma estrela de esperança a quebre, a não ser que vençamos, como deveremos vencer e como vamos vencer”.

A nação sentiu-se inspirada com o discurso de Churchill. “Ouvi sua conhecida voz na noite passada e gostaria de ter-lhe apertado a mão por um breve momento e dizer-lhe, do fundo do meu coração, que lhe desejo tudo o que é bom — saúde, capacidade mental e força — para carregar o insuportável fardo que pesa em seus ombros”, escreveu-lhe Baldwin de sua casa em Worcestershire. O capitão Berkeley, que dez dias antes tinha escrito em seu diário que “Winston não tem discernimento”, escreveu em 20 de maio: “O primeiro-ministro fez uma magnífica emissão radiofônica na noite passada. Está sendo ‘sublime’ em todos os níveis, e, depois de ter evitado por pouco um sério colapso em Paris quatro dias atrás, tem galvanizado todos aqui.”

Depois de sua emissão radiofônica nessa noite, Churchill enfrentou dificuldades maiores do que jamais tinha enfrentado em decorrência de sua decisão, tomada depois de consultas com o marechal da Aviação, Sir Edgar Ludlow-Hewitt, comandante-chefe do Comando de Bombardeiros, de não enviar mais bombardeiros para a luta nos céus da França, a despeito dos urgentes apelos dos franceses; todos os bombardeiros da Grã-Bretanha poderiam em breve ser necessários para evitar uma invasão alemã à própria Grã-Bretanha. Nessa mesma noite, antecipando a necessidade de deslocar as forças britânicas que estavam na França, encaminhando-as para o mar, Churchill pediu ao Almirantado que reunisse “um grande número de pequenos navios que se preparassem para se dirigir a portos e enseadas na costa francesa”.

Uma boa possibilidade de abastecimento imediato eram os Estados Unidos. Churchill continuava determinado a utilizar cinquenta contratorpedeiros da Primeira Guerra Mundial que estavam estacionados, inúteis, em depósitos navais americanos, mas Roosevelt não concordou em enviá-los; seus conselheiros receavam que a Inglaterra fosse derrotada e que os contratorpedeiros caíssem em mãos alemãs. Tendo sabido, em 20 de maio, que o embaixador em Londres, Joseph Kennedy, tinha dito a Roosevelt que os ingleses podiam negociar a paz com Hitler, Churchill telegrafou ao presidente: “Nossa intenção é, aconteça o que acontecer, lutar até o fim nesta ilha, e, se conseguirmos o apoio que pedimos, esperamos vencê-los muito em breve em batalhas aéreas, atendendo à nossa superioridade individual.” Churchill acrescentou:

Membros da atual administração provavelmente sentirão algum desânimo durante o processo, se decorrer de modo adverso, mas em nenhuma circunstância permitiremos uma rendição. Se alguns membros da atual administração forem demitidos ou substituídos na discussão entre a paz no meio das ruínas, o senhor não deve deixar-se cegar para o fato de o último bastião de luta contra os alemães é a Marinha e, se este país for abandonado à sua sorte pelos Estados Unidos, ninguém terá o direito de acusar os responsáveis se tiverem feito tudo ao seu alcance pelos sobreviventes. Perdoe-me, sr. presidente, se sou tão sincero ao expor esse pesadelo. Evidentemente, não posso responder pelos meus sucessores, que desesperados e impotentes poderão acomodar-se aos desejos germânicos.

A derrota das forças britânicas na França poderia levar Hitler a tentar uma rápida vitória na própria Grã-Bretanha; nessa noite, numa antecipação de uma possível invasão alemã, Churchill ordenou que todos os aeródromos vulneráveis, isto é, todos que não tinham forças de defesa disponíveis, fossem guardados por voluntários locais e que todos os soldados dos centros de instrução de infantaria que ainda não tivessem feito exercícios de tiro fossem treinados “fazendo algumas descargas”. Enquanto Churchill enviava essas instruções, unidades do exército alemão, tendo atingido Abbeville, conseguiam abrir uma

brecha em cunha entre as forças britânicas e francesas no norte da França; no verão de 1918, Churchill tinha avisado a Lloyd George que precisamente esse movimento era possível, citando especificamente Abbeville como o ponto onde os alemães atingiriam o mar, dividindo os exércitos aliados.

As tropas alemãs em Abbeville dirigiam-se agora para norte, ao longo da costa do canal. Vinte e quatro horas depois, aproximavam-se de Boulogne. Churchill decidiu regressar à França, para tentar persuadir os franceses a juntarem-se à agora isolada força britânica. Chegando a Paris pouco antes do meio-dia de 22 de maio, perguntou ao novo comandante-chefe francês, general Weygand, se as tropas francesas participariam de um plano estratégico por meio do qual forças inglesas e francesas, atacando a cunha germânica, tanto a norte quanto a sul, impediriam que os alemães atingissem o mar e permitiriam que os exércitos aliados se juntassem. “Tentarei”, respondeu Weygand. Ao voltar a Londres nessa tarde, Churchill “sentia-se flutuar”, disse o general Ironside, mas dentro de poucas horas começaram a chegar relatórios que informavam que o espírito de luta dos franceses era “mau”.

Weygand não se deslocou para norte. Em 24 de maio, os britânicos foram obrigados a retirar-se de Boulogne. As tropas britânicas em Calais estavam sendo fustigadas. Churchill estava preocupado com o que considerava falta de energia por parte do comandante britânico local em não ter ido ajudar as tropas em Calais, pelo que escreveu, muito zangado, ao responsável pelo Ministério da Defesa, major-general Sir Hastings Ismay: “É evidente que se um lado luta e o outro, não, a guerra se tornará desigual.” Mais tarde, soube que tinha sido tomada uma ação no sentido de enviar uma força de socorro a Calais, mas agora a principal necessidade era manter Dunquerque aberta para a chegada de tropas e material, pois os alemães apertavam cada vez mais a rede em torno dos portos do canal.

Nessa semana, em sigilo, os decifradores em Bletchley, cujo extraordinário sucesso na Noruega tinha sido inútil, conseguiram decifrar a cifra Enigma usada pela Força Aérea alemã na França. Era mais complicada do que a cifra utilizada na Noruega e permitia que circulassem cerca de mil mensagens ultrassecretas todos os dias entre o quartel-general da Força Aérea alemã e as unidades na França e em Flandres. Essas mensagens desvendavam muitas operações, tanto do exército alemão quanto de sua Força Aérea, mas foi a partir de documentos alemães capturados no campo de batalha que os britânicos souberam, em 24 de maio, do plano alemão para cortar o acesso ao mar pelas forças britânicas. Como contramedida imediata, Churchill ordenou “um avanço para norte, direcionado a portos e praias”.

Se possível, o Exército devia ser libertado e trazido para casa; a Marinha tinha de preparar “todos os meios possíveis para fazer esse reembarque não só nos portos, mas também nas praias”. Quando o Exército retornasse da França, disse Churchill aos seus ministros, “creio que conseguiremos resistir”. Dois dias depois, Reynaud voou para Londres e encontrou-se com Churchill no Almirantado para dizer-lhe que “não tinha esperança de que a França conseguisse ter poder de resistência suficiente”. “Reynaud não foi convincente”, disse o capitão Berkeley. “O primeiro-ministro estava assustador, muito agitado, deixando seu pessoal numa situação desesperada enquanto se dirigia para a Downing Street sem uma palavra de aviso, aos gritos de que nunca desistiríamos etc.”

Nessa noite, Churchill deu ordem para a evacuação por mar dos soldados nos pontões, quebra-mares e praias de Dunquerque. Para evitar que os alemães chegassem a Dunquerque por ocidente, foi ordenado que as tropas britânicas em Calais resistissem. Tendo aprovado o que Ismay chamou de uma “sombria” decisão, Churchill estava “estranhamente silencioso” durante o jantar no Almirantado, no qual “comeu e bebeu com evidente repugnância”. Ao levantar-se, Churchill disse a Eden que se sentia “fisicamente mal”; dois meses depois, no Parlamento, referiu-se aos homens que resistiram em Calais como “os grãos de areia que nos salvaram”.

Em 27 de maio, os Estados Unidos pediram para arrendar aeródromos britânicos em Terra Nova, Bermudas e Trinidad. Churchill, a quem ainda eram recusados os contratorpedeiros que ele considerava vitais para a sobrevivência da Grã-Bretanha, recusou. Os Estados Unidos não tinham dado à Grã-Bretanha “praticamente nenhum auxílio na guerra”, disse ele no Gabinete de Guerra nesse dia. “Vendo a dimensão do perigo, sua atitude foi negar tudo o que nos ajudaria para sua própria defesa.” No flanco leste do perímetro de Dunquerque, um batalhão belga que defendia um setor crucial havia sido “varrido por uma onda de sessenta bombardeiros inimigos”. Nessa noite, o rei belga solicitou um armistício, que entraria em vigor à meia-noite.

Na distante Escandinávia, a campanha da Noruega, esperada por tanto tempo e agora quase esquecida, atingiu seu clímax na noite de 27 de maio, com a bem-sucedida ocupação de Narvik por tropas inglesas, francesas e polonesas. O que as tropas vitoriosas não sabiam era que, devido à urgente necessidade de homens para defenderem a Grã-Bretanha, seus comandantes já tinham ordens para sair de Narvik dentro de uma semana. Nessa mesma noite, em Dunquerque, foram postos a salvo 11.400 soldados britânicos; 200 mil ainda estavam cercados, juntamente com 160 mil soldados franceses.

Em 28 de maio, na Câmara dos Comuns, Churchill apontou como o exército belga “lutou com bravura e sofreu e infligiu severas baixas” ao inimigo. No entanto, sua rendição aumentara “apreciavelmente” o perigo a que estavam expostas as tropas em Dunquerque, cuja situação era “extremamente grave”. A própria Câmara devia preparar-se para “tempos difíceis”. Contudo, nada que acontecesse em Dunquerque “poderá afastar-nos de nosso dever de defender a causa mundial a que nos devotamos ou destruir nossa confiança no poder de escolhermos nosso caminho — como fizemos em ocasiões anteriores de nossa história — através do desastre e da dor até a derrota final de nossos inimigos”.

Enquanto esperava notícias vindas das praias, Churchill ouviu, no sigilo de seu Gabinete de Guerra composto por apenas cinco membros, Halifax dizer que a Inglaterra devia aceitar uma proposta de Mussolini para negociar uma paz generalizada. Chamberlain pareceu apoiar Halifax, dizendo aos seus colegas que “mesmo lutando até o fim para preservarmos nossa independência, estamos preparados para considerar termos decentes, se nos forem propostos”. Churchill ficou consternado e furioso. Era definitivamente contra quaisquer “termos decentes” que fossem oferecidos. “Nações que foram destruídas na luta estão a erguer-se, mas aqueles que se renderam docilmente, acabaram.” Seu argumento foi apoiado pelos dois membros trabalhistas do Gabinete de Guerra, Attlee e Greenwood. Fortalecido com a dureza de ambos, falou pouco depois a todo o Gabinete, 25 ministros ao todo, reiterando sua crença em que a Grã-Bretanha aceitaria primeiro lutar e ser derrotada a negociar a paz. “Esteve magnífico”, escreveu em seu diário Hugh Dalton, recentemente nomeado ministro da Economia de Guerra. “É o único homem que temos para essa tarefa.”

Churchill disse ao Gabinete que tinha refletido cuidadosamente durante os dois últimos dias sobre se fazia ou não parte “de meu dever encetar negociações com Aquele Homem”. Os alemães exigiriam a armada britânica, suas bases navais e muito mais. A Grã-Bretanha seria transformada num “estado escravo” com um governo-fantoches “sob Mosley ou outros como ele”. Contudo, a Grã-Bretanha ainda tinha “imensas reservas e vantagens”. “Tenho certeza de que qualquer um dos senhores se levantaria e me tiraria do meu lugar se por um momento eu considerasse a possibilidade de negociações ou rendição. Se a longa história da nossa ilha finalmente acabará, deixem que acabe apenas quando cada um de nós estiver caído e sufocado em seu próprio sangue”, concluiu ele.

Houve imediatamente exclamações de aprovação em torno da mesa; os ministros de Churchill estavam unidos e inspirados. “Parecia que vários se levantariam e iriam à minha cadeira para me felicitarem e cumprimentarem”, escreveu ele mais tarde. Não havia dúvida “de que eu teria sido expulso do cargo se falhasse na liderança da nação nesse momento. Tenho certeza de que todos os ministros

prefeririam ser mortos em breve, e ver suas famílias e seus bens destruídos, a desistirem”. Quando os membros do Gabinete de Guerra se reuniram novamente poucos momentos depois, Churchill disse-lhes que não se recordava de “ter ouvido falar de um grupo de pessoas que, ocupando altos cargos na vida política, conseguisse expressar-se de modo tão enfático”.

A crença de Churchill de que cada ministro estava pronto para morrer e ver sua família morta por se recusar a desistir e sua capacidade de convencer outros de que deveria ser assim era um fator que permitia que a nação encarasse de modo um pouco melhor a terrível perspectiva de uma invasão e a cruel realidade de bombardeios aéreos, mas ainda havia no Gabinete de Guerra quem quisesse discutir uma possível paz negociada. No entanto, Chamberlain, que se afastara dessa opinião anterior, sugeriu que a Grã-Bretanha persuadisse Reynaud de que “valia a pena continuar a lutar”. Halifax não estava convencido e voltou a propor que se encetassem negociações com os italianos, querendo também que fosse feita uma declaração pública dos objetivos britânicos para a guerra, mas apenas se conseguissem o apoio americano. Para impressionar os americanos, era necessária “uma firme resistência à Alemanha”, disse Churchill.

Ainda nesse dia, com a intenção de ter ao seu lado mais uma voz contra as hesitações de Halifax, Churchill ofereceu a Lloyd George um lugar no Gabinete de Guerra, mas o antigo primeiro-ministro, cuja tenacidade Churchill tanto admirara na Primeira Guerra Mundial, recusou. “Alguns arquitetos dessa catástrofe ainda são membros destacados do seu governo”, disse ele a Churchill. “E dois deles ainda estão no Gabinete que dirige a guerra.”

Era verdade, mas Churchill não se atrevia a quebrar a sensação de unidade nacional demitindo Chamberlain e Halifax do Gabinete de Guerra. Estava confiante em que conseguiria criar em todo o país uma atmosfera tão sólida que os indecisos não enfraqueceriam a determinação nacional.

À meia-noite de 28 de maio, mais 25 mil soldados tinham sido evacuados das praias de Dunquerque. No dia seguinte, foram evacuados em segurança 2 mil soldados por hora. Uma vasta frota de navios grandes e pequenos, incluindo navios a vapor com pás e barcos de passeio de dúzias de marinas costeiras, atravessava repetidamente o mar do Norte para resgatá-los. Muitos afundaram, matando centenas de soldados e salvadores, devido ao acréscimo dos ataques aéreos alemães. Nessa noite, numa tentativa de encorajar seus ministros e funcionários civis seniores, Churchill distribuiu uma exortação de uma só página, que dizia:

Nestes negros dias, o primeiro-ministro ficaria muito agradecido se todos os seus colegas no governo, bem como os altos funcionários, mantivessem um elevado moral em seus círculos, não minimizando a gravidade dos acontecimentos, mas mostrando confiança na nossa capacidade e na nossa inflexível determinação de continuar em guerra até que nossa vontade tenha quebrado o desejo do inimigo de dominar a Europa. Não será concedida nenhuma tolerância à ideia de que a França assinará uma paz em separado, mas, o que quer que aconteça no continente, não podemos duvidar de nossos deveres e seguramente usaremos todo o nosso poder para defender a ilha, o império e nossa causa.

Essa mensagem, assinada como “WSC”, circulou por todos os 35 ministros, membros do Gabinete ou não, pelos 39 ministros secundários, por 46 “altos funcionários” e por seis representantes dos domínios.

Na manhã de 30 de maio, Churchill deu ordens para que as tropas francesas nas praias em Dunquerque pudessem partilhar do transporte disponível. Mesmo que fossem obrigados a reduzir o

número de tropas britânicas embarcadas, “temos de aceitar esse fato para o bem geral”. Desde o início da evacuação, mais de 100 mil soldados tinham sido retirados e levados à Grã-Bretanha em segurança, apesar dos contínuos ataques aéreos alemães. Mais de 860 navios estavam envolvidos na evacuação e cerca de 4 mil soldados eram retirados por hora. Churchill, que acompanhava esses movimentos, mantinha sua ênfase na necessidade de também serem evacuadas tropas francesas. Senão, poderá ser causado um “dano irreparável” às relações da Inglaterra com a França.

Não era claro por quanto tempo ainda duraria a evacuação. Na tarde de 30 de maio, Churchill informou ao comandante-chefe da Força Expedicionária Britânica, lorde Gort, que, a partir do momento em que não fosse possível conseguir uma resistência organizada, ele estava autorizado “a capitular formalmente e a evitar uma chacina inútil”. Receando uma invasão germânica imediatamente após a evacuação e a captura de grandes quantidades de equipamento militar britânico, Churchill disse ao Gabinete de Guerra que a Grã-Bretanha “não deve hesitar em contaminar nossas praias com gás” se isso trouxer alguma vantagem.

Nesse dia, mesmo às 23h, com a esperança de estimular a resistência francesa, Churchill voou novamente para Paris, com Attlee, o general Dill e Ismay. A presença de caças alemães nos céus a norte da cidade obrigou o grupo a fazer um grande desvio, primeiro por Weymouth, para buscar uma escolta de nove aviões *Hurricane*, depois através do canal até Jersey, atingindo a costa francesa a oeste de St. Malo, e depois para leste, para Villacoublay, perto de Versalhes, onde, durante algum tempo, o avião ficou praticamente perdido no extremo errado de um vasto aeródromo.

Em Paris, Churchill e Attlee encontraram-se com Reynaud e Pétain, que estava à paisana, com aparência “senil, insípida e derrotista”, recordou mais tarde Ismay. “Não há qualquer entusiasmo no lado francês”, comentou Berkeley.

Churchill disse aos líderes franceses que a evacuação de Narvik teria início dentro de 48 horas e que os 16 mil soldados franceses e poloneses a serem evacuados seriam transferidos para a defesa de Paris. Mais tropas britânicas seriam enviadas para a parte ocidental da França, juntamente com canadenses, para constituírem uma força terrestre e também para a defesa de Paris. Já havia duas divisões britânicas na parte ocidental da França e apenas três prontas para ação em solo britânico. Não se poderia dispensar mais auxílio. As outras catorze divisões na Grã-Bretanha estavam em treinamento, equipadas apenas com rifles “e totalmente despreparadas para uma guerra moderna”. Dez esquadrilhas britânicas estavam lutando na França; as 29 esquadrilhas restantes eram desesperadamente necessárias para evitar ataques aéreos alemães às fábricas de aviões. Se as fábricas fossem impedidas de produzir aviões, “não haveria mais esperança”.

Para Churchill, a Grã-Bretanha e a França tinham de manter uma grande unidade. Por isso, ele daria ordens para que as tropas francesas “fossem as primeiras a serem retiradas de Dunquerque”. Estava “absolutamente convencido” de que aos dois países bastava “prosseguir o combate para vencerem”. Mesmo que um dos países fosse derrotado, o outro não deveria abandonar a luta. “Aquele que sobreviver prosseguirá.” Se, devido a algum revés, a Grã-Bretanha fosse devastada, o governo estava preparado “para fazer guerra a partir do Novo Mundo”. Se ambos os países fossem derrotados, a Alemanha “não daria trégua: seriam reduzidos ao estatuto de vassalos e escravos para sempre”.

Reynaud ficou visivelmente comovido com as palavras de Churchill, mas Pétain, não. Louis Spears recordou mais tarde que pôde perceber pelo tom de Churchill ao despedir-se “como ele sentia em seu coração que os franceses estavam derrotados e que sabiam que estavam derrotados e que se resignavam à derrota”. Depois de uma noite agitada por causa de um ataque aéreo alemão — um “ataque mesquinho”, chamou-lhe Churchill mais tarde —, os ingleses prepararam-se para voltar a Londres. “Winston estava completamente entusiasmado”, notou Berkeley. “Quando regressamos, ele insistiu para que déssemos uma

volta pelo aeródromo para vermos nossos nove aviões *Hurricane* vagando sobre a vegetação alta na lufada das hélices e fumando seu charuto.”

Depois de chegar em Londres sem qualquer incidente, foi-lhe apresentada uma proposta para que, na eventualidade de uma invasão, a família real e o governo fossem evacuados para o Canadá. Respondeu que nem sequer seria permitida “tal discussão”. Os alemães não teriam o prazer de conseguir nenhuma evacuação: “Nós o faremos lamentar o dia em que tentaram invadir nossa ilha.” Ao fim desse dia, foi-lhe dito que os alemães estavam prestes a invadir as praias de Dunquerque. Seis navios tinham sido afundados nessa manhã e muitos soldados morreram afogados. Sua primeira resposta foi que mantivessem a evacuação por mais um dia, mas aceitou os argumentos dos chefes de Estado-Maior de que seria impossível prosseguir a evacuação.

Churchill e seus conselheiros estavam seguros de que, mal terminasse a evacuação de Dunquerque e a Alemanha controlasse a costa francesa do canal, Hitler desencadearia uma invasão à Grã-Bretanha. Porém, mesmo enquanto as últimas tropas aliadas eram evacuadas das praias de Dunquerque e as forças alemãs se preparavam para fazer prisioneiros aqueles que não tinham conseguido escapar, Churchill pôde respirar um pouco melhor. Em 1º de junho, os serviços secretos do Ministério da Guerra decifram mensagens da cifra Enigma que indicavam que os alemães provavelmente completariam a invasão da França antes de se voltarem para a Grã-Bretanha. Graças a esse triunfo dos serviços secretos, Churchill soube que a Inglaterra teria um momento de sossego, ainda que curto. Nesse mesmo dia, o diretor da National Gallery propôs-lhe que os quadros mais valiosos fossem enviados para o Canadá, mas Churchill respondeu: “Não, enterre-os em porões e adegas. Nenhum deverá ir. Vamos vencê-los.”

Às primeiras horas da manhã de 3 de junho, a evacuação de Dunquerque chegou ao fim; tinham sido evacuados 224.318 soldados britânicos e 111.172 soldados franceses. Setenta e uma peças pesadas e 595 veículos também tinham sido salvos de Dunquerque, no entanto os alemães capturaram muito material de guerra. Dos 222 navios da Marinha britânica envolvidos na evacuação, 30 foram afundados, inclusive 6 contratorpedeiros. Porém, sabendo Churchill e seus chefes de Estado-Maior que estava afastado o perigo de uma invasão imediata, foi acordado enviar duas divisões britânicas para o oeste da França, seguidas posteriormente por uma terceira divisão. Ao mesmo tempo, os bombardeiros britânicos deram prioridade aos alvos designados pelos franceses.

Churchill estava com espírito de luta e disse a Colville, em 3 de junho, que se sentia “cansado de estar sempre na defensiva” e que estava pensando em fazer “ataques a território inimigo”. Esse estado de espírito refletiu-se numa minuta para Ismay enviada na manhã seguinte: “Como seria maravilhoso se os alemães precisassem perguntar a si próprios onde seriam bombardeados a seguir em vez de nos obrigarem a pôr uma muralha e um telhado na ilha. É preciso fazer um esforço para sacudir a prostração mental e moral que o inimigo causa em nós.” Depois de ter visitado o pai nesse dia, Randolph escreveu-lhe ao voltar ao campo militar: “Não tenho palavras para dizer-lhe como foi estimulante e tranquilizador vê-lo outra vez e saber como está cheio de coragem e determinação.” Churchill estava alerta para qualquer aparente falta de esforço e escreveu nesse dia a Lindemann: “Você não tem apresentado em um intervalo de dias ou todas as semanas, como eu gostaria que fizesse, um pequeno relatório sobre quebra ou melhoria na produção de munições. Não posso ter uma ideia clara se não o fizer.”

Essa semana de guerra nos céus foi a principal causa de preocupação para Churchill; nas três semanas anteriores, durante a batalha sobre a França e Flandres, tinham sido fabricados 453 aviões, mas 436 tinham sido abatidos. No entanto, a batalha nos céus da França trouxe a primeira vitória da aviação britânica na guerra, com 394 aviões alemães destruídos sobre as praias de Dunquerque contra 114 aviões britânicos. Considerando a superioridade alemã de quase 3 para 1 em número de aviões, essas perdas britânicas eram difíceis, mas em 4 de junho Beaverbrook assegurou a Churchill que estavam sendo

fabricados caças a um ritmo de 35 por dia, com uma produção semanal de mais de duzentos aviões. Nesse dia, Churchill soube, por Arthur Purvis, seu principal negociador de armas em Washington, que meio milhão de rifles americanos e quinhentas peças de campanha estavam prontas para envio. Contudo, os contratorpedeiros não podiam ser cedidos; era uma decisão de Roosevelt, assumida com “mágoa”.

Ao falar na Câmara dos Comuns em 4 de junho, Churchill admitiu que uma semana antes, quando a data do discurso foi marcada, “recei que precisasse anunciar o maior desastre militar de nossa longa história”. Não esperava que tivessem sido evacuados de Dunquerque mais de 20 a 30 mil homens. O que aconteceu foi “um milagre de salvação”, mas, avisou ele, “precisamos ser muito cuidadosos para não atribuir a essa salvação o caráter de uma vitória. As guerras não são ganhas com retiradas”.

Em sua peroração, que, explicou a Roosevelt, era endereçada “em primeiro lugar à Alemanha e à Itália”, Churchill declarou:

Apesar de muitas partes da Europa e muitos antigos e famosos Estados terem caído ou poderem vir a cair nas garras da Gestapo e do odioso dispositivo do domínio nazista, não desanimaremos nem falharemos.

Iremos até ao fim. Lutaremos na França, lutaremos nos mares e nos oceanos, lutaremos com crescente confiança e crescente força no ar, defenderemos nossa ilha, o que quer que isso custe.

Lutaremos nas praias, lutaremos nos aeródromos, lutaremos nos campos e nas ruas, lutaremos nos montes, e nunca nos renderemos.

E mesmo que, e nem por um momento acredito nisso, esta ilha ou grande parte dela for subjugada e passe fome, então nosso império para lá dos mares, armado e guardado pela Armada Britânica, continuará a luta, até que, se Deus o permitir, o Novo Mundo, com todo o seu poder e toda a sua força, caminhe para resgatar e libertar o Velho Mundo.

A Câmara dos Comuns ficou profundamente comovida. “Valeu por mil canhões e pelos discursos de mil anos”, escreveu o deputado trabalhista Josiah Wedgwood. “Mesmo repetido pelo locutor, causou-me um arrepio (e não era de medo) pela espinha abaixo”, escreveu Vita Sackville-West ao seu marido. “Creio que uma das razões pelas quais ficamos exaltados com suas frases elizabetanas é sentirmos o enorme poder e determinação que estão por trás delas como uma grande fortaleza. Nunca são palavras ditas pelas palavras.”

Churchill não tinha ilusões sobre a severidade das tarefas que se aproximavam. Mesmo que os alemães tivessem decidido não atacar a Grã-Bretanha antes que a França fosse derrotada, a derrota francesa não estava longe. Nessa noite, escreveu a Baldwin em resposta à sua carta de felicitações: “Estamos atravessando tempos muito difíceis e creio que o pior está para vir, mas também estou certo de que melhores dias virão, embora seja mais difícil saber se estaremos vivos para vê-los.” Churchill terminava sua carta: “Não sinto o peso do fardo excessivamente, mas não posso dizer que me agradou muito ser primeiro-ministro até agora.”

Em 5 de junho, apenas 36 dias depois de ter ido à França, o exército alemão iniciou sua ofensiva a caminho de Paris. Nesse dia, na busca por todos os meios possíveis para ajudar a França, Churchill propôs uma série de ataques rápidos às costas ocupadas pelos alemães, com tanques transportados através do canal em navios de fundo chato, a partir dos quais os tanques pudessem “chegar à terra, fazer um ataque rápido, cortar comunicações vitais e regressar, deixando um rastro de corpos alemães para

trás”. Enquanto as melhores tropas alemãs atacavam Paris, “as tropas normais” ficariam em muitas cidades. “Suas vidas devem ser um intenso tormento.”

Porém, o avanço alemão foi tão rápido que não houve tempo para preparar quaisquer ataques. As divisões britânicas no norte da França, comandadas pelo general Fortune, foram forçadas a retirar-se para a costa do canal, sofrendo pesadas baixas. Ao largo de Narvik, no último dia da evacuação, foram afundados três navios de guerra e morreram afogados 1.500 marinheiros e homens evacuados. Frustrado com os relatórios diários, que informavam sobre retiradas e atrasos, Churchill escreveu a Pound em 6 de junho: “Parecemos absolutamente incapazes de ação.” Escreveu a Eden nesse mesmo dia, questionando atrasos no transporte de tropas estacionadas na Palestina e na Índia para a Grã-Bretanha. “Estamos sendo vítimas de um funcionalismo fraco e cansado”, disse ele. Também estava aborrecido com os contínuos pedidos de Reynaud por mais apoio aéreo britânico, recordando-lhe, em 7 de junho, que no dia anterior 144 caças britânicos tinham operado na França, mas concordava em enviar 24 balões de barragem, com equipes, para defesa da capital francesa.

Essa era a ajuda que a Grã-Bretanha podia dar. Na noite de 8 de junho, Churchill, Sinclair e Beaverbrook decidiram que não poderiam ser enviados mais caças para a França sem o perigo de, como foi dito a Reynaud, “arruinar a capacidade britânica de continuar na guerra”. No dia seguinte, Reynaud enviou a Londres seu recentemente nomeado subsecretário de Defesa Nacional, general Charles De Gaulle, para pedir que toda a Força Aérea britânica se envolvesse na batalha da França. Churchill explicou a De Gaulle que não haveria meios de proteger a Grã-Bretanha contra os ataques aéreos que geralmente precedem as invasões alemãs se esses aviões fossem destruídos. De Gaulle compreendeu o dilema e a prioridade da Grã-Bretanha. “Falando por si, concordou com nossa política”, disse Churchill ao Gabinete de Guerra enquanto De Gaulle regressava à França. Ele acrescentou que o jovem general lhe dera “uma impressão mais favorável do moral e da determinação franceses”.

Era tarde demais. Mesmo o desencadear, em 9 de junho, do antigo esquema do Almirantado, que pensara em lançar minas no Reno, apesar de afetar seriamente o tráfego do rio, já não teria influência na batalha da França. Nesse dia, as forças britânicas sob comando do general Fortune foram conduzidas ao mar em St. Valery-en-Caux. O nevoeiro impediu sua evacuação. Então, enquanto as tropas alemãs iniciavam seu assalto a Paris, a Itália declarava guerra tanto à Inglaterra quanto à França. “As pessoas que vão à Itália para ver ruínas já não precisam ir tão longe quanto Nápoles ou Pompeia”, comentou Churchill nessa noite.

Em 10 de junho, Churchill decidiu ir novamente à França para encorajar os franceses a defenderem Paris. Quando se preparava para partir, soube que o governo francês estava evacuando a capital. “Mas que inferno!”, comentou ele. “Parecia não haver o que fazer”, escreveu Colville. O governo francês tinha ido para sul, deslocando-se até perto do Loire. Lá, em 11 de junho, no Château de Muguet, perto da cidade de Briare, foi confrontado com os líderes franceses em total confusão. Reynaud e De Gaulle eram os únicos que tentavam dar continuidade à luta, possivelmente a partir do oeste da França. Weygand e Pétain estavam convencidos de que a luta já estava perdida. Churchill disse que chegaria ajuda britânica se os franceses conseguissem resistir “por umas escassas semanas”. Uma divisão canadense desembarcaria na França naquela noite. Uma das divisões britânicas retiradas de Dunquerque chegaria em cerca de nove dias. As tropas retiradas de Narvik estavam a caminho. Uma terceira divisão britânica estaria disponível se os franceses pudessem fornecer artilharia e, se a França conseguisse resistir nove meses, até a primavera seguinte, os ingleses teriam treinado e equipado 25 divisões “para colocá-las à disposição do comando francês, que as ocuparia em qualquer local”.

A primavera seguinte era uma data distante demais para Weygand e Pétain e quase distante demais para Reynaud e De Gaulle, mas era uma proposta séria, feita para instilar confiança. Weygand já não

tinha confiança em relação a Paris ou a qualquer outra grande cidade no sul: “Não tenho quaisquer reservas. Não há quaisquer reservas.” Churchill voltou a pressionar os franceses a resistirem “por mais três ou quatro semanas”, quando as forças britânicas e canadenses que se preparavam no oeste da França poderiam atacar o flanco germânico. Weygand respondeu que era “uma questão de horas”, não dias ou semanas. Churchill então propôs uma defesa de Paris tão tenaz, recusando-se a aceitar uma derrota, que absorveria exércitos enormes. “Os franceses congelaram perceptivelmente”, notou Spears. “Transformar Paris numa cidade em ruínas não altera os fatos”, disse o marechal Pétain, que tampouco se deixou influenciar pela referência de Churchill à coragem do marechal em momentos de adversidade, como em março de 1918, quando Churchill e Clemenceau o visitaram em Beauvais e encontraram nele uma torre de força.

Churchill sugeriu então que, se uma “defesa coordenada” falhasse, a Grã-Bretanha podia ajudar a França a manter “uma guerra de guerrilha numa escala gigantesca”. Com visível e intensa cólera, Pétain disse a Churchill que isso significaria “a destruição do país”. Reynaud não discordou. Churchill tentou então pintar um quadro de esperança a longo prazo. “É possível que os nazistas consigam dominar a Europa, mas será uma Europa em revolta, e é garantido que no fim um regime cujas vitórias são em grande medida devidas às suas máquinas entrará em colapso”, disse ele. “Máquinas derrotarão máquinas”, completou. Ao ouvir isso, recordou Eden mais tarde, “Pétain duvidou e debochou”. Somente De Gaulle respondeu à sugestão final de Churchill de que poderiam resistir na Bretanha, para onde deveriam ser enviados os reforços britânicos, bem como as tropas francesas que estavam no norte da África. Nessa noite, Reynaud disse a Churchill que Pétain já o tinha informado de que “seria necessário buscar um armistício”.

Churchill dormiu no Château de Muguet; na manhã de 12 de junho, regressou à Grã-Bretanha, vendo o porto do Havre em chamas a uma altitude de 2.500 metros. Nesse dia, o general Fortune foi obrigado, pelo poder da artilharia e pela aviação alemães, ambos superiores, a render-se em St. Valery-en-Caux. À tarde, Reynaud telefonou a Churchill para dizer-lhe que o governo francês tinha ido de Briare para Tours e para pedir que voltasse à França. Ele concordou, dirigindo-se ao aeroporto de Hendon na manhã de 13 de junho com um membro do seu secretariado de Defesa, coronel Leslie Hollis. “Recordo-me bem dessa manhã”, escreveu mais tarde Hollis.

Era um dia quente e o sol brilhava. Fiquei maravilhado com a calma e a serenidade por todos os lados, mas de repente percebi, chocado, que quase ninguém nas multidões que se deliciavam com o sol — funcionários, datilógrafas em suas roupas de verão, lojistas — percebia o terrível perigo que ameaçava a Grã-Bretanha. Eu estava quase tão habituado a viver perto da calamidade que imaginei que os outros pensassem como eu.

Ao chegar a Hendon às 11h, Churchill soube que se previa mau tempo para o final do dia. Devido a isso, o Estado-Maior da Aviação informou que o voo seria adiado. “Não me importa”, disse Churchill a Hollis. “Aconteça o que acontecer, eu vou! A situação é séria demais para me preocupar com o *tempo!*” Beaverbrook, Ismay, Halifax, o principal conselheiro de Halifax, Alexander Cadogan, e o intérprete do Conselho Superior de Guerra, capitão Berkeley, esperavam por Churchill em Hendon. Voando em dois aviões, a missão britânica atravessou de Weymouth para as ilhas do canal e depois para Tours. “Havia trovoadas e chuva quando chegamos ao esburacado aeródromo”, escreveu Cadogan em seu diário. Ismay recordou mais tarde que o campo de aviação de Tours “tinha sido fortemente bombardeado na noite

anterior, mas aterrissamos em segurança e andamos pelo meio de crateras à procura de alguém que nos ajudasse. Não havia sinais de vida, exceto grupos de aviadores franceses perto dos hangares. Não sabiam quem éramos e pouco se importaram. O primeiro-ministro saiu do avião e apresentou-se. Disse, em seu melhor francês, que seu nome era Churchill, que era o primeiro-ministro da Grã-Bretanha e que ficaria grato se lhe conseguissem uma *voiture*”.

Conseguiu-se um carro que levou Churchill à prefeitura de Tours. Como Reynaud ainda não tinha chegado, o grupo britânico almoçou no Grand Hotel; enquanto comiam, chegou o secretário do Gabinete de Guerra francês, Paul Baudouin, que começou a falar imediatamente, recordou mais tarde Churchill, “com seus modos sedosos sobre a inutilidade da resistência francesa”. A conversa pessimista de Baudouin era um mau presságio, e, no entanto, recordou mais tarde Hollis, “Churchill não prestou qualquer atenção a esse Niágara de desgraças; parecia ouvir um ator declamando o declínio da esperança numa tragédia de teatro. Em sua mente, estava decidido a não deixar o derrotismo dos outros mudar suas intenções”.

Quando o almoço acabou, o grupo britânico voltou à Prefeitura. Reynaud ainda não tinha chegado e ninguém parecia saber onde ele estava. Churchill esperou, ainda que seu tempo em Tours fosse limitado; como o aeroporto não tinha luzes, as condições da pista tornavam impossível uma decolagem depois do anoitecer. Por fim, Reynaud chegou, acompanhado por dois ingleses: Sir Ronald Campbell, o embaixador, e o general Spears. Quando o grupo subiu as escadas para a reunião, Churchill ficou para trás para perguntar a Spears acerca de Baudouin. “Disse-lhe que ele estava fazendo o impossível para persuadir Reynaud a desistir da luta”, recordou mais tarde Spears. Estava “trabalhando em nome de Weygand e Pétain”. Churchill “resmungou” que já sabia o suficiente.

Foi indicada aos representantes britânicos e franceses uma sala no primeiro andar; não havia nenhuma mesa, apenas uma escrivaninha, à qual se sentou Georges Mandel, ministro do Interior. O general Ismay escreveu mais tarde a Churchill descrevendo esse encontro com Mandel:

Quando o encontramos em seu escritório na prefeitura, depois de nosso almoço no hotel, era a personificação da energia e da provocação. Seu almoço, que não comeu, estava numa bandeja na frente dele, que tinha um telefone em cada mão e disparava ordens em todas as direções. Ele foi o único raio de sol — exceto quando você estimulou Reynaud a ter coragem — que vimos do lado francês.

Churchill ficou satisfeito por ver e ouvir Mandel, um amigo do período entre guerras, mas ele, que mais tarde seria assassinado por franceses pró-nazistas, não era membro do Conselho Superior de Guerra e seria demitido pouco depois. Reynaud tomou então o lugar de Mandel à secretária, dizendo a Churchill, em tom grave, que o governo francês em breve solicitaria um armistício. Seria pedido à Grã-Bretanha que libertasse a França de seu compromisso quanto a não fazer uma paz em separado com a Alemanha. Um ex-primeiro-ministro francês, Edouard Herriot, que estava na Prefeitura nessa tarde, soube mais tarde que, quando Reynaud fez esse pedido, “correram lágrimas pela face do sr. Churchill”.

Churchill pressionou Reynaud para que adiasse a decisão por um armistício. “Pelo menos uma semana ou menos?”, perguntou ele. Reynaud não respondeu. No entanto, concordou que não haveria “uma paz em separado” até ser pedido a Roosevelt que “desse um passo em frente”. Churchill prometeu telegrafar a Roosevelt imediatamente. Se houvesse uma “ajuda imediata” da América, “talvez até uma declaração de guerra”, disse ele a Reynaud, a vitória “não estaria longe”. Foram palavras de combate

efetivas. “O encontro terminou num ambiente de muito maior confiança por parte de Reynaud do que parecia ter sido possível”, anotou o capitão Berkeley em seu diário. “Obviamente ele está disputando uma desesperada batalha contra a maioria do seu governo, Weygand e outras forças ocultas, e as corajosas garantias de Winston confortaram-no.”

No percurso para o aeródromo, Churchill pediu a Reynaud: “*Não* desista e não vá ao encontro do inimigo. Lute!” Nesse dia, os alemães entraram em Paris, a sexta capital europeia a cair sob seu domínio em nove meses. Varsóvia, Copenhague, Oslo, Haia e Bruxelas já estavam sob domínio nazista.

Havia agora mais de 150 mil homens, britânicos e canadenses, no oeste da França, e outros mais desembarcaram em Cherbourg nesse dia. Podiam juntar-se aos franceses para defenderem a Bretanha ou deslocarem-se ainda mais até ao flanco alemão a oeste de Paris. Porém, na tarde de 14 de junho, soube-se em Londres que Weygand tinha rejeitado qualquer resistência na Bretanha. Churchill ordenou imediatamente uma interrupção de qualquer desembarque de tropas britânicas, embora ainda com a esperança de que as tropas que já se encontravam no oeste da França pudessem avançar. Nessa noite, falou ao telefone com o comandante, general Alan Brooke, a quem expôs suas ideias para uma ofensiva. Depois de quase meia hora advogando a ação do modo mais convincente, Churchill aceitou a opinião de Brooke de que todas as forças britânicas deveriam regressar à Grã-Bretanha.

Às primeiras horas de 15 de junho, Churchill soube que os Estados Unidos não entrariam na guerra em socorro à França. Nessa manhã, com o total apoio de Chamberlain, telegrafou a Roosevelt, pressionando-o para que repensasse o assunto. Uma declaração dos Estados Unidos de que “se fosse necessário entrariam na guerra” poderia “salvar a França”. Na falta de tal declaração “a resistência francesa poderá desmoronar-se nos próximos dias e ficaremos sozinhos”. Churchill acrescentou: “Se formos derrotados, poderão ser criados uns Estados Unidos da Europa sob domínio nazista, que serão muito mais numerosos, muito mais fortes e muito mais bem-armados do que o Novo Mundo.”

Apesar de um segundo e enérgico telegrama para Roosevelt ainda nesse dia, Churchill não conseguiu uma declaração americana de guerra. Durante o dia 15 de junho, considerou a possibilidade de voltar a Bordeaux, para onde o governo francês se retirara, para fazer os preparativos para a transferência da armada francesa para a Inglaterra na eventualidade de uma rendição francesa. No entanto, não foi, por recear que sua defesa da continuação da luta por parte da França pudesse ser vista com rancor. Sete meses depois, no entanto, disse ao emissário de Roosevelt, Harry Hopkins, que se tivesse ido a Bordeaux “naqueles últimos e decisivos dias”, talvez tivesse conseguido “inclinarmos a balança a favor de mais resistência no continente”.

Na manhã de 16 de junho, Churchill soube que a França estava prestes a pedir um armistício. No Gabinete de Guerra, concordou-se em libertar a França de seu compromisso de não negociar com a Alemanha em separado, “na condição, mas apenas nessa condição, de a armada francesa zarpar imediatamente para portos britânicos”. Churchill e seus conselheiros receavam que os alemães tomassem os navios de guerra da armada francesa, utilizando-os numa invasão à Grã-Bretanha, mas não conseguiram impor tal condição, e a armada francesa manteve-se em seus portos.

Poderia ser feita alguma coisa para evitar a rendição francesa? Em Londres, um membro da missão econômica francesa, René Pléven, que muitos anos depois seria primeiro-ministro em tempos de paz, sugeriu uma união política entre a Grã-Bretanha e a França. Sua soberania e suas capacidades de defesa seriam unidas. Não seriam mais dois Estados que lutavam separadamente para sobreviver e que seriam derrotados um após outro. Mesmo que a nova união fosse derrotada pelos alemães na França, a luta continuaria na Grã-Bretanha. Assim, não poderia haver uma paz em separado; os 250 mil soldados franceses, então no oeste da França, longe de deporem as armas, seriam evacuados para lutarem na Inglaterra como parte integrante da nova união. A armada francesa também iria para os portos ingleses.

Churchill encarou essa ideia de uma união anglo-francesa com algum desdém, mas foram tantos os seus conselheiros que gostaram da ideia que repensou o assunto em 16 de junho. Talvez, mesmo à última hora, a união permitisse que Reynaud enfrentasse Pétain e Weygand. Chamberlain estava entusiasmado, assim como o general De Gaulle, que na véspera tinha ido a Londres para autorizar que um embarque de armas, naquele momento a caminho da França, vindo dos Estados Unidos, fosse para a Grã-Bretanha. “Era essencial tomar uma atitude radical”, disse a Churchill, que concordou em apoiar a ideia da união. Foi preparada imediatamente uma Declaração da União, que ficou pronta às 16h30 desse dia. De Gaulle queria que Churchill fosse a Bordeaux na manhã seguinte e a entregasse a Reynaud na esperança de que o levasse a manter a França em guerra. O Gabinete de Guerra sugeriu que Churchill, Attlee e Sinclair fossem à França, como representantes dos três mais importantes partidos políticos ingleses, para discutirem a Declaração da União com Reynaud.

Conseguiu-se imediatamente um trem que partisse de Londres para Southampton às 21h30. Um cruzador foi alertado em Southampton para levar Churchill a Concarneau, na costa da Bretanha, onde se encontraria com Reynaud ao meio-dia. Quando estava saindo da Downing Street, acompanhado por Clementine, que queria despedir-se dele na estação, chegou um telegrama: “Encontro cancelado. Segue mensagem.” O capitão Berkeley anotou em seu diário: “Winston recusou-se a desistir da viagem e foi para Waterloo, onde ficou por meia hora, enquanto Ismay e Pound pediam-lhe que fosse razoável. Por fim, regressou à Downing Street para esperar por mais notícias.” As notícias chegaram pouco antes da meia-noite. Todas as habilidades de Reynaud para conseguir um adiamento do armistício haviam sido em vão. Pétain e Weygand tinham ganho o dia. A Declaração de União já não seria um fator relevante no destino da França e sequer foi tornada pública.

Nessa noite, Reynaud demitiu-se; Pétain formou um governo e, poucas horas depois, pediu um armistício aos alemães. A Grã-Bretanha estava sozinha. “Somos agora os únicos vencedores armados para defender a causa mundial”, declarou Churchill numa emissão radiofônica de dois minutos feita nessa tarde. “Faremos nosso melhor para sermos dignos dessa elevada honra. Defenderemos nossa ilha natal e lutaremos, inconquistáveis, até que a maldição de Hitler seja removida da humanidade. Temos certeza de que no fim tudo se recomporá.”

Durante 17 de junho, tropas foram sendo retiradas da França; quando o navio de passageiros *Lancastria* foi bombardeado em St. Nazaire, cerca de 3 mil militares e civis que estavam a bordo afogaram-se. Churchill proibiu a publicação de notícias sobre a pior perda marítima britânica na guerra, tendo dito aos seus conselheiros: “Pelo menos por hoje, os jornais já têm desastres suficientes.” Nesse mesmo dia, o deposto Reynaud, que estava em Bordeaux, escreveu a Churchill: “O projeto da união franco-inglesa é digno de sua imaginação e de sua coragem. Nele reside o futuro de nossos dois países.” Nessa noite, De Gaulle, grande defensor da união, voltou à Grã-Bretanha. Para garantir que ele se tornasse o foco da resistência francesa, Churchill aprovou uma proposta de Desmond Morton para aplicar dinheiro do governo britânico na contratação de um especialista em relações públicas que promovesse seu nome e sua causa.

Churchill precisava elevar o moral da nação e mantê-lo alto; como parte de sua tarefa, fez todos os esforços para cessar a crescente atribuição a bodes expiatórios da negligência com as defesas britânicas nos anos anteriores à guerra, dizendo na Câmara dos Comuns em 18 de junho:

Muitos gostariam de abrir um inquérito sobre a conduta dos governos — e dos parlamentos, que também estão no mesmo barco — durante os anos que nos conduziram a essa catástrofe. Querem acusar os responsáveis pelos nossos assuntos. Isso seria um louco e pernicioso processo.

Há gente demais envolvida. Que cada um examine sua consciência e examine seus discursos. Eu examino muitas vezes os meus.

Churchill continuou a advertir: “De uma coisa tenho certeza: se iniciarmos uma contenda entre passado e presente, perderemos o futuro.”

No mesmo discurso, Churchill disse à Câmara que, sob a enérgica direção de Beaverbrook, o número de aviões fabricados na Grã-Bretanha tinha subido de 245 para 363 máquinas por semana. Caberia aos pilotos, segundo Churchill, “a glória de salvarem sua terra natal, sua ilha pátria e tudo aquilo que amam dos mais mortíferos ataques”. Aquilo que Weygand chamara de “batalha da França” tinha terminado.

Acho que está começando a Batalha da Inglaterra. Dessa batalha depende a sobrevivência da civilização cristã. Dela depende nossa vida britânica e a longa continuação de nossas instituições e de nosso império. A fúria e o poderio do inimigo devem voltar-se contra nós em breve. Hitler sabe que precisará vencer-nos nessa ilha ou perderá a guerra. Se conseguirmos fazer-lhe frente, toda a Europa pode ser livre, e a vida do mundo pode caminhar para terras mais vastas e mais ensolaradas, mas, se falharmos, então todo o mundo, inclusive os Estados Unidos e tudo o que conhecemos e de que cuidamos, cairá no abismo de uma nova era de trevas, ainda mais sinistra, e talvez mais prolongada, pelas luzes de uma ciência pervertida. Por isso, vamos juntar-nos em torno do nosso dever e empenharmo-nos em que, se o império britânico e sua comunidade durarem mil anos, os homens possam dizer: “Foi seu mais glorioso momento.”

Churchill repetiu esse discurso na rádio quatro horas depois. Estava cansado e pareceu muito menos convincente do que na Câmara dos Comuns, mas para aqueles que o ouviram pela primeira vez, sentados em torno de seus aparelhos de rádio, foi uma inspiração. Foram “apenas palavras”, disse ele mais tarde. Os estrangeiros, que não compreendiam “o temperamento da raça britânica quando o sangue fervilha, podem ter pensado que se tratava apenas de uma atitude corajosa, um bom prelúdio para negociações de paz”. Ele sabia que “a retórica não é garantia de sobrevivência”. Os termos da paz poderiam ter sido propostos, apresentando muitas “desculpas plausíveis”. Muitos poderiam ter perguntado por que os britânicos não se juntavam aos “espectadores” no Japão neutro, nos Estados Unidos, na Suécia e na Espanha, para assistirem, com desprendido interesse, ou “mesmo se deliciarem com uma luta destrutiva entre os impérios nazista e comunista”. Nessa noite, 120 bombardeiros alemães atacaram o leste da Inglaterra, matando nove civis. Tinha começado uma nova fase da guerra. “Será preciso que nos acostumemos com isso”, disse Churchill numa sessão secreta da Câmara dos Comuns em 20 de junho. “As enguias habitam-se a ser esfoladas.” Os constantes e por vezes intensos bombardeios seriam uma “condição regular” da vida britânica. O resultado da batalha dependerá da “coragem dos homens e das mulheres comuns”.

Mais de 111 mil soldados britânicos tinham sido evacuados do oeste da França e cerca de 16 mil foram feitos prisioneiros. “Pode ter acontecido que nossas melhores tropas ainda não tenham dito adeus ao continente europeu”, disse Churchill na sessão secreta. A Grã-Bretanha está fazendo planos “para 1941 e 1942”. Ela resistirá por tanto tempo? Em Chequers, nesse fim de semana, o ritmo vagaroso dos fornecimentos americanos, a grande expectativa sobre o futuro da França e o conhecimento secreto da extensão das fraquezas da Grã-Bretanha se a Alemanha a invadissem causaram uma preocupação quase insustentável. A tensão em todos aqueles que sabiam da extensão dos perigos era considerável; acima de

tudo em Churchill, cujas responsabilidades tão recentes eram formidáveis. No entanto, seu poder, que lhe fora negado durante tanto tempo, podia ser insuficiente para evitar a derrota. Sua disposição refletia a gravidade do momento, o que afetava até seu comportamento pessoal, a tal ponto que um amigo queixou-se nesse fim de semana a Clementine, que escreveu ao marido:

Meu querido,

Espero que me perdoe por dizer algumas coisas que sinto que você deve saber. Um homem próximo de você (um amigo devotado) procurou-me e disse-me que há o risco de seus colegas e subordinados não simpatizarem com você devido ao seu jeito duro, sarcástico e autoritário — parece que seus secretários particulares se comportam como crianças, “aceitando tudo o que lhes dão” e depois encolhendo os ombros. Por outro lado, se é sugerida uma ideia (digamos, numa palestra), você é tão desdenhoso que atualmente já não são sugeridas ideias, sejam boas ou más.

Fiquei atônita e preocupada, pois em todos esses anos achei que todos que trabalham com você e sob suas ordens gostam muito de sua pessoa — quando eu disse isso, responderam-me: “Evidentemente é devido à tensão.”

Meu querido Winston, devo confessar que notei uma deterioração nos seus modos; não é tão amável quanto costumava ser. É a você que compete dar ordens quando eles são incompetentes — à exceção do rei, do arcebispo de Canterbury e do presidente da Câmara dos Comuns, você pode despedir tudo e todos —, mas é necessário que a todo esse poder junte urbanidade, delicadeza e, se possível, uma calma olímpica.

Você costumava dizer “*On ne règne sur les âmes que par le calme*”; não consigo suportar que aqueles que servem ao país e servem a você não o amem, admirem nem respeitem. Além disso, você não conseguirá os melhores resultados por meio da irascibilidade e da rudeza. Eles criarão desafeição ou uma mentalidade de escravos. Rebeliões em tempo de guerra estão fora de questão!

Por favor, perdoe sua amada, devotada e vigilante
Clemmie.

Clementine terminou a carta com o esboço de um gato. Depois, rasgou-a. Quatro dias depois, juntou os pedaços e entregou-a ao marido. Era muito fácil compreender as preocupações de Churchill. “Deve ter vivido tempos muito duros nas duas últimas semanas”, escreveu Samuel Hoare, que estava em Madri.

Em 21 de junho, Churchill soube que, como resultado da decifração das comunicações por rádio da Força Aérea alemã, tinha sido descoberto um sistema de interceptação que apontou que bombardeiros alemães voariam à noite até alvos precisos onde as bombas seriam lançadas automaticamente. Sabendo que os caças-noturnos britânicos eram praticamente impotentes, a notícia, como recordou ele mais tarde, foi “um dos momentos mais sombrios da guerra”. Porém, o jovem cientista que tinha descoberto as mensagens, R. V. Jones, tinha também a resposta para eles; a rota dos aviões podia ser desviada, fazendo-os lançar as bombas em campo aberto.

Durante a última semana de junho e a primeira semana de julho, Churchill discutiu planos de resistência à invasão com seus conselheiros, sugerindo áreas de investigação urgente e preparações imediatas, visitando praias onde os alemães poderiam desembarcar e encontrando-se com comandantes de divisões cuja tarefa seria repelir o invasor. Ele ficou muito impressionado quando um comandante, o general Montgomery, realizou um ataque simulado a um aeródromo costeiro que teria sido tomado.

Enquanto jantavam em Brighton, observando através da janela um pelotão de soldados preparando um posto de metralhadoras no píer, Churchill disse a Montgomery que quando estava na escola, nos anos 1880, costumava ir ver o show das pulgas domesticadas naquele mesmo lugar.

Como parte dos termos alemães para o armistício, Hitler tinha insistido, e Churchill já recebera, na rendição da armada francesa. Esses navios franceses, que estavam então em Alexandria, podiam facilmente ser capturados pelas forças britânicas estacionadas no Egito. Os navios em Toulon e em Dacar estavam fora do alcance britânico, mas aqueles que estavam na base naval francesa de Mers-el-Kebir, em Orã, incluindo dois cruzadores de batalha e quatro cruzadores, estavam ao alcance das forças navais britânicas posicionadas no Mediterrâneo. Churchill e os chefes de Estado-Maior estavam determinados a negar esses navios de guerra aos alemães, mesmo que isso significasse abrir fogo contra um país que, duas semanas antes, era seu aliado. Primeiro, porém, planejaram enviar o almirante Phillips e lorde Lloyd diretamente a Orã, onde fariam um apelo às autoridades navais francesas no sentido de não permitirem que os navios caíssem nas mãos dos alemães. Dariam ao comandante naval francês em Orã, almirante Gensoul, três opções: levar os navios para um porto inglês e juntarem-se à Marinha britânica como aliados contra a Alemanha; levar os navios para um porto britânico e entregá-los a tripulações britânicas ou irem para um porto das Índias Ocidentais Francesas e aceitarem a desmilitarização, com imediata repatriação das tripulações para a França, se assim desejassem. Foi acrescentada uma quarta possibilidade quando se provou que as três primeiras eram inaceitáveis: afundar voluntariamente os navios no porto de Mers-el-Kebir.

Apesar de longas negociações ao longo da manhã e da tarde de 3 de julho, o almirante Gensoul recusou-se a desrespeitar os termos do armistício franco-alemão. Não aceitaria as opções britânicas, nem mesmo a última. Nesse ponto, era apoiado pelo ex-chefe do Estado-Maior Naval francês, almirante Darlan, que agora era ministro da Marinha. Darlan, leal ao governo de Pétain, que tinha sido estabelecido com a aprovação da Alemanha em Vichy, insistiu que os termos do armistício seriam implementados; Gensoul e seus homens não deveriam “prestar atenção” às exigências britânicas, disse ele num telegrama, e sim “mostrar-se dignos de serem franceses”.

As instruções de Darlan foram enviadas por rádio a Gensoul; uma instrução similar, comunicada ao almirante francês em Dacar, era conhecida pelos britânicos. O Gabinete de Guerra deduziu que a instrução enviada a Dacar era a mesma que fora enviada para Orã. Gensoul tinha perdido toda a capacidade de ação; às 5h55, o almirante britânico ao largo de Orã, Sir James Somerville, deu ordem para que seus navios abrissem fogo. Quando Somerville propôs um cessar-fogo cinco minutos depois, um cruzador de batalha tinha sido encalhado, outro cruzador havia sido destruído e 1.200 marinheiros franceses estavam mortos. O segundo cruzador de batalha tinha conseguido sair do porto e chegou a Toulon desarmado na calada da noite. “Não é preciso dizer que os navios franceses lutaram, apesar de o terem feito pela outra causa, com a coragem característica da Marinha francesa”, disse Churchill na Câmara dos Comuns no dia seguinte. Com algum azedume, confidenciou a Dudley Pound: “Pela primeira vez desde que a guerra começou, os franceses lutam com todo o vigor.”

Dentro de poucos dias, Orã tornou-se um símbolo da rudeza e da determinação britânicas. Seis meses depois, Churchill disse a um emissário de Roosevelt, Harry Hopkins, que Orã tinha sido “o ponto de virada do nosso destino e fez com que o mundo percebesse que nossas intenções de prosseguir são as mais sérias”. Esse não é o momento para “dúvida ou fraqueza; é a hora suprema para que fomos chamados”, disse ele na Câmara dos Comuns em 4 de julho. Provavelmente uma invasão era iminente, e o governo fazia todos os preparativos. “Sinto que podemos exigir que a Câmara confie em nós e em que não falharemos em nossos deveres, por mais dolorosos que sejam”, continuou Churchill. Apesar da propaganda alemã que dizia que a Inglaterra estava pronta para iniciar negociações para um

compromisso de paz, a guerra prosseguiria “com o maior vigor, por todos os meios de que possamos dispor, até que tenham sido cumpridos os honrados propósitos a que nos obrigamos”.

Churchill tinha falado por quase meia hora. Quando se sentou, toda a Câmara se levantou e aplaudiu, e seus olhos encheram-se de lágrimas. “Até então, o Partido Conservador havia me tratado com alguma reserva, e era das bancadas trabalhistas que eu recebia as mais calorosas boas-vindas quando entrava na Câmara ou me levantava em ocasiões importantes, mas então todos se juntaram num alto e solene acordo”, recordou Churchill mais tarde.

Os preparativos contra uma possível invasão dominavam as horas que Churchill passava acordado. Ao contrário de Paris, garantiu ele a Josiah Wedgwood, Londres seria defendida rua por rua, bairro por bairro, “destruindo o exército inimigo, presumindo que algum chegue tão longe. Porém, esperamos afogar a maior parte dele no mar salgado”. Churchill também deu ordens para a destruição dos depósitos de combustível na costa leste se as forças invasoras se aproximassem. Muitos depósitos eram os mesmos por cuja defesa tinha sido responsável em 1914. Um mês depois, ao preparar instruções para policiais, soldados e membros da Guarda Territorial que poderiam estar em cidades invadidas pelos alemães, escreveu: “Poderão render-se e submeter-se com o resto dos habitantes, mas não deverão dar qualquer ajuda ao inimigo na manutenção da ordem ou de qualquer outro modo. Deverão dar assistência à população civil tanto quanto possível.”

Em 8 de julho, tentando conseguir meios de levar a guerra à Alemanha, Churchill disse a Beaverbrook que o “caminho mais seguro” para uma vitória britânica era um bombardeio ofensivo contra a Alemanha. Se Hitler fosse repellido das praias britânicas, ou se não tentasse invadi-las, teria de “recuar para leste”. Apesar de a Grã-Bretanha não poder fazer nada para impedir que ele se dirigisse para leste, “há apenas uma coisa que o fará regressar e que o destruirá, que é um ataque absolutamente devastador e exterminador com todos os bombardeiros pesados deste país contra a terra natal do nazismo”. Nessa semana, Churchill comentou para Colville: “Mesmo que Aquele Homem atinja o mar Cáspio, terá fogo em seu quintal quando regressar. Não adiantará nada atingir nem mesmo a Grande Muralha da China.”

Nesse mês de julho, a iniciativa dos bombardeios estava com a Alemanha; em 9 de julho, foram bombardeados estaleiros em Gales do Sul. Nessa noite, foram mortos 88 civis, mas, como resultado de uma decisão do Gabinete de Guerra, os números foram mantidos em segredo. “Nunca odiei os hunos durante a última guerra, mas agora os odeio como a uma barata”, disse Churchill a um dos generais da costa sul em 11 de julho. Se os alemães invadissem, a Guarda Territorial deveria estar armada para enfrentá-los e até as mulheres deveriam ser “autorizadas a combater”, comentou ele no dia seguinte.

À medida que os bombardeiros alemães intensificavam seus ataques, os pilotos de caça da Força Aérea combatiam-nos com destreza e coragem. Numa emissão radiofônica em 14 de julho, Churchill disse à nação:

Esperamos sem medo o ataque iminente. Talvez chegue essa noite. Talvez chegue na próxima semana. Talvez nunca chegue. Devemos estar preparados tanto para sofrer um súbito e violento choque quanto — o que é talvez o teste mais difícil — para uma prolongada vigília. Seja a provação aguda ou prolongada, não aceitaremos condições e não toleraremos negociações; poderemos mostrar clemência, mas não a pediremos.

Não apenas na Inglaterra, mas por todos os lados havia muitas pessoas “que prestarão serviços úteis nessa guerra, mas cujos nomes nunca serão recordados. Essa é uma Guerra do Soldado Desconhecido,

mas esforcemo-nos sem desfalecimentos na fé ou no dever e veremos o sombrio percurso de Hitler ser banido dos nossos tempos”.

Nessa noite, Churchill avisou a Ismay que “todas as pessoas devem checar suas máscaras de gás”. Muitas máscaras precisavam ser inspecionadas. Era preciso agir imediatamente. No dia seguinte, determinado a não permitir que as forças de ocupação de Hitler ficassem ilesas, convidou Hugh Dalton a encarregar-se de um “novo instrumento de guerra”, o Executivo de Operações Especiais, em breve conhecido pelas iniciais SOE (Special Operations Executive), que coordenaria toda a subversão e sabotagem contra os alemães além-mar. “Agora vamos incendiar a Europa”, disse Churchill a Dalton. Seria uma tarefa difícil, perigosa e muitas vezes desencorajadora, na qual os alemães teriam muitos sucessos em enganar e perturbar, mas num período de três anos um formidável conjunto de redes e de agentes penetraria praticamente em todas as regiões da Europa ocupada pela Alemanha, organizando rotas de fuga para as tripulações dos aviões e para os soldados aliados, realizando tarefas de resgate e de reunião de informações em cooperação com patriotas locais, organizando e armando grupos locais de sabotagem e preparando forças de resistência para o dia em que as forças aliadas desembarcassem, fosse na Itália, no norte da Europa ou, no devido momento, na Birmânia, na Malásia e nas Índias orientais holandesas, onde seria necessária uma participação local ativa por trás das linhas.

Em 24 de julho, foi assinado em Washington um acordo pelo qual os Estados Unidos construiriam 14.375 aviões para a Inglaterra nos próximos 21 meses. Foram negociados acordos semelhantes para a fabricação de fuzis, peças de campanha e armas antitanque com respectivas munições. Esses acordos, que foram mantidos em sigilo, deram a Churchill renovada confiança nos projetos de longo prazo sobre desencadear uma guerra ofensiva, assim como a chegada nesse mês dos primeiros 26 aviões das 238 unidades de reconhecimento construídos nos Estados Unidos para a Grã-Bretanha. Contudo, os americanos ainda hesitavam em ceder contratorpedeiros. Para encorajá-los, Churchill concordou relutantemente em fazer trocas integrais de segredos técnicos, dando aos americanos conhecimento sobre o sistema de radar e sobre os mais recentes progressos nas comunicações entre ar e ar e terra e ar.

Churchill também enviou a Roosevelt um apelo pessoal em 31 de julho para “cinquenta ou sessenta dos seus contratorpedeiros mais antigos” e terminou o telegrama com as seguintes palavras:

Sr. presidente, com todo o respeito, devo dizer-lhe que, na longa história do mundo, isso é uma coisa que deve ser feita *agora*. Terei muitos navios em 1941, mas essa crise chegará antes de 1941. Sei que fará tudo o que puder, mas me sinto autorizado e obrigado a colocar à sua frente a gravidade e a urgência da situação. Tenho certeza de que, com sua compreensão dos assuntos do mar, não deixará que o ponto crucial da batalha corra mal pela falta desses contratorpedeiros.

Mas Roosevelt continuou a hesitar, receando que uma derrota britânica desse à Alemanha não só a Marinha britânica, mas também qualquer navio americano que pudesse ser transferido para a Grã-Bretanha, como desejava Churchill. O domínio alemão do Atlântico seria um perigo para a América. Contudo, reforços navais eram desesperadamente necessários, pois as perdas de navios aumentavam; em 7 de agosto, Churchill ficou aflito quando soube que o *Mohamed Ali el-Kebir*, com 732 soldados e marinheiros britânicos a bordo, tinha sido afundado por um submarino alemão no norte do Atlântico. Somente recuperou a serenidade quando lhe disseram que seiscentos homens a bordo tinham sido salvos, mas isso tornou seu pedido dos contratorpedeiros americanos ainda mais urgente. Dessa forma, propôs oferecer aos americanos o uso das bases navais britânicas nas Índias ocidentais em troca do empréstimo

dos contratorpedeiros. Ao mesmo tempo, num exercício de confiança e com uma ingenuidade que deixou estarecidos seus ouvintes, disse aos seus convidados nesse fim de semana em Chequers que esperava desencadear uma série de “formidáveis” ataques aéreos na Europa ocupada pela Alemanha dentro de um ano, desembarcando 10 mil homens que deveriam tomar a península de Cherbourg, invadir a Itália ou realizar um ataque “destrutivo” no Ruhr.

A decifração das mensagens ultrassecretas da cifra Enigma, em 10 de agosto, deixou claro que não tinham sido feitos preparativos para uma invasão, pelo menos para os próximos seis meses. Essa brecha deu a Churchill, aos chefes de Estado-Maior e aos seus conselheiros mais um mês para os preparativos e para se concentrarem na crescente guerra no ar. Os bombardeiros alemães não tinham atacado nos três dias anteriores. “O porco precisou de três dias para lamber as feridas”, foi o comentário de Churchill. Quando houve um novo ataque, em 11 de agosto, 62 invasores foram abatidos, com a perda de 25 aviões britânicos. Os tripulantes alemães que não foram mortos, foram aprisionados; os pilotos britânicos que não foram abatidos na Inglaterra podiam, e iriam, lutar novamente algumas horas depois. Em junho e julho, 526 pilotos britânicos tinham sido mortos em ação. Em Chequers, nessa noite, Churchill disse aos seus convidados que a vida da Grã-Bretanha dependia do espírito intrépido dos aviadores. Com a voz trêmula de emoção, acrescentou: “Grandes coisas podem depender de um fio tão fino.”

Durante novos ataques aéreos alemães em 14 de agosto, apesar de grandes estragos causados em fábricas e em docas, foram abatidos 68 aviões alemães, com a perda de apenas três pilotos britânicos. Nessa noite, Churchill recebeu mais notícias boas; Roosevelt tinha aceitado a oferta das bases em troca dos contratorpedeiros, mas seriam acrescentadas as bases de Terra Nova, Bermudas e Bahamas às bases nas Índias ocidentais, que Churchill tinha oferecido alugar aos americanos durante 99 anos. Quando Colville comentou que a resposta de Roosevelt “era uma bofetada às exigências russas sobre a Finlândia”, Churchill disse-lhe: “O valor de cada contratorpedeiro pode ser medido em rubis.” Ao mesmo tempo, Churchill disse ao embaixador inglês em Washington que qualquer anúncio público dessas condições teria um “efeito desastroso” no moral britânico. Era preciso manter a ilusão de uma Grã-Bretanha autossuficiente.

A Blitz estava em seu auge. Em 15 de agosto, cem bombardeiros alemães atacaram estaleiros, fábricas e aeródromos no nordeste do país. Ao mesmo tempo, como parte do que se tornara conhecido como “Batalha da Inglaterra”, oitocentos aviões alemães tentaram abater caças britânicos no sul e destruir seus campos de aterrissagem. No nordeste, trinta entre os cem bombardeiros alemães foram abatidos, com a baixa de apenas dois pilotos ingleses, que ficaram feridos. No sul, 46 aviões alemães foram abatidos, com a perda de 24 caças britânicos e a morte de apenas oito pilotos. Nessa noite, na Downing Street, Churchill estava “consumido pela agitação” à medida que lhe eram entregues notícias sobre o sucesso da luta e dirigiu-se desse modo ao quartel-general do Comando de Caça, em Stanmore, para acompanhar o decurso da batalha de seu centro nervoso. No final do dia, tinham sido abatidos 66 aviões alemães; Churchill telefonou a Chamberlain, então gravemente doente, para dar-lhe as boas notícias.

Em 16 de agosto, Churchill acompanhou a batalha da sala de operações do 11º Comando de Caça em Uxbridge. Nesse dia, quase todas as esquadrilhas de caças estavam no ar, em combate, mas os alemães destruíram 47 aviões britânicos ainda no solo. Ao sair da sala de operações, Churchill voltou-se para Ismay: “Não fale comigo; nunca me senti tão comovido.” Depois de cerca de cinco minutos, inclinou-se para Ismay e disse-lhe: “Nunca, no campo dos conflitos humanos, tantos deveram tanto a tão poucos.” Repetiu essas palavras quatro dias depois, quando fez uma exposição sobre a guerra na Câmara dos Comuns; são palavras que “viverão por todo o tempo que houver palavras”, escreveu-lhe a filha de Asquith, Violet. Ela acrescentou: “Nunca nada tão simples, tão majestoso e tão verdadeiro foi dito num

momento tão grande da história humana. O senhor venceu seus velhos inimigos, ‘os clássicos’, e estraçalhou-os! Até meu pai teria admitido isso. Como ele teria gostado!”

Outra sequência de frases no discurso feito por Churchill em 20 de agosto expressou o sentimento público de desconfiança e de confiança. Ao revelar o acordo com os Estados Unidos sobre a troca de contratorpedeiros por bases, o que significava que os dois países, nos próximos anos, “estariam envolvidos em alguns assuntos, para vantagens mútuas e gerais”, Churchill disse que não poderia parar esse processo nem que quisesse: “Ninguém pode parar. Como o Mississippi, ele continua a correr. Deixem-no correr. Deixem-no correr com força, à vontade, inexorável, irresistível, propício, para terras mais vastas e para dias melhores.”

Churchill acompanhava suas palavras com ações. Um mês antes, Roosevelt tinha concordado, na condição de absoluto sigilo, em enviar uma missão de alto nível a Londres para discutir possíveis áreas para cooperação estratégica anglo-americana. O verdadeiro propósito da missão estava escondido sob o título Comissão de Uniformização de Armamento. Para receber seus três membros, Churchill ofereceu-lhes um jantar na Downing Street, em 22 de agosto, dois dias depois da referência ao Mississippi. Sua inspiração pessoal era como um elemento do poder guerreiro britânico; quando o general Pakenham-Walsh foi enviado numa missão aos Estados Unidos, um mês antes, o subsecretário de Estado da Guerra pediu a Churchill que primeiro se encontrasse com ele, “para que possa levar o brilho do Monte Sinai a Washington”. Churchill guardou seus pensamentos para seu círculo mais próximo, dizendo-lhes, no final de agosto, que os Estados Unidos eram “muito bons em aplaudir os atos corajosos feitos por outros”.

Havia chegado o momento de regularizar o sistema de política de guerra que tinha estado em vigor desde maio, dada a pressão de acontecimentos violentos e incertos. Ao tornar-se primeiro-ministro, Churchill nomeara a si próprio ministro da Defesa, sendo Ismay responsável pelo seu Ministério da Defesa. Como ministro da Defesa, presidiu a Comissão de Chefes de Estado-Maior, composta pelo almirante da Armada, Sir Dudley Pound, pelo general Sir John Dill e pelo marechal da Aviação, Sir Cyril Newall, que se reuniam diariamente para tomar decisões sobre ações imediatas ou futuras operações. Quando Churchill não estava presente, fazia-se representar por Ismay.

Churchill tinha um relacionamento de respeito mútuo com os chefes de Estado-Maior, fortalecido pela necessidade de trabalharem juntos por um propósito comum contra um inimigo implacável. Todas as decisões de política de guerra tinham de ser aprovadas pelos três chefes de Estado-Maior; se eles não estivessem de acordo com uma proposta de Churchill, ela não teria seguimento. Porém, os assuntos em que concordavam eram muito mais numerosos do que aqueles em que não concordavam. Em geral, seu relacionamento era bastante próximo, construtivo e previdente, forjado diante do perigo e pela necessidade de sobrevivência.

Mesmo ao nível dos chefes de Estado-Maior, a liderança da Churchill era notável. “Ele proporciona que as ideias fluem, com estímulo, condução e orientação política”, escreveu mais tarde um membro do Secretariado da Defesa, coronel Ian Jacob. “Eles transformavam tudo isso numa política militar consistente e cuidavam para que os planos correspondessem aos recursos disponíveis.” Um secretário privado de Churchill, John Peck, recordou mais tarde “seu profundo respeito, mesmo nas frequentes ocasiões em que discordavam dele, por seus talentos *militares*, senão mesmo por sua genialidade”. Segundo Peck, houve até momentos em que os chefes de Estado-Maior pediram a Churchill conselhos militares. Aqueles que viam Churchill e os chefes de Estado-Maior trabalhando concordavam que formavam, nas palavras de Jacob, “uma combinação formidável”.

Em 24 de agosto, Churchill preparou uma nota sobre como deveria ser o relacionamento dos vários

grupos responsáveis pela política de guerra. Uma Comissão Conjunta de Planejamento, composta por oficiais superiores e chefes dos serviços de informação, fazia sugestões para operações militares, aéreas e navais. A Comissão Conjunta de Planejamento também “trabalhará os pormenores dos planos como for indicado pelo ministro da Defesa” — ou seja, pelo próprio Churchill. Todos esses planos seriam então colocados à apreciação da Comissão de Chefes de Estado-Maior e, se fossem aprovados, seriam implementados sem novas consultas. No entanto, se a Comissão de Chefes de Estado-Maior tivesse “dúvidas e opinião diferente”, os planos seriam apresentados à recém-criada Comissão de Defesa do Gabinete de Guerra, que era composta por Churchill, Attlee, Beaverbrook e os três ministros dos três ramos, Eden, Sinclair e A. Alexander. Durante as discussões da Comissão de Defesa, os chefes de Estado-Maior estariam presentes, assim como Ismay.

Ao explicar o propósito da Comissão de Defesa, Churchill disse a Eden que tinha certeza de que poderia contar com os três ministros “para me ajudarem a dar uma vigorosa e positiva direção na condução da guerra e a ultrapassar o peso morto da inércia e do adiamento que até agora nos levaram a sermos ultrapassados em todas as ocasiões pelo inimigo. A Comissão de Defesa rapidamente tornou-se o árbitro de todas as operações de guerra. O Gabinete de Guerra era o árbitro de todas as decisões fora da esfera de operações. O próprio Gabinete tornou-se o principal instrumento para pôr em prática as políticas escolhidas; cada ministro, fora da comissão, estava empossado de vastas áreas de responsabilidade e esperava-se dele que cumprisse suas tarefas sem interferências e com energia.

A coordenação desses esforços estava atribuída ao Gabinete, sob a supervisão do secretário do Gabinete, Sir Edward Bridges, que era também secretário do Gabinete de Guerra. “Seus conselhos eram honestos e destemidos, e ele estava pronto a resistir se Churchill discordasse dele”, recordou mais tarde John Martin, um dos membros da equipe de Churchill. “Como retribuição, o primeiro-ministro dava grande apreço à sua opinião e encarregava-o da execução de suas políticas.” Uma das tarefas de Bridges era garantir que se mantivesse o mais alto grau de sigilo em toda a administração, o que ele cumpriu com perícia e tato.

Havia um notável instrumento de guerra em funcionamento; Churchill, com sua vigorosa energia, sua longa experiência e sua fé sem desvios numa vitória, dava-lhe ímpeto e fogo.

Também em 24 de agosto, Churchill mandou chamar o major Jefferis, que tinha conhecido no Almirantado, enquanto planejava a colocação de minas no Reno, para ser promovido a tenente-coronel. Jefferis, que tinha impressionado Churchill com sua capacidade inventiva e sua energia, estava encarregado do estabelecimento experimental do Exército em Whitchurch, a apenas quinze quilômetros de Chequers; mais tarde, ficou sob controle direto de Churchill, no Ministério da Defesa, e era visitado por Lindemann a cada duas semanas. Por vezes, exemplares de bombas, minas e explosivos mais recentes eram levados a Chequers para serem apresentados ao primeiro-ministro.

Em 24 de agosto, bombas alemãs foram lançadas pela primeira vez durante o dia no centro de Londres. No dia seguinte, como retaliação, oito bombardeiros britânicos atacaram Berlim. Em 26 de agosto, Churchill viu uma nota do ministro da Aviação, indicando que o próximo alvo seria Leipzig. Não concordou: “Agora que eles começaram a atacar a capital, quero feri-los mais, e Berlim é o local que mais os fere”, disse aos chefes de Estado-Maior.

Nos doze dias seguintes, pelo menos seiscentos bombardeiros alemães atacaram cidades e aeródromos ingleses. Muitas vezes, Churchill ia ao telhado de um edifício do governo em Whitehall para observar os ataques. Porém, estava ciente de quão pouco podia fazer para influir na batalha dos céus, a batalha de piloto contra piloto. “Todas as noites, julgo a mim mesmo para saber se fiz de fato alguma

coisa eficaz durante o dia”, disse ele a Colville em 27 de agosto. “Não quero dizer apenas o que se espera, não apenas o que qualquer um poderia fazer, mas qualquer coisa realmente eficaz.”

Em 28 de agosto, Churchill visitou as defesas costeiras em Dover e em Ramsgate, onde, tendo visto o efeito dos bombardeios alemães, deu ordens para que os civis cujas casas tivessem sido destruídas “recebam as devidas compensações”. Também deu ordens para que fossem mais rapidamente preenchidas as crateras provocadas pelas bombas nos aeródromos costeiros. Seus modos eram decididos, mas não bruscos ou amargurados; um membro da missão americana que o acompanhara à costa agradeceu-lhe não só pela viagem, “mas porque um homem que carrega tamanha responsabilidade foi ao mesmo tempo um anfitrião tão genial quanto o senhor foi”.

Nesse fim de semana em Chequers, Churchill voltou a discutir uma possível ação ofensiva com a Comissão Conjunta de Planejamento. Sugeriu a captura de Oslo, assim desfazendo “o primeiro grande sucesso de Hitler”. Outra sugestão foi a captura de algum território no norte da Alemanha, “de modo que o inimigo possa ter guerra em sua própria terra”. Essas ideias, acrescentou, eram “apenas para serem estudadas”. Durante toda a sua vida, Churchill acreditara que nenhuma oportunidade devia ser perdida, mas reconhecia que estava dependente da energia e da iniciativa de outros. “São sempre apresentados argumentos magníficos para não se fazer nada”, escreveu numa minuta em 5 de setembro.

Quando falou na Câmara dos Comuns nessa mesma data, Churchill omitiu pormenores sobre as mais recentes baixas britânicas, que tinham sido pesadas, com cinquenta pilotos de caça mortos numa só semana e 469 civis, muitos dos quais trabalhadores em fábricas de aviões. Também seria mantido em sigilo o grande sucesso do envio para Malta, que estava então sob bombardeio italiano, de quatro navios de guerra que estavam em Gibraltar e transportavam armas antiaéreas e outros fornecimentos essenciais. O Almirantado tinha resistido a essa operação e ainda estava relutante em que se fizesse o mesmo a longo prazo no Egito. “Naturalmente, todos se mantiveram unidos como médicos num caso que tivesse corrido mal”, escreveu Churchill numa minuta no dia seguinte. “Porém, mantém-se o fato de que um receio exagerado dos aviões italianos dificultou as operações.”

Mais perto de casa, indicações mal interpretadas dos serviços secretos conduziram, em 6 de setembro, ao receio de que houvesse uma invasão alemã no dia seguinte. Às 20h07 de 7 de setembro, foi enviado o código Cromwell a todas as forças britânicas no Reino Unido, alertando-as para uma “ação imediata”. Era um alarme falso; Hitler ainda nem sequer tinha marcado uma data para a invasão da Grã-Bretanha. A atividade real planejada para aquela noite era o lançamento de toda a força de bombardeio da Alemanha contra a Grã-Bretanha. Nessa noite, duzentos bombardeiros atacaram Londres, matando trezentos londrinos. Na manhã seguinte, quando Churchill visitou as ruínas de um abrigo antiaéreo onde tinham morrido quarenta pessoas, os sobreviventes e os parentes dos mortos quase o sufocaram quando ele saiu do carro, dizendo-lhe: “Sabíamos que você viria. Nós aguentamos. Acabe com eles.”

Ismay, que acompanhava Churchill, escreveu-lhe mais tarde, recordando o incidente: “Você ficou arrasado.” Enquanto ajudava Churchill a voltar ao carro através da multidão, uma mulher gritou: “Estão vendo? Ele se preocupa com a gente. Está chorando.” Ao regressar à Downing Street, foi dito a Churchill que uma mensagem Enigma decifrada deixava claro que a invasão alemã estava tão atrasada que nem mesmo o treino havia sido completado e que não tinha sido “tomada nenhuma decisão para agir em qualquer sentido”. Aliviado, mas não embalado em complacência, sugeriu imediatamente ataques de bombardeio às instalações dos portos ocupados pelos alemães em Calais, Boulogne e em outros portos onde seriam feitos preparativos para a invasão, com o intuito de “afetar o moral” das tropas alemãs que ali se concentravam e de tornar inútil a maior quantidade possível das cerca de 1.700 barcaças com motor próprio e dos duzentos barcos de longo curso que tinham sido localizados por meio de reconhecimento fotográfico.

Com a continuação da Blitz, o número de mortos por semana em Londres elevou-se a quase mil. Em 11 de setembro, Churchill fez uma emissão no rádio, com palavras de desafio, dizendo aos seus ouvintes:

Esses cruéis, destruidores e indiscriminados bombardeios a Londres são, evidentemente, parte dos planos de invasão de Hitler. Ele acha que, ao matar grande número de civis, mulheres e crianças, aterrorizará e intimidará o povo desta poderosa cidade imperial e fará com que sejam um fardo e um motivo de ansiedade para o governo, que assim desviará indevidamente nossa atenção da feroz chacina que é preparada. Porém, ele pouco sabe sobre o espírito da nação britânica ou sobre a inquebrantável fibra dos londrinos, cujos antepassados desempenharam um papel de destaque no estabelecimento das instituições parlamentares e foram ensinados a prezar mais a liberdade do que suas próprias vidas. Esse homem cruel, repositório e encarnação de muitas formas de ódios destruidores de almas, esse monstruoso produto de antigas iniquidades e vergonha, resolveu tentar vencer nossa famosa raça por meio de uma carnificina indiscriminada e de destruição. Mas o que ele conseguiu fazer foi atear fogo nos corações britânicos, aqui e em todo o mundo, fogo que brilhará muito depois de terem sido removidos todos os traços causados em Londres por essa conflagração. Ele ateou um fogo que arderá com uma chama firme e perene até que os últimos vestígios da tirania nazista tenham sido extintos da Europa e até que o Velho Mundo — e o Novo Mundo — possam dar as mãos para reconstruir os templos da liberdade e da honra do homem, sobre fundações que não serão destruídas em breve nem facilmente.

Em 13 de setembro, com a intensificação do bombardeio a Londres, o Gabinete de Guerra e a Comissão de Defesa reuniram-se em salas especialmente fortificadas sob o andar térreo. Conhecidas então como Salas Centrais de Guerra, e mais tarde como Salas do Gabinete de Guerra, estavam situadas sob o antigo edifício do Ministério do Comércio, oposto ao parque St. James, uma construção substancial erguida pouco antes da Primeira Guerra Mundial. Alguns dias depois, em 15 de setembro, tornou-se evidente que tal santuário era necessário quando, no decurso do dia, um total de 230 bombardeiros e setecentos caças atravessaram a costa e se dirigiram para Londres.

Era um domingo; na metade da manhã, quando foi anunciada a chegada da primeira leva de aviões, estava claro que tinha começado um grande ataque aéreo. Pouco antes do meio-dia, Churchill saiu de Chequers com Clementine e a cunhada, Pamela, para o quartel-general do 11º Comando de Caça, em Uxbridge, para acompanhar o andamento da batalha aérea. O controlador da sala de operações subterrânea, quando eles chegaram, era o comandante Eric Douglas-Jones. Era um momento de crise; a certa altura, Churchill disse a Douglas Jones: “Meu Deus, todas as suas forças estão no ar. O que faremos agora?” Se outra leva de bombardeiros alemães atravessasse a costa, não haveria reservas para enfrentá-los. Douglas-Jones deu uma resposta confiante: “Bem, senhor, podemos apenas esperar que as esquadrilhas se reabasteçam o mais depressa e decolem novamente.”

Outro grupo de bombardeiros alemães atravessou a costa. Todas as lâmpadas no painel de Douglas-Jones estavam vermelhas, indicando que todos os caças disponíveis estavam no ar. Voltando-se para o vice-marechal da Aviação, Park, Churchill perguntou:

— Temos mais reservas?

— Não — respondeu Park.

O sinal de fim de ataque aéreo soou às 17h50. Ao sair da sala de operações, Churchill deu um toque no ombro do controlador e disse: “Bom trabalho, Douglas-Jones.” Pamela Churchill recordou mais tarde

que, quando voltaram a Chequers, “ele estava absolutamente exausto, como se tivesse repellido pessoalmente os bombardeiros alemães”. Ao chegar a Chequers, meia hora depois, Churchill colocou a venda feita de cetim preto que usava quando precisava dormir à tarde e adormeceu.

Por volta das 20h, quando Churchill acordou, era evidente que não só os alemães não tinham conseguido esmagar as defesas inglesas de caça como que suas perdas tinham sido tão elevadas, com 59 bombardeiros destruídos, que qualquer outra batalha aérea numa escala semelhante impossibilitaria novos ataques. A Batalha da Inglaterra, cujo “dia” é agora celebrado em 15 de setembro, tinha sido ganha. Os bombardeios alemães continuaram, mas os defensores britânicos ganhavam mais confiança e força a cada dia.

Como a casa na Downing Street passou a ser considerada insegura, Churchill, Clementine e sua equipe mudaram-se em 16 de setembro para um conjunto de quartos no edifício da Junta de Comércio. Esses quartos não eram subterrâneos, como as Salas Centrais da Guerra, mas acima do nível da rua, com vista para o St. James Park, e tinham sido fortificados por dentro com vigas de aço e por fora com persianas de aço que se fechavam sempre que havia um ataque aéreo. Conhecido como “anexo do nº 10”, esse conjunto de quartos, um dos quais Churchill transformou em sala de mapas, tornou-se seu quartel-general de trabalho durante o resto da guerra. Ali comia e dormia; só foi dormir no subsolo em três noites.

“Durante as horas de escuridão, temos um tremendo ruído de peças de artilharia de todos os tipos”, escreveu o capitão Berkeley em seu diário em 17 de setembro. “Temos de agradecer ao primeiro-ministro, que declarou e gritou, há uma semana, que alguma coisa tinha de ser feita ou o moral se quebraria. Os holofotes tinham provado ser quase inúteis, e as pessoas tinham ficado desesperadas ao ouvirem o zumbido dos alemães a passearem sem oposição pelos céus de Londres. Por isso trouxemos as peças de artilharia.”

Em 17 de setembro, um dia depois da mudança para o anexo do nº 10, Churchill disse na Câmara dos Comuns: “Estou tão seguro de que seremos vitoriosos quanto de que o sol se levantará amanhã.” Nenhum revés, militar ou civil, abalaria a confiança de Churchill, mas as notícias diárias continuavam a ser severas; nesse dia, no norte da África, as tropas italianas tinham atravessado a fronteira da Líbia e entrado cem quilômetros no Egito. No mar, 77 crianças e 62 adultos que estavam sendo evacuados para o Canadá tinham morrido afogados quando o navio *City of Benares* foi torpedeado.

Na noite de 16 de setembro, os alemães deram início a uma forma mais perversa de bombardear indiscriminadamente, lançando minas em paraquedas. Essas minas acumulavam-se no solo sem atingirem um alvo militar ou estratégico. Mais minas foram lançadas em paraquedas na noite de 18 de setembro; no dia seguinte, Colville anotou em seu diário que Churchill se tornava “cada vez menos benevolente em relação aos alemães, tendo ficado muito impressionado com os exemplos de seu horror em Wandsworth, a que ele tinha sido obrigado a assistir, e falava em castrar todos!”.

Um ataque britânico, em nome do general De Gaulle e de seu Movimento da França Livre, estava sendo preparado contra o porto de Dacar, na África ocidental francesa. A esperança de Churchill era que as autoridades francesas de Dacar abandonassem sua lealdade a Vichy e se voltassem para De Gaulle, dando aos franceses livres sua primeira vitória no ultramar. “Os preparativos do general De Gaulle para instalar-se na África ocidental devem ser apoiados de todos os jeitos”, dissera Churchill aos chefes de Estado-Maior, que concordaram, depois de alguma hesitação inicial, em que as tropas britânicas deviam liderar o assalto. Em 15 de setembro, sabendo que os navios de guerra de Vichy tinham reforçado a guarnição em Dacar, Churchill anulou a ação, mas, dois dias depois, tanto Chamberlain quanto Eden

ênfatizaram que o ataque devia ser feito. Como sucedeu com muitos outros empreendimentos de guerra, Churchill foi mais tarde acusado de falta de cautela, que era o oposto de seu ponto de vista na época.

O ataque, desencadeado em 23 de setembro, foi um fracasso. As forças de Vichy resistiram tenazmente e seus artilheiros atingiram o couraçado inglês *Resolution* e o cruzador *Cumberland*. A expedição foi cancelada. Churchill, mesmo desanimado, estava decidido; nessa noite, depois de ter ordenado que cem bombardeiros pesados bombardeassem Berlim e cinquenta atacassem barcaças e outras instalações nos portos do canal, disse a Colville: “Vamos pegá-los. E lembrem-se: nunca maltratem o inimigo pela metade.”

6.

A Grã-Bretanha em dificuldades

No final de setembro de 1940, Churchill soube que nesse mês 6.954 civis tinham sido mortos por bombas alemãs. Sob sua vigilante supervisão, continuavam os preparativos contra uma invasão, bem como a tomada de medidas antiaéreas mais eficazes. Ele também tentava encorajar aqueles que se encontravam nas regiões europeias ocupadas pelos alemães e fez uma emissão radiofônica em 30 de setembro para o povo da Tchecoslováquia: “Animem-se. Virá a hora da libertação. A alma da liberdade é imortal; não pode perecer e não perecerá.”

Na primeira semana de outubro, mais 2 mil pessoas foram mortas em Londres e várias outras cidades foram bombardeadas pelos alemães. Porém, num discurso feito na Câmara dos Comuns em 8 de outubro, Churchill disse que ao atual ritmo de destruição seria preciso dez anos para que fossem destruídas metade das casas da capital. “Muitas coisas vão acontecer a Herr Hitler e ao regime nazista antes que decorram dez anos”, completou ele. No que dizia respeito às casas destruídas, “serão reconstruídas por nós e algumas ficarão ainda melhores do que antes”. Londres, Liverpool, Manchester e Birmingham “ainda sofrerão muito, mas serão erguidas das ruínas mais sadias e, espero, mais bonitas”.

No dia em que Churchill fez esse discurso, seu filho Randolph entrava para o Parlamento como deputado conservador após eleições intercalares sem contestação. Ele chegou a Westminster num momento histórico da carreira política do pai, que, devido à rápida deterioração da saúde de Neville Chamberlain, que foi obrigado a deixar o Gabinete de Guerra, assumia o papel de líder do Partido Conservador.

Clementine queria que o marido declinasse o convite para ser líder do partido, argumentando, recordou sua filha Mary, que ele “era a voz de toda a nação, independente dos partidos”, e que ao aceitar a nomeação “ofenderia grande parte da opinião pública”. Porém, Churchill precisava de colegas partidários para fazer seu trabalho e sentiu-se “apoiado pela segurança que seus sólidos defensores lhe davam em tempos difíceis”, escreveu sua filha. Em 9 de outubro, aceitou a nomeação. No dia seguinte, nasceu seu neto Winston, filho de Randolph; a mãe, Pamela, estava em Chequers, e Churchill comentou, na visita que a fez, que se bombardeassem Chequers nesse fim de semana os alemães matariam “três gerações de uma penada”. “Provavelmente, eles não pensarão que sou tão burro a ponto de vir para cá”, completou ele. “Ele não coloca objeções ao acaso, mas considera um erro ser vítima de um desígnio”, observou Colville. Dessa forma, Churchill decidiu passar os fins de semana mais próximos da lua cheia, quando Chequers seria mais facilmente visível do ar, numa propriedade afastada de Londres e mais protegida por árvores, chamada Ditchley Park, a noroeste de Oxford.

Os comentários que Churchill fazia aos seus convidados nos fins de semana eram vivos e informais. Em 13 de outubro, disse-lhes: “Um huno vivo é uma guerra em perspectiva.” Comentou também que “todos os ingleses prefeririam estar na linha da frente, tomando parte na batalha de Londres, a olharem impotentes para as carnificinas em massa, como acontecera em Passchendaele”. Quando as granadas escasseavam, Churchill providenciava peças antiaéreas que fizessem fogo com barulhentas cargas de

pólvora seca “para evitar o silêncio desencorajante para a população”. Essas descargas também enganariam os alemães, “pelo brilho no solo”, “distraindo-os dos ataques de nossos caças”.

Os ataques aéreos alemães continuavam; em 14 de outubro, enquanto Churchill jantava numa pequena sala especialmente protegida nos fundos do edifício na Downing Street, uma bomba caiu na Parada da Guarda Montada. Imediatamente, ordenou que o mordomo, o cozinheiro e os criados colocassem toda a refeição na sala de jantar, abandonassem a cozinha e fossem para o abrigo subterrâneo. Três minutos depois, uma segunda bomba, ao cair a cinquenta metros dali, no pátio ao lado do edifício, destruiu toda a cozinha. O pessoal de Churchill tinha sido salvo por sua capacidade de previsão. Dois dias depois, outra bomba caiu no pátio, matando quatro pessoas que se abrigavam na cave do prédio do Tesouro. Em 17 de outubro, quando o número de civis mortos em Londres atingiu 10 mil, um deputado, na sala de fumo da Câmara dos Comuns, pressionou Churchill a exercer represálias. Ele respondeu: “Essa não é uma guerra civil, e, sim, militar. Talvez o senhor e outros queiram matar mulheres e crianças. Nós queremos (e tivemos sucesso em nossos desejos) destruir objetivos militares alemães. Aprecio sem dúvida seu ponto de vista, mas meu lema é ‘primeiro os negócios, depois o prazer’.”

Em 21 de outubro, Churchill soube que tinha sido afundado o quingentésimo navio mercante inglês, em um total de mais de 2 milhões de toneladas de mercadoria. “Isso afligiu profundamente o primeiro-ministro”, observou Colville. Nesse dia, aviões alemães atacaram dois comboios de navios mercantes que vinham do Canadá, afundando dezessete navios num comboio e catorze navios em outro. Nessa noite, enquanto caíam bombas em Londres, Churchill falou à França por rádio, a partir das Salas Centrais de Guerra, e disse aos seus ouvintes que “estamos à espera da tão prometida invasão, assim como os peixes”.

Quanto à França, Churchill declarou: “Não acredito que seu lugar entre as grandes nações do mundo esteja perdido *para sempre*.” Os franceses deveriam rearmar seus espíritos antes que fosse tarde demais “e poderão pesar o braço que fere *por vocês*”. A Inglaterra tinha um único pensamento: “Extinguir a vida e a alma de Hitler e do hitlerismo. Isso apenas, isso sempre, isso até o fim. Nada queremos de qualquer outra nação a não ser seu respeito.” Sua emissão terminou com as seguintes palavras:

Então, boa noite. *Durmam* para terem forças pela manhã. Pois a manhã virá. Brilhará resplandecente para os bravos e os autênticos e gentilmente para todos aqueles que sofrem pela causa, gloriosa sobre os túmulos dos heróis. Assim brilhará a madrugada. *Vive la France!* Viva a marcha em frente do povo comum, em todas as terras, a caminho de sua justa e verdadeira herança, para uma era mais ampla e mais preenchida.

Ao longo da semana e na semana seguinte, os bombardeios à Grã-Bretanha foram severos. Na última semana de outubro, foram mortos mais de oitocentos civis na Grã-Bretanha, incluindo cinquenta londrinos que se abrigavam sob um arco de uma estrada de ferro que foi diretamente atingido, elevando o total de mortos nesse mês a mais de seis mil. O maior perigo era o desencadeamento de uma invasão nesse momento de bombardeios contínuos e destrutivos. Em 27 de outubro, no entanto, uma mensagem alemã ultrassecreta, enviada por meio da cifra Enigma para as forças alemãs estacionadas nos portos do canal para a invasão da Grã-Bretanha, dava instruções no sentido de “continuarem o treino de acordo com o plano”. Essa mensagem foi imediatamente captada por um posto de escuta de rádio na Inglaterra e decifrada em Bletchley em poucas horas. Aqueles que interpretaram a mensagem concluíram que a invasão dificilmente estaria iminente, se “o treino” tinha de continuar.

Em 28 de outubro, o sistema de reconhecimento fotográfico, uma arma essencial dos serviços secretos, detectou um movimento considerável de navios alemães para leste, afastando-se da Grã-Bretanha. Isso, combinado com a mensagem captada dias antes, foi decisivo. Hitler não tinha planos para invadir a Grã-Bretanha nesse mês, nem seria possível, com o aproximar do inverno, ter qualquer plano para os próximos quatro ou cinco meses. Em Chequers, em 2 de novembro, Colville, que não sabia o motivo, anotou em seu diário que Churchill “acredita que não haverá invasão”.

O alívio de Churchill foi considerável, mas no mesmo dia do encorajador indício de que Hitler não tinha planos imediatos para invadir a Grã-Bretanha as forças de Mussolini invadiram a Grécia e aviões italianos bombardearam Atenas. “Então, temos de bombardear Roma”, respondeu Churchill imediatamente, numa nota para o novo chefe do Estado-Maior da Aviação, Sir Charles Portal. De fato, três dias depois foram bombardeados alvos militares em Nápoles, tendo também sido atacada Berlim. “O lançamento de bombas sobre a Alemanha é lamentavelmente insuficiente”, comentou Churchill.

Não havendo uma invasão iminente, Churchill fez todo o possível para conseguir homens, aviões, armas e munições para a Grécia, a quem a Inglaterra tinha dado uma garantia em março de 1939. Eden sublinhou o perigo em enviarem tropas demais do Egito, com receio de que os italianos avançassem ainda mais em direção ao Cairo. Contudo, em 3 de novembro, dia em que as primeiras tropas britânicas foram desembarcadas na Grécia, Churchill exortou-o a “segurar a situação com firmeza, abandonando quaisquer políticas negativas ou passivas e aproveitando a oportunidade que caiu em nossas mãos”. Churchill acrescentou: “Na guerra, segurança em primeiro lugar é o mesmo que caminhar para o fracasso, mesmo que tivéssemos segurança, o que não temos.” No dia seguinte, Churchill avisou o Gabinete de Guerra: “Se a Grécia for derrotada, dirão que, apesar de nossas garantias, permitimos que mais um pequeno aliado fosse engolido.”

Os planejadores conjuntos e os chefes de Estado-Maior aprovaram “enfraquecer o Egito durante algum tempo” para ajudar a Grécia. Como Churchill, reconheceram que as muitas falhas nos abastecimentos de guerra não podiam permitir que não fossem tomadas medidas julgadas essenciais para prosseguir a política de guerra, mas havia indicadores favoráveis, militares e políticos, bem como outros mais duros. Em 3 de novembro, pela primeira vez em cerca de dois meses, nenhum bombardeiro alemão voou sobre Londres. “É evidente que não gostaram da recepção que tiveram ou da retaliação em Berlim”, comentou Churchill no dia seguinte. Em 5 de novembro, Roosevelt foi eleito para um novo mandato de quatro anos. Na manhã de 6 de novembro, o quartel-general do 16º Exército alemão enviou instruções ultrassecretas para os comandos relevantes, ordenando que parte dos dispositivos que equipavam as barcaças de invasão na Bélgica e no norte da França “fossem armazenados”, deixando apenas o que era necessário para “exercícios”. Essa instrução foi captada e decifrada em Bletchley Park; nesse noite, uma cópia foi entregue a Churchill, numa caixa fechada de que só ele tinha a chave. Hitler buscava sua próxima conquista em outro lugar.

Em 7 de novembro, chegaram mais boas notícias; os abastecimentos militares para o Egito estavam sendo transportados por cinco navios de guerra britânicos, atravessando todo o Mediterrâneo, o que ele exigia havia algum tempo. Um dia depois, soube que o comandante-chefe no Oriente Médio, general Wavell, tinha completado um plano para expulsar o exército italiano do Egito. “Ronronei como seis gatos”, recordou Churchill mais tarde. “Depois de uma longa espera, vamos remover os intoleráveis grilhões da defensiva”, disse aos seus conselheiros. “As guerras são ganhas por uma força de vontade superior. Agora vamos tomar a iniciativa do inimigo e impor-lhe a nossa.” Desse momento em diante, Churchill teria de manter um delicado equilíbrio entre os abastecimentos de guerra necessários para o Egito e para a Grécia; não havia para os dois países e, no entanto, ambos tinham de ser defendidos. Também precisaria garantir que as cidades inglesas tivessem uma defesa antiaérea adequada; em 8 de

novembro, alertado para uma escassez de armas antiaéreas em Coventry, onde as fábricas de munições já tinham sido bombardeadas dezesseis vezes, deu instruções para fortalecer as defesas antiaéreas do local. Essas instruções foram executadas imediatamente; Churchill tinha colocado nos papéis uma de suas etiquetas vermelhas: “AÇÃO PARA HOJE.”

Em 11 de novembro, a opinião pública ficou entusiasmada quando as forças navais britânicas desencadearam um ataque com torpedos aéreos à armada italiana ancorada em Taranto; de seis couraçados italianos, três foram afundados. Foi a primeira vitória naval de Churchill como primeiro-ministro. Imediatamente, foi enviado um relato desse êxito a Roosevelt, cujo secretário da Marinha, Frank Knox, sugeriu que se tomassem medidas de precaução para proteger Pearl Harbour, pois considerava que “o principal perigo virá de torpedos aéreos”. Knox tinha razão, pois os japoneses também tinham aprendido a lição de Taranto. Um ano depois, seus aviões torpedeiros encontraram uma esquadra ancorada quando atacaram exatamente Pearl Harbour.

Na noite da vitória britânica em Taranto, Churchill estava preparando o obituário de Neville Chamberlain, que tinha morrido na véspera, para lê-lo no Parlamento. Seu discurso foi uma comovente tentativa para compreender tudo aquilo em que Chamberlain se empenhara. “É muito bom”, disse-lhe Kathleen Hill, depois de datilografá-lo. “É evidente que podia ser completamente diferente”, respondeu Churchill.

Churchill disse à Câmara que coubera a Chamberlain, numa das maiores crises do mundo, “ser contrariado pelos acontecimentos, ser desapontado em suas esperanças e ser enganado por um homem perverso. E que esperanças eram essas com as quais ficou desapontado? Que desejos eram esses com os quais ficou frustrado? Que confiança era essa que lhe foi negada? Ele certamente estava entre os mais nobres e benevolentes instintos do coração humano: o amor pela paz, o trabalho árduo pela paz, a luta pela paz, a prossecução da paz, mesmo que com grandes perigos e com total desdém por popularidade ou aplausos”.

Em 14 de novembro, Churchill foi um dos homens que seguraram as alças do caixão no enterro de Chamberlain na Abadia de Westminster. Ao regressar à Downing Street, e à guerra, telegrafou a Wavell: “Estamos no momento de correr riscos e de atacar os italianos por terra, mar e ar.” Depois do almoço, foi para Ditchley Park, onde passaria seu segundo fim de semana. Não estava no carro havia mais de cinco minutos quando, examinando o material urgente que um dos seus secretários particulares lhe tinha entregado à partida, leu a mais recente apreciação, pelos Serviços de Informações da Aviação, sobre os próximos alvos dos bombardeios alemães. Parecia quase certo que haveria um forte ataque naquela noite. O alvo não era conhecido, mas vários relatórios anteriores sugeriam que o próximo grande ataque seria sobre Londres. Churchill pediu que o motorista o levasse novamente à Downing Street. Não passaria a noite “pacificamente no campo”, disse ao seu secretário particular, “enquanto a metrópole estava debaixo de fogo intenso”.

Nessa noite, na verdade, o alvo não foi Londres, mas Coventry. Se isso fosse sabido, teriam sido feitos todos os esforços possíveis, de acordo com os padrões estabelecidos, para enviar materiais contra incêndios e ajuda da defesa civil para a cidade ameaçada. Nunca foi feita nenhuma tentativa, como muitos anos mais tarde se alegou, para proteger qualquer fonte dos serviços de informações em relação a ataques aéreos, negando às cidades-alvo defesas e auxílio que pudessem ser enviados. Contudo, durante vários dias houve indicações contraditórias acerca do alvo dos ataques seguintes. Não só Londres, mas também o vale do Tâmis, as costas de Kent e de Essex, Coventry e Birmingham foram citados como possíveis alvos. A estimativa dos serviços secretos do Ministério da Aviação, que afirmava que o ataque

seria seguramente naquela noite, apontava também que o alvo seria “provavelmente na vizinhança de Londres”. Além disso, havia uma nota que dizia que, se informações posteriores indicasses “Coventry, Birmingham ou outro local”, esperava-se que fosse possível dar instruções a tempo para aplicar contramedidas.

Ao regressar à Downing Street para esperar pelo ataque a Londres, Churchill deu instruções para que as mulheres de sua equipe fossem mandadas para casa. Mais tarde, enviou dois secretários particulares para um abrigo antiaéreo em Picadilly, dizendo que eram “novos demais para morrer”. Depois, esperou impacientemente que o ataque começasse, primeiro nas Salas Centrais de Guerra, subterrâneas, e depois no telhado do Ministério da Aviação.

Às 15h50, os serviços de informações da Aviação informaram que tinha sido detectado o alvo para o bombardeio daquela noite, que seria em Coventry. Os bombardeiros britânicos foram imediatamente enviados para bombardear os campos de aviação de onde viria o ataque enquanto uma patrulha permanente de caças, composta por vezes de cem caças, mantinha-se sobre Coventry. Três horas e meia depois, trezentos bombardeiros alemães atacaram. Foi o ataque aéreo mais intenso feito até então a um centro de munições. As defesas antiaéreas da cidade, recentemente fortalecidas como resultado da iniciativa de Churchill e alertadas pelo Ministério da Aviação, mantiveram os aviões atacantes a uma altura muito elevada. A densidade de fogo da barragem antiaérea foi maior do que em qualquer outra noite em Londres. Além dos estragos infligidos às fábricas de munições, houve uma tempestade de fogo no centro da cidade, matando 568 civis e destruindo a catedral.

Os bombardeios alemães continuaram durante uma semana, tendo sido mortos 484 civis em Londres e 228 civis em Birmingham. Graças ao sucesso dos serviços de detecção, os alvos foram sempre identificados, sendo tomadas medidas antecipadamente, como tinha sucedido em Coventry. Ainda assim, o peso das bombas lançadas era elevado; em Londres, sete hospitais haviam sido atingidos. A retaliação foi imediata; Berlim foi bombardeada em 16 de novembro e Hamburgo foi atingida dois dias depois, matando 233 civis alemães.

“Winston continua a fustigar, de modo selvagem, mas com o mesmo gênio”, escreveu o capitão Berkeley em seu diário em 12 de novembro. “Ele é praticamente um ditador e só raramente os ministros se rebelam. Os chefes de Estado-Maior, de qualquer nível, são bastante subservientes e totalmente dedicados em meios e em processos.” Duas semanas depois, Churchill disse a Eden que nunca se sentira tanto à altura de seu trabalho. Em 30 de novembro, celebrou seu aniversário de 66 anos. “Poucos homens na história tiveram de transportar um fardo tão pesado quanto você tem transportado nos últimos seis meses”, escreveu-lhe Eden. “É realmente espantoso que você esteja em melhor forma e mais vigoroso, mais capaz do que nunca de guiar-nos e inspirar-nos.”

Ainda seriam necessárias muita inspiração e condução. Em 8 de dezembro, num ataque que matou 85 civis, os bombardeiros alemães destruíram parte da Câmara dos Comuns, mas dois dias depois Churchill pôde anunciar o sucesso da ofensiva de Wavell, no Deserto Ocidental, quando mais de quinhentos soldados italianos foram feitos prisioneiros. Em 24 horas, o número de prisioneiros tinha subido para sete mil, entre eles três generais. “Havia o crescente sentimento de que a perversidade não reinaria”, telegrafou Churchill ao marechal de campo Smuts.

Em 16 de dezembro, Churchill persuadiu Wavell a fazer seu melhor “para lacerar o exército italiano e removê-lo das costas africanas na maior extensão possível”. Na noite seguinte, após discutir com outros funcionários públicos as qualidades e os defeitos de Churchill, o capitão Berkeley escreveu em seu diário: “Se ao menos houvesse mais alguns como ele! Mesmo a campanha extraordinariamente bem-

sucedida no Egito não teria sido desencadeada se ele não tivesse permanentemente pressionado Wavell para executá-la. Graças a Deus, ele tinha razão.”

Em 18 de dezembro, numa visita à sua velha escola em Harrow, Churchill chorou quando os alunos cantaram vibrantes canções patrióticas. Na noite seguinte, falou com Eden sobre os sombrios dias do verão: “Geralmente acordo animado para encarar o novo dia. Nessa época, acordava com receio no coração.” Ainda que os meses de desespero tivessem terminado por enquanto, avizinhava-se uma longa e difícil luta. Churchill estava sempre tentando influenciar os acontecimentos.

Em 23 de dezembro, enviou uma mensagem privada a Pétain e Weygand, para Vichy, pressionando-os para que se libertassem do jugo alemão e desencadeassem uma revolta francesa no norte da África, com o apoio militar britânico e oferecendo-se para encetar conversações secretas. Nessa mesma noite, fez uma emissão radiofônica para o povo italiano, dizendo-lhe que tinha fé em que viria o dia em que “a nação italiana construirá mais uma vez seu próprio destino”.

No dia seguinte, 24 de dezembro, depois de ter desejado à sua equipe “um *movimentado* Natal e um *frenético* Ano-Novo”, Churchill foi para Chequers, onde passaria o Natal com a família; mesmo ali, não deixou de dar ordens à sua equipe, ditando várias minutas, mas também se juntou à atmosfera festiva. Depois do jantar, apontou Colville, “a estenógrafa foi dispensada e cantamos até depois da meia-noite. O primeiro-ministro cantou energicamente, quase sempre afinado”. Quando o marido de Sarah, Vic Oliver, então chamado de o “comediante americano preferido dos ingleses”, tocou valsas vienenses, Churchill “dançou um compasso muito animado, sozinho, no meio da sala”.

Quando regressou a Londres, em 28 de dezembro, Churchill pressionou os chefes de Estado-Maior para que estudassem uma possível captura da ilha italiana de Pantelária, entre a costa tunisiana da África e a Sicília. Sua captura “será eletrizante”, escreveu ele, “e incrementará enormemente nosso assalto estratégico ao Mediterrâneo Central. É também um importantíssimo passo para abrir os estreitos à passagem de comboios de mercadorias e de tropas, dando grandes vantagens à nossa navegação”. A Comissão Conjunta de Planejamento estudou a ideia, bem como os chefes de Estado-Maior, mas apenas para a recusarem; seria fácil capturar a ilha, mas custoso demais mantê-la e abastecê-la. Churchill aceitou às suas conclusões.

Na noite de 29 de dezembro, bombardeiros alemães realizaram um forte ataque com bombas incendiárias às docas e às estações de trem londrinas. Oito igrejas de Wren estavam entre as centenas de edifícios destruídos. “Eles queimaram uma grande parte de Londres”, telegrafou Churchill a Roosevelt na noite seguinte. “As cenas de destruição generalizada, aqui e nos centros provinciais, são chocantes, mas quando visitei as ruínas ainda fumegantes, o espírito dos londrinos era tão elevado quanto nos primeiros dias de bombardeios indiscriminados em setembro, quatro meses atrás.” Por sugestão da embaixada britânica em Washington, esse parágrafo não foi enviado ao presidente, com receio “de que pudesse fazer reviver a impressão derrotista de uns meses antes”.

As relações com Roosevelt tinham atingido um ponto complicado, quase de ruptura. Muitos entre os mais urgentes pedidos de Churchill por fornecimentos militares não tinham recebido a aprovação do presidente. A falta de pagamento por parte da Grã-Bretanha se tornava um grande impedimento. As compras de armas em dezembro, janeiro e fevereiro ascendiam a 1 bilhão de dólares, mas as reservas de ouro e dólares tinham sido tão esvaziadas por um ano de despesas de guerra que o total era de apenas 574 milhões de dólares. Os americanos se ofereceram para fornecer o equipamento a dez divisões britânicas, mas, segundo explicou Churchill aos seus colegas do Gabinete de Guerra, queriam 257 milhões de dólares adiantados, que seriam retirados das rapidamente minguantes reservas de ouro.

Roosevelt tinha chegado ao ponto de enviar um navio de guerra à base naval de Simonstown, perto da Cidade do Cabo, para recolher 50 milhões de dólares de reservas de ouro britânicas guardadas na África do Sul.

O primeiro instinto de Churchill foi protestar veementemente. Tal gesto “tem o aspecto de um xerife a recolher os últimos bens de um devedor indefeso”, escreveu ele num rascunho de uma carta para Roosevelt, que acabou por não enviar. “Não é correto que uma nação se coloque integralmente nas mãos de outro país.” A mensagem que foi enviada no último dia de 1940 era firme, mas conciliatória. A Grã-Bretanha precisava saber quão cedo a América queria ser paga. Dois dias depois de ter enviado esse apelo, Churchill soube que um navio com 7,5 milhões de cartuchos americanos tinha afundado depois de uma colisão com outro navio do mesmo comboio. Esse “profundo golpe”, como Churchill o chamou, quase obscureceu o prazer de mais uma vitória de Wavell, sendo ela a captura, em 4 de janeiro, do porto líbio de Bardia, fazendo 45 mil prisioneiros e capturando 462 armas pesadas. Dois dias depois, Wavell chegou aos arredores de Tobruk.

Enquanto o público tomava conhecimento da vitória, Churchill tomava conhecimento de um perigo; uma mensagem ultrassecreta da Força Aérea alemã decifrada que lhe foi mostrada em 9 de janeiro sugeria que estavam sendo feitos preparativos para uma invasão alemã à Grécia. Até então, os gregos tinham conseguido deter o ataque italiano e expulsar o invasor para a fronteira da Albânia. Contudo, mal a Alemanha interviesse, todo o equilíbrio de poder nos Bálcãs, no mar Egeu e no Mediterrâneo Oriental mudaria. Mesmo a Turquia, que era neutra, poderia lutar ao lado da Alemanha, como tinha sido pressionada a fazer. Mais uma vez, os britânicos eram obrigados a deslocar recursos do vitorioso exército de Wavell, que então ficaria em perigo, para a defesa de um aliado; “a campanha da Líbia será passada para segundo plano”, disse Churchill aos seus colegas. Eden concordou.

Nesse momento, todos os planos da Grã-Bretanha dependiam da atitude dos Estados Unidos em relação ao pagamento dos fornecimentos de armas. Em 8 de janeiro, o emissário de Roosevelt, Harry Hopkins, chegou à Grã-Bretanha; dois dias depois, Churchill esteve sozinho com ele na Downing Street. Nesse dia, teve início uma amizade que cresceria rapidamente, com incalculáveis benefícios para a Grã-Bretanha. Desde o início, Churchill foi tão franco com Hopkins quanto era para seus conselheiros mais próximos. “Ele acha que a Grécia está perdida, mas está reforçando os gregos e enfraquecendo seu exército na África”, relatou Hopkins a Roosevelt. Hopkins acrescentou que Churchill estava em “íntimo contato” com Pétain, para encorajar uma atitude da França de Vichy contra os alemães no norte da África.

No fim de semana, Churchill levou Hopkins a Ditchley, onde os dois homens discutiram as necessidades da Grã-Bretanha. Um importante conselheiro de Churchill disse a Hopkins que tudo o que fosse inferior a 24 milhões de toneladas de material de guerra e dezesseis milhões de toneladas de alimentos “teria definitivamente um efeito prejudicial em nosso esforço de guerra”. Enquanto Churchill e Hopkins conversavam, Roosevelt anunciava uma solução financeira; os Estados Unidos fabricariam o que a Grã-Bretanha necessitava e alugariam esse material, numa base de arrendamento, sendo o pagamento efetuado no final da guerra. Porém, antes que o Acordo de Empréstimo e Arrendamento entrasse em funcionamento, a Grã-Bretanha tinha de pagar todas as dívidas que pudesse em ouro e por meio da venda dos bens comerciais britânicos nos Estados Unidos. Era um acordo difícil, que privava a Grã-Bretanha do que restava de seu poderio econômico, mas constituía um compromisso americano, de longo prazo, de provisão das necessidades de guerra da Grã-Bretanha. O Congresso ainda teria de aprovar esse acordo, o que levaria tempo, mas o princípio de ajuda tinha sido estabelecido. Roosevelt tinha sido extremamente sincero quando declarou, em sua emissão radiofônica anual de fim de ano, que os Estados Unidos tinham se der “o grande arsenal da democracia.”

Em 17 de janeiro, viajando com Churchill pela Escócia, Hopkins ouviu-o dizer a uma audiência em

Glasgow: “Meu único objetivo é extirpar o hitlerismo da Europa.” Nessa noite, ao jantar, Hopkins disse aos convidados: “Acho que gostariam de saber o que direi ao presidente Roosevelt quando voltar!” Segundo ele, citaria versículos da Bíblia: “Onde fores, eu irei; onde ficares, eu ficarei; o seu povo será o meu povo, e o seu Deus será o meu Deus.” Hopkins fez uma pausa e acrescentou tranquilamente: “Até o fim.” Churchill chorou; as palavras do emissário americano, escreveu um dos convidados, “pareceram uma corda lançada a um naufrago”.

Churchill levou Hopkins a Dover, onde lhe mostrou as baterias de artilharia e, para além do canal, as falésias da França ocupada pelos alemães. Ele disse ao convidado que, se as forças alemãs desembarcassem na Inglaterra, faria um discurso que terminaria com as seguintes palavras: “Chegou a hora. Matem o huno.” Contudo, uma mensagem ultrassecreta alemã enviada por meio da cifra Enigma e decifrada em Bletchley em 12 de janeiro havia confirmado que tal invasão já não constituía um desígnio da Alemanha; essa mensagem era uma instrução para que as estações alemãs de telegrafia sem fios, que seriam necessárias para organizar a movimentação de equipamentos no caso de qualquer invasão, não fossem providas de pessoal depois de 10 de janeiro.

Em 22 de janeiro, Churchill forneceu à Câmara dos Comuns detalhes sobre uma Direção de Produção que tinha sido criada para “acelerar” a produção e sobre uma Direção de Importação, para dinamizar a distribuição das importações britânicas. “Essa grande nação está entrando no ritmo de guerra”, disse ele. “Está conseguindo fazer a transição dos dias de paz e de conforto para os dias de esforço supremo, organizado e indomável.” Nesse mesmo dia, forças australianas e britânicas, sob o comando de Wavell, entraram em Tobruk, capturando 25 mil soldados italianos. A disposição de Churchill era boa; em Chequers, cinco dias depois, Colville escreveu em seu diário: “O primeiro-ministro tem estado muito bem-disposto e mostra seu lado mais afável.” Ao jantar, na noite anterior, disse aos seus convidados, incluindo Hopkins, que “não odiava ninguém e que pensava não ter inimigos — exceto os hunos, o que era uma questão profissional”.

No total, Hopkins passou doze tardes com Churchill; em seu relatório a Roosevelt, sublinhou que Churchill não era apenas primeiro-ministro, “é a força que, por trás, dirige a estratégia e a condução da guerra em todos os seus aspectos essenciais. Tem um poder fantástico sobre o povo britânico, em todas as classes e em todos os grupos. Tem uma força particular na instituição militar e nas classes trabalhadoras”. De Chequers, Hopkins foi para Londres, onde concluiu dois acordos, um para que porta-aviões americanos transportassem aviões para a Grã-Bretanha “em caso de necessidade urgente” e outro para que houvesse troca de informações entre os serviços secretos britânicos e americanos nos “territórios ocupados pelo inimigo”. Nesse mesmo dia, 27 de janeiro, iniciou-se uma conferência de Estados-Maiores em Washington, que determinaria quais seriam os “melhores métodos” para que as forças armadas inglesa e americana derrotassem a Alemanha, “se os Estados Unidos forem compelidos a entrar na guerra”. A finalidade da tarefa era garantir “unidade de comando no terreno” na eventualidade de operações conjuntas estratégicas e táticas. Sua conclusão foi enfática: mesmo na eventualidade de uma guerra no Pacífico, o teatro de operações Atlântico-Europa continuará a ser o decisivo, se a Alemanha e os Estados Unidos entrarem diretamente em guerra.

Enquanto Hopkins se preparava para regressar a Washington, os americanos enviaram aos britânicos o equivalente japonês da máquina de decifração do código Enigma, chamada máquina Púrpura, em que poderiam ser decifradas dezenas de milhares de mensagens japonesas ultrassecretas enviadas por rádio — fossem diplomáticas, consulares ou de navios de guerra e mercantes — captadas por postos de escuta na Grã-Bretanha e além-mar. A máquina e dois peritos americanos de mensagens secretas foram enviados para Bletchley. De agora em diante, duas nações, uma em guerra e outra em paz, atuavam como se ambas estivessem em guerra.

Durante o último fim de semana em Chequers, Hopkins levou a Churchill uma grande caixa de discos de gramofone, “todos com canções americanas ou com um significado anglo-americano”, relatou o principal secretário particular de Churchill, Eric Seal, numa carta que escreveu para casa.

Nós ouvimos os discos até depois da meia-noite; o primeiro-ministro acompanhava, por vezes dançando um *pas seul* ao compasso da música. Todos ficamos um pouco comovidos e sentindo-nos anglo-americanos sob a influência de um bom jantar e boa música. O primeiro-ministro andava e parava constantemente, comentando a situação — é notável como duas nações podem fazer tanto num momento tão crucial, tanto que têm em comum etc.

No Deserto Ocidental, o avanço para ocidente continuava. Na batalha de Beda Fomm, na primeira semana de fevereiro, 130 mil italianos foram feitos prisioneiros. Em 8 de fevereiro, toda a Cirenaica estava em mãos britânicas. Nesse mesmo dia, o Acordo de Empréstimo e Arrendamento foi aprovado na Câmara dos Representantes por 260 contra 165 votos. Faltava apenas o voto do Senado. Numa emissão de rádio em 9 de fevereiro, a primeira em cinco meses, Churchill falou sobre a “poderosa onda” americana de simpatia, boa vontade e ajuda efetiva que tinha “começado a fluir” ao longo do Atlântico. Sua mensagem para Roosevelt foi: “Deposite em nós sua confiança. Dê-nos sua fé e sua bênção, e, com a ajuda da Providência, tudo correrá bem. Não falharemos nem vacilaremos; não seremos fracos nem nos cansaremos. Nem o súbito choque da batalha nem as longas horas de vigiância e de esforço nos farão desistir. Deem-nos as ferramentas, e nós *acabaremos* o trabalho.”

O marechal de campo Smuts, que estava na África do Sul, enviou-lhe uma mensagem: “Cada transmissão radiofônica é uma batalha.” Churchill planejava, escreveu à Comissão de Chefes de Estado-Maior em 11 de fevereiro, transformar a Cirenaica no “início da Itália livre”, governada pela Grã-Bretanha sob uma bandeira da Itália Livre e servindo de ponto de partida para “uma verdadeira divisão na Itália e para a propaganda contra Mussolini”. Quatro ou cinco mil soldados italianos podiam ser treinados e baseados aqui, “jurando a libertação da Itália do jugo da Alemanha e de Mussolini”. No dia seguinte à apresentação desse plano para discussão com os chefes de Estado-Maior, um general alemão, Erwin Rommel, chegou a Trípoli com instruções para expulsar os britânicos da Cirenaica.

O plano alemão de conquista da Grécia também avançava, mas muitas de suas ordens operacionais eram enviadas por cifra ultrassecreta e decifradas em Bletchley. Para Churchill e seus conselheiros mais próximos, a prioridade de envio de ajuda militar britânica para a Grécia era uma difícil decisão. As necessidades no Deserto Ocidental não podiam ser abandonadas facilmente. Contudo, Eden queria enviar ajuda à Grécia e era apoiado tanto por Wavell, que visitou Atenas em finais de fevereiro, quanto pelo chefe do Estado-Maior General Imperial, general Dill. Churchill estava inclinado à prudência. “Não se considerem obrigados a um empreendimento grego, se seus corações pensam que será outro fiasco norueguês”, telegrafou a Eden e Wavell em 20 de fevereiro. “Se não puderem preparar um bom plano, por favor digam-no. É evidente que os senhores sabem quão importante seria ter sucesso.”

No Gabinete de Guerra, em 24 de fevereiro, Churchill pediu a todos os seus ministros, Attlee, Bevin, Greenwood, Kingsley Wood, Beaverbrook e Sir John Anderson, que expressassem suas opiniões. Todos foram favoráveis ao envio de assistência militar à Grécia. “Ainda que não tenhamos ilusões, todos lhe enviamos a mesma ordem: ‘Em frente a todo o vapor!’”, telegrafou Churchill a Eden.

Mais ainda do que a batalha da Grécia e a luta em terra, os sucessos dos submarinos alemães no Atlântico se tornavam uma grande preocupação; era a batalha do Atlântico que ameaçava fechar o

fornecimento vital de alimentos e de equipamentos à Inglaterra. Um dos membros da equipe de Churchill, ao relatar um particular desastre num comboio em 26 de fevereiro, chamou-lhe “angustiante”. Churchill respondeu: “Angustiante? É terrível. Se continuar, é o nosso fim.” Nos três meses iniciados em março, 500 mil toneladas de fornecimentos dos Aliados foram afundadas por ataques aéreos alemães. Todos os dias, Churchill tomava conhecimento das estatísticas mais recentes desses naufrágios; quantos cargueiros haviam sido afundados, quantos navios de escolta haviam sido perdidos e que ainda estava a caminho. “Como eu preferia ter trocado esse informe de incomensurável perigo, expresso em gráficos, curvas e estatísticas, por uma invasão em grande escala. Esse perigo mortal para nossos abastecimentos corrói minhas entranhas”, escreveu ele mais tarde.

Em Chequers, em 1º de março, Churchill disse ao primeiro-ministro australiano, Robert Menzies, que o afundamento de navios mercantes pelos alemães era “a suprema ameaça” da guerra. “O primeiro-ministro, em conversa, afunda-se (e aos outros) no abatimento”, escreveu Menzies em seu diário. Na noite seguinte, porém, escreveu: “O rumo de Churchill está traçado. Não há derrota em seu coração.”

Em 3 de março, como um inesperado lembrete de que a posição britânica no norte da África podia não ser tão segura quanto se pensava, aviões alemães lançaram minas no canal de Suez, tornando-o inutilizável durante uma semana. Um dia depois, as primeiras tropas britânicas foram deslocadas do Egito para a Grécia. Segundo um plano idealizado por Eden, Wavell e Dill, tropas australianas e neozelandesas se seguiriam para ocuparem uma posição defensiva na linha Aliakmon. Para consternação de Eden, o comandante-chefe grego alterou esse plano, anunciando que as tropas da comunidade britânica seriam enviadas para a fronteira norte. Apesar dos perigos que essa alteração provocava, Eden disse a Churchill, numa mensagem pessoal, que não via “qualquer alternativa a não ser fazer o melhor que pudermos para termos êxito”.

Churchill não pensava assim; se a Alemanha enviasse um ultimato à Grécia, disse ao Gabinete de Guerra em 5 de março, os gregos considerariam que seria “impossível prosseguir a luta” e haveria “pouco ou nada que pudéssemos fazer para dar-lhes auxílio a tempo”. O Gabinete de Guerra concordou, mas, ainda em Atenas, Eden e Dill estavam determinados a manter o prometido apoio britânico, bem como Wavell no Cairo. Para sublinhar essa determinação, os gregos concordaram em permitir que as forças aliadas fossem enviadas para onde estava inicialmente planejado, a linha Aliakmon, menos exposta do que a fronteira. Seria tomada uma decisão final pelo Gabinete de Guerra em 7 de março. Um telegrama de Eden, então no Cairo, foi colocado na frente dos ministros: “Ter lutado e sofrido na Grécia seria menos prejudicial para nós do que ter deixado a Grécia entregue ao seu destino.” Wavell concordava com ele, dizia Eden, assim como Smuts, que tinha acabado de chegar ao Cairo, vindo da África do Sul.

A concordância de Eden, Wavell e Smuts foi decisiva. No Gabinete de Guerra, em 7 de março, o primeiro-ministro a falar foi Ernest Bevin, que apoiava a assistência militar à Grécia. Churchill disse então que “devemos ir em frente com entusiasmo”. Robert Menzies, que estava presente, concordou com Churchill; era muito diferente da recusa da Austrália, em 1922, em comprometer-se com Chanak. Não houve discordância; mais de 60 mil soldados britânicos, australianos e neozelandeses receberam ordens para saírem do Egito em direção à Grécia. Nessa noite, Colville escreveu em seu diário: “O primeiro-ministro está muito mais feliz. Sua mente está liberta agora que foi tomada uma importante e irrevogável decisão.” Churchill também ficou aliviado com um telefonema de Hopkins recebido nessa noite, informando-lhe que o Senado tinha aprovado o Acordo de Empréstimo e Arrendamento por 60 votos contra 31. “Graças a Deus pelas suas notícias”, respondeu Churchill a Hopkins por telegrama no dia

seguinte. Também escreveu a Roosevelt, dizendo-lhe: “As bênçãos de todo o império britânico vão para você e para o povo americano por esse auxílio tão oportuno em tempos de dificuldades.”

Para o período que terminaria seis meses depois, a Grã-Bretanha se “apropriara” de 4,736 bilhões de dólares para continuar a “resistir à agressão”. Esse era o montante que a Grã-Bretanha já devia por armas, munições, aviões e navios produzidos pelos Estados Unidos para esse período. Contudo, Churchill disse aos seus colegas, em particular, que a venda forçada de bens britânicos nos Estados Unidos significava que “não só seremos esfolados como roerão a carne até o osso” ao mesmo tempo em que o programa americano de construção de navios era “menos da metade do que precisamos”. Em paralelo, as mensagens de rádio ultrassecretas da Marinha alemã estavam sendo enviadas em outra chave Enigma, que não podia ser decodificada em Bletchley, tendo como resultado que os alemães tinham uma vantagem crucial na batalha do Atlântico.

“Os afundamentos são graves e cresce a tensão no mar”, explicou Churchill a Roosevelt em 10 de março. Uma semana depois, um emissário especial, enviado por Roosevelt a Londres, Averell Harriman, foi convidado a Chequers. À semelhança de Hopkins, tinha a total confiança de Roosevelt e estava determinado a garantir à Grã-Bretanha que suas necessidades seriam satisfeitas. “Nós o recebemos como um amigo”, disse-lhe Churchill. “Nada será ocultado.” Três semanas depois da chegada de Harriman, Roosevelt concordou em colocar dez pequenos navios americanos à disposição dos britânicos para uso em comboios.

Em 19 de março, Harriman foi o convidado de honra para um jantar na Downing Street. Durante o jantar, houve um forte ataque aéreo a Londres. Churchill levou Harriman ao telhado do Ministério da Aviação para ver o ataque. “Que escalada fantástica por degraus de uma escada circular e por uma pequena porta de inspeção no alto de uma torre”, escreveu Eric Seal. Nessa noite, mais de quinhentos londrinos foram mortos.

Os alemães faziam seus planos finais para uma invasão à Grécia e uma aliança com a Iugoslávia. Em 22 de março, Churchill enviou ao Dr. Cvetkovic, primeiro-ministro da Iugoslávia, um longo e apaixonado apelo para que se mantivesse neutro, preservando assim uma verdadeira independência da Iugoslávia. “Há apenas 65 milhões de hunos maus, e a maior parte está envolvida em dominar os austríacos, os tchecos, os poloneses e muitas outras raças antigas que eles agora oprimem e pilham”, disse-lhe Churchill. “Os povos do império britânico e dos Estados Unidos compõem mais de 200 milhões só nos seus países e nos domínios britânicos.” Esse apelo não surtiu efeito; dois dias depois, o dr. Cvetkovic foi a Berlim e assinou um pacto com Hitler. Churchill aprovou imediatamente os esforços do Executivo de Operações Especiais para arregimentar opiniões antigermânicas em Belgrado e instruiu a embaixada britânica nessa cidade para fazer tudo o que pudesse para alertar os elementos pró-alemães da insensatez do caminho que estavam a tomar. “Continue a empestar, a arrelhar, a morder”, disse ele ao embaixador, Sir Ronald Campbell, em 26 de março. “Solicite audiências. Não aceite ‘não’ como resposta. Cole-se a eles, mostrando que os alemães já consideram como garantida a subjugação do país.” Nessa noite, os antigermânicos tomavam o poder em Belgrado. “A Iugoslávia recuperou sua alma”, comentou Churchill.

Derrotas e sucessos sucediam-se: nesse março, houve um substancial aumento dos ataques aéreos alemães à Grã-Bretanha, tendo morrido 4.259 civis. Mas na última semana de março, conduzidas pela leitura de mensagens de rádio ultrassecretas do exército italiano, as forças britânicas derrotaram os italianos tanto na Eritreia quanto no sul da Etiópia. Nessa mesma semana, também conduzida pelo sucesso na decifração das mensagens italianas e ajudada pela Força Aérea britânica recém-chegada à Grécia, a Marinha afundou três cruzadores pesados e dois contratorpedeiros italianos ao largo de

Matapan. Porém, numa única semana 60 mil toneladas de barcos mercantes dos Aliados foram afundadas no Atlântico; no final do mês, o cruzador *York* foi afundado no Mediterrâneo, mas apenas dois tripulantes morreram num total de mais de seiscentos.

Durante a última semana de março, como resultado da capacidade britânica de ler os telegramas diplomáticos japoneses ultrassecretos, Churchill pôde seguir as viagens e as negociações do ministro japonês das Relações Exteriores, Yosuke Matsuoka, a Roma, Berlim e Moscou. Em Berlim, Matsuoka foi pressionado, pela autoridade de Hitler, a concordar com um ataque japonês às possessões britânicas no Extremo Oriente tão breve quanto possível. Um ataque a Cingapura, foi-lhe dito, seria um fator decisivo para um “rápido derrube da Inglaterra”. Ao ler o próprio relato ultrassecreto de Matsuoka sobre a pressão alemã, Churchill decidiu enviar-lhe uma mensagem, que Matsuoka podia ler na estrada de ferro transiberiana durante seu regresso ao Japão via Moscou. A mensagem continha oito questões pensadas para que os japoneses fizessem uma pausa antes de envolver seus exércitos e esquadras contra a Grã-Bretanha; eram perguntas, escreveu Churchill a Matsuoka, que lhe pareciam “merecedoras da atenção” do governo japonês e de seu povo. As perguntas eram:

1. Será que a Alemanha, sem domínio do mar ou do espaço aéreo britânico durante o dia, pode invadir e conquistar a Grã-Bretanha na primavera, no verão ou no outono de 1941? Tentará a Alemanha fazer isso? Não será de interesse japonês esperar até que essas questões tenham sido respondidas?

2. Será que os ataques da Alemanha aos navios britânicos são suficientemente fortes para impedir que a ajuda dos Estados Unidos chegue às costas britânicas, com a Grã-Bretanha e os Estados Unidos a transformarem toda a sua indústria para disputar a guerra?

3. A adesão do Japão à Tríplice Aliança torna mais ou menos provável que os Estados Unidos entrem na guerra?

4. Se os Estados Unidos entrarem na guerra ao lado da Grã-Bretanha, e o Japão se colocar ao lado das potências do Eixo, a superioridade naval das duas nações de língua inglesa não permitirá que vençam as potências do Eixo na Europa antes de voltarem suas forças contra o Japão?

5. A Itália é uma força ou é um fardo para a Alemanha? A armada italiana é tão boa no mar quanto no papel? E tão boa no papel quanto já foi?

6. Será que a Força Aérea britânica não será mais forte do que a Força Aérea alemã antes do final de 1941 e muito mais forte antes do final de 1942?

7. Será que os muitos povos que estão sendo dominados pelo exército alemão e pela Gestapo aprenderão a gostar mais dos alemães ou gostarão cada vez menos com a passagem dos anos?

8. Não é verdade que a produção de aço dos Estados Unidos em 1941 será de 75 milhões de toneladas, e da Grã-Bretanha será de cerca de 12,5 milhões de toneladas, num total que se aproxima de 90 milhões de toneladas? Se a Alemanha for derrotada, como foi na última vez, não é verdade que os 7 milhões de toneladas de aço que o Japão produz serão inadequados a uma guerra em que lute sozinho?

“Das respostas a essas questões, pode resultar que o Japão evite uma séria catástrofe e opte por uma substancial melhoria das suas relações com as duas grandes potências marítimas ocidentais”, acrescentou Churchill. Como um reforço à cautela, Sir Charles Portal já tinha dado instruções, como disse a Churchill, “para que fosse feito um forte ataque a Berlim na noite em que se esperava que Matsuoka

estivesse lá”.

Churchill não tinha quaisquer ilusões acerca das intenções dos japoneses. “Forneçam-me um relatório sobre a eficácia dos artilheiros e do pessoal que opera as baterias de quinze polegadas e os holofotes em Cingapura”, pediu ele numa minuta para Ismay um mês depois. “Estão equipados com radar?”, perguntou. As defesas em Cingapura teriam de ser eficientes, mas não seriam enviadas mais forças nem seriam dispensados aviões de caça. Isso foi deixado claro pela Comissão de Defesa em resposta a uma pergunta dos australianos sobre o envio imediato de reforços navais e aéreos britânicos para Cingapura. Porém, na eventualidade de um “sério e importante ataque japonês à Austrália, abandonaremos tudo para ir em seu socorro”, disse Churchill; isso, no entanto, “não significa que abandonaremos nossos importantes interesses no Oriente Médio por causa de alguns ataques dos cruzadores japoneses”. A cuidadosa preparação do poder militar britânico no Oriente Médio não podia ser posta em perigo.

Durante vários meses, o exército alemão vinha dispendo suas forças ao longo da fronteira germano-soviética. Para obrigar a Iugoslávia a concluir seu pacto com a Alemanha, algumas dessas forças tinham sido deslocadas para os Bálcãs. Quando o pacto foi assinado, foi dada a ordem para que essas forças regressassem à fronteira soviética. Depois do derrube do governo pró-alemão em Belgrado, Hitler, enganado por uma aquiescente Iugoslávia, fez preparativos para uma invasão; como parte de seu plano, anulou uma anterior ordem para a transferência de três divisões Panzer para a fronteira soviética. Essa contraordem foi enviada por meio de uma mensagem de rádio ultrassecreta, e Churchill tomou conhecimento dela assim que foi decifrada em Bletchley. Como mostrava claramente que os alemães estavam decididos a estabelecer suas forças na fronteira soviética, decidiu enviar essa informação a Stálin. “Vossa Excelência apreciará devidamente o significado desses fatos”, comentou Churchill. Para disfarçar sua mais secreta fonte, disse que a informação vinha de um “agente de confiança”.

Churchill sabia que assim que conquistasse os campos de trigo da Ucrânia e invadissem os campos de petróleo do Cáucaso, Hitler poderia dedicar todos os seus recursos à invasão da Inglaterra, portanto a capacidade russa de resistir e sobreviver a um ataque germânico era claramente crucial para os interesses britânicos. Por isso, providenciou para que mais informações sobre a concentração de tropas alemãs no leste fossem enviadas a Stálin. Entretanto, em 2 de abril, os alemães tomaram a iniciativa no Deserto Ocidental, onde Rommel fez as forças de Wavell recuarem para a fronteira do Egito. Chegou também ao conhecimento de Churchill, em 2 de abril, uma série de decifrações de mensagens ultrassecretas alemãs que tornavam clara a iminência de uma invasão à Grécia e à Iugoslávia. Mal tomou conhecimento dessas mensagens, Churchill informou ao novo primeiro-ministro da Iugoslávia, general Simovic, disfarçando sua fonte ao descrevê-la como “nossos agentes” na França e “nosso serviço de informações do Exército na África”. Em 5 de abril, novas decifrações revelaram que o ataque estava previsto para a manhã seguinte. Essa informação também foi fornecida aos líderes iugoslavos.

Em 6 de abril, Domingo de Ramos, os bombardeiros alemães atacaram Belgrado; milhares de civis foram mortos num dos mais ferozes bombardeios da guerra. O porto grego de Pireu também foi bombardeado; seis navios com fornecimentos britânicos foram afundados antes de um sétimo navio, com duzentas bombas altamente explosivas a bordo, ter sido atingido diretamente, destruindo o porto quando explodiu. Um oitavo navio, que transportava material para uma fábrica grega de explosivos, foi afundado no mar. Ao levantar-se para falar na Câmara dos Comuns em 9 de abril, Churchill foi recebido com aplausos, mas as notícias que trazia eram más; nessa manhã, as forças alemãs tinham entrado em Salonica.

Churchill queria que fosse mantido um estado de alerta em toda a Grã-Bretanha; em 8 de abril, ordenou a Bridges que garantisse que não haveria “nenhuma pausa séria” no trabalho ministerial durante a Páscoa. Os ministros eram responsáveis por estarem ao telefone “no mais breve prazo possível” e

deveriam descansar num esquema de revezamento: “Disseram-me que a Páscoa é um excelente momento para uma invasão.” Os bombardeios alemães à Grã-Bretanha se mantinham desde o início do ano. Em 9 de abril, foi oficialmente anunciado que cerca de 30 mil civis britânicos tinham sido mortos por ataques aéreos desde o início da guerra. Em 11 de abril, outro ataque a Coventry conduziu a um sério revés na produção de aviões. Na noite seguinte, Churchill foi a Bristol, com Clementine, Mary Averell Harriman, Ismay e Colville para uma cerimônia honorífica, pois tinha sido reitor da universidade nos últimos quinze anos. Num ramal da estrada de ferro à entrada da cidade, ele e seus acompanhantes dormiram no trem à espera do amanhecer. Enquanto ainda estava escuro, foram acordados pelo ruído de um intenso ataque aéreo a Bristol.

Nessa manhã, Churchill visitou os locais da devastação, ficando chocado e comovido. Apesar de as pessoas afetadas pelos bombardeios estarem “desorientadas”, “ficaram muito satisfeitas por verem Winston, que chegou a sentar-se no capô de um carro aberto, agitando o chapéu”, anotou Colville em seu diário. Depois da guerra, Ismay escreveria numa carta a Churchill: “Num dos lares de idosos que você visitou, estava uma pobre velha que tinha perdido tudo o que tinha e que soluçava. Quando você entrou, ela afastou o lenço com que enxugava os olhos e agitou-o entusiasmada enquanto gritava ‘Hurra! Hurra!’.” Nessa noite, voltando a Chequers, Churchill soube que Roosevelt se preparava para alargar as patrulhas navais no Atlântico até o meridiano 25 e que informaria a Grã-Bretanha sobre quaisquer “navios ou aviões agressores” que as patrulhas localizassem. Assim, o que tinha visto naquela manhã foi compensado pelo sentimento de um crescente envolvimento americano na guerra.

Em 13 de abril, forças alemãs ocuparam Belgrado; na Grécia, tropas alemãs começaram seu ataque à linha Aliakmon; no distante Iraque, o pró-germânico Rashid Ali, que tinha tomado o poder em Bagdá dez dias antes, cercou a base da Força Aérea britânica em Habbaniya e ameaçou o fornecimento de petróleo do Oriente Médio à Grã-Bretanha. Na Líbia, as forças de Rommel aproximavam-se de Tobruk. Em 16 de abril, as docas de Belfast foram bombardeadas e muitos estragos foram provocados na própria cidade, tendo sido mortos 675 civis. No dia seguinte, 450 bombardeiros alemães atacaram Londres, num dos mais duros ataques à capital, matando 1.180 pessoas e deixando mais de 2 mil gravemente feridas.

Em 17 de abril, depois de lutar em esmagadora desvantagem por onze dias, o exército iugoslavo rendeu-se aos alemães. No dia seguinte, em Atenas, o primeiro-ministro grego suicidou-se. O Gabinete de Guerra britânico já tinha decidido que, tão logo suas tropas na Grécia não pudessem defender a linha Aliakmon, todas as tropas britânicas deveriam ser retiradas da Grécia e deslocadas para Creta, formando assim uma quinta zona de guerra no Mediterrâneo Oriental e Oriente Médio. Ao ser-lhe perguntado, pelo comandante da Força Aérea no Oriente Médio, quais das cinco zonas de guerra seriam prioritárias para suas forças, Churchill respondeu, com a aprovação dos chefes de Estado-Maior: “Em primeiro lugar, a Líbia; em segundo lugar, a evacuação das tropas da Grécia; o aprovisionamento de Tobruk, a não ser que seja indispensável à vitória, deve ser considerado conveniente; o Iraque pode ser ignorado; e, quanto a Creta, trataremos dessa questão mais tarde.”

A evacuação das forças britânicas na Grécia começou em 24 de abril. Durante sete dias, os bombardeiros de mergulho alemães atacaram os transportes de tropas. Foram mortos milhares de soldados, inclusive 650 homens a bordo de dois contratorpedeiros que os tinham resgatado anteriormente do mar. Ao todo, foram evacuados 50 mil homens, mas outros 11.500 foram feitos prisioneiros. “Receio que tenha passado uns tempos muito difíceis, mas tenho certeza de que as coisas em breve melhorarão”, escreveu a Churchill a princesa Elizabeth, de 15 anos, em 23 de abril. Quatro dias depois, nos tempos mais sombrios da Grã-Bretanha desde o verão anterior, Churchill fez uma emissão radiofônica a partir de Chequers, com confiança na vitória final. “Nenhum homem prudente e perspicaz poderá duvidar de que a total derrota de Hitler e de Mussolini é certa, atendendo à determinação das democracias britânica e

americana”, disse ele. O império britânico e os Estados Unidos tinham “mais riqueza e mais recursos técnicos e fabricam mais aço do que o resto do mundo em conjunto”. Estavam determinados a que “a causa da liberdade não seja esmagada e a que a onda de progresso do mundo não recue por ação de ditadores criminosos”. Nessa noite, ao jantar, quando o diretor das Operações Militares do Ministério da Guerra, general Kennedy, sugeriu que a Grã-Bretanha poderia ser obrigada a evacuar o Egito, Churchill ficou tão “furioso”, segundo um dos convidados, que “tivemos algum trabalho para acalmá-lo”.

Churchill sabia que o Egito podia ser perdido, no entanto esperava que as tropas lutassem até o último homem. “Quem quer que mate um huno ou mesmo um italiano, presta um bom serviço”, escreveu numa diretiva para a defesa do Egito em 28 de abril. Quatro dias depois, disse a Roosevelt que perder o Egito poderia transformar a guerra contra uma Alemanha triunfante na Europa e em grande parte da Ásia e da África numa “tarefa difícil, longa e sombria”. Churchill pressionou Roosevelt para que fizesse imediatamente uma declaração de guerra. “Apenas o senhor pode antecipar-se aos alemães no Marrocos”, escreveu ele. A situação no Egito era arriscada. “Pessoalmente, creio que venceremos, a despeito das dificuldades físicas relacionadas aos reforços com tanques e aviões, mas imploro-lhe, sr. presidente, que não subestime a gravidade das consequências de um colapso no Oriente Médio. Nessa guerra, cada posição é uma posição vencedora, e quantas mais perderemos?”

Os bombardeios alemães à Grã-Bretanha continuavam com a mesma ferocidade. Em 2 de maio, Churchill visitou as áreas bombardeadas em Plymouth. Em cinco dias de ataques a Liverpool, foram afundados vinte navios mercantes. Em público, porém, Churchill mantinha sua disposição confiante, dizendo na Câmara dos Comuns, em 7 de maio, que quando olhava para trás, para os perigos que precisaram ultrapassar, e ao recordar tudo o que se fizera de errado e de certo, sentia-se “seguro de que não precisamos reear a tempestade. Deixem-na rugir e deixem que se enfureça. Nós a atravessaremos”.

Em 10 de maio, no mais duro ataque alemão da Blitz em 1941, foram mortos mais de 1.400 civis, a maior parte em Londres. Entre os edifícios destruídos contava-se a sala da Câmara dos Comuns. “Os hunos, amavelmente, escolheram um momento em que nenhum de nós estaria lá”, disse Churchill a Randolph, que estava então cumprindo o serviço militar no Cairo, como porta-voz oficial do quartel-general. Ao seu motorista, quando o levava à Câmara dos Comuns para ver os estragos, Churchill disse: “Não viverei para voltar a me sentar na Câmara.”

Durante três dias, o clarão dos incêndios iluminou os céus de Londres, mas, na noite desse devastador ataque, Churchill soube que os Estados Unidos colocavam à disposição da Grã-Bretanha um terço de suas instalações de treinamento de pilotos. Uma semana depois, as forças italianas na África oriental italiana renderam-se às forças britânicas e as tropas de Rommel foram obrigadas a recuar cinquenta quilômetros. Contudo, Churchill e seus conselheiros mais próximos sabiam, por intermédio das mensagens de rádio ultrassecretas dos alemães, que o principal esforço de guerra germânico se concentrava contra Creta naquele momento. O ataque a Creta começou em 20 de maio. Enquanto a guerra se desenrolava de modo feroz, no norte do Atlântico o *Prince of Wales* e o *Hood* juntavam-se na perseguição ao *Bismark* e ao *Prinz Eugen*.

Churchill esperou em Chequers por notícias das batalhas, tanto na ilha quanto no oceano. Foi ali, às primeiras horas de 24 de maio, que ele soube que o *Hood* tinha sido afundado, com a perda de 1.500 homens. Três dias depois, poucos momentos após falar na Church House, que ficava perto da destruída Câmara dos Comuns, recebeu um papel e voltou a levantar-se para dizer a todos: “Acabo de receber notícias que dizem que o *Bismark* foi afundado.” Perto de 2 mil marinheiros alemães tinham perecido.

Nesse mesmo dia, Wavell ordenou a evacuação de Creta. Apesar de uma brilhante e tenaz defesa aliada, o poderio aéreo alemão, baseado na Grécia, tinha provado ser um fator decisivo no resultado da batalha, durante a qual morreram mais de 4 mil defensores, muitos deles despedaçados por bombas

alemãs de 250 quilos. Durante os quatro dias de evacuação, foram retirados 16.500 homens, mas, como os ataques aéreos aos portos de embarque alemães se intensificaram, 5 mil homens não tiveram outro remédio senão renderem-se. Na batalha no mar, foram mortos mais de 2 mil oficiais e marinheiros britânicos; outras forças navais aliadas também sofreram pesadas baixas.

Na tentativa de ter alguma solidão, Churchill passou a tarde de 1º de junho em Chartwell, onde rapidamente recuperou-se de seu desânimo. Ele também ficou aliviado ao saber que Roosevelt tinha concordado tanto com a ocupação americana da Islândia, liberando assim tropas britânicas para se deslocarem para o Oriente Médio, quanto com o transporte de fornecimentos de guerra britânicos para o Egito em navios com pavilhão americano. Esses fornecimentos incluíam duzentos tanques produzidos para o exército americano, 24 peças antiaéreas, setecentos caminhões de dez toneladas, munições e equipamentos de fornecimento de água.

Em 6 de junho, num campo de aviação no sul da Inglaterra, Churchill ficou ainda mais satisfeito ao ver a segura e bem-vinda aterrissagem da primeira fortaleza voadora dos Estados Unidos. Houve mais boas notícias dois dias depois, quando as forças aliadas avançaram para a Síria, que estava sob domínio do governo de Vichy. “Sinto-me mais seguro que nunca de que extinguiremos a vida de Hitler e de seu bando nazista”, escreveu ele ao seu filho nesse dia. A luta em Creta, disse ele aos membros do Parlamento em 10 de junho, atingira “uma intensidade e uma ferocidade que os alemães não tinham encontrado em sua caminhada pela Europa”.

Nesse dia, foi mostrado a Churchill um estudo dos serviços secretos sobre as mais recentes mensagens de rádio ultrassecretas alemãs, que davam a exata disposição de um considerável número de unidades alemãs baseadas ao longo da fronteira soviética. Churchill decidiu enviar essa informação a Stálin, que foi transmitida em 11 de junho. No dia seguinte, Churchill disse aos representantes dos domínios e dos Aliados em Londres: “Quebraremos e desorganizaremos qualquer esforço que Hitler faça para sistematizar e consolidar seu domínio. Não terá descanso, não terá sossego, não terá abrigo, não terá negociações.” Ainda que não pudesse dizer, sua transmissão de segredos militares alemães a Stálin fazia parte de seu plano. “As estrelas, em seu percurso, proclamam a libertação da humanidade”, disse ele ao povo americano numa transmissão em 12 de junho. “O progresso dos povos não será facilmente impedido. As luzes da liberdade não se extinguirão com facilidade.” Mesmo que Hitler invadisse a Grã-Bretanha, “não nos esquivaremos ao tribunal supremo”, tinha dito aos representantes dos domínios e dos Aliados no dia anterior.

Em 15 de junho, Wavell lançou uma nova ofensiva contra Rommel no Deserto Ocidental, mas após um sucesso inicial, foi obrigado a retirar-se, tendo perdido cem tanques. Mais uma vez, a segunda em três semanas, Churchill foi a Chartwell para ficar sozinho. Nos dois meses anteriores, tinham sido afundadas 500 mil toneladas de navios mercantes e não tinha havido praticamente qualquer sucesso. Porém, em 18 de junho, depois do retorno de Churchill, Colville encontrou-o com “ânimo”; estava agora “ocupado considerando onde seria a próxima ofensiva”. Na tentativa de “renovar” o comando no Oriente Médio, decidiu substituir Wavell, que quisera manter-se na defensiva na Cirenaica. Para seu sucessor, escolheu Auchinleck, que tinha chamado favoravelmente sua atenção com a pronta e eficaz ação do envio de tropas da Índia para Basra na altura da revolta de Rashid Ali no Iraque. Foi Auchinleck quem preparou o plano seguinte de ataque no Deserto Ocidental. “Sinto que foi sensato ao fazer a substituição e ao promover novas ideias e ações em relação a muitos problemas no Oriente Médio. Tenho certeza de que Auchinleck será uma excelente opção”, telegrafou Wavell a Churchill em 22 de junho.

Nesse fim de semana, Churchill esteve em Chequers. Uma vigilância diligente das mensagens alemãs usando a cifra Enigma tinha tornado claro, no círculo secreto de Churchill, onde seria o próximo ataque. “O primeiro-ministro diz que um ataque alemão à Rússia é uma certeza e que a Rússia será seguramente

derrotada”, escreveu Colville em seu diário em 21 de junho. Nessa noite, enquanto Churchill dormia, as tropas alemãs atravessaram a fronteira soviética.

7.

A generalização da guerra

Churchill foi informado sobre a invasão alemã à Rússia às 8h do dia 22 de junho de 1941. Seu primeiro comentário foi: “Digam à BBC que farei uma transmissão às 21h.” Durante o dia, preparou o discurso, consultando muitos colegas. Havia um sentimento generalizado de que os russos seriam rapidamente derrotados; tanto Sir John Dill quanto o embaixador americano John G. Winant, que tinham estado em Chequers durante o dia, expressaram o ponto de vista de que a Rússia não resistiria por seis semanas. Outros presentes, incluindo Eden e Sir Stafford Cripps, tinham uma opinião semelhante. Churchill ouviu seus argumentos e encerrou a discussão com as palavras: “Aposto um *monkey* contra uma *mousetrap* em como os russos ainda estarão lutando vitoriosamente daqui a dois anos.”

O primeiro-ministro estava apostando 500 contra 1 em como a Rússia continuaria a combater; um *monkey* era a linguagem coloquial usada nas corridas de cavalos para 500 libras e uma *mousetrap*, para uma libra. “Na época, registrei suas palavras por escrito, porque pensei que era uma profecia muito arriscada e porque era um ponto de vista totalmente diferente do que todos tinham expressado até então”, escreveu Colville nove anos depois. No dia anterior, Churchill também achava que toda a Rússia seria derrotada.

Churchill não tinha dúvida sobre qual seria a resposta britânica ao ataque alemão à Rússia. “Ninguém tem sido um opositor mais consistente do comunismo durante os últimos 25 anos”, disse em sua emissão nessa noite. “Não afirmarei que nunca disse tal coisa, mas tudo isso se desvanece perante o espetáculo que agora se apresenta aos nossos olhos. O passado, com seus crimes, suas loucuras e suas tragédias, volta à ribalta.” Hitler esperava derrotar a Rússia antes da chegada do inverno e então voltar suas forças contra a Grã-Bretanha “antes que a Marinha e a Força Aérea dos Estados Unidos intervenham”. O perigo que a Rússia enfrenta “é doravante nosso perigo e o perigo dos Estados Unidos, tal como a causa de qualquer luta dos russos por sua terra e por seu lar é a causa dos homens e dos povos livres em todos os cantos do mundo”. Qualquer homem ou Estado “que lute contra o nazismo terá nossa ajuda”, então “devemos dar à Rússia toda a ajuda que pudermos”.

As palavras de Churchill foram verdadeiras. Em 23 de junho, para retirar tanta pressão da frente russa quanto fosse possível, autorizou uma série de bombardeios intensificados a instalações militares e navais alemãs no norte da França. Segundo o embaixador soviético, Ivan Maisky, essa atividade deu “satisfação” aos russos. “W. S. C. atuou com grande rapidez para se adiantar a qualquer segunda opinião do governo e do Parlamento”, escreveu o capitão Berkeley em seu diário.

Em 27 de junho, os decodificadores em Bletchley decifraram a chave Enigma que estava sendo usada pelo exército alemão na Frente Oriental. Dentro de 24 horas, Churchill deu instruções para que Stálin tivesse conhecimento dos frutos de seus preciosos serviços secretos militares; isso foi feito de forma velada para não revelar, e assim pôr em perigo, sua fonte. Essa informação dada a Stálin era primordial para permitir que os comandantes antecipassem nesse momento e nos meses seguintes alguns dos movimentos alemães mais ameaçadores.

À medida que os alemães avançavam para leste, através da Rússia, Churchill fazia planos para tentar resistir a dois possíveis movimentos alemães caso a Rússia fosse derrotada. O primeiro perigo era um “extraordinário assalto” à Grã-Bretanha. “Estou preparando tudo para que haja uma ação em 1º de setembro”, disse a Robert Menzies em 29 de junho. O segundo perigo era a possibilidade de um avanço alemão através do Cáucaso, da Turquia e da Síria até a Palestina e o canal de Suez. Para maximizar a capacidade de defesa das forças que se encontravam no Oriente Médio, Churchill nomeou um ministro de Estado para o Cairo e enviou o emissário de Roosevelt, Averell Harriman, para estudar quais seriam os melhores métodos para enviar abastecimentos de guerra diretamente da América para o Egito.

Em 30 de junho, sempre considerando a possibilidade de uma derrota russa, Churchill deu ordens para uma “rigorosa resistência individual” em toda a Grã-Bretanha na eventualidade de um lançamento de tropas paraquedistas alemãs. “Todos aqueles que envergam um uniforme e todos aqueles que quiserem devem atacá-los sempre que os encontrarem e com o maior vigor”, escreveu ele. O pensamento que devia ser “incessantemente inculcado” a todos os níveis, em especial nas escolas de treinamento e nos centros de treinamento militar, era “que cada um mate um huno”.

Em 3 de julho, numa tentativa posterior de forçar os aviões alemães a retirarem-se da frente russa, foi desencadeado o primeiro de uma série de ataques noturnos de bombardeiros contra o Ruhr e a Renânia. Em 4 de julho, Churchill ofereceu-se para bombardear os campos petrolíferos russos no Cáucaso, de modo a “não fornecer petróleo ao inimigo”. O perigo de uma derrota russa parecia iminente. Em 6 de julho, avisou a Auchinleck que um colapso russo poderia em breve alterar o equilíbrio de forças no Deserto Ocidental “em seu detrimento” sem diminuir a “ameaça de invasão” à própria Grã-Bretanha. Num telegrama enviado para Stálin em 7 de julho, prometeu: “Faremos tudo o que for possível para ajudá-lo, assim o permita o tempo, a geografia e nossos crescentes recursos.” No dia anterior, quatrocentos ataques aéreos foram realizados contra o norte da França enquanto 250 bombardeiros pesados atacaram a Alemanha naquele mesmo dia: “Isso vai continuar”, disse ele a Stálin. “Por isso, esperamos obrigar Hitler a devolver parte de seu poderio aéreo ao ocidente e gradualmente aliviá-lo de algumas de suas preocupações.” O telegrama de Churchill terminava com a afirmação de sua convicção já familiar aos britânicos e americanos: “Precisamos apenas continuar a lutar até extirpar a vida desses vilões.”

Em 10 de julho, ao propor uma força naval britânica que operasse ao lado da Marinha russa no Ártico, Churchill disse aos seus colegas:

A vantagem que teremos se os russos continuarem na guerra, seja como for até o final do inverno, será inestimável. Uma paz prematura entre Alemanha e Rússia seria uma terrível decepção para grandes massas de população do nosso país. Desde que eles resistam, pouco importa onde está a linha da frente. Esse povo já mostrou que merece ser ajudado, e nós devemos fazer sacrifícios e correr riscos, mesmo que com prejuízos, que julgo prováveis, para mantermos seu moral.

Dois dias depois, em Moscou, foi assinado um acordo anglo-soviético com o compromisso de assistência mútua contra a Alemanha e sem acordos de paz em separado.

Os bombardeios alemães à Inglaterra continuavam. Numa tentativa de prejudicar o esforço de guerra alemão contra a Rússia, os britânicos também bombardeavam a Alemanha; Frankfurt foi bombardeada na noite de 7 de julho, Wilhelmshaven em 11 de julho e Hannover, em 14 de julho. Nessa noite, ao falar na

Mansion House, Churchill declarou: “Infligiremos aos alemães o mesmo que, e mais ainda, do que eles infligiram a nós.” Suas palavras foram interrompidas por fortes e prolongados aplausos. Ele continuou, fazendo um desafio direto a Hitler: “Você faz seu pior, e nós faremos nosso melhor.” Duas noites depois, Hamburgo foi bombardeada.

Em 19 de julho, quando as forças alemãs chegaram à metade do caminho entre a fronteira germano-soviética e Moscou, Stálin pediu a Churchill que encarasse a possibilidade de desembarques de forças militares britânicas para aliviar a pressão sobre a Rússia, com uma ação na Noruega e outra no norte da França. Churchill colocou as hipóteses aos chefes de Estado-Maior, mas eles rejeitaram ambas, por serem arriscadas demais. Churchill não tinha dúvida de que seus conselheiros tinham razão. A tentativa de desembarcar em força no norte da França “teria como resultado um sangrento revés”, disse a Stálin em 20 de julho, e pequenas surtidas “conduziriam apenas a fracassos que nos fariam mais mal do que bem. Tudo terminaria sem que fosse necessário mover, ou antes que se pudesse mover, uma única unidade da sua frente”. Churchill acrescentou: “Deve lembrar que temos lutado sozinhos há mais de um ano e que, apesar de nossos recursos terem crescido, e de crescerem ainda mais a partir de agora, estamos em grandes dificuldades tanto aqui quanto no Oriente Médio.” A batalha do Atlântico, “da qual depende nossa vida”, bem como o movimento de comboios de navios sob constantes ataques de submarinos, “esgotam nossos recursos navais, por maiores que sejam, até o extremo limite”.

O que podia ter sido feito já foi feito, disse Churchill a Stálin. Submarinos britânicos e um lançaminas estavam a caminho do Ártico. Uma esquadrilha de caças britânicos em breve seguiria seu caminho. Cinco dias depois, o Gabinete de Guerra concordou em enviar duzentos caças para a Rússia, sessenta dos quais seriam tirados dos abastecimentos de guerra britânicos que estavam sendo manufaturados nos Estados Unidos. Esses caças podiam ser enviados ainda que isso fizesse “diminuir substancialmente nossos recursos em aviões de caça”, disse Churchill a Stálin. Como Stálin também pedira, seriam enviados entre 3 e 4 milhões de pares de botas, bem como grandes quantidades de borracha, estanho, lã, tecido, juta e chumbo. Os produtos que faltavam à Inglaterra, explicou Churchill, deveriam ser solicitados aos Estados Unidos.

A ajuda à Rússia acrescentou uma nova extensão de trabalho enquanto a contínua possibilidade de uma derrota russa trazia mais um motivo de preocupação. O ministro britânico residente no Oriente Médio, Oliver Lyttelton, avisou Churchill em 21 de julho que, “se a Rússia sucumbir em breve”, os britânicos poderão ser obrigados a sair do Egito e a disputar uma batalha defensiva na Palestina ou até mesmo na Síria.

Na última semana de julho, chegaram à centésima semana de guerra; apesar de uma redução dos bombardeios alemães, quinhentos civis britânicos tinham sido mortos nesse mês. Churchill comentou com sua secretária Elizabeth Layton, enquanto lhe ditava noite a dentro em 28 de julho: “Temos de ir em frente, sem desfalecimentos, até cairmos.” Porém, houve uma dramática mudança no clima no início de agosto: como resultado do prodigioso esforço feito em Bletchley para decifrar a cifra Enigma usada pela Marinha alemã, foi possível conhecer todas as instruções para os submarinos alemães com poucas falhas e com pouco atraso. A partir de então, os comboios transatlânticos podiam ser desviados da rota dos submarinos. Em maio, tinham sido afundados mais de noventa navios mercantes, mas em agosto o número caiu para menos de trinta embarcações.

Em 2 de agosto, Churchill perguntou a Auchinleck, que tinha sido convocado a Chequers, se a próxima ofensiva no Oriente Médio podia ser executada em setembro ou outubro. Quando Auchinleck explicou que suas forças teriam a necessária superioridade de dois para um em novembro, Churchill acedeu ao julgamento de seu comandante. Em 3 de agosto, Churchill saiu de Chequers para sua primeira viagem ao estrangeiro desde a queda da França, que acontecera mais de um ano antes. Foi para Thurso,

na Escócia, a bordo do *Prince of Wales*. “Hoje faz 27 anos desde que os hunos iniciaram sua última guerra”, telegrafou a Roosevelt a bordo do navio em 4 de agosto: “Dessa vez temos de fazer um bom trabalho.”

O destino de Churchill era a Terra Nova, com o propósito de encontrar-se com Roosevelt. Em 7 de agosto, Clementine escreveu ao marido enquanto ele estava a bordo: “Espero, meu querido, que essa importantíssima viagem, além de ser um impulso para a determinação da América, sirva para que você se revigore e descanse.” Dois dias depois, ao chegar a Placentia, Churchill deixou o *Prince of Wales* para se encontrar com Roosevelt a bordo do cruzador pesado *Augusta*. No dia seguinte, Roosevelt assistiu ao serviço religioso a bordo do *Prince of Wales*; Churchill tinha escolhido os cânticos. Nessa tarde, houve uma breve expedição à terra para os britânicos, anotou o coronel Jacob em seu diário: “Escalamos algumas rochas; o primeiro-ministro parecia um menino dando pontapés em pedregulhos pela falésia abaixo.” Em 11 de agosto, iniciaram-se três séries de conversações entre os diplomatas presentes, entre os chefes de Estado-Maior e entre o presidente e o primeiro-ministro.

Os Estados Unidos assumiram cinco compromissos: ajudariam a Rússia “numa escala gigantesca”, coordenando essa ajuda com a Grã-Bretanha; dedicariam um número consideravelmente maior de navios mercantes para o transporte de bombardeiros e tanques pelo Atlântico para a Grã-Bretanha; providenciariam uma escolta de cinco contratorpedeiros por cada comboio no Atlântico norte para a Grã-Bretanha, juntamente com um cruzador ou outro navio importante; entregariam bombardeiros tanto na Grã-Bretanha quanto na África Ocidental, utilizando pilotos americanos, muitos dos quais ficariam no local estacionados para darem treinamento militar; e controlariam todas as tarefas de patrulhamento naval até a Islândia. Foram concluídos também dois importantes acordos anglo-americanos, decidindo que ambos os países “respeitariam os direitos de todos os povos de escolherem a forma de governo sob que quisessem viver” — o documento que selou esse compromisso tornou-se conhecido como Carta do Atlântico — e seria pedido ao Japão que retirasse suas tropas da Indochina Francesa e que não fizesse nenhuma outra invasão no sudoeste do Pacífico.

Churchill tinha preparado um aviso especial para ser enviado ao Japão, caso insistisse nos abusos: “O governo dos Estados Unidos será compelido a tomar contramedidas, mesmo que isso conduza à guerra entre os Estados Unidos e o Japão.” Na baía de Placentia, Roosevelt concordou com a ideia, mas decidiu contra qualquer ameaça de guerra em seu regresso a Washington.

A equipe britânica ficou de certo modo desapontada com os resultados das conversações. Uma “revelação muito perturbadora”, disseram a Churchill, foi a redução da entrega de bombardeiros pesados à Grã-Bretanha, devido à escassez e a dificuldades de produção. Além disso, um dos membros militares do pessoal de Churchill, o coronel Jacob, escreveu em seu diário que nenhum oficial do exército americano tinha mostrado “a menor inclinação para entrar na guerra ao nosso lado”. Contudo, os oficiais navais americanos que estavam presentes “não tinham cancelado seu desejo de entrarem na guerra”, disse Churchill ao Gabinete de Guerra quando regressou. Mais importante ainda, disse ele, “estabeleci relações pessoais calorosas e profundas com nosso grande amigo”. Esse amigo tinha ido tão longe a ponto de dizer a Churchill que todos os navios americanos de escolta dos comboios tinham ordens para atacar qualquer submarino alemão, mesmo que fosse “a trezentos ou quinhentos quilômetros do comboio”. Roosevelt tinha “deixado claro”, acrescentou Churchill, “que procuraria um ‘incidente’ que justificasse uma abertura de hostilidades”.

Enquanto Churchill atravessava o Atlântico para se encontrar com Roosevelt, Hitler estava em Borisov, a meio caminho entre seu quartel-general na Prússia Oriental e Moscou, para inspecionar suas vitoriosas tropas. Havia dúvidas sobre se a Rússia poderia ser derrotada enquanto os Estados Unidos ainda fossem neutros. Em 25 de agosto, segundo as minutas do Gabinete de Guerra, Churchill estava

receoso:

Ele por vezes se pergunta se o presidente entende o risco que os Estados Unidos correm mantendo-se fora da guerra. Se a Alemanha tomasse a Rússia, e os Estados Unidos continuassem a decidir não entrar na guerra, haveria o enorme perigo de a guerra se voltar contra nós. Ainda que não tenhamos qualquer dúvida de que devemos prosseguir, é uma coisa bem diferente de impormos nossa vontade à Alemanha nazista.

Ao regressar da baía de Placentia, Roosevelt apressou-se para garantir ao povo americano que os Estados Unidos não estavam mais próximos da guerra do que antes. “Devo dizer-lhe que houve uma onda de depressão no Gabinete e em outros círculos bem informados acerca das muitas garantias que o Presidente deu sobre não haver compromissos e não estarem próximos da guerra etc.”, telegrafou Churchill a Hopkins. A Randolph, que ainda estava no Cairo, Churchill escreveu em 29 de agosto: “Ficamos perplexos sem saber como será possível sair do impasse e como os Estados Unidos poderão corajosa e honradamente entrar na guerra.” Sem uma declaração de guerra por parte dos americanos, disse Churchill aos seus convidados em Chequers em 30 de agosto, “ainda que não possamos ser derrotados agora, a guerra pode arrastar-se por mais quatro ou cinco anos, e a civilização e a cultura serão apagadas da memória”. Se a América entrasse na guerra, o conflito poderia terminar em 1943. Mesmo entrando na guerra em março, já seria tarde demais.

No final de agosto, para garantir uma rota segura pela qual os fornecimentos americanos pudessem chegar rapidamente à Rússia, forças britânicas e soviéticas entraram na Pérsia. A Rússia ocupou a metade norte do país, incluindo a capital, Teerã, e os britânicos, a metade sul, incluindo os campos petrolíferos que Churchill tinha conseguido para a Grã-Bretanha em 1914. Mas o domínio dessa rota de abastecimentos chegara tarde demais? Em 1º de setembro, as tropas alemãs estavam a menos de 320 quilômetros de Moscou. Numa mensagem para Stálin em 6 de setembro, Churchill prometeu enviar, da própria produção britânica, metade dos aviões e tanques que a Rússia tinha pedido. Tentaria que a outra metade fosse fornecida pelos Estados Unidos. Entretanto, “continuaremos a castigar a Alemanha pelo ar, com crescente severidade, e a manter os mares abertos e nossas vidas intactas”.

Uma frase no telegrama de Churchill para Stálin parece ter sido apenas um desejo ou uma tentativa de elevar o moral. A informação “que tenho”, disse ele, “dá-me a impressão de que o ápice da violência da invasão alemã já passou e que o inverno dará aos seus heroicos exércitos um momento para respirar”. Churchill acrescentava que isso “era uma opinião pessoal”, mas não era, devendo-se a um cuidadoso estudo das decifrações das mensagens alemãs transmitidas por rádio entre Berlim e a Frente Oriental, que mostravam que a Força Aérea alemã estava sofrendo com dificuldades consideráveis de abastecimento e manutenção. Essas decifrações confirmaram também outras informações que indicavam que a Alemanha estava muito preocupada com a continuação da resistência russa e que não haveria vitória antes do inverno.

Em 6 de setembro, tendo enviado o telegrama a Stálin, Churchill visitou Bletchley, onde disse ao pessoal que ali trabalhava quão valiosos eram para o esforço de guerra. Quando soube, seis semanas depois, que uma escassez de datilógrafas estava atrasando o trabalho, fez uma minuta: “Certifique-se, como extrema prioridade, de que eles tenham tudo o que quiserem e informe-me de que isso foi feito.” Churchill chamava o pessoal de Bletchley de “a galinha dos ovos de ouro que nunca cacarejou”. Em suas mensagens para Roosevelt e outros, referia-se às dezenas de milhares de mensagens decifradas como seu

“Bonifácio”, dando-lhe o nome de um suposto agente britânico em campo.

Percebendo por intermédio de sua fonte mais secreta que os alemães estavam menos certos de que derrotariam a Rússia antes do ataque de inverno, quando as condições piorariam consideravelmente, Churchill esforçou-se para dar à Rússia a máxima ajuda possível no mais curto intervalo de tempo. Com início em 20 de setembro, foi enviada à Rússia a totalidade da produção britânica de tanques para a semana seguinte. No dia seguinte, Churchill soube, por intermédio de Roosevelt, que os Estados Unidos enviariam à Grã-Bretanha pelo menos seiscentos tanques nos próximos nove meses. “Seu encorajador telegrama acerca dos tanques chegou quando já estávamos preocupados sobre os tanques que tínhamos fornecido à Rússia”, respondeu Churchill no dia seguinte. “As perspectivas sobre quase duplicar os números anteriores encorajaram a todos nós.”

Se a Alemanha não pudesse derrotar a Rússia antes do inverno, a tão temida invasão alemã à Grã-Bretanha seria impossível durante esse ano. Três semanas tinham passado desde o prazo limite de 1º de setembro para o pico dos preparativos britânicos. Churchill oferecia agora, se Stálin quisesse, o envio de uma substancial força militar britânica para o Cáucaso, comandada por Wavell, para ajudar os russos a quebrarem qualquer tentativa germânica de atingir os poços de petróleo do mar Cáspio. Na última semana de outubro, no entanto, as mensagens ultrassecretas alemãs mostraram que não era o Cáucaso, mas sim Moscou, que se tornara o objetivo de inverno dos alemães. Nos quatro dias que se iniciaram em 21 de outubro, Churchill autorizou que fossem enviados nove avisos diferentes a Stálin, baseados em ordens alemãs decifradas e com detalhes precisos sobre a disposição e as intenções alemãs na frente de Moscou. Stálin não tinha outra fonte desses fatos cruciais.

Em 2 de outubro, tendo lido mais mensagens alemãs entregues numa mala fechada, com detalhes sobre a concentração de forças militares e aéreas alemãs na frente de Moscou, Churchill escreveu ao coronel Menzies, chefe dos serviços secretos britânicos: “Você está informando aos russos sobre a concentração? Mostre-me as últimas cinco mensagens que enviou às nossas missões sobre esse assunto.” Em Londres, Clementine preparava-se para lançar um anúncio de ajuda à Rússia que nos doze primeiros dias juntaria muita ajuda médica, incluindo 1 milhão de doses de Fenacetina, o mais eficaz analgésico em uso. Em Moscou, Beaverbrook e Harriman negociam um formidável pacote de ajuda militar, incluindo 1.800 caças britânicos, novecentos caças americanos e novecentos bombardeiros para os próximos nove meses, bem como canhões navais, equipamentos de detecção de submarinos, armas antiaéreas e carros blindados. Mais de um milhão de metros de tecido de fardamento eram fornecidos todos os meses. Para entregar esses fornecimentos à Rússia seria preciso usar não só a rota pérsica quanto a mais rápida e muito mais perigosa rota ártica.

“Pretendemos manter um ciclo contínuo de comboios, com partidas de dez em dez dias”, disse Churchill a Stálin em 4 de outubro. O primeiro desses comboios, com vinte tanques pesados e 193 caças, chegou a Arcangel em 12 de outubro. Oito dias depois, com as tropas alemãs a apenas cem quilômetros de Moscou, foram dadas instruções, com a aprovação de Churchill, para que cada tanque enviado à Rússia fosse fornecido com sobressalentes para três meses, “por maior que seja o sacrifício necessário”.

Para ajudar a Rússia, e para ver as tropas britânicas em ação, Churchill fez pressão para que se realizassem duas operações anfíbias, uma contra a Noruega, o mais rapidamente possível, e outra contra a Sicília, que se seguiria ao esperado sucesso da iminente ofensiva de Auchinleck no Deserto Ocidental, planejado para meados de novembro. Em ambos os casos, os chefes de Estado-Maior vetaram as operações. Em 27 de outubro, quando o plano para a Sicília foi rejeitado, um diplomata, Sir Alexander Cadogan, escreveu em seu diário: “O pobre Winston está muito deprimido.” Quatro dias depois, Churchill escreveu a Randolph: “Os almirantes, os generais e os marechais da Aviação continuam a entoar seu hino de segurança em primeiro lugar.” Quanto a ele: “Tenho de refrear meu natural gênio

belicoso e esperar. Que tédio!”

Em 16 de novembro, na tentativa de encontrar alguém que partilhasse de seu instinto para uma ação ofensiva em sua capacidade máxima, Churchill perguntou ao general Alan Brooke se aceitava suceder a Dill como chefe do Estado-Maior Imperial e representante na Comissão de Chefes de Estado-Maior. Brooke aceitou. Quarenta e cinco anos antes, seu irmão Victor, que tinha morrido em ação em 1914 durante a retirada de Mons, fora um dos amigos mais próximos de Churchill no Exército. Seu irmão Ronald, que morrera prematuramente em 1925, tinha ido com Churchill a Ladysmith na noite em que foi levantado o cerco em 1900. Agora, um terceiro irmão seria companheiro de Churchill, conselheiro e colega durante três anos e meio. Era uma grande responsabilidade, mas era também uma parceria construtiva. “Eu não esperava que ficasse agradecido ou muito entusiasmado com as angustiantes tarefas para que o nomeei”, escreveu Churchill a Brooke em 18 de novembro. “Mas creio que nossa antiga amizade por Ronnie e por Victor, companheiros dos alegres dias de subalternos e de primeiras guerras, é um compromisso pessoal entre nós, a que em breve crescerá a camaradagem na ação em acontecimentos decisivos.”

Nessa mesma manhã, Auchinleck desencadeou uma ofensiva no Deserto Ocidental contra o exército de Rommel. Ao cair da noite, tinha avançado cerca de oitenta quilômetros em direção às tropas britânicas cercadas em Tobruk. As mensagens ultrassecretas de Rommel apontavam uma séria escassez de combustível e tanques; Churchill não só leu essas mensagens, que lhe eram enviadas de Bletchley, como conseguiu resumos para serem enviados diariamente em cifra a Auchinleck. O conhecimento desses fatos permitiu a Auchinleck pressionar a ofensiva mesmo quando seus recursos em tanques se extinguíam perigosamente. No quinto dia da batalha, uma mensagem de rádio alemã ultrassecreta deu detalhes sobre o percurso de dois navios com combustíveis essenciais para aviões das forças alemãs e italianas. Vinte e quatro horas depois, ambos os navios tinham sido afundados e o fornecimento de combustível aos apoios aéreos de Rommel, drasticamente cortado.

Em 29 de novembro, as forças de Auchinleck atingiram Tobruk; o cerco estava terminado. No mesmo dia, na foz do rio Don, as forças russas obrigaram os alemães a recuarem ao longo da costa norte do mar de Azov. Os alemães não conseguiriam chegar ao Cáucaso nesse inverno, pois a frente russa do sul tinha aguentado. No dia seguinte, Churchill completou 67 anos; entre mais de cem telegramas e cartas de que teve conhecimento, havia uma mensagem de Stálin. Quatro dias depois, quando a frente no Deserto Ocidental começava a estabilizar, Churchill propôs enviar três divisões, num total de 12 mil homens, à frente russa do sul, “onde quer que possam estacionar”, desde que Stálin prefira tropas a abastecimentos. A Comissão de Defesa, no entanto, relutou em retirar tropas do Deserto Ocidental, preferindo pressionar nesse ponto; Churchill não teve opção senão aceder a essa opinião coletiva. “A única coisa que importa é acabar com Rommel & Cia”, telegrafou a Auchinleck em 4 de dezembro.

Nessa semana, duas perdas navais no Mediterrâneo causaram grande desânimo em Churchill: o afundamento do *Barham*, com a perda de mais de quinhentos homens, e o afundamento do *Neptune*, com apenas um sobrevivente entre setecentos tripulantes. A perda do *Neptune* foi particularmente cruel; tinha sido atingido por uma mina no exato momento em que, como resultado da decifração de uma mensagem na cifra Enigma, estava prestes a interceptar um importante comboio de abastecimentos para Rommel. Com esses abastecimentos, Rommel conseguiu afastar a perspectiva de nova retirada. Em 5 de dezembro, no entanto, Churchill soube, por intermédio de outra mensagem decifrada, que um corpo da aviação alemã tinha recebido ordens para se deslocar da Rússia para o Mediterrâneo, dando a Rommel o apoio aéreo suplementar que ele tinha exigido com tanta firmeza. Dessa forma, a batalha britânica no Deserto Ocidental estava obrigando os alemães a retirarem unidades essenciais da Frente Oriental. Essas encorajadoras notícias foram ofuscadas por uma avalanche de especulações sobre planos militares

japoneses para uma ação no Extremo Oriente. Os territórios britânicos, holandeses e siameses estavam ao alcance das forças navais e aéreas do Japão. Churchill tinha implorado a Roosevelt, em 30 de novembro, que “evitasse um triste prolongamento da guerra”, avisando aos japoneses que qualquer agressão a territórios britânicos, holandeses ou siameses levaria a América a uma declaração de guerra. Em resposta, Roosevelt explicou que por razões constitucionais não podia dar garantias a outros Estados, mas pressionou Churchill a dar uma garantia britânica ao Sião. Tal garantia seria “inteiramente apoiada pelos Estados Unidos”, disse ele, mas sem explicar que apoio daria. A política britânica “não é executar ações antecipando-se aos Estados Unidos”, disse Churchill ao Gabinete de Guerra em 2 de dezembro.

Não foi feita nenhuma declaração de apoio ao Sião, tanto em Londres quanto em Washington. Porém, na manhã de 7 de dezembro, domingo, quando estava em Chequers, Churchill concordou em que, se uma força de invasão japonesa se aproximasse do Sião, como parecia provável, as unidades navais e aéreas britânicas atacariam as tropas japonesas transportadas. Ainda nessa manhã, ele soube que Roosevelt pretendia anunciar dentro de três dias, em 10 de dezembro, que os Estados Unidos veriam uma invasão japonesa a territórios britânicos, holandeses ou siameses como um ato irrevogavelmente hostil para com a América. “Isso é um enorme alívio, pois sempre receei entrar em guerra com o Japão, sem os Estados Unidos ou antes deles”, telegrafou Churchill a Auchinleck imediatamente.

O Gabinete de Guerra britânico tinha tomado conhecimento seis semanas antes que seria a forte esquadra americana no Havaí que “dissuadiria” os japoneses de “empreenderem uma ação de envergadura” no golfo de Sião. Mesmo assim, com substanciais forças japonesas claramente em movimento, Churchill telegrafou pouco antes do meio-dia para o primeiro-ministro do Sião: “Há a possibilidade de uma invasão japonesa ao seu país. Se for atacado, defenda-se. A preservação da independência total e da soberania do Sião é do interesse britânico e consideraremos um ataque ao Sião como um ataque a nós mesmos.”

Em Chequers, nessa noite, os convidados de Churchill eram Averell Harriman e Gilbert Winant, embaixador americano na Inglaterra. Enquanto jantavam, aviões japoneses atacaram a esquadra americana ancorada em Pearl Harbour. Durante uma hora e meia, os atacantes sobrevoaram as docas, soltando bombas e torpedos, destruindo quatro navios de guerra e matando 2 mil americanos. Às 21h, horário de Londres, Churchill ligou um pequeno aparelho de rádio para saber as notícias, que começaram com referências às frentes russa e líbia, seguidas por algumas frases “relativas ao ataque feito por japoneses a navios americanos no Havaí e também a ataques a navios britânicos nas Índias orientais holandesas”, recordou ele mais tarde.

Foi feita uma ligação telefônica direta para Roosevelt:

— Sr. presidente, as notícias sobre o ataque japonês são verdadeiras? — perguntou Churchill.

— Sim — respondeu Roosevelt. — Atacaram-nos em Pearl Harbour. Agora estamos no mesmo barco.

Pouco depois, chegaram a Chequers, vindas do Almirantado, notícias de que forças japonesas estavam tentando desembarcar na Malásia. A Inglaterra e os Estados Unidos tinham sido atacados pelo mesmo inimigo e ao mesmo tempo. As Índias orientais holandesas e o Sião também foram invadidos nesse dia. “O inimigo atacou com uma audácia que pode resultar de imprudência, mas que também pode resultar de uma convicção de força”, disse Churchill na Câmara dos Comuns em 8 de dezembro. Ainda nesse dia, o Congresso dos Estados Unidos votou a declaração de guerra ao Japão: “Estamos todos no mesmo barco, com vocês e com o povo do império, e esse é um barco que não pode nem ser afundado”, telegrafou Roosevelt a Churchill, mal soube o resultado da votação.

Com receio de que as exigências do conflito no Pacífico levassem a uma diminuição da ajuda americana à Grã-Bretanha e da participação cada vez maior da América nos comboios no Atlântico,

Churchill fez planos, em 8 de dezembro, para se deslocar aos Estados Unidos dentro de dois dias. Ele disse ao rei que a Inglaterra deveria ter cuidado “para que as munições e outras ajudas que recebemos dos Estados Unidos não sofram mais do que aquilo que receio ser inevitável”. Porém, Roosevelt não poderia recebê-lo durante pelo menos um mês, e a visita foi adiada. Desapontado, Churchill disse a Roosevelt: “Nunca me senti tão seguro quanto à vitória final, mas só conseguiremos agindo juntos.”

Com a destruição de tantos navios de guerra americanos em Pearl Harbour, a preponderância naval anglo-americana no Extremo Oriente se desvanecera. Mesmo com a recente chegada de dois navios de guerra britânicos a Cingapura, o *Prince of Wales* e o *Repulse*, enviados por Churchill antes do ataque a Pearl Harbour na esperança de dissuadir os japoneses de uma aventura para sul, o equilíbrio do poder naval se alterara de uma superioridade anglo-americana de onze para dez para uma inferioridade de quatro para dez. Na noite de 9 de dezembro, Churchill e seus conselheiros discutiram o que deveriam fazer os dois navios de guerra britânicos, agora uma parte substancial da força naval aliada. Churchill fez duas sugestões: “desaparecerem no oceano e exercerem uma vaga ameaça”, comportando-se como “elefantes separados da manada” ou atravessarem o Pacífico e juntarem-se ao que resta da esquadra americana em Pearl Harbour.

Não se chegou a uma conclusão definitiva, optando-se por “reconsiderar o problema à luz da manhã”. No dia seguinte, no entanto, os próprios navios tinham tomado uma decisão, decidindo interceptar uma força japonesa que, segundo uma informação, preparava-se para desembarcar na costa da Malásia. A informação era falsa, conduzindo os dois navios à rota de aviões torpedeiros japoneses que regressavam de um ataque ao porto de Cingapura. Em Londres, ainda na manhã de 10 de dezembro, Churchill trabalhava em documentos oficiais deitado na cama quando o telefone tocou em sua mesa de cabeceira. Era Dudley Pound. Churchill recordou a conversa mais tarde:

Sua voz estava estranha. Pigarreou e engoliu em seco; a princípio, nem o consegui ouvir claramente: “Senhor primeiro-ministro, tenho de informá-lo que o *Prince of Wales* e o *Repulse* foram afundados pelos japoneses; pensa-se que por aviões. Tom Phillips se afogou.” “Tem certeza de que é verdade?” “Não há qualquer dúvida.” Desliguei o telefone. Felizmente estava sozinho. Durante toda a guerra eu nunca havia recebido tamanho choque diretamente.

Churchill não estava sozinho. Kathleen Hill estava no quarto quando chegou o telefonema de Pound. “Sentei-me no canto do quarto, em silêncio e com discrição”, recordou ela mais tarde. “Quando ele estava preocupado, eu tentava tornar-me invisível. Quando os dois navios se perderam, eu estava lá. Foi um momento terrível. ‘Pobre Tom Phillips’, disse ele.”

A perda do *Prince of Wales* e do *Repulse* foi um golpe severo para a Grã-Bretanha; seiscentos oficiais e marinheiros haviam sido afogados, e as águas do Extremo Oriente estavam abertas a uma superioridade naval dos japoneses ainda maior do que antes. Contudo, o impacto da notícia foi aliviado no dia seguinte, quando, sem qualquer provocação, primeiro a Itália e depois a Alemanha declararam guerra aos Estados Unidos. Roosevelt, absorvido pela guerra no Pacífico, não tinha planos para declarar guerra a Hitler nem o fez nos quatro dias que se seguiram a Pearl Harbour, mas o próprio Hitler conduziu a Alemanha a um estado de guerra com os Estados Unidos. A Grã-Bretanha já não precisava recear que o grosso do esforço de guerra americano se dirigisse contra o Japão, deixando muito menos material disponível para a Grã-Bretanha.

Subitamente, como resultado da arrogante declaração de Hitler, a América tornou-se um beligerante

européu depois de mais de dois anos de neutralidade. “Estou profundamente aliviado com a mudança nos acontecimentos mundiais”, telegrafou Churchill a Roosevelt em 11 de dezembro. A Eden, que estava a caminho de Moscou, Churchill disse no mesmo dia: “A participação dos Estados Unidos trará compensações a todos, e, com tempo e com paciência, a vitória será certa.”

Com a América em guerra com a Alemanha e com a Itália, Roosevelt concordou em receber Churchill assim que possível; na noite de 12 de dezembro, Churchill viajou de trem até o Clyde, onde embarcou no navio *Duke of York* para atravessar o Atlântico. A bordo, no meio de violentas ventanias, era informado todos os dias sobre o sucesso dos contra-ataques dos russos perto de Leningrado, de Moscou e do mar de Azov. “É impossível descrever o alívio com que ouvi, dia após dia, notícias sobre as maravilhosas vitórias na frente russa”, telegrafou a Stálin em 15 de dezembro. “Nunca me senti tão seguro com o resultado da guerra.” Parte do alívio de Churchill consistia na convicção de que Hitler estava tão ocupado na Rússia, com seus exércitos tão longe e em meio a terríveis condições de inverno, sofrendo tantas baixas, que quaisquer planos para invadir a Inglaterra em 1942 teriam sido suspensos.

Durante a tempestuosa viagem de Churchill para oeste, forças japonesas atacaram Hong Kong. “Sofreremos duramente nessa guerra com o Japão”, escreveu ele a Clementine em 21 de dezembro. “E não adianta os críticos perguntarem por que não estamos preparados quando tudo o que temos já está sendo utilizado. A entrada dos Estados Unidos na guerra supera em muito todas as perdas que sofremos no Oriente. No entanto, é muito difícil suportar essas perdas e será muito difícil repará-las.” Aos chefes de Estado-Maior, que estavam a bordo com ele, Churchill comentou com amargura que era mais provável que os americanos desembarcassem na Europa em 1944 do que em 1943. “Atualmente, a probabilidade é de dez para um. Portanto, não há necessidade, na atual circunstância, de reechar qualquer excesso de ação aventureira em 1943.” Quanto aos bombardeios noturnos, método que os chefes de Estado-Maior preferiam para derrotar a Alemanha, do ponto de vista de Churchill não seriam decisivos por si sós: “A força dos acontecimentos obrigará a uma estratégia muito mais complexa”, disse ele.

Em 22 de dezembro, depois de dez dias a bordo do navio, Churchill chegou a Hampton Roads e foi para Washington. “O presidente estava à espera em seu carro”, recordou ele mais tarde. “Apertei sua forte mão com consolo e prazer.” Durante três semanas, Churchill seria hóspede de Roosevelt na Casa Branca. As negociações começaram no primeiro dia, quando concordaram em fazer um desembarque conjunto no norte da África francês, “com ou sem convite” de Vichy. No mesmo dia, os chefes de Estado-Maior britânicos e seus homólogos americanos concordaram, como resultado da considerável persuasão de Pound, Brooke e Portal, e para grande alívio de Churchill, que o teatro de operações atlântico-europeu era agora decisivo, que “a Alemanha ainda era a chave da vitória”, como tinha sido descrito durante as conversações de estados-maiores americano-britânicas em fevereiro de 1941, e que a derrota germânica deveria preceder a derrota do Japão.

Também em 22 de dezembro, enquanto Churchill e Roosevelt negociavam, forças japonesas desembarcaram nas Filipinas, empurrando as defesas americanas à sua frente. Três dias mais tarde, depois de um cerco de dezessete dias, os defensores britânicos, canadenses e indianos de Hong Kong renderam-se aos japoneses. Entretanto, em Washington, Churchill e Roosevelt continuavam a planejar sua estratégia conjunta de guerra, decidindo que os bombardeiros americanos atuariam contra a Alemanha a partir de bases no Reino Unido, que tropas americanas ficariam baseadas na Irlanda do Norte, libertando as tropas britânicas ali estacionadas para servirem no Oriente Médio, que as tropas americanas seriam deslocadas para Cingapura se as Filipinas caíssem, e, por fim, que seriam enviadas forças americanas substanciais para a defesa da Austrália. Em 26 de dezembro, depois de acordos sobre essas decisões, Churchill falou a ambas as câmaras do Congresso. “Não consigo deixar de pensar que se meu pai fosse americano e minha mãe britânica, em vez de ser o contrário, eu poderia estar aqui por direito. Se fosse

assim, essa não seria a primeira vez que ouviriam a minha voz”, disse ele.

Nessa tarde, Churchill e Roosevelt discutiram as necessidades de abastecimento criadas por suas decisões. À noite, Churchill disse aos chefes de Estado-Maior britânicos que estava considerando a possibilidade de um acordo para que a direção geral da guerra no Pacífico competisse a Washington e as operações no Atlântico, na Europa e no norte da África, a Londres. Nessa noite, quando estava na cama, o quarto estava tão quente que decidiu abrir a janela. “Estava muito tenso”, disse ele ao médico, Charles Wilson, na manhã seguinte. “Tive de usar uma força considerável e, de repente, notei que tinha dificuldade para respirar. Senti uma forte dor no coração. Deixei de sentir meu braço esquerdo.”

Churchill tinha sofrido um pequeno ataque cardíaco. O tratamento recomendado “é pelo menos seis semanas de cama”, escreveu Wilson, mais tarde lorde Morara, em seu diário. “Isso significaria anunciar ao mundo, e os jornais americanos logo descobririam, que o primeiro-ministro era um inválido, com um coração doente e um futuro duvidoso.” Por isso, o médico decidiu não dizer a ninguém, nem sequer ao doente. “Sua circulação está um pouco preguiçosa”, foi tudo o que disse. “Não é nada grave. Não precisa descansar no sentido de ficar deitado, mas não deve fazer mais esforços do que é razoável durante algum tempo.”

As negociações continuaram. Na manhã de 27 de dezembro, Churchill discutiu com o general Marshall, chefe do Estado-Maior dos Estados Unidos, sobre a questão do Supremo Comando Aliado no Extremo Oriente. Marshall aprovou Wavell. Nessa noite, Churchill discutiu o mesmo problema com seus próprios chefes de Estado-Maior e concordou-se em que o lugar deveria ser dado a Wavell, com um adjunto americano. A ação americana foi “tolerante e altruísta”, telegrafou Churchill ao seu Gabinete de Guerra. Porém, um membro da equipe de negociações de Churchill disse em privado que por vezes os americanos tinham sido “muito amargos, acusando os britânicos quando as coisas corriam mal”.

Apesar de não se sentir bem, Churchill viajou de trem para Ottawa, onde falou no Parlamento canadense em 30 de dezembro. Recordando o comentário de Weygand de que em breve a Grã-Bretanha teria o pescoço torcido como se fosse uma galinha, comentou, por sua vez, para o prazer dos ouvintes: “E que galinha!” Quando as gargalhadas cessaram, acrescentou: “E que pescoço!”

Ao voltar a Washington, Churchill concordou, no dia de Ano-Novo de 1942, com uma declaração preparada por Roosevelt e que seria publicada pelas Nações Unidas, composta pelos 26 Estados que estavam em guerra com a Alemanha ou com o Japão ou sob ocupação da Alemanha ou do Japão, cujo texto expressava sua determinação em garantirem uma vitória completa sobre a Alemanha e sobre o Japão. “A declaração, por si só, não ganharia batalhas, mas mostrava quem éramos e aquilo pelo que lutávamos”, escreveu Churchill mais tarde. No dia seguinte, Churchill e Roosevelt presidiram uma reunião para determinar a escala de produção de guerra dos Estados Unidos em 1942 e 1943. Depois, em 5 de janeiro, Churchill voou para a Flórida, para convalescer à beira-mar numa cabana isolada em Pompano, a norte de Miami. Ao terceiro dia em Pompano, Churchill telegrafou ao Gabinete de Guerra: “Estou descansando alguns dias no sul, a conselho de Charles Wilson, depois de um período muito extenuante.”

Churchill passou cinco dias na Flórida, nadando nas águas quentes do mar e ditando memorandos sobre política de guerra, inclusive sua oposição a um pedido de Stálin para que os Estados bálticos fossem incorporados à União Soviética depois da guerra. Ao regressar a Washington, Roosevelt e ele concordaram que deveriam fornecer, cada um, 90 mil soldados para um desembarque no norte da África francesa e em que, na eventualidade de um avanço japonês para a Austrália, Roosevelt enviaria 50 mil soldados americanos para defesa da Austrália. Os dois líderes concordaram também na formação de uma Comissão Conjunta de Chefes de Estado-Maior, que determinaria o programa geral de necessidades com base numa política estratégica, um Conselho Conjunto de Matérias-Primas para formar um “fundo

comum” de todas as munições disponíveis e um Conselho de Ajuste de Aprovisionamento Anglo-Americano, considerando que seus recursos de fornecimentos eram conjuntos a partir daquele momento.

As negociações terminaram em 12 de janeiro. As últimas palavras de Roosevelt para Churchill foram: “Conte comigo até o fim.” Quando Churchill felicitou o presidente pelos seus sessenta anos duas semanas depois, Roosevelt retribuiu: “É divertido estar na mesma década que você.” Seu aliado Stálin também estava na mesma década e acabara de festejar 62 anos.

Em 14 de janeiro, Churchill foi para Bermudas num hidroavião, num voo de quatro horas a partir de Washington, durante o qual esteve no comando do avião durante vinte minutos. Durante esse tempo, escreveu mais tarde o piloto, “o primeiro-ministro perguntou se podia fazer algumas voltas, o que fez consideravelmente bem”. De Bermudas pretendia seguir por mar, mas, devido à deterioração da situação na Malásia, decidiu-se que continuaria de hidroavião, numa distância de 5 mil quilômetros e com uma duração de pouco menos de dezoito horas. Quando o avião se aproximava de seu destino, verificou-se que estava um pouco fora de rota e encontrava-se a cinco ou seis minutos de tempo de voo das baterias antiaéreas alemãs de Brest. “Vamos voltar imediatamente para norte”, foi dito a Churchill assim que o erro foi descoberto. Quando o avião se aproximava de Plymouth, o radar britânico informou que um “bombardeiro hostil” se aproximava, vindo de Brest. Seis caças receberam ordens de decolar para o abaterem. Com o erro descoberto a tempo, Churchill regressou à Grã-Bretanha em segurança. Tinha estado fora mais de um mês.

Dois dias depois de seu regresso, Churchill soube por intermédio de Wavell, pela primeira vez, que não tinha sido construída nenhuma defesa terrestre importante na parte norte da ilha de Cingapura. Todas as defesas principais tinham sido dispostas admitindo que um ataque viria do mar aberto. No entanto, os japoneses avançavam por terra, aproximando-se da ilha pelo norte. Ainda assim, Churchill estava determinado a que houvesse uma vigorosa defesa e disse aos chefes de Estado-Maior em 19 de janeiro que toda a população masculina deveria ser utilizada na construção de aterros que pudessem ser fortificados. A cidade de Cingapura deveria ser convertida numa cidadela “e defendida até a morte”. Não haveria rendição. “Comandantes, Estados-Maiores e oficiais superiores devem morrer em seus postos.”

No entanto, Wavell já não estava sob comando britânico. Como resultado dos acordos de Washington, ficava sob o comando dos Estados Unidos. Churchill podia apenas enviar “sugestões”, como explicou a Wavell num telegrama em 20 de janeiro, acrescentando: “Quero que fique absolutamente claro que espero que cada centímetro de terra seja defendido, cada pedaço de material ou defesas totalmente destruídos para evitar que sejam capturados pelo inimigo e nem pensar em rendição a não ser depois de uma luta prolongada nas ruínas da cidade de Cingapura.”

Em 27 de janeiro, na Câmara dos Comuns, Churchill pediu um voto de confiança “porque”, disse ele, “as coisas estão mal e vão piorar”. O debate durou três dias; no terceiro dia, disse à Câmara: “Nunca mitiguei o sentimento de perigo e as iminentes calamidades — de pouca ou de muita importância — que ainda nos ameaçam, mas ao mesmo tempo declaro minha confiança, que nunca foi mais forte do que agora, de que conduziremos esse conflito a um fim de modo favorável aos interesses de nosso país e de modo favorável ao futuro do mundo.” O voto de confiança ao governo de Churchill venceu por 464 votos contra 1. Enquanto decorria a votação, foi anunciado que os japoneses estavam a 25 quilômetros de Cingapura.

Quatro dias depois desse discurso de Churchill, quando disse que o pior ainda estava por vir, o comando de submarinos alemão, como parte de um esforço interno de segurança, alterou sua cifra Enigma de tal modo que as mensagens enviadas não puderam ser lidas pelos serviços de informações britânicos e continuariam a ser ilegíveis durante o resto do ano. Quando ele soube, no mesmo momento da angústia sobre Cingapura, da perda desse precioso trunfo dos serviços secretos, partilhou a deprimente notícia

com um número muito restrito de colegas, pois menos de 25 homens, entre todos que trabalhavam em Whitehall, tinham conhecimento da cifra Enigma. O que nem Churchill nem eles sabiam, era que, para agravar o perigo, os serviços navais de informações alemães tinham descoberto os códigos britânicos de envio de ordens aos comboios no Atlântico norte. A batalha do Atlântico, que no outono anterior parecia ganha pela Grã-Bretanha, apesar das perdas e das privações iniciais, era novamente fonte de ansiedade e de perigo.

Em 5 de fevereiro, quando as forças japonesas se aproximavam de Cingapura, a capacidade de resistência da Birmânia foi posta em dúvida. Na tentativa de conseguir novos aliados e compromissos, Churchill propôs ir imediatamente à Índia para encontrar-se com o líder nacionalista chinês Chiang Kai-shek e tentar conseguir uma estratégia anglo-chinesa para a fronteira norte da Birmânia e para oferecer à Índia uma assembleia para discutir uma nova constituição, com vista a uma total independência após a guerra. “Que bela decisão e como ele foi corajoso!”, escreveu o secretário privado de Eden, Oliver Harvey. O episódio ocorrido em Washington tinha levado o médico de Churchill a desaconselhar tal viagem. “E quanto ao coração, não há dúvida de que ele tem o coração que é necessário para ir”, completou Eden a Harvey. No entanto, não o coração, mas a convicção de que deveria estar na Inglaterra quando Cingapura caísse, persuadiu Churchill a não fazer a viagem.

Na manhã de 14 de fevereiro, Wavell informou a Churchill que, segundo a opinião de seu comandante, general Percival, as tropas em Cingapura eram “incapazes de qualquer contra-ataque”. Imediatamente, Churchill deu autoridade a Wavell para dar instruções de rendição a Percival, o que aconteceu no dia seguinte. Entre aqueles que foram feitos prisioneiros dos japoneses, havia 16 mil britânicos, 14 mil australianos e 32 mil indianos. “Chegou o momento de demonstrar a calma e a compostura, junto com a resoluta determinação, que há pouco tempo retirou-nos das mandíbulas da morte”, disse Churchill naquela noite numa emissão radiofônica feita a partir de Chequers.

Temos uma nova razão para mostrar — como já fizemos tantas vezes ao longo de nossa história — que podemos encarar as adversidades com dignidade e com renovados acessos de firmeza. Precisamos saber que já não estamos sozinhos. Três quartos da população mundial acompanham-nos. Todo o futuro da humanidade pode depender de nossas ações e de nossa conduta. Até agora não falhamos. Não é agora que falharemos. Vamos a caminho da tempestade — e atravessando a tempestade.

Colville, que estava então na África do Sul, servindo pela Força Aérea, comentou: “Toda a majestade de sua oratória estava lá, mas também uma nova nota de entusiasmo quando falta confiança.” Harold Nicolson escreveu: “Sua emissão não agradou. O país está nervoso e irritável demais para ser enganado com frases bonitas. Mas o que mais se podia fazer?” O que Churchill não podia dizer era que Wavell informara que entre as tropas que lutavam não só na Malásia como também na Birmânia “nem os ingleses, nem os australianos nem os indianos demonstram verdadeira dureza de espírito e corpo”. Isso perturbou Churchill imensamente, mas a informação nunca poderia sair de seu círculo mais secreto, bem como as notícias sobre a perda das mensagens entre submarinos alemães.

Apesar do sucesso de Churchill no voto de confiança, cresciam as críticas públicas contra a direção interna da guerra. Para o rei, Churchill comparava sua tarefa a “caçar um tigre usando vespas zangadas”. Precisava lidar sozinho com as verdadeiras preocupações. “Ele disse que estava cansado de tudo isso e deu a entender que considerava seriamente a possibilidade de colocar suas responsabilidades em outros

ombros”, observou o capitão Richard Pim, chefe da sala de mapas de Churchill, em 18 de fevereiro. No dia seguinte, Churchill nomeou Attlee para primeiro-ministro adjunto. Em 24 de fevereiro, na Câmara dos Comuns, respondeu àqueles que exigiam que se demitisse de seu posto de ministro da Defesa: “Por mais tentador que seja para alguns, quando se perfila um grande perigo, afastar-se astutamente e ser substituído por alguém que arque com os golpes pesados e repetidos que se aproximam, não pretendo adotar atitude tão covarde.” Duas semanas depois, Clementine escreveu ao primo de Churchill, Oswald Frewen: “Ele é corajoso. Os ataques, por si só, não o destroem, mas combinados com a dor e a tragédia de Cingapura, espero que não quebrem seu teimoso coração.”

Para o público, a capacidade de luta de Churchill tinha ressurgido, mas sua família percebia seu desconsolo interior. “Papai está muito deprimido”, escreveu Mary em seu diário em 27 de fevereiro. “Não está muito bem fisicamente e está desgastado pela contínua pressão dos acontecimentos.” Não houve muito consolo nesse dia quando um bem-sucedido ataque de comandos britânicos a uma estação de radar alemã na costa do canal revelou, em resultado da captura de componentes de radar, que em alguns aspectos o sistema de radar alemão estava mais avançado do que o sistema inglês. O público britânico se rejubilou com o sucesso do ataque; Churchill conhecia o lado sombrio e sabia sobre muitos perigos de que o público sequer suspeitava.

Em 28 de fevereiro, forças japonesas invadiram Java. As perdas britânicas foram pesadas na batalha naval que se seguiu. “Estes são, como diz, dias de angústia para Winston, tão cheio de força e, no entanto, tão impotente para enfrentar a terrível maré no Extremo Oriente”, escreveu Clementine a um primo nesse dia. Mary anotou em seu diário que o pai estava “entristecido, aparentemente pelos acontecimentos” e “desesperadamente sobrecarregado”. Já haviam passado quase três meses depois do episódio de Pearl Harbour. “Quando penso no quanto rezei para que os Estados Unidos entrassem na guerra...”, telegrafou Churchill a Roosevelt em 5 de março. “Ainda acho difícil avaliar quão grave foi a deterioração dos assuntos britânicos desde 7 de dezembro.”

No dia em que Churchill enviou esse telegrama, o mais graduado oficial britânico na Birmânia, general Sir Harold Alexander, que tinha sido responsável pela evacuação de Dunquerque, deu ordens para que Rangum fosse abandonada. Três dias depois, os holandeses renderam-se em Java e mais de 10 mil soldados britânicos e australianos foram feitos prisioneiros. Para tentar inverter os crescentes aspectos negativos da guerra, Churchill pediu ao general Brooke que se tornasse chefe da Comissão de Chefes de Estado-Maior. Nomeou para o cargo de chefe de Operações Conjuntas um oficial naval, lorde Louis Mountbatten, bisneto da rainha Vitória, e filho do príncipe Louis de Battenberg, primeiro-lorde do Mar em 1914. Nessa semana, Churchill também propôs ir a Teerã ou à cidade soviética de Astracã, no mar Cáspio, para conversar com Stálin, com a intenção de completar as negociações para um tratado anglo-soviético. “E isso para um homem atormentado por um coração que pode falhar a qualquer momento”, escreveu Oliver Harvey. “Que coragem e que honradez, mas será a melhor maneira de fazer as coisas?”

A proposta não resultou em nada. Churchill não poderia oferecer aquilo que Stálin tanto queria e pelo que tinha começado a pressionar com vigor: a execução, ainda nesse ano, de um desembarque anfíbio dos Aliados no norte da Europa, fazendo com que as tropas alemãs se retirassem da Frente Oriental rumo a uma segunda frente. De fato, Churchill recebeu em 8 de março uma estimativa para um potencial de desembarque anfíbio americano, enviada por Roosevelt, em que o presidente mencionava junho de 1944 como a data em que a “capacidade de transporte de tropas” dos navios dos Estados Unidos atingiria os 400 mil homens necessários. Em junho de 1943, a capacidade seria para apenas 130 mil, insuficiente para um desembarque anfíbio de grande proporção, do tipo requerido no norte da Europa, se então fosse feito um avanço pela própria Alemanha. Para um desembarque em setembro de 1942, como Stálin

desejava, a América podia fornecer apenas 40% do equipamento de desembarque e setecentos dos 5.700 aviões de combate necessários. Não é estranho que, um mês depois, Clementine tenha descrito seu marido como “carregando não só o fardo de seu próprio país, mas uma América despreparada”.

A falta de preparação americana era um fator decisivo, como o próprio Roosevelt deixara claro, para a incapacidade aliada de montar um ataque anfíbio contra o norte da Europa em 1942. Por enquanto, o bombardeio de cidades e indústrias alemãs continuaria a ser a principal ação ofensiva a partir do Ocidente. “Não é decisivo, mas é melhor do que não fazer nada, e é sem dúvida uma formidável maneira de castigar o inimigo”, disse Churchill a Portal em 13 de março. As decifrações de mensagens da cifra Enigma começavam a dar pormenores sobre uma nova ofensiva germânica contra a Rússia, planejada para o verão. Churchill propôs imediatamente “retirar o peso da Rússia” por meio da maior ofensiva aérea possível contra a Alemanha. Os chefes de Estado-Maior concordaram, mas rejeitaram o pedido de Churchill para que fosse enviado à Rússia um contingente aéreo britânico para lutar “lado a lado” com a Força Aérea soviética quando começasse o ataque alemão. Não podiam ser retirados aviões de caça do Oriente Médio na eventualidade de uma ofensiva germânica, explicou Brooke.

A queda de Cingapura foi uma causa de preocupação para Churchill; num discurso em 26 de março, o chamou de “o maior desastre das armas britânicas de que temos memória em nossa história”. Contudo, o ritmo do avanço e o poder aéreo japonês eram fortes demais para serem interrompidos. Em 3 de abril, a cidade de Mandalai, na Birmânia, foi bombardeada, matando 2 mil civis. Em 4 de abril, num ataque japonês ao Ceilão, foram afundados quatro navios de guerra britânicos e afogaram-se quinhentos homens. Em 6 de abril, forças japonesas desembarcaram nas ilhas Salomão, um dos mandatos australianos no oceano Pacífico. Em resposta a críticas crescentes de que não tinha havido previsão suficiente no planejamento, Churchill disse na Câmara dos Comuns em 13 de abril: “Um imenso volume de discussão e de planejamento precedeu esses lamentáveis incidentes, mas estudos e discussões não são em si suficientes para fazer preparativos contra um ataque por forças superiores do inimigo.” Quatro dias antes, as forças americanas na península de Bataan, nas Filipinas, haviam aceitado a rendição e foram feitos prisioneiros 35 mil soldados americanos; era um desastre à escala de Cingapura. “O melhor que podemos esperar é que a retirada seja tão lenta quanto possível”, disse Churchill numa sessão privada da Câmara dos Comuns em 23 de abril.

Todos os dias chegavam notícias de mais desastres; Churchill, para enfrentá-las, precisava ao menos de uma ou duas horas de solidão. “Fui a Chartwell na semana passada e reparei que a primavera está em toda a sua beleza”, escreveu a Randolph em 2 de maio. “O ganso, que eu chamava de meu ajudante de campo naval, e o cisne macho foram vítimas da raposa, mas o gato amarelo sensibilizou-me por sua continuada amizade, apesar de eu não ter ido lá por oito meses.”

Ao longo de abril, os comboios britânicos enviados para a Rússia tinham sofrido perdas pesadas devido a repetidos ataques de bombardeiros germânicos baseados no norte da Noruega. Num comboio, apenas 8 dos 23 navios enviados chegaram à Rússia. Um foi afundado enquanto os restantes eram obrigados a abandonar a viagem. Em 2 de maio, após Roosevelt pedir um acréscimo do número de comboios para refazer as perdas, Churchill respondeu: “Peço-lhe que não nos pressione para além do que podemos fazer nessa operação, que estudamos muito intensamente, e da qual ainda não pudemos medir toda a extensão.”

“Toda a extensão” estava sendo revelada por todos os lados; na Birmânia, Mandalai rendeu-se em 3 de maio, e todo o rico país, que o pai de Churchill tinha anexado ao império britânico em 1886, caiu sob controle japonês. No Mediterrâneo, Malta estava sob intenso bombardeio. Nas Filipinas, as forças americanas na ilha Corregidor renderam-se em 6 de maio; oitocentos homens foram mortos durante uma defesa tenaz. No dia seguinte, depois de dois dias de batalha, as forças navais e militares britânicas que

tinham desembarcado em Madagascar, controlada por Vichy, para que a ilha não caísse nas mãos dos japoneses, entraram em Diego Suarez, o principal porto, obrigando a guarnição leal a Vichy a render-se. Essas operações, “que não foram isentas de riscos de vários tipos, foram executadas com grande ímpeto e vigor”, disse Churchill na Câmara dos Comuns nesse dia.

Em 15 de maio, ao falar em Leeds, Churchill disse à vasta audiência que o tinha ido ouvir que haviam atingido “um período da guerra em que vemos o cume à nossa frente”. Uma das suas secretárias, Elizabeth Layton, que estava com ele, escreveu no dia seguinte aos pais: “Não há qualquer dúvida de que as pessoas consideram-no, todos o consideram, como *seu* primeiro-ministro.” Ele conquistou as massas, “bem como os intelectuais e a ‘elite’. E ele, sem dúvida, merece. Ele tem tão bom coração que quase podemos dizer que o amamos”.

Nesse verão, Churchill estudou constantemente planos que estavam sendo feitos para um eventual desembarque no norte da Europa, com a finalidade de derrotar a Alemanha em terra. Em 26 de maio, expôs seus pensamentos sobre os cais flutuantes que seriam necessários para descarregar as lanchas para desembarque após a travessia do canal. “Devem flutuar com as subidas e descidas das marés”, escreveu ele. “O problema da ancoragem precisa ser resolvido. Deixem-me ver qual é a melhor solução. Não discutam o assunto. As dificuldades falarão por si próprias.”

A tarefa foi dada aos engenheiros de construção da firma Taylor Woodrow. Dois cais de concreto, cada um com as dimensões do porto de Dover, seriam construídos de tal modo que pudessem ser transportados pelo canal. Contudo, não se poderia considerar nenhum assalto com travessia do canal enquanto o exército alemão não fosse derrotado no norte da África e enquanto a Alemanha tivesse a iniciativa. Na noite em que Churchill escreveu a nota, Rommel desencadeou uma ofensiva contra as forças britânicas no Deserto Ocidental. “Uma retirada seria fatal”, telegrafou Churchill a Auchinleck. “É uma questão não só de armamento, mas de força de vontade. Deus abençoe a todos.”

Enquanto os exércitos de Rommel e de Auchinleck se defrontavam no deserto, bombardeiros britânicos atacavam Colônia em 30 de maio. Foi o primeiro ataque de mil bombardeiros da guerra. Foram infligidos muitos estragos em instalações industriais alemãs, mas foram abatidos 39 bombardeiros. Nessa semana, houve também um fato de impacto ainda maior no desenrolar da guerra: no Pacífico, como resultado de um esforço conjunto anglo-americano na decifração de mensagens ultrassecretas japonesas, transmitidas por rádio, uma frota de invasão japonesa que se dirigia à ilha de Midway, no caminho para Pearl Harbour, foi interceptada em 4 de junho, e todos os quatro porta-aviões foram destruídos. Com tantas zonas de guerra, tantas nações envolvidas e tantos planos de guerra possíveis, Churchill decidiu atravessar o Atlântico para um segundo encontro com Roosevelt.

No Deserto Ocidental, Rommel pressionava a caminho de Tobruk. A guarnição que ali se encontrava deveria conter tantos soldados “quantos fossem necessários para garantir a posse do lugar”, telegrafou Churchill a Auchinleck em 15 de junho. Dois dias depois, deixou Londres num trem para Stranraer, na Escócia, onde embarcou no mesmo hidroavião em que tinha voltado à Inglaterra cinco meses antes.

“O primeiro-ministro está em ótima forma e diverte-se como um menino”, escreveu Brooke em seu diário durante o voo sobre o Atlântico. Depois de 26 horas no ar e uma parada para reabastecimento na Terra Nova, o hidroavião aterrissou na base aeronaval de Anacostia, a menos de cinco quilômetros da Casa Branca. Depois de uma noite na embaixada britânica em Washington, seguiu num avião da Marinha americana para New Hackensack, o campo aéreo mais próximo de Hyde Park, a casa de Roosevelt no rio Hudson. Roosevelt esperava por ele e, escreveu Churchill mais tarde, “viu-nos fazer a aterrissagem mais dura que eu já havia feito”.

Roosevelt levou Churchill para sua propriedade diante do Hudson. “Durante o passeio, tive tempo para pensar”, escreveu Churchill mais tarde.

A enfermidade do sr. Roosevelt impede-o de usar os pés no freio, na embreagem ou no acelerador. Um engenhoso mecanismo permite-lhe fazer tudo com os braços, que são espantosamente fortes e musculosos. Convidou-me a sentir seus bíceps, dizendo que um famoso lutador premiado invejara seus músculos. Isso foi tranquilizador, mas confesso que em várias ocasiões, quando o carro se desequilibrou e resvalou nas bermas cheias de mato dos precipícios à beira do Hudson, desejei que os aparelhos mecânicos e os freios não tivessem nenhum defeito. Falamos sobre negócios o tempo todo, e, embora eu tivesse o cuidado de não desviar sua atenção da condução, fizemos mais progressos do que teríamos feito numa conferência formal.

Durante suas conversas com Roosevelt em Hyde Park em 20 de junho, Churchill sublinhou que “como nenhuma autoridade militar britânica” vê qualquer possibilidade de sucesso num desembarque atravessando o canal em setembro de 1942, a nova zona de guerra nesse outono deveriam ser as costas atlântica e mediterrânea do norte da África francesa. Roosevelt concordou; era a incapacidade americana de fornecer aviões de combate e equipamentos de desembarque suficientes que tornava impossível um assalto em larga escala. Olhando ainda mais para a frente, os dois homens chegaram também ao acordo sigiloso de que os Estados Unidos e a Inglaterra partilhariam “como parceiros iguais” suas respectivas investigações na criação e na manufatura de uma bomba atômica.

Nessa noite, Churchill e Roosevelt seguiram no trem presidencial para Washington, onde Churchill foi o convidado de Roosevelt na Casa Branca. Na manhã seguinte, enquanto ele e Roosevelt conversavam no escritório do presidente, foi entregue em mãos ao presidente um pedaço de papel cor-de-rosa, que ele leu e entregou a Churchill. A mensagem dizia: “Tobruk rendeu-se. Vinte e cinco mil prisioneiros.” Churchill não acreditou e pediu que Ismay telefonasse para Londres. Antes que Ismay o fizesse, chegou uma segunda mensagem do comandante das forças navais britânicas no Mediterrâneo, que começava com “Tobruk caiu”.

Já não havia razões para não acreditar. “Derrota é uma coisa, mas desgraça é outra”, escreveu Churchill mais tarde. Durante alguns momentos ninguém falou. Então, Roosevelt voltou-se para Churchill e disse-lhe: “O que podemos fazer para ajudá-lo?” À medida que os detalhes chegavam no decorrer do dia, tornou-se claro que o número de prisioneiros feitos se aproximava de 33 mil. Era também claro que Rommel continuava a avançar para a fronteira egípcia e poderia até entrar no Egito. Nessa noite, Roosevelt ofereceu-se para enviar uma divisão blindada para o Egito pela rota do Cabo. Churchill telegrafou a Auchinleck: “Quaisquer que sejam meus pontos de vista sobre como decorreu a batalha ou se deveria ter sido disputada muito antes, você tem minha inteira confiança e partilho das suas responsabilidades por inteiro.”

Pela segunda vez em dois anos, o Egito precisaria ser defendido. “Você está no mesmo tipo de situação em que estaremos se a Inglaterra for invadida e deve reinar intensamente o mesmo espírito drástico”, telegrafou Churchill a Auchinleck. Nesse dia, soube que as dificuldades americanas de transporte tornavam impossível o envio da prometida divisão blindada para o Cairo, que também estava em perigo devido ao sucesso de Rommel na travessia da fronteira egípcia. Em vez disso, os americanos ofereciam agora trezentos tanques e cem canhões autopropulsionados, que seriam enviados em dois cargueiros especialmente requisitados ao tráfego de açúcar de Havana.

Na noite de 23 de junho, Churchill viajou de trem para Camp Jackson, na Carolina do Sul. Ali, na manhã de 24 de junho, observou o lançamento de um batalhão americano em paraquedas. “Eu nunca tinha visto mil homens lançados no espaço ao mesmo tempo”, recordou ele mais tarde. Nessa tarde, observou uma brigada num exercício de fogo. Regressou a Washington num avião. Pouco depois da meia-noite, já

em 25 de junho, embarcou no hidroavião em Baltimore, dizendo a Hopkins enquanto lhe dava um aperto de mão: “Agora vou para a Inglaterra, para casa e para uma bela disputa.” Tinha acabado de saber que seria apresentada uma moção de censura ao seu governo na Câmara dos Comuns. O debate começou em 1º de julho, dia em que as forças alemãs atingiram El Alamein, quatrocentos quilômetros no interior do Egito, e a menos de 350 quilômetros do Cairo. De acordo com um dos mais severos críticos de Churchill, Aneurin Bevan, do Partido Trabalhista: “O primeiro-ministro vence debate após debate e perde batalhas atrás de batalhas. O país começa a dizer que ele luta nos debates como numa guerra e luta na guerra como nos debates.”

Em sua defesa, Churchill disse que precisava considerar a opinião do Gabinete de Guerra “em todas as decisões importantes” e que os chefes de Estado-Maior exerciam um “controle operacional direto” sobre as forças que lutavam. Disse que “não queria favores”. Havia assumido o cargo de primeiro-ministro depois de defender seu predecessor, Chamberlain, “com o melhor que pude”, num momento em que a vida do império “estava suspensa por um fio”. Churchill acrescentou: “Sou um servo, e os senhores têm o direito de me demitir quando quiserem, mas não têm o direito de pedirem que eu tenha responsabilidade sem o poder para uma ação efetiva.” Se a moção de censura fosse derrotada, “haverá regozijo em cada amigo da Grã-Bretanha e em cada fiel servidor de nossa causa e os sinos dobrarão de desapontamento aos ouvidos dos tiranos que queremos derrotar”, disse Churchill à Câmara.

A moção de censura foi derrotada por 475 votos contra 25. Churchill voltou à Downing Street onde, nessa mesma tarde, encontrou-se com Julian, filho de Amery, que tinha acabado de regressar do Deserto Ocidental e que vinha insistir com ele para que fosse visitar as tropas e elevar o moral.

— Sua presença na zona de batalha seria suficiente — disse-lhe Amery.

— Quer dizer passar por lá e falar com eles? — perguntou Churchill.

— Sim, com os oficiais e com os soldados — respondeu Amery.

Churchill gostou da ideia, mas Eden disse que o primeiro-ministro poderia atrapalhar.

— Como uma mosca varejeira zumbindo sobre bosta de vaca? — perguntou Churchill.

Enquanto se preparava para ir ao Cairo, outro comboio do Ártico foi atacado a caminho da Rússia. Dos seus 34 navios mercantes, 23 foram afundados e apenas 11 chegaram à Rússia. De quase seiscentos tanques que o comboio transportava para a Rússia, quinhentos foram perdidos. Os comboios que seriam enviados em agosto e setembro foram suspensos. Em 14 de julho, Churchill soube que perto de 400 mil toneladas de navios mercantes tinham sido afundadas no Ártico e no Atlântico numa só semana, “um número que nunca foi atingido nessa guerra nem na guerra anterior e que, se for mantido, estará além dos atuais planos de substituição”, disse ele a Roosevelt.

Churchill encarou esses contratemplos sem entrar em pânico. O major-general John Kennedy, diretor das Operações Militares no Ministério da Guerra, anotou em seu diário, em 17 de julho:

Winston sem dúvida inspira confiança. Admiro muito o modo tranquilo com que encara uma quantidade de trabalho tão monumental e, no entanto, nunca parece estar senão tranquilo. Hoje está com particular bom humor. Posso facilmente compreender por que aqueles que trabalham perto dele são tão devotados e dominados por ele. Lembro-me de Dudley Pound ter dito certa vez “Não podemos deixar de amar esse homem”, e vejo agora como esse sentimento é verdadeiro.

O presidente Roosevelt, na esperança de um desembarque limitado através do canal em setembro de 1942, possivelmente na península de Cherbourg, enviou Hopkins a Londres na última semana de julho,

acompanhado de dois chefes do Estado-Maior Conjunto americano, o general Marshall e o almirante King. Porém, Churchill e os chefes de Estado-Maior britânicos insistiram em que o plano de Cherbourg era modesto demais para ajudar a Rússia e fraco demais para dominar a península. Depois de três dias de intensas discussões, os americanos concordaram em abandonar a operação de Cherbourg para dar a prioridade a desembarques no norte da África em 1942 e tentar preparar um desembarque de grandes proporções em 1943.

Em um telegrama, Churchill informou a Stálin sobre a suspensão do envio de comboios pelo Ártico e sobre o adiamento de um desembarque pelo canal. Stálin ficou indignado, ainda mais porque os exércitos de Hitler tinham conseguido atingir o Cáucaso no sul da Rússia e ameaçavam os principais poços de petróleo do país. O embaixador inglês em Moscou, Sir Archibald Clark Kerr, sublinhou as “imensas vantagens” de um encontro urgente de Churchill com Stálin, para que Churchill pudesse explicar não só as razões das mudanças, mas também os planos que estavam sendo feitos para uma ação efetiva e para ajuda. Churchill decidiu voar do Cairo para a Rússia. “Poderemos assim avaliar a guerra juntos e tomar decisões com olhos nos olhos”, telegrafou a Stálin em 31 de julho.

Pela primeira vez em sua vida, Churchill voaria numa cabine não pressurizada a 5 mil metros de altura, num bombardeiro americano Liberator. Para se habituar, foi a Farnborough ao fim dessa tarde para fazer um teste especial com máscara de oxigênio, tendo perguntado ao perito que o acompanhava se a máscara podia ser adaptada de modo a que pudesse fumar seu charuto enquanto a usava. A máscara foi devidamente adaptada, e, na noite seguinte, acompanhado pelo general Brooke e por Charles Wilson, Churchill voou do aeroporto de Lyneham para o Cairo. “Penso muito em você, meu querido, e rezo para que consiga resolver os problemas das burrices e das frustrações do Oriente Médio ou seja lá o que for”, escreveu-lhe Clementine três dias depois. “A primeira parte da sua viagem é menos dramática e sensacional do que a visita ao ogro em seu covil, mas imagino que terá resultados mais proveitosos.”

Mal chegou ao Cairo, Churchill sentiu o cansaço e a falta de motivação que existiam em todo o planejamento militar e foi pressionado pelo general Brooke para que substituísse Auchinleck, mas hesitou em fazê-lo. “O primeiro-ministro odeia substituir seus comandantes”, anotou Charles Wilson em seu diário em 4 de agosto. Porém, Churchill finalmente decidiu-se a afastar Auchinleck. “É exatamente o que lhe tenho dito desde o início”, comentou Brooke. O comando do 8º Exército seria entregue ao general Gott e seu posto de comandante-chefe no Oriente Médio seria passado ao general Alexander. Fora Alexander quem brilhantemente retirara a Força Expedicionária Britânica de Dunquerque em maio de 1940 e as forças britânicas e imperiais da Birmânia em maio de 1942. À semelhança de Churchill, também tinha estudado em Harrow; Churchill confiava naquilo que descreveu a Clementine como “suas grandes capacidades para a guerra”. No entanto, dizia-se do general Gott, e Brooke alertara Churchill nesse sentido, que estava “cansado”. Para testar isso, Churchill deslocou-se às posições do 8º Exército em El Alamein para inspecionar as posições e passar algum tempo com Gott. “Imediatamente deu-me a sensação de ter espírito de confiança”, escreveu Churchill três semanas depois.

Regressando ao Cairo, Churchill informou ao Gabinete de Guerra sobre as alterações previstas no comando. Então, na noite de 7 de agosto, soube que Gott tinha sido morto num avião abatido por caças alemães quando seguia na mesma rota que Churchill utilizara em seu voo para o Cairo dois dias antes. Gott foi substituído pelo general Montgomery, cujo zelo agressivo na véspera da esperada invasão à Inglaterra tinha impressionado Churchill em junho de 1940. A notória mordacidade de Montgomery não era necessariamente um fator negativo. “Se ele é desagradável com aqueles que trabalham com ele, é também desagradável com o inimigo”, escreveu Churchill a Clementine.

Durante os nove dias que passou no Cairo, Churchill visitou e conversou com todas as unidades do 8º Exército. “Num local, quase todos eram de Oldham”, seu círculo eleitoral 42 anos antes, contou a

Clementine. “Mostraram grande entusiasmo.” Por todos os lados, era recebido com entusiasmo e ouvido com atenção quando dizia que os reforços americanos estavam a caminho e quando falava sobre a vitória. “Quanto mais estudo a situação no local, mais fico seguro de que só poderemos conseguir uma vitória se a liderança for equivalente à oportunidade”, disse a Clementine. Em 10 de agosto, no dia seguinte a essa carta, enviou a Alexander uma instrução, formalmente datada de cinco dias antes, sublinhando a natureza da vitória que desejavam: “Seu primeiro e principal dever é tomar ou destruir, na primeira oportunidade, o exército germano-italiano comandado pelo marechal de campo Rommel, bem como todos os seus abastecimentos e estabelecimentos no Egito e na Líbia.” A Ismay escreveu em 10 de agosto: “Tenho certeza de que a simplicidade da tarefa e a singeleza do objetivo são agora imperativas.”

Pouco depois da meia-noite de 10 de agosto, Churchill voou para leste, do Cairo para Teerã, numa viagem de 2 mil quilômetros que durou seis horas. Mais uma vez eram necessárias máscaras de oxigênio, pois o Liberator sobrevoaria as montanhas ocidentais da Pérsia. Em 12 de agosto, seguiu de Teerã para Moscou num avião escoltado por dez caças Aircobra de fabricação americana, que faziam parte das compras britânicas ao abrigo do Acordo de Empréstimo e Arrendamento. Nessa tarde, depois de um voo de dez horas e meia iniciado, Churchill aterrissou em Moscou. Do aeroporto foi conduzido a uma vivenda fora da cidade, onde era esperado por um banho quente e bebidas em grande variedade, “muito além de nossas capacidades de consumo”, recordou ele mais tarde. Duas horas depois, foi levado ao Kremlin em Moscou.

O líder soviético estava de mau humor e disse a Churchill, no início da conversa, que os alemães estavam fazendo um “tremendo esforço” para chegarem a Stalingrado, no Volga, e a Baku, no mar Cáspio. No sul, o Exército Vermelho tinha sido “incapaz de conter a ofensiva alemã”. Churchill explicou então a Stálin que não poderia haver um desembarque através do canal em 1942, que apenas duas divisões e meia americanas tinham chegado à Grã-Bretanha, que 27 divisões formariam a força de desembarque americana pelo canal e não estariam prontas antes de dezembro e que o plano anglo-americano previa a invasão para 1943, mas que se poderia chegar à conclusão de que em tal data os alemães teriam “um exército mais forte no Ocidente do que têm agora”. Nesse momento, foi registrado pelo oficial britânico, “a face de Stálin enrugou-se com ar carrancudo”.

Churchill disse a Stálin que lançar 200 mil homens nas praias retiraria “apreciáveis forças alemãs” da frente russa, “mas não diminuiria as perdas”. Além disso, se a ação “não deslocar nenhum homem e desperdiçar as perspectivas para 1943, será um enorme erro”. Stálin estava desdenhoso e disse a Churchill que “um homem que não está preparado para correr riscos não ganhará a guerra”. Ele também perguntou por que os britânicos estavam “com tanto medo dos alemães”. Em resposta, Churchill falou sobre 1940, quando Hitler teve medo de invadir a Inglaterra. Se Hitler não tivesse tido medo, ele, Churchill, “não estaria ali para contar a história”.

Stálin estava zangado por não haver uma perspectiva de desembarque para setembro e desanimado porque parecia que não haveria qualquer ação da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos para retirar tropas e aviões alemães da Frente Oriental, que se desmoronava rapidamente. Depois, Churchill falou dos bombardeios britânicos à Alemanha, que já eram consideráveis e ainda aumentariam. A Grã-Bretanha encarava o moral da população civil alemã como “um alvo militar”. “Não queremos misericórdia e não mostraremos misericórdia”, disse Churchill. A Grã-Bretanha esperava “despedaçar” vinte cidades alemãs, como várias já tinham sido despedaçadas: “Se for necessário à medida que a guerra decorra, esperamos despedaçar quase todas as habitações em quase todas as cidades germânicas.”

Nesta altura, segundo os registros da reunião, “Stálin sorriu e disse que isso não seria mau”. A promessa de Churchill de bombardeios maciços a cidades alemãs “teve um efeito estimulante na reunião e tornou a atmosfera mais cordial”. Churchill disse então que outra operação estava em preparação

naquele momento, na forma de um desembarque anfíbio cujos detalhes ele estava autorizado por Roosevelt a revelar. Nesse momento, “Stálin sentou-se e abriu um largo sorriso”. Churchill deu-lhe então informações sobre os desembarques no norte da África, formando uma “segunda frente” em 1942. Podia ser executada por sete divisões americanas e cinco britânicas, um quarto dos homens necessários para atravessar o canal da Inglaterra.

Stálin ficou satisfeito e impressionado: “Queira Deus que esse empreendimento tenha sucesso”, disse ele. Porém, no dia seguinte estava novamente indisposto e disse a Churchill: “Vocês estão com medo de combater. Não devem pensar que os alemães são super-homens. Mais cedo ou mais tarde, terão de lutar. Não podem ganhar uma guerra sem lutar.” Em sua resposta, disse Churchill a Attlee no dia seguinte, “repeli todas as suas acusações cara a cara, mas sem qualquer hostilidade”. Quando Stálin repetiu que os britânicos não estavam preparados para operar no continente porque estavam com medo de lutar contra os alemães, Churchill replicou: “Só perdoo esse comentário por respeito à bravura das tropas russas.”

Churchill procurava meios de desanuviar a atmosfera hostil. “Então exclamei que não havia camaradagem nenhuma em sua atitude”, contou a Attlee.

Vim de longe para estabelecer boas relações de trabalho. Fizemos o melhor que pudemos para ajudar a Rússia e continuaremos a fazê-lo. Ficamos completamente sozinhos durante um ano contra a Alemanha e a Itália. Agora que as grandes nações se aliaram, a vitória é certa se não nos separarmos. Eu estava de certo modo animado, e, antes que minha fala pudesse ser traduzida, ele disse que tinha gostado do temperamento (ou espírito?) da minha elocução.

Churchill e Stálin discutiram depois sobre os abastecimentos e as produções de guerra. Quando Churchill fez perguntas sobre a frente do Cáucaso, Stálin pediu uma maquete e explicou o plano defensivo russo. Nessa noite, Stálin ofereceu um banquete a Churchill, que ficara um pouco deprimido ao saber da perda, no Mediterrâneo, de três navios de guerra, oito navios mercantes e seis aviões de um comboio que transportava mantimentos de Gibraltar para Malta. “O primeiro-ministro empertigou-se um pouco quando os fotógrafos o fotografaram sentado no sofá ao lado de Stálin”, notou um observador. Stálin convidou Churchill para ver um filme, mas, cansado, Churchill pediu desculpa por não poder aceitar. “Depois de um cordial aperto de mão, preparei-me para me retirar e atravessei a sala por entre as pessoas, mas ele me seguiu e me acompanhou por uma enorme distância através de corredores e escadarias até a porta da frente e voltou a apertar minha mão”, disse Churchill a Attlee. O gesto de Stálin foi apreciado. “Esse longo passeio em que ele teve de apressar o passo para acompanhar o sr. Churchill não tem, que eu saiba, precedente na história do protocolo do Kremlin soviético”, reportou o embaixador britânico.

Churchill teve mais uma conversa com Stálin em 15 de agosto, quando disse ao líder soviético que, para deixar a Alemanha “mais ansiosa acerca de um ataque através do canal” nesse verão, haveria em breve um “sério ataque”, envolvendo 8 mil homens e cinquenta tanques, que agiriam durante uma noite “e matarão tantos alemães quanto possível” e depois se retirariam. Era “um reconhecimento” que podia ser comparado “a um banho, em que se sente com a mão se a água está quente”. Seria um ataque a Dieppe em 17 de agosto.

Stálin convidou Churchill para ir a seu apartamento no Kremlin, onde poderiam tomar uma bebida de despedida. A bebida transformou-se num banquete que durou mais de seis horas. O único momento de tensão surgiu durante uma discussão sobre os comboios do Ártico.

— A Marinha britânica não conhece a glória? — perguntou Stálin.

— acredite no que lhe digo: o que foi feito, foi bem feito — respondeu Churchill. — Sei alguma coisa sobre a Marinha e a guerra no mar.

— Isso quer dizer que eu não sei nada? — comentou Stálin.

— A Rússia é um animal terrestre — respondeu Churchill. — Os britânicos são animais marinhos.

Stálin ficou calado, mas rapidamente recuperou o bom humor. O resto da noite foi passado numa discussão amigável sobre muitos assuntos, incluindo a recordação da visita de Stálin a Londres em 1907 para uma conferência bolchevique. Eram 3h15 quando Churchill voltou à moradia. Uma hora e quinze minutos depois foi para o aeroporto, embarcando às 5h30. Enquanto voava para sul, tropas soviéticas foram expulsas da cidade petrolífera caucasiana de Maikop, mas as linhas de defesa que Stálin tinha mostrado a Churchill no mapa em relevo se mantiveram.

Quando chegou ao Cairo, em 17 de agosto, Churchill teve uma longa conversa com Alexander e Montgomery sobre sua próxima ofensiva. No dia seguinte, percorreu, na companhia de Alexander e Brooke, duzentos quilômetros até o quartel-general de Montgomery, perto do mar, em Burg el-Arab. Ali, depois de discutirem a guerra no deserto, tomou um banho. No dia seguinte, houve novas discussões sobre como vencer Rommel. “A caminho da cama, o primeiro-ministro levou-me à praia, onde se transformou num menino, mergulhando as pernas no mar. Ficou completamente molhado”, escreveu Brooke em seu diário. Nesse dia, na costa do canal, forças canadenses, com o apoio de algumas tropas britânicas e americanas, desembarcaram em Dieppe. O ataque foi um sucesso, transmitiu Mountbatten a Churchill; os alemães foram “surpreendidos” e foram abatidos 96 aviões alemães. Foram também abatidos 98 aviões ingleses, mas Mountbatten apressou-se a garantir a Churchill que “trinta pilotos se salvaram”. As lições aprendidas em Dieppe seriam “inestimáveis” no planejamento de uma futura invasão pelo canal, disse Mountbatten ao Gabinete de Guerra em 20 de agosto.

Churchill manteve-se no Deserto Ocidental até 20 de agosto, nadando pela manhã e visitando as áreas cuja defesa era responsabilidade de Montgomery, as quais se sabia, por meio das mensagens alemãs ultrassecretas, que Rommel planejava assaltar. “Nesse dia, vi muitos soldados que me saudaram com largos sorrisos e regozijo”, recordou Churchill mais tarde.

Inspecionei meu próprio regimento, o 4º Regimento de Hussardos, e tantos quantos foram trazidos à minha presença — talvez cinquenta ou sessenta — perto do cemitério de campanha onde recentemente tinham sido enterrados muitos dos seus camaradas. Tudo isso foi comovente, mas ao mesmo tempo cresceu um revivificante ardor do Exército. Todos diziam que houvera uma grande mudança desde que Montgomery tinha assumido o comando. Pude sentir a verdade desse sentimento com alegria e conforto.

Churchill regressou à Inglaterra na tarde de 24 de agosto. Clementine e Randolph o esperavam no aeroporto de Lyneham. Em Londres, recebeu uma mensagem do general Douglas MacArthur, que tinha comandado as forças americanas nas Filipinas e que agora, na Austrália, esperava o momento em que poderia desencadear a reconquista das ilhas perdidas. “Se todas as condecorações fossem colocadas nas minhas mãos, meu primeiro ato seria atribuir a Victoria Cross a Winston Churchill”, tinha dito MacArthur a um oficial britânico de alta patente em seu quartel-general. “Nenhum dos homens que a usam a merecem mais do que ele. Um voo de 16 mil quilômetros por território hostil e céus estranhos pode ser o dever de jovens pilotos, mas para um homem de Estado tomado pelo peso das preocupações do mundo é um ato de

coragem e de valor inspiradores.”

Em 28 de agosto de 1942, depois de mensagens ultrassecretas alemãs e italianas terem sido decifradas em Bletchley, foram afundados três navios-tanques italianos, que transportavam combustível vital para a Força Aérea alemã no Deserto Ocidental. Rommel, temendo ter ainda menos combustível se esperasse mais, desencadeou seu ataque às defesas de Montgomery no Deserto Ocidental em 30 de agosto. Porém, sua escassez de combustível era séria demais para conseguir penetrar nas engenhosamente defendidas posições no cume de Alam Halfa, 25 quilômetros a sudeste de El Alamein. Finalmente, Cairo e Alexandria estavam além de seu alcance. O curso da guerra aos poucos mudava.

No início de setembro, Churchill concordou em enviar um comboio pelo Ártico naquele mês, acordo anteriormente cancelado com Stálin. O russo estava agora disposto, pela primeira vez, a fornecer cobertura de bombardeiros de grande alcance aos comboios assim que estivessem a leste da ilha Bear. Outro perigo ficava assim afastado.

Todas as terças-feiras, Churchill oferecia um jantar na Downing Street aos generais Eisenhower e Clark, os dois americanos que estavam encarregados dos desembarques no norte da África. Em 12 de setembro, eles foram seus convidados de fim de semana em Chequers, onde deram continuidade às negociações com os chefes de Estado-Maior britânicos. Churchill era a voz de encorajamento e confiança, tanto de exortação quanto de preocupação com os detalhes. Ainda teria de suportar o fardo de más notícias em todas as zonas de guerra; nesse dia, soube que tinham perdido treze entre os quarenta navios mercantes no comboio do Ártico em setembro, apesar de escoltado por 77 navios de guerra. Os únicos fatos encorajadores eram que quarenta aviões alemães atacantes tinham sido destruídos por caças navais britânicos de escolta, com a perda de apenas quatro caças britânicos, e que apenas dois navios de escolta tinham sido afundados.

Nessa semana, uma voz do passado enviou a Churchill palavras de encorajamento: “Estou inflada de orgulho por suas grandes proezas, sim, inflada como um velho pombo papudo”, escreveu-lhe sua tia Leonie, de 83 anos de idade, em 14 de setembro. Churchill respondeu: “É para mim um enorme prazer saber que acompanha minha labuta. Parece que a maré do destino está mudando firmemente a nosso favor, ainda que nossa viagem seja longa e dura.” Poucos dias antes, tinha recebido um telegrama de Wavell com a decepcionante notícia de que a esperada ofensiva contra os japoneses na Birmânia não seria realizada naquele ano. Uma “elevada taxa de doentes devido à malária” e a escassez de embarcações de escolta naval abortaram os planos de Wavell.

Ao tomar conhecimento das mensagens ultrassecretas alemãs sobre perdas de equipamento e doenças no Deserto Ocidental, Churchill decidiu que em vez das habituais paráfrases deviam ser enviadas versões textuais precisas dessas mensagens a Alexander, que sabia qual era sua verdadeira fonte, de modo a que ele, Montgomery e seus serviços de informações pudessem avaliar as fraquezas de Rommel e determinassem o melhor momento para atacar. Nesse mês, Churchill viajou apenas para visitar fábricas de munições e instalações militares. Em 12 de outubro, visitou a Esquadra Metropolitana. “Sua presença entre nós é um encorajamento e uma inspiração para todos”, disse-lhe o almirante no comando.

Pressionado por Eden para dar sua opinião sobre uma organização pós-guerra baseada nas quatro grandes potências, Churchill hesitou. “Parece muito simples determinar essas quatro grandes potências [Estados Unidos, Grã-Bretanha, China e União Soviética], no entanto, não podemos saber que espécie de exigências russas teremos de enfrentar”, escreveu ele. “Seria um desastre de grandes proporções se o barbarismo russo se sobrepusesse à cultura e à independência dos antigos Estados da Europa.” Sua esperança para o pós-guerra, segundo disse a Eden, eram os “Estados Unidos da Europa”, excluindo a

Rússia, em que as barreiras entre as nações da Europa “fossem enormemente minimizadas e fosse possível viajar sem restrições”. A nova Europa seria defendida por uma força de polícia internacional, que manteria a Rússia afastada. Porém, ele não queria perder tempo com esses assuntos, por isso disse a Eden: “Infelizmente, a guerra tem exigências prioritárias que requerem nossa atenção.”

Em 23 de outubro, Montgomery, em suas posições em El Alamein, lançou um ataque às forças germano-italianas. Quatro coisas estavam a seu favor: Rommel estava na Alemanha e suas forças eram comandadas pelo menos carismático general Stumme, as forças germano-italianas tinham revelado sua localização, planos e faltas de material por meio de suas mensagens ultrassecretas regularmente decifradas, o reconhecimento fotográfico das posições defensivas do inimigo era extraordinariamente eficaz e as tropas de Montgomery, agora bem armadas, entusiasmadas e confiantes em seu comandante, estavam determinadas a expulsar o inimigo do Egito.

No primeiro dia de batalha, o general Stumme foi morto, e Rommel, chamado da Alemanha. Inexoravelmente, as forças aliadas avançaram para oeste. Dentro de três dias, 1.500 alemães e italianos tinham sido feitos prisioneiros. Quando Rommel tentou reunir suas forças para um contra-ataque, em 27 de outubro, bombardeiros britânicos pulverizaram sua área de concentração, lançando oito toneladas de bombas em duas horas e meia, tendo como resultado que o contra-ataque “foi derrotado antes de ter sequer completado a formação”, relatou Alexander a Churchill.

A luta tinha sido severa; em dez dias de batalha, mais de 1.700 soldados britânicos e aliados tinham sido mortos. Em 2 de novembro, Rommel enviou uma mensagem ultrassecreta a Berlim, dizendo que seu exército já não tinha possibilidade de evitar um avanço de tanques. Também não podia retirar-se de modo ordeiro devido à falta de veículos motorizados e baixas reservas de combustível. Essa mensagem foi decifrada em Bletchley e enviada a Churchill na mesma noite. Uma cópia foi enviada a Alexander. A decifração tornava claro que tinha chegado o momento de desencadear o assalto. Dentro de 48 horas, as formações blindadas britânicas tinham rompido as linhas alemãs e “operam nas áreas da retaguarda do inimigo”, relatou Alexander a Churchill em 4 de novembro. “Partes das forças inimigas, tantas quantas podem, estão a retirar-se, perseguidas por nossas forças blindadas e móveis e por nossas forças aéreas.”

Ainda nesse dia, Churchill soube que tinham sido feitos 9 mil prisioneiros inimigos e capturados ou destruídos 260 tanques alemães e italianos. No dia seguinte, o rei enviou-lhe uma carta manuscrita: “Quando olho para trás e penso em tantas árduas horas de trabalho e nos muitos quilômetros que viajei para conduzir essa batalha a uma conclusão bem-sucedida, penso que tem todo o direito de se regozijar; nosso povo ficará muito agradecido pelo que o senhor fez.”

Em 4 de novembro, Churchill tinha dito a Alexander que queria “tocar os sinos de toda a Grã-Bretanha pela primeira vez nessa guerra”. Para dar essa ordem, precisaria saber que Montgomery tinha feito pelo menos 20 mil prisioneiros. “Toquem os sinos!”, telegrafou-lhe Alexander dois dias depois. “Prisioneiros estimados em 20 mil, tanques 350, canhões 400, transportes motorizados *vários milhares*.” Churchill estava prestes a dar a ordem para que os sinos repicassem; dois anos antes teriam tocado apenas se a Alemanha tivesse invadido a Grã-Bretanha. Contudo, decidiu não fazer até os desembarques no norte da África no dia seguinte, “caso suceda qualquer acidente que possa causar angústia”, explicou a Alexander.

Churchill enviou esse telegrama a Alexander em 7 de novembro. Nesse mesmo dia, enviou a Stálin um aviso, baseado numa mensagem alemã ultrassecreta, informando que Hitler, tendo desistido de capturar a cidade petrolífera de Baku, no mar Cáspio, planejava “destruí-la com um ataque aéreo”. Churchill acrescentava: “Peço-lhe que aceite esse aviso.” Stálin aceitou, agradecendo a Churchill o aviso

e tomando as necessárias medidas para combater o perigo.

Em 8 de novembro, soldados britânicos e americanos desembarcaram em força em Argel, Orã e Casablanca. O filho de Churchill estava entre eles. “Bom, aqui estamos, sãos e salvos num ancoradouro a oeste de Argel”, escreveu ao pai nessa manhã. “Quase tudo correu conforme planejado.” Todos sentiam que era “um privilégio ser parte desses grandes acontecimentos”. Além disso, “está tudo bem entre nós e os americanos”, completou Randolph. O planejador naval dos desembarques britânicos fora o almirante Bertram Ramsay, que antes da guerra tinha dado a Churchill informações sobre as deficiências navais.

Depois de um duro combate, em que as forças francesas de Vichy resistiram tenazmente ao esforço aliado, foram tomados todos os três portos. Houve um bônus inesperado no fato de o comandante-chefe de Vichy, almirante Darlan, que por acaso visitava o filho em Argel, ter declarado estar ao lado dos Aliados e ter ordenado às forças de Vichy que entregassem as armas.

Churchill ficou radiante com o sucesso no norte da África. Enquanto ditava nessa noite, Elizabeth Layton anotou: “Em um momento, começou a ladrar, mas então parou e disse: ‘Não, não, está tudo bem, está tudo muito bem. Hoje podemos comemorar. Hoje está uma maravilha.’”

Em 9 de novembro, Churchill disse aos chefes de Estado-Maior que devido ao sucesso dos desembarques no norte da África, “devem ser revistas as possibilidades de atacar Hitler em 1943”. A Europa continental deveria ser atacada a partir do Mediterrâneo. Sem se limitarem à Sicília ou à Sardenha, como previamente considerado, deveriam planejar a invasão da própria Itália “com o objetivo de preparar o caminho para uma ofensiva em grande escala ao âmago do Eixo em 1943” ou “melhor ainda, uma invasão ao sul da França”. Ao diretor de Movimentos do Ministério da Guerra, explicou duas semanas depois: “Nunca quis que o exército anglo-americano ficasse no norte da África. É um trampolim e não um sofá.” Ao falar na Mansion House, em Londres, em 10 de novembro, disse no almoço do lorde Mayor: “Não é o fim. Não é sequer o princípio do fim. Mas é, talvez, o fim do princípio.” Durante esse discurso, Churchill disse que as forças de Rommel em retirada no Deserto Ocidental tinham sido sujeitas a “ataques devastadores” da Força Aérea enquanto os alemães tentavam fugir ao longo da costa nos seus veículos. Ao ler sobre esses acontecimentos, Churchill disse:

Não pude deixar de me recordar das estradas da França e de Flandres, repletas de gente, não homens armados, mas refugiados desamparados, mulheres e crianças, que fugiam com seus comoventes carros de mão e bens dos seus lares, sobre os quais foi desencadeada uma inclemente devastação. Confio na disposição humana, mas devo dizer que não posso deixar de sentir que o acontecido, apesar de doloroso, foi a justiça a reclamar seus direitos.

O discurso de Churchill de 10 de novembro tornou-se memorável por uma frase específica, quando disse que “não me tornei o primeiro-ministro do rei para presidir a liquidação do império britânico”, mas raramente é citada a afirmação seguinte de que, se tal tarefa lhe fosse ordenada, “teria de ser encontrado outro” que a realizasse. Era uma afirmação pessoal de sua crença no império, não uma declaração política de que o império nunca seria dissolvido. Porém, tão importante, se não mais, foi o fato de Churchill ter afirmado que a Grã-Bretanha não desejava qualquer expansionismo territorial; seu único objetivo na guerra era “efetuar a libertação dos povos da Europa da fossa de miséria em que tinham sido lançados por sua própria imprevidência e pela brutal violência do inimigo”. Quanto ao seu papel no processo da guerra, “não sou um daqueles que precisam ser motivados”, disse na Câmara dos Comuns em 11 de novembro. “Na verdade, se sou alguma coisa, sou aquele que motiva. Minhas

dificuldades residem mais em tentar ter paciência e comedimento ao esperar durante muitas e ansiosas semanas para que os resultados sejam alcançados.”

Em 11 de novembro, enquanto os Aliados consolidavam suas posições no norte da África francês, as forças de Hitler instalavam-se na zona desocupada da França de Vichy. Dois dias depois, no Deserto Ocidental, as forças de Montgomery entraram em Tobruk, que nunca mais voltaria a ficar sob controle alemão. Em 15 de novembro, Churchill ordenou que os sinos das igrejas repicassem em toda a Inglaterra para celebrar a vitória no Deserto Ocidental. “Ainda há um longo caminho a percorrer, mas o fim é certo”, telegrafou ao rei Abdullah, que ele tinha empossado como soberano em Amã em 1921.

8.

Preparativos para a vitória

Em 19 de novembro de 1942, o Exército Vermelho começou a cercar as forças alemãs que por sua vez cercavam Stalingrado. “As operações se desenvolvem de modo satisfatório”, telegrafou Stálin a Churchill no dia seguinte. Três dias depois, as forças alemãs estavam cercadas. O comandante dessas forças, general Vön Paulus, propôs que se abandonassem o cerco e se tentassem romper o anel russo. Hitler ordenou-lhe que ficasse e lutasse. Vön Paulus obedeceu, o que teve como resultado uma destruição lenta e inexorável de seu exército. Como Churchill tinha profetizado a Stálin em seu encontro em Moscou, os desembarques anglo-americanos no norte da África desempenharam um importante papel; de quinhentos aviões de transporte que os alemães rapidamente transportaram para a Tunísia, para se adiantarem às forças aliadas que avançavam desde Argel, quatrocentos foram retirados da Frente Oriental, onde faziam o abastecimento das forças alemãs que cercavam Stalingrado.

No Atlântico, os britânicos continuavam incapazes de decifrar as mensagens ultrassecretas dos submarinos alemães. Em novembro, tinham sido afundadas 721.700 toneladas de navios mercantes aliados, número mais elevado do que em qualquer mês de guerra e uma grave preocupação para quem cuidava das necessidades britânicas de materiais e alimentos. “O senhor, que tem tanta terra, pode ter dificuldade em compreender que nós só podemos viver e lutar na proporção de nossas comunicações por mar”, telegrafou Churchill a Stálin em 24 de novembro. Em 30 de novembro, quando Churchill completou 68 anos, os alemães ainda eram senhores do Atlântico, mas, duas semanas depois, num triunfo de criptografia, a cifra Enigma usada pelos submarinos alemães foi finalmente decodificada. Com algumas falhas e atrasos, as mensagens alemãs que dirigiam os submarinos para seus alvos denunciariam, até o fim da guerra, seus movimentos mais secretos.

Essas mensagens alemãs também revelaram uma concentração maciça de tropas alemãs na Tunísia; Churchill percebeu que capturar Túnis seria muito mais demorado do que ele calculara e que qualquer exploração da captura de Túnis e a expulsão dos alemães da África poderia adiar um desembarque através do canal em 1943. Ele não queria fazer isso, nem pretendia que um perfeccionismo exagerado atrasasse esse desembarque. Ao ler um relatório que dizia que se deveriam considerar grandes mudanças nos modelos dos meios de desembarque, como resultado das lições aprendidas em Dieppe, minutou: “A máxima ‘Nada menos que perfeição’ pode ser enunciada de forma mais breve: Paralisia.”

Churchill pressionava seus conselheiros para que elaborassem planos para um desembarque através do canal para agosto ou setembro de 1943. Tudo dependia da expulsão dos alemães da Tunísia no final de janeiro ou no começo de fevereiro de 1943. Montgomery, confiante de que seria capaz de derrotar Rommel na Líbia e avançar rapidamente para oeste, tornou sua confiança conhecida: “Talvez fosse bom você dar ao general Montgomery um amigável conselho meu sobre as desvantagens das declarações confiantes que faz de que vencerá e será mais matreiro que Rommel antes que a iminente batalha tenha sequer começado”, disse Churchill a Alexander. A iminente batalha seria em El Agheila, a oeste de Tobruk, na estrada da costa que conduzia, através da capital líbia, Trípoli, até a Tunísia. Não pareceria

que Montgomery é “um tonto”, perguntou Churchill, “se, como é possível que aconteça, não houver batalha em El Agheila e Rommel escape?”. Foi o que aconteceu: Rommel retirou suas tropas das posições em El Agheila sem grandes interferências e preparou-se para defender a capital líbia.

A oeste da Tunísia, as forças do general Eisenhower foram vencidas em 12 de dezembro, tendo seu contra-ataque subsequente sido dificultado e interrompido devido a uma forte e continuada chuva. A batalha da Tunísia seria uma luta contínua. À semelhança do que Hitler tinha dito às suas forças que cercavam Stalingrado, mandando que resistissem até o fim, agora exigia que a Tunísia fosse mantida a qualquer custo, para obrigar que o transporte de enormes quantidades de mercadorias fosse feito em longas e dispendiosas viagens pelo Cabo. Churchill ainda tinha esperanças de que a vitória na Tunísia chegasse a tempo de não atrapalhar o assalto pelo canal no outono de 1943. Porém, numa conferência de altas patentes em 16 de dezembro, os chefes de Estado-Maior argumentaram que tal não poderia ser feito; o ritmo e o volume a que as tropas americanas chegavam à Grã-Bretanha eram inadequados à tarefa. Devido às suas “magníficas” estradas de ferro, os alemães conseguiriam deslocar forças superiores para defrontarem as tropas aliadas que desembarcassem. Militarmente, seria mais sensato fazer o desembarque em 1943 para “expulsar a Itália da guerra e talvez entrar nos Bálcãs”. A desistência da Itália, por si só, obrigaria os alemães a enviarem tropas para resistirem nos Bálcãs.

Churchill, apoiado por Eden, pressionou para que o desembarque pelo canal fosse uma prioridade em 1943, mas os chefes de Estado-Maior insistiam em que os americanos não planejavam ter tropas suficientes na Grã-Bretanha para que o desembarque fosse possível nesse momento. Em estrito sigilo, Mountbatten disse a Churchill e aos chefes de Estado-Maior que, apesar de um acordo em contrário, “os americanos estavam colocando bons motores em seus equipamentos de desembarque e motores insatisfatórios nos nossos equipamentos”; ao mesmo tempo, muito dos equipamentos de desembarque necessários para o transporte de tropas na travessia do canal estava sendo desviado pelos americanos para o Pacífico, o que também absorvia tanto equipamento naval que o comboio seguinte pelo Ártico para a Rússia sofreria com falta de navios de escolta. As esperanças de um desembarque através do canal em 1943 estavam sendo frustradas pelas realidades da política americana.

Em 17 de dezembro, foi emitida uma vigorosa declaração simultaneamente por Londres, Washington e Moscou, que Churchill aprovou pessoalmente. A declaração denunciava o sistemático assassinato em massa de milhões de judeus, que, conforme os fatos foram conhecidos, foi chamado de “uma política bestial de extermínio a sangue-frio”. Avisava também que aqueles que estavam cometendo crimes seriam perseguidos depois da guerra e levados ao tribunal; o próprio Churchill foi enfático sobre o fato de que não seria permitido que os assassinos escapassem à justiça. Tentava também ajudar os judeus refugiados do nazismo; ao saber sobre o resgate bem-sucedido de 4.500 crianças judias e quinhentos adultos que as acompanhavam, da região dos Bálcãs, por intermédio de um plano que ele próprio tinha aprovado anteriormente, minutou: “Bravo!”

Nesse Natal, o quarto desde o início da guerra, Churchill ficou em Chequers com a família. No dia de Natal, soube que o almirante Darlan, ex-comandante-chefe de Vichy, que se tornara alto-comissário no Marrocos e na Argélia, tinha sido assassinado por um estudante francês em Argel. “O assassinato de Darlan, apesar de ser um ato criminoso, aliviou os Aliados do embaraço de trabalharem com ele e ao mesmo tempo deixou-os com todas as vantagens que ele concedeu durante as horas vitais dos desembarques aliados”, escreveu ele mais tarde. Para o lugar de Darlan, Churchill e Roosevelt nomearam o general Giraud, que recentemente escapara do cativeiro na Alemanha.

Numa tentativa de conseguir uma estratégia anglo-americana para 1943, Churchill decidiu encontrar-se novamente com Roosevelt, dessa vez no norte da África. Mary Churchill escreveu em seu diário em 3 de janeiro de 1943: “Parece que ele *pode* ter uma trombose coronária que pode ser causada, por exemplo, num voo longo em grande altitude. A questão é se ele deve ou não ser avisado. Mamãe acha que não, e eu concordo com ela.”

Nove dias depois, Churchill voou para Casablanca com os chefes de Estado-Maior britânicos, os planejadores conjuntos e Mountbatten. Em 14 de janeiro, essa formidável equipe encontrou-se com Roosevelt e com as chefias americanas. Negociaram durante oito dias, tomando importantes decisões políticas, sendo que a principal foi a prioridade de uma ação no Mediterrâneo sobre o assalto pelo canal. Devido às carências de transportes por via marítima e de unidades de escolta, também foi decidido que, no que dizia respeito ao Mediterrâneo, o alvo anfíbio mais realístico seria a Sicília após a captura da Tunísia; as tropas não deveriam atravessar o Atlântico, mas sim deslocar-se do norte da África. Com o intuito de realizar um assalto através do canal em 1944, seriam reunidos 938 mil soldados americanos na Inglaterra até o último dia de 1943. Porém, por meados de 1943, era necessário que tivessem chegado homens suficientes para que fosse possível fazer um ataque pelo canal, “com o objetivo prioritário de provocar batalhas aéreas e causar baixas ao inimigo”. Se a perda de moral e recursos dos alemães o permitisse, seria instalado um posto avançado na península de Cherbourg.

Foi também restabelecida a prioridade da derrota de Hitler antes de derrotar o Japão. Quando a Alemanha fosse “posta de joelhos”, garantiu Churchill a Roosevelt, a Grã-Bretanha continuaria a lutar contra o Japão com todos os seus recursos. Para eliminar quaisquer dúvidas que pudessem existir sobre o prosseguimento da Grã-Bretanha na guerra até que o Japão fosse derrotado, Churchill concordou em que fosse feita uma declaração conjunta, onde se afirmaria que a Grã-Bretanha e os Estados Unidos continuariam a guerra até a “rendição incondicional” tanto da Alemanha quanto do Japão. Não haveria armistício, paz negociada ou regateio: apenas a total e absoluta rendição de ambos os exércitos.

Para levar os alemães a pensarem que os desembarques pelo canal seriam realizados mais tarde nesse ano, e tentando aplacar as exigências russas de uma segunda frente em 1943, concordou-se num plano fictício de três elementos: um desembarque americano nas costas da Bretanha, uma invasão anglo-russa da Noruega e um desembarque anglo-americano na área de Pas de Calais. A este último seria dada maior verossimilhança por agentes britânicos e elementos da Resistência Francesa, que iniciariam os preparativos de pré-invasão de modo a obrigar os alemães a levarem a sério a possibilidade de um desembarque; infelizmente, os alemães não se deixaram enganar e quatrocentos agentes foram presos.

Em 23 de janeiro, último dia das negociações em Casablanca, o 8º Exército entrou em Trípoli. “Rommel ainda foge”, disse Churchill a correspondentes de jornais no dia seguinte. Acompanhou então Roosevelt a Marrakech, numa viagem de cinco horas, para mostrar ao presidente seu reduto de férias em 1936. Nessa noite, os dois homens observaram o pôr do sol nos picos nevados das montanhas do Atlas; “o lugar mais bonito do mundo”, murmurou Churchill enquanto contemplava a cena. Na manhã seguinte, Roosevelt deixou Marrakech. Churchill ficou mais um dia e telegrafou a Clementine quando Roosevelt foi embora, dizendo que pintaria um pouco naquela tarde. Seria o único quadro que ele pintou durante a guerra, com uma vista das montanhas do Atlas.

De Marrakech Churchill foi para o Cairo, onde, em 27 de janeiro, depois de conversações com o coronel Keble, chefe do Executivo de Operações Especiais no Oriente Médio, e com seu antigo assistente de investigação, Bill Deakin, decidiu enviar uma missão britânica ao líder guerrilheiro comunista da Iugoslávia, Josip Broz, conhecido por seus apoiantes como Tito. Deakin ofereceu-se voluntariamente para ser o primeiro a ser lançado em paraquedas, com outro oficial, o capitão William Stuart, e dois operadores de rádio.

Em 30 de janeiro, Churchill foi, ao longo da costa da Palestina e da Síria, à cidade de Adana, no sul da Turquia. O voo durou quatro horas; em Adana, estava à sua espera um trem que o transportou até um ramal a cerca de dez quilômetros, onde, à sua espera em outro trem, estava o presidente turco, İsmet İnönü. Os dois comboios foram ligados. No primeiro dia de negociações, realizadas no trem de İnönü, Churchill tentou convencer os turcos a aceitarem a ajuda britânica e americana se a Turquia fosse atacada pela Alemanha. İnönü não se comprometeu, sublinhando que a Turquia era “neutra neste momento”.

Nessa noite, Churchill dormiu no trem que o levava. Somente quando as “circunstâncias fossem favoráveis”, disse ele a İnönü na manhã seguinte, seria interessante que a Turquia “desempenhasse seu papel”. Concordou-se em que os oficiais do Estado-Maior britânico iriam para a capital turca “imediatamente”, onde fariam planos com o Estado-Maior turco “para a movimentação e subsequente manutenção das forças britânicas na Turquia, caso fosse arrastada para a guerra”. De Adana, Churchill foi para Chipre, num voo de meia hora. Na manhã seguinte, falou aos oficiais e soldados do 4º Regimento de Hussardos, do qual era coronel-chefe. “Winston esteve esplêndido”, escreveu o comandante à mulher. “Irradiava confiança e fez um discurso estimulante às tropas.” Nessa tarde, Churchill voou para o Cairo, onde soube que o exército alemão estacionado em torno de Stalingrado se rendera; 45 mil soldados foram feitos prisioneiros. “Foi sem dúvida uma extraordinária proeza”, telegrafou ele a Stálin.

Nessa noite, Churchill jantou na embaixada britânica no Cairo. Randolph também tinha sido convidado para o jantar. “Pai e filho falaram ríspidamente um com o outro, comigo no meio, o que foi muito desconcertante”, observou Sir Alexander Cadogan. “No entanto, conversamos com Winston sobre a campanha de Omdurman, sobre a qual ele falou longamente, à mesa, até as 23h30.” Na manhã seguinte, Churchill voou para Trípoli, um voo de cerca de seis horas, sobrevoando 2 mil quilômetros de deserto, até recentemente nas mãos dos alemães. “Quando for escrita a história e os fatos forem conhecidos, as suas proezas brilharão e cintilarão e serão uma fonte de canções e histórias muito depois que nós aqui reunidos já não estivermos”, disse ele aos homens do 8º Exército.

Nessa noite, Churchill dormiu em um dos três caminhões do exército que Montgomery tinha transformado em caravanas. Depois, em 4 de fevereiro, chegou propriamente a Trípoli. Correram lágrimas pela sua face quando passou em revista a 51ª Divisão Escocesa e outras unidades aliadas num total de 40 mil homens. Seu secretário militar, coronel Jacob, comentou: “O amargo momento na Casa Branca, quando Tobruk caiu, foi substituído pela alegria da manhã em Trípoli.” Durante um almoço breve oferecido por Montgomery, via-se no céu a fumaça de granadas antiaéreas, pois tinha sido identificado e expulso um avião alemão de reconhecimento. Nessa tarde, Churchill inspecionou 8 mil homens da Divisão da Nova Zelândia e disse-lhes: “As boas causas não serão espezinheadas. Justiça e liberdade reinarão entre os homens.” Antes de jantar com Montgomery, assistiu aos últimos reparos que estavam sendo feitos no porto de Trípoli. Depois da refeição, dormiu no bombardeiro que o levaria a Argel nas primeiras horas de 5 de fevereiro.

Depois de um voo de cinco horas, Churchill aterrissou em Argel às 9h e passou o dia discutindo problemas da nova administração francesa em Argel, insistindo em que as leis de Vichy contra os judeus argelinos, leis que ainda estavam em vigor, deveriam ser revogadas. À meia-noite, embarcou em seu bombardeiro Liberator para regressar à Inglaterra. Porém, uma falha no magneto não permitiu pôr os motores em funcionamento. Depois de ter estado sentado por duas horas e meia no aeródromo, regressou no meio da noite a Argel, onde passou todo o dia seguinte. Durante a manhã, encontrou-se com os dois ex-funcionários superiores de Vichy que administravam Argel. “Disse-lhes que se passassem para o nosso lado, não nos preocuparíamos com divergências passadas”, recordou ele mais tarde.

Nessa tarde, Churchill jogou besigue com Randolph antes de voltar ao campo de aviação. Um dos dois aviões Liberator que tinham trazido os participantes da conferência de Casablanca havia

despencado, matando dois participantes britânicos. Sentado em seu avião à espera da decolagem, Churchill disse a Jacob: “Seria uma pena ir embora no meio de um drama tão interessante sem poder ver o final, mas não é um mau momento para partir. Estamos na reta final, e até o Gabinete poderia resolver isso!”

Depois de oito horas e meia de voo, Churchill chegou a Lyneham, em Wiltshire. Era quase meia-noite, mas seguiu num trem para Londres, onde chegou a 1h, encontrando treze ministros que o aguardavam na estação para darem-lhe as boas-vindas. Tinha estado ausente por quase quatro semanas. “Por favor, deixe-me entrar no trem antes de desembarcar”, tinha escrito Clementine a Churchill. “Gosto de beijar meu pisco em particular e não ser fotografada fazendo isso.” De Londres, ele e Clementine foram para Chequers, onde, nessa mesma noite, ele fez um relato de suas viagens ao Gabinete de Guerra. Quatro dias depois, em 11 de fevereiro, disse à Câmara dos Comuns que o “objetivo dominante” da política anglo-americana era “fazer com que o inimigo arda e sangre de todos os modos física e razoavelmente possíveis, do mesmo modo que ele tem feito arder e sangrar ao longo da vasta frente russa, desde o mar Branco até o mar Negro”.

Essa era a política, mas Churchill irritava-se por ser necessário um prazo de três meses entre a captura da Tunísia e a invasão da Sicília, intervalo que Eisenhower pretendia prolongar ainda mais um mês. “Acho muito ruim que em abril, maio e junho nem um único americano ou inglês esteja matando um único soldado alemão ou italiano enquanto os russos perseguem 185 divisões que estão à sua volta”, telegrafou Churchill a Hopkins em 13 de fevereiro.

Desde seu regresso do norte da África em 7 de fevereiro, Churchill não se sentia bem. Em 16 de fevereiro, foi divulgado que ele estava com pneumonia. Ele passou uma semana de cama na Downing Street, com febre e desconforto. “É triste vê-lo doente, sabendo como ele detesta essa situação”, escreveu Elizabeth Layton aos pais. “É muito amável quando alguém o visita e fica muito satisfeito quando fala com alguém.” Um telegrama de Montgomery animou-o, pois informava que o 8º Exército tinha expulsado os alemães de Ben Gardane, dentro da fronteira tunisiana, e capturado os campos de aviação em Médenine. Soube também que o porto de Trípoli, depois de um escandaloso atraso em sua recuperação, não estava funcionando plenamente. Churchill enviou imediatamente uma mensagem aos soldados que trabalhavam nas docas: “Digam-lhes que estão descarregando história.”

Na Tunísia Ocidental, as tropas de Eisenhower tinham sido novamente maltratadas pelos alemães, com a perda de 170 tanques, atrasando em pelo menos um mês a possível captura de Túnis e ameaçando atrasar a invasão da Sicília. De sua cama, em 19 de fevereiro, Churchill sugeriu que a Grã-Bretanha tentasse capturar a Sicília sem os americanos, se Montgomery pudesse tomar Túnis sozinho. Em 20 de fevereiro, as forças de Rommel expulsaram os americanos do desfiladeiro de Kasserine. Quando se encontrou com o pai no dia seguinte, Mary anotou: “Fiquei chocada quando o vi. Parecia muito velho e cansado, deitado de costas na cama.”

Em 20 de fevereiro, Churchill estava doente demais para ler quaisquer documentos oficiais, mas dois dias depois, com 38,9 graus de febre, ditou uma carta de sete páginas para o rei em resposta às preocupações do monarca acerca da cooperação anglo-americana na Tunísia. Não se sentia “seriamente preocupado”, escreveu Churchill, mas disse ao rei que durante a batalha do desfiladeiro de Kasserine tinha visto uma mensagem ultrassecreta dos alemães, decifrada em Bletchley, em que os alemães tinham ordenado um recomeço do ataque, “devido”, como dizia a mensagem, “à fraca capacidade de luta do inimigo”. No entanto, Churchill tinha confiança nos americanos, por isso disse ao rei que eram homens “que não hesitarão em aprender com a derrota e que melhorarão sofrendo, até que todas as suas

qualidades marciais venham à tona”.

Os americanos recuperaram o desfiladeiro de Kasserine em 24 de fevereiro. Em 3 de março, Churchill estava suficientemente bom para ir para Chequers, onde trabalhou com o general Ismay — que ele tratava afetosamente por “Pug” — na enorme quantidade de telegramas recebidos. A enfermeira que o acompanhou, Doris Miles, recordou mais tarde:

Fiquei impressionada com o imenso vigor e entusiasmo e com sua determinação de recuperar-se da doença o mais rapidamente possível. Disse-me que comeu e bebeu demais (rosbife no café da manhã) e que não fez qualquer exercício, mas que estava em melhor forma do que “um certo velho dois anos mais novo do que eu”. Gostava de ver filmes, especialmente documentários, e ficava encantado se aparecia nos filmes, exclamando “Olha, Pug, estamos ali!”. Era muito amável comigo e mostrou interesse em saber que meu marido era tenente-médico num contratorpedeiro dos comboios russos.

Ao terceiro dia em Chequers, Churchill escreveu a um amigo: “Estou muito melhor, mas vou ficar aqui por alguns dias. Evidentemente continuo a trabalhar, onde quer que esteja, como quer que seja. É isso que me faz bem.” Numa emissão de rádio em 21 de março, sua primeira emissão em mais de um ano, Churchill expôs seus planos para a Grã-Bretanha do pós-guerra fazendo eco aos seus próprios objetivos de 1908 e 1924, deixando-se levar, como fizera em 1908, pelas ideias de William Beveridge; um relatório de Beveridge servia como base para um novo esquema. Em sua emissão, Churchill mencionou a necessidade de estabelecer um Serviço Nacional de Saúde em “fundações alargadas e sólidas”, que instituisse um seguro nacional obrigatório “do berço ao túmulo”, e de garantir oportunidades educacionais muito maiores e “competição leal” tão ampla que a Grã-Bretanha buscaria seus líderes “em todos os tipos de escolas e que usem todos os tipos de gravatas”. A tradição ainda desempenharia seu papel, “mas agora é preciso haver sistemas mais amplos”. Empresas estatais e livres iniciativas deveriam “puxar a carruagem nacional”.

Enquanto falava, um pedaço de papel foi posto diante dele. “Recebi nesse momento uma mensagem do general Montgomery”, disse aos seus ouvintes. “Ele diz que o 8º Exército está em andamento e que ele está satisfeito com o progresso. Desejemos-lhes que Deus os conduza em sua luta e dediquemos todos os nossos esforços à guerra e à cada vez mais vigorosa prossecução de nossa tarefa suprema.” A batalha continuou durante mais uma semana. As forças ítalo-germânicas, agora comandadas por um italiano, o general Messe, anularam o ataque frontal de Montgomery à sua linha de defesa Mareth, obrigando-o a adotar um plano alternativo, um movimento mais largo de envolvimento. Em 27 de março, à medida que cresciam evidências de que isso estava acontecendo, Churchill telegrafou a Montgomery: “Temos toda a confiança de que você resolverá o assunto.”

No dia seguinte, Montgomery telegrafou com a informação de que a resistência do inimigo se desintegrava. “Bravo!”, respondeu Churchill. “Eu tinha certeza. Agora, a questão é a captura.” Contudo, a retirada do inimigo foi bem conduzida, Montgomery foi excessivamente cauteloso e foi feito um número reduzido de prisioneiros.

As forças alemãs e italianas não pretendiam desistir facilmente de suas posições na costa tunisiana. “Hitler, com sua habitual pertinácia, está enviando a Divisão Hermann Goering e a 999ª Divisão Alemã para a Tunísia, principalmente por transporte aéreo, utilizando pelo menos cem aviões grandes”, disse Churchill a Stálin para explicar o atraso na expulsão de alemães e italianos do norte da África. O

conhecimento que tinha dos movimentos de Hitler ainda era exato, em resultado da investigação diária de centenas de mensagens ultrassecretas alemãs.

A quantidade de tempo e trabalho envolvidos no apuramento desses detalhes e na exploração de cada informação era enorme. Na última semana de março, depois do primeiro texto ditado à sua nova secretária, Marian Holmes, Churchill disse-lhe: “Já sabe que não deve ter medo de mim quando me zango. Não estou zangado com você, estou apenas pensando no trabalho.” “Isso foi dito com um sorriso angelical”, escreveu a srta. Holmes em seu diário. Enquanto convalescia da pneumonia, Churchill estava meditativo e disse ao editor do *Times*, Robin Barrington-Ward, que o achou “róseo, de cores frescas, quase sem rugas, com voz firme e toda a sua animação e ênfase”: “Quando a guerra acabar, serei um velho. Terei setenta anos. Não peço mais nada.” Os pensamentos de Churchill estavam no futuro de uma Europa dominada pela Rússia. “Cortejei Stálin como se corteja uma mulher”, disse ele. Ele defendia, no pós-guerra, uma confederação dos Estados europeus. “Não quero ficar sozinho na Europa com o urso”, disse ele.

Em 6 de abril, Montgomery atacou novamente, expulsando o adversário de Wadi Akarit. Ao anoitecer de 7 de abril, tinha feito 6 mil prisioneiros. Nessa noite, Churchill soube que as tropas americanas que se deslocavam a partir do oeste da Tunísia tinham “dado as mãos” ao 8º Exército. Estavam agora reunidas todas as condições para expulsar as forças alemãs e italianas para a “extremidade” da Tunísia. Contudo, no dia seguinte foi-lhe dito que Eisenhower não queria que se invadisse a Sicília depois do sucesso na Tunísia, devido à presença de duas divisões alemãs na ilha, além de seis divisões italianas cuja chegada era esperada. Eisenhower limitara-se a apoiar uma estimativa feita três meses antes pela Comissão Conjunta de Planejamento britânica e já rejeitada por Alexander e pelos que planejavam a invasão. Churchill estava furioso: “Espero que os chefes de Estado-Maior não aceitem essas doutrinas pusilânimes e derrotistas, venham de quem vierem”, escreveu numa minuta. A adoção de tal atitude pelos comandos aliados “fará com que sejamos motivo de piada em todo o mundo”. Deveria ser perguntado a Eisenhower “o que aconteceria” se duas divisões alemãs “o encontrassem em qualquer dos outros locais que ele pudesse propor”.

Churchill acrescentou: “Esse é um exemplo da fatuidade dos chefes de planejamento, que atiram seus medos para cima uns dos outros, apresentando as maiores dificuldades em cada serviço, fazendo americanos e ingleses rivalizarem uns com os outros na total ausência de uma mente diretora e da vontade de comandar.” Tinha sido dito aos russos que os próximos comboios enviados pelo Ártico teriam de ser cancelados porque os navios de escolta eram necessários para a invasão da Sicília. Agora Eisenhower estava contrariado em relação à Sicília porque haveria duas divisões alemãs a acrescentar a seis italianas. “Não sei o que pensaria Stálin, quando ele teve 185 divisões alemãs diante dele.”

Os chefes de Estado-Maior britânicos partilhavam da cólera de Churchill, bem como os chefes de Estado-Maior americanos. Os desembarques deveriam ser feitos, mesmo tendo de enfrentar duas divisões alemãs, além das italianas. Pairava no ar um sentimento de vitória. Em 11 de abril, Churchill disse a Stálin que Montgomery tinha feito 25 mil prisioneiros na Tunísia e que prosseguiam sem pausas os intensos bombardeios de fábricas alemãs. O que não lhe disse foi que os chefes de Estado-Maior tinham decidido que o equipamento de desembarque necessário para a Sicília era o mesmo necessário para um desembarque limitado através do canal.

Para garantir um desembarque bem-sucedido na Sicília, os planos, mesmo que apenas para um desembarque limitado através do canal, teriam de ser abandonados. No entanto, Churchill tinha esperança de que o sucesso na Tunísia e na Sicília seria tal que traria “resultados substanciais” daí em diante.

“Começou a batalha da Tunísia”, telegrafou Churchill a Stálin em 20 de abril. “Pretende-se levar essa questão a uma conclusão, se possível por meio de uma pressão contínua.” Porém, dez dias depois soube,

por Alexander, que a batalha tinha sido cancelada, devido à forte concentração de artilharia alemã no setor costeiro e “à natureza desesperada da resistência do inimigo”. Em Washington, havia quem quisesse que fosse o Pacífico, e não a Sicília, a primeira prioridade dos Aliados nesse verão, e tanto era assim que já não estavam transferindo do Extremo Oriente equipamentos de desembarque essenciais para a Sicília.

Para evitar que a Sicília fosse abandonada, Churchill decidiu que deveria falar pessoalmente com Roosevelt. “Estou consciente das sérias divergências que vieram à tona e que, se não forem ajustadas, conduzirão a graves dificuldades e a uma fraca ação no verão e no outono”, telegrafou ele a Hopkins em 2 de maio. “Devemos adiantar-nos a essas dificuldades.” Dois dias depois, partiu de Londres num trem para Clyde, onde embarcou no *Queen Mary* na tarde seguinte para sua terceira viagem transatlântica ao longo da guerra. Durante o segundo dia de viagem, soube por Alexander que a batalha da Tunísia tinha recomeçado. Foi-lhe também dito que um submarino alemão, cuja rota tinha sido revelada aos britânicos por suas ordens ultrassecretas, provavelmente cruzaria o caminho do *Queen Mary* cerca de 25 quilômetros adiante. Churchill deu imediatamente ordens para que fosse colocada uma metralhadora na baleeira que ele usaria se o navio fosse afundado. Averell Harriman, que estava com ele, registrou as palavras de Churchill: “Não serei capturado. A maneira mais bela de morrer é na emoção de lutar contra o inimigo.” Depois, após uma pausa para pensar: “Não seria assim tão belo se eu estivesse na água quando eles tentassem me pegar.”

O submarino não apareceu. Todo o assunto foi esquecido na noite de 7 de maio, quando uma série de sinais enviados ao *Queen Mary* informou sobre a captura de Túnis, onde o 1º Exército Britânico tinha entrado, e depois de Bizerta, onde os americanos entraram. No dia seguinte, Alexander informou sobre a captura de 20 mil prisioneiros. “Estou contentíssimo com as esplêndidas notícias”, respondeu Churchill. “A história admirará o modo como conduziram esses grandes exércitos.” Dois dias depois, tinham sido contados 30 mil prisioneiros, incluindo nove generais alemães. Churchill deu imediatamente ordens para que os sinos voltassem a repicar na Inglaterra.

Todo o norte da África estava agora em mãos aliadas, depois de três anos de mudanças do destino e duras batalhas. Enquanto o *Queen Mary* entrava em águas americanas, Alexander disse a Churchill, triunfante, que o número de prisioneiros alemães e italianos era agora superior a 100 mil: “Ninguém fugiu, à exceção de muito poucos, de avião.” Em finais do mês, soube-se que tinham sido feitos mais de 240 mil prisioneiros.

Nessa noite, Churchill pernitoou na Casa Branca, onde, a partir da manhã seguinte, Roosevelt e ele discutiram planos de guerra. Apesar das hesitações de Eisenhower, concordaram em que a invasão da Sicília seria prioritária e imediata, sendo seguida pela invasão da Itália. Se a Itália fosse tomada até agosto, poderiam ser desencadeadas outras operações, tanto nos Bálcãs quanto no sul da Europa. Em novembro, todos os recursos aliados seriam deslocados para o desembarque através do canal, que se realizaria “em grande escala” em maio de 1944.

Deixando aos chefes de Estado-Maior a tarefa de prepararem os pormenores, Roosevelt levou Churchill a Shangri-La, seu retiro na montanha, em Maryland, agora conhecido como Camp David. Ao regressar a Washington em 14 de maio, Churchill insistiu para que se fizesse um desembarque britânico contra os japoneses em Sumatra. Era apoiado por Wavell, que ficaria com a responsabilidade pelo desembarque. Roosevelt queria que o ataque fosse pela China, pelo norte da Birmânia, mas Wavell avisou que a Birmânia era “o país com mais malária no mundo”. Churchill concordou com Wavell e disse a Roosevelt que “não estava preparado para empreender uma ação imprudente apenas para tranquilizar os chineses”. Para desgosto de Churchill, não se chegou a nenhuma conclusão. Ao saber que tinha havido sérios atrasos na construção de bases aéreas britânicas em Assam, de onde se iniciaria qualquer ataque,

telegrafou a Attlee: “Estou muito preocupado com o modo como têm sido conduzidos nossos assuntos no teatro de guerra. A oportunidade de dominar toda a situação e injetar novo vigor em todos os procedimentos deve ser agarrada.”

Ao falar ao Congresso em 19 de maio, Churchill preveniu: “Qualquer discórdia ou lassidão” entre os Aliados dará à Alemanha e ao Japão o poder de “confrontar-nos com seus odiosos fatos”. Ele continuou a prevenir:

Temos ultrapassado muitos perigos sérios, mas há um perigo que nos acompanhará até o fim, que é um indevido prolongamento da guerra. Ninguém pode afirmar que novos perigos e complicações surgirão em mais quatro ou cinco anos de guerra. E é no arrastar da guerra, a enormes custos, até que as democracias se cansem, se aborreçam ou se dividam, que residem agora as principais esperanças da Alemanha e do Japão.

Clementine estava entre os ouvintes londrinos da transmissão por rádio do discurso de Churchill. “Confortou-me ouvir sua voz, tão forte, ressoante e resoluta”, escreveu ela.

Churchill precisaria lidar com um assunto muito sensível. Em 15 de maio, ele recebeu um preocupante telegrama de Sir John Anderson, o ministro responsável por todos os assuntos relacionados à investigação da bomba atômica, que trabalhava de perto com o professor Lindemann, agora lorde Cherwell. Anderson informava que quatro meses antes os americanos tinham suspenso a troca de informações sobre a bomba. E, no entanto, essa troca tinha sido acordada entre Churchill e Roosevelt em Hyde Park em junho de 1942. “Trabalhar separadamente seria uma sombria decisão”, disse Churchill a Hopkins no início de abril, mas os americanos continuavam a recusar-se a trocar informações. Por isso, Churchill decidiu continuar a preparar uma bomba atômica britânica independente. Isso exigiria uma vasta dispersão de recursos e talvez até o prolongamento da guerra, mas, se a Grã-Bretanha quisesse ter tal bomba, precisaria fabricá-la sozinha. O que tornou essa decisão possível foi que os principais componentes, urânio e água pesada, não disponíveis na Grã-Bretanha, poderiam ser trazidos do Canadá.

No entanto parecia que, segundo o telegrama de Anderson, o governo canadense, sem ter informado a Grã-Bretanha, tinha concordado em vender aos Estados Unidos toda a produção nacional das minas de urânio nos dois anos seguintes, bem como a produção de água pesada. A Grã-Bretanha já não podia pensar em produzir sua própria bomba. Churchill teria de levantar a questão com Roosevelt e aceitar quaisquer condições que os americanos impusessem. No último dia das negociações em Washington, Churchill e Roosevelt concordaram em que a Grã-Bretanha e os Estados Unidos trabalhariam conjuntamente para fabricar a bomba atômica. As trocas de informações, suspensas no início do ano, seriam retomadas e, disse Churchill a Anderson, a partir de agora o empreendimento seria “considerado como um só, para o qual ambos os países contribuiriam com seu maior empenho”. Presumia-se que “a arma pode ser fabricada para utilização nessa guerra”, completou Churchill.

As conversas em Washington terminaram em 25 de maio. O único ponto que preocupava Churchill era a preferência americana por um ataque à Sardenha, depois da Sicília e antes da invasão da Itália. Churchill considerava isso uma diversão de forças do alvo principal, que causaria perda de tempo. Por isso, decidiu ir ao norte da África para discutir o assunto com Eisenhower e outros oficiais americanos de alta patente, a quem competia levar a cabo os assaltos. Em 27 de maio, voou num hidroavião primeiro para a Terra Nova, depois para Gibraltar, uma viagem que durou dezessete horas. No percurso para Gibraltar, o hidroavião foi atingido por trovoadas que causaram alguma preocupação no piloto, mas,

como escreveu Churchill mais tarde, “não houve consequências, o que é o que importa em viagens aéreas”. Em 28 de maio, foi de Gibraltar para Argel num bombardeiro *Lancaster* especialmente modificado. “Muito confortável, com uma cabine especial para o primeiro-ministro, salas de jantar, beliches para quatro ao lado do primeiro-ministro e lavabo”, escreveu Brooke em seu diário. Foi um voo de apenas três ou quatro horas. Nessa noite, ao jantar, em Argel, Brooke notou que Churchill utilizava toda a sua perícia “para tentar impressionar Eisenhower sobre o que se poderia ganhar tirando a Itália da guerra”. No dia seguinte, Eisenhower concordou em que, se a Sicília se provasse “uma ação fácil”, a ação seguinte seria contra a Itália continental.

Em 1º de junho, Churchill voou até um aeródromo militar no deserto, onde assistiu aos preparativos de uma esquadrilha americana que estava prestes a bombardear a ilha de Pantelária, na metade do caminho entre o extremo da Tunísia e a Sicília. Depois de observar a partida dos bombardeiros para sua missão, Churchill voou para Túnis, onde, no anfiteatro romano de Cartago, falou a um grande número de soldados. De volta a Argel no dia seguinte, passou um bom tempo nos comandos do *Lancaster* “e balançou-nos durante algum tempo”, escreveu Brooke em seu diário.

Em Argel, Churchill soube que os dois rivais para o comando das forças francesas não controladas por Vichy, os generais Giraud e De Gaulle, tinham concordado em tornarem-se presidentes conjuntos do recém-estabelecido Comitê Francês de Libertação Nacional. “A noiva e o noivo finalmente se abraçaram”, telegrafou Churchill a Roosevelt em 4 de junho. “Vou receber o novo Comitê hoje, no almoço, mas não prejudicarei a felicidade doméstica com qualquer intervenção.”

Nessa tarde, Churchill retornou em seu bombardeiro a Gibraltar. Devido ao mau tempo, decidiu não prosseguir num hidroavião para a Inglaterra, como estava originalmente programado, mas sim no bombardeiro. Nesse mesmo dia, outro hidroavião, usando um corredor aéreo semelhante, de Lisboa para Plymouth, foi abatido, matando todos os passageiros, entre eles o ator Leslie Howard.

Churchill regressou a Londres na manhã de 5 de junho. “Estamos muito preocupados com você desde a morte de Leslie Howard”, escreveu sua filha Diana ao festejar sua volta. Depois de relatar sua viagem ao Gabinete de Guerra, Churchill foi a Chequers nessa tarde, onde preparou uma declaração para a Câmara dos Comuns, que comunicou em 8 de junho. Sobre as relações entre os britânicos e os americanos que constroem a política, disse:

Quando rumamos juntos e ponderadamente pelo difícil e áspero caminho da guerra, ocorrem todos os tipos de divergências, todos os tipos de diferenças de pontos de vista e todas as espécies de embates incômodos. Mas nada disso tem a menor influência em nossa sempre crescente união. Não há nenhuma questão que não possa ser resolvida, face a face, com conversas calorosas e argumentações pacientes.

Em 11 de junho, as forças de Eisenhower capturaram Pantelária. Uma semana antes, quando estava em Argel, Churchill dissera que havia apenas 3 mil italianos na ilha e ofereceu a Eisenhower cinco centimos por cada italiano capturado além dos 3 mil. Como havia 9.500 italianos, Churchill teve de pagar a ele 65 francos. Em 13 de junho, outras duas pequenas ilhas italianas, Lampedusa e Linosa, renderam-se. Estava aberto o caminho para a invasão da Sicília. Entretanto, continuava o bombardeio à Alemanha, com crescente intensidade. Em 20 de junho, durante um ataque à cidade industrial de Wuppertal, foram mortos mais de 3 mil cidadãos na tempestade de fogo criada pelo ataque. Uma semana depois, em Chequers, depois de ter visto um filme sobre o bombardeio às cidades alemãs, Churchill

endireitou-se subitamente na cadeira e disse a quem estava a seu lado: “Somos animais? Estamos indo longe demais?”

Dois dias depois, foram mostradas a Churchill fotografias e provas dos serviços secretos que tornavam claro que os alemães estavam desenvolvendo uma nova arma, um foguete que poderia lançar uma bomba sobre Londres de um ponto de lançamento na costa da França; esses fatos tinham-lhe sido apresentados por seu genro, Duncan Sandys, que, tendo sido gravemente ferido na campanha da Noruega, tinha sido nomeado responsável pela investigação e pela descoberta de armas secretas. “Chegou-se à conclusão de que existia uma ameaça e de que devíamos bombardear a estação experimental de Peenemünde com a maior brevidade possível”, escreveu Brooke em seu diário.

Em 3 de julho, os Aliados começaram a bombardear intensamente os campos de aviação da Sicília como prelúdio da invasão. “Sabe que espero que coloque sua mão direita no continente o mais depressa possível. Roma é o alvo”, telegrafou Churchill a Alexander quatro dias depois. Durante o dia 9 de julho, esteve em Chequers, esperando notícias sobre os desembarques na Sicília; o almirante Ramsay estava novamente encarregado da operação naval. Nessa noite, Clementine sentiu-se cansada e pediu à nora Pamela que a substituísse junto de Churchill.

Esperava-se que os desembarques começassem nas primeiras horas de 10 de julho, “por isso nos descontraímos”, recordou mais tarde Pamela.

Jogamos besigue, de que ele tanto gostava. Então, entrou um secretário particular e disse que havia vento e que os desembarques tinham sido adiados não se sabia por quanto tempo. Jogamos besigue a noite inteira; de vez em quando, ele pousava as cartas e dizia: “Tantos jovens valentes vão hoje ao encontro da morte. É uma enorme responsabilidade.” Ele estava muito preocupado sobre se a ação seria um sucesso ou um fracasso e tenho certeza de que fazia uma comparação com Galípoli e com o estreito de Dardanelos e interrogava-se sobre se poderia ocorrer um novo fiasco. Depois, continuava a jogar besigue e falava sobre outros assuntos, mas voltava a pousar as cartas e falava sobre os jovens e os sacrifícios que seriam exigidos.

Pamela acrescentou: “Foi uma noite muito tensa e torturante para ele; ia constantemente às salas de operações, verificava alguns aspectos e voltava.” Quando finalmente chegaram notícias sobre os desembarques, às 4h, “quis ir imediatamente à sala de guerra e saber como tudo decorria, quantos aviões se tinham perdido etc. Mal os desembarques se concluíram, ele quis saber os detalhes”. O primeiro detalhe de que tomou conhecimento foi que o porto de Siracusa estava sob controle aliado. “É um feito fantástico desembarcar perto de 200 mil homens”, telegrafou imediatamente a Eisenhower.

Em 16 de julho, quando a batalha da Sicília entrou no sexto dia, Churchill decidiu que devia discutir novamente com Roosevelt o passo seguinte, uma invasão da Itália no ponto da costa mais a norte possível. “Devo dizer que o primeiro-ministro não deixa que a grama cresça debaixo dos seus pés”, escreveu Oliver Harvey em seu diário em 16 de julho. “Estava ansioso por garantir o apoio dos americanos antes que seu conhecido desagrado pelas operações europeias, à exceção da travessia do canal, levasse Roosevelt a retirar seu equipamento de desembarque e a enviar seus navios para o Pacífico.”

Churchill estava fazendo planos para sua quarta travessia transatlântica da guerra. Seu objetivo era persuadir os americanos a invadirem a Itália após a iminente conquista da Sicília, avançando pelo menos

até Roma, e depois a apoiarem os guerrilheiros iugoslavos, gregos e albaneses na libertação dos Bálcãs, com apoio aéreo, armas e desembarques costeiros de pequenas unidades de comandos. Os alemães já tinham quinze divisões amarradas aos Bálcãs, mas uma guerra bem orquestrada pelos guerrilheiros obrigaria que trouxessem muitas mais. Na noite de 24 de julho, em Chequers, Churchill discutiu a guerra com Guy Gibson e sua esposa, Eve, estando prestes a enviar o ás da aviação numa missão de boa vontade ao Canadá e aos Estados Unidos. “Vimos um filme capturado dos alemães que mostrava as atrocidades infligidas aos judeus e aos habitantes dos países ocupados”, escreveu Eve Gibson mais tarde. “Eram horrorosos. O primeiro-ministro estava muito, muito comovido. Disse-me que foi exibido a todas as tropas americanas neste país.”

Enquanto Churchill via um filme na noite seguinte, foi-lhe trazida a mensagem de que Mussolini tinha sido demitido. O rei Victor Emmanuel era o novo comandante das Forças Armadas italianas e o marechal Badoglio, primeiro-ministro. O Partido Fascista fora dissolvido e o Grande Conselho Fascista, seu instrumento de governo, abolido. “Agora que Mussolini se foi, devo poder ter conversações com qualquer governo italiano não fascista que possa resolver os assuntos”, telegrafou Churchill a Roosevelt em 26 de julho. Esses “assuntos” eram a entrada das forças aliadas na Itália e seu direito, como Roosevelt disse a Churchill nesse mesmo dia, “de usar todo o território e os transportes italianos” contra os alemães.

As negociações para um armistício com a Itália começaram imediatamente. Houve grande animação na Grã-Bretanha pelo fim de Mussolini, mas Churchill fez um aviso na Câmara dos Comuns em 27 de julho, dizendo que “o principal e mais importante antagonista é a Alemanha, e não a Itália”. Apesar de tudo, estava confiante; no Atlântico, como resultado do conhecimento, por Bletchley, das comunicações alemãs com os submarinos, tinham sido afundados 35 submarinos alemães em julho, elevando o total para 85 afundados nos 91 dias decorridos desde 1º de maio.

À meia-noite de 4 de agosto, 29º aniversário da declaração britânica de guerra em 1914, Churchill embarcou num trem em Londres para a Escócia, com Clementine, Mary e trezentos outros participantes britânicos da Conferência de Quebec. Na tarde de 5 de agosto, deixaram Clyde a bordo do *Queen Mary*. Durante os cinco dias de viagem, o próprio Churchill marcava no mapa, em sua sala de mapas de viagem, os avanços diários na Sicília. O capitão Pim, que estava encarregado da sala dos mapas, recordou mais tarde a entrada do primeiro-ministro na sala, depois do café da manhã, “em seu roupão colorido, dizendo ‘Ponha seu dedo em Aderno e Palermo’, cidades da Sicília que tínhamos acabado de saber que haviam sido capturadas ao inimigo”. Aderno ficava a apenas oitenta quilômetros do estreito de Messina.

Em 9 de agosto, chegaram ao porto canadense de Halifax, onde Churchill embarcou num trem para Quebec. Em cada estação havia multidões, pois corriam rumores de que a bordo estava um “importante personagem”. Havia quem dissesse que era o papa, outros, que era Stálin. Ao chegarem a Quebec, Churchill recebeu um telegrama de Stálin, felicitando-o pelas contínuas vitórias na Sicília. Em retribuição, Churchill enviou ao russo “uma pequena máquina estereoscópica” e slides fotográficos dos estragos feitos pelas bombas britânicas nas cidades alemãs. “Dão uma impressão muito mais realística do que qualquer fotografia”, disse-lhe Churchill. Num bombardeio a Hamburgo duas semanas antes, tinha havido um impressionante total de 42 mil mortos, tendo sido destruído um terço dos edifícios residenciais da cidade.

De Quebec, Churchill seguiu de trem para a casa de Roosevelt em Hyde Park. Juntos, concordaram que Mountbatten, que Churchill tinha descrito anteriormente como “jovem e entusiástico”, deveria tornar-se comandante supremo no sudeste da Ásia. “Não há dúvida da necessidade de uma mente jovem e vigorosa nessa letárgica e estagnada cena indiana”, telegrafou Churchill ao Gabinete de Guerra. Também houve um acordo em relação à bomba atômica, que a Grã-Bretanha e os Estados Unidos “nunca utilizarão

um contra o outro”. Depois de duas noites em Hyde Park, Churchill retornou a Quebec.

Na cidade, em 17 de agosto, Churchill recebeu um telegrama de Alexander que anunciava que “o último soldado alemão foi expulso da Sicília e toda a ilha está agora em nossas mãos”. A conquista tinha levado 38 dias. Nessa noite, 571 bombardeiros pesados britânicos atacaram a estação alemã de investigação de foguetes em Peenemünde, no Báltico, atrasando a produção das novas bombas voadoras em vários meses. A Conferência de Quebec terminou dois dias depois, tendo suas conclusões sido discutidas durante cinco dias pelos chefes de Estados-Maiores Conjuntos, de acordo com o desígnio geral de Churchill e com a aprovação de Roosevelt. Em 1944, o principal esforço anglo-americano seria o desembarque pelo canal. A finalidade seria não só desembarcar no norte da França, mas “atacar o coração da Alemanha e destruir suas forças militares”. Qualquer conflito de prioridades entre operações no Mediterrâneo e no canal seria resolvido em favor do canal. Em consequência da considerável pressão dos chefes de Estado-Maior americanos, também seria feito um desembarque no sul da França para ajudar a desviar atenção dos desembarques através do canal; os chefes de Estado-Maior americanos estavam profundamente convencidos de que tal desembarque obrigaria os alemães a deslocarem tropas do canal.

Para permitir que fossem acumulados abastecimentos para o desembarque pelo canal, o avanço pela Itália, apesar de incluir a captura de Roma, como desejava Churchill, não iria mais para norte do que a linha Pisa-Ancona nem tentaria ir até o topo do Adriático ou até o sul da Áustria. As operações nos Bálcãs seriam limitadas ao envio de abastecimentos aéreos e marítimos aos guerrilheiros e ao uso de “pequenas forças de comandos”.

Em 20 de agosto, Churchill e Roosevelt foram passar o dia numa cabana isolada no Grand Lac d'Épaulle, onde pescaram e discutiram os méritos relativos de Sumatra e da Birmânia como próximos objetivos britânicos no Extremo Oriente. Ao almoço, Roosevelt mostrou preferência pela Birmânia, entre taças de vinho e saleiros. No retorno a Quebec, Roosevelt expôs sua ideia sobre uma organização internacional de segurança no pós-guerra, a ser instalada entre a vitória e a assinatura dos tratados de paz. Quando seu secretário de Estado, Cordell Hull, levantou-se por volta da meia-noite, Churchill ficou escandalizado. Quando Hull protestou que era tarde, Churchill replicou: “Ora, homem, estamos em guerra!”

Num encontro que tiveram em 23 de agosto, Roosevelt e Churchill concordaram com os chefes de Estados-Maiores Conjuntos em que deviam fazer planos para derrotar o Japão num prazo de doze meses depois do colapso da Alemanha, mas não antes. A primazia da guerra na Europa estava garantida. Churchill estava preocupado com a possibilidade de as forças de travessia do canal não serem suficientemente fortes para manterem suas posições depois do desembarque. O general Marshall concordou em que o assalto inicial, que na discussão tida em maio se planejara para três divisões, deveria agora ter quatro divisões e meia.

A Conferência de Quebec terminou em 24 de agosto. Dois dias depois, Eden percebeu que Churchill não estava bem e que tinha “uma cor estranha”. Churchill ainda estava preocupado, pois haveria uma longa demora entre a vitória na Sicília na semana anterior e os desembarques na Itália continental, já que as negociações com os italianos se arrastavam. Porém, ele tinha ainda outra preocupação de ordem pessoal. Sabendo que Eden, Brooke, Portal e Mountbatten retornariam à Inglaterra a bordo do mesmo hidroavião, disse a Eden: “Não saberia o que fazer se perdesse todos vocês. Cortaria a garganta. Não é apenas amor, ainda que haja muito, mas vocês são minha máquina de guerra. Eu simplesmente não conseguiria substituí-los: nem Brookie, nem Portal, nem você, nem Dickie.”

Nesse dia, Churchill deixou Quebec para passar uns dias de férias em La Cabane de Montmorency, um campo de pesca em altitude nas montanhas laurencianas, que tinha sido posto à sua disposição por um

industrial canadense, coronel Frank Clarke. “Quando caiu a noite, Winston veio até o ancoradouro de madeira e contemplou a aurora boreal”, observou o médico de Churchill. “Essa vida pacífica lhe fez bem, mas ele sente que está sendo ocioso.” No dia seguinte, pescou no lago com Mary. Enquanto esteve em La Cabane também trabalhou na preparação de uma emissão radiofônica que faria para a população canadense. Vários membros da delegação britânica, que estavam em outras cabanas junto ao lago, deslocavam-se de barco a motor para almoçar e jantar. Em 29 de agosto, um desses membros escreveu em seu diário: “Winston está em ótima forma, canta canções de Dan Leno, músicas famosas de quarenta anos atrás e as últimas canções de Noël Coward.” Dois dias depois, Churchill voltou a Quebec, onde fez a emissão radiofônica: “Aqui, na grande porta de entrada do Canadá, em suas poderosas terras que nunca conheceram as tiranias totalitárias de Hitler e Mussolini, o espírito da liberdade encontrou um lar seguro e duradouro.”

De Quebec, Churchill foi de trem para Washington. Ali, em 1º de setembro, soube que o governo italiano tinha concordado com os termos de rendição dos Aliados. Entretanto, tropas alemãs estavam entrando na Itália pelo norte. “O desembarque na Itália é o maior risco que corremos até hoje, no entanto sou totalmente a favor”, telegrafou Churchill ao Gabinete de Guerra em 2 de setembro. Dois dias depois, no quarto aniversário da declaração britânica de guerra à Alemanha, forças britânicas e canadenses atravessaram o estreito de Messina e desembarcaram na Itália continental. Churchill se concentrou imediatamente no último estágio da guerra, telegrafando a Eden e a Attlee com a informação de que queria ter uma conferência tripartida para discutir o que fariam com a Alemanha se vencessem a guerra. Seria dividida? Se sim, como? Convocariam Stálin e Roosevelt a Londres ou a Edimburgo ou a ambas.

O futuro do poderio russo dominava agora os pensamentos de Churchill. “Penso que é inevitável que a Rússia se torne a maior potência terrestre do mundo, após essa guerra tê-la libertado de duas potências militares, a Alemanha e o Japão, que lhe infligiram pesadas derrotas”, telegrafou ele ao marechal de campo Smuts em 5 de setembro. “Espero, no entanto, que a ‘fraterna associação’ da Comunidade Britânica com os Estados Unidos, com o seu poderio marítimo e aéreo, permita-nos entender e ter um relacionamento equilibrado com a Rússia, pelo menos pelo período de reconstrução. Mais do que isso não consigo enxergar com minha visão mortal e ainda não estou totalmente informado sobre os telescópios celestiais.”

Na noite de 5 de setembro, Churchill viajou num trem noturno de Washington para Boston, onde receberia um grau honorífico em Harvard. Tendo feito o discurso de aceitação na tarde de 6 de setembro, retornou imediatamente num trem a Washington, chegando à capital na manhã seguinte. Durante a viagem de volta, Cadogan anotou em seu diário: “Winston divertiu-se muito, fazendo, da janela do trem, o sinal de V aos maquinistas com os quais cruzava e aos passantes. Desnecessariamente, ia à plataforma traseira da carruagem, num roupão de seda, para falar com quem quer que encontrasse nas paradas do trem.”

Em 8 de setembro, em Washington, Churchill foi informado sobre a rendição formal das Forças Armadas italianas aos Aliados. Nessa noite, tropas alemãs começaram a ocupar Roma. Na manhã seguinte, tropas aliadas desembarcaram em Salerno, mas o plano de lançar uma divisão aerotransportada perto de Roma teve de ser cancelado: “Temos motivos para crer que os alemães estão ocupando os campos de aviação”, explicou Alexander num telegrama. Churchill passou a tarde de 9 de setembro com Roosevelt; ambos tinham concordado em que, se as forças anglo-americanas tivessem um rápido sucesso na Itália, seria dada uma substancial ajuda em munições e mantimentos às forças de guerrilha nos Bálcãs. Churchill falou sobre os mais de 75 mil homens do exército polonês “ansiosos por lutarem contra o inimigo”, que poderiam ser desembarcados na costa da Dalmácia, na Iugoslávia. A instalação de guarnições nos Bálcãs, “com algumas de nossas colunas móveis”, poderia ajudar. Roosevelt concordou, dizendo a Churchill que no que dizia respeito à ação nos Bálcãs “devemos estar preparados para tirar

vantagens de qualquer oportunidade que surja”.

Em 11 de setembro, quando Churchill regressou a Hyde Park para passar o resto do dia com Roosevelt, a notícia de um revés em Salerno o preocupou. “O primeiro-ministro ficou muito preocupado”, recordou mais tarde Ismay. “Fez-lhe recordar o desembarque na baía de Suvla, na campanha de Galípoli, quando as tropas desembarcaram sem problemas, mas não conseguiram penetrar em terra durante dois ou três dias, dando tempo ao inimigo para concentrar suas forças contra eles.” Outra recordação da baía de Suvla que também preocupava Churchill. A batalha fora perdida, telegrafou ele a Alexander, porque Sir Ian Hamilton tinha sido aconselhado por seu chefe do Estado-Maior “a manter-se num ponto afastado, onde pudesse ter conhecimento de tudo. Se lá estivesse, o resultado seria outro. A essa distância, e com falhas de memória, não pretendo julgar, mas sinto que é meu dever mencionar essa minha experiência passada”. Quando recebeu o telegrama de Churchill, Alexander já estava a caminho do posto avançado em Salerno. “Tenho certeza de que ficará satisfeito ao saber que já me adiantei ao seu sábio conselho”, respondeu ele.

Em 12 de setembro, festejava-se o aniversário de casamento de Churchill; nessa noite, ao jantar, Roosevelt fez-lhes um brinde e depois levou ambos à estação, onde embarcaram no trem para Halifax, uma viagem de mais de 37 horas. Durante a viagem, paraquedistas alemães libertaram Mussolini, que estava num refúgio de montanha nos Apeninos, e levaram-no a visitar Hitler, que concordou em constituí-lo chefe de um governo fascista no norte da Itália.

Churchill chegou a Halifax em 14 de setembro. Ao embarcar no couraçado *Renown*, estava, recordou Mary, “descontraído e muito simpático”. Nessa noite, na cabine do almirante, pediu uma caixa de fósforos e demonstrou a disposição das forças de Kitchener na batalha de Omdurman em 1898. Quando recordou que tinha estado debaixo de fogo no dia em que fez 21 anos, Mary, que fazia 21 anos no dia seguinte, disse, animada, que ganhara do pai por um ano; a bateria antiaérea em que ela tinha servido estivera em ação várias vezes contra os bombardeiros alemães que bombardeavam Londres um ano antes; “sem dúvida de modo muito ineficaz”, comentou ela mais tarde.

Cinco dias depois, o *Renown* chegou ao Clyde. Durante a viagem, a saúde de Dudley Pound, já fraca, deteriorou-se; na viagem de trem para Londres, ele entregou a Churchill sua carta de demissão. Na estação de Euston, Churchill foi recebido, recordou o capitão Pim, por todos os seus colegas de Gabinete “e de forma entusiástica por muita gente; ele estava obviamente em muito boa forma”. Em Euston estava também uma ambulância, que levou Pound para o hospital Royal Masonic.

Três dias depois de sua chegada a Londres, Churchill respondeu a alegações, na Câmara dos Comuns, sobre o atraso na invasão da Itália ter sido devido a prolongadas negociações com os sucessores de Mussolini. O “único fator limitador”, explicou ele, foi a preparação do equipamento de desembarque necessário. Ele continuou: “Quando ouço pessoas dizerem, tranquilamente, que devemos desembarcar tropas aqui e ali, como se fossem fardos de mercadorias que se lançam numa praia e se esquecem, fico estarrecido com a falta de conhecimento que ainda prevalece das condições de uma guerra moderna.”

Nesse outono, Churchill teve outro motivo de preocupação, que foi a possibilidade “de a bomba voadora ou canhão de longo alcance começar a bombardear no final do ano”, explicou ele a John Anderson. Assim, Londres voltaria a ser um alvo. Quanto ao edifício na Downing Street, era “tão velho e frágil que uma bomba pesada que falhe por pouco pode destruí-lo de uma só vez”. Apesar dessas preocupações, Churchill sabia que o poderio dos Aliados estava finalmente em ascensão; em 25 de setembro, forças soviéticas entraram em Smolensk, uma das cidades da Rússia Ocidental que tinham sido invadidas pelos alemães no outono de 1941. Quatro dias depois, o couraçado alemão *Tirpitz* foi tirado de combate por submarinos-miniatura britânicos que o atacaram no ancoradouro norueguês em que se encontrava, permitindo assim a continuação dos comboios do Ártico. Em 1º de outubro, tropas britânicas

entraram em Nápoles. Quase sem luta, a Córsega e a Sardenha foram ocupadas pelos Aliados. No Atlântico, porém, os submarinos alemães, equipados com um novo tipo de torpedo acústico, eram novamente uma ameaça para os navios de escolta dos comboios, apesar de ser possível localizá-los através da cifra Enigma.

Em 7 de outubro, alertado para a possibilidade de rápidos desenvolvimentos no Mediterrâneo, Churchill propôs aos chefes de Estado-Maior, incluindo o sucessor de Pound, recentemente nomeado, almirante Sir Andrew Cunningham, que em 1915 tinha servido no estreito de Dardanelos, que deveria ser desencadeada uma operação para capturar a ilha de Rodes, no mar Egeu. No dia anterior, a Comissão Conjunta de Planejamento tinha apresentado um plano para esse ataque, dependendo da desistência, por parte das forças britânicas, da próxima e muito menor ilha de Cós. Churchill acolheu o plano de Rodes e imediatamente ordenou que seu avião fosse preparado; iria a Túnis para encontrar-se com Eisenhower e conseguir as tropas necessárias. Contudo, não tinha abandonado a esperança de conquistar Cós. Cadogan escreveu em seu diário nessa noite: “Está animado com Cós e quer liderar uma expedição a Rodes!” Brooke estava zangado com o entusiasmo de Churchill. “Já não consigo controlá-lo”, escreveu em seu diário. “Está tão nervoso com o ataque a Rodes e aumentou tanto a importância desse ataque que não consegue ver mais nada e dedica-se à captura dessa ilha, mesmo correndo o risco de pôr em perigo as relações com o presidente americano e o futuro da campanha na Itália. Recusa-se a ouvir qualquer argumento ou a ver qualquer perigo.” Nessa noite, Churchill ditou a Marian Holmes, que escreveu em seu diário: “O primeiro-ministro disse ter tido um dia ruim, um dia muito ruim. De modo bastante confidencial, disse: ‘A dificuldade não está em ganhar a guerra, e sim em tentar persuadir as pessoas a deixarem-nos ganhá-la, em tentar persuadir tolos.’ Parecia preocupado e disse que sentia ‘que já bastava’. Tinha tentado convencer os americanos a invadirem Rodes.”

Na manhã seguinte, Churchill recebeu um telegrama de Roosevelt, que se negava em absoluto a concordar com uma operação em Rodes; não pode haver “dispersão de forças ou equipamentos” que possa afetar quer o avanço na Itália para o norte de Roma quer o assalto através do canal, operação que recebera o codinome Overlord, agora planejado para maio de 1944. Churchill respondeu que o equipamento de desembarque a ser usado no ataque a Rodes poderia ser deslocado para a Inglaterra “cerca de seis meses antes” de ser necessário para o assalto através do canal, mas Roosevelt recusou-se a mudar de opinião.

Nessa tarde, Churchill foi a Chequers. No caminho, parou no hospital Royal Masonic, onde, a pedido do rei, entregou a insígnia da Ordem de Mérito a Pound. Pound, vítima de dois ataques cardíacos recentes, estava incapacitado de falar, mas reconheceu Churchill e apertou-lhe a mão. Treze dias depois, no Dia de Trafalgar, faleceu.

O governo russo pressionava a Inglaterra para que reconhecesse as fronteiras da União Soviética de 1941, com os Estados Bálticos e a Polônia oriental como parte da Rússia. Churchill não discordou. “Acho que devemos fazer tudo o que pudermos para persuadir os poloneses a concordar com os russos sobre sua fronteira oriental”, disse ele a Eden em 6 de outubro, fazendo-o em troca da entrega à Polônia de território alemão da Prússia oriental e da Silésia. Esse seria o ponto de partida da Conferência das Três Potências, agora planejada para acontecer em Teerã. O assunto em que Stálin mais queria garantias era a data e a dimensão do desembarque através do canal.

No início de outubro, no entanto, mais de um mês antes da data da Conferência de Teerã, Churchill mudou de ideia sobre a data para os desembarques através do canal. A decifração de mensagens ultrassecretas alemãs mostrava que Hitler, que até então parecia pretender retirar suas forças do norte da

Itália, não disputando uma batalha de grandes proporções, insistia na manutenção de uma linha a sul de Roma. Lutaria na Itália com a mesma determinação com que lutara na Tunísia e não perderia nada sem a mais encarniçada luta. Era agora perfeitamente claro que quanto mais esforços fossem despendidos pelos Aliados na campanha da Itália, mais divisões alemãs seriam enviadas contra eles e mais divisões alemãs poderiam ser imobilizadas e derrotadas. Mesmo a frente russa teria vantagens nesse deslocamento de forças alemãs para o interior da Itália.

Já havia onze divisões aliadas na Itália, em luta contra 25 divisões alemãs. Outras 22 divisões estavam sendo agrupadas na Grã-Bretanha para o desembarque através do canal. Churchill considerava que essas divisões não seriam suficientes para o norte da Europa, mas que, se fossem deslocadas para a Itália, poderiam obrigar os alemães a maiores empenhos e perdas. Por essa razão, em 19 de outubro, Churchill disse aos chefes de Estado-Maior que receava que, ao fazer um desembarque no noroeste da Europa, “pudesse dar ao inimigo a oportunidade de concentrar, devido às suas excelentes vias de comunicação por estradas e por ferrovias, forças esmagadoras contra nós, que infligiriam um desastre militar maior do que em Dunquerque. Tal desastre resultaria na ressurreição de Hitler e do regime nazista”.

Os chefes de Estado-Maior concordaram que, em alternativa à operação Overlord, a Grã-Bretanha deveria “reforçar o teatro de guerra na Itália ao máximo”. Focando a fase seguinte de operações militares no Mediterrâneo, poderia também “entrar nos Bálcãs” e manter uma posição dominante nas ilhas do mar Egeu, onde apenas Leros estava em mãos britânicas. Baseados na Inglaterra e agora em bases no sul da Itália, os bombardeiros anglo-americanos intensificariam os ataques à Alemanha.

A Eden, que estava em Moscou, Churchill explicou os novos planos em 20 de outubro, mencionando os perigos de um “compromisso com a operação Overlord em maio, pondo assim em risco nossas possibilidades na Itália e nos Bálcãs”, tendo ao mesmo tempo “forças insuficientes” no norte da França “depois do 13º ou 14º dia”. Apesar de Eden ter respondido que os russos não aceitariam qualquer cancelamento ou mesmo um adiamento da operação Overlord, Churchill continuou a defender o plano do Mediterrâneo. Em 22 de outubro, realçou a Roosevelt que mesmo duas divisões britânicas na Sicília, que poderiam juntar-se à batalha na Itália, seriam em breve transferidas para a Inglaterra como parte da preparação para a operação Overlord e não estariam em ação nos próximos seis meses. Ao general Marshall telegrafou em 24 de outubro: “Estou desolado com a retirada da 50ª Divisão e da 51ª Divisão, nossas melhores, da batalha de Roma no interesse da distante Overlord. Estamos cumprindo nossa palavra, mas peço a Deus que isso não nos custe caro.”

Essas duas divisões britânicas não seriam as únicas a serem retiradas por insistência americana; outras duas estavam prestes a partir, bem como quatro divisões americanas, as melhores na zona de guerra na Itália. Em 26 de outubro, Churchill escreveu a Eden, dizendo que a batalha na Itália deve “ser fortalecida e disputada até ser vencida”; depois, seria o momento de fazer o desembarque pelo canal. Deveria ser deixado bem claro a Stálin que as garantias dadas sobre a realização da operação Overlord em maio poderiam ser “modificadas devido às exigências da batalha na Itália”. Churchill comentou com amargura: “Isso é o que acontece quando as guerras são dirigidas por acordos de advogados feitos com boa-fé meses antes, e que persistem sem que sejam levadas em consideração as constantes mudanças no destino da guerra.” “A Grã-Bretanha deve fazer o melhor que puder” pela Overlord, mas, acrescentou ele, “é inútil planejar uma derrota no campo de batalha para satisfazer uma política temporária”.

Os chefes de Estado-Maior britânicos concordaram com Churchill e pressionaram os chefes de Estados-Maiores Conjuntos americanos a darem prioridade à Itália até que, no mínimo, Roma fosse capturada. O equipamento de desembarque britânico e americano, que poderia ter sido usado para um desembarque anfíbio na costa italiana perto de Roma, estava prestes a sair do Mediterrâneo para a Grã-

Bretanha como parte dos preparativos para a operação Overlord. Em 27 de outubro, Churchill disse ao Gabinete de Guerra que se demitiria se seu pedido de “fortalecer a batalha” na Itália fosse recusado. Brooke sublinhou também o fato de que deveriam ser enviadas forças suficientes para garantir o sucesso na Itália.

Para tentar acalmar Stálin, Churchill telegrafou a Eden em 29 de outubro para reforçar que a operação Overlord não seria abandonada, mas que a retenção do equipamento de desembarque no Mediterrâneo, “de modo a não perder a batalha de Roma, poderia causar um pequeno adiamento, talvez até julho”. Eisenhower interveio em apoio de Churchill, dizendo que se o equipamento de desembarque fosse retirado da Itália como planejado, seu avanço para Roma seria adiado até janeiro ou mesmo fevereiro de 1944. Quando Churchill pediu a Roosevelt que levasse seu ponto de vista em consideração, os chefes de Estados-Maiores Conjuntos americanos concordaram em que o equipamento de desembarque que deveria ser retirado da Itália em meados de dezembro poderia continuar ali por mais um mês, mas depois seria transferido. A operação Overlord não deveria ser adiada para além de maio, data já acordada. A 50ª Divisão e a 51ª Divisão deveriam regressar imediatamente à Grã-Bretanha, assim como outras duas divisões britânicas e quatro divisões americanas.

Churchill e Roosevelt concordaram em debater esses assuntos cara a cara antes do encontro com Stálin. Em 11 de novembro, incomodado com uma constipação e com a garganta inflamada e sentindo-se doente em resultado das vacinas de cólera e de febre tifoide, Churchill foi para Plymouth, onde embarcou novamente no couraçado *Renown*, que o levara pelo Atlântico menos de dois meses antes. Até aquela data, calculou o capitão Pim durante o primeiro dia no mar, Churchill tinha viajado um total de 180 mil quilômetros por mar e ar desde setembro de 1939, passando 792 horas no mar e 339 no ar. Em Gibraltar, Churchill teve uma longa conversa a bordo do navio com o ministro residente no noroeste da África, o deputado conservador Harold Macmillan, a quem expressou sua preocupação por a posição no Mediterrâneo não ter sido explorada “com vigor e flexibilidade”, tanto em relação à Itália quanto ao mar Egeu. Nessa noite, Macmillan escreveu em seu diário: “É evidentemente um motivo de fúria para Winston, que sente que tem lutado em toda a guerra como um homem que tem as mãos atadas atrás das costas, e mesmo assim ninguém senão ele, com sua extraordinária paciência e habilidade, poderia ter instigado os americanos a entrarem na guerra.”

Em 16 de novembro, o *Renown* chegou a Argel. Churchill não desembarcou, mas teve longas conversas com vários oficiais de alta patente que subiram a bordo. Quando alguém disse que o sistema de chefes de Estado-Maior era bom, ele comentou: “De modo nenhum. Leva a decisões fracas e hesitantes ou até a indecisões. Peguem o mais corajoso marinheiro, o mais intrépido aviador e o mais audacioso soldado e coloquem-nos à volta de uma mesa. O que vocês terão? O somatório dos seus medos!”

Ao chegar em Malta em 17 de novembro, Churchill sentiu-se tão mal que passou a maior parte dos dois dias na cama. Enquanto esteve em Malta, soube que os alemães tinham tomado a ilha de Leros, no Dodecaneso, fazendo prisioneiros quinhentos soldados britânicos; fora o primeiro sucesso alemão desde Alamein, comentou ele. Seus esforços para que se conseguisse uma iniciativa aliada mais forte e a presença de forças mais substanciais no Dodecaneso tinham sido rejeitados pelos americanos. “Como o senhor, sinto que isso é uma séria perda e um retrocesso, e, como o senhor, tenho lutado com as mãos atadas atrás das costas”, disse-lhe o comandante britânico no Mediterrâneo Oriental, o general Sir Maitland Wilson. Uma carta de apoio e encorajamento enviada por Clementine chegou a Churchill: “Nunca esqueça que quando a história olhar para trás, a sua visão e a sua penetrante energia, junto com a

sua paciência e a sua magnanimidade, farão parte da sua grandeza. Por isso não se deixe zangar — lembro-me muitas vezes de você dizer que a única coisa pior do que os aliados é *não* ter aliados!”

Em 21 de novembro, o *Renown* chegou a Alexandria. Churchill foi imediatamente para o Cairo, onde, no dia seguinte, recebeu Roosevelt no aeroporto. A Conferência do Cairo teve início em 23 de novembro. Ao saber que Roosevelt nunca tinha visto a esfinge nem as pirâmides, Churchill foi até os monumentos com Sarah, para se certificar de que o presidente poderia visitá-los sem precisar andar, e regressou para levar Roosevelt. “Foi um passeio encantador”, escreveu Sarah à mãe. “O presidente estava encantado, despretensioso e entusiasmado. Acho que ficou muito satisfeito. Acho que apreciou o trabalho que o papai teve.”

Na conferência, Churchill continuou a considerar a campanha da Itália como primeira prioridade, sem que fossem retiradas mais forças até a captura de Roma em janeiro; depois, seria a vez de Rodes, a principal ilha do Dodecaneso, em fevereiro; então, seriam enviados fornecimentos aos guerrilheiros iugoslavos; e, finalmente, concentrariam todos os esforços no desembarque através do canal, adiado de maio para julho. Eisenhower apoiou os planos de Churchill para que a Itália fosse a primeira prioridade, mas queria ir mais para norte do que Roma; na verdade, Eisenhower disse que em seu ponto de vista a Itália era “o local indicado para posicionar nossas principais forças, com o objetivo de dominar o vale do Pó. De nenhuma outra área poderemos ameaçar toda a estrutura germânica com tanta eficácia, incluindo a França, os Bálcãs e o próprio Reich. Aqui também nosso poderio aéreo estará mais perto de objetivos vitais na Alemanha”.

Eisenhower queria que até a operação Overlord fosse adiada, sublinhando, conforme consta nas minutas da reunião em 26 de novembro, “a importância vital de realizar o máximo possível de operações num determinado teatro, pois tem sistematicamente se perdido muito tempo quando o teatro de operações é alterado, necessitando, como sucedeu, da árdua tarefa de construção de uma nova base”. Não se chegou a nenhuma decisão, a não ser tentar chegar a um consenso depois do encontro de Churchill e Roosevelt com Stálin. Em 27 de novembro, foram em aviões diferentes a Teerã, num voo de cinco horas e meia. Nessa noite, Churchill estava cansado demais para jantar, como se esperava, com Stálin e Roosevelt. Na manhã seguinte, soube que, uma hora antes do primeiro encontro formal da conferência, Stálin tinha estado a sós com Roosevelt. Nesse encontro, Roosevelt distanciou-se do ponto de vista de Churchill e Eisenhower sobre a primazia da campanha da Itália. Em vez disso, “deixou claro”, disse Hopkins ao médico de Churchill, “que estava ansioso por aliviar a pressão da frente russa com uma invasão à França”.

O primeiro encontro das três potências realizou-se na tarde de 28 de novembro, tendo Churchill dito às três delegações que provavelmente representavam a “maior concentração de poderio mundial já visto na história da humanidade”. Nesse dia, durante as negociações, Roosevelt falou sobre a possibilidade de um avanço aliado através da Itália até o norte do Adriático e a Áustria e, daí, para nordeste até o Danúbio. A mitologia subsequente atribuiria essa ideia a Churchill, mas ele sugeria que o desembarque no sul da França devia ser a próxima ação depois da vitória na Itália e que deveria acontecer ao mesmo tempo do desembarque através do canal. Stálin estava de acordo com esse plano; não via com bons olhos a ideia de Roosevelt de um exército anglo-americano no Danúbio.

Nessa noite, Roosevelt, anfitrião de um jantar para Churchill e Stálin, sentiu-se mal e foi se deitar mais cedo. Seus dois convidados discutiram então o futuro da Alemanha. Churchill disse que “proibiria qualquer aviação, civil ou militar”, mas acrescentou que não era contra os “trabalhadores” na Alemanha, ao que Stálin respondeu que os russos matam qualquer prisioneiro de guerra da classe trabalhadora que, ao ser-lhe perguntado por que lutavam, respondiam que apenas cumpriam ordens. Voltando à questão da fronteira polonesa, Churchill sugeriu que “a Polônia pode mover-se para oeste, como soldados que

alinham dois passos à esquerda”. A Rússia ficaria com o terço oriental da Polônia, e o restante do país se deslocaria para ocidente, para a Alemanha. “Se a Polônia pisar em pés germânicos, não poderemos fazer nada, mas é necessário que haja uma Polônia forte. É um instrumento necessário na orquestra da Europa.” Então, Churchill pegou três fósforos e demonstrou o que tinha em mente: a fronteira leste da Polônia deslocada para ocidente, para a antiga linha Curzon e a fronteira ocidental da Polônia deslocada para oeste, para o rio Oder. Stálin ficou satisfeito.

Na sessão seguinte da conferência, Stálin falou vigorosamente contra qualquer adiamento, além de maio, do desembarque através do canal. No dia seguinte, os conselheiros de Churchill disseram-lhe que os únicos períodos favoráveis de lua cheia eram os cinco dias depois de 8 de maio e os cinco dias depois de 10 de junho. Num encontro particular com Stálin na manhã de 30 de novembro, Churchill explicou uma vez mais suas razões para que se perseverasse na Itália. A retirada de quatro divisões britânicas de Itália para a operação Overlord tinha deixado as tropas “de certo modo desanimadas” e “não conseguimos tirar todas as vantagens do colapso da Itália”. Porém, Churchill também apontou que a retirada dessas tropas “deu prova de nossa seriedade com os preparativos para a Overlord”. Na sessão plenária da conferência nessa tarde, concordou-se em manter a data de maio para a operação Overlord. A campanha da Itália tinha passado para segundo plano, embora divisões germânicas fossem obrigadas a permanecer lá, envolvidas em batalhas contínuas.

Nessa noite, Churchill foi o anfitrião do terceiro jantar da conferência. Como era também seu aniversário de 69 anos, houve brindes do princípio ao fim. Em um momento, Churchill ergueu o copo e disse: “Bebo às massas proletárias”, o que levou Stálin a erguer seu copo e dizer: “Bebo ao Partido Conservador.” Churchill disse a Stálin: “A Inglaterra está cada vez mais cor-de-rosa.” “É sinal de boa saúde”, contrapôs Stálin.

No dia seguinte, foi discutida a fronteira russa pós-guerra e a aquisição, por parte da Polônia, de território germânico como compensação. Churchill estava preparado para dizer aos poloneses “que o plano era bom, o melhor que se podia conseguir, e que o governo de Sua Majestade não discutiria com o governo soviético à mesa de negociações”. Não iria “partir seu coração ceder algumas partes da Alemanha à Polônia”, disse Churchill com alguma ênfase, ou ceder à Rússia a cidade de Lviv, que Stálin reclamava. A Polônia teria de aceitar a linha Curzon, proposta pela Grã-Bretanha em primeiro lugar em 1920, excluindo assim o terço oriental do país, que a Polônia tinha adquirido em 1921 após derrotar as forças bolcheviques. Os poloneses, acrescentou Churchill, “serão sensatos se aceitarem nosso conselho e estarão adquirindo uma região com 780 quilômetros quadrados”. Ele “não estava preparado para armar um espetáculo acerca de Lviv”. A Polônia poderia ainda adquirir parte da Prússia Oriental. Se os poloneses concordariam ou não com esses ganhos e perdas era duvidoso; as minutas registraram as palavras de Churchill: “Nunca conseguiremos que os poloneses digam que estão satisfeitos. Nada satisfará os poloneses.” Porém, diria a eles que deveriam aceitar.

Em relação à Alemanha, todos concordaram que deveria ser dividida em vários pequenos Estados; Churchill sublinhou a necessidade de isolamento da Prússia e propôs também tornar os Estados do sul da Alemanha parte de uma Confederação do Danúbio, com centro na Baviera, Áustria e Hungria; “uma confederação ampla e pacífica”, descreveu ele.

No final da Conferência de Teerã, Stálin tinha conseguido que o desembarque anglo-americano pelo canal fosse feito e que a fronteira ocidental ficasse exatamente como queria. Em 2 de dezembro, Churchill regressou de avião ao Cairo, onde tentou persuadir o presidente turco, Ismet İnönü, a entrar na guerra. Se os turcos se juntassem aos Aliados, Churchill acreditava que a Bulgária, a Romênia e a Hungria, até então leais à Alemanha, “poderão cair nas nossas mãos” e que a próxima conferência das três grandes potências “poderia ser em Budapeste!”. Porém, İnönü resistiu a todas as lisonjas; a Turquia,

à semelhança da Argentina, não entraria na guerra até a iminente derrota da Alemanha.

Em 9 de dezembro, Churchill sentiu-se novamente mal. “Tinha um aspecto muito cansado e disse que se sentia prostrado, cansado e com dores na região lombar”, escreveu Brooke em seu diário. Estava tão cansado que não teve força para se secar depois de tomar banho e deitou-se na cama envolvido na toalha. Ainda assim, todos os dias tinha várias reuniões com peritos e conselheiros, discutindo a ajuda aos guerrilheiros na Iugoslávia, na Grécia e na Albânia e a possibilidade de voltar a controlar o Dodecaneso. Entre aqueles que jantaram com ele, estava Julian Amery, que tinha trabalhado por trás das linhas alemãs na Albânia. Depois do jantar, em 10 de dezembro, Amery escreveu ao pai, citando a resposta de Churchill a uma pergunta sobre seus planos de viagens futuras: “Sou vítima do capricho e viajo nas asas da fantasia.”

Uma hora depois, Churchill foi outra vez para a Tunísia, num voo de oito horas e meia que terminou no aeroporto errado. “Fizeram-no sair do avião”, recordou Brooke mais tarde. “Ele se sentou na mala, numa manhã muito fria e ventosa, como se nada mais existisse no mundo. Ali ficamos cerca de uma hora à espera, e ele estava gelado.” O destino correto era um campo de aviação cerca de setenta quilômetros dali, perto de Cartago, onde Eisenhower o esperava. Churchill pretendia ir de avião dali para a Itália, onde faria uma visita às tropas britânicas, mas estava esgotado. “Receio não poder permanecer com você mais tempo do que o planejado”, disse a Eisenhower. “Estou no limite e não posso deslocar-me à frente até recuperar minhas forças.”

Churchill descansou até 11 de dezembro. Na manhã seguinte, tinha 38,3 graus de febre. Um patologista viajou do Cairo ao seu encontro enquanto uma máquina de raios-X era trazida de Túnis; Churchill estava com pneumonia. Foi obrigado a repousar, mas continuou a receber visitas e a ditar telegramas ao seu estenógrafo, Patrick Kinna. Os médicos protestaram contra o volume de trabalho, recordou Kinna, “mas sem qualquer eficácia”.

Na noite de 14 de dezembro, o coração de Churchill começou a dar sinais de cansaço. Lorde Moran receou que ele estivesse morrendo. O próprio Churchill estava filosófico. “Se eu morrer, não se preocupe... A guerra está ganha”, disse ele a Sarah.

9.

Doença e recuperação

Em 15 de outubro de 1943, enquanto Churchill continuava doente em Cartago, o brigadeiro Bedford, especialista de doenças do coração, chegou do Cairo. “Deu-lhe dedaleira para acalmar o coração”, anotou Macmillan. Ainda nesse dia, o tenente-coronel Buttle, perito no novo antibiótico sulfonamida, chegou da Itália num avião. “Tive uma longa conversa com ele e pedi-lhe que fosse firme e que *proibisse* telegramas ou visitas”, escreveu Macmillan. Nessa noite, Churchill mandou chamar lorde Moran e disse-lhe: “Não me sinto bem. Meu coração está fazendo uma coisa engraçada. Parece que está batendo por todos os lados.” Tinha sofrido um ligeiro ataque de coração chamado “fibrilação”, escreveu Macmillan em seu diário no dia seguinte. “Não foi grave, mas alarmou a todos.” Em 16 de dezembro, o professor John Scadding, especialista em doenças torácicas, chegou do Cairo. O pulso de Churchill estava mais regular e os pulmões, mais limpos. Deitado na cama, fraco, mas bem-disposto, pediu a Sarah que lesse para ele. Escolheram *Orgulho e preconceito*, de Jane Austen.

Em 17 de dezembro, Clementine chegou a Cartago para ficar com o marido. Nessa noite, jantaram sozinhos. Havia quase seis semanas que não se viam. Depois do jantar, juntaram-se a eles Sarah e Randolph. Lorde Moran estava bastante aborrecido porque a conversa estava sendo muito longa, mas, escreveu Clementine a Mary, “papai não deu sinais de fadiga, e uma ou duas vezes, quando tentei me retirar, ele não me deixou ir”. Durante a noite, Churchill sofreu um segundo ataque ligeiro. “Papai está muito preocupado, pois vê que não ficará bom em poucos dias e que terá de passar uns tempos, para ele tremendamente monótonos, sem emoções nem agitações”, disse Clementine a Mary em 18 de dezembro.

Churchill continuou a receber visitas, ainda que uma por vez. Discutia com os chefes de Estado-Maior, por telegrama, o desembarque anfíbio em Anzio, na costa italiana, um pouco a sul de Roma. Em 23 de dezembro, tanto Alexander quanto Eisenhower foram visitá-lo para discutirem sobre os detalhes do desembarque. Seu objetivo era conduzir à captura de Roma e a um avanço para norte até a linha Pisa-Rimini. Em 24 de dezembro, Churchill saiu da cama pela primeira vez em duas semanas para uma conferência de véspera de Natal com Alexander e vários outros generais, almirantes e planejadores acerca de como providenciar equipamentos de desembarque para Anzio até a data prevista de 20 de janeiro. Mesmo assim, telegrafou aos chefes de Estado-Maior pouco depois da meia-noite, significaria um mês de atraso no envio de alguns equipamentos de desembarque da operação Overlord, que deveriam ser levados para a Inglaterra. No dia de Natal, cinco comandantes-chefes, convocados por telegrama, chegaram a Cartago para fazer o planejamento final para a ação em Anzio, cuja importância foi sublinhada no princípio por Eisenhower, que ainda estava profundamente convicto de que “o caminho correto era pressionar na Itália, onde os alemães ainda estão muito envolvidos na luta”, conforme disse durante a reunião.

Nada poderia interferir na data de maio para a operação Overlord, mas o desembarque em Anzio tinha se tornado a principal operação aliada da guerra. A conferência de Churchill no dia de Natal, a que ele assistiu em seu roupão com um dragão, marcou sua importância, recuperando o que havia para ser

recuperado da campanha italiana. O almirante Sir John Cunningham estava confiante de que podia desembarcar os homens. Um desembarque com sucesso levaria não só à rápida captura de Roma, mas à destruição de uma “parte substancial” das forças alemãs na Itália. “Não podemos dar-nos ao luxo de seguir em frente, deixando para trás muitos assuntos por tratar”, telegrafou Churchill a Roosevelt quando a conferência terminou. “Se essa oportunidade não for agarrada com unhas e dentes, poderemos esperar a ruína da campanha do Mediterrâneo em 1944”, escreveu ele.

Churchill convidou os cinco comandantes-chefes para um almoço de Natal, a primeira refeição que não faria na cama desde que adoecera. “Os médicos não conseguem controlá-lo, e voltaram os charutos etc.”, escreveu para casa seu secretário privado, John Martin. “Fiquei atônito ao vê-lo ditar seu boletim médico.” Além do boletim médico, Churchill ditou um resumo para os chefes de Estado-Maior e para Roosevelt sobre todas as decisões militares tomadas na conferência feita pela manhã. Nessa noite, teve uma longa conversa com Macmillan sobre a Comissão Nacional Francesa e ficou aborrecido ao saber que De Gaulle se voltara contra vários ex-funcionários superiores de Vichy, que algum tempo antes tinham concordado em trabalhar com os Aliados, e estava relutante em se encontrar com ele. Macmillan pressionou-o para que o fizesse. “Bom, talvez tenha razão”, disse Churchill. “Mas não concordo.” Então, Macmillan escreveu em seu diário: “Tomou minha mão de forma muito paternal e me disse: ‘Venha visitar-me antes que eu deixe a África e falaremos sobre isso.’ É realmente um homem notável. Apesar de poder ser cansativo e teimoso, não há ninguém como ele. Sua devoção ao trabalho e ao dever é extraordinária.”

Na manhã de 27 de dezembro, Churchill voou de Cartago para Marrakech. Apesar das preocupações de seus médicos por voar acima de 3 mil metros para poder sobrevoar as montanhas e da necessidade de usar uma máscara de oxigênio em grande parte do voo, o comandante da Aviação Kelly, oficial médico mais graduado da Força Aérea no norte da África, que acompanhava Churchill expressamente, recordou mais tarde que “o primeiro-ministro estava em grande forma”. Ao fim da tarde, estava em Villa Taylor, que seria sua casa nos dezoito dias seguintes. Ao saber, por Roosevelt, em 29 de dezembro, que o presidente tinha aprovado o desembarque em Anzio, Churchill telegrafou: “O sol hoje está brilhando, mas nada me fez sentir tão bem quanto seu telegrama, que mostra como nossas mentes funcionam em conjunto nos assuntos horrivelmente simples dessa longa guerra.” Alexander dissera-lhe que o desembarque inicial seria feito por uma divisão britânica e uma americana. “Fico satisfeito”, disse a Roosevelt. “É adequado que se divida equitativamente o sofrimento, o risco e a honra.”

Em 31 de dezembro, Eisenhower e Montgomery chegaram a Marrakech para discutirem os planos da operação Overlord com Churchill. Nesse dia, ele disse a Clementine que não se sentia suficientemente forte para pintar. Jock Colville, que tinha voltado à equipe de Churchill depois de ter estado dois anos na Força Aérea, escreveu que na noite de Ano-Novo “foi feito ponche, o primeiro-ministro fez um breve discurso, os empregados, as datilógrafas e alguns dos criados apareceram, e formamos um círculo para cantar *Auld Lang Syne*”.

No dia de Ano-Novo de 1944, Churchill estava mais bem-disposto. “Estou tão feliz! Sinto-me muito melhor”, disse ele a Clementine. Nesse dia, foi com Montgomery a um local que ficava a duas horas de distância, onde fizeram um piquenique. Depois, foram às montanhas para ver a paisagem de um ponto de que Churchill se recordava e onde estivera em suas férias em 1936. “O general estava excepcionalmente bem-disposto”, recordou Churchill mais tarde. “Saltou de pedra em pedra como um antílope, e senti-me muito seguro de que tudo correria bem.”

Em 4 de janeiro, Churchill telegrafou a Stálin, cujas tropas tinham acabado de expulsar os alemães da

fronteira russo-polonesa de 1939, felicitando-o por esse avanço e dizendo-lhe que agora tudo correria “na máxima velocidade” para a operação Overlord. Montgomery “está cheio de zelo para lutar contra o inimigo e de confiança no resultado”. Nesse dia, Churchill soube que haveria uma escassez de equipamentos de desembarque em Anzio, pois dois terços do equipamento seriam retirados para a operação Overlord antes que o inevitável contra-ataque fosse repellido. Imediatamente propôs voar de Marrakech a Malta para discutir esse assunto com Alexander. Em vez disso, Alexander persuadiu-o a permitir que um oficial de alta patente americano e outro britânico, o general Bedell-Smith e o general Gale, ambos conhecedores de todos os detalhes, fossem visitá-lo em Marrakech. Eles conseguiram garantir-lhe que as retiradas de material seriam feitas em fases, de modo a evitar qualquer perigo.

Os comandantes em Anzio e seu pessoal de planejamento voaram para Marrakech em 7 de janeiro para dois dias de discussões finais. “Estão todos com boa disposição e os recursos parecem ser suficientes”, telegrafou Churchill a Roosevelt quando as reuniões terminaram. “Todos os aspectos foram analisados nos mais ínfimos pormenores pelas subcomissões no intervalo entre as duas conferências.”

Churchill trabalhava todas as manhãs; depois, se o tempo estava bom, fazia piqueniques no almoço. Em 12 de janeiro, De Gaulle foi seu convidado; Churchill pressionou-o a tentar evitar ações contra os antigos defensores do governo de Vichy, pois criariam “um cisma tão grande na França que a fricção resultante, que poderia espalhar-se por todo o território, prejudicaria nossas operações militares e, portanto, constituiria para nós uma preocupação”. Em um momento em que De Gaulle se mostrou mais obstinado, Churchill disse-lhe:

Ouçã! Eu sou líder de uma nação forte e invicta. E, no entanto, todas as manhãs, quando acordo, meu primeiro pensamento é como poderei agradar ao presidente Roosevelt e meu segundo pensamento é como poderei cativar o marechal Stálin. Sua situação é muito diferente. Por que então seu primeiro pensamento ao acordar é como desafiar britânicos e americanos?

Louis Spears, um amigo de Churchill, tinha comentado anteriormente que a cruz mais pesada para a Grã-Bretanha era Lorena, mas nesse dia tudo corria tão bem que De Gaulle convidou Churchill para fazer uma revista às tropas francesas da guarnição de Marrakech. Na manhã de 13 de janeiro, os dois homens estiveram lado a lado na continência. Depois do desfile, Churchill partiu para mais um piquenique. “Winston está excepcionalmente bem-disposto, com muito humor e muito feliz”, escreveu um dos convidados presentes.

No dia seguinte, Churchill deixou Marrakech e voou para Gibraltar, onde embarcou no couraçado *King George V*. Durante a viagem, passou mais de uma hora na câmara dos oficiais subalternos respondendo a perguntas dos marinheiros. Um deles escreveu aos pais: “Parecia espantosamente bem e tem uma forte personalidade que parece irradiar dele.” A Colville, que tinha estado como ele em Harrow, Churchill confidenciou-lhe que os versos de uma das canções da escola, “Deus nos dê suporte para guardar e sitiar”, sempre o inspiraram, apesar de detestar futebol.

Pouco antes da meia-noite, o couraçado chegou a Plymouth. O rei tinha enviado seu próprio trem para levar o primeiro-ministro a Londres. “Ao contrário do que sucedera em outras chegadas, não havia dramas, nem políticos, nem estrategistas nem diplomatas. A atmosfera era de imenso alívio por o primeiro-ministro ter chegado vivo e com boa saúde e no controle dos acontecimentos”, recordou o secretário privado de Churchill, John Peck. Contudo, não podia haver nenhuma quebra na agenda de Churchill; duas horas depois de chegar a Londres, na manhã de 18 de janeiro, estava na Câmara dos

Comuns para as perguntas ao primeiro-ministro, e, ao meio-dia, em seu gabinete, deu conhecimento ao Gabinete de Guerra sobre o resultado de suas viagens, deixando o grupo, anotou Colville, “às 13h28 para ir almoçar com o rei às 13h30”.

Em 19 de janeiro, com esperança de um rápido sucesso em Anzio, Churchill sugeriu aos chefes de Estado-Maior duas operações subsequentes: o envio de uma forte força de 2 mil comandos para a costa da Dalmácia, “para cercar e limpar todas as ilhas que os alemães tinham ocupado, matando e capturando as guarnições”, e um avanço para o norte da Itália, obrigando os alemães a se retirarem para além dos Alpes, ficando portanto “aberto para nós virarmos à esquerda para a França, perseguir os alemães em direção a Viena ou virar à direita em direção aos Bálcãs”.

Esses planos dependiam de um rápido sucesso em Anzio, onde os desembarques começaram às primeiras horas de 22 de janeiro. Quando Alexander relatou que imediatamente após o desembarque tinha enviado “patrulhas móveis de alto poder de flagelação” para estabelecer contato com os alemães, Churchill respondeu: “Estou muito satisfeito por você colocar estacas nas praias em vez de tirá-las.” Porém, quatro dias depois, tornou-se claro que os alemães estavam determinados e que eram capazes de segurar as forças de desembarque nas praias, portanto não haveria nenhum avanço rápido e nenhuma rápida ligação com o grosso dos exércitos aliados a sul. “Os alemães estão lutando magnificamente”, disse Churchill a um amigo na noite de 27 de janeiro no Other Club. “Não pense que estão destruídos. Seu trabalho de Estado-Maior é brilhantemente flexível. Improvisam unidades do remanescente de outras, que lutam tão bem quanto as unidades novas.”

Em 28 de janeiro, era claro que Anzio não tinha sido o sucesso esperado. “A situação, como está agora, tem pouca relação com o brilhante impulso que se previu em Marrakech”, telegrafou Churchill a Sir John Cunningham. Em 29 de janeiro, ele confidenciou aos chefes de Estado-Maior: “Esperávamos desembarcar uma fera que estriparia os alemães. Em vez disso, encalhamos uma enorme baleia com a cauda presa na água”. Dois dias depois, sabendo que os dois generais americanos envolvidos, Mark Clark e John Lucas, haviam consolidado um posto avançado, Churchill disse ao Gabinete de Guerra que Anzio se tornara “uma operação americana sem qualquer valor”. A Inglaterra não tinha meios para influenciar os Chefes de Estado-Maior Conjuntos americanos, que, em 3 de fevereiro, decidiram transferir caças do Mediterrâneo para a China, assumindo que a partir de então o papel dos Aliados na Itália seria puramente defensivo.

Churchill estava preocupado com isso, pensando que assumir uma posição defensiva na Itália seria “desastroso”, segundo disse aos chefes de Estado-Maior em 3 de fevereiro. “Nunca pensei que Alexander não se sentiria livre para avançar para norte e chegar ao vale do Pó.” Deslocar exércitos para ficarem parados na Itália, avisou ele, “seria pura miopia e permitiria que o inimigo transferisse divisões rapidamente do norte da Itália para se oporem ao desembarque da operação Overlord”.

Para ajudar a planejar o desembarque pelo canal, a maior ação anfíbia de todos os tempos, Churchill presidia agora a Comissão Overlord do Gabinete de Guerra, cuja tarefa era garantir que nada seria negligenciado ou atrasado. Sua “feroz energia e indiscutível autoridade dominavam os procedimentos”, recordou Ismay mais tarde. “Os aparentemente indolentes ou obstrutivos eram repreendidos; rivalidades eram reconciliadas; prioridades eram determinadas; dificuldades que a princípio pareciam insuperáveis eram ultrapassadas; e as decisões eram traduzidas em ações imediatas.”

Para Churchill, armas britânicas deveriam ser entregues à Polônia; como o Exército Vermelho se aproximava cada vez mais, era interessante que a Polônia fosse “forte e estivesse apoiada”, disse

Churchill à Comissão de Defesa em 3 de fevereiro. “Se fosse fraca e invadida pelos exércitos soviéticos que avançavam, o resultado poderia apresentar grandes perigos para os povos de língua inglesa no futuro”.

Stálin era um mestre da dissimulação; em 5 de fevereiro, ele garantiu a Churchill que “é evidente que a Polônia deve ser livre e independente e que ele mesmo não tentaria influenciar o modo de governo que os poloneses escolheriam depois da guerra”. No dia seguinte, Churchill insistiu em que o governo polonês em Londres aceitasse essas garantias e em que cedesse o leste da Polônia à Rússia em troca de território alemão da Prússia Oriental, da Silésia e da costa báltica da Pomerânia. Dez dias depois, num encontro em 16 de fevereiro, disse aos líderes do governo polonês, segundo as palavras da transcrição desse encontro:

Os poloneses devem regozijar-se com o avanço dos exércitos russos, por mais perigoso que isso possa ser para eles, pois era sua única esperança de libertação dos alemães. Não há razões para supor que a Rússia repetirá o desejo alemão de dominar toda a Europa. Depois da guerra, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos da América manterão forças substanciais e há boas e fundadas esperanças de que o mundo entrará numa paz de trinta ou quarenta anos, que pode até vir a ser muito mais prolongada.

Contudo, se a Polônia rejeitasse as fronteiras propostas e tomasse uma posição contra os russos, ele duvidava de que “os Estados Unidos estarão prontos a lutar na Europa durante vários anos para libertar Varsóvia. Não esperem que façamos mais do que podemos”.

Churchill argumentou em vão; o governo polonês em Londres somente consideraria ceder território à Rússia se pudesse ter a garantia de que seria estabelecido um governo multipartidário na Polônia assim que fosse libertada. Stálin não daria tal garantia. Tinha já seus próprios poloneses nomeados para um governo comunista na Polônia, pronto para ser instalado na primeira cidade libertada.

Em 22 de fevereiro, Churchill fez um resumo da situação da guerra na Câmara dos Comuns. Em resposta a críticas relacionadas aos bombardeios de cidades alemãs, explicou que eram “nosso principal esforço de ofensiva atualmente”. Desde o início da guerra, tinham sido mortos 38.300 pilotos e tripulantes britânicos e tinham sido perdidos mais de 10 mil aviões, mas nas últimas 48 horas tinham sido lançadas sobre a Alemanha 9 mil toneladas de bombas. “O poderio aéreo foi a arma que ambos os Estados escolheram como principal instrumento de conquista”, disse Churchill à Câmara. “Era nessa esfera que eles triunfariam. Era com esse método que subjugariam nações ao seu domínio. Não irei mais longe em meu moralismo, mas direi apenas que há uma estranha e inflexível justiça no longo correr dos acontecimentos.”

O poderio aéreo, bem como a clara e crescente determinação russa de dominar a Europa Oriental apesar das recentes promessas de Stálin, dominavam os pensamentos de Churchill, em Chequers, em 4 de março, quando disse aos seus convidados que não viveria muito tempo mais, mas que tinha um testamento político para depois da guerra: “Muito mais importante do que a Índia ou as colônias ou a solvência, é o *ar*. Vivemos num mundo de lobos e de *ursos*.” A mais recente evidência da atitude de Stálin em relação a uma Polônia independente sugeria que “é improvável que seja influenciado por argumentos”, disse Churchill ao Gabinete de Guerra dois dias depois. Em 10 de março, Churchill avisou a Stálin que a atitude da Rússia em relação à Polônia “será um ponto fundamental e tornará toda a espécie de coisas muito mais importantes, muito mais difíceis”. Numa mensagem para o embaixador britânico em Moscou,

Sir Archibald Clark Kerr, comentou: “O apaziguamento deu bons passos em frente.”

Faltavam menos de três meses para o desembarque através do canal. Além de presidir a reunião semanal da Comissão Overlord do Gabinete de Guerra, Churchill tinha conversas regulares com Eisenhower e seu chefe de Estado-Maior, general Bedell-Smith, com quem examinava todos os aspectos do desembarque, entre os quais os portos artificiais, o assalto de paraquedistas, o bombardeio naval e o apoio aéreo. “Estou satisfeito por tudo estar correndo bem”, telegrafou ele a Marshall em 11 de março. Por meio de uma cuidadosa leitura das mensagens cifradas do inimigo e de outros relatórios dos serviços secretos, os britânicos tinham construído um quadro completo da localização e da dimensão de todas as unidades alemãs no norte da França.

Com um bem-sucedido plano britânico, imaginado pelo coronel John Bevan e por seu pessoal nas Salas Centrais de Guerra, os alemães foram levados a pensar que o principal assalto aconteceria em algum ponto entre Dieppe e Calais. Foram mais uma vez as mensagens ultrassecretas alemãs que, depois de uma laboriosa decifração, revelaram que os alemães tinham sido enganados. O verdadeiro ponto de desembarque, a costa da Normandia, foi mantido em sigilo. E era sigilosa também uma condição para o desembarque estabelecida pelos chefes de Estado-Maior: toda a operação seria cancelada se, na data escolhida para o assalto, os alemães tivessem vinte divisões móveis na França capazes de serem enviadas como reforço das tropas que estavam nas praias.

Churchill quis voar até as Bermudas para discutir com Roosevelt o que seria feito se realmente houvesse vinte divisões móveis alemãs na França na data escolhida. Enquanto lorde Moran protestava em vão que era “totalmente errado fazer a viagem”, os médicos de Roosevelt conseguiram persuadir o presidente, que sofria de uma gripe, a não fazer a viagem. Churchill ficou aliviado. “Pela manhã, o primeiro-ministro confessou que estava cansado”, escreveu Cadogan em seu diário em 21 de março. “Ele está exausto.”

Na Itália, as praias de Anzio ainda estavam cercadas pelos alemães; as principais forças aliadas, na altura oitenta quilômetros a leste, não podiam alcançá-las devido a uma defesa tenaz dos alemães em Monte Cassino. Agora não havia possibilidade de capturar Roma nessa primavera ou de qualquer exploração mais para norte. O único ponto de pressão sobre os alemães nesse ano seria a Normandia.

Em 23 de março, Churchill e Eisenhower fizeram, durante dois dias, uma inspeção às tropas americanas que estavam na Grã-Bretanha e que participariam do desembarque na Normandia. Ao regressar a Chequers, trabalhou dois dias em sua primeira emissão radiofônica em exatamente um ano. “O primeiro-ministro aparentava estar muito cansado, mas tinha boa disposição e era atencioso”, escreveu Marian Holmes em seu diário ao final do primeiro dia. Em sua emissão, feita a partir de Chequers na noite de 26 de março, Churchill, que sabia quão próxima a Alemanha estava do desenvolvimento de uma bomba voadora, falou sobre possíveis “novas formas de ataque” por parte da Alemanha. Contudo, “a Grã-Bretanha saberá lidar com isso”, declarou. “Nunca fugiu, nunca falhou. E, quando o sinal for dado, todo o círculo de nações vingadoras se lançará contra o adversário e acabará com a mais cruel tirania que já barrou o progresso da humanidade.”

Muitos ouvintes sentiram que Churchill estava cansado. “As pessoas parecem pensar que a emissão de Winston foi feita por um velho cansado e petulante”, notou Harold Nicolson em seu diário. Cansado certamente estava; dois dias depois, Brooke escreveu em seu diário depois de uma reunião de Estado-Maior: “Percebemos que ele estava excepcionalmente cansado. Receio que esteja perdendo terreno rapidamente. Parece incapaz de concentrar-se de forma duradoura e distrai-se constantemente. Estava sempre bocejando e disse que se sentia desesperadamente cansado.” Então, sobreveio a exaustão; em 29

de março, após o governo ser derrotado numa cláusula da Lei da Educação, como resultado de uma revolta da bancada conservadora em favor de pagamento igual para professores e professoras, Churchill insistiu numa moção de confiança. “Parecia estar cansado e diminuído e mal se fazia ouvir”, observou Henry Channon. Na sala de fumo, Nicolson disse-lhe que tinha sido excessivo insistir em que os rebeldes engolissem seu voto. Não teria sido possível descobrir outro método para humilhá-los? “Não. De jeito nenhum”, respondeu Churchill. “Não vou andar por aí como um canário ferido em minha gaiola. Vocês me tiraram do meu lugar. Agora, precisam me devolver ao meu lugar. Se não for assim, não canto.”

A votação foi realizada em 31 de março. “O governo conseguiu uma maioria de quatrocentos votos”, anotou Colville em seu diário. “O primeiro-ministro estava radiante. Fizera uma tempestade num copo d’água.” Churchill estava outra vez em viagem, seguindo no trem noturno para Yorkshire, onde visitaria o treinamento de tropas britânicas para o desembarque na Normandia. Uma das demonstrações consistia em deslocar um caminhão articulado pela água.

Em 7 de abril, Sexta-Feira Santa, Churchill encontrou-se com todos os oficiais superiores, britânicos e americanos, envolvidos no plano da Normandia. Brooke escreveu: “Parecia envelhecido e faltava-lhe grande parte de sua habitual vitalidade.” O diretor das Operações Militares do Ministério da Guerra, general Kennedy, comentou:

Winston falou sem vigor e quase não levantou os olhos. Houve o habitual e maravilhoso fluir de frases, mas sem ardor. Pareceu-me que estava prestes a chorar quando se sentou ao lado de Eisenhower, de Monty e dos chefes de Estado-Maior enquanto os oficiais faziam fila para saírem da sala. Depois ouvi dizer que membros da audiência, que o viram naquele dia pela primeira vez, ficaram extraordinariamente impressionados e inspirados.

Churchill estava fisicamente exausto. “Fiquei chocado ao ver como o primeiro-ministro parece cansado e desgastado”, anotou Colville em seu diário em 12 de abril. Nessa semana, Churchill ficou muito desapontado ao saber por Alexander, que tinha voltado a Londres, que as praias de Anzio, apesar de seguras, não podiam ser ligadas ao grosso do exército na Itália nem se poderia fazer uma nova tentativa nesse sentido no prazo de um mês. No entanto, conseguiu garantir que não seriam retiradas mais tropas da Itália. “Ainda que a luta nas praias e na frente de Cassino tenha trazido muitos desapontamentos, você reconhecerá que pelo menos oito divisões germânicas foram trazidas para a Itália, para o sul de Roma, e aí foram gravemente feridas”, disse Churchill ao general Marshall em 12 de abril. As decifrações de mensagens mostravam que Hitler tinha andado dizendo que “suas derrotas no sul da Rússia se devem ao traiçoeiro colapso de Badoglio, que envolveu 35 divisões”.

“De qualquer maneira, creio que nossa ação na Itália desempenhou um papel importante ao tornar possíveis os avanços imensamente importantes feitos no sul da Rússia, que ainda tiveram o benefício suplementar de revolucionarem os satélites”, acrescentou Churchill. Então, falou sobre quais deveriam ser os objetivos dos Aliados na Itália, apoiando uma renovada exigência dos britânicos para que o equipamento de desembarque fosse transferido de imediato do Pacífico para o Mediterrâneo:

No momento, minha posição é a seguinte: devemos acima de tudo derrotar o exército alemão a sul de Roma e juntar nossos exércitos. Devemos fazer isso sem ressentimentos. Não podemos saber como estarão os exércitos aliados ou os inimigos até que a batalha se desenrole. Pode acontecer que o inimigo fique destroçado, abrindo assim grandes possibilidades de explorar a

situação, ou podemos ser refreados, e o inimigo continuará a manter posições a sul de Roma, contra nós, com as forças de que dispuser. Por outro lado, podemos fazê-los retirar algumas de suas divisões do principal teatro de guerra na França. Parece que devemos ter planos e preparativos para tirar vantagens das possibilidades que mencionei.

Se o avanço para Roma tivesse sucesso, “não excluiria nem a possibilidade de perseguir vigorosamente o inimigo derrotado em sua fuga para norte nem um desembarque anfíbio mais acima para detê-los ou para acabar com eles”. Planos e preparativos teriam de ser pensados de modo a “tornar possível” quer um desembarque anfíbio a norte de Roma quer um desembarque no sul da França, “de uma forma ou de outra”. Se fosse possível manter 34 divisões alemãs no teatro de guerra do Mediterrâneo Ocidental, “as forças que ali se encontram dariam uma enorme contribuição para a operação Overlord”. Churchill disse então a Marshall que tinha “endurecido muito sua posição em relação à Overlord” e que se sentia “mais fortalecido pela evidente confiança de Eisenhower, Brooke e Montgomery”.

Enquanto prosseguiam os planos para o ataque pelo canal, Churchill preocupava-se com o número de baixas de civis franceses que poderiam ser provocadas pelo bombardeio de linhas e entroncamentos de estradas de ferro no norte da França antes do ataque. Essas baixas estavam calculadas entre 20 mil e 40 mil. “Considerando que são nossos amigos, isso poderá ser considerado um ato de grande severidade, provocando profunda inimizade em relação às forças aéreas aliadas”, escreveu Churchill a Eisenhower, que concordou com a redução da escala do bombardeio. Mesmo assim, o ataque teria de ser severo e pelo menos 5 mil civis franceses seriam mortos.

Churchill trabalhou tanto na garantia de sucesso dos desembarques na Normandia quanto na mitigação da severidade dos bombardeios no norte da França. Aqueles que trabalhavam mais perto dele estavam conscientes da grande tensão que isso provocava nele. “Receio que o primeiro-ministro esteja exaurido”, anotou Cadogan em seu diário depois de uma reunião do Gabinete de Guerra em 19 de abril. “Anda de um lado para o outro constantemente, mas não vamos a lado nenhum.” Cadogan acrescentou: “Estou realmente preocupado com o primeiro-ministro. Ele *não* é o homem que era doze meses atrás e não sei se conseguirá prosseguir.” Porém, Churchill prosseguiu, mais uma vez com redobrada energia. Num debate em 21 de abril, sobre o império britânico e a Commonwealth, ele afirmou que a Índia poderia vir a ser um domínio com governo autônomo depois da guerra, e seu discurso mostrou “mais vigor” do que outras falas recentes, notou Colville.

O mês de maio começou com um protesto britânico à Rússia, cujas forças tinham entrado na Romênia e iniciado a detenção de milhares de anticomunistas e de líderes fascistas. Os russos queixaram-se imediatamente da interferência britânica, o que levou Churchill a dizer a Eden em 2 de maio: “Nunca esqueça que os bolcheviques são crocodilos.” Quando chegaram novas queixas injustificáveis uma semana depois sobre a alegada interferência britânica na Romênia, Churchill disse ao Gabinete de Guerra que “essas queixas o tinham levado a perder as esperanças de manter boas relações com a Rússia”. Na Grécia, ele também temia um confronto devido a “intrigas comunistas”. “Temos de observar esse movimento com todo o cuidado”, avisou Eden em 4 de maio. “Perdemos 40 mil homens na Grécia e você estava muito orgulhoso com o esforço feito. Acho que não nos devemos submeter mais aos russos na Grécia.”

Churchill sentia-se constantemente fatigado. “Parecia muito velho e cansado”, comentou Brooke em 7 de maio. Nessa noite, Churchill disse a Brooke, que escreveu em seu diário, que ainda conseguia dormir bem, comer bem “e, em especial, beber bem, mas já não saltava da cama como costumava e sentia que

gostaria de passar todo o dia na cama”. Brooke acrescentou: “Eu nunca o tinha ouvido dizer que estava começando a falhar.” Churchill tinha 69 anos. Em 10 de maio completaria quatro anos como primeiro-ministro; mais de duzentas semanas de responsabilidade e preocupações. Acima de tudo, pairava o assustador espectro dos desembarques na Normandia. A um visitante americano, John J. McCloy, subsecretário da Guerra, Churchill confidenciou: “Se pensa que tenho receio, não é porque eu não suporte baixas, é porque receio que baixas serão essas.” Ele contou a McCloy sobre a enorme quantidade de contemporâneos seus que tinham sido mortos naquilo a que chamou de “hecatombes” da Primeira Guerra Mundial. Ele próprio era “uma espécie de ‘fenômeno’ no sentido da natureza, pois a maior parte de sua geração havia sido morta em Passchendaele e no Somme. Uma geração britânica inteira de potenciais líderes havia sido dizimada e o país não podia dar-se ao luxo de perder outra geração”.

Em 12 de maio, Churchill deixou Londres durante três dias para passar em revista as tropas reunidas. A Eisenhower, que o acompanhou durante parte do dia, já tinha sublinhado a necessidade de veículos adicionais para fornecimento da Divisão Francesa Livre, que tinha sido acrescentada à força de desembarque. Em seu apelo, Churchill disse que, nas praias de Anzio, 125 mil homens e 23 mil veículos “avançaram apenas vinte quilômetros antes de serem contidos pelos alemães”. A vigilância e a atividade de Churchill eram um componente essencial da capacidade britânica de fazer guerra. “Sejam quais forem os defeitos do primeiro-ministro, não há dúvidas de que proporciona orientação e propósitos aos chefes de Estado-Maior e às Relações Exteriores em assuntos que, sem ele, muitas vezes se perderiam no labirinto departamental ou sucumbiriam à cautela e aos compromissos”, anotou Colville a 13 de maio. “Além disso, tem duas qualidades, imaginação e capacidade de resolução, que têm faltado aos outros ministros e aos chefes de Estado-Maior.” No último *briefing* aos oficiais de alta patente, em 15 de maio, anotou o general Kennedy em seu diário, Churchill falou “num estilo robusto e até com humor e concluiu com uma comovente expressão de suas esperanças e de seus anseios. Aparentava estar muito melhor do que na última conferência e falou com grande vigor, incitando a uma liderança ofensiva e acentuando o ardor pela batalha que ele acreditava que os homens sentiam”.

Em 20 de maio, Churchill recebeu uma clara indicação de que os alemães não teriam as vinte divisões adicionais na Europa Ocidental, o que teria significado que os desembarques na Normandia teriam de ser cancelados. Ajudados por material militar britânico lançado em paraquedas, os guerrilheiros de Tito tinham retido 25 divisões alemãs na Iugoslávia, onde Randolph estava servindo como um dos oficiais de ligação com Tito. Outras 23 divisões alemãs estavam ocupadas na Itália, onde Alexander tinha retomado a ofensiva em 14 de maio e finalmente tomado Cassino. Outras divisões alemãs estavam à espera na costa do canal, perto de Boulogne, que, graças ao logro bem-sucedido, os alemães pensavam ser o verdadeiro alvo do assalto pelo canal. A dimensão e a localização dessas divisões eram conhecidas por intermédio das mensagens alemãs ultrassecretas que eram decifradas todos os dias em Bletchley, por agentes e pelos sempre vigilantes olhos dos aviões de reconhecimento da Força Aérea. Sarah, filha de Churchill, estava servindo na Unidade de Interpretação de Reconhecimento Fotográfico, em Medmenham, a oeste de Londres.

Quando falou na Câmara dos Comuns em 24 de maio, Churchill voltou a parecer cansado. “Seu encanto e seu humor não estavam diminuídos, mas a voz não era audível, e por três vezes houve deputados que lhe disseram para falar mais alto”, escreveu Harold Nicolson aos filhos. Cinco dias depois, em resposta a uma proposta para que fosse pintado seu retrato, ele respondeu com ironia: “Receio não poder fazer promessas em tempo de guerra e não me parece que valha a pena ser pintado a não ser que a guerra termine depressa.”

Durante o dia, Churchill tomou conhecimento da escassez de equipamento naval necessário para elevar os pilares de cimento do porto de Mulberry. Esse elemento crucial para o assalto precisava ser

resolvido imediatamente. Foi Churchill quem sugeriu a utilização dos recursos dos bombeiros de Londres.

Na semana anterior à data marcada para os desembarques na Normandia, Churchill esteve em Chequers e soube que Randolph tinha escapado por pouco, junto com Tito, de uma tentativa de captura do quartel-general dos guerrilheiros por paraquedistas alemães. Em 28 de maio, Churchill escreveu a Randolph: “Está um lindo dia aqui onde vivemos de vez em quando e tudo brilha com a primeira glória do verão. A guerra é feroz e terrível, mas aqui, nesses campos inundados de sol e campinas de ranúnculos amarelos, é difícil imaginar seus horrores.” No dia seguinte, ao saber das muitas mortes de civis franceses devido à intensificação dos bombardeios de entroncamentos ferroviários pelos aliados, Churchill escreveu ao comandante aéreo, mostrando seu desacordo por não terem sido escolhidos os “melhores alvos”. “Você está acumulando uma tremenda quantidade de ódio”, escreveu ele.

Alexander informou que as tropas de Anzio tinham conseguido reunir-se ao grosso do exército na Itália e que agora estava pronto para avançar para Roma. “Que sorte termos enfrentado corajosamente nossos chefes de Estado-Maior americanos e mantido sob seu cuidado o integral desenrolar dessa batalha!”, telegrafou-lhe Churchill em 31 de maio. Como Alexander se preparava para a batalha de Roma, o almirante Ramsey foi posto no comando das forças navais no canal. No dia seguinte, 2 de junho, Churchill embarcou num trem para visitar os pontos de reunião das tropas no sul da Inglaterra. Em 3 de junho, viu as tropas em Southampton embarcarem nas lanchas de desembarque; no dia seguinte, visitou mais tropas quando embarcavam. Depois de voltar ao trem, Marian Holmes anotou em seu diário: “Mostrou alguma ansiedade, mas estava muito amável.”

Na noite de 4 de junho, Churchill voltou à Downing Street. “Fui ao encontro do primeiro-ministro às 22h30 e só saí às 3h45”, escreveu Marian Holmes em seu diário. “Ele trabalha demais e quase adormeceu sobre os documentos.” Durante o trabalho ao longo da noite, Churchill percorreu o corredor até a sala dos mapas. Quando se sentou na cadeira, olhando para os mapas, chegaram notícias de que Roma tinha sido invadida.

Havia esperanças de desencadear os desembarques na Normandia em 5 de junho, mas o mau tempo obrigou o adiamento da operação para o dia seguinte. Durante o dia, tornou-se claro, a partir das mensagens alemãs decifradas, que, devido a esse mau tempo, os alemães não esperavam um desembarque pelo canal nos próximos quatro ou cinco dias. Inclusive, Rommel tinha recebido um dia de licença e ido para a Alemanha. O conhecimento dessas expectativas dos alemães pesou na decisão de Eisenhower para fazer a travessia no dia seguinte, apesar da previsão de mau tempo.

Churchill não teve visitas na manhã de 5 de junho. Enquanto ditava às suas secretárias, foi-lhe entregue uma nota de Clementine, que dizia: “Estou totalmente solidária a você neste momento agonizante — tão incerto que nem nos permite celebrarmos com Roma!” “Será essa noite”, telegrafou Churchill a Stálin na tarde de 5 de junho. “Utilizaremos 5 mil navios e temos 11 mil aviões disponíveis.”

Churchill e Clementine jantaram a sós na noite de 5 de junho. Depois, ele foi para a sala dos mapas para uma última olhadela nas posições dos Aliados e dos alemães, em grande parte reveladas pelas decifrações de mensagens Enigma. Antes de deitar-se, Clementine foi à sala dos mapas. A preocupação de Churchill estava nos homens que em pouco tempo se aproximariam das praias da França ocupadas pelos alemães, da Fortaleza Europa de que Hitler tanto se vangloriava. “Já percebeu que quando acordarmos pela manhã 20 mil homens terão sido mortos?”, perguntou ele.

10.

A Normandia e mais além

Enquanto Churchill dormia, às horas iniciais de 6 de junho de 1944, as primeiras tropas lançadas por planadores aterrissavam na Normandia. Quando se levantou, foi-lhe dito que não tinha havido resistência. Passou grande parte da manhã na sala dos mapas, onde os desembarques iam sendo assinalados nos mapas à medida que chegavam notícias. Ao meio-dia foi à Câmara dos Comuns, onde falou a uma audiência silenciosa e expectante: “Essa vasta operação é sem dúvida a mais complicada e difícil que já se realizou.” Nessa tarde, regressou à Câmara para dizer que tudo corria “de modo francamente satisfatório”. Na manhã seguinte, foi vencida a última oposição alemã nas praias; nas primeiras 24 horas de combate, tinham sido mortos 3 mil soldados. “Esperávamos perder 10 mil homens”, telegrafou ele a Stálin.

O público ficou eufórico com esses sucessos iniciais, tanto que quando falou na Câmara dos Comuns em 8 de junho Churchill sentiu-se na necessidade de aconselhar os deputados a fazerem “fortes advertências contra um excesso de otimismo” quando falassem em seus círculos eleitorais e a combaterem a ideia de que “esses assuntos serão resolvidos num só golpe”. Grandes perigos tinham sido deixados para trás, mas “enormes esforços se estendem diante de nós”. Em 9 de junho, Churchill soube qual era a extensão desses esforços, quando soube que as forças britânicas e americanas dominaram as praias onde tinham desembarcado, mas os americanos já tinham 24 horas de atraso e tinha sido encontrada forte oposição alemã “ao longo de toda a frente britânica”. A linha britânica se mantivera praticamente estática durante 24 horas, e Caen, o objetivo vital para esse dia, ainda estava fora de seu alcance. Pior ainda, o território libertado era insuficiente para construir pistas de aviação, portanto todo o apoio aéreo teria de vir de bases na Inglaterra. Isso foi um duro golpe, levando Churchill a se perguntar se os Aliados não deveriam ficar satisfeitos durante algum tempo com as penínsulas de Cherbourg e de Brest e nada mais; “a menor e a maior luneta”, chamou-lhes.

Apesar de uma tenaz defesa por parte dos alemães, perto de 400 mil homens tinham desembarcado até o meio-dia de 10 de junho. “Com um empurrão unido, poderemos ficar livres das agonias da guerra e da ameaça de tirania”, telegrafou Churchill a Tito nesse dia. Na Itália, Alexander empurrava para norte o que restava das 23 divisões alemãs. Na Rússia, Stálin tinha desencadeado a primeira fase de sua prometida ofensiva de verão. Na manhã de 12 de junho, o trem de Churchill levou-o a Dover, onde atravessou o canal num contratorpedeiro, sendo depois transferido para a barcaça do almirante que comandava as forças navais britânicas nas praias, almirante Vian. A bordo da barcaça, cantou uma canção que aprendera em seus dias de escola em Harrow. Era sobre a Invencível Armada e incluía os versos “Mas segura em sua colmeia, a rainha estava viva/ E zumbido era a palavra na ilha”.

Os marinheiros o ouviram, mas, para desapontamento de Churchill, como disse aos rapazes em Harrow sete dias depois, “ninguém conhecia a letra”. Da barcaça, subiu com dificuldade para um caminhão anfíbio do exército americano, que o transportou ao longo da praia de Courseulles. Montgomery encontrou-se com ele na praia e levou-o de jipe ao seu quartel-general, um castelo em

Creully, oito quilômetros para o interior e a cerca de cinco quilômetros da frente. O castelo tinha sido fortemente bombardeado na noite anterior. “Disse-lhe que correria riscos grandes demais se tornasse tais procedimentos um hábito”, escreveu Churchill mais tarde. “Tudo pode ser feito uma vez ou durante pouco tempo, mas o hábito, a repetição e o prolongamento devem, sempre que possível, ser evitados na guerra.” Ao regressar a Courseulles, Churchill viu um ataque aéreo alemão ao porto. Depois embarcou na barça e viajou ao longo da praia, observando lanchas de desembarque a descarregarem caminhões, tanques e canhões. A ocidente de Hamel, viu um porto artificial sendo preparado, com seus pilares de cimento e quebra-mares flutuantes. Um monitor com canhões de 14 polegadas estava por perto, disparando para terra. “Winston disse que nunca tinha estado num navio de Sua Majestade em luta contra o inimigo e insistiu em ir a bordo”, anotou Brooke, que estava com ele, em seu diário. “Felizmente, não pudemos subir a bordo devido às algas no casco, além de que teria sido um movimento muito barulhento se tivéssemos conseguido. Depois regressamos ao nosso contratorpedeiro e voltamos para a extremidade leste da praia, onde vários navios bombardeavam os alemães.”

Como o contratorpedeiro se preparava para voltar, Churchill disse a Vian: “Já que estamos tão perto, por que não damos uns tiros nos alemães antes de irmos embora para casa?” “Com certeza”, respondeu Vian. Dentro de pouco tempo, todos os canhões estavam disparando para a costa. É evidente que estávamos dentro do raio de alcance da artilharia inimiga, “e mal terminaram os disparos, Vian fez o contratorpedeiro dar uma volta e partir a toda a velocidade”, escreveu Churchill mais tarde. “Rapidamente estávamos fora de perigo e havíamos passado a linha dos cruzadores e couraçados. Foi a única vez que estive a bordo de um navio de guerra enquanto fazia fogo ‘de raiva’, se assim se pode dizer. Admirei o almirante por seu espírito esportivo.”

Na viagem de três horas por mar até Portsmouth, Churchill dormiu. Quando retornou a Londres, soube que já tinham sido feitos 13 mil prisioneiros alemães. No entanto, nessa noite, quando jantava com Clementine e Mary, o capitão Pim comunicou-lhe que as primeiras bombas voadoras alemãs estavam a caminho. Durante a noite, foram disparadas 27 bombas através do canal. Quatro atingiram Londres, matando duas pessoas. Churchill e os chefes de Estado-Maior decidiram deslocar aviões necessários na Normandia para bombardearem os locais de lançamento, uma vez que 67 desses pontos tinham sido identificados até 14 de junho, mas o mau tempo na área de Calais impediu os contra-ataques. Na noite seguinte, cinquenta bombas voadoras explodiram na área de Londres. Quando um dos secretários particulares de Churchill, Christopher Dodds, deixou o edifício na Downing Street com John Peck para tentar ver as bombas, “encontramos o primeiro-ministro, que já estava lá fora para ver com os próprios olhos”. Era um episódio que exemplificava a energia do primeiro-ministro e o desprezo (de pôr os cabelos em pé!) pelo perigo pessoal”, recordou Dodds mais tarde. Num telegrama a Stálin, Churchill comentou que tiveram “uma noite barulhenta”.

Em 18 de junho, 63 militares e 58 civis foram mortos quando uma bomba voadora caiu na capela da Guarda durante um serviço religioso. Nessa noite, numa conferência do Estado-Maior, e na noite seguinte, numa reunião extraordinária da Comissão do Gabinete de Guerra, Churchill e seus conselheiros discutiram que medidas deviam ser tomadas para evitar o pânico público. “Ele esteve em seu melhor nível”, anotou em seu diário o primeiro-lorde do Mar, almirante Cunningham. “Disse que o assunto tinha de ser mostrado ao povo, que seu sofrimento era também uma parte dos combates na França e que deveriam estar satisfeitos por poderem partilhar dos perigos que os soldados passam.” Concordou-se que, quando as bombas chegassem, como acontecia a toda a hora, dia e noite, as sirenes de alarme deveriam soar o menos possível. “O primeiro-ministro disse que as pessoas precisam dormir”, anotou Cunningham. “Ou acordam após uma boa noite de sono ou acordarão num lugar melhor!”

Mais de 500 mil soldados aliados tinham desembarcado na Normandia, mas os alemães ainda

ocupavam Caen. Em Londres, 526 civis tinham sido mortos no final da primeira semana dos ataques com bombas voadoras. Realizavam-se reuniões quase permanentemente na sala de mapas de Churchill para determinar quais seriam os melhores meios para resistir aos ataques; das setecentas bombas lançadas na primeira semana, duzentas tinham sido abatidas por armas antiaéreas e caças. Para reduzir o perigo de um método de defesa impedir o outro, Churchill propôs que os caças voassem “livremente” durante o dia e as armas antiaéreas atuassem à noite. As novas armas eram um perigo latente; enquanto ditava um telegrama para Roosevelt em 20 de junho, acerca da política petrolífera anglo-americana no pós-guerra, Churchill interrompeu seu raciocínio para dizer ao presidente: “Neste momento, aproxima-se dessa habitação uma bomba voadora.” Depois de continuar a ditar por mais algum tempo, acrescentou: “A bomba caiu bem ao lado do edifício.”

Uma disputa amarga surgiu entre britânicos e americanos em relação à zona de guerra italiana. Quatro divisões francesas e três divisões americanas estavam prestes a serem retiradas do exército de Alexander na Itália para o desembarque no sul da França planejado para 15 de agosto. Em 15 de junho, a Comissão Conjunta de Planejamento, em Londres, informou aos chefes de Estado-Maior britânicos, com base nas mensagens ultrassecretas do exército alemão, que o desembarque no sul da França seria um golpe menos eficaz nas forças alemãs do que prosseguir o avanço na Itália em força e lançar um desembarque anfíbio no topo do Adriático, a ser seguido por um avanço pelo norte da Iugoslávia. Numa reunião do Estado-Maior em 22 de junho, Churchill apoiou essas recomendações, dizendo aos chefes de Estado-Maior que, com base nas informações ultrassecretas disponíveis dos próprios planos alemães, um desembarque anfíbio “no topo do Adriático, na área de Trieste”, seria mais eficaz do que um desembarque no sul da França, pois afastaria divisões alemãs da Normandia. Era evidente, a partir das decifrações das mensagens em cifra Enigma, que os alemães não defenderiam o sul da França com grande entusiasmo, mas defenderiam as passagens da Itália para a Áustria com tenacidade, enviando para lá cada vez mais forças para evitar uma penetração dos Aliados pelo sul.

Alexander estava ansioso para dar continuidade ao seu ataque em direção ao norte através da Itália. O general Maitland Wilson, comandante das forças britânicas no Oriente Médio, estava ansioso por executar um desembarque anfíbio no topo do Adriático e avançar para leste, primeiro para Zagreb e, então, a caminho da Áustria e do Danúbio. Churchill e os chefes de Estado-Maior britânicos pressionaram Roosevelt e os chefes de Estado-Maior americanos para que fosse feito um desembarque no topo do Adriático. Em 28 de junho, esse ponto de vista foi aparentemente reforçado por uma mensagem naval alemã ultrassecreta enviada cedo nesse dia e decifrada em Bletchley na mesma manhã. Tratava-se de uma ordem do próprio Hitler que deixava claro que os alemães pretendiam manter os Apeninos a todo o custo. “Agora, temos a mais maravilhosa informação, que indica claramente a importância que Hitler atribui ao norte da Itália”, anotou Brooke em seu diário. Seria um “grave erro estratégico não tirar vantagem da destruição das forças alemãs que se encontram atualmente na Itália, trazendo mais forças para essa frente”, telegrafaram Brooke, Portal e Cunningham aos chefes de Estado-Maior americanos ainda nesse dia.

Nesse dia, Churchill telegrafou a Roosevelt para recordar-lhe “o que me disse em Teerã acerca da Itália” e enviou também uma cópia da mensagem naval alemã decifrada. Porém, no dia seguinte, Roosevelt rejeitou o plano do Adriático, dizendo a Churchill que, “devido a puras considerações políticas” nos Estados Unidos, ele nunca sobreviveria “mesmo a um pequeno revés” na Normandia se fosse sabido “que importantes forças foram deslocadas para os Bálcãs”. Churchill apressou-se em realçar que o novo plano nada tinha a ver com os Bálcãs. Na reunião de Teerã, “você enfatizou as

possibilidades de um avanço para leste quando a Itália fosse conquistada e mencionou em especial a Itália. Ninguém envolvido nessas discussões pensou em deslocar exércitos para os Bálcãs, mas a Itália e Trieste constituem posições estratégicas e políticas, que você viu claramente que podem provocar profundas e amplas reações, em especial depois dos avanços russos”. Roosevelt propôs que Stálin fosse informado sobre a disputa. Churchill era contra essa possibilidade, dizendo que, de um “ponto de vista político a longo prazo”, Stálin poderá preferir que os britânicos e os americanos lutem na França “e que a Europa Oriental, Central e do sul caiam naturalmente sob seu controle”.

Churchill decidiu encontrar-se com Roosevelt para explicar-lhe pessoalmente o plano para o Adriático. Em 30 de junho, deu ordens para que tanto seu hidroavião quanto seu bombardeiro *Lancaster* estivessem prontos para um voo pelo Atlântico. Porém, Roosevelt já tinha decidido que o desembarque no sul da França deveria avançar e que o exército de Alexander na Itália deveria ter seu poder reduzido. “O que eu posso fazer, sr. presidente, quando seus chefes de Estado-Maior insistem em não dar prioridade à nossa campanha ofensiva na Itália, com todas as suas fascinantes possibilidades, aliviando Hitler de todas as suas ansiedades na bacia do Pó (*vide* Bonifácio) e quando vemos toda a vida dessa campanha ser drenada para o vale do Rhône na crença de que, em poucos meses, dará efetivo auxílio a Eisenhower tão longe no norte?”, telegrafou Churchill a Roosevelt em 1º de julho. Churchill acrescentou: “Creio firmemente que se tivesse sido possível ter um encontro pessoal, como tão frequentemente propus, teríamos chegado a um feliz acordo.”

Roosevelt não mudaria de opinião. Churchill, os chefes de Estado-Maior britânicos e seus dois comandantes militares no Mediterrâneo viram-se obrigados a abandonar sua estratégia preferida. Alexander não seria autorizado a explorar uma fraqueza germânica conhecida e uma oportunidade clássica. Isso foi um ponto baixo no relacionamento anglo-americano em tempo de guerra.

Em 28 de junho, o número de soldados aliados mortos desde o início dos desembarques na Normandia tinha atingido 7.704, entre os quais 4.868 americanos, 2.443 britânicos e 393 canadenses. Em Londres, as bombas voadoras tinham provocado um número elevado de vítimas; nos primeiros dezesseis dias de bombardeio, tinham sido mortos 1.935 civis. Em 30 de junho, Churchill e Clementine passaram o dia visitando unidades antiaéreas ativas na batalha contra as bombas voadoras. Elizabeth Layton anotou: “Foi divertido ver o senhor e a senhora sentados no meio do trigo, com máquinas fotográficas a tirar fotografias por todos os lados e generais nervosos e apressados.”

“Há alguma informação?”, perguntou Churchill, mas não caiu nenhuma bomba. No dia seguinte, soube que as forças soviéticas, ao avançarem ao longo de toda a frente oriental, tinham, numa única batalha perto de Bobruisk, matado 16 mil soldados alemães e feito 18 mil prisioneiros. “Esse é o momento para dizer-lhe o quanto todos estamos impressionados com os magníficos avanços dos exércitos russos que, como parece, avançam cada vez mais e estão pulverizando os exércitos alemães que estão entre você e Varsóvia e depois em Berlim”, telegrafou Churchill a Stálin. Ele acrescentou que, na Normandia, mais de 750 mil soldados já estavam em terra e que tinham sido feitos 50 mil prisioneiros alemães. “O inimigo está sangrando em todas as frentes simultaneamente e concordo quando diz que isso tem de ir até o fim.”

Em 6 de julho, o total de mortes provocadas pelas bombas voadoras atingiu 2.752. Ao falar na Câmara dos Comuns nesse dia, Churchill disse que era uma arma “literal e essencialmente indiscriminada em sua natureza, em seus propósitos e em seus efeitos”. Nessa noite, devido ao perigo das bombas voadoras, a reunião do Estado-Maior foi realizada na cave das salas centrais da guerra. “Não há dúvida de que o primeiro-ministro não estava em condições de discutir o que quer que fosse”, escreveu Andrew

Cunningham em seu diário. Ele acrescentou: “Muito cansaço e muito álcool.” Eden, que também estava presente, disse que foi uma “noite deplorável”. Quando Churchill começou a criticar Montgomery, dizendo que Eisenhower tinha dito que ele era “exageradamente cauteloso”, Brooke irritou-se com as críticas de Churchill.

Quando a reunião terminou, Churchill regressou ao anexo para seu ditado noturno. “O primeiro-ministro estava bem-disposto e, contra seu hábito, bastante conversador”, observou Marian Holmes. “Trabalhou bastante e finalmente foi para a cama às 3h40.” Na procura por meios de retaliação que pudessem obrigar os alemães a desistirem dos ataques com bombas voadoras, Churchill ditou uma minuta para os chefes de Estado-Maior que mencionava o possível uso de gás. “Devo estar preparado para fazer qualquer coisa que possa atingir os alemães num local mortífero”, escreveu ele. “Tenho, evidentemente, de pedir-lhes que me apoiem no uso de gás venenoso. Temos de inundar as cidades do Ruhr e muitas outras cidades da Alemanha de tal modo que a maior parte da população precise de cuidados médicos permanentes. Podemos impedir a atividade nos locais de lançamento das bombas voadoras.”

Churchill tinha em mente gás mostarda, “do qual quase todas as pessoas se recuperam”. Usariam apenas se “for uma questão de vida ou de morte” ou se isso “encurtar a guerra em um ano”. Para tal fim, poderia até ser usado nas praias de desembarque da Normandia. “É absurdo ter considerações morais nessa questão quando todos os países o utilizaram na última guerra sem que se ouvisse uma única palavra dos moralistas ou da Igreja”, escreveu ele. “Por outro lado, o bombardeio de cidades abertas foi considerado proibido na última guerra. Agora todos o fazem regularmente. É simplesmente uma questão de mudança de moda, como sucede com o uso de saias mais compridas ou mais curtas.”

Passariam várias semanas, ou até meses, “antes que eu lhes peça que inundemos a Alemanha com gás venenoso”, acrescentou Churchill. Enquanto isso, queria que o assunto fosse estudado “a sangue-frio, por pessoas sensíveis, e não por um grupo particular de derrotistas, cantores de salmos em uniforme, que encontramos de vez em quando aqui e ali”. O assunto foi estudado. Concluiu-se que o Estado-Maior da Aviação já tinha feito planos para que um quinto do esforço de bombardeio britânico fosse empregado em lançar gás, se tal forma de combate fosse decidida. Porém, os peritos militares para quem Churchill remeteu a questão duvidavam de que o gás ou o material essencialmente não letal encarado por Churchill tivesse um efeito decisivo e não foram feitos ataques com gás. “É evidente que não posso enfrentar simultaneamente clérigos e guerreiros”, comentou ele.

Tinham acabado de chegar a Londres notícias sobre assassinatos em massa, em câmaras de gás especialmente concebidas, de mais de 2,5 milhões de judeus em Auschwitz, que até então tinha sido identificado como campo de trabalho escravo. No começo de julho, tornou-se claro que mais de 500 mil judeus húngaros estavam prestes a ser deportados para morrerem ali. O líder sionista dr. Chaim Weizmann fez um apelo a Eden para que fossem bombardeadas as linhas férreas de acesso ao campo, que mostrou esse apelo a Churchill. Nesse mesmo dia, 7 de julho, Churchill elaborou uma minuta: “Consiga tudo o que puder da Força Aérea e mencione meu nome, se necessário.” Weizmann também pediu o mais forte protesto público possível. “Estou totalmente de acordo com o maior protesto possível”, respondeu Churchill.

O protesto foi feito imediatamente, na forma de uma considerável cobertura jornalística dos assassinatos e de emissões de rádio a partir de Londres para os trabalhadores ferroviários húngaros, avisando-os de que podiam ser considerados criminosos de guerra se continuassem a participar das deportações. Dentro de 48 horas, o governo húngaro obrigou as autoridades alemãs na Hungria a cessarem as deportações. Assim foram salvos mais de 100 mil judeus.

Antes de ser conhecida a interrupção das deportações na Hungria, Churchill rejeitou uma proposta da Gestapo, que queria “negociar” a libertação de um milhão de judeus húngaros em troca de caminhões, alimentos e dinheiro. A oferta era um artil da Gestapo, com a intenção de dar aos judeus húngaros a falsa esperança de resgate, exatamente no momento em que mais de 400 mil judeus estavam sendo deportados a caminho da morte. Foi uma “miserável chantagem usando ameaças de assassinatos”, disse Churchill a Eden em 11 de julho. Quanto ao assassinato de judeus pelos nazistas, acrescentou:

Não há dúvida de que isso é provavelmente o maior e mais horrível crime alguma vez cometido na história do mundo e que foi feito com equipamentos científicos e por homens nominalmente civilizados em nome de um grande Estado e uma das raças líderes da Europa. É perfeitamente claro que todos aqueles que estão envolvidos nesse crime, que agora cai em nossas mãos, inclusive aqueles que apenas cumpriram ordens levando a cabo as chacinas, devem ser condenados à morte após ser provada sua associação com os assassinos.

Em 10 de julho, as forças aliadas entraram em Caen; nesse dia, Brooke achou que Churchill tinha “modos agradáveis e afáveis”. Porém, mais tarde, houve notícias preocupantes de que já tinham sido destruídas 10 mil casas num mês de ataques com bombas voadoras “comparadas com 63 mil durante todos os ataques em 1940 e 1941”, disse Churchill a Stálin. Nessa noite, disse à Comissão de Bombas Voadoras do Gabinete de Guerra que estava totalmente preparado para “ameaçar a Alemanha com ataques com gás na maior escala possível se não parasse com seu ataque indiscriminado a Londres”. Mesmo assim, não estava convencido de que a “presente escala” de ataques a Londres “justificasse um passo tão drástico”.

Em 18 de julho, Churchill soube, por intermédio de seus serviços secretos, que os alemães tinham desenvolvido uma arma ainda mais eficaz do que as bombas voadoras, na forma de um grande foguete capaz de transportar uma bomba pesando mais de onze toneladas e chegar a uma velocidade de 6.500 quilômetros por hora, podendo atingir Londres quatro minutos depois de ter sido lançada do norte da Europa. A bomba voadora, ou V-1, com motor de avião e asas, era dez vezes mais lenta e muito mais fácil de interceptar do que essa nova bomba propulsãoada por um foguete, conhecida por V-2.

À semelhança do que sucedia com o perigo das V-2, havia outra preocupação política sempre presente: como as forças soviéticas tinham atingido o centro da Polônia, Churchill queria reunir-se com Roosevelt e Stálin para tentar preservar qualquer forma de governo democrático no país. “Desafiarei os repórteres de Washington e os mosquitos do Alasca!”, disse a Roosevelt, tentando persuadir o presidente americano a concordar com o encontro, sugerindo o porto escocês de Invergordon. “Nessa época do ano, o tempo estará muito agradável na Escócia”, escreveu ele. Contudo, Roosevelt, depois do entusiasmo inicial, declinou o convite, preocupado com as eleições presidenciais que se aproximavam. “Como sabe, infelizmente tenho problemas domésticos difíceis para os próximos três meses”, disse a Churchill.

Na Normandia, estava prestes a iniciar-se uma ofensiva conjunta anglo-americana para ir além do posto avançado. Aliviado pela possibilidade de um avanço acelerado pelo norte da França, Churchill voou para Cherbourg em 20 de julho, onde lhe foi mostrada uma instalação inacabada de bombas voadoras apontadas para Bristol, e visitou as praias de desembarque. Enquanto Churchill explorava os locais da vitória, Hitler, em seu quartel-general, mais de 1.600 quilômetros para leste, era ferido por uma bomba colocada por baixo da mesa em que estudava um mapa de batalha. Era um atentado do Exército para matá-lo; abateu-se um terrível castigo sobre todos aqueles que participaram do atentado ou que

tinham mostrado simpatia pelos que pretendiam vê-lo afastado do poder. O major Ewald von Kleist, que visitara Churchill em Chartwell em 1938, foi preso; a carta que Churchill lhe tinha escrito, a pedido de Kleist, foi encontrada entre seus papéis. Kleist foi posteriormente executado. Rommel, que se recuperava do ataque de um caça aliado ao seu carro na Normandia e que estivera remotamente envolvido no atentado, pôde escolher entre a execução e o suicídio. Escolheu o suicídio.

Na continuação de sua visita às praias de desembarque na Normandia, Churchill dormiu nessa noite a bordo do cruzador ligeiro *Enterprise*. Em 21 de julho, encontrou-se com Montgomery em seu quartel-general em Blay, visitou um hospital de campo e uma padaria de campo e, numa bateria de artilharia perto de Villers Bocage, “foram feitas descargas até considerar que tinha compreendido como funcionavam as peças”, registrou-se no histórico do regimento. A descrição continuava: “Deu uma grande alegria aos soldados, cozinheiros e trabalhadores da Bateria 276 quando ia embora parou o carro para ser fotografado com eles.” Depois de sua partida, o comandante do regimento escreveu-lhe: “Sei o quanto aprecia estar perto da batalha, mas eu gostaria de dizer-lhe como agradeu, animou e honrou tremendamente todos os soldados com sua visita. Significou muito para eles o senhor ter vindo vê-los trabalhar com suas armas.”

Nessa noite, Churchill dormiu novamente a bordo do *Enterprise*. No dia seguinte, almoçou com Montgomery, visitou as pistas de aterrissagem na área de batalha e fez um voo num avião alemão capturado. Nessa noite, regressou de avião à Grã-Bretanha, onde soube que Stálin estabelecera um Comitê Polonês de Libertação Nacional em Lublin, no que se pretendia que fosse um território polonês depois da guerra. O governo polonês em Londres foi excluído deste comitê. É da “maior importância que não abandonemos o governo polonês ortodoxo”, telegrafou imediatamente Churchill a Roosevelt. A “grande esperança” era “uma fusão de qualquer espécie entre os poloneses que confiavam na Rússia e os poloneses que confiavam nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha”.

Em 31 de julho, com as unidades do Exército Vermelho a apenas 25 quilômetros de Varsóvia, os poloneses ergueram-se em revolta contra as forças de ocupação alemãs. Para muitos poloneses, a esperança era o estabelecimento de uma autoridade polonesa independente na capital antes da chegada dos russos. Em 4 de agosto, forças alemãs, que totalizavam uma divisão e meia, começaram a atacar os revoltosos, e a Divisão Hermann Goering foi chamada da Itália, junto com duas divisões SS. Nesse dia, cessou a atividade aérea russa sobre Varsóvia. Churchill, que tinha concordado com um pedido polonês para que fossem lançados munições e mantimentos sobre a cidade, apelou a Stálin para que ajudasse os poloneses. Stálin recusou, comentando com desprezo sobre a capacidade de resistência dos poloneses. No entanto, a resistência polonesa continuaria durante mais de um mês.

Em 4 de agosto, Eisenhower almoçou com Churchill e reiterou uma proposta para o cancelamento do desembarque no sul da França, que deveria ter início dentro de onze dias, deslocando essas forças para a Bretanha. Essa alteração de planos aumentaria de modo substancial as forças aliadas no flanco dos exércitos na Normandia. Em 5 de agosto, Churchill voou até a França, com a intenção de apresentar o plano americano a Montgomery, cuja ofensiva seria assim muito fortalecida. Porém, após sobrevoar a península de Cherbourg, o avião regressou à Inglaterra; o nevoeiro na pista onde deveria aterrissar tinha causado a queda do avião precedente, matando todos os seus ocupantes.

Churchill regressou ao sul da Inglaterra, chegando ao “posto de comando avançado” de Eisenhower em Portsmouth, onde rapidamente soube que Eisenhower tinha inesperadamente mudado de opinião e que agora pretendia que o desembarque no sul da França se processasse como planejado, mas que seu chefe de Estado-Maior, general Bedell-Smith, continuava a preferir o desembarque na Bretanha. Churchill

apelou imediatamente a Hopkins para tentar conseguir o apoio de Roosevelt para o plano da Bretanha. Na manhã seguinte, enquanto esperava por uma resposta de Hopkins, voltou de avião à Normandia para tentar uma vez mais apresentar o plano a Montgomery. Porém, quando chegava ao novo quartel-general de Montgomery, na floresta de Cerisy, soube que a batalha estava no auge e, ao sentir a tensão, interrompeu a visita uma hora depois e retornou à Inglaterra.

Quando chegou à Downing Street, Churchill encontrou à sua espera um telegrama de Hopkins. Apesar de ainda não saber a resposta de Roosevelt, tinha certeza de que “seria negativa”. Nessa tarde, a Missão Conjunta Britânica de Estado-Maior em Washington havia colocado o plano britânico em relação à Bretanha à apreciação dos chefes de Estado-Maior americanos. “Não conseguimos demovê-los”, comunicaram a Londres. Um dia depois, Roosevelt telegrafou a Churchill dizendo que não queria alterar o plano. O desembarque na Bretanha estava morto; o desembarque no sul da França iria em frente conforme planejado.

Na Itália, como resultado do reforço do desembarque no sul da França, o exército de Alexander tinha sofrido uma redução de sete divisões. Mesmo assim, persistiu na ofensiva, e, em 10 de agosto, obrigou os alemães a se retirarem de Florença. Nessa noite, Churchill voou de Londres para Argel, a caminho da Itália. Queria estar com Alexander para ver alguma coisa da batalha e para discutir os muitos problemas que surgiam por todos os lados nas operações no Mediterrâneo. “Espero sinceramente que consiga algum tempo para o pincel e para os binóculos”, escreveu-lhe Oliver Lyttelton.

Enquanto esteve em Argel, Churchill teve uma longa conversa com Randolph, que continuava a sentir dores devido a um acidente de avião quando fazia uma segunda viagem à zona da Iugoslávia em poder dos guerrilheiros e que sofria também com seu casamento, que se desintegrava. “Não foi feita qualquer referência a assuntos familiares”, escreveu Churchill a Clementine. “Ele está só e ainda não recuperou sua capacidade de andar. Falamos sobre política francesa e inglesa, sobre recordações de brincadeiras frívolas e sobre discussões.” Randolph insistiu com o pai para que anulasse sua recente recusa de encontrar-se com De Gaulle. “Afim de contas, é um homem frustrado que representa um país derrotado”, escreveu-lhe alguns dias depois. “O pai, que é o indisputado líder da Inglaterra e o principal arquiteto da vitória, pode permitir-se ser magnânimo sem receio de ser mal interpretado.”

De Argel, Churchill voou para Nápoles, onde foi convidado pelo general Maitland Wilson a hospedar-se na Villa Rivalta, com vista para a baía. Enquanto estava ali, recebeu um apelo dos poloneses, que ainda lutavam em Varsóvia e a quem continuava a ser negada ajuda por parte de Stálin. “Eles imploram por metralhadoras e munições”, telegrafou Churchill a Stálin em 12 de agosto. “Pode dar-lhes alguma ajuda, já que a Itália fica tão longe?” Stálin negou-se a dar qualquer ajuda. Nesse dia, 28 pilotos britânicos e poloneses fizeram quatro viagens de 2.200 quilômetros, ida e volta, do sul da Itália até Varsóvia. Perderam-se três aviões. O campo de aviação soviético mais próximo de Varsóvia ficava a menos de oitenta quilômetros.

Ainda em 12 de agosto, Churchill recebeu Tito na Villa Rivalta e insistiu para que ele institísse na Iugoslávia um sistema democrático “baseado nos camponeses”. À tarde, na lancha do almirante, foi até uma pequena praia, onde se banhou nas águas de uma nascente de água quente. Na viagem de regresso, foi reconhecido por dois comboios de tropas que se preparavam para o desembarque no sul da França. Enquanto passava pelas tropas que o vitoriavam, enviou-lhes uma mensagem a desejar-lhes felicidades. “Eles não sabiam que se as coisas tivessem sido feitas como eu queria, estariam viajando numa direção diferente”, escreveu ele mais tarde.

Nessa noite, Churchill recebeu um convite de Roosevelt para um encontro em Quebec em setembro, sem Stálin. Churchill aceitou. No dia seguinte, foi a Capri, num barco, para ver a rocha de Tibério, da qual o imperador romano lançava suas vítimas, e depois a Gruta Azul, cujas águas azuis o deixaram

fascinado. Depois, escoltado por uma dúzia de policiais militares americanos, despiu-se na rocha e nadou. Durante o almoço num restaurante da ilha, estava animado “como se estivesse de férias”, escreveu um dos ingleses presentes. “Ele falou sobre como chicletes deformam as feições, demonstrou como acender um charuto sem interromper a conversa e fez perguntas sobre as disposições para o abastecimento de água a Capri.” De volta a Nápoles, presidiu um encontro de Tito com seu amigo dr. Ivan Subasic, líder iugoslavo e ban da Croácia, tentando convencê-los a aceitarem uma “fusão e cessação” da guerra civil.

Em 14 de agosto, Churchill nadou novamente, dessa vez em mar aberto num ponto além de Cumas. Depois de ter feito o sinal de V, enquanto partia, a um grupo de entusiastas italianos que estavam no quebra-mar, Churchill perguntou a um inglês que estavam a bordo:

— Acha que eles gostam?

— Acho que sim, mas creio que esse sinal tem uma conotação imprópria em terras mediterrânicas.

— Eu sei, mas eu o substituí-o pelo V de Vitória.

Depois do regresso a Nápoles para almoçar, Churchill voou para a Córsega. Ali, no porto de Ajaccio, embarcou no *Royal Scotsman*, um antigo navio mercante que transportava seis lanchas de desembarque. Nessa noite, enquanto dormia a bordo, onze divisões aliadas desembarcavam no sul da França. Às 8h de 15 de agosto, passou para o contratorpedeiro *Kimberley*, que se dirigiu para a costa, onde, pouco depois do meio-dia, “vimo-nos no meio de uma enorme quantidade de navios espalhados ao longo de trinta quilômetros de costa, com St. Tropez ao centro”, escreveu Churchill a Clementine. “Esperava-se que o bombardeio continuasse durante todo o dia, mas os aviões e os navios tinham praticamente silenciado as armas inimigas às 8h. Isso tornou os acontecimentos muito entediantes.”

Churchill olhou para a “bela costa, onde a fumaça subia de muitos fogos provocados pelas bombas, pelas tropas que desembarcavam e pelas lanchas de desembarque que chegavam às praias”. Porém, ele observava “de muito longe” e estava decepcionado. Se ele tivesse sabido com antecedência quais seriam as condições, teria requisitado um barco menor e teria ido “em perfeita segurança até muito próximo das praias”, disse a Clementine.

A oposição no ar foi ligeira, no mar foi inexistente e em terra foi muito pequena e muito breve. Em termos do que os americanos esperavam desses desembarques, um forte deslocamento de forças alemãs do norte da França, foi o maior fracasso da guerra no Ocidente. Churchill disse ao rei: “Vossa Majestade sabe qual é minha opinião sobre a estratégia, mas a execução perfeita do plano foi interessante.” Churchill regressou a Nápoles, e, na manhã de 16 de agosto, estudou uma série de mensagens alemãs ultrassecretas acerca da iminente retirada alemã da Grécia. Imediatamente obteve a aprovação dos chefes de Estado-Maior para enviar uma força militar britânica o mais depressa possível para Atenas, para se adiantar aos gregos comunistas. Depois, tendo comunicado essa decisão a Roosevelt, foi nadar, dessa vez na ilha de Prócida. “No total, tomei quatro banhos de mar que me fizeram extraordinariamente bem. Sinto-me rejuvenescido e estou muito menos cansado do que quando deixei a Inglaterra”, escreveu a Clementine.

Em 17 de agosto, Churchill andou pela devastada cidade de Cassino e sobrevoou o mosteiro que, sendo a principal fortificação alemã, tinha sido pulverizado pelos bombardeios aliados. Depois voou até o quartel-general de Alexander, em Siena. Como o tempo estava muito ruim para visitar a frente e poder ver qualquer coisa, visitou as tropas na retaguarda durante três dias. Perto de Livorno, disparou o primeiro tiro de um canhão que tinha estado numa posição de artilharia alemã a norte de Pisa. Em 20 de agosto, tendo melhorado o tempo, Alexander levou Churchill a um posto avançado de observação de artilharia, a cerca de quatro quilômetros da linha de frente, no rio Arno. Regressou de avião a Nápoles, onde o jantar foi animado por um avião alemão que fez repetidos ataques a baixa altitude ao porto antes

de ser abatido e destruído por fogo de artilharia naval.

Os pensamentos de Churchill continuavam voltados para a insensatez de despojar o exército de Alexander para o desembarque no sul da França. Com metade do que foi levado, os Aliados “podiam ter penetrado no vale do Pó, com todas as promissoras possibilidades e vantagens que se abriam a caminho de Viena”, escreveu ele mais tarde. “Alexander manteve a boa disposição de um soldado essa noite, mas estava mal-humorado quando fui dormir. Nesses assuntos importantes, não fazer à nossa maneira não retira a responsabilidade por uma solução inferior.”

Em 21 de agosto, Churchill foi para Roma para um dia de negociações acerca da proposta expedição militar britânica à Grécia. “Winston está muito bem-disposto”, anotou Macmillan nessa noite. Na tarde seguinte, a discussão foi sobre o futuro político da Itália. “Winston parecia um cão defendendo o osso”, escreveu Macmillan. “Contudo, seu método muito próprio permite jogar luz sobre a verdade.” Churchill argumentava a favor de “um processo seguro de afrouxamento do controle” na Itália, que já não deveria ser considerado um Estado inimigo, mas um “amigo beligerante”.

“Terminamos, finalmente, às 19h, e todos estavam exaustos à exceção de Winston”, escreveu Macmillan. Nessa noite, depois do jantar, Churchill teve uma longa conversa com o brigadeiro Maurice Lush, da Comissão de Controle Aliada, que achou o primeiro-ministro bem-disposto, “pois no dia seguinte continuaria sua participação na batalha, com Alexander e seus homens”. Churchill disse a Lush que “esperava ansiosamente participar das primeiras fases do avanço no outono”, que permitiria a Alexander “voltar à direita e dominar a Áustria, alterando a história”. Depois, recordou Lush, “deu-me bem-disposta boa-noite às 2h”.

No dia seguinte, Churchill telegrafou aos chefes de Estado-Maior, dizendo-lhes que se Alexander conseguisse penetrar no vale do Pó, “certamente considerarei a possibilidade de um avanço no Adriático”. Dois dias depois, confidenciou a Smuts que tinha esperança de que o exército de Alexander atingisse “a grande cidade”, Viena. “Mesmo que a guerra termine subitamente, não há razão para que nossos exércitos não avancem e não a atinjam tão depressa quanto possível.” Tinha dito a Alexander que na eventualidade de um término abrupto da guerra, ele deveria “estar preparado para uma arremetida de carros blindados”; Viena era o prêmio.

Em 23 de agosto, Churchill voou para o quartel-general de Alexander, em Siena, onde autorizou o estabelecimento de uma brigada judaica como parte integrante do exército de Alexander. “Isso dará uma grande satisfação aos judeus quando for publicitado, e é claro que, de todas as raças, são eles quem têm mais direito de formar um corpo identificável para atacar os alemães”, escreveu Churchill. No dia seguinte, visitou a Divisão da Nova Zelândia. Em 25 de agosto, enquanto trabalhava no quartel-general de Alexander, De Gaulle entrou em Paris.

Nesse dia, Alexander desencadeou um novo assalto às defesas alemãs; Churchill foi com ele a um ponto elevado, onde pôde ver toda a zona de batalha. “Era visível toda a frente da ofensiva do 8º Exército”, escreveu ele mais tarde. “Porém, à parte a fumaça de obuses que rebentavam a sete ou oito quilômetros, disseminando-se, não havia nada interessante.” Depois de um piquenique, os dois homens seguiram mais para a frente, chegando a um velho castelo sobranceiro a um vale. “Dali era possível ver tudo”, recordou Churchill. “Os alemães atiravam com rifles e metralhadoras desde um matagal denso no lado mais afastado do vale, a cerca de quinhentos metros. Nossa linha de frente estava abaixo de nós. O fogo era inconstante e intermitente, mas foi onde estive mais próximo do inimigo e o momento em que ouvi serem disparadas mais balas na Segunda Guerra Mundial.”

Em 27 de agosto, Churchill voltou a Nápoles para mais dois dias de negociações sobre a expedição britânica à Grécia. Escreveu também uma mensagem ao povo italiano, sublinhando o que ele chamou de “uma ou duas perguntas simples, testes práticos, por meio das quais se pode responder à pergunta ‘O que

é a liberdade?”. Na verdade, eram sete perguntas que constituíam “o título de propriedade sobre o qual pode ser fundada uma nova Itália”. As perguntas eram:

Há direito de livre expressão, de oposição e de crítica com o governo atual?

O povo tem o direito de derrubar um governo que desaprova e estão estabelecidos meios constitucionais por meio dos quais o povo pode expressar sua opinião?

Seus tribunais de justiça estão isentos de violência por parte do poder executivo e de grupos de pressão e estão livres de qualquer forma de associação com partidos políticos?

Esses tribunais administram leis abertas e bem estabelecidas, associadas, pelo espírito humano, com amplos princípios de decência e justiça?

Serão justos tanto para os pobres quanto para os ricos, tanto para as pessoas particulares quanto para os funcionários governamentais?

Serão os direitos dos indivíduos, que são obrigados a cumprir seus deveres para com o Estado, mantidos, afirmados e exaltados?

Estão os simples camponeses e trabalhadores, que ganham sua vida com esforço diário e que tentam criar uma família, livres do medo de que qualquer cruel organização policial, sob o controle de um único partido como a Gestapo, inaugurado pelos partidos nazista e fascista, bata-lhes no ombro e coloque-os na prisão sem um julgamento justo e aberto e condene-os à escravidão e à tortura?

Essas perguntas, comentou o *Times*, continham palavras “tanto de encorajamento quanto de advertência”. Continham também a essência da filosofia política de Churchill.

Nesse dia, Churchill partiu de Nápoles para Londres, tendo de voar primeiro até Rabat, onde passou a noite, pois previam-se trovoadas mais a norte. Na manhã de 29 de agosto, foi de Rabat para Londres. Sentiu-se mal durante o voo, com febre que atingiu 39,4 graus. Tinha novamente pneumonia. Foram chamadas duas enfermeiras. Um especialista em pulmões fez análises do sangue e exames de raios-X, administrando-lhe sulfonamida. “Seria uma tragédia se alguma coisa lhe acontecesse agora”, escreveu em seu diário Sir Andrew Cunningham, que o visitou nessa noite. “Com todos os seus defeitos (e ele é o homem mais exasperante), fez um excelente trabalho pelo país e não há mais ninguém.”

Enquanto Churchill convalescia, lentamente, na Downing Street, os alemães perdiam grande parte do norte da França e eram obrigados a recuar na fronteira belga. “É maravilhoso ver nossa gente ganhando terreno depois de tantas lutas difíceis”, telegrafou a Montgomery, recentemente promovido a marechal de campo, em 2 de setembro. Nesse dia, na Itália, as tropas de Alexander entraram em Pisa e penetraram nas defesas da linha Gótica, mas tiveram de defrontar oito divisões alemãs enviadas às pressas para evitarem mais avanços dos Aliados para norte. Como resposta à única pergunta importante em toda a campanha italiana, “Quem está imobilizando quem?”, a Itália continuava a ser um sorvedouro de recursos alemães.

Os revoltosos de Varsóvia ainda lutavam em condições extremamente adversas e sem o auxílio soviético. Em 3 de setembro, Churchill sugeriu a Roosevelt que ambos dissessem a Stálin que, se ele pelo menos não autorizasse que os aviões britânicos e americanos utilizassem bases soviéticas perto de Varsóvia para levar ajuda aos revoltosos, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos “tomarão algumas decisões drásticas no que diz respeito aos nossos fornecimentos à Rússia”. Porém, Roosevelt não queria indispor Stálin, a quem, sem que Churchill soubesse, pedia autorização para utilizar as bases soviéticas na Sibéria

como pontos para ataques de bombardeio ao Japão.

Churchill ficou tão zangado com a recusa soviética em ajudar Varsóvia que, em 4 de setembro, apesar de estar novamente com febre, saiu da cama e desceu às Salas Centrais de Guerra. Todo o Gabinete de Guerra partilhou de sua fúria, mas estavam relutantes em fazer o que quer que fosse para prejudicar ainda mais o já frágil caminho para uma aliança, limitando seu protesto a um telegrama coletivo a Stálin, afirmando que a ação soviética ao negar auxílio a Varsóvia, “parece-nos estar em desacordo com o espírito de cooperação aliada ao qual tanto o senhor quanto nós damos tanta importância no presente e no futuro”.

O levantamento de Varsóvia estava sendo sistemática e selvagemmente esmagado, com milhares de poloneses executados. Ainda se passariam quatro meses antes que os russos entrassem na capital.

Na manhã de 5 de setembro, Churchill embarcou num trem para Greenock, em Clyde, onde nessa tarde embarcou a bordo do *Queen Mary*. Uma enfermeira, Dorothy Pugh, e um perito em penicilina, brigadeiro Whitby, acompanhavam-no. Durante a viagem, Churchill soube que os militares americanos a bordo, em licença, tinham perdido uma semana esperando o embarque de Churchill em Greenock. Imediatamente, telegrafou a Roosevelt, perguntando se essa semana podia ser compensada. “Seria para mim um prazer anunciar isso a eles antes do final da viagem, aliviando assim a ansiedade que sentem”, escreveu Churchill. Roosevelt concordou.

Churchill não se sentia bem; como resultado de sua visita à Itália, tinha sido aconselhado a tomar comprimidos antimaláricos durante mais duas semanas, remédios esses que aparentemente provocavam-lhe indisposição. Em 8 de setembro, depois de uma reunião do Estado-Maior a bordo, Brooke escreveu que Churchill “parecia um velho indisposto e deprimido”. “Era evidente que tinha dificuldade em concentrar-se e que apoiava permanentemente a cabeça nas mãos”, continuou ele. Na reunião, Churchill advertiu os chefes de Estado-Maior de que estava preocupado a respeito da proposta que eles tinham feito sobre deslocar tropas da Itália para o Extremo Oriente, sugestão baseada na suposição de que o colapso alemão provavelmente viria antes do final de 1944. Tratava-se de uma suposição perigosa, pois “as guarnições alemãs estão demonstrando uma feroz resistência em muitos portos”. Os americanos não tinham conseguido capturar St. Nazaire e tinham sido mantidos afastados em Nancy. Os alemães também estavam opondo uma “tenaz resistência” nos fortes em torno da Antuérpia, “porto de que necessitamos desesperadamente”. Nesse dia, enquanto o *Queen Mary* continuava em seu caminho para oeste, as forças britânicas entravam em Bruxelas. Porém, outras notícias deram razão à advertência de Churchill: forças germânicas mantinham Boulogne, Calais e Dunquerque e tinham recapturado Metz. No leste, o avanço de Stálin não sofreu esses contratempos; em 9 de setembro, tropas soviéticas entraram na Bulgária, que se rendeu no dia seguinte. A Romênia já tinha abandonado a Alemanha, juntando-se aos Aliados. Os russos tinham agora a perspectiva de um rápido avanço para a Hungria através dos Bálcãs.

Em 10 de setembro, o *Queen Mary* chegou a Halifax. Então, Churchill embarcou num trem para uma viagem de vinte horas até Quebec, onde o trem de Roosevelt o esperava num ramal. Durante seu primeiro dia em Quebec, em 12 de setembro, souberam que forças americanas tinham atravessado a fronteira alemã a oeste de Aachen. Ainda assim, uma mensagem vinda de Londres disse, com exatidão, que “a resistência do inimigo aumenta à medida que os Aliados se aproximam da fronteira alemã”.

Roosevelt concordou em que não haveria mais deslocamentos de tropas do exército de Alexander, desejando até que Alexander recebesse o equipamento necessário para um desembarque na Ístria. Churchill ficou muito aliviado. “Sempre defendi um movimento para a direita para apunhalar a Alemanha na axila do Adriático”, disse ele na conferência. “Nosso objetivo deve ser Viena.”

Em 13 de setembro, o secretário do Tesouro de Roosevelt, Henry Morgenthau, disse que não deveria ser permitido que a Alemanha do pós-guerra tivesse qualquer espécie de indústria. O Ruhr devia ser encerrado e os estaleiros, desmantelados.

A princípio, Churchill sentiu-se pouco à vontade com essas medidas. “Sou totalmente a favor do desarmamento da Alemanha, mas não podemos impedir que vivam decentemente”, disse a Morgenthau. “Há laços entre as classes trabalhadoras de todos os países, e sei que o povo inglês não apoiaria a política que o senhor advoga. Concordo com Burke. Não podemos condenar toda uma nação. O que tiver de ser feito deve ser feito rapidamente. Matem os criminosos, mas não arrastem o assunto durante anos.”

No entanto, ao relatar ao Gabinete de Guerra o plano de Morgenthau, dois dias depois, Churchill escreveu: “A princípio, fiquei surpreso com esse plano, mas considero que o argumento do desarmamento é decisivo, do qual naturalmente adviriam consequências benéficas para nós.” Parte dos benefícios econômicos para a Grã-Bretanha, no caso de uma Alemanha “pastoral”, seria fornecer ao país muitas de suas necessidades industriais, estimulando assim a indústria britânica. Em 15 de setembro, Churchill e Roosevelt assinaram um acordo “que tinha como objetivo transformar a Alemanha num país essencialmente agrícola e com caráter pastoral”. Esse acordo foi rejeitado pelo Departamento de Estado em Washington antes mesmo que fosse discutido pelo Gabinete de Guerra em Londres. Em 17 de setembro, enquanto Churchill ainda estava em Quebec, três divisões aerotransportadas, britânicas e americanas, incluindo uma brigada de paraquedistas poloneses, num total de 35 mil homens, foram largadas por trás das linhas alemãs na Holanda, com o objetivo de capturar uma ponte sobre o Reno, em Arnheim. No momento em que a batalha começou, Churchill deixava Quebec num trem para Hyde Park, onde foi hóspede de Roosevelt durante dois dias. Clementine acompanhava-o; numa carta a Mary, mencionou o modo como o presidente, “com todo o seu gênio, não pode — em parte devido à saúde e em parte devido à sua constituição — trabalhar o dia inteiro como seu pai. Não creio que sua mente passe mais do que quatro horas por dia concentrada na guerra, o que não é suficiente quando se é o senhor supremo da guerra”.

Churchill e Roosevelt discutiram o uso da bomba atômica, que, ao que sabiam, estaria “quase certamente” pronta por volta de agosto de 1945. Nessa semana, tinham sido necessárias 2.600 missões, com a perda de mais de cem aviões, para lançar 9.360 toneladas de bombas altamente explosivas sobre a Alemanha; uma única bomba atômica, transportada num único avião, seria equivalente a pelo menos 20 mil toneladas de explosivos potentes. Os dois homens rejeitaram a ideia de que “o mundo deve ser informado” sobre a bomba atômica, com vista a um acordo internacional para seu uso. Decidiram também que quando estivesse finalmente pronta, a bomba “poderia, depois de madura consideração, ser usada contra os japoneses, que deveriam ser avisados de que tal bombardeio seria repetido até que se rendessem”.

Churchill não tinha certeza se seria necessário usar a bomba atômica. No último dia de negociações em Quebec, considerara ser “muito provável” que os atuais bombardeios “intensos, sustentados e sempre crescentes” às cidades japonesas, feitos pelos americanos, “possam levar o Japão a dar-se por vencido”. As pessoas resistem a bombardeios se pensarem que terminarão “mais cedo ou mais tarde”. “O Japão não pode ter tal esperança.” A única coisa que poderia esperar seria “uma quantidade cada vez maior de explosivos jogados sobre seus centros populacionais”.

Ao deixar Hyde Park em 19 de setembro, Churchill embarcou num trem noturno para Nova York, onde voltou a embarcar no *Queen Mary* no dia seguinte. “O primeiro-ministro está em excelente forma e falou sobre o tempo que passou no Almirantado durante a última guerra”, disse Cunningham. Durante a viagem, a maior parte do trabalho de Churchill consistiu em preparar o discurso que faria quando chegasse. “Trabalha desalmadamente”, escreveu Marian Holmes em seu diário em 24 de setembro. “O

primeiro-ministro ditou mais 2 mil palavras do discurso. Eu o vi, de costas, como nunca tinha visto. Saiu da cama já ditando, esquecendo que usava um pijama muito curto. Mas tinha um espírito conciliador e senti as ondas de sua aprovação.”

Em 26 de setembro, o *Queen Mary* chegou a Greenock, onde John Peck estava à espera de Churchill com os telegramas mais recentes e mais urgentes. As piores notícias vinham de Arnheim, onde a tentativa de capturar uma ponte sobre o Reno falhara e haviam sido mortos 1.400 soldados entre os 35 mil envolvidos. Durante a viagem noturna para sul, o trem parou em Rugby para recolher outra encomenda postal urgente, que continha graves notícias sobre a última resistência dos patriotas em Varsóvia. Os revoltosos tinham sido vencidos, sendo aplicadas represálias selvagens contra dezenas de milhares de poloneses na cidade.

Às 10h, o trem chegou em Londres. Uma hora e meia depois, Churchill estava na Câmara dos Comuns para responder às perguntas ao primeiro-ministro. Durante o debate, foi abordado o problema do destino que seria dado aos responsáveis pelas atrocidades nazistas. Churchill respondeu que o governo estava “decidido a fazer tudo o que pudesse para evitar que os criminosos nazistas procurassem refúgio em território neutro para as consequências de seus crimes”. Nesse dia, Churchill também tinha em mente a guerra no Extremo Oriente; num telegrama a Stálin, explicou que a eventual abertura de uma frente russa contra o Japão “obrigará ao japoneses a sangrarem, em especial no ar, de um modo que acelerará rapidamente sua derrota”.

Churchill decidiu visitar Stálin; nessa noite, pediu a Portal que preparasse um voo para Moscou. Tinha muitas razões para reiniciar rapidamente suas viagens. Como receava o fardo financeiro e físico da Grã-Bretanha numa prolongada guerra contra o Japão, pretendia persuadir Stálin a declarar guerra aos japoneses assim que a Alemanha fosse derrotada. Queria também discutir o futuro político da Iugoslávia e da Grécia, que gostaria de excluir do controle comunista, e da Polônia, onde estava pessoal e moralmente empenhado em que se estabelecesse um governo eleito livremente. “Não concebo que não seja possível conseguir uma boa solução, de modo que a Rússia obtenha a segurança a que tem direito em sua fronteira ocidental — que faremos o que pudermos para garantir —, e que, ao mesmo tempo, a Polônia consiga restaurar a soberania e a independência pelas quais, ao longo de séculos de opressão e luta, nunca deixou de se esforçar”, disse Churchill, nesse dia, na Câmara dos Comuns.

Antes de partir para Moscou, Churchill levou Clementine duas vezes ao teatro; em 3 de outubro, assistiram à peça *Arms and the Man*, de Bernard Shaw, e, na noite seguinte, assistiram a *Richard III*, de Shakespeare, ambas com Laurence Olivier, Ralph Richardson e Sybil Thorndike. Em seu regresso à Downing Street em 4 de outubro, Churchill soube que as forças britânicas tinham entrado com sucesso na Grécia, desembarcando na cidade de Patras, no golfo de Corinto, que os alemães haviam abandonado. No entanto, na Polônia, para grande desgosto de Churchill, depois de tantas horas tentando ajudar os poloneses, os revoltosos de Varsóvia tinham sido completamente esmagados. “Quando se consumir a vitória final dos Aliados, a epopeia de Varsóvia não será esquecida”, disse ele na Câmara dos Comuns em 5 de outubro. “Será mantida uma memória imortal para os poloneses e para quem ama a liberdade em todo o mundo.”

Dois dias depois, com o futuro político da Polônia no âmago de suas preocupações, Churchill voou para Nápoles, onde soube que os exércitos de Alexander estavam “retidos nos Apeninos e com forças esgotadas”, não podendo dispensar nenhum homem para um desembarque anfíbio na cabeça do Adriático. Depois de passar quatro horas em Nápoles, voou para Moscou, onde, pouco depois do meio-dia de 9 de outubro, seu avião aterrissou no aeródromo errado, voltou a decolar e aterrissou novamente no aeroporto onde Ivan Maisky, embaixador soviético, Andrei Vishinsky, ministro das Relações Exteriores, e uma guarda de honra o esperavam. Foi conduzido à *datcha* de Viacheslav Molotov, que fora colocada à sua

disposição.

Nessa mesma noite, Churchill foi levado a Moscou, num percurso de 45 minutos. Em sua primeira conversa com Stálin, reafirmou sua aceitação anterior, em Teerã, da linha Curzon como fronteira oriental da Rússia. Churchill prometeu “pressionar para tentar convencer” os poloneses a aceitarem o mesmo. Depois as discussões concentraram-se nos temas do sul da Europa e dos Bálcãs. A Inglaterra tinha um “interesse particular” na Grécia, disse Churchill a Stálin, mas a Romênia era “essencialmente um assunto da Rússia”. Não quis utilizar a expressão “divisão em esferas porque os americanos poderiam ficar chocados”, disse Churchill, mas, enquanto ele e Stálin “se entendessem”, poderia dar uma explicação aos americanos.

Churchill elaborou então um texto que descreveu a Stálin como um “documento malicioso”, listando os “interesses proporcionais” da Rússia e da Inglaterra em cinco países. Para a Romênia, Churchill sugeriu 90% de interesses russos e 10% de interesses britânicos. Quanto à Grécia, propunha 90% de interesses britânicos, “de acordo com os Estados Unidos”, e 10% de interesses russos. A Iugoslávia e a Hungria com 50% para cada e a Bulgária com 75% de interesses russos e 25% para “os outros”.

Stálin estudou a lista e, recordou Churchill mais tarde, “pegou seu lápis azul, fez um grande sinal de visto e devolveu-a a mim. Depois, fez-se um longo silêncio. O papel com o visto azul ficou no centro da mesa”. Churchill teria dito:

— Não poderá ser considerado muito cínico tratarmos desses assuntos, que envolvem o destino de milhões de pessoas, de modo tão informal? Vamos queimar o papel.

— Não, guarde-o — respondeu Stálin.

A discussão incidiu depois sobre a Turquia, e Churchill disse a Stálin que era favorável à ideia de que a Rússia tivesse acesso ao Mediterrâneo pelo estreito de Dardanelos “para seus navios de guerra e mercantes”. A Rússia tinha um “direito” quanto a isso e também uma “justa reivindicação” que ele apoiaria. Depois, Churchill pediu a Stálin que não encorajasse a participação comunista na guerra civil na Grécia e que não “incitasse” ao comunismo na Itália. Stálin concordou. Ao falar sobre Palmiro Togliatti, com quem Churchill tinha estado em Roma em agosto, Stálin comentou que “era um homem sensato, não era um extremista e não iniciaria uma aventura na Itália”.

Churchill regressou à *datcha* às 3h10. Estava viajando e trabalhando ininterruptamente havia sessenta horas, dormindo apenas enquanto viajava. “Entreguei-lhe alguns documentos, mas ele já não podia continuar a trabalhar”, registrou Marian Holmes, que estava à espera que ele ditasse. Depois de um sono profundo, Churchill acordou na manhã de 10 de outubro e começou a ditar. Pouco antes do meio-dia, voltou ao Kremlin, onde Stálin foi o anfitrião de um almoço que durou quatro horas. Ao final da refeição, Churchill anunciou: “Vou voltar à embaixada, para minha jovem senhora.” Foi então conduzido à embaixada britânica, pedindo a Elizabeth Layton que o acompanhasse e dizendo-lhe, quando regressavam à *datcha*, que achava que ditaria “no escuro”. Ao longo dos 35 quilômetros do percurso, guardas armados faziam a cobertura da viagem e saudavam-no à sua passagem.

Churchill quis enviar a Stálin uma nota formal com o que tinham discutido sobre os Bálcãs. “As percentagens que escrevi são apenas um método por meio do qual podemos ver quão próximos estamos e como poderemos dar os passos necessários para chegarmos a um acordo total”, explicou ele. Se fossem publicadas, as percentagens poderiam ser consideradas “cruéis ou mesmo insensíveis”, mas, em particular, poderiam servir como “um bom guia para a condução de nossos assuntos”, o que poderia evitar “várias guerras civis e muito derramamento de sangue” nos respectivos países. Churchill acrescentou: “Nosso princípio geral deve ser deixar cada país ter a forma de governo que seu povo deseja.” Não deveria ser imposta nenhuma ideologia a qualquer pequeno Estado. “Deixemos que escolham seus próprios destinos nos anos que se aproximam.”

Harriman, que estava em Moscou como emissário de Roosevelt para acompanhar as negociações, e a quem Churchill mostrou essa carta, disse que tinha certeza de que tanto Roosevelt quanto Hull a “repudiariam”. Por isso, a carta nunca foi enviada, apesar de sua declaração do princípio de autodeterminação. Em 11 de outubro, Churchill recordou-se de que a Albânia tinha sido omitida de sua lista de percentagens. Propôs, então, 50% para cada lado, a mesma divisão sugerida para a Iugoslávia e a Hungria. Porém, quanto à Hungria, Molotov insistira numa alteração drástica a favor da Rússia, de 50-50 para 80-20. Eden concordou.

Num telegrama para o Gabinete de Guerra, Churchill explicou que as percentagens eram “apenas um guia temporário para o pós-guerra” e seria “vigiado” pelas grandes potências, inclusive, evidentemente, os Estados Unidos, quando se encontrassem para discutir o armistício ou a paz, para que se chegasse a um “acordo geral para a Europa”. Nessas condições, não se realizaria a Conferência de Paz. À exceção da Grécia, o grau de controle exercido pela Rússia seria determinado não por meio das percentagens do “documento malicioso”, mas por meio da chegada do exército soviético e de seus comissários políticos. Os russos estavam “insistentes em sua ascendência” na Romênia e na Bulgária, “ambos países do mar Negro”, disse Churchill ao Gabinete de Guerra.

Nessa noite, Churchill foi o anfitrião de um jantar oferecido a Stálin na embaixada britânica, do lado do rio Moscou oposto ao Kremlin. Quando Churchill disse que sua atitude hostil em relação ao povo italiano tinha mudado devido ao entusiástico acolhimento em sua recente visita, Stálin comentou que o mesmo povo que o acolhera tinha apoiado Mussolini. O jantar prolongou-se até as 4h, tão tarde que Churchill dormiu na cidade, numa casa que Stálin lhe tinha destinado, localizada na rua Ostrovskaya, nº 6. “Tive excelentes conversas com o Velho Urso”, escreveu Churchill a Clementine em 13 de outubro. “Quanto mais estou com ele, mais gosto dele. *Agora* eles nos respeitam, e tenho certeza de que querem trabalhar conosco.”

Nessa noite, no palácio Spiridonovka, no centro de Moscou, Churchill e Stálin tiveram uma longa conversa com os principais membros do governo polonês em Londres, com quem Churchill insistira para que se deslocassem a Moscou durante sua visita e a quem pediu que aceitassem a perda de território que era seu antes da guerra em troca da participação no Comitê Nacional de Libertação, de base comunista, que Stálin tinha estabelecido em Lublin. Os poloneses de Londres afirmaram que não aceitariam a linha Curzon. Quando Churchill propôs que a aceitassem, sujeita aos acordos finais de uma Conferência de Paz, foi Stálin quem recusou; para ele, os poloneses deveriam aceitar a nova linha sem condições. Nesse momento, registram as minutas do encontro, Churchill fez “um gesto de desapontamento e de desânimo”.

Já tarde, enquanto o céu de Moscou se iluminava com fogos que comemoravam a entrada das tropas soviéticas em Riga, capital de Letônia, Churchill e Stálin encontraram-se com os líderes poloneses de Lublin, novamente no palácio Spiridonovka. Obedientemente, fizeram eco aos sentimentos de Stálin. Dois dias depois, Churchill telegrafou ao rei: “Anteontem foi o ‘dia dos poloneses’. Os poloneses que estão em Londres são, como sabe Vossa Majestade, um grupo de tolos, decentes, mas fracos. Porém, os delegados de Lublin parecem ser os maiores vilões imagináveis.” Em 14 de outubro, Churchill conversou por duas horas com os poloneses de Londres na embaixada britânica. Quando o primeiro-ministro dos poloneses de Londres, Stanislaw Mikolajczyk, disse que a opinião pública polonesa não aceitaria a perda dos territórios orientais, Churchill replicou: “O que é a opinião pública? O direito a ser esmagado!” Evidentemente, nada podia evitar que a Polônia declarasse guerra à Rússia, mas, se o fizesse, não teria o apoio das outras potências.

Mesmo assim, Mikolajczyk não aceitou a linha Curzon. Durante uma conversa de noventa minutos nessa tarde, na casa da rua Ostrovskaya, Churchill não conseguiu persuadi-lo. Quanto à Grã-Bretanha, disse-lhe Churchill, “não tinha poder em relação à Rússia” no que dizia respeito ao futuro governo

polonês. Mas Churchill foi ao Kremlin para falar com Stálin e propor-lhe um acordo: os poloneses de Londres aceitariam a linha Curzon, tendo como contrapartida uma participação de cinquenta-cinquenta no futuro governo da Polônia. Depois de uma hora de discussões, Stálin concordou. O ônus cabia agora a Churchill, que precisaria convencer os poloneses de Londres a reconhecerem a fronteira.

Nessa noite, Stálin foi com Churchill ao teatro Bolshoi. Chegaram depois do início do espetáculo, durante o primeiro ato do bailado *Giselle*. Somente quando as luzes se acenderam para o intervalo a audiência viu Churchill, e, então, relatou ele ao rei, ouviu-se uma “prolongada ovação”. Depois, quando Stálin foi ao camarote e colocou-se ao seu lado, houve uma “demonstração quase apaixonada”. Ao intervalo, seguiram-se duas horas de canto e dança executados pelo Coro do Exército Vermelho. “Reparei que o primeiro-ministro gostou muito das canções e marcava o ritmo com as mãos”, notou Marian Holmes. “Stálin não mudou minimamente de expressão.”

Do teatro Bolshoi, Churchill regressou à casa da cidade por pouco tempo antes de deslocar-se ao Kremlin para novas negociações com Stálin sobre assuntos militares. O líder russo informou-o que o exército soviético não pretendia avançar para a Iugoslávia Ocidental, preferindo juntar-se a Alexander na Áustria. Churchill prometeu que Alexander tentaria avançar para Viena “o mais rápido possível”.

Na manhã de 15 de outubro, Churchill acordou sentindo muito mal-estar, vítima de um violento ataque de diarreia. Nessa tarde, voltou a receber os poloneses de Londres e perguntou-lhes se aceitavam o acordo com que Stálin concordara na tarde anterior. Porém, eles se recusaram a aceitar a perda da cidade de Lviv, que ficava imediatamente a leste da linha Curzon. Churchill perdeu a paciência, andando de um lado para o outro na sala e protestando: “Não quero mais saber dos senhores. Não quero saber o que vai acontecer. Merecem mesmo estar nos pântanos de Pripet. A culpa é de vocês.” Oliver Harvey escreveu em seu diário: “Foi uma cena difícil; o primeiro-ministro tinha tanta razão, e os poloneses foram tão imprudentes — como os Bourbon, que esperavam que tudo voltasse para eles.” Antes que a reunião se encerrasse, Churchill propôs um compromisso. Falaria com Stálin e solicitaria, “no interesse das relações anglo-soviéticas” e pelo impacto que isso poderia ter na “opinião pública mundial” em relação à Rússia, que deixasse que os poloneses ficassem com Lviv, mas só faria esse pedido na condição de que, se Stálin recusasse, os poloneses aceitassem a linha Curzon sem aditamentos. Os poloneses recusaram.

Nessa tarde, Churchill teve febre. Não poderia ter outras reuniões nesse dia. Como a febre ultrapassou 37,8°C, dois médicos e duas enfermeiras seriam deslocados do Cairo para atendê-lo. Contudo, já não tinha febre no dia seguinte e não foi necessário que a equipe médica se deslocasse. A febre “veio do estômago, e não do peito, e agora já estou bem”, explicou Churchill a Clementine. Na tarde de 16 de outubro, regressou ao Kremlin com uma proposta para a linha Curzon pensada por Eden e aceita pelos poloneses de Londres, que descrevia a linha de disputa não como uma “fronteira”, mas como uma “linha de demarcação”. Durante duas horas, Churchill tentou convencer Stálin, mas não teve resultado. “O primeiro-ministro utilizou todos os argumentos possíveis, mas foi incapaz de movê-lo”, telegrafou Eden ao Gabinete de Guerra.

Durante mais um dia, Churchill andou entre os poloneses de Londres e Stálin, a quem colocou o problema energicamente. No entanto, Stálin tornou bem claro que, qualquer que fosse o acordo proposto para a fronteira, seus nomeados de Lublin teriam a maioria no que dizia respeito ao futuro governo polonês.

Em 17 de outubro, Churchill e Stálin tiveram uma última conversa, que durou seis horas, das 22h até as 4h da manhã. Ainda com a esperança de conseguir um acordo entre Stálin e os poloneses de Londres,

Churchill persuadiu o líder russo a aceitar o termo “base para fronteira”, em vez de “fronteira”, ao descrever a linha Curzon. Contudo, Stálin não cederia na predominância política dos comunistas poloneses de Lublin. Os poloneses de Londres poderiam participar, mas já não seria como iguais.

Ao discutir o futuro da Alemanha, Churchill disse a Stálin que o Ruhr e o Saar deveriam ser “permanentemente postos fora de ação” e que as indústrias metalúrgica, química e elétrica da Alemanha deveriam ser desativadas “pelo tempo em que ele ainda tivesse uma palavra a dizer, o que esperava que não fosse inferior a uma geração”. Stálin não colocou objeções. Quando Churchill disse que a Alemanha deveria “ser privada de toda a aviação”, Stálin concordou, acrescentando que “não deverá ser permitido que tenha nem aviação civil nem militar” e deverão ser proibidas todas as escolas de treinamento de pilotos. Churchill disse também a Stálin que gostaria que a Polônia, a Tchecoslováquia e a Hungria formassem um “grupo separado”, como uma união aduaneira, sem barreiras comerciais ou tarifárias.

Quanto ao ponto que motivara a viagem de Churchill a Moscou, praticamente não houve discussão ou contestação; Stálin concordou em que “no dia em que os exércitos alemães forem destruídos”, a Rússia declarará guerra ao Japão. “Devemos ter em mente que o valor supremo dessa questão é encurtar toda a luta”, telegrafou Churchill a Roosevelt pouco antes de deixar Moscou.

Em 18 de outubro, às 19h, Churchill teve um último encontro com os poloneses de Londres, mas não conseguiu convencê-los a aceitarem a proposição final com a qual Stálin tinha concordado, mesmo tendo-lhe dito que Stálin desejava encontrar-se com o primeiro-ministro dos poloneses, Mikolajczyk, como chefe do governo polonês de Unidade Nacional, mas apenas se a linha Curzon fosse a fronteira e Lviv passasse a ser uma cidade soviética. Muitas horas de negociações tinham falhado. Dali em diante, os poloneses de Londres seriam efetivamente excluídos do destino de seu país.

Nessa noite, Stálin ofereceu a Churchill um jantar de despedida no Kremlin, que durou seis horas e prolongou-se até as 2h. Durante o jantar, chegaram notícias de que forças soviéticas tinham entrado na Tchecoslováquia, e mais uma vez o céu de Moscou foi iluminado por fogos multicoloridos. Pela manhã, Stálin foi ao aeroporto de Moscou para despedir-se de Churchill. Como ele ainda não havia chegado, esperou na chuva. Depois, numa curta cerimônia de despedida, Churchill informou ao intérprete de Stálin, Vladimir Pavlov, que ele tinha sido nomeado comendador honorário da Ordem do Império Britânico. O novo comendador “tinha conhecimento dos mais mortíferos segredos de Estado”, explicou-lhe Churchill. Suas insígnias seriam enviadas mais tarde. Stálin foi então ao avião de Churchill, onde lhe foi mostrado o conforto com que viajava o primeiro-ministro. Depois, abandonou o avião, ficando no solo a acenar com um lenço enquanto o avião decolava.

De Moscou, Churchill fez um voo de cinco horas até a Crimeia, jantou no aeroporto, perto de Simferopol, e foi para o Cairo num voo noturno de seis horas. Na manhã seguinte, voou para Nápoles, num voo de sete horas que envolvia um grande desvio por Bengasi para não ter de voar sobre Creta, que ainda estava em posse dos alemães. Em Nápoles, passou o dia em Villa Rivalta; um de seus pedidos foi para que mais soldados britânicos na Itália recebessem licença para ir para casa, agora que, com a libertação da maior parte da França, era possível irem de trem de Marseille a Paris e ao Havre.

Na manhã de 22 de outubro, Churchill voou de Nápoles para Londres, onde chegou à tarde, depois de um voo de seis horas e meia; o tempo de voo desde que saíra de Moscou totalizava mais de 24 horas. Clementine estava à sua espera no aeroporto; foram para Chequers, onde entre outros que o esperavam estavam Sarah e Diana. “As viagens não o desgastam. Parece que veio de Moscou em melhor forma e mais bem-disposto do que tem estado em muito tempo”, escreveu John Martin a Randolph.

Em 27 de outubro, ao relatar sua viagem a Moscou na Câmara dos Comuns, Churchill disse: “Não hesitei em andar de um lado para o outro como um trovador errante, sempre com a mesma canção ou com o mesmo grupo de canções.” Seu objetivo era “a unidade das potências aliadas”. Harold Nicolson, que o

tinha ouvido falar, escreveu nesse dia ao filho: “Há uns meses, parecia doente e cansado e não encontrava as palavras com a facilidade habitual, mas hoje esteve soberbo. Angelical, rosado, sólido e vociferante.”

Cinco dias depois, Churchill tentou mais uma vez persuadir o governo polonês em Londres a aceitar a linha Curzon, a ir a Moscou dizer a Stálin e a participar nas deliberações dos poloneses de Lublin. Quando os poloneses disseram que queriam “garantias” de que ainda poderiam discutir os territórios poloneses a leste da linha Curzon. Churchill disse-lhes: “Isso é uma insensatez, uma pura utopia!” Cadogan escreveu em seu diário: “O primeiro-ministro deu-lhes uma bronca — e com razão. Por fim, deu-lhes 24 horas para que dissessem sim ou não. Creio que ele tem razão.”

Vinte e quatro horas depois, os poloneses disseram não. A longa tentativa de Churchill para conseguir um compromisso tinha sido em vão.

Churchill estava já voltado para o advento da paz “em março, abril ou maio”, disse na Câmara dos Comuns em 31 de outubro. Se o Partido Trabalhista quisesse abandonar a coligação assim que a Alemanha fosse derrotada, mesmo que isso significasse um desgosto para muita gente, não seria motivo de “reprovação ou ressentimento”. Haveria então eleições gerais, e o país poderia retornar aos seus partidos políticos. Churchill disse que tinha “ideias claras” sobre ser errado continuar com o presente Parlamento “após o período de guerra com a Alemanha”. Em uma poderosa defesa do sistema de governo que ele tinha apoiado e do qual participava havia mais de meio século, disse à Câmara:

O fundamento de qualquer democracia é que o povo tenha o direito de votar. Privá-lo desse direito é escarnecer de todas as belas frases tantas vezes utilizadas. Na base de todas as contribuições para a democracia está o homem comum, que entra na pequena câmara, com um pequeno lápis, e faz uma pequena cruz num pequeno pedaço de papel. Nenhuma retórica ou discussão pode encobrir a extraordinária importância desse gesto. O povo tem o direito de escolher seus representantes de acordo com seus desejos e sentimentos.

Nessa noite, Harold Nicolson escreveu em seu diário: “Nunca admirei tanto a atitude moral de Winston quanto nessa manhã.”

11.

Guerra e diplomacia

Em seu regresso de Moscou, Churchill se viu confrontado com vários problemas, inclusive o futuro da Palestina. Vários meses antes, ele se recusara a implementar a decisão tomada em 1939 que previa um veto árabe a toda a imigração judaica a partir de maio de 1944, questão que já o tinha irritado bastante na época. Em 4 de novembro de 1944, duas semanas após ter regressado da Crimeia e do Cairo, almoçou em Chequers com o dr. Weizmann, dirigente sionista. Durante a discussão, Churchill disse a Weizmann que seria “uma coisa boa” se os judeus pudessem “ficar com a totalidade da Palestina” como seu Estado, mas que se fosse preciso escolher entre nenhum Estado e a Palestina dividida em dois Estados, um árabe e um judaico, “então era melhor aceitar a partilha”.

Em seu desejo de apoiar a causa da criação do Estado judaico, Churchill aconselhou Weizmann a partir imediatamente para o Cairo e discutir o futuro da Palestina com o novo ministro de Estado no Oriente Médio, lorde Moyne, um de seus amigos mais próximos, com quem tinha falado no Cairo duas semanas antes e cujo conhecido antissemitismo, explicou Churchill a Weizmann, era agora “uma coisa do passado”. Moyne tinha “mudado e evoluído” nos últimos dois anos, explicou Churchill ao chefe sionista. Weizmann preparou-se imediatamente para partir para o Cairo, mas era tarde demais. Dentro de 24 horas, Moyne estaria morto, abatido a tiros, junto com seu motorista, por dois terroristas judeus.

Churchill ficou profundamente chocado, mas se opôs a represálias. Pressionado pelo ministro das Colônias para suspender imediatamente toda a imigração judaica para a Palestina, ele se recusou a fazê-lo. Também se recusou a nomear como sucessor de Moyne qualquer um dos dois nomes propostos, por conhecer a hostilidade de ambos ao sionismo. Porém, no debate sobre o assassinato de Moyne, ele disse à Câmara dos Comuns:

Se nossos sonhos para o sionismo estão destinados a terminar na fumaça das pistolas de assassinos e nossos esforços para seu futuro apenas criarão um novo grupo de violência digno da Alemanha nazista, muitos, como eu mesmo, devem reconsiderar a posição que temos mantido tão consistentemente e por tanto tempo. Se quisermos que haja alguma esperança de um futuro de paz para o sionismo, essas ações maléficas devem cessar e os responsáveis por elas devem ser destruídos pela raiz.

Havia uma esperança, disse Churchill na Câmara dos Comuns: “Recebi uma carta do dr. Weizmann, presidente da Organização Mundial Sionista e um velho amigo meu. Ele chegou à Palestina, onde me assegura que os judeus estão dispostos a ir até o limite de seu poder para extirpar esse malefício de seu meio.” Weizmann tinha apelado a toda a população judaica no sentido de “prestar toda a assistência necessária às autoridades na prevenção de atos terroristas e na eliminação completa da organização

terrorista”.

Os assassinos de Moyne, membros da organização extremista Stern foram executados no Cairo, cenário de seu crime. A agência judaica e as autoridades britânicas na Palestina juntaram forças na perseguição de outros membros do Grupo Stern e na detecção de seus depósitos de armas. O apoio de Churchill ao estabelecimento do Estado judaico da Palestina permaneceu firme e inabalável.

Nas semanas seguintes ao seu regresso de Moscou, Churchill agiu de modo a honrar seu “acordo de percentagens com Stálin”. Ao saber, na primeira semana de novembro, que o chefe da missão militar britânica na Romênia tinha protestado acerca do grau de controle local russo, ele escreveu a Eden: “Nós temos apenas um interesse de 10% na Romênia e somos pouco mais do que espectadores.” A menos que se tomasse cuidado, “teremos uma retaliação na Grécia, que ainda temos a esperança de salvar”. Cada país libertado, ou “subvertido”, explicou Churchill a Eden uma semana mais tarde, estava “fervilhando de comunismo”. Estavam todos ligados uns aos outros. “Toda a nossa influência sobre a Rússia evita a efetiva estimulação desse movimento, mortífero para mim, para a liberdade de toda a humanidade”, completou ele.

Em 10 de novembro, Churchill voltou a viajar, voando para Paris, onde tinha estado pela última vez pouco antes de sua queda em 1940. Em 11 de novembro, o Dia do Armistício da Primeira Guerra Mundial, foi ao Arco do Triunfo como convidado do general De Gaulle, onde os dois colocaram coroas de flores no Túmulo do Soldado Desconhecido antes de presidirem um desfile de forças que durou uma hora. “Ele teve uma maravilhosa recepção, e a multidão de Paris perdeu a cabeça com ele”, escreveu Brooke em seu diário. Quatro dias depois, Churchill mencionou, num telegrama a Roosevelt, que tinha restabelecido “relações particulares de amizade” com De Gaulle e que tinha “uma considerável sensação de estabilidade” na França, “apesar das ameaças comunistas”. Os políticos franceses com que se encontrara tinham-no impressionado. “Espero que não ache que estou vestindo roupas francesas enquanto lhe digo isso.”

Para auxiliar De Gaulle internamente, Churchill deu instruções a Ismay para que enviasse ao Ministério do Interior francês 2 mil rifles e cem metralhadoras Sten “tão depressa quanto possível, com o objetivo de armar as forças de polícia”.

De Paris, Churchill deslocou-se com De Gaulle a Besançon num trem noturno. De lá, seguiram de automóvel, cem quilômetros através de uma forte nevasca, até um posto de observação da artilharia francesa junto à linha de frente. Estava nevando demais para se ver qualquer coisa; aliás, o ataque francês planejado para essa tarde havia sido cancelado por causa da neve. No regresso ao quartel-general francês para o almoço, os pneus furaram duas vezes e, em uma ocasião, ficaram enfiados numa valeta à beira da estrada. “Ele chegou completamente gelado e abraçado a si mesmo como um ouriço”, recordaria Brooke mais tarde.

Puseram-no numa cadeira com uma botija de água quente nos pés e atrás das costas; ao mesmo tempo, enfiaram-lhe um bom brandy goela abaixo para aquecê-lo. O resultado foi maravilhoso; ele descongelou rapidamente e, quando chegou o momento, produziu um daqueles discursos em francês indescritivelmente divertidos, que botou a casa abaixo.

Nessa noite, Churchill voltou a Paris no trem usado por De Gaulle. “Winston estava em excelente forma e até mesmo De Gaulle estava bem menos rígido”, escreveu Brooke em seu diário. Ao chegar em

Paris, as carruagens de Churchill foram desligadas do resto do trem e enviadas novamente para leste, dessa vez para Reims. Lá, Eisenhower esperava-o para levá-lo ao seu quartel-general, onde tomou conhecimento dos planos do general para atravessar o Reno. Regressando a Londres, soube que o “distanciamento” russo em relação à Grécia estava tendo um efeito limitador sobre os comunistas gregos. “Esse ‘distanciamento’ russo demonstra como eles estão dentro do esquema geral que foi fixado em Moscou”, comentou ele com Eden. Quatro dias mais tarde, escreveu-lhe novamente: “Isso é bom e mostra que Stálin está jogando segundo as regras.”

A semana que se seguiu ao regresso de Churchill da França não foi boa para pelo menos um membro da equipe de Churchill. “Ele desperdiçou tempo ao longo de toda a semana e tem parecido incapaz, sem vontade ou cansado demais para prestar atenção em assuntos complexos”, escreveu Colville em seu diário em 30 de novembro. “Tem lido apenas o primeiro parágrafo e endossado documentos a outras pessoas sem checar realmente o que é exigido dele. O resultado é o caos.” Contudo, seu discurso na Câmara dos Comuns em 29 de novembro foi bem recebido. “Ele falou sobre a necessidade de juventude”, anotou Nicolson.

“Juventude, juventude, juventude e renovação, energia, energia sem limites”. Quando pronunciou essas palavras, dobrou os joelhos e deu murros no ar como um pugilista. Falou também sobre controvérsia salutar. “Não tenho medo dela neste país”, disse ele. Então, tirou os óculos e virou-se, sorrindo, para as bancadas conservadoras. “Nós somos uma gente decente”, continuou ele, com uma expressão aberta. Depois, virou-se e inclinou-se sobre a tribuna, bem na frente dos trabalhistas: “Todos nós”, acrescentou ele. “A nação inteira.”

“Foi uma cena muito calma quando lida nos jornais na manhã seguinte”, comentou Nicolson. “Mas, na realidade, foi uma ilustração perfeita da arte parlamentar.”

Em 30 de novembro, Churchill celebrou seu septuagésimo aniversário na Downing Street, com Clementine, suas três filhas — Diana, Sarah e Mary —, seu irmão Jack e seu genro, Duncan Sandys. Também estavam presentes três amigos próximos, Eden, Beaverbrook e Bracken. Depois que Beaverbrook propôs o brinde, “a resposta do papai me fez chorar”, escreveu Mary. “Ele disse que éramos ‘os mais queridos que há’ e disse que tinha sido ‘confortado e apoiado pelo nosso amor’. Então, muito lentamente — quase solenemente — tocou o copo de cada um de nós.” No dia seguinte, Churchill foi a Harrow para ouvir as canções da escola. Depois, houve uma *sherry party* durante a qual, escreveu Colville, “o primeiro-ministro conversou por bastante tempo, de forma encantadora, com os chefes de turma, da mesma forma como tinha feito com os marinheiros a bordo do *King George V* em janeiro, sendo fascinante, mas nunca condescendente”.

Nessa semana, a principal preocupação de Churchill foi a aparente quebra, na Iugoslávia, do acordo de 50% feito com Stálin em outubro. “Tito tornou-se muito desagradável, e está claro que agora só pensa em tomar Trieste, a Ístria, o Fiume etc. para uma Iugoslávia praticamente comunista”, disse ele a Smuts. “Estou tendo uma grande dificuldade em conseguir realizar o movimento da mão direita, que me atrai, como você sabe, a tempo de influenciar os acontecimentos. Nesse momento, está tudo muito complicado.”

O “movimento da mão direita” era o avanço a partir do topo do Adriático, através da falha de Liubliana, até Zagreb e daí para norte, por dentro da Áustria; tratava-se do movimento que o general Maitland Wilson tinha proposto cinco meses antes.

Em 3 de dezembro, Churchill protestou junto a Tito contra sua recusa a permitir a atracação de navios de guerra britânicos em Split e Sibenik, dois dos portos da Dalmácia controlados pelos resistentes. Também protestou quando Tito pediu a retirada de uma unidade militar britânica de auxílio aos resistentes próxima de Dubrovnik. Porém, enquanto combatia essa batalha perdida para obter uma divisão igualitária da influência na Iugoslávia, Churchill viu crescer o perigo para a posição predominante da Grã-Bretanha na Grécia, onde o governo de Atenas considerava impossível desmobilizar as forças de guerrilha comunistas. “É importante que se saiba que, se houver uma guerra civil na Grécia, nós estaremos do lado do governo que estabelecemos em Atenas e que não hesitaremos em disparar”, disse ele a Eden.

Churchill foi tão veemente contra o crescente domínio das forças comunistas em partes de Atenas que provocou uma palavra de aviso de Clementine na manhã de 4 de dezembro:

Meu querido Winston,

Por favor, não repita a ninguém, até verificar todos os fatos, aquilo que me disse essa manhã; isto é, que todos os comunistas em Atenas mostraram sua covardia habitual ao colocarem mulheres e crianças na primeira linha para servirem de alvo. Ainda que os comunistas sejam perigosos, talvez mesmo sinistros, eles parecem ter demonstrado, nessa guerra no continente, grande coragem pessoal.

Escrevo isso apenas porque é possível que eu não o veja até amanhã e sinto-me aflita (talvez mesmo excessivamente aflita).

Sua apaixonada e devotada,

Clemmie

“Tout savoir, c’est tout comprendre; tout comprendre, c’est tout pardonner.”

Ao longo de 4 de dezembro, Churchill recebeu informações sobre a crescente violência comunista nas ruas de Atenas, inclusive o assassinato de muitos policiais e a ocupação de esquadras. Nessa noite, telegrafou ao oficial mais graduado das tropas britânicas na Grécia, general Scobie: “Não hesite em disparar sobre qualquer homem armado, em Atenas, que vá contra a autoridade britânica ou contra a autoridade grega com quem colaboramos.” A autoridade do governo grego seria útil no cumprimento dessas ordens, mas, acrescentou Churchill, “não hesite em agir como se estivesse numa cidade conquistada onde estivesse em curso uma rebelião armada”. Quanto às forças comunistas gregas que se aproximavam de Atenas pelos campos circundantes, “o senhor com certeza pode, com seus blindados, dar-lhes uma lição que torne improvável outras tentativas”. O telegrama de Churchill terminava da seguinte forma: “Seria ótimo que conseguisse isso sem derramamento de sangue, mas faça-o com derramamento de sangue se necessário.”

Scobie tinha feito prisioneiros 1.800 comunistas. No dia seguinte, houve protestos na Câmara dos Comuns contra a ação britânica e um debate que Churchill exigiu que fosse resolvido com um voto de confiança. “É preciso ter algum respeito pela democracia e não usar a palavra de modo superficial”, disse ele. “A última coisa que se assemelha à democracia é a lei das ruas, com bandos usando armas mortíferas e forçando a entrada em grandes cidades, apoderando-se das esquadras de polícia e de pontos essenciais do governo, procurando introduzir um regime totalitário com mão de ferro e bradando, como fazem sempre que detêm o poder, que se fuzile quem quer que seja politicamente inconveniente.”

“A democracia não é uma prostituta que pode ser apanhada na rua por um homem com uma

metralhadora”, continuou Churchill. Se o voto fosse contra ele, por sua ação na Grécia, “aceitarei de bom grado minha demissão pela mão da Câmara, mas, se eu não for demitido, não tenham dúvidas de que nós persistiremos nessa política de limpar Atenas e a região à sua volta de todos aqueles que se revoltam contra a autoridade do governo constitucional”. Na votação, 279 deputados votaram a favor do governo e 30 votaram contra. Nessa noite, Churchill convidou Macmillan para juntar-se a ele na Downing Street. “Ele esteve a monologar de forma triste e deprimida”, escreveu Macmillan em seu diário. “Obviamente, o debate o fatigara muito e creio que ele compreendeu os perigos inerentes à política em que estamos agora comprometidos na Grécia. Ele venceu o debate, mas não venceu a batalha de Atenas.”

Em 9 de dezembro, Churchill deu ordens para o envio para a Grécia, “sem a menor demora”, de reforços militares que estavam na Itália. Nesse dia, Scobie telegrafou, comunicando que tinha utilizado metralhadoras e tanques contra as posições comunistas dentro de Atenas, matando catorze “rebeldes” e capturando 250 comunistas. Scobie considerava “muito preocupantes” as “atividades” da Missão Militar Russa em Atenas, encabeçada pelo coronel Grigori Popov. Churchill não se alarmou. Stálin havia, no fim das contas, mantido o silêncio acerca da Grécia. “Lembra-se das porcentagens que escrevemos num papel?”, perguntou Churchill a Eden em 11 de dezembro. “Acho que tivemos um tratamento bastante bom da parte de Stálin na Grécia, muito melhor do que tivemos por parte dos americanos.”

Em 9 de dezembro, o chefe do Estado-Maior Naval americano tinha cancelado a ordem para que sete barcaças de desembarque transportassem tropas britânicas e abastecimentos para a Grécia. Os Estados Unidos ficaram enfurecidos quando as ordens de Churchill a Scobie no sentido de agir como se estivesse numa “cidade conquistada” foram publicadas no *Washington Post* após um vazamento de informação durante sua transmissão secreta através da Itália.

Em 12 de dezembro, Alexander chegou a Atenas, ido da Itália. A situação era “mais séria” do que tinha pensado anteriormente, segundo informou a Churchill num telegrama. Nesse dia, o Gabinete de Guerra concordou em apoiar Alexander com todas as medidas ou reforços considerados necessários. Ao seu lado, as forças do governo grego comandadas pelo general Plastíras lutavam para manter o controle. Notícias animadoras de Alexander chegaram nesse dia a Churchill, num telegrama em que aquele contava: “Encontrei-me com o coronel Popov, da Missão Militar Russa, e caminhei pela rua ao lado dele numa conversa amigável e animada para benefício dos gregos, que espero que fiquem devidamente impressionados.” Stálin estava cumprindo sua promessa de outubro.

Macmillan, que se encontrava em Atenas, e o embaixador britânico, Reginald Leeper, recomendaram a nomeação do arcebispo Damaskinós como regente e a criação de um governo presidido por ele que fosse aceitável pelos comunistas. Churchill sentiu-se apreensivo, receoso de que o arcebispo estabelecesse uma “ditadura de esquerda”. Se os “poderes do mal” prevalecessem na Grécia, avisou ele em 22 de dezembro, “teremos uma península dos Balcãs quase bolchevique, dirigida pelos russos, e isso pode alastrar-se à Hungria e à Itália”. Em Atenas, Macmillan, Leeper e Scobie tentavam persuadir os comunistas gregos a integrarem um governo de “base alargada” encabeçado pelo arcebispo.

Na noite de 22 de dezembro, na Downing Street, Churchill falou com John Martin e Jock Colville sobre a possibilidade de voar até Atenas para “resolver o assunto”, mas nada foi decidido até as primeiras horas da manhã; a discussão arrastou-se durante tanto tempo que ficou tarde demais para Churchill ir até Chequers, conforme previsto, e ele acabou por dormir ali mesmo. No dia seguinte, 23 de dezembro, trabalhou na cama o dia todo, até as 17h. As notícias vindas da frente de batalha eram de um bem-sucedido contra-ataque dos alemães nas Ardenas, cercando as tropas americanas e obrigando-as a se retirarem. Então, ele foi conduzido a Chequers, onde sua família estava reunida para o Natal. No entanto, assim que chegou disse a Clementine que não poderia ficar para as festas de Natal; em vez disso, voaria para Atenas. Ela ficou devastada, foi para o quarto e chorou.

Nessa noite, Churchill pediu a Colville que cuidasse dos detalhes do voo para Atenas. Seu único receio, segundo disse a Colville, “é que o tempo nos atrapalhe”. Na manhã de 24 de dezembro, Eden ofereceu-se para ir em seu lugar; após uma longa conversa ao telefone, Eden concordou em ir com ele. Partiram nessa mesma noite, véspera de Natal. “Dois dos seus amigos, sendo eu um deles, esperam estar em Atenas amanhã”, telegrafou Churchill a Alexander.

Meia hora antes da meia-noite, enquanto as comemorações de Natal estavam em seu auge por toda a Grã-Bretanha, Churchill saiu de Chequers para Northolt. A 1h05, estava no ar; seu avião, um C54 Skymaster americano adaptado para seu uso, tinha completado os testes na véspera. “É o aparelho mais luxuoso que se possa imaginar”, escreveram Marian Holmes e Elizabeth em seu diário conjunto da inesperada viagem. “Há beliches para oito pessoas além do primeiro-ministro e uma sala de jantar, além de cadeiras giratórias e cortinas de cetim em todo o avião. Uma tempestade de neve forçou o Skymaster a subir para 4 mil metros; Churchill foi acordado para colocar uma máscara de oxigênio.

Na manhã de 25 de dezembro, o Skymaster aterrissou em Nápoles para ser reabastecido. “Amor e muitos pensamentos para todos vocês nesse almoço”, telegrafou Churchill a Clementine. “Estou cheio de pena por não poder ver a árvore.” Às 10h45, estava no ar outra vez. Durante o voo, ditou um telegrama para Roosevelt: “Anthony e eu veremos o que podemos fazer para resolver essa confusão grega. Não podemos abandonar quem pegou em armas pela nossa causa e, se necessário, lutaremos até o fim ao lado deles.”

Às 14h, no dia de Natal, o Skymaster aterrissou no aeroporto de Kalamaki, próximo de Atenas. Churchill não saiu do avião; em vez disso, enquanto soldados britânicos montavam guarda à sua volta, teve uma reunião a bordo com Alexander, Scobie, Macmillan e Leeper. Enquanto o vento uivava à volta do aparelho, e as pessoas ficavam com cada vez mais frio lá dentro, foi decidido convidar os comunistas gregos para uma discussão com todos os partidos gregos, com o objetivo de dar fim aos combates e estabelecer um governo multipartidário encabeçado pelo arcebispo. Então, Churchill preparou um comunicado para anunciar essa proposta. Enquanto ditava, anotou Elizabeth Layton, a cabine do avião “sacudia para cima e para baixo com o vento. Ele parecia congestionado e desconfortável, envolvido em vários casacos”. Em determinado momento do ditado, ele parou e disse-lhe: “Aquilo foi um canhão. Você ouviu?”

Às 16h, Churchill deixou o Skymaster e foi levado até a base naval da baía de Falero, passando por um local que tinha sido bombardeado pelos comunistas naquela manhã. Alcançando a base depois do pôr do sol, foi levado numa lancha até o cruzador *Ajax*, navio-almirante da Esquadra do Mediterrâneo. Algumas horas mais tarde, o arcebispo chegou a bordo; enquanto o almirante e Colville o conduziam à cabine de Churchill, encontraram um grupo de foliões mascarados que festejavam o Natal. Os foliões confundiram o arcebispo, com suas túnicas negras e o chapéu, com o chefe de um grupo rival de mascarados, mas felizmente o almirante conseguiu intervir a tempo “de evitar um desastre”, contou Colville.

Churchill ficou impressionado com Damaskinós, cuja amargura acerca das atrocidades dos comunistas o tinha levado a emitir uma encíclica contra eles naquele mesmo dia. Churchill perguntou se ele estaria disposto a presidir uma conferência de todos os partidos políticos gregos, incluindo os comunistas. Damaskinós concordou em fazê-lo e regressou à cidade.

Na manhã de 26 de dezembro, Churchill subiu ao convés, de onde era possível ver “a fumaça da luta nas ruas a oeste do Pireu e ouvir o barulho constante de granadas e de metralhadoras”, escreveu Colville. Quatro caças britânicos eram visíveis no céu, metralhando uma posição comunista na encosta de uma das colinas que rodeiam Atenas. Mais tarde, enquanto Churchill ditava a Marian Holmes em sua cabine, várias granadas explodiram perto do navio. “Erraram!”, gritou ele. “Vamos! Tentem de novo!”

Quando Churchill se preparava para deixar o *Ajax*, o navio foi novamente enquadrado pelo fogo da artilharia comunista. Mais tarde, uma salva caiu junto à lancha do almirante, que se aproximava do porto com Churchill a bordo. Um carro blindado e uma escolta armada o aguardavam no cais para conduzi-lo à embaixada britânica, onde ele fez o que Colville descreveu como “um discurso empolgante” às secretárias, datilógrafas e equipe criptográfica, agradecendo-lhes seu excelente trabalho em condições particularmente árduas.

“Dirigi-me àquelas valentes mulheres da equipe da embaixada que têm estado em contínuo perigo e desconforto ao longo de todas essas semanas, mas têm a melhor das disposições”, telegrafou Churchill a Clementine. Pouco depois das cinco horas, saiu, num carro blindado, para a sala de reuniões no Ministério das Relações Exteriores. Entre aqueles que o aguardavam estava o coronel Popov, representante de Stálin.

Os delegados comunistas ainda não tinham chegado e nem se podia saber se tinham intenção de chegar. Podia ouvir-se o som da artilharia a rebentar a distância, assim como o som dos foguetes dos caças britânicos. Numa sala iluminada apenas por alguns candeeiros a petróleo, o arcebispo fez sua declaração de abertura. Estava disposto a formar um governo, se necessário sem os comunistas. Churchill começou então a falar; estava na metade do seu texto quando as pessoas ouviram aquilo que Colville chamou de “sons estranhos, e três indivíduos, que tinham sido revistados e quase despedidos antes de serem autorizados a passar, entraram na mal iluminada sala de reuniões”. Eram os delegados comunistas. A reunião recomeçou.

Depois de o arcebispo ter repetido seu discurso, Churchill disse aos delegados: “O sr. Eden e eu viemos de longe, ainda que estejam sendo travadas grandes batalhas na Bélgica e na fronteira da Alemanha, para fazer esse esforço para salvar a Grécia de um destino miserável e levantá-la novamente a um ponto de grande fama e reputação.” Ele e Eden estariam disponíveis para consulta a qualquer momento e desejou-lhes as maiores felicidades, mas se a Grécia permanecia uma monarquia ou se seria transformada numa república, “é um assunto para ser decidido pelos gregos — e só pelos gregos”. Enquanto falava, podia ouvir-se o som de tiroteio no exterior do edifício. Em determinado momento, Colville anotou: “O rugido de foguetes a aproximarem-se, disparados por caças britânicos contra uma posição comunista próxima, quase abafou completamente suas palavras.”

Segundo as palavras de Churchill para Clementine, o encontro foi “intensamente dramático, com todos aqueles rostos gregos, vincados e exaustos, à volta da mesa, e o arcebispo com seu enorme chapéu, que parecia aumentar sua estatura para mais de dois metros”. Quanto aos delegados comunistas, “têm um aspecto muito melhor do que os bastardos de Lublin”. Quando os gregos começaram a falar, a discussão começou a esquentar. Então, Churchill levantou-se e declarou: “Eu gostaria de ir embora agora. Começamos o trabalho. Tratem de concluí-lo.” Ao sair, cumprimentou os delegados comunistas. O coronel Popov, que esteve presente durante todo o tempo, não tinha feito comentários nem qualquer intervenção.

Os delegados gregos, segundo Churchill disse a Clementine, “são os elementos mais importantes. Deixamos todos juntos, porque se trata de um assunto grego. Pode ser que se desfaça a qualquer momento. Vamos esperar durante um dia ou dois para ver. Pelo menos, fizemos nosso melhor”. Churchill voltou para o *Ajax*, que se afastara quase dois quilômetros da costa para evitar o fogo espasmódico dos morteiros comunistas. Nessa tarde, enquanto esteve na ponte com o comandante do navio durante um breve momento, caíram mais granadas em volta do navio. O comandante perguntou-lhe se achava que deveria responder, ao que Churchill replicou: “Eu vim à Grécia numa missão de paz, comandante. Trago o ramo de oliveira nos dentes. Porém, está longe de mim interferir na necessidade militar. FOGO!”

Nessa noite, Churchill dormiu a bordo do *Ajax*. Como precaução contra qualquer ataque submarino,

foram detonadas cargas de profundidade ao longo da noite. Na metade do dia seguinte, 27 de dezembro, voltou à embaixada britânica. Quando estava prestes a sair do edifício com Scobie, para visitar posições militares britânicas na cidade, uma rajada de metralhadora, disparada a quase dois quilômetros de distância, acertou a parede de uma casa, uns dez metros acima de sua cabeça. “Seguiram-se mais rajadas, e uma mulher foi morta na rua”, registrou Colville.

Depois da visita às tropas, Churchill regressou à embaixada para o almoço, em seguida se encontrou com o embaixador dos Estados Unidos e, segundo Colville anotou, “disse-lhe o que pensava sobre o inadequado apoio que os Estados Unidos davam a toda essa história”. Então, participou de uma coletiva de imprensa, com suas palavras a serem continuamente interrompidas pelo troar de granadas de morteiro. “Se os próprios gregos não chegarem a um acordo acerca de alicerces democráticos satisfatórios e dignos de confiança, podemos ser obrigados, pelo menos por enquanto, a recorrer a um mandato internacional de algum tipo. Não podemos ver nações inteiras irem à deriva para a anarquia”, afirmou ele.

Churchill encontrou-se mais uma vez com o arcebispo, que o informou que os comunistas exigiam termos muito severos para integrarem o governo. Dois delegados comunistas pediram para vê-lo, mas o arcebispo era contra esse encontro. Churchill hesitou. “Winston está muito inclinado a recebê-los, mas eu o persuadei (e Anthony concordou) que se vamos apostar no arcebispo temos de deixá-lo jogar como achar melhor”, anotou Macmillan em seu diário. Ele acrescentou: “Winston em parte queria vê-los como um bom jornalista, mas em parte porque tem uma inocência que é encantadora, mas por vezes também muito perigosa. Ele acreditava que conseguiria convencê-los, mas eu achava mais provável que ele fosse enganado e traído.”

Churchill aceitou o conselho de Macmillan e Eden. Então, escreveu aos dois comunistas explicando-lhes que “como a conferência deveria ser totalmente grega em seu caráter”, não poderia recebê-los. Ele tinha esperança, no entanto, “de que as discussões que tiveram lugar, assim como os contatos que foram feitos, resultassem num rápido fim do melancólico conflito que se desenrola entre homens de uma mesma nação”. Não fez acusações nem recriminações. “O ódio entre esses gregos é terrível”, escreveu a Clementine.

Nesse fim de tarde, Churchill voltou ao *Ajax*. Nessa noite, Macmillan encontrou-o “ainda preocupado com sua recusa a uma entrevista particular com os delegados comunistas”. Contudo, era tarde demais. Sua missão grega estava no fim. Seria responsabilidade do arcebispo encontrar um primeiro-ministro capaz de formar um governo o mais amplo possível, com ou sem comunistas. A Grã-Bretanha continuaria a defender a posição desse governo, pelo menos em Atenas. Nessa noite, Churchill telegrafou aos chefes de Estado-Maior e pediu-lhes que concordassem em enviar uma brigada, então na Palestina, para Atenas; o pedido foi aceito. Propôs também que fosse conferida a Medalha do Império Britânico a quinze mulheres que faziam parte da equipe da embaixada britânica em Atenas, na iminente Lista de Honras do Ano-Novo. Uma dessas mulheres, cujo nome ele enviou, recebeu a medalha por sua “incansável devoção ao dever debaixo de fogo.”

A bordo do *Ajax*, na manhã de 28 de dezembro, Churchill pensou em ficar em Atenas por mais um dia e convocar outra sessão da conferência. Macmillan escreveu em seu diário: “Ele não gostou da ideia de voltar para casa sem uma paz ou, pelo menos, uma trégua estabelecida.” Porém, ao meio-dia, concordou em deixar Atenas sem mais reuniões. Antes de partir para o aeroporto, enviou a Roosevelt um relato completo do que tinha sido feito, dizendo ao presidente: “Não considero o arcebispo como pertencente à ala esquerda na acepção comunista da expressão. Pelo contrário, ele parece-me um homem extremamente determinado, empenhado em estabelecer um pequeno, mas forte, executivo na Grécia, com o intuito de evitar o prolongamento da guerra civil.” Churchill acrescentou que era “penoso ver esta cidade com

combates de rua desenfreados, ora aqui ora ali, com a pobre gente num estado de miséria, por vezes apenas mantida viva pelas provisões que levamos, frequentemente à custa de vidas, para os diversos depósitos”. A Grã-Bretanha já tinha perdido “mais de mil homens” e estava enviando reforços para um conflito militar que se prolongaria. “A vasta maioria do povo anseia por uma solução que o livre do terror comunista.”

Quando se preparava para deixar o *Ajax*, Churchill recebeu um telegrama de Montgomery com a informação de que a ofensiva alemã nas Ardenas, com o objetivo da recaptura da Antuérpia, tinha fracassado. Após ter falado à tripulação do navio, embarcou numa lancha para Falero seguindo posteriormente numa procissão de jipes e de carros blindados para o aeroporto de Kalamaki. Após uma breve alocução ao pessoal da Força Aérea britânica, embarcou em seu Skymaster. Houve ainda um problema final. Quando estavam taxiando para a decolagem, Churchill gritou subitamente: “Parem o avião!” Tinha lido o rascunho do comunicado final de sua visita, que dizia que ele, Eden, Macmillan e Alexander tinham deixado a capital. Isso, sentiu Churchill, podia criar a impressão de que a Grã-Bretanha estava abandonando a Grécia ao seu destino. O avião parou e foi entregue um comunicado corrigido a um diplomata britânico que ainda estava na pista.

O Skymaster finalmente decolou às 2h30. Churchill tinha esperança de conseguir estar na Inglaterra no final da tarde, mas, após aterrissarem em Nápoles, recebeu notícias de um nevoeiro no sul da Inglaterra. Ele passaria a noite em Nápoles. “Espero encontrá-la ao jantar amanhã”, telegrafou a Clementine. “Sinto-me só.”

Na manhã de 29 de dezembro, Churchill voou de Nápoles para Londres, sobrevoando a França libertada, de Toulon a Cherbourg. Às 15h30, o avião aterrissou na base aérea de Bovington, onde Clementine o esperava para dar-lhe as boas-vindas. Duas horas e meia depois, na Downing Street, Eden e ele fizeram um relato da viagem ao Gabinete de Guerra. Depois, às 22h30, tiveram uma sessão de duas horas com o rei George II da Grécia, que estava muito relutante em nomear Damaskinós como regente. A 1h30, encontraram-se novamente com o monarca grego. “Tive de dizer ao rei que, se ele não concordasse, o assunto seria resolvido sem ele e que reconheceríamos o novo governo”, disse Churchill a Roosevelt. Finalmente, às 4h, o rei grego aceitou a regência de Damaskinós. Churchill foi então deitar-se, 22 horas depois de ter sido acordado em Nápoles.

Em Atenas, os comunistas continuavam a propor termos que Damaskinós não estava preparado para aceitar. Finalmente, ele pediu ao general Plastiras que formasse um governo do qual os comunistas foram excluídos. Em Washington e em Londres houve fortes críticas em relação à intervenção britânica na Grécia. “Os mal-entendidos e incompreensões que se levantaram nos Estados Unidos e em nossos círculos ‘degenerados’ são apenas uma amostra das fúrias que serão soltas em cada etapa do acordo de paz”, disse Churchill a Clementine. “No entanto, tenho certeza de que encontrei na Grécia uma das melhores oportunidades para uma atuação inteligente que essa guerra me trouxe em suas ondas escuras.”

Stálin ameaçava reconhecer os poloneses de Lublin como o legítimo governo da Polônia e excluir completamente os poloneses de Londres. Ao saber disso, Churchill insistiu num encontro, o mais rapidamente possível, entre ele, Roosevelt e Stálin. O líder russo, no entanto, respondeu que seus médicos não o deixavam sair da União Soviética e sugeriu que o encontro se realizasse na estância de férias de Yalta, no mar Negro. O adoentado Roosevelt seria assim obrigado a viajar quase 10 mil quilômetros, e Churchill, com seus 70 anos, mais de 6.500 quilômetros. “Se tivéssemos passado dez anos à procura, não poderíamos ter encontrado pior local em todo o mundo”, disse Churchill a Hopkins.

Roosevelt iria por mar até Malta e então seguiria num avião. Churchill faria todo o percurso por ar. Ele e Roosevelt se encontrariam primeiro em Malta. “Eu vou estar à sua espera no cais”, telegrafou Churchill ao presidente no dia de Ano-Novo de 1945.

Durante grande parte do dia 1º de janeiro Churchill trabalhou na cama. “Bem vê que não posso dar-lhe todos os dias a mesma emoção de Atenas”, disse ele a Marian Holmes durante o ditado dos textos. Porém, em 3 de janeiro, apenas cinco dias após seu regresso da Grécia, deixou a Inglaterra uma vez mais, voando da base aérea de Northolt até o quartel-general de Eisenhower nos arredores de Paris. No fim da tarde seguinte, tomou um trem noturno para o quartel-general de Montgomery, perto de Ghent. Após ter passado a manhã com Montgomery, foi conduzido de automóvel até Bruxelas e regressou num avião para a Inglaterra. Suas diversas negociações tinham-lhe dado uma visão clara dos planos para a fase seguinte da batalha, que deveria concentrar-se num avanço para o Reno. Ele não tinha encontrado “qualquer vestígio de discórdia” durante sua visita, segundo disse a Roosevelt, mas “existe o fato brutal de que precisamos de mais tropas de combate para fazer as coisas andarem”.

Numa tentativa de deixar Eisenhower à vontade, Churchill telegrafou a Stálin para perguntar-lhe quando seria a próxima ofensiva russa, de modo a dar a Eisenhower “a garantia de que os reforços alemães serão divididos entre nossas duas frentes”. A ofensiva soviética seguinte não viria mais tarde do que “a segunda metade de janeiro”, informou Stálin. “Fico muito agradecido por sua emocionante mensagem”, respondeu Churchill.

Na esfera política, era firmado, em 11 de janeiro, um acordo entre Tito e o dr. Subasic, o antigo ban da Croácia, segundo o qual o futuro governo da Iugoslávia seria compartilhado por partidos comunistas e não comunistas; assim, o acordo de 50-50 entre Churchill e Stálin em Moscou parecia seguro. “Nós devemos insistir, até onde for possível, em eleições completas e honestas que decidam o futuro regime do povo, ou povos, da Iugoslávia”, explicou Churchill a Roosevelt

Em 12 de janeiro, Churchill ficou furioso quando Montgomery, num discurso público, pareceu depreciar a contribuição americana na batalha das Ardenas. “Considerarei o discurso dele extremamente infeliz”, disse Churchill aos chefes de Estado-Maior. “Falou num tom superior e ignorou completamente que os Estados Unidos perderam perto de 80 mil homens e nós, apenas 2 mil ou 3 mil. Ainda que não tenhamos culpa, houve um envolvimento muito pequeno nessa batalha, que foi uma grande luta americana, tanto na glória quanto no desastre.”

Churchill começou a fazer planos para o voo para Yalta. Os assuntos a serem discutidos aumentavam. Em 15 de janeiro, telegrafou a Roosevelt sobre a crescente pressão soviética na Pérsia, onde os russos tinham esperança, como ele disse, “de obter o que quiserem utilizando violência”. Antes de partir para Yalta, fez um discurso na Câmara dos Comuns, dando uma visão geral da situação da guerra; seu discurso, disse Colville, “foi o melhor que eu o ouvi fazer desde 1941 ou mesmo desde 1940”. Harold Nicolson escreveu sobre sua “imensa vivacidade, poder de persuasão e humor”.

Falando sobre a exigência anglo-americana de uma rendição incondicional da Alemanha, que tinha sido largamente criticada como excessivamente dura, Churchill reiterou que os alemães sabiam bem “quão estritos são os limites morais dentro dos quais nossa ação é confinada” e dirigiu-se a eles, aos inimigos da Grã-Bretanha: “Nós não somos extirpadores de nações nem carrascos de povos. Não regatearemos. Não lhes daremos nada como direito. Abandonem a resistência incondicionalmente. Nós permaneceremos fiéis aos nossos costumes e à nossa natureza.”

Antes que Churchill pronunciasse a última frase, Nicolson notou que ele tinha tirado os óculos e que, enquanto falava, “batia no peito como um orangotango”. A Grã-Bretanha se comportaria com

humanidade, mesmo em relação aos tiranos derrotados.

Em 20 de janeiro, a Hungria assinou um armistício com os Aliados. Nesse dia, o Exército Vermelho atravessou as fronteiras alemãs tanto na Prússia oriental quanto na Silésia. Houve um sentimento de euforia em Londres, mas Churchill ficou irritado com uma carta de Attlee protestando contra suas enfadonhas investigações no Gabinete sobre documentos que não tinha lido e sobre assuntos que não se preocupara em dominar. Colville comentou: “Por mais que eu estime e admire o primeiro-ministro, receio que haja verdade no que Attlee diz e admiro sua coragem ao dizê-lo. Muitos conservadores — e altos funcionários, como Cadogan e Bridges — pensam da mesma forma.”

Tensamente, Churchill respondeu a Attlee: “Pode ter certeza de que procurarei sempre seguir seus conselhos.” Depois, convidou sua equipe para ir com ele a uma sessão de cinema no Ministério da Aviação, instando-os, segundo Colville, “a esquecerem as preocupações” e a “não se incomodarem com o Atler nem com o Hitler”. Assim, todas as datilógrafas, motoristas, criados etc. foram ver um jornal de atualidades mostrando a Força Aérea alemã atacando aeródromos britânicos na Holanda no dia do Ano-Novo e, então, o filme *Dark Victory*, uma produção americana de 1939 acerca de uma jovem rica que descobre que está morrendo de um tumor no cérebro, com Bette Davis no papel principal e Humphrey Bogart e Ronald Reagan em papéis secundários.

Em 29 de janeiro, Churchill deixou Londres na primeira etapa de sua viagem a Yalta. Ao chegar a Malta, às 4h de 30 de janeiro, sentiu-se tão mal que permaneceu deitado durante seis horas dentro do avião, que ficou parado no estacionamento do aeródromo. Sentindo-se melhor, deixou o avião para dirigir-se ao cruzador *Orion*, onde voltou diretamente para a cama. Ao jantar, sentia-se melhor e teve o que Eden denominou “uma ótima conversa preliminar acerca de nossos problemas da conferência”.

Durante os dois dias seguintes, houve mais negociações com Eden, assim como com os chefes de Estado-Maior. Foi também um período de reflexão: “Sinto-me livre para confessar que meu coração se sente triste com as histórias das massas de mulheres e crianças alemãs fugindo pelas estradas fora em colunas de cinquenta quilômetros em direção a oeste, diante dos exércitos em marcha”, escreveu Churchill a Clementine em 1º de fevereiro. “Estou claramente convencido de que eles merecem, mas isso não remove a desgraça da nossa vista. A miséria do mundo me horroriza e temo cada vez mais que novas lutas se ergam a partir daquelas que estamos conseguindo terminar.”

Na manhã de 2 de fevereiro, Roosevelt chegou a Malta. Sua fragilidade era aparente, bem como a diminuição de suas capacidades. Nas reuniões em que estava presente quase não dizia nada, embora estivessem sendo tomadas decisões cruciais para o futuro da Europa e da democracia. O fardo da causa da América, bem como da Grã-Bretanha, caiu sobre os ombros de Churchill. Ele arcou com esse fardo sem hesitação e, numa reunião dos chefes de Estados-Maiores Conjuntos, nessa tarde, disse que “era essencial que ocupássemos a maior quantidade possível do território da Áustria, uma vez que era indesejável que uma parte da Europa Ocidental maior que o necessário fosse ocupada pelos russos”. Não houve desacordo. Nessa noite, a bordo do *Orion*, Churchill visitou a câmara dos oficiais, onde, escreveu Marian Holmes, “estive no bar e tomou uma bebida com todos os oficiais à sua volta. Ele é simplesmente maravilhoso nessas conversas improvisadas”. As últimas palavras de Churchill aos jovens oficiais foram: “Espero que vocês tenham tratado bem minhas duas jovens assistentes. Elas vão comigo para todo o lado e não se importam de aturar meu mau temperamento.”

Pouco depois da meia-noite, Churchill, sua filha Sarah e Eden foram até o aeroporto de Malta. Três horas depois, estavam no ar. Sete horas mais tarde aterrissavam no aeroporto de Saki, na Crimeia, onde aguardaram a chegada do avião de Roosevelt. O presidente era uma “figura trágica”, escreveu Churchill

mais tarde. “Ele não conseguia sair do automóvel. Caminhei ao seu lado enquanto ele passou em revista a guarda.” Do aeroporto, Churchill foi conduzido durante mais de sete horas pelo sul da Crimeia e pelas montanhas de Taurus até Yalta, chegando à magnífica Villa Vorontsov, com vista para o mar Negro, que seria sua base durante os oito dias seguintes. Construída em estilo baronial escocês por um antigo embaixador czarista na Grã-Bretanha, fora dada por Hitler como presente ao marechal Von Manstein após sua conquista da Crimeia em 1942.

Na tarde de 4 de fevereiro, Stálin fez uma visita a Churchill na Villa Vorontsov. O primeiro ato de Churchill foi presentear o intérprete de Stálin, Pavlov, com a insígnia da Ordem do Império Britânico, de que Churchill lhe tinha falado em Moscou, três meses e meio antes. Depois, informou a Stálin sobre a ofensiva anglo-americana prevista para começar dali a quatro dias, com o Reno como alvo, e mostrou-lhe a sala de mapas onde o capitão Pim tinha informações atualizadas de todas as frentes. Uma hora após a partida de Stálin, Churchill foi até o palácio Livadia, antiga residência do czar Nicolau II, onde o adoentado Roosevelt se encontrava instalado e onde aconteceria a conferência. A primeira reunião começou às cinco horas. “Nós tínhamos o mundo aos nossos pés”, disse Churchill mais tarde. “Vinte e cinco milhões de homens marchavam às nossas ordens por terra e por mar. Nós parecíamos ser amigos.”

Na primeira sessão plenária, Churchill propôs discussões de Estados-Maiores acerca de um possível desembarque anglo-americano no topo do Adriático e através da falha de Liubliana, “de forma a juntar-se ao flanco esquerdo russo”. Pediu também um ataque soviético a Danzig, onde os alemães estavam construindo um novo tipo de submarino, “avançado em relação aos nossos em certos aspectos técnicos”, que já tinha afundado doze navios em águas próximas das ilhas britânicas. Stálin concordou. Quando, durante o jantar, Roosevelt subitamente concordou com Stálin em que a paz deveria ser feita pelas grandes potências, e não pelas pequenas, Churchill fez um reparo: “A águia deve deixar os pássaros pequenos cantarem e não se importar com onde eles cantam.”

Em 5 de fevereiro, numa reunião dos chefes de Estado-Maior britânicos, americanos e soviéticos, os russos, tendo assinalado que várias divisões de tropas alemãs estavam sendo levadas para a Frente Oriental, pediram um substancial ataque aéreo aliado às comunicações alemãs na região Berlim-Leipzig-Dresden e um bombardeio dessas três cidades como um assunto de urgência. Chegou-se a um acordo sobre essa questão e foram dadas instruções para uma série de ataques anglo-americanos. Nesse mesmo dia, as três potências discutiram o futuro político da Alemanha. Stálin previa o desmembramento da Alemanha em cinco estados separados, conforme a proposta de Roosevelt em Teerã. Ao ouvir isso, Churchill comentou com Eden: “O único vínculo dos vitoriosos é seu ódio comum.” Para tornar a Grã-Bretanha segura para o futuro, “ela deve ser responsabilizada pela segurança de um verdadeiro cacho de estados fracos”. Para o desconforto de Stálin, Churchill aconselhou cautela a respeito de um “desmembramento demasiadamente rápido” da Alemanha.

Ao discutir a ocupação aliada da Alemanha, Churchill insistiu, com sucesso, em que fosse atribuída uma zona aos franceses, tendo Roosevelt apontado, para alarme de Churchill, que a ocupação americana seria “limitada a dois anos”. Ao serem discutidas as reparações, Churchill opôs-se a uma imposição demasiado alta à Alemanha, recordando o fracasso das pesadas reparações depois da guerra anterior e dizendo a Roosevelt e Stálin: “Se quiserem que o cavalo puxe a carroça, é preciso dar-lhe algum feno.” Concordou-se em dar instruções a uma comissão de reparações para calcular a forma final. Nessa noite, antes de deitar-se, Churchill disse a Sarah: “Não acredito que, em qualquer momento da história, a agonia do mundo tenha sido tão grande e tão difundida. Hoje, o sol se pôs sobre mais sofrimento do que nunca no mundo.”

Em 6 de fevereiro, os três líderes discutiram a organização mundial que estavam em vias de criar. Seu principal instrumento de decisão seria um conselho de segurança controlado pelas grandes potências.

No entanto, Churchill insistiu em que o governo britânico não estaria fazendo justiça às suas intenções se “não fosse feita provisão para uma completa apresentação de queixas pelas muitas nações pequenas do mundo”. Nenhuma grande potência deveria ter o direito de veto numa disputa em que fosse uma das intervenientes; como exemplo, ele apresentou a questão de a China pedir ao conselho de segurança a devolução de Hong Kong. Ambas as partes apresentariam seu caso e o conselho decidiria.

A discussão voltou-se então para a Polônia, questão que dominaria a Conferência de Yalta. Roosevelt apontou que, “vindo da América”, tinha “um ponto de vista distante em relação à questão polonesa; os 5 ou 6 milhões de poloneses nos Estados Unidos eram principalmente da segunda geração”. Churchill falou então no direito dos poloneses, dentro das novas fronteiras mais a oeste em que Stálin tinha insistido, “de viver livremente e à sua própria maneira”. A Grã-Bretanha tinha entrado na guerra para que a Polônia pudesse ser “livre e soberana”. Era desejo da Grã-Bretanha que a Polônia “fosse senhora em sua própria casa e capitã de sua própria alma”. A Polônia deveria ter “eleições livres e completas” e era preciso que houvesse “um voto livre do povo polonês” em sua futura constituição e administração.

Quando Stálin defendeu as pretensões dos poloneses de Lublin para primazia em qualquer instrumento transitório de governo, Churchill respondeu, e reiterou, que o governo de Lublin não tinha o direito de dizer que representava a nação polonesa. Num tom um tanto irritado, Roosevelt comentou que “a Polônia tem sido uma fonte de problemas há mais de quinhentos anos”. A isso, Churchill respondeu: “Devemos fazer todo o possível para pôr um fim a esses problemas.” Ao longo dos cinco dias seguintes, Churchill passaria muitas horas insistindo em eleições livres para a Polônia e numa multiplicidade de partidos políticos, tentando forçar uma “representação real, substancial e efetiva” dos poloneses de Londres em qualquer governo transitório, assim como a participação dos outros dirigentes socialistas, sindicalistas e independentes que se encontravam então na Polônia e que os americanos queriam incluídos.

Em 7 de fevereiro, deslocando-se de carro da Villa Vorontsov para o palácio Livadia, para a reunião seguinte, Churchill olhou para o mar reluzente e comentou com Sarah: “É a Riviera de Hades.” Nesse dia, na sessão formal, apoiou uma proposta de Molotov para que a União Soviética, apesar de ser um único país, tivesse três lugares na Assembleia das Nações Unidas: Rússia, Bielorrússia e Ucrânia. “Eu gostaria de ter um gesto amigável para com a Rússia nesse assunto, dadas as outras concessões importantes que estão sendo conseguidas ou pendentes”, telegrafou Churchill ao Gabinete de Guerra. A Rússia recebeu os três lugares, que manteve até sua dissolução.

Em 7 de fevereiro, foi levantada a questão das fronteiras ocidentais da Polônia. Stálin tinha em vista a cidade alemã de Breslau e uma vasta cunha de território entre os rios Neisse Oriental e Ocidental como parte da nova Polônia. Churchill achava que era muito para oeste e que o rio Neisse Oriental deveria ser o limite da expansão polonesa a oeste, e não o Neisse Ocidental, que em certos pontos estava a mais de 160 quilômetros para oeste. “Seria uma grande pena recheiar o pato polonês com tanto alimento alemão a ponto de matá-lo de indigestão”, disse Churchill. Stálin argumentou que já não restavam alemães naquela região, pois todos haviam fugido. Mais uma vez, a opinião de Stálin prevaleceria; seu exército já era senhor da maior parte da região em discussão.

Fisicamente, a conferência não estava sendo tão árdua quanto o encontro em Teerã, contou Sarah à sua mãe.

Eles não se reúnem antes das 16h, quando têm uma sessão desmedida de quatro ou cinco horas, e então se separam, dispersando-se para suas tocas separadas. Nós jantamos aqui sossegadamente — em geral apenas papai, Anthony e eu — o que, é claro, é um paraíso. A mala, infelizmente, só

chega por volta da meia-noite, o que faz com que ele não vá para a cama muito antes das 2h.

Pela manhã, Churchill acordava tarde. Então, almoçava cedo, trabalhava à mesa, fazia uma sesta ao princípio da tarde e às 16h estava pronto para a sessão do dia.

No encontro de 8 de fevereiro, Stálin reiterou que apenas os países que haviam declarado guerra à Alemanha poderiam ser convidados para a primeira Conferência das Nações Unidas, marcada para 25 de abril. Churchill pediu então que a Turquia fosse convidada, “se ela estivesse preparada para fazer uma confissão de leito de morte e declarar guerra”. Stálin concordou. A Turquia aceitou essa oferta com grande alegria, declarando guerra à Alemanha em 23 de fevereiro, com efeito a partir de 1º de março.

A discussão voltou-se novamente para a Polônia. Como Stálin não permitia aos poloneses de Londres uma posição igual no governo provisório da Polônia, Churchill propôs outra solução: as preocupações da Grã-Bretanha seriam removidas “se fossem feitas eleições gerais livres e sem limitações, por votação e sufrágio universal, com candidaturas livres”. Uma vez realizadas essas eleições, “a Grã-Bretanha reconhecerá o governo que daí resultasse, sem considerar o governo polonês de Londres”. Ele estava fazendo pressão, telegrafou Churchill ao Gabinete de Guerra, para “eleições livres, honestas, sem limitações; somente elas podem dar vida e existência a um governo polonês”.

Para surpresa de Churchill, Stálin prometeu que haveria eleições livres. Quando Roosevelt perguntou quando poderiam realizar-se, Stálin respondeu desconcertantemente: “Deve ser possível dentro de um mês.” Não havia nada que Churchill pudesse fazer senão aceitar essa promessa. Quando, ao longo das semanas seguintes, ela foi lenta, enganadora e sistematicamente quebrada, a aliança anglo-soviética foi quebrada com ela.

Terminando a discussão dessa tarde com uma breve referência à Grécia, Stálin disse a Churchill que “não desejava interferir”. Churchill respondeu-lhe que ficava “muito agradecido”.

Nessa noite, Stálin recebeu Roosevelt e Churchill em sua própria residência, o palácio Yusupov. Num curto discurso, Churchill disse aos convivas que no passado nações camaradas em armas tinham se afastado umas das outras no intervalo de cinco ou dez anos de guerra: “Assim, populações de milhões de pessoas entraram num círculo vicioso, caindo no fosso e erguendo-se com seus próprios sacrifícios. Nós temos agora uma oportunidade de evitar os erros das gerações anteriores e fazer uma paz segura.”

Aos brindes, Churchill levantou sua taça aos intérpretes, a quem declarou: “Intérpretes do mundo, uni-vos! Não têm nada a perder senão seus auditórios!” Essa paródia de Karl Marx “trouxe a casa abaixo”, escreveu Portal. Stálin divertiu-se.

Durante a sessão de 9 de fevereiro, Churchill e Roosevelt obtiveram promessas russas de que observadores ingleses e americanos poderiam fiscalizar as eleições na Polônia e que o chefe dos poloneses de Londres, Stanislaw Mikolajczyk, poderia participar, bem como outros candidatos de seu Partido Camponês. Desse modo, Stálin tornava mais credível sua promessa de eleições livres e rápidas. Ele ainda deu a Churchill uma garantia sobre a Iugoslávia, segundo a qual ele usaria sua influência para persuadir Tito a cumprir o acordo feito em 11 de janeiro com Subasic sobre uma Assembleia da Libertação Nacional, composta de todos os partidos políticos anteriores à guerra, e uma Assembleia Constituinte, eleita livremente, que, a seu tempo, confirmaria todas as leis decididas. Quando Churchill disse que sabia “poder confiar na boa vontade do marechal Stálin” ao pedir a Tito essas garantias, Stálin replicou enfaticamente, segundo ficou registrado nas minutas, “que quando fazia uma declaração, cumpria-a”.

O último tópico desse dia foi o tratamento destinado aos criminosos de guerra. Em Teerã, Stálin tinha proposto fuzilar 50 mil alemães sem julgamento. Churchill, que ficara tão ofendido que abandonara a sala

em protesto, disse que deveria ser feita uma lista de criminosos de guerra e que os elementos constantes dessa lista seriam levados a julgamento, ainda que pessoalmente ele estivesse inclinado a sentir que “deveriam ser fuzilados assim que fossem apanhados e suas identidades estabelecidas”. Stálin, até então defensor das execuções sumárias, apresentou-se a favor do processo judicial. Roosevelt comentou que não deveria ser “judicial demais”; jornalistas e fotógrafos deveriam ser mantidos afastados “até os criminosos estarem mortos”.

As negociações do dia haviam chegado ao fim; voltando pela marginal até a Villa Vorontsov, Churchill encontrou à sua espera um telegrama de Montgomery, que o informava que as tropas britânicas e canadenses tinham alcançado e rompido a linha Siegfried. Tinham sido ocupadas e ultrapassadas sete cidades e vilas e tinham sido feitos 1.800 prisioneiros. Na margem ocidental do Reno a sul de Estrasburgo, toda a resistência alemã tinha cessado. Nessa noite, Churchill estava de bom humor: “O primeiro-ministro parece estar bem, embora beba baldes de champanhe do Cáucaso que minariam a saúde de qualquer homem”, comentou Cadogan.

Durante a tarde de 10 de fevereiro, num encontro particular com Stálin no palácio Yusupov, Churchill concordou com a repatriação dos russos que tinham sido feitos prisioneiros pelos britânicos quando lutavam em unidades alemãs. Stálin pediu especialmente que esses homens não fossem “maltratados” pelos britânicos antes de serem repatriados. Churchill pediu então a Stálin o bom tratamento dos prisioneiros de guerra britânicos que as forças soviéticas estavam libertando de campos de concentração no leste, dizendo ao dirigente soviético que “todas as mães da Inglaterra estão ansiosas por saberem do destino de seus filhos prisioneiros”.

E assim foi determinada a sorte de 100 mil russos, entre os quais pelo menos 10 mil seriam executados após seu regresso forçado enquanto 100 mil britânicos eram recebidos na pátria com grande entusiasmo e amor.

Ao final do encontro, Churchill disse a Stálin que “a aparição de navios russos no Pacífico seria bem-vinda” e que os navios de guerra russos teriam livre acesso e passagem no estreito de Dardanelos, não obstante as cláusulas da Convenção de Montreux de 1936 que o proibiam. Para Churchill, era “intolerável” que a Rússia estivesse “à mercê dos turcos não só na guerra como na paz”. Churchill e Stálin foram então em seus carros, separadamente, do palácio Yusupov para o palácio Livadia, onde ocorria a sessão final de negociações, em que Churchill exprimiu mais uma vez sua inquietação, apoiado por um telegrama do Gabinete de Guerra, com o forçar da linha de fronteira da Polônia tanto para oeste quanto a Rússia tinha proposto. Foi encontrada uma solução: a Polônia receberia concessões territoriais “substanciais” a oeste, sendo a linha fronteira determinada mais tarde. Na realidade, a linha final existia desde o momento em que o Exército Vermelho a tinha alcançado e estava exatamente onde Stálin a queria.

Nesse último encontro, Stálin concordou em aceder à opinião de Churchill, apoiado por um enérgico telegrama do Gabinete de Guerra, sobre não forçar a elevada escala de reparações que queria exigir da Alemanha. Também era uma garantia fácil; nos seis anos que se seguiram, Stálin tomaria tudo o que desejasse dos Estados derrotados e libertados que ficaram sob seu controle militar e político. Uma garantia adicional foi dada por Stálin em Yalta, dentro do maior sigilo e cumprida escrupulosamente: a União Soviética entraria em guerra com o Japão após a derrota da Alemanha.

Nessa noite, Churchill ofereceu um banquete na Villa Vorontsov em honra de Stálin e Roosevelt. Após o jantar, levou seus convidados à sala de mapas. Havia informações nos mapas para cada convidado: as forças soviéticas encontravam-se na margem oriental do Oder, a sessenta quilômetros de Berlim, as tropas inglesas e canadenses estavam na margem ocidental do Reno, e as forças americanas, tendo voltado às Filipinas, tinham entrado em Manila.

Enquanto os três líderes estavam na sala de mapas, houve um momento desagradável. Durante a discussão sobre os diversos avanços militares, Stálin sugeriu que os britânicos poderiam querer assinar um armistício antes dos russos. Churchill, extremamente magoado, foi para um canto da sala de mapas e, com as mãos nos bolsos, começou a cantar os primeiros versos de uma das suas canções favoritas, *Keep Right on to the End of the Road*. Stálin ficou confuso. Então, com um amplo sorriso, Roosevelt disse ao intérprete russo, Berezikov: “Diga ao seu chefe que essa canção é a arma secreta britânica.”

No dia seguinte, 11 de fevereiro, os três líderes encontraram-se ao meio-dia para assinarem uma Declaração sobre a Europa Libertada, garantindo “o direito de todos os povos a escolherem a forma de governo sob a qual querem viver” e comprometendo-se à “restauração dos direitos soberanos e do governo próprio dos povos que foram privados desses direitos pelas nações agressoras”. Onde fosse necessário, de forma a auxiliar o estabelecimento de governos de transição “com uma vasta representação de todos os elementos democráticos da população”, as três potências líderes dariam uma “assistência conjunta” à realização de “eleições livres”.

Foi também confirmado, num comunicado à parte, que se realizariam eleições na Polônia para o estabelecimento de um governo nacional provisório. Ainda que superficialmente parecesse que a Polônia tinha emergido como a principal beneficiária e que esse comunicado confirmasse o princípio de eleições livres, tal era feito segundo o acordo que o próprio Churchill tinha proposto para quebrar o impasse, determinando que o governo de Lublin seria a mola de um governo “reorganizado numa base democrática mais ampla, com a inclusão de dirigentes da Polônia propriamente dita e de poloneses no exterior”.

Apesar da promessa da realização de “eleições livres e sem limitações, na base do sufrágio universal e do voto secreto, e tão cedo quando possível”, o comunicado sobre a Polônia deixava claro que os poloneses de Londres, o governo polonês por quem a Grã-Bretanha, e Churchill em particular, lutou durante tanto tempo, tinha sido relegado ao estatuto de “poloneses no exterior”. Os poloneses de Londres sequer teriam igualdade de estatuto com os poloneses de Lublin; o comunicado era tão firme nesse ponto quanto o próprio Stálin tinha sido anteriormente. Nas últimas palavras trocadas formalmente em Yalta, Churchill tinha avisado Stálin que seria “fortemente criticado na Grã-Bretanha devido a ter cedido completamente ao ponto de vista russo”. Churchill tinha razão: haveria considerável desconforto na Grã-Bretanha em relação aos poloneses de Londres terem sido relegados a segundo plano e a não se poder fazer nada para garantir uma Polónia democrática e independente. Porém, a partir do momento em que as tropas soviéticas haviam chegado às margens do Oder, como sucedera nessa semana, ou tomado Varsóvia, como haviam feito nas três semanas anteriores, nenhum número de comunicados ou promessas poderia alterar o resultado.

Após a assinatura do comunicado, Churchill deixou o palácio Livadia pela última vez, voltando pela sinuosa estrada montanhosa para a Villa Vorontsov. Passava pouco das 17h. Ele pretendia passar essa noite na Villa Vorontsov, mas, quando o carro passou por sua esplêndida entrada gótica, voltou-se subitamente para Sarah com as palavras: “Por que ficar aqui? Por que não vamos embora essa noite? Não vejo razão para ficar aqui nem mais um minuto. Vamos embora!”

Então, Churchill saiu do carro, entrou pelo escritório particular e anunciou à sua equipe: “Não sei o que os senhores pretendem fazer, mas eu vou embora! Parto em cinquenta minutos.” Ao descrever o que aconteceu em seguida, Sarah contou à mãe: “Após um segundo de silêncio atônito, todos foram tomados por uma frenética atividade. Malas e misteriosos embrulhos de papel dados pelos russos — viva! — encheram o átrio. A roupa que tinha ido para lavar voltou; estava limpa, mas molhada. É claro que cinquenta minutos proporcionaram tempo para mudar de ideia mais seis vezes.” Após infundáveis sugestões contraditórias, incluindo ir por mar ou por avião, ir por Atenas, Cairo ou Istambul, “papai, eufórico e animado como um menino ao sair da escola com o seu trabalho terminado, foi de quarto em

quarto clamando: ‘Vamos embora! Vamos embora!’”.

Às 17h30, a caravana de carros estava pronta, dirigindo-se para oeste ao longo da costa agreste, sob altos penhascos nus, e depois, tendo a escuridão caído, deixando o mar para ir para o interior, passando por um desfiladeiro de montanhas até Sebastopol, onde Churchill embarcou no *Franconia*. “Achei-o com um ar fatigado, mas sua primeira pergunta foi se o correio já tinha chegado para poder pôr-se ao trabalho”, escreveu mais tarde Harry Grattidge, o comandante do navio. Na tarde seguinte, Churchill deixou o *Franconia* e foi até os campos de batalha da guerra da Crimeia. No pequeno porto que tinha sido a base britânica nesses dias distantes, Churchill ficou chocado, segundo recordou mais tarde, com o “grande número de prisioneiros de guerra, escravos, romenos etc. trabalhando o mais duramente possível”. Os russos já estavam usando os povos derrotados para reconstruírem suas cidades destruídas. No retorno ao *Franconia*, Churchill perguntou a Grattidge se era possível mandar limpar a roupa e tirar-lhe os piolhos. “Isso nos derrotou”, anotou Grattidge.

Com o *Franconia* ainda ancorado ao largo de Sebastopol, Churchill trabalhou no conforto de sua cabine durante todo o dia 13 de fevereiro. Nessa noite, enquanto dormia, mais de oitocentos bombardeiros britânicos atacaram a cidade de Dresden com 1.471 toneladas de bombas explosivas e 1.175 toneladas de bombas incendiárias. Poucas horas depois, os bombardeiros americanos largaram mais 689 toneladas de bombas sobre a cidade em chamas. O objetivo russo, explicado em Yalta oito dias antes, tinha sido atingido: refugiados nas estradas, fugindo para oeste da tempestade de fogo, desorganizavam o movimento dos reforços alemães que tentavam passar, pela cidade em chamas, para a frente de batalha mais a leste. O preço, porém, com 60 mil mortos civis, foi tão elevado quanto em qualquer *raid* isolado durante o bombardeio da Europa.

Em 14 de fevereiro, Churchill deixou o *Franconia* e foi ao aeródromo de Saki, num percurso de três horas. Durante o trajeto, recordaria ele mais tarde, “vimos uma pilha colossal de locomotivas — com mil ou mais — que tinham sido lançadas para uma ravina, pelos alemães, antes da retirada. Uma cena espantosa”. Após um curto discurso de despedida à guarda de honra russa no aeroporto, em que ele falou sobre “a Crimeia redimida e limpa pelo valor russo da mancha pestilenta dos hunos” e sobre seu “grande chefe”, Stálin, Churchill deixou o solo soviético pela última vez, voando para sudoeste, até Atenas, onde o arcebispo Damaskinós era agora o regente. Os combates na cidade tinham terminado, e Churchill circulou num carro com o arcebispo pelas ruas que ecoavam não com o som do fogo dos morteiros, mas com as aclamações entusiásticas das pessoas. E, então, na Praça da Constituição, com o Parthenon iluminado pela luz do fim da tarde, Churchill falou para a maior multidão que já tinha visto; Macmillan, que estava presente, calculou cerca de 40 mil pessoas. “Que os ódios partidários morram”, declamou. “Que haja unidade. Que haja uma camaradagem resoluta.” Quando Churchill deixava a praça, uma banda grega começou a tocar *God Save the King*. Churchill não conseguiu identificar o hino e continuou se afastando até reparar que o general Scobie tinha parado e estava em posição de sentido.

Nessa noite, o arcebispo visitou Churchill e pediu-lhe que não esquecesse as antigas pretensões gregas acerca de Constantinopla. “Tire esses sonhos do seu pensamento”, respondeu Churchill. Pouco antes da meia-noite, deixou a embaixada britânica para o aeroporto, onde embarcou em seu Skymaster, dormindo no avião ainda estacionado na pista. Depois de amanhecer, em 15 de fevereiro, voou de Atenas para o Cairo, onde foi levado diretamente do aeroporto para Alexandria e transportado de barco até o cruzador pesado americano *Quincy*. Roosevelt esperava por ele. “Eu senti que ele tinha um contato muito tênue com a vida”, lembraria Churchill mais tarde. Os dois homens nunca mais se encontrariam.

Do *Quincy*, Churchill voou para o Cairo, onde ficou na vivenda do ministro residente. Depois, em 17 de fevereiro, foi de automóvel, deserto adentro, até o lago Fayum, onde ofereceu um banquete ao monarca da Arábia Saudita, rei Ibn Saud, e pediu auxílio ao rei, com respeito à Palestina, “para promover um

acordo definitivo e permanente entre judeus e árabes”. A ideia de Churchill era uma Federação do Oriente Médio, encabeçada por Ibn Saud, em que a Palestina judaica fosse uma parte integrante e ao mesmo tempo independente.

Churchill escreveu mais tarde, nas notas para suas memórias de guerra, que lhe tinha sido dito que o rei não poderia permitir álcool nem tabaco em sua presença. Em vez de aceitar o costume árabe, ele assumiu uma posição independente: “Eu era o anfitrião e disse que se sua religião o fazia tomar essas atitudes, minha religião prescrevia como um ritual absoluto e sagrado fumar charutos e beber álcool antes, depois e, se necessário, durante todas as refeições e nos intervalos entre elas. Rendição completa.” Porém, o rei não era destituído de seus próprios recursos. “Deram-nos uma coisa para beber”, escreveu Churchill. “Não sei o que era. Pareceu-me um coquetel muito esquisito. Descobri mais tarde que era um afrodisíaco.”

De volta ao Cairo, Churchill telegrafou a Clementine, contando-lhe sobre suas “entrevistas muito interessantes com um imperador, dois reis e um presidente” O imperador era Haile Selassie da Abissínia, que não tinha mostrado “uma particular gratidão” por tudo o que a Grã-Bretanha tinha feito para colocá-lo novamente no trono; os reis eram Ibn Saud e Faruk do Egito; o presidente era Shukri Qwatli, da Síria.

Churchill passou o dia 18 de fevereiro no Cairo; “um dia de preguiça”, anotou um observador em seu diário. À meia-noite, foi até o aeroporto e embarcou em seu Skymaster, mas o avião ainda não estava pronto para decolar. Elisabeth Layton escreveu numa carta para os pais: “Ele estava com uma ótima disposição, sonolento, mas muito divertido e, tenho de dizer, muito amoroso.” Às 2h, o Skymaster estava pronto, e Churchill voou novamente, dessa vez por treze horas e quarenta minutos. Tinha estado três semanas fora da Inglaterra.

O mau tempo sobre Londres forçou um desvio para Lyneham, em Wiltshire. Churchill foi então levado de automóvel durante três horas até Reading, onde aguardou no hotel da estação até que Clementine se juntasse a ele. De Reading continuaram de carro para Londres, onde o Gabinete de Guerra estava reunido à sua espera na Downing Street; Churchill fez-lhes um relato da Conferência de Yalta. “Ele está maravilhosamente bem, muito, muito melhor do que quando partiu para essa conferência tão difícil e fatigante”, relatou Clementine a Mary. Nessa noite, jantaram com o rei e a rainha no palácio de Buckingham.

O assunto que mais preocupava Churchill em seu regresso era o futuro da Polônia. Muitos conservadores duvidavam que Stálin cumpriria sua palavra sobre as eleições livres. “A prova do pudim está em comê-lo”, escreveu Churchill ao primeiro-ministro da Nova Zelândia.

Nós estamos apenas comprometidos na base de uma execução completa, de boa-fé, dos termos do comunicado que foi publicado. Pessoalmente, não obstante minhas convicções anticomunistas, tenho esperanças de que a Rússia, ou de qualquer modo Stálin, deseje agir em harmonia com as democracias ocidentais. A alternativa seria o desespero acerca do futuro do mundo a longo prazo. No entanto, não nos esquivaremos ao nosso dever, da forma como o entendemos, até o último farrapo de nossa vida e de nossa força.

Se Stálin não cumprisse seus compromissos acerca das eleições na Polônia, “nossa posição será alterada”, disse Churchill ao Gabinete de Guerra em 21 de fevereiro. Nesse caso, a Grã-Bretanha continuaria a reconhecer o governo polonês de Londres como o “governo legítimo da Polônia” até que fosse estabelecido um governo de acordo com o texto do comunicado de Yalta, por meio de eleições

livres e voto secreto.

Ao jantar em Chequers, dois dias depois, Colville anotou que “o primeiro-ministro estava bastante deprimido, pensando nas possibilidades de uma Rússia virada contra a Inglaterra e dizendo que Chamberlain tinha confiado em Hitler como ele estava confiando em Stálin (se bem que, pensava ele, em diferentes circunstâncias), mas se animando, em relação aos russos, com o provérbio alemão sobre árvores não crescerem até o céu”. Quando o Comando de Bombardeio da Força Aérea completou sua destruição da Alemanha, Churchill perguntou: “O que ficará agora entre as neves brancas da Rússia e os penhascos brancos de Dover?” Talvez, no entanto, os russos “não queiram varrer tudo até o Atlântico, ou algo os faça parar, como o acidente da morte de Gengis Khan fez parar os arqueiros a cavalo dos mongóis, que tinham retirado para não mais voltar”.

Em 24 de fevereiro, o presidente exilado da Tchecoslováquia, Eduard Benes, almoçou com Churchill em Chequers, junto com seu ministro das Relações Exteriores, Jan Masaryk. Churchill disse-lhes que “era como um pequeno leão caminhando entre um enorme urso russo e um grande elefante americano, mas que talvez, no fim das contas, fosse o leão que conhecesse o caminho”.

Três dias depois, durante o debate sobre Yalta na Câmara dos Comuns, Churchill tentou acalmar o mal-estar generalizado sobre o futuro da Polônia. Ele tinha a convicção de que Stálin e os governantes soviéticos “desejam viver em amizade honrosa e em igualdade com as democracias ocidentais. Sinto também que sua palavra é seu vínculo”, disse Churchill. Porém, os tempos eram muito diferentes de 1940 e 1941, quando as ações da Grã-Bretanha tinham parecido claras e simples. “Se um homem vem para nos matar, fazemos tudo o que está em nosso poder para ter certeza de que ele morrerá antes de completar a viagem. Isso pode ser penoso, pode ser difícil, mas pelo menos é simples.” Havia passado quatro anos desde então. “Estamos entrando num mundo de imponderáveis e surgem ocasiões para interrogações a cada etapa. E é um erro tentar olhar muito adiante. Só se pode atacar um elo da cadeia do destino por vez.”

Churchill terminou com um apelo às grandes potências “para procurarem servir, e não governar”. Numa conclusão que no último momento decidiu não fazer, tinha pretendido dizer: “Ninguém pode garantir o futuro do mundo. Há alguns que temem que ele se desfaça em pedaços e que possa ocorrer um horrível lapso na história do homem. Não acredito. É preciso ter esperança. A alternativa é o desespero, o que é uma loucura. A raça britânica nunca cedeu a conselhos de desespero.”

Nesse fim de tarde, no salão de fumo, a Polônia dominou todas as conversas. Após ter falado com Churchill, Harold Nicolson escreveu: “Ele é realmente bastante sensato. Diz que não vê o que mais podemos fazer.” Não só eram os russos extremamente poderosos, “como estão no local, e nem todo o poder do império britânico seria suficiente para tirá-los de lá”. Colville registrou no dia seguinte: “O primeiro-ministro está tentando convencer-se de que está tudo bem, mas acho que em seu coração ele está preocupado com a Polônia e não está convencido da força de nossa posição moral.” Churchill reconheceu a força do sentimento de que a Polônia tinha sido traída.

“Existe um grande sentimento de desconforto, em ambos os partidos, de que estamos deixando os poloneses desamparados”, telegrafou ele a Roosevelt em 28 de fevereiro. Churchill mencionou também as muitas histórias “em circulação” sobre a deportação em quantidade de poloneses pelos russos, bem como sobre as execuções pelos poloneses de Lublin “de elementos de quem não gostavam”. Ele não tinha os meios para verificar ou contradizer essas alegações. Nessa noite, chegaram a Churchill notícias sobre intimidação política maciça por parte dos russos na Romênia, com o apoio de tropas, para a implantação de um governo da minoria comunista. O acordo das “percentagens” de Moscou impedia qualquer ação britânica. Porém, a Polônia não era parte desse acordo; seu futuro democrático tinha sido garantido pelo comunicado de Yalta. Furioso e frustrado pela obstinação de Stálin, Churchill disse a Colville: “Não

tenho a menor intenção de ser enganado com relação à Polônia, nem mesmo se tivermos de chegar à beira de uma guerra com a Rússia.”

12.

“Em frente, Inglaterra!”

Em 2 de março de 1945, dez dias depois de seu regresso de Yalta, Churchill voou de Londres para Bruxelas, aproveitando para almoçar com Mary, que estava alocada numa bateria antiaérea, e voando depois para Eindhoven, na Holanda, para jantar com Montgomery, antes de continuar de automóvel até Geldrop, onde passou a noite no trem de Eisenhower. Depois, na manhã de 3 de março, atravessou a fronteira alemã pela primeira vez desde 1932, visitando o 9º Exército dos Estados Unidos em Jülich, sendo depois levado de carro até a linha Siegfried. “Ao chegar lá, a coluna de uns vinte ou trinta carros parou. Nós avançamos solenemente e alinhamo-nos ao longo da linha”, lembraria mais tarde o general Brooke.

Quando os fotógrafos se precipitaram para conseguirem as posições mais vantajosas, Churchill voltou-se para eles e disse: “Essa é uma das operações ligadas a essa grande guerra que não deve ser reproduzida graficamente.” Crédito lhes seja dado, eles obedeceram às ordens, perdendo a oportunidade de publicar o maior troféu fotográfico da guerra! Nunca vou esquecer-me do sorriso infantil, de intensa satisfação, que se alastrou por todo o seu rosto, quando olhou para baixo no momento crítico.

Churchill passou outra noite no trem de Eisenhower antes de atravessar novamente para a Alemanha em 4 de março. Tendo visitado depois o 1º Exército canadense, na aldeia alemã de Goch, puxou o cordão para disparar uma peça de artilharia de oito polegadas. “Winston estava irritado por não ser autorizado a aproximar-se mais da frente”, anotou Brooke em seu diário. Nessa noite, mais uma vez, dormiu no trem de Eisenhower, que se dirigia para sul, até Reims, onde no quartel-general de Eisenhower, na orla da cidade, passou o dia seguinte na sala de mapas, observando o decorrer da batalha que ele tinha esperado testemunhar.

Ele estava “ansioso para solucionar o caso da Polônia”, segundo telegrafou a Eden quando estava em Reims. Por esse motivo, não queria que a Grã-Bretanha fizesse qualquer protesto acerca das ações soviéticas na Romênia, para evitar que Stálin, fazendo referência ao Acordo de Moscou sobre as percentagens, feito em outubro anterior, acusasse a Grã-Bretanha “de quebrar nosso entendimento com ele acerca da Romênia” no momento em que a crise da Polônia chegava ao auge. Ele tinha “toda a intenção de trabalhar ao máximo por uma Polônia livre para conduzir seus próprios assuntos — à qual os soldados poloneses a nosso serviço fiquem contentes por regressar”, disse a Eden num segundo telegrama enviado nesse dia.

Churchill passou a quarta noite consecutiva no trem de Eisenhower antes de voltar de avião a Londres na manhã de 6 de março. Sua primeira carta desse dia foi para um deputado conservador

preocupado com a Polônia. “Estamos trabalhando para garantir que o acordo de falta acerca de eleições livres na Polônia seja cumprido no espírito e na letra”, escreveu Churchill. No entanto, mais tarde, ainda no mesmo dia, ele soube que apenas elementos nomeados por Moscou poderiam ser membros do governo na Polônia. Isso deixou claro “que os russos não pretendem cumprir as condições sobre as quais tinha havido acordo”, disse Churchill aos seus colegas. Com essas palavras, o Acordo de Yalta sobre a Polônia estava efetivamente morto, 23 dias após ter sido assinado.

Em 7 de março, as notícias vindas da Polônia propriamente dita eram sombrias: dois trens fechados, com sacerdotes, intelectuais e professores a bordo, contando 4 mil homens, tinham sido enviados para campos de trabalhos forçados nas margens do Volga. Seis mil oficiais poloneses que tinham combatido os alemães em unidades leais ao governo polonês de Londres haviam sido feitos prisioneiros. Muitos tinham sido mortos. Ao ler essas informações, Churchill pediu que fossem enviadas a Roosevelt.

Nesse mesmo dia, enquanto Colônia era abandonada por seus defensores, o exército americano atravessava o Reno em Remagen. No entanto, a animação por esses sucessos foi ensombrada pela fúria ao saber-se que autoridades militares soviéticas estavam ameaçando retirar pela força o primeiro-ministro romeno, general Radescu, do abrigo que ele tinha obtido na missão militar britânica na Romênia. Nessa tarde, Churchill disse ao Gabinete de Guerra que era intenção das missões militar e aérea na Romênia abrirem fogo sobre os russos se tentassem levar Radescu pela força. O Gabinete de Guerra concordou em que as missões “abrissem fogo se necessário” para defender o fugitivo.

Churchill encontrava-se completamente desiludido com Stálin e já não estava disposto a permitir aos russos mão livre na Romênia em troca da aceitação de um governo não comunista na Grécia. A recusa de permissão de partidos de oposição e a deportação de oponentes do comunismo tinham se intensificado nas últimas semanas, transformando a Declaração sobre a Europa Libertada numa “palhaçada”, segundo ele telegrafou a Roosevelt em 8 de março. Todos os partidos e todas as classes estavam contra o domínio soviético da Polônia, “trabalhistas e conservadores, socialistas e católicos”, disse ele ao presidente. Uma vez que se visse “que fomos enganados e que a conhecida técnica comunista está sendo aplicada por trás de portas fechadas na Polônia, quer diretamente pelos russos, quer por intermédio de seus fantoches de Lublin, será criada uma situação muito grave na opinião pública britânica”.

Churchill tentou pressionar Roosevelt para juntar-se a ele numa ação persistente para defender a independência e a liberdade da Polônia, mas Roosevelt não estava em posição de responder — ou mesmo de ler — ao telegrama de Churchill. Estava morrendo, mas a proximidade de sua morte foi escondida mesmo ao seu mais próximo aliado e parceiro. Em 18 de março, num apelo pessoal a Roosevelt, Churchill exprimiu sua esperança de que os recentes e “bastante numerosos” telegramas sobre a Polônia, a Romênia e outros assuntos, oito longos telegramas em menos de três semanas, “não sejam um estorvo para você”. “Nossa amizade é a rocha sobre a qual eu construo o futuro enquanto eu puder ser um dos obreiros”, acrescentou Churchill. A paz com a Alemanha e o Japão “não trará muito repouso, a você e a mim (isso se eu ainda for responsável). Conforme observei na última vez, quando a guerra de gigantes terminar, começarão as guerras dos pigmeus. Haverá um mundo despedaçado e faminto e será necessário pô-lo novamente de pé”. O que diria Stálin, ou seu sucessor, “sobre o modo como ambos gostaríamos de fazê-lo”?

No dia em que enviou esse telegrama, Churchill soube que 71 mil soldados americanos tinham sido mortos em ação desde os desembarques na Normandia. No mesmo período tinha havido 33 mil baixas britânicas e canadenses. Entretanto, Montgomery estava preparando um novo avanço. Em 23 de março, Churchill foi num Dakota até a Holanda, aterrissando no aeródromo de Venlo, parcialmente destruído. Daí seguiu de carro, cruzando a fronteira alemã até o quartel-general de Montgomery em Straelen. “Esperava atravessar o rio esse noite, estabelecendo postos avançados amanhã”, telegrafou Churchill a

Stálin.

Às primeiras horas de 24 de março, a partir de um posto de observação de artilharia em Ginderich, Churchill assistiu ao início da ofensiva de Montgomery, com tropas aerotransportadas lançadas do outro lado do Reno, sete quilômetros para leste.

Cadogan, em Londres, anotou em seu diário: “Monty atacou na noite passada e parece que correu bem. O primeiro-ministro estava lá, é claro.” Mais de 2 mil aviões voaram por cima e além do rio, na direção de Wesel e ainda mais além. Enquanto observava, Churchill viu também, conforme recordou mais tarde, “aviões em grupos de dois e três voltando desequilibrados, soltando fumaça ou mesmo em chamas. A imaginação, alicerçada numa boa quantidade de experiência, contou-me uma história dura e penosa”.

A partir de Ginderich, Churchill percorreu, com Brooke, toda a linha de Montgomery, primeiro até Xanten, depois através de Marienbaum e finalmente até a elevação a sul de Kalkar, de onde podiam observar a zona de travessia da 51ª Divisão Escocesa. Na manhã seguinte, Churchill decolou da pista de Straelen, voando durante mais de uma hora e meia no avião de Montgomery, um pequeno Messenger. Ao todo, voou cerca de duzentos quilômetros, a maior parte do tempo a 150 metros de altitude. O piloto, o tenente aviador Trevor Martin, recordaria mais tarde ter visto clarões da artilharia britânica para Ocidente enquanto Churchill e ele, no acanhado avião sem rádio para contatar terra, observavam as posições defensivas alemãs a leste do Reno. “Eu estava preocupado com a ideia de que os americanos, em particular, não tivessem noção de que o avião era um aliado”, escreveu Martin.

Regressando a salvo ao campo de Straelen, Churchill foi levado ao quartel-general de Eisenhower, mais para sul, próximo de Rheinburg. De lá, Churchill, Eisenhower e Montgomery foram de carro até Büderich, na margem ocidental do Reno. Depois de Eisenhower ir embora, quando ele e Montgomery se preparavam para partir, Churchill viu uma pequena lancha se aproximando. “Por que não atravessamos e damos uma olhada no outro lado?”, perguntou Churchill. “Por que não?”, foi a inesperada resposta de Montgomery.

Atravessando na companhia de vários oficiais americanos de alta patente, os dois homens chegaram ao lado oriental. “Acostamos com um sol brilhante e perfeita paz na margem alemã e andamos cerca de meia hora sem sermos incomodados”, recordou Churchill mais tarde. Depois de atravessarem em sentido contrário, voltaram a Büderich, onde Churchill começou a trepar pelas vigas retorcidas e pela estrutura de pedra despedaçada da ponte da estrada. Nesse momento, começaram a cair granadas no rio, a menos de dois quilômetros dali. “Depois, começaram a cair mais perto. Uma salva passou por cima e caiu na água ao nosso lado. Parecia que as cargas explodiam por impacto no fundo do rio e levantavam grandes ondas de espuma a cem metros de distância.” Várias outras granadas caíram entre os carros que estavam ocultos na margem, não muito longe e atrás do grupo. Nesse momento, o general Simpson, responsável por aquele setor da frente, foi até Churchill e disse-lhe: “Sr. Primeiro-Ministro, há atiradores especiais à sua frente que estão bombardeando os dois lados da ponte e começaram a atirar sobre a estrada atrás do senhor. Não posso aceitar a responsabilidade de sua presença aqui e preciso pedir que vá embora.”

Enquanto Brooke observava, Churchill pôs os braços em torno de uma das vigas retorcidas da ponte. “A expressão de Winston era a de um menino que a ama buscava em seus castelos de areia na praia”, recordou Brooke mais tarde. Churchill retornou ao quartel-general de Montgomery, em Straelen, onde, com seu pensamento no futuro político da Europa, disse a Colville que “não lhe agradava considerar o desmembramento da Alemanha até ter esclarecido suas dúvidas sobre as intenções da Rússia”.

No dia seguinte, Churchill atravessou novamente o Reno, dessa vez por meio de uma ponte de barcas, até a aldeia de Bislich, passando mais de uma hora e meia no lado oriental. Foi um momento de

satisfação profunda depois de cinco anos e meio de ferozes lutas, reveses, esperanças adiadas e esforços incessantes. De Bislich continuou a descer a margem oriental do Reno durante algum tempo até voltar a atravessar o rio num blindado anfíbio. Então, depois de fazer um piquenique na margem ocidental do rio, na companhia de Brooke e Montgomery, escreveu no livro de mensagens de Montgomery:

O Reno e todas as suas linhas fortificadas estão para trás do 21º Grupo de Exércitos. Um exército derrotado, que há pouco tempo era senhor da Europa, recua perante seus perseguidores. O objetivo não será negado por muito tempo àqueles que chegaram tão longe e combateram tão bem sob uma chefia fiel e orgulhosa. Em frente, levados por todas as asas das chamas até a vitória final.

Nessa tarde, Churchill partiu de Venlo num avião, acompanhado de doze aviões Spitfire. “O primeiro-ministro trabalhou no avião, que ora estava quente, ora estava frio, e aterrissamos em Northolt depois de um excitante fim de semana”, escreveu Colville. “Ele estava muito melhor de saúde e com muita disposição.” Nessa noite, jantou a sós com Clementine, que escreveria a Montgomery:

Winston adorou a visita que lhe fez. Ele me disse que sentiu o espírito recuperado e que se convivesse com você antigamente, eu teria tido uma vida muito mais fácil — referindo-se, suponho, à sua crônica falta de pontualidade e ao seu hábito de mudar de ideia (em coisas pequenas!) de minuto a minuto! Fiquei muito comovida e disse-lhe que consegui suportar bastante bem as coisas como elas são. Então, ele me disse que, visto isso, talvez não valesse a pena melhorar. “Por favor, melhore, porque ainda não terminamos nossas vidas”, respondi a ele.

Dois dias depois, Clementine voou no Skymaster do marido, indo primeiro para o Egito e depois para a Rússia, no início de uma extenuante viagem de cinco semanas para visitar os muitos hospitais na União Soviética que tinham sido auxiliados pelo seu Fundo da Cruz Vermelha. Churchill foi a Northolt para despedir-se dela. “Você está sempre nos nossos pensamentos”, escreveu ele depois de sua partida. Nesse mesmo fim de tarde, a natureza das intenções da União Soviética, que tanto tinham estado em seu pensamento quando ele visitou ao Reno, tornou-se clara como cristal quando catorze dirigentes poloneses, representantes de todos os partidos políticos não comunistas, foram conduzidos, sob promessa de salvo-conduto, a uma base do exército soviético próximo de Varsóvia e aprisionados.

Regressando de Northolt para Downing Street à meia-noite, Churchill passou as duas horas seguintes ditando seu tributo parlamentar a Lloyd George, que tinha morrido na véspera, aos 82 anos. “Não existiu nenhum homem tão talentoso, tão eloquente, tão vigoroso, tão conhecedor da vida do povo”, disse ele na Câmara dos Comuns no dia seguinte. “Quando me tornei amigo e colaborador ativo de Lloyd George, há mais de quarenta anos, o profundo amor às pessoas e o profundo conhecimento de suas vidas e das pressões desnecessárias e injustas sob as quais viviam ficaram indelevelmente marcados em meu espírito.” Falando sobre o momento em que Lloyd George assumiu o cargo de primeiro-ministro em 1916, Churchill citou o veredito de Carlyle acerca de Cromwell: “Ele cobiçava o lugar; talvez o lugar fosse seu.”

Churchill concluiu seu tributo mencionando a legislação social de Lloyd George nos primeiros tempos de sua liderança numa guerra anterior. “Muito de sua obra permanece e parte aumentará grandemente no futuro; aqueles que vierem depois de nós encontrarão os pilares, produto de seu trabalho,

de pé, maciços e indestrutíveis, e nós, reunidos aqui, poderemos de fato estar gratos por ele ter viajado conosco por tantas tormentas e tumultos, com tanto socorro e orientação para dar.”

Do Cairo, Clementine escreveu ao marido: “Adorei seu discurso sobre L. G. Trouxe à minha memória bênçãos esquecidas que ele proporcionou aos pobres e humildes.”

No final de março, uma séria disputa estratégica perturbou a harmonia do planejamento anglo-americano da guerra. Eisenhower decidiu, informando Montgomery por telegrama, que as forças anglo-americanas não avançariam como até então estava planejado, diretamente até Berlim, mas sim numa direção mais para sul, por Leipzig, até Dresden. Na opinião de Eisenhower, Berlim era menos importante, como centro de indústria e resistência, do que as cidades mais a sul, ainda que essa mudança de planos deixasse Berlim como um prêmio para os russos. Eisenhower tinha contatado Stálin a esse respeito e obtido sua aprovação da nova orientação, sem previamente consultar, ou mesmo informar, os Chefes de Estados-Maiores Conjuntos.

Em 30 de março, os chefes de Estado-Maior britânicos protestaram veementemente junto a Eisenhower devido a essa mudança de planos. Churchill apoiou-os. “A ideia de negligenciar Berlim e deixar que seja tomada pelos russos numa etapa posterior não me parece correta”, escreveu ele em 31 de março. “Enquanto Berlim resistir a um cerco no meio de ruínas, como pode facilmente fazer, a resistência alemã será estimulada. A queda de Berlim provocaria o desespero de quase todos os alemães.”

Discorrendo sobre esse plano, Eisenhower declarou que seu objetivo consistia em reunir forças com os russos na margem do Elba, a sul de Berlim, mas não atravessar o rio. Isso irritou Churchill, que telegrafou imediatamente a Eisenhower, ainda em 31 de março: “Por que não atravessar o Elba e avançar para leste até onde for possível?” Isso tinha “uma importante implicação política”, dado que agora parecia certa a entrada dos russos em Viena. “Se deliberadamente deixarmos Berlim aos russos, mesmo que ela esteja praticamente em nossas mãos, esse duplo acontecimento pode fortalecer a convicção, já aparente, de que foram os russos que fizeram tudo.”

Num telegrama adicional a Eisenhower, em 2 de abril, Churchill insistiu “na importância da entrada na Polônia, que pode perfeitamente estar aberta para nós” se Eisenhower avançasse para leste do Elba. “Eu considero extremamente importante que apertemos as mãos dos russos tão a leste quando possível.”

No meio dessas comunicações telegráficas com Eisenhower, Churchill tomou conhecimento de que os catorze dirigentes poloneses aprisionados pelos russos nos arredores de Varsóvia tinham desaparecido. Churchill protestou imediatamente junto a Stálin, advertindo-o de que seria obrigado a levantar no Parlamento a questão dessa grave violação do Acordo de Yalta, recordando ao dirigente soviético:

Ninguém defendeu a causa russa com mais ardor e convicção do que tentei fazer. Fui o primeiro a levantar a voz, em 22 de julho de 1941. Passou mais de um ano desde que proclamei a um mundo espantado a justiça da linha Curzon como fronteira ocidental da Rússia, e essa fronteira foi agora aceita, quer pelo Parlamento britânico quer pelo presidente dos Estados Unidos. É na qualidade de sincero amigo da Rússia que faço meu apelo para que se chegue a um entendimento com as democracias ocidentais acerca da Polônia e para que não se esmague a mão da camaradagem na futura orientação do mundo, que nesse momento é estendida por nós.

Nem Stálin nem Eisenhower cederiam aos respectivos apelos de Churchill. A Polônia não teria um governo independente e os exércitos anglo-americanos não atravessariam o Elba nem entrariam em

Berlim. Segundo Churchill disse aos representantes dos domínios em 3 de abril, não era “de modo nenhum certo que se pudesse contar com a Rússia como uma influência benéfica na Europa nem como um parceiro de boa vontade na manutenção da paz no mundo. E, no entanto, no fim da guerra, a Rússia seria deixada numa posição de influência e de poder preponderante em toda a Europa”.

O fim da guerra na Europa se aproximava claramente: tendo atravessado o Reno, as forças de Montgomery faziam entre 15 mil e 20 mil prisioneiros por dia enquanto se internavam pelo Ruhr. Na Itália, as forças de Alexander lançaram um assalto renovado em 9 de abril. Dois dias depois, as forças de Eisenhower atingiram o Elba. Embora estivessem a cerca de cem quilômetros de Berlim, não foi feito qualquer movimento na direção da cidade devastada pelas bombas. Nesse mesmo dia, num sinal da nova realidade política, a União Soviética assinava um tratado de amizade, auxílio mútuo e colaboração no pós-guerra com a Iugoslávia de Tito.

Em 12 de abril, Churchill soube que dois amigos próximos da família haviam morrido em combate: Tom Mitford, primo de Clementine, e Basil Dufferin, 4º marquês de Dufferin e Ava. No mesmo dia, Mary foi condecorada com a Medalha de Membro do Império Britânico por sua atuação numa bateria antiaérea. Churchill enviou todas essas notícias por telegrama a Clementine, que ainda estava na Rússia. Era meia-noite. Enquanto prosseguia em seu trabalho, recebeu a notícia da morte de Roosevelt. “Sinto uma dolorosa perda pessoal, totalmente distinta dos vínculos de atuação pública que nos ligavam tão intimamente”, telegrafou ele a Harry Hopkins. “Eu sentia um genuíno afeto por Franklin.”

Churchill fez imediatamente planos para voar para Hyde Park, desejando estar presente no funeral de Roosevelt. Partiria às 20h30 de 13 de abril. Tudo estava pronto para a partida, mas às 19h45 ainda não tinha decidido se iria ou não. “O primeiro-ministro disse que decidiria no aeródromo”, anotou Cadogan em seu diário. No último momento, Churchill decidiu não partir, explicando ao rei que, com tantos ministros já no estrangeiro, com Eden a caminho de Washington e com a necessidade de prestar um tributo parlamentar a Roosevelt, o que “claramente é de minha responsabilidade”, deveria permanecer Grã-Bretanha.

Em 17 de abril, as forças americanas entravam em Nuremberg, palco dos triunfantes comícios de Hitler anteriores à guerra. No dia seguinte, na Câmara dos Comuns, Churchill proferiu seu tributo a Roosevelt. Tinha sido anunciado que a morte o atingira quando “ele tinha acabado sua correspondência”. Churchill comentou:

Essa parte do seu dia de trabalho estava concluída. Ele morreu no trabalho, e, pode-se dizer, no combate, como seus soldados, marinheiros e aviadores, que, lado a lado com os nossos, prosseguem em sua tarefa até o fim e por todo o mundo. Como essa morte é digna de inveja. Ele conduziu seu país através dos piores perigos e dos mais pesados fardos. A vitória lançou sobre ele sua luz mais certa e segura.

Churchill precisaria agora construir uma relação com o sucessor de Roosevelt, Harry Truman, com quem nunca se encontrara. Por meio de trocas de telegramas, que eram diárias e volumosas, Churchill foi formando a impressão, segundo disse a Eden em 20 de abril, “de que o novo homem não se deixa dominar pelos soviéticos”. Contudo, o inexorável avanço do poder soviético não poderia ser contido nem desviado. Em 21 de abril, tropas russas alcançaram os subúrbios de Berlim. No mesmo dia, o governo soviético assinou o Tratado de Assistência Mútua com o governo de Lublin. No que dizia respeito à Polônia, como acontecera doze dias antes com a Iugoslávia, o Acordo de Yalta estava morto.

A iminência da derrota de Hitler tinha um sabor agri-doce. À medida que penetravam cada vez mais profundamente na Alemanha, as forças americanas encontravam campos de concentração nos quais milhares de cadáveres e sobreviventes em condições inacreditáveis, esqueletos esfomeados, testemunhavam renovadamente os horrores do nazismo. Assim que Eisenhower forneceu a Churchill, por telefone, detalhes sobre o que tinha sido encontrado, Churchill enviou uma delegação parlamentar multipartidária visitar o maior dos campos descobertos até então, Buchenwald, e, em 24 de abril, organizou a distribuição, pelo Gabinete, de fotografias das vítimas. “Estamos todos muito chocados com as horríveis revelações da crueldade dos alemães nos campos de concentração”, escreveu ele a Clementine.

Em 25 de abril, foi comunicado a Churchill que Heinrich Himmler, o principal parceiro de Hitler no terror, pretendia encetar negociações com os Aliados à revelia de Hitler. Churchill telefonou imediatamente a Truman. Era a primeira vez que os dois homens falavam um com o outro, mas concordaram em que não haveria nenhuma rendição “fragmentária” de quaisquer alemães; a rendição precisaria ser efetuada simultaneamente à Grã-Bretanha, Estados Unidos e União Soviética. Nessa mesma tarde, foi estabelecida a ligação das forças americanas e russas nas margens do Elba. O Terceiro Reich tinha sido cortado ao meio. No dia seguinte, ao ler um relatório diplomático que apontava os esforços feitos pelas forças britânicas na Bélgica para capturar, ou pelo menos deter, o herdeiro dos Habsburgo, Churchill telegrafou diretamente ao embaixador, dizendo-lhe que não fazia parte da política britânica “caçar” o arquiduque ou tratar a antiga monarquia austríaca como uma “organização criminosa”.

O telegrama de Churchill continuava:

Pessoalmente, tendo vivido em meio a todas essas perturbações europeias e estudado cuidadosamente suas causas, acredito que se os Aliados, nas negociações de paz em Versalhes, não tivessem imaginado que a remoção das antigas dinastias estabelecidas seria uma forma de progresso e se tivessem deixado um Hohenzollern, um Wittelsbach e um Habsburgo regressarem aos seus tronos, não teria havido um Hitler.

Para as classes militares alemãs pós-Versalhes, acrescentou Churchill, uma “Weimar coroada”, ao contrário da República de Weimar, teria representado em 1919 “um ponto simbólico no qual suas lealdades teriam se concentrado”.

Em 29 de abril, Churchill fez um apelo final a Stálin, pedindo que desistisse da imposição unilateral da vontade soviética tanto à Polônia quanto à Iugoslávia. “Não é muito animador olhar para um futuro em que o senhor e as nações que domina, além dos partidos comunistas em muitos outros países, estão todos alinhados de um lado, e as nações de língua inglesa e seus aliados ou domínios estão do outro lado”, escreveu ele.

É perfeitamente óbvio que um conflito entre eles despedaçaria o mundo, e que todos nós, dirigentes de qualquer dos lados implicados no processo, seríamos marcados pela vergonha perante a história. E mesmo a entrada num longo período de suspeitas, de insultos e de políticas opostas constituiria um desastre que impediria os grandes desenvolvimentos da prosperidade mundial para as massas, que podem ser atingíveis apenas por meio de nossa trindade.

Churchill tinha esperança de que não houvesse nada nesse telegrama que, involuntariamente, ofendesse Stálin. “Peço-lhe, meu amigo Stálin, que não subestime divergências que se abrem acerca de assuntos que podem parecer insignificantes para nós, mas que são simbólicos na forma como as democracias de língua inglesa encaram a vida.” Nesse fim de tarde, foi anunciado na rádio de Moscou que, com a entrada das forças soviéticas em Viena, tinha sido estabelecido um governo provisório austríaco. Os aliados ocidentais não tinham sido consultados sobre questão e foi-lhes recusada autorização para enviarem uma delegação à cidade. Churchill protestou imediatamente, acompanhado por Truman.

Nessa noite, após jantar em Chequers, Churchill assistia a uma versão para cinema da opereta *O Mikado* e acompanhava as canções quando recebeu uma chamada telefônica do general Alexander. A exibição foi suspensa. Os exércitos alemães tinham se rendido incondicionalmente na Itália. A guerra italiana tinha terminado. Na Europa Central, as tropas de Eisenhower tinham atingido o Danúbio em Linz. Churchill insistiu com Truman para que permitisse que as tropas continuassem pela Tchecoslováquia dentro. “Não pode haver muita dúvida de que a libertação de Praga, e tanto quanto possível do território da Tchecoslováquia Ocidental, por suas forças, faria uma enorme diferença na situação do pós-guerra da Tchecoslováquia e poderia influenciar a situação nos países vizinhos”, telegrafou ele ao presidente em 30 de abril. “Por outro lado, se os aliados ocidentais não desempenharem um papel significativo na libertação, a Tchecoslováquia irá pelo mesmo caminho da Jugoslávia.”

O apelo de Churchill foi mais uma vez feito tarde demais; Eisenhower tinha já informado o alto-comando soviético de que não avançaria além de Linz. Os americanos também tinham assumido o compromisso de retirarem-se até 220 quilômetros em relação às suas posições avançadas na Alemanha, uma vez terminada a guerra, visto essas posições se encontrarem dentro da zona soviética segundo o Acordo de Yalta. Num telegrama para Truman, em 30 de abril, Churchill tentou conseguir o adiamento dessa retirada e advogou também a ocupação da Ístria, que, de outro modo, cairia perante as forças comunistas de Tito. Truman, ainda que relutante em renegar o acordo sobre as futuras zonas de ocupação na Alemanha, aceitou a sugestão de Churchill acerca da Ístria. Os aliados ocidentais fariam o máximo possível para entrarem em Trieste e ocupá-la. “Não há necessidade de obter autorização prévia por parte dos russos.” Contudo, nesse mesmo dia, forças de guerrilha iugoslavas já combatiam no interior de Trieste. As primeiras tropas neozelandesas não chegariam nas próximas 48 horas. “Não deveria ocorrer violência, exceto em autodefesa”, telegrafou Churchill a Alexander. Um atrito com Tito era assunto “para a mesa de negociações, e não para o campo de batalha”.

Ao mesmo tempo em que a última parte da Itália caía sob controle iugoslavo e anglo-americano, Mussolini, outrora parceiro do Eixo, era capturado por guerrilheiros italianos e morto. Dois dias depois, enquanto Churchill jantava na Downing Street, a rádio Hamburgo anunciou a morte de Hitler. A notícia foi dada a Churchill, que estava à mesa. “Como vê, nossos grandes inimigos estão mortos”, telegrafou ele a Clementine, que ainda estava na União Soviética. Hitler se suicidara.

Na noite de 2 de maio, Churchill jantou tranquilamente com duas amigas dos velhos tempos, lady Juliet Duff e Venetia Montagu. O único outro convidado era Noël Coward, que mais tarde recordaria como, ao fim do jantar, durante o qual Churchill tinha estado “com sua disposição mais benigna”, ele e as duas senhoras tiveram a noção de que estavam na presença do homem que tinha contribuído com “tanta visão, coragem e inteligência” para a vitória naquela guerra. “A emoção dominou-nos e, sem trocarmos uma palavra, tão simultaneamente como se tivéssemos ensaiado, nós nos levantamos e brindamos à saúde do sr. Churchill.”

No dia seguinte, Churchill teve vários motivos de satisfação. Durante a manhã, o capitão Pim apareceu para anunciar que as tropas britânicas tinham entrado em Rangum, na Birmânia. Mais tarde,

ainda nesse dia, as forças de Montgomery alcançaram o mar Báltico, junto a Lübeck, cortando aos russos o caminho para a Dinamarca, que, segundo alguns relatórios dos serviços de informações, eles pretendiam ocupar para culminarem seu avanço ao longo da costa do Báltico. Montgomery tinha atingido Lübeck, segundo Churchill relatou a Eden, “com doze horas de avanço”. Ao fim do dia, houve notícias ainda mais espetaculares: o almirante Von Friedeburg, representando o sucessor de Hitler, almirante Dönitz, tinha se apresentado, com outros três representantes das Forças Armadas alemãs, no quartel-general de Montgomery, em Lüneburg, a sul de Hamburgo, para negociar a rendição alemã.

A derrota da Alemanha estava claramente iminente; em 3 de maio, mais de 500 mil soldados alemães tinham-se rendido a Montgomery. A estes seguiram-se “mais de um milhão hoje”, telegrafou Churchill a Clementine em 4 de maio. Na Itália, Alexander tinha feito mais um milhão de prisioneiros. Todas as forças alemãs no noroeste da Alemanha, na Holanda e na Dinamarca, “devem render-se pela manhã”. No entanto, acrescentou Churchill, “sob esses triunfos estão políticas venenosas e mortíferas rivalidades internacionais”. Era óbvio que seria necessário um novo encontro das três grandes potências para conseguirem resolver essas rivalidades. “Enquanto isso, devemos conservar firmemente as atuais posições obtidas ou em vias de serem obtidas pelos nossos exércitos na Iugoslávia, na Áustria, na Tchecoslováquia, na principal Frente Central das tropas americanas e na frente britânica até Lübeck, incluindo a Dinamarca”, telegrafou Churchill a Truman em 6 de maio.

Nessa noite, enquanto Churchill dormia, o chefe do Estado-Maior alemão, general Jodl, assinava o documento alemão de rendição no quartel-general de Eisenhower em Reims. Todos os combates deveriam cessar à meia-noite de 8 de maio. Eisenhower telefonou a Ismay, para transmitir-lhe essas notícias, durante a madrugada; Ismay transmitiu-as imediatamente por telefone a John Martin, na Downing Street. Martin decidiu não acordar Churchill e dar-lhe as notícias assim que acordasse. Assim, foi o capitão Pim acabou transmitindo as notícias. “Durante cinco anos, o senhor me trouxe más notícias, uma pior que a outra, mas hoje se redimiou”, comentou Churchill.

Durante 7 de maio, Churchill encorajou Eisenhower a fazer suas tropas avançarem até Praga. Eisenhower assim fez, tendo como resultado que algumas unidades americanas entraram na capital tcheca antes das russas. No entanto, retiraram assim que os russos chegaram. Nesse mesmo dia, ao incitar Alexander a avançar para leste a partir de Trieste e para sul pela Itália, Churchill telegrafou: “Mantenha-me informado do que está fazendo para agrupar as forças contra o tentáculo moscovita, do qual Tito é a ponta.”

A animação com a perspectiva de uma vitória iminente crescia por toda a Grã-Bretanha. Na tarde de 7 de maio, Churchill tentou persuadir Truman a declarar que a vitória na Europa tinha chegado. Truman estava relutante em fazê-lo, pois Stálin tinha pedido para adiarem os festejos até 9 de maio, uma vez que suas tropas ainda estavam combatendo em partes da Tchecoslováquia e ao longo da costa do Báltico. Às 17h de 7 de maio, Churchill, em sua segunda chamada telefônica em uma hora para o gabinete de Truman, explicou que “as multidões celebravam nas ruas de Londres e estavam fora de controle” e que até ele devia fazer uma comunicação da vitória o mais tardar ao meio-dia de 8 de maio. Enquanto isso, trabalhava numa emissão da vitória, curta, que ele ainda tinha esperança de fazer naquela noite, terminando de ditá-la antes das 18h. Porém, um telefonema de Washington persuadiu-o a adiá-la pelo menos até o dia seguinte.

Num curto intervalo, no meio dessas trocas telegráficas e telefônicas e dos ditados, Churchill levou os três chefes de Estado-Maior até o jardim do edifício na Downing Street para tirarem uma fotografia. Já tinha preparado uma bandeja com copos e bebidas para eles e ergueu seu copo como os “arquitetos da vitória”. Ismay, que estava presente, escreveria mais tarde: “Eu esperava que eles levantassem seus copos ao chefe que tinha sido o autor do plano, mas talvez estivessem emocionados demais para

confiarem em suas vozes.”

Na manhã de terça-feira, 8 de maio, Churchill ficou na cama, trabalhando na emissão da vitória. Também mandou obter informações para se certificar de que não faltava cerveja na capital para as comemorações. Em dado momento, escapuliu do quarto e foi pelo corredor até a sala de mapas, levando champanhe e um grande queijo gruyère junto com um bilhete: “Para o capitão Pim e seus oficiais, com os cumprimentos do primeiro-ministro, no dia da vitória na Europa.” De Clementine, que estava em Moscou, chegou um telegrama de felicitações: “Todos os meus pensamentos estão com você nesse dia supremo, meu querido. Isso não poderia ter acontecido sem você.”

Pouco depois das 13h, Churchill deixou a Downing Street e foi ao palácio de Buckingham, onde almoçou com o rei. “Felicitamo-nos um ao outro pelo fim da guerra na Europa”, escreveu o rei em seu diário. “O dia pelo qual ansiávamos chegou, finalmente, e foi possível olhar para trás com gratidão a Deus pelo fim de nossas tribulações.” Regressando à Downing Street, às 15h, Churchill fez sua emissão pelo rádio ao povo britânico, descrevendo as diversas negociações de rendição e dizendo: “A guerra com a Alemanha está, portanto, terminada.” Em dado momento, Churchill mencionou “os malfeitores agora prostrados à nossa frente”. Ao som dessas palavras, ouviu-se um sussurro na multidão que se reunira na Parliament Square para ouvir o discurso.

Churchill alertou a população para o fato de que ainda faltava ganhar a guerra ao Japão, dizendo que “o Japão, com toda a sua capacidade de traição e toda a sua cobiça, permanece por dominar”. Ele terminou o discurso com três palavras: “Em frente, Britânia!”

Randolph voava de Belgrado para Caserta, a 2.400 metros de altitude, quando ouviu as palavras do pai. “Fiquei muito comovido com seu esplêndido discurso”, telegrafou ele ao chegar à Itália. Clementine escutou o discurso do marido por meio de um receptor na embaixada britânica em Moscou. Com ela estava o antigo primeiro-ministro francês, Edouard Herriot, que tinha visto Churchill pela última vez em Tours, em junho de 1940, com lágrimas a escorrer pelo rosto ao saber que o governo francês desistiria da luta. Agora, era Herriot que chorava.

Após terminada a emissão, Churchill foi conduzido pelo meio de uma vasta multidão até a Câmara dos Comuns. “Todos nós cometemos erros, mas ficou demonstrado que a força das instituições parlamentares permite, ao mesmo tempo, conservar todos os atributos da democracia e conduzir uma guerra em sua forma mais dura e prolongada”, disse ele aos seus colegas deputados. Churchill recordou então como, 26 anos antes, tinha estado na Câmara dos Comuns e ouvido o anúncio dos termos da rendição alemã em novembro de 1918. Tinha havido uma ação de graças na igreja de St. Margaret; agora, do mesmo modo, ele propunha uma moção de interrupção e que todos os deputados fossem até a igreja. Mais tarde, nessa tarde, Churchill dirigiu-se à varanda do Ministério da Saúde, de onde falou, brevemente, às vastas multidões reunidas em Whitehall. “Essa vitória é de vocês”, disse-lhes. A isso, eles responderam num autêntico rugido: “Não, é sua!”

Nessa noite, enquanto as celebrações continuavam nas ruas de Londres, Churchill apareceu novamente na varanda e fez mais um curto discurso: “Um temível inimigo foi lançado ao chão e aguarda nosso julgamento e nossa misericórdia.” Depois, regressou à Downing Street, onde trabalhou numa pilha de telegramas de quinze centímetros de altura, sua habitual cota de trabalho de uma tarde. Um telegrama vinha do encarregado de negócios em Moscou, Frank Roberts, que relatava uma petulante queixa soviética acerca da preocupação britânica com o destino dos catorze políticos poloneses aprisionados às portas de Varsóvia sob a suposta proteção de um salvo-conduto. “Somos totalmente indiferentes a tudo o que os soviéticos possam dizer a título de propaganda”, respondeu Churchill. “Não desejamos continuar a manter discussões pormenorizadas com o governo soviético acerca de seus atos e opiniões.”

Esse telegrama foi enviado a Moscou duas horas antes da meia-noite. Uma hora depois, chegou um

telegrama de Eden, que estava em São Francisco: “Todos os meus pensamentos estão com você nesse dia que é tão essencialmente o seu dia. Foi o senhor que nos conduziu, animou e inspirou ao longo dos piores dias. Sem o senhor, o dia de hoje não poderia ter existido.”

13.

“Uma cortina de ferro”

Quarta-feira, 9 de maio de 1945, foi o primeiro dia de paz na Europa; durante toda a manhã, Churchill trabalhou na cama, almoçando também na cama. À tarde, foi com a filha Mary às embaixadas americana, francesa e russa, em cada uma das quais foram feitos brindes à vitória. Em Moscou, onde o dia estava sendo comemorado como o Dia da Vitória, Clementine encontrava-se entre as pessoas reunidas na embaixada britânica, de onde enviou um telegrama ao marido: “Estamos todos reunidos aqui, bebendo champanhe ao meio-dia e enviando-lhe felicitações no Dia da Vitória.”

No final desse dia, Churchill foi, como na noite anterior, à varanda do Ministério da Saúde, sobre a Whitehall, de onde falou à vasta multidão reunida: “Londres, como um grande rinoceronte ou como um grande hipopótamo, disse: ‘Façam o pior que puderem, Londres aguenta.’ Londres aguenta seja o que for.” Ele queria agradecer-lhes “por não terem vacilado durante os longos dias monstruosos nem durante as longas noites negras como o inferno”.

As celebrações nessa semana foram ensombradas pelos acontecimentos no leste: num telegrama para Eden em 11 de maio, Churchill exprimia seu temor de que as infiltrações soviéticas na Europa Central e nos Bálcãs, sobre as quais ele recebia relatórios de hora em hora, conduzissem a “um período de apaziguamento” seguido por “uma terceira guerra mundial”. Ele estava convencido de que “o perigo russo, que encaro como sendo enorme, pode ser mais bem enfrentado se nos mantivermos unidos”; no entanto, não via nenhuma forma de travar a imensa pressão soviética, especialmente no meio da euforia da vitória. Quando soube, através do Ministério das Relações Exteriores, que os catorze negociadores poloneses que tinham sido aprisionados anteriormente pelos soviéticos nos arredores de Varsóvia enquanto sob proteção de um salvo-conduto eram agora prisioneiros em Moscou, comentou: “Não vejo o que se possa fazer agora nesse interlúdio de festejos.”

Perturbado por notícias nos jornais acerca da iminente partida para o Pacífico de pelo menos metade das tropas americanas na Europa, Churchill telegrafou a Truman em 12 de maio para alertá-lo para o fato de que os russos tinham a possibilidade de manter “grandes efetivos em campo, ainda por um longo período de tempo”. Sentia “uma profunda inquietação”, dada a distorção russa das decisões de Yalta, sua atitude em relação à Polônia, sua avassaladora influência nos Bálcãs, “a combinação do poderio russo e dos territórios sob seu controle, ou ocupados, associados às técnicas comunistas em tantos outros países e, acima de tudo, à sua capacidade para manter vastos exércitos no ativo durante um grande período de tempo”. Qual seria a posição da Europa dentro de um ou dois anos, quando “os exércitos britânico e americano estiverem dissolvidos, o exército francês ainda não estiver formado em escala significativa e estivermos reduzidos a algumas divisões, principalmente francesas, enquanto a Rússia opta por conservar duzentas ou trezentas divisões em serviço ativo”?

O novo mapa da Europa dava a Churchill razões para alarme acerca das intenções soviéticas. “Desceu uma cortina de ferro à sua frente”, disse ele a Truman. “Não sabemos o que se passa por trás dela. Parece haver poucas dúvidas de que toda a região Lübeck-Trieste-Corfu estará em breve

completamente nas mãos russas.” A isso poderia ser acrescentada a “enorme área” da qual os americanos se preparam para retirar, no centro da Alemanha, entre Eisenbach e o Elba. Uma vez efetuada essa retirada, “uma larga fatia de muitas centenas de quilômetros de território ocupado pelos russos isolará a Polônia”. E então, com a atenção dos aliados ocidentais concentrada em infligir “pesadas penas” à Alemanha, “ficaria aberta aos russos, num período de tempo muito curto, a possibilidade de avançarem, se quiserem, até as águas do mar do Norte e do Atlântico”.

Churchill tentou pressionar Truman para que se aliasse a ele para atingir “um entendimento” com a Rússia ou “ver em que situação estavam com ela” antes que fosse feita uma retirada substancial das forças anglo-americanas da Europa. Isso só poderia ser feito num encontro pessoal com Stálin. “Esse ponto de um acordo com a Rússia antes que nossa força desapareça parece-me ultrapassar todos os outros”, concluiu Churchill. Truman concordou e fizeram-se planos para que ele e Churchill se encontrassem com Stálin, em Potsdam, dali a dois meses.

Na noite de 13 de maio, Churchill dirigiu-se pelo rádio ao povo britânico. Havia feito “na última quinta-feira” cinco anos desde que o rei o encarregara de “formar um governo nacional, com todos os partidos, para conduzir nossos assuntos”. Cinco anos era “muito tempo, em termos de vida humana, principalmente quando não há decréscimos por boa conduta”. Ele desejava dizer que “todos os nossos trabalhos e problemas tinham terminado. Então, eu poderia terminar meus cinco anos de serviço com satisfação e ouvir o mais graciosamente possível que estão fartos de mim e que acham que posso ser posto a pastar”. Porém, ainda havia “muita coisa para fazer”. No continente da Europa, “temos de assegurar-nos de que os objetivos simples e honrosos pelos quais entramos na guerra não serão abandonados nem esquecidos nos meses seguintes ao nosso sucesso e que as palavras ‘liberdade’, ‘democracia’ e ‘libertação’ não serão distorcidas em relação ao seu verdadeiro significado como nós o entendemos. Não adiantará punir os hitleristas por seus crimes se a lei e a justiça não passarem a governar e se os governos totalitários ou policiais tomarem o lugar dos invasores alemães”.

Em particular, Churchill antecipava um confronto com a Rússia sobre a soberania e independência da Polônia, da Tchecoslováquia, da Áustria e da Iugoslávia, mas queria acelerar também a entrada da Rússia na guerra contra o Japão, agora que a Alemanha estava derrotada. Essa decisão tinha sido tomada em Yalta. De volta à Downing Street em 14 de maio, Jock Colville anotou em seu diário: “O volume de trabalho é ainda maior do que quando fui embora. A vitória não trouxe qualquer repouso. O primeiro-ministro parece cansado e precisa lutar para conseguir forças para enfrentar os problemas que lhe são colocados.”

Churchill ainda tinha esperança de manter viva a coligação até a derrota do Japão. Essa esperança foi acentuada em 18 de maio, quando Attlee encontrou-se com ele na Downing Street para lhe dizer que estava “favoravelmente disposto” a persuadir o Partido Trabalhista a manter-se na coligação até o Japão se render. Outras três figuras trabalhistas importantes, Bevin, A. V. Alexander e Morrison, que haviam ocupado altas posições ministeriais sob a direção de Churchill desde maio de 1940, mostravam-se igualmente dispostas a continuar a manter a coligação. Churchill propôs um referendo nacional para garantir que essa era a vontade do povo. Attlee perguntou se seria possível incluir uma frase na carta formal em que Churchill propunha a continuação da coligação, segundo a qual o governo faria todo o possível para “implementar as propostas para a segurança social e pleno emprego contidas no relatório que apresentamos ao Parlamento”. Churchill concordou; essas propostas, um plano de quatro anos de reformas sociais, tinham sido elaboradas, a seu pedido, por William Beveridge, seu assistente nos dias anteriores à Primeira Guerra Mundial.

Como em maio de 1940, o Partido Trabalhista realizava seu congresso anual num momento de decisão política em maio de 1945. Em maio de 1940, a recusa dos ativistas do Partido Trabalhista, então

reunidos em Bournemouth, em servirem sob a direção de Chamberlain tinha conduzido Churchill ao poder. Agora eram a vontade igualmente forte de membros do partido de voltar à esgrima da política partidária, expressa em Blackpool, e a possibilidade de haver um primeiro governo trabalhista desde 1931 que garantiam o fim da coligação. Tinham passado dez anos desde as últimas eleições gerais. Muitos políticos trabalhistas tinham ocupado cargos no governo, sob a égide de Churchill, ganhando grande experiência, e desejavam, acima de tudo, pôr seus ideais socialistas em prática. Attlee, que estava em Blackpool, telefonou a Churchill no fim da tarde de 21 de maio para dar-lhe as notícias.

Churchill entendeu que nada poderia salvar a coligação. Ao meio-dia de 23 de maio, dirigiu-se ao palácio de Buckingham para apresentar sua demissão ao rei. Ele tinha chefiado um governo de todos os partidos, a “grande coligação”, como ele por vezes chamava, por um período de cinco anos e treze dias. O rei pediu-lhe que formasse um governo de transição até que se realizassem eleições gerais e se fizesse uma contagem dos votos dos soldados que se encontravam no estrangeiro, o que demoraria pelo menos dois meses. Churchill concordou em permanecer como primeiro-ministro e em formar uma administração conservadora. “Devemos ter esperança de uma nova união quando as paixões partidárias forem menos fortes”, escreveu ele a Bevin.

Na manhã de 26 de maio, Churchill concluiu as últimas nomeações ministeriais. Depois foi ao seu círculo eleitoral, com Clementine, para fazer seu primeiro discurso no que era agora uma campanha eleitoral. Seu tema foi a necessidade de manter no poder o governo conservador de transição, porque “tomaremos conta de tudo o que afeta o bem-estar da Grã-Bretanha e de todas as classes na Grã-Bretanha”. Dois dias depois, ofereceu uma festa de despedida ao seu Gabinete na Downing Street. Enquanto fazia um pequeno discurso de despedida, lágrimas escorreram pelo seu rosto. “A luz da história brilhará nos elmos de todos vocês”, disse-lhes.

Uma fotografia final do Gabinete deveria ser tirada no jardim. Tinha começado a chover. Enquanto o fotógrafo montava sua câmara e rearranjava o grupo, Churchill comentou: “É melhor resolvermos isso ou meus opositores políticos ainda dirão que isso foi uma conspiração para deixar todos vocês com reumatismo!” Tirada a fotografia, Churchill foi levado ao palácio de Buckingham, onde beijou mãos em sua nova nomeação como primeiro-ministro.

A campanha para as eleições gerais começou verdadeiramente. O tema principal de Churchill eram os perigos inerentes ao socialismo. Observando com angústia os regimes que estavam sendo impostos na Europa Oriental pelos soviéticos, avisou numa emissão de rádio, em 4 de junho, que nenhum governo trabalhista “poderia permitir expressões livres, ásperas ou violentas do descontentamento público” e prosseguiu, declarando que eles teriam de recorrer “a uma forma qualquer de Gestapo, sem dúvida orientada de uma forma muito humana numa primeira fase. E isso cercearia a opinião logo à nascença e travaria as críticas logo ao levantarem a cabeça, concentrando todo o poder no partido supremo e nos chefes do partido, que se erguerão como pináculos acima das suas vastas burocracias de empregados públicos que deixariam de ser empregados e deixariam de ser públicos”. “Onde estaria a gente simples, o povo comum, uma vez agarrados pelo seu punho de ferro?”, perguntou ele.

Churchill não só avisou que um governo trabalhista traria consigo “uma forma qualquer de Gestapo” como afirmou que o socialismo estava “inseparavelmente interligado ao totalitarismo e ao abjeto culto do Estado”. Não apenas a propriedade, mas também a liberdade, “em todas as suas formas”, era atacada pelos conceitos fundamentais do socialismo.

O “Discurso da Gestapo”, como rapidamente passou a ser conhecido, foi recebido com críticas generalizadas. Sarah escreveu ao pai com aprovação, dizendo-lhe que, se ela fosse uma eleitora trabalhista “pensante”, esse discurso a teria feito pensar em termos completamente novos acerca do socialismo, mas continuava dizendo que “não tinha certeza” de que os eleitores trabalhistas entendiam

por que razão o que ele tinha afirmado seria realmente assim. “O socialismo, como praticado em tempo de guerra, não fazia mal a ninguém e até fazia bem a muita gente”, assinalou ela.

As crianças deste país nunca foram tão bem alimentadas nem tão saudáveis; o leite que existia era compartilhado por igual, os ricos não tinham morrido por sua ração de carne não ser maior que a porção dos pobres e não resta dúvida de que esse compartilhamento comum e o sentido de sacrifício foi um dos elos mais fortes que nos uniram. Por que esse sentido comum de sacrifício não pode ser posto em prática com a mesma eficácia em tempo de paz?

Sarah acrescentou: “Não pense que me tornei uma rebelde!”

Numa emissão posterior, em 13 de junho, Churchill sublinhou os aspectos construtivos e os objetivos do conservadorismo e, por sugestão de Sarah, falou sobre o Plano de Quatro Anos do governo de coligação, preparado por Beveridge e publicado dois anos antes, para seguros sociais, seguros de acidentes industriais e um serviço nacional de saúde destinado “a ser formulado pelo Parlamento e a desempenhar um papel dinâmico na vida e na segurança de todas as famílias e todos os lares”. Ele anunciou ainda que os conservadores planejavam também o fornecimento de leite gratuito “aos muitos pobres” e aos menores de 5 anos. Porém, sentiu ainda a necessidade de censurar, nos “termos mais severos”, os esforços dos socialistas para “arrastarem suas modas de longo prazo e suas elaboradas utopias pelo caminho prático da necessidade e do dever”. Também alertou, num eco de seu “Discurso da Gestapo”, que, se o sistema socialista chegasse ao poder, “a mudança natural de partidos no poder, de tempos em tempos, chegaria necessariamente ao seu fim e seria utilizada uma polícia política para impor um sistema absoluto e permanente à nação”.

Churchill terminou sua emissão em 13 de junho com uma referência adicional à política social, que lhe fora sugerida por Sarah, na forma de um programa de fomento à habitação que utilizaria “expedientes de tempo de guerra” para garantir que fossem construídas casas para todos. “Todos os métodos, públicos ou privados, para construir casas, temporárias ou permanentes, serão utilizados, e todas as obstruções, sejam elas fixação de preços, práticas de monopólio ou qualquer forma de obstáculo, serão atacadas com todo o poder do Parlamento e da nação”, disse ele. Esse era um compromisso firme e agressivo, mas a emissão não caiu bem. A referência à polícia política foi considerada ofensiva por uns e ridícula por outros, gente em cujos votos uma maioria conservadora precisaria apoiar-se. Além disso, houve um cansaço em ambas as emissões, que foi objeto de comentários. “O verdadeiro primeiro-ministro não esteve em nenhuma das duas emissões”, disse um membro do pessoal de Churchill, Edith Watson, a lorde Moran. “Não tinha garra”, acrescentou ele.

Ao longo da campanha eleitoral, Churchill continuava a pensar nos acontecimentos na Europa Oriental; em 14 de junho, a rádio Moscou anunciou que os catorze chefes políticos poloneses aprisionados num local próximo a Varsóvia seriam levados a julgamento em Moscou. Ao mesmo tempo, não obstante um protesto pessoal de Churchill a Eisenhower, os americanos começaram a retirar suas tropas de uma larga faixa de território na Alemanha Central e na Tchecoslováquia para uma linha acordada previamente com os russos, onde as forças soviéticas assumiriam o controle. Churchill acreditava que o conflito com a Rússia devia ser evitado, dizendo a Eden: “O abismo entre a Grã-Bretanha e a Rússia é intransponível exceto por meio de relações diplomáticas amigáveis.” Ele prosseguiu sublinhando que “a similitude e a unidade” que a Grã-Bretanha tinha com os Estados Unidos não só cresceria, como era também “indispensável para a nossa segurança”.

Iniciaram-se os preparativos para a conferência final das três potências, a realizar-se em Potsdam dali a um mês. Em 14 de junho, Churchill disse na Câmara dos Comuns que levaria Attlee com ele, caso alguém comentasse: “Por que se compromete com algo para o qual não tem autoridade, visto que as urnas de voto podem retirar-lhe essa autoridade?” Nesse momento, um deputado trabalhista gritou: “O ilustre cavalheiro vai levar também a Gestapo?”

Não obstante os contínuos ecos do “Discurso da Gestapo”, a popularidade pessoal de Churchill continuava a ser enorme, como atestavam, em quase toda a parte, as vastas multidões que vinham aclamá-lo em cada ponto em que fazia discursos eleitorais. Era como se o chefe da nação durante os anos de guerra e o dirigente de um partido mergulhado num combate eleitoral fossem dois homens separados. “A caminho de Chequers, na noite passada, o carro do primeiro-ministro foi obrigado a parar num engarrafamento perto de White City, onde muita gente saía das corridas de galgos”, escreveu John Martin à sua esposa em 17 de junho. “Imediatamente foi cercado por uma multidão extremamente entusiástica sorrindo, acenando e aclamando, sem nenhum sinal de inimizade ou oposição. Foi uma demonstração notável, e essa era de fato a ‘gente comum’.”

Em 18 de junho, iniciou-se em Moscou o julgamento dos catorze dirigentes políticos poloneses; mais uma vez, as preocupações de Churchill incidiam sobre a tirania do comunismo no leste, mas sua emissão eleitoral dois dias depois não teve resultados melhores do que as duas anteriores. “Ele está muito para baixo, coitado”, escreveu Clementine a Mary. “Está convencido de que perdeu o ‘jeito’ e lamenta-se.” Em sua emissão, avisou que um governo socialista “não se deixaria desafiar ou derrotar em qualquer ocasião e em qualquer forma de Parlamento que eventualmente fosse autorizado”. As críticas de Churchill ao socialismo não o desviavam, no entanto, de suas próprias opiniões radicais, que ele tinha expressado com tanta energia 35 anos antes. Numa carta a Eden, em 23 de junho, comentou: “Não há nada imoral na nacionalização, desde que se pague aos proprietários originais de forma justa.”

Em 21 de junho, quando a campanha eleitoral atingiu seu auge, chegaram notícias de Moscou que diziam que doze entre os catorze dirigentes poloneses tinham sido condenados a penas de prisão de até oito anos. Para Churchill, que tinha lutado energicamente por um futuro democrático na Polônia, essas notícias foram a confirmação final de que a tirania seria imposta onde quer que o comunismo imperasse.

O que Churchill mais temia na Inglaterra não era um programa socialista em si, mas o controle que seria exercido sobre o partido parlamentar trabalhista pelo órgão executivo do partido; “gente não eleita”, como ele dissera em sua emissão de 20 de junho, gente que “compartilharia os segredos e daria ordens” aos chamados “ministros da Coroa”. Esse receio era reforçado pela afirmação do presidente do executivo do Partido Trabalhista, Harold Laski, de que, embora Attlee fosse a Potsdam com Churchill, o Partido Trabalhista não se comprometeria com quaisquer decisões lá tomadas, visto não terem sido debatidas no executivo do partido.

Em 30 de junho, em sua última emissão no período eleitoral, Churchill alertou para a influência do executivo do Partido Trabalhista sobre seus ministros, que era “incompatível com os métodos até então em prática corrente na vida pública britânica” e feriria “as raízes de nossas instituições parlamentares”. Àqueles que estavam convencidos de que poderiam votar tanto no partido trabalhista quanto no liberal, sem o perderem como primeiro-ministro, ele declarou: “Não existe qualquer verdade nas histórias de que podem, nessas eleições, votar pelos meus opositores políticos, quer sejam trabalhistas quer liberais, sem ao mesmo tempo votarem na minha demissão do poder. Não hesitem se considerarem que é correto e é o melhor para a nação. Só peço que o façam com os olhos abertos.”

Aos seus colegas do Gabinete, Churchill, num memorando de 3 de julho, sublinhou a necessidade de um “esforço intensivo” na construção de casas, a ser efetuado com a mesma energia que tinha sido usada “em qualquer das batalhas que nós ganhamos”. Pediu-lhes também para prepararem a legislação para um

Sistema Nacional de Seguros e para um Serviço Nacional de Saúde. Essa parte de seus esforços era desconhecida pelo eleitorado; nessa tarde, em Walthamstow, onde os trabalhistas gozavam de uma popularidade crescente, os gritos e as interrupções foram tais que ele mal conseguiu falar.

Haveria trezentos candidatos liberais para essas eleições, liderados por Sir Archibald Sinclair, que Churchill tinha encorajado a entrar para o Parlamento, como liberal, imediatamente depois da Primeira Guerra Mundial. Outra entre os amigos liberais de Churchill era Horatia Seymour, que tinha uma vivenda em Chartwell. Liberal desde sempre, ela pretendia votar pelos liberais mais uma vez, segundo escreveu-lhe em 3 de julho, dizendo também que não diria a nenhum candidato para abdicar em favor do candidato conservador, como Churchill desejava. “O critério e a inteligência” do Partido Conservador tinham estado “em falta de forma muito atroz nos anos anteriores a 1939” escreveu ela. “E ninguém me ensinou mais sobre isso do que *você*, meu querido Winston.”

As eleições realizaram-se em 5 de julho. Para que fosse permitida a contagem dos votos dos militares, haveria um intervalo de três semanas antes de serem anunciados os resultados. Churchill já tinha planejado férias de dez dias entre o dia das eleições e o início da Conferência de Potsdam. Em 7 de julho, voou até Bordeaux, seguindo depois de automóvel para o castelo de Bordaberry, próximo à fronteira com a Espanha, onde passaria uma semana de repouso. Pela manhã, nadava nas águas do Atlântico. À tarde, pintava. “Winston, a princípio, estava cansado e deprimido, mas a magia da pintura em breve se apoderou dele, absorvendo-o durante horas sem fim e afastando-o de pensamentos perturbadores, quer do presente quer do futuro”, recordaria Mary mais tarde.

Churchill enviou apenas um único telegrama oficial durante as férias. Era dirigido ao marechal de campo Montgomery, agora comandante-chefe do Exército Britânico de Ocupação, e dizia: “Por favor, assegure-se de que não sejam destruídas instalações nas quais os alemães tenham efetuado trabalho de pesquisa e de desenvolvimento. Muitos dos equipamentos podem ser aproveitados e utilizados por cientistas e engenheiros.” Enviou também uma única minuta ao ministro das Finanças, Sir John Anderson, pedindo-lhe para ser feita uma “rigorosa análise” das Forças Armadas, de modo que, sem ser afetado o esforço de primeira linha contra o Japão, fosse libertada “a mão de obra necessária para trabalhos de exportação e para atividades civis”.

Na tarde de 15 de julho, Churchill partiu com Mary de Bordeaux para Berlim, num voo de quatro horas e meia. Sua pausa de uma semana tinha chegado ao fim. Esperando para o acolherem na vivenda que seria sua base em Potsdam, na Ringstrasse, nº 23, estavam Eden, Attlee, Alexander e Montgomery “O primeiro-ministro parece muito envelhecido”, escreveu Montgomery a um amigo. “Fiquei chocado quando o vi. Ele envelheceu dez anos desde a última vez que eu o vi.”

Na manhã seguinte, Churchill teve seu primeiro encontro com Truman, passando duas horas na residência de Truman em Berlim, a quinhentos metros da sua base. “Ele me disse que gostou imediatamente do presidente. Eles falam a mesma língua”, escreveu Mary à sua mãe. “Ele diz ter certeza de que poderá trabalhar com ele.” Nessa tarde, Churchill foi levado para visitar as ruínas da chancelaria de Hitler. Na praça em frente ao edifício, tinha se juntado uma multidão de alemães. Exceto um velho “que sacudiu a cabeça com um ar de censura, todos começaram a dar vivas”, recordaria Churchill mais tarde. “Meu ódio tinha morrido com a rendição, e fiquei bastante comovido com suas demonstrações e também com seu aspecto abatido e suas roupas acabadas.”

Em seu segundo dia em Potsdam, Churchill almoçou na Ringstrasse, com Truman e o secretário da Guerra americano, Henry Stimson, que colocou um pedaço de papel à sua frente com a frase “Os bebês nasceram bem”. Churchill não tinha a menor ideia do que aquilo queria dizer. “Isso significa que a experiência no deserto, na América, deu bons resultados. A bomba atômica é uma realidade.”

Ainda não diriam nada a Stálin sobre esse extraordinário desenvolvimento. Na primeira sessão após

o almoço de Churchill com Stimson, Churchill pressionou acerca da “realização imediata de eleições livres na Polônia, que refletiriam verdadeiramente os desejos do povo polonês”, uma das principais decisões da Conferência de Yalta. Num encontro particular com Stálin, depois da sessão, Churchill falou sobre o povo alemão, que sempre tinha acreditado “num símbolo”. “Se tivesse sido permitido que um Hohenzollern reinasse após a guerra anterior, não teria havido um Hitler”, completou Churchill. Ainda que ele não tivesse dito, vira pela primeira vez um Hohenzollern, o imperador Guilherme II, 54 anos antes, em maio de 1891, no palácio de Cristal em Londres.

Durante um momento de conversa casual, Stálin contou a Churchill que tinha começado a fumar charutos. Churchill comentou que uma fotografia de Stálin fumando charuto divulgada para todo o mundo “certamente causaria uma imensa sensação”.

Em 18 de julho, Truman foi o convidado de Churchill ao almoço. Durante duas horas estiveram sós. Churchill perguntou-lhe se a “rendição incondicional” não poderia ser exprimida de “outra forma” em relação ao Japão, “de modo que possamos obter todos os fatores essenciais para a paz e segurança futuras, mas deixando aos japoneses sua honra militar e alguma garantia de sua existência nacional após terem cumprido todas as garantias necessárias ao conquistador”. Truman comentou, segundo os registros da conversa, que não achava que os japoneses ainda tinham alguma honra militar após Pearl Harbour.

Churchill também falou a Truman sobre suas esperanças na mais estreita cooperação possível entre as duas nações no pós-guerra. Quando Truman mencionou a necessidade de mesmo os acordos bilaterais serem efetuados sob a égide das Nações Unidas, Churchill comentou que as propostas seriam destituídas de significado se fossem comuns a todos; um homem podia propor casamento a uma jovem, mas isso “não significaria nada se lhe fosse dito que ela seria sempre como uma irmã para ele. Eu desejo, sob qualquer forma ou cobertura, uma continuação do atual sistema do tempo de guerra, com facilidades recíprocas entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, no que diz respeito a bases e a pontos de abastecimento de combustíveis em sua posse”. Truman pareceu “em total acordo nesse ponto, desde que pudesse ser apresentado de uma forma adequada e não tomar o aspecto cru de uma aliança *à deux*”, anotou Churchill.

No fim da conversa, Truman disse a Churchill que tinha sido “seu almoço mais agradável em muitos anos”. Truman tinha reagido de uma “forma encorajadora” à proposta de Churchill de manutenção dos Estados-Maiores Conjuntos “até o mundo se acalmar após a grande tempestade”. No entanto, nessa mesma tarde, quando falavam sobre a guerra contra o Japão, Churchill soube que os Chefes dos Estados-Maiores americanos, embora dispostos a discutir com seus congêneres britânicos sobre assuntos estratégicos de caráter geral, só o fariam com a condição de que, em caso de desacordo, “a decisão sobre a ação pertença aos chefes de Estados-Maiores americanos”. A Grã-Bretanha, embora dando uma contribuição substancial à guerra contra o Japão, deveria aceitar a direção estratégica americana, como essencialmente tinha feito também na Europa.

A segunda sessão aconteceu na tarde de 18 de julho. Quando Churchill pressionou Stálin acerca da Polônia, o dirigente soviético garantiu-lhe que o governo provisório “nunca tinha se recusado a realizar eleições livres”. Após uma hora e vinte minutos, a sessão foi dada por terminada, “para grande aborrecimento do primeiro-ministro, que queria continuar a falar e ficou muito desapontado, como uma criança a quem tiraram os brinquedos, escreveu numa carta Sir Alexander Cadogan. “Contudo, Truman deu o trabalho por encerrado”, concluiu ele.

Nessa noite, Churchill jantou sozinho com Stálin. Estiveram juntos durante cinco horas. O povo russo, segundo Stálin disse a Churchill, não tinha educação e boas maneiras “e ainda tem muito a aprender”. Previu também uma maioria conservadora de 80% nas eleições gerais. Por sua vez, Churchill, voltando à política global, disse que a Rússia seria “bem-vinda como uma grande potência marítima” no estreito de Dardanelos, no Pacífico e no canal de Kiel, “que deveria ter um regime internacional, como o canal de

Suez”. Falando sobre as nações da Europa Central, Stálin garantiu a Churchill que ele era “contra a ‘sovietização’ de qualquer dessas nações. Elas terão eleições livres”. Como sua garantia sobre a Polônia, isso também era mentira.

Na manhã de 21 de julho, houve em Berlim uma parada britânica da vitória. No percurso para a tribuna de honra, Churchill e Attlee foram em jipes separados ao longo de uma fileira de tropas que aplaudiam. O secretário particular de Churchill, John Peck, refletiria:

Ocorreu-me, e talvez a outras pessoas também, que era decididamente bizarro que Winston Churchill, o grande chefe sem o qual nunca teríamos estado, de forma alguma, em Berlim, teve uma aclamação decididamente menos entusiástica do que Attlee que — sem prejuízo de sua contribuição para a coligação — não tinha até então conseguido nenhum impacto pessoal sobre as Forças Armadas.

Nessa tarde, em mais uma sessão, Churchill e Attlee protestaram junto a Stálin por a nova fronteira polonesa estar sendo traçada muito a ocidente, incluindo na Polônia uma quarta parte da terra arável da Alemanha de antes da guerra. Eles foram apoiados em seu protesto por Truman, mas Stálin não tinha qualquer intenção de devolver a Silésia à Alemanha. Ele, numa reunião posterior dominada pela discussão sobre a Polônia, nem aceitaria que as cidades de Stettin e Breslau ficassem na Alemanha; a nova fronteira entre a Polônia e a Alemanha seria o Oder e o Neisse Ocidental. Os esforços combinados de Churchill e de Truman não o fizeram mudar de opinião.

Os americanos tinham feito novas descobertas acerca da natureza do teste da bomba atômica efetuado no deserto do Novo México. Na manhã de 22 de julho, Stimson encontrou-se com Churchill para dar-lhe pormenores: a devastação tinha sido total dentro de um círculo de 1.600 metros de raio. Churchill foi imediatamente ao encontro de Truman. Para Churchill, essa era a arma que poderia dar aos japoneses “a desculpa para salvar sua honra e libertá-los da obrigação de serem mortos até o último combatente”.

Em 23 de julho, Churchill ofereceu um banquete em honra de Stálin e Truman. Durante um brinde, Stálin subitamente perguntou a Churchill, que nesse mesmo dia se opusera ao pedido de Stálin de uma base naval soviética no mar de Mármara ou no estreito de Dardanelos, se a Rússia poderia ter uma base no mar Egeu, no porto grego de Dedeagatch, à saída do estreito. Churchill não se comprometeu, limitando-se a dizer a Stálin: “Apoiarei sempre a Rússia em sua luta pela liberdade dos mares ao longo de todo o ano.”

Churchill e Attlee tinham planejado voltar a Londres em 25 de julho para a divulgação dos resultados das eleições. O vencedor voltaria a Potsdam dois dias depois para prosseguir com a conferência. Nessa noite, Churchill perguntou a Eden: “O que o partido diz sobre o resultado das eleições?” “Eles ainda pensam que ficaremos com uma maioria de cerca de setenta por cento”, respondeu Eden.

No dia anterior ao seu regresso a Londres, Churchill encontrou-se com oito dirigentes comunistas poloneses, que tinham vindo de Varsóvia para se encontrarem com ele. Em vão, Churchill tentou persuadi-los a permitirem que a Alemanha retivesse partes da Silésia. Quando os instou a conduzirem eleições “livres e abertas” na Polônia e a estabelecerem um governo multipartidário, conforme acordado em Yalta, seu chefe, Boleslaw Bierut, garantiu-lhe que o futuro desenvolvimento político da Polônia “seria baseado nos princípios da democracia ocidental”. Era uma garantia sem qualquer valor: Bierut seria o governante de um regime tão estritamente stalinista como qualquer outro do Leste Europeu.

Na sessão da tarde de 24 de julho, Churchill rejeitou o pedido de Stálin para uma base naval soviética no mar de Mármara e recusou o uso de força na entrega dos cerca de 10 mil prisioneiros ucranianos que tinham servido no exército alemão e que estavam à guarda dos britânicos, aguardando repatriamento para a Rússia, também conforme acordado em Yalta.

Haviam passado dois meses e meio desde a derrota da Alemanha. A derrota do Japão parecia depender não da participação soviética na guerra, mas da bomba atômica. No final da sessão de 24 de julho, Truman chamou Stálin à parte para falar-lhe sobre a nova arma. Churchill, que estudava a reação de Stálin enquanto escutava a descrição de Truman, relatou-a assim: “Uma nova bomba! De um poder extraordinário! Provavelmente decisiva para toda a guerra com o Japão! Que sorte!” Nessa noite, Churchill jantou apenas com o almirante lorde Louis Mountbatten, comandante-chefe no Sudoeste Asiático, que convidou para jantar na Downing Street na próxima vez que estivesse em Londres, quando conversariam sobre o futuro do almirante. “Tenho grandes planos para você”, disse-lhe Churchill. Mountbatten, que tinha estado na Índia com as tropas britânicas que já tinham votado nas eleições, escreveria mais tarde: “Era uma sensação estranha e melancólica estar ali e fazer planos com um homem que parecia tão confiante de que eles se realizariam enquanto eu tinha certeza de que ele perderia seu lugar dentro de 24 horas.”

Churchill e Attlee deveriam deixar Potsdam na tarde de 25 de julho. Nessa manhã, Churchill teve um segundo encontro com Boleslaw Bierut, que novamente assegurou-lhe que a Polônia do pós-guerra não emularia o sistema soviético. Iria sim, procurar seguir o “modelo inglês da democracia”: a Polônia seria “uma das nações mais democráticas da Europa”, a “totalidade do exército russo” deixaria a Polônia e as eleições polonesas seriam “ainda mais democráticas do que as eleições da Inglaterra”. No entanto, Churchill sabia que a Polônia democrática, pela qual a Inglaterra tinha ido para a guerra em setembro de 1939 e tinha tentado apoiar em Teerã e em Yalta, já não existia.

Em mais uma sessão nessa manhã, Churchill tentou pressionar Stálin a não forçar as fronteiras da Polônia tão para oeste. Stálin recusou mais uma vez seu pedido, mas contra-atacou com a proposta de que o carvão extraído no Ruhr pelos alemães fosse enviado para a zona russa da Alemanha e para a Polônia. Churchill argumentou que isso só poderia ser feito em troca de alimentos para os alemães. Stálin discordou, respondendo a Churchill: “Ainda há muita gordura na Alemanha.”

Não foi alcançado qualquer acordo, a não ser adiar o assunto “até um encontro futuro”. Eram 12h15. A nona sessão da Conferência de Potsdam tinha terminado. Não parecia haver necessidade de despedidas. Quer Stálin quer Truman esperavam Churchill dentro de 48 horas, ainda primeiro-ministro e ainda responsável pela equipe de negociação da Grã-Bretanha. Churchill voltou à Ringstrasse, de onde, poucos minutos depois, foi conduzido ao aeródromo de Gatow. Às 13h23, seu avião decolou para a Grã-Bretanha. Duas horas e vinte minutos depois, aterrissou em Northolt, onde lhe disseram que havia um considerável pessimismo na sede do Partido Trabalhista, onde se esperava que os conservadores ganhassem as eleições com uma maioria de trinta lugares. Ainda que fosse uma margem inferior à estimativa de Eden, ainda seria suficiente para garantir uma maioria efetiva.

Nessa tarde, ao jantar na Downing Street, Churchill soube que sua filha Diana e o marido, Duncan Sandys, estavam “muito entusiasmados sobre o destino de Duncan” em seu círculo eleitoral de South London. Nessa noite, antes do amanhecer, Churchill acordou com o que mais tarde recordou como “uma guinada de uma dor quase física”. A convicção, “até então subconsciente, de que tínhamos sido vencidos brotou e dominou meu pensamento”. O poder para moldar o futuro seria negado a ele. “O conhecimento e a experiência que eu tinha acumulado e a autoridade e a boa vontade que eu tinha granjeado em tantos países desapareceriam.”

Às 10h dessa manhã, quinta-feira, 20 de julho, o capitão Pim recebeu os primeiros resultados

eleitorais: dez lugares conservadores tinham ido para os trabalhistas. Ele foi imediatamente ao encontro de Churchill. “O primeiro-ministro estava no banho, e sem dúvida pareceu surpreendido, se não chocado”, lembraria ele mais tarde. “Pedi-me para trazer-lhe uma toalha e, daí a alguns minutos, vestido com seu roupão azul e fumando um charuto, estava sentado em sua cadeira na sala de mapas, onde permaneceu durante todo o dia.” Ao meio-dia já estava claro que haveria uma avalanche a favor dos trabalhistas. Randolph Churchill e Duncan Sandys estavam entre os deputados conservadores que tinham perdido seus lugares. “Até o dia da minha morte, nunca me esquecerei da coragem e da resignação que o senhor demonstrou nesse infeliz almoço, após ser conhecida a derrota” escreveu David Margesson a Churchill, seis anos depois. “Foi um exemplo aterrorizante sobre como levar um murro sem pestanejar.”

“Talvez seja uma bênção disfarçada”, comentou Clementine. “Nesse momento, parece muito bem disfarçada”, respondeu Churchill. Com 393 lugares no novo Parlamento, os trabalhistas tinham uma maioria de 146 em relação a todos os outros partidos. Os lugares dos conservadores tinham caído de 585, no Parlamento de 1935, para 213. Pela primeira vez na história da Grã-Bretanha tinha havido mais votos para os trabalhistas do que para os conservadores. Quando Moran mencionou a “ingratidão” do povo britânico, Churchill respondeu: “Eu não lhe daria esse nome. Eles passaram por tempos difíceis.”

Constitucionalmente, Churchill poderia ter voltado a Potsdam como primeiro-ministro e apresentado sua demissão apenas quando o Parlamento tornasse a reunir-se, alguns dias mais tarde, mas ele estava decidido a aceitar o veredicto do eleitorado sem mais demora e dirigiu-se ao palácio de Buckingham às sete horas para apresentar sua demissão ao rei. Ele era agora o líder da oposição. Duas horas depois, uma declaração que tinha ditado em seu regresso do palácio foi lida no rádio. “Imensas responsabilidades aqui e no estrangeiro caem agora sobre o novo governo”, disse ele. “Todos devemos ter esperança em seu sucesso em arcar com elas.”

Na manhã seguinte, 27 de julho, Attlee voou para Potsdam. Churchill, tendo deixado de ser o chefe da nação, permaneceu em Londres. Durante a manhã, despediu-se dos chefes de Estado-Maior. “Foi um encontro muito triste e comovente, em que me senti incapaz de ficar por medo de desabar”, escreveu Brooke em seu diário. “Ele estava aguentando o golpe maravilhosamente bem”, acrescentou ele. A seguir, despediu-se de suas secretárias particulares e do Gabinete. No fim, Churchill chamou Eden. “Ele estava desfeito, coitado”, escreveu Eden em seu diário. “Disse que não se sentia mais resignado essa manhã. Pelo contrário, doía mais como uma ferida que se torna mais dolorosa após o primeiro choque.”

Quarenta anos depois, Elizabeth Layton recordaria como, na noite de 27 de julho, “Mary estava em lágrimas, a sra. C. foi para a cama cedo e o sr. C. permaneceu calmo”. Quando se preparava para tomar banho, Churchill chamou o capitão Pim. “Ele perdeu a cor na banheira”, recordaria Pim mais tarde. “Pensei que ele desmaiaria. Então, voltou-se para mim e disse: “Eles têm todo o direito de votar como quiserem. Isso é democracia. Foi por isso que combatemos.”

Durante esse fim de semana, não chegaram em Chequers caixas de telegramas para manter a mente de Churchill atenta às pressões e aos eventos do dia. Na noite de 28 de julho, Mary “viu com desespero o descer de uma nuvem negra de desânimo”. Ela e Sarah puseram para ele seus discos favoritos de Gilbert e Sullivan, mas sem efeito. Porém, algumas marchas francesas e americanas “deram-lhe um tom animador” e, finalmente, “Run Rabbit Run” e o “Mágico de Oz” tiveram um efeito encorajador. No dia seguinte, Churchill escreveu a Hugh Cecil, seu rebelde colega conservador de quarenta anos antes:

Tenho de confessar que considerei o acontecimento de quinta-feira muito estranho e bizarro, principalmente depois de todos os maravilhosos acolhimentos que tive por parte de todas as classes. Havia algo que estava reprimido no povo britânico por vinte anos e que exigia uma

descarga. É novamente como em 1906. Minha fé na flexibilidade da nossa Constituição e nas qualidades do povo britânico permanece inalterável. Devemos esperar grandes mudanças às quais a geração mais velha terá dificuldade em se adaptar. Os próximos dois anos apresentarão dificuldades administrativas de uma natureza sem precedentes e pode acontecer que uma administração trabalhista tenha uma chance muito melhor de resolvê-las do que nós.

Churchill era consistente nessa opinião, tendo dito a Brendan Bracken que pretendia apoiar os “homens estáveis” do Partido Trabalhista a conter os “selvagens”. Sobre o novo ministro da Guerra, J. J. Lawson, ele escreveu a Brooke: “Tenho certeza de que vão gostar do novo ministro. Ele é uma pessoa absolutamente correta e decente, mas vai precisar de toda a sua ajuda e da ajuda do Ministério.” Ele também escreveu a Attlee em 3 de agosto: “Antecipo discutir vários assuntos com você quando o Parlamento reabrir. Temos uma imensa quantidade de trabalho a fazer em comum, trabalho em que concordamos e nos comprometemos.” Dois dias antes, Marian Holmes, que tinha permanecido na Downing Street, agora às ordens de Attlee, tinha escrito em seu diário:

Trabalhar para o novo primeiro-ministro é muito diferente. Ele só nos chama quando precisa ditar alguma coisa. Nada de conversa, nem gracejos nem comportamento caprichoso. Só ordens em ritmo de metralhadora. Perfeitamente bem-educado e tenho certeza de que ele é um perfeito cavalheiro cristão, mas a diferença é a mesma que entre champanhe e água.

Churchill estava a quatro meses de seu 71º aniversário. Tinham passado quase seis anos desde o final de sua década de exílio e seu retorno ao centro da administração em tempo de guerra. Ele nunca se tinha poupado, nunca tinha descansado, nunca tinha aceitado empate ou derrota. Sua esposa temia que, uma vez pousado seu fardo, ele pura e simplesmente se desvaneceria. No entanto, suas energias eram formidáveis, mesmo após tanto esforço. Ele se mantinha alerta e vigilante, mas era muito duro tolerar o fato de que seu poder para influenciar os acontecimentos tinha acabado. Em Potsdam, Truman aceitou a insistência de Stálin em que o Neisse Ocidental fosse a fronteira oeste da Polônia. Attlee concordou com os americanos. Churchill comentaria, um ano depois: “Eu nunca teria concordado com o Neisse Ocidental e estava a guardá-lo para o ‘confronto final’.”

Em 6 de agosto, foi lançada uma bomba atômica sobre Hiroshima. O efeito foi devastador; o número de vítimas identificadas foi de 138.690. Um ano mais tarde, Churchill diria a Mountbatten: “A decisão de lançar a bomba é talvez a única coisa que a história questionaria”. Ele acrescentou: “Meu Criador poderá perguntar-me por que eu a utilizei, e eu me defenderei vigorosamente respondendo: ‘Por que nos deu o conhecimento quando a humanidade estava empenhada em batalhas furiosas?’” Ele escreveu a Bernard Shaw em agosto de 1946: “Você pensa que a bomba atômica significa que o arquiteto do universo finalmente se cansou de escrever seu interminável roteiro? O lançamento da bomba atômica parece ser o novo ponto de virada.”

No dia seguinte ao lançamento da bomba de Hiroshima, Churchill disse a um amigo que, se tivesse continuado como primeiro-ministro, teria persuadido os americanos a empregarem seu novo poder para “conter os russos”. Teria “um confronto com Stálin e diria a ele para se portar razoável e decentemente na Europa e chegaria ao ponto de ser brusco e violento, se necessário”. Truman e seus conselheiros tinham mostrado “fraqueza em sua política”.

Dois dias depois do lançamento da bomba, a União Soviética declarou guerra ao Japão. Um dia depois, foi lançada uma segunda bomba, tendo como alvo Nagasaki, onde foram mortos 48.857 japoneses. “Pode muito bem ser que os acontecimentos levem a guerra contra o Japão a uma conclusão precipitada. Eu espero que assim seja, porque isso significaria um imenso alívio da carga que esperávamos suportar”, escreveu Churchill a Attlee em 10 de agosto. À sua secretária, Elizabeth Layton, Churchill disse nesse dia, enquanto iam de Londres para Chartwell, pelo meio de multidões animadas pela perspectiva da vitória sobre o Japão: “Sabe, não foi tomada uma única decisão, desde que saí do governo, que conduzisse a isso.” Não sabendo o que dizer, a srta. Layton murmurou se não seria melhor ele repousar. “Não”, respondeu ele. “Eu queria... Eu queria fazer a paz também.”

Em 15 de agosto, o Japão rendeu-se incondicionalmente às potências aliadas, dando fim à Segunda Guerra Mundial. A negociação da paz, de que Churchill tanto quis participar, seria realizada por outros. Por vezes, ele estava “amargo”, conforme Clementine escreveu a Mary, mas outras vezes tinha um “coração de leão” acerca de sua exclusão. Uma semana após a derrota eleitoral, ele comentou com Averell Harriman: “Essa foi a semana mais longa da minha vida, mas agora já me sinto bem.”

Em 2 de setembro, Churchill voou para a Itália no avião do primeiro-ministro, que Attlee tinha posto à sua disposição. Clementine ficou na Inglaterra, lutando para tornar Chartwell habitável após o desleixo dos anos da guerra e para preparar sua nova morada em Londres, em Hyde Park Gate, nº 28. Churchill viajou acompanhado de Sarah. Levou também com ele, e começou a ler ainda no avião, uma coleção impressa de suas minutas do tempo de guerra para os chefes de Estado-Maior. Sua mente já estava focada numa tarefa que o ocuparia por mais de cinco anos: a preparação de suas memórias de guerra. “Ele continuou a ler mesmo durante o almoço”, escreveu lorde Moran ao descrever o voo para a Itália, “Só afastou os olhos das folhas para acender um charuto.”

O destino de Churchill era a Villa delle Rose, à margem do lago de Como, que Alexander tinha escolhido para ele como o lugar ideal para um repouso completo e para pintar. Diante do lago, com uma série de jardins que conduziam à margem e com uma vista panorâmica da margem oposta, com suas aldeias, bosques e montanhas, a Villa delle Rose tornou-se o lar de Churchill durante dezessete dias felizes. No primeiro dia, foi conduzido de automóvel, atravessando as montanhas, ao lago Lugano, onde encontrou um lugar que captou seu olhar de pintor e começou imediatamente a pintar. No dia seguinte, após ter ficado pintando durante três horas, na margem do lago de Como, próximo à vivenda, disse a Sarah: “Tive um dia feliz.” Sarah escreveu à mãe: “Não sei há quanto tempo eu não o ouvia dizer isso.”

Numa carta a Clementine em 5 de setembro, Churchill escreveu:

Sinto-me muito melhor comigo mesmo e não me preocupo com nada. Não recebemos jornais desde que deixei a Inglaterra e já não sinto qualquer desejo de virar-lhes as páginas. Essa é a primeira vez em anos em que eu estou completamente fora desse mundo. Com a guerra japonesa terminada, com a paz completa e com a vitória conseguida, sinto uma grande sensação de alívio, com outras pessoas a enfrentarem os horrendos problemas do pós-guerra. Sobre seus ombros e consciências pesa a responsabilidade pelo que está acontecendo na Europa. Realmente, pode ser “uma bênção disfarçada”.

Um dos oficiais que se encontravam na vivenda, o brigadeiro Harold Edwards, registrou em seu diário: “Churchill tem o fascinante hábito de dar estalos com a língua, e o seu rosto, quando está

satisfeito com um pensamento seu ou uma situação originada por um comentário de outra pessoa, enruga-se todo, como o rosto de um bebê ou de um duende.” Edwards escreveu sobre os olhos de Churchill:

Quando ele olha para nós, os olhos dele podem ser incrivelmente duros — ou ternos, como os olhos de uma mulher, capazes de chorar facilmente. Eu acredito agora na história sobre como ele chorou — tal como foi descrito pelo sr. Herriot — quando percebeu que tudo estava perdido na França. Ele é emotivo, mas não bobo. Acho que a melhor forma de descrevê-lo é que ele se permite reagir plenamente e sem restrição, sem se preocupar com a impressão que provoca num espectador. Ele não é um ator nem um afetado *poseur*.

Em 6 de setembro, o marechal de campo Alexander chegou à vila. Durante dois dias, ele e Churchill pintaram juntos, atravessando o lago numa lancha a motor até diversas enseadas tranquilas. “A pintura tem sido para mim um grande prazer”, escreveu Churchill a Clementine após a partida de Alexander. “Tenho efetivamente esquecido todos os meus aborrecimentos. É uma cura maravilhosa, porque não se pode realmente pensar em mais nada.” Na tarde de 8 de setembro, quatro dias antes de seu aniversário de casamento, ele tomou os comandos da lancha quando atravessava o lago de volta à vila. “Enquanto eu pilotava a lancha de volta para casa, veio-me à mente uma recordação sua, cantando ‘In the Gloaming’ para mim anos atrás. Que canção e melodia tão doce, que você bem cantou com todo o seu sentimento. Meu coração enche-se de amor ao sentir você perto de mim em pensamento. Eu sinto tanta ternura por você, minha querida, e, quanto mais agradáveis os lugares e os dias, mais desejo que estivesse aqui para compartilhá-los comigo e dar-me um beijo”, escreveu ele a Clementine.

Após uma semana na Villa delle Rose, Churchill tinha pintado três quadros e iniciado um quarto. “Eu pinto todos os dias e o dia inteiro e bani cuidados e desilusões para as sombras”, escreveu ele a Mary em 10 de setembro. Contudo, os problemas do mundo não podiam ser assim banidos; enquanto estava em Como foi consultado por Attlee acerca da bomba atômica e da necessidade de um acordo internacional para regulamentá-la. Em sua resposta, Churchill escreveu sobre o efeito dissuasor da bomba, dada a “suprema resolução de todas as nações que possuem, ou possam vir a possuir essa arma, para a utilizarem imediatamente unidas, contra quem esteja disposto a servir-se dela na guerra”. Para esse fim, escreveu ele, “quanto maiores os poderes dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha nos próximos anos, melhores as esperanças. Os Estados Unidos, portanto, não devem compartilhar seu conhecimento e vantagens, exceto em troca de um sistema de inspeção dessa e de todas as outras preparações de armamentos em todos os países que lhes deem garantia provada de ser genuíno”.

Em 19 de setembro, Churchill deixou o lago de Como para dirigir-se à Villa Pirelli, no Mediterrâneo, trinta quilômetros a leste de Gênova. “O sol é o objetivo da minha busca”, escreveu ele a Clementine. Em seu primeiro dia na Villa Pirelli, foi nadar no mar. No dia seguinte, foi até a aldeia de Recco, onde começou a pintar o viaduto da estrada de ferro e algumas casas bombardeadas. Os habitantes locais não gostaram e começaram a vaiá-lo e a levantar os punhos. “Sem ser preciso mais nada, o sr. Churchill guardou tudo na mala e foi para casa”, recordaria mais tarde o comandante britânico local, coronel Wathen. “Esse incidente perturbou-o um bocado, mas ele admitiu prontamente que tinha sido uma falta de tato de sua parte e que *ele* teria ficado muito aborrecido se Hitler tivesse começado a pintar os danos causados pelas bombas em Londres.”

De Gênova, Churchill prosseguiu de automóvel para oeste, ao longo da costa até Monte Carlo, por uma estrada que ele tinha percorrido pela última vez com Clementine em 1921 após a Conferência do

Cairo. Ficou dois dias no Hotel de Paris, em Monte Carlo. “A comida é espetacular e os vinhos, os melhores. É como nos velhos tempos”, disse a ele; eles tinham estado no hotel pela última vez em 1932. Em 23 de setembro, foi mais para oeste, até Antibes, onde Eisenhower pôs uma vila completa, com toda a equipe, à sua disposição.

Churchill pediu a Clementine que fosse encontrá-lo no sul da França, mas ela achou que as exigências contínuas de Chartwell e da nova casa de Londres, em Hyde Park Gate, impossibilitavam a viagem. Em 24 de setembro, ao ler sobre a exigência russa de bases aéreas e navais no Mediterrâneo, na antiga colônia italiana da Tripolitânia, Churchill escreveu-lhe:

Esse desejo é estranho e faz parte de uma forma tosca e ultrapassada de imperialismo czarista. Nesses assuntos, eles estão cerca de quarenta anos atrasados no tempo, e eu mesmo não vejo quaisquer objeções sérias a terem esses locais estratégicos, se eles forem razoáveis em outras questões. Todas as esquadras, o comércio marítimo e as bases aéreas e navais no exterior são apenas reféns de um poder aéreo e naval mais forte, mas não tenho dúvidas de que essas exigências vão causar uma grande agitação. A “bolchevização” da Europa continua em seu ritmo regular, e todos os governos da Europa Central, Oriental e do Sul estão sob o controle soviético, com exceção de Atenas. Esse tição eu consegui arrebanhar da fogueira no dia de Natal.

Pouco se sabia, disse Churchill a Clementine, sobre o que estava acontecendo “atrás da Cortina de Ferro russa, mas, evidentemente, os poloneses e os tchecos estão sendo tão maltratados quanto esperado”.

Depois de 25 dias de sol e quinze quadros finalizados, Churchill voltou à casa de Hyde Park Gate em Londres. Entre os inúmeros convites que o aguardavam, encontrava-se um, assinado pelo presidente Truman, pedindo-lhe que fizesse uma série de três ou quatro conferências no Westminster College, em Fulton, no Missouri. “Uma escola maravilhosa em meu estado natal”, disse Truman. Churchill e Clementine já faziam planos para passar o inverno em Miami Beach.

Em 21 de outubro, Churchill disse aos seus eleitores que quis, em seu regresso de Potsdam, dedicar todo o seu “esforço pessoal” e o trabalho de seus colegas às exigências da paz — desmobilização, construção de casas, conversão da indústria de produção de guerra para a indústria de paz e a “libertação do pensamento e da energia britânicos da longa servidão das condições de guerra”. Isso, porém, eram agora apenas “desejos vãos”.

Ainda que afastado do tráfego contínuo de informação proveniente das capitais do mundo, que tinha marcado sua vida no cargo ministerial, Churchill acompanhava com ávida atenção as notícias nos jornais acerca da atividade soviética na Europa e em outros locais. A deserção de um importante espião soviético no Canadá, nesse mês outubro, levou-o, em 26 de outubro, a dizer ao primeiro-ministro canadense, Mackenzie King, que não havia “nada a ganhar” em não deixar os russos saberem “que não temos medo deles”. Os russos eram “lagartos realistas” pertencentes à “família do crocodilo”. Eles podiam ser “tão simpáticos quanto possível com as pessoas, embora preparados para destruí-las”. Era necessário, segundo Churchill disse a King, “uma aliança contínua entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha. Não precisa ser escrita, precisa ser compreendida”.

Antes de partir para os Estados Unidos, Churchill teve reuniões semanais com seu Gabinete sombra para definir estratégias de oposição e coordenar suas atividades parlamentares, mas passou tanto tempo

quanto possível em Chartwell, que agora era lentamente restituída de seu conforto anterior à guerra. Estavam sendo utilizados prisioneiros de guerra alemães para limpar o lago dos peixes e a piscina, ambos criados vinte anos antes por Churchill, com todo o carinho, e que, com o desleixo dos anos da guerra, tinham ficado entupidos e sido invadidos por plantas.

Clementine nunca se sentira à vontade com as exigências de Chartwell. Nesse outono, recordou mais tarde Mary, ela sofria de “depressão e nervosismo”. “O recrudescer de suas preocupações, que sua fadiga fazia aumentar ainda mais, faziam-na ficar frequentemente impaciente e irascível com Winston, que por sua vez podia ser exigente e pouco realista. Nesses meses, houve uma série de cenas entre os dois. Depois de cada discussão ambos sofriam ataques de remorsos e estavam sempre ansiosos por fazerem as pazes. Mas foram dias difíceis para os dois”, continuou ela.

Nesse novembro, Churchill fez uma curta visita a Paris e a Bruxelas. Em toda a parte, era recebido por grandes multidões que o aclamavam. “Nunca vi tanto entusiasmo e agitação”, lembraria o embaixador britânico em Bruxelas. “As pessoas rompiam os cordões da polícia, esquivavam-se à escolta de motociclistas que rodeava o carro e atiravam ramos de flores para o carro quando não conseguiam entregá-los pessoalmente ao sr. Churchill. Uma moça saltou para o estribo, abraçou-o e beijou-o fervorosamente.”

Em seu discurso a uma sessão conjunta do Senado e da Câmara belgas, em 16 de novembro, Churchill falou sobre as origens daquilo que ele chamou de “A Guerra Desnecessária”. Se os Aliados tivessem resistido energicamente a Hitler nas fases iniciais, mesmo até a remilitarização da Renânia em 1936, “ele teria sido forçado a recuar, sendo dada uma oportunidade aos elementos da vida alemã suficientemente poderosos, principalmente no alto-comando, para libertarem a Alemanha do governo e do sistema maníacos liderados por Hitler”. O povo alemão já tinha votado duas vezes contra Hitler antes de 1933, lembrou Churchill aos seus ouvintes, “mas os Aliados e a Liga das Nações atuaram com tal fraqueza e falta de clarividência que cada avanço de Hitler tornou-se um triunfo seu sobre todas as forças moderadas e moderadoras, até que, finalmente, nós nos resignamos, sem mais protestos, ao vasto processo do rearmamento alemão e preparação para guerra que terminou no eclodir de uma guerra destruidora”.

“Devemos pelo menos aprender com essa terrível lição”, declarou Churchill. “Foi em vão que tentei ensiná-la antes da guerra.” Ainda que não tivesse mencionado, ele já preparava os primeiros capítulos de suas memórias de guerra, nas quais pretendia analisar os anos entre as duas guerras mundiais e expor aos seus leitores suas advertências do entre-guerras e suas sugestões. Em seu discurso em Bruxelas, preconizou os “Estados Unidos da Europa”, que poderiam, segundo explicou, “unificar o continente de uma forma desconhecida desde a queda do império romano, dentro dos quais todos os seus povos possam viver juntos em prosperidade, justiça e paz”.

Três meses depois da derrota do Japão e seis meses após a rendição da Alemanha, três temas dominariam o pensamento pós-guerra de Churchill: a estreita colaboração entre Grã-Bretanha e Estados Unidos como meio de conter a expansão soviética, a união das democracias sob a égide das Nações Unidas para evitar um novo deslizar para a guerra por fraqueza face à tirania, e, por último, a criação de uma Europa unida. Ele continuava convencido de que a Segunda Guerra Mundial podia ter sido evitada. Essa convicção era tão forte que declinou um convite para enviar uma mensagem de felicitações a Baldwin em seu octogésimo aniversário. Em vez disso, respondeu à pessoa que lhe tinha feito a sugestão: “Eu não quero mal a Baldwin, mas teria sido melhor para nosso país se ele nunca tivesse existido.”

Em 30 de novembro, Churchill completou 71 anos. “Para aqueles que lhe querem bem, e eles são muitos,

é uma tristeza vê-lo posto de lado e tão entristecido”, escreveu sua filha Mary no diário de Ano-Novo de 1946. “E essa mágoa é ainda maior pelo pouco que podemos fazer para ajudá-lo.” Na lista de Honras do Ano-Novo, Churchill tinha sido condecorado com a Ordem de Mérito. “Fiquei muito animada e orgulhosa quando li nos jornais dessa manhã a notícia de mais uma honraria que ele muito merece”, escreveu Mary.

“A Ordem de Mérito é dada exclusivamente pelo rei e não é sugerida por um conselho de ministros”, explicou Churchill a uma das pessoas que o felicitaram. “Isso a torna mais atraente para mim.” Em 8 de janeiro, ele foi ao palácio de Buckingham para recebê-la e, no dia seguinte, em Southampton, embarcou com Clementine no *Queen Elizabeth* a caminho dos Estados Unidos. Uma de suas secretárias do tempo de guerra, Jo Sturdee, viajou com ele. Uma nova secretária, Elizabeth Gilliatt, ficou em Hyde Park Gate para ocupar-se da massa de correspondência e manter Churchill em contato com os acontecimentos na Inglaterra. Além disso, ele tinha decidido publicar seus discursos das sessões privadas do tempo de guerra sob a forma de um volume. Datilografar esses discursos seria a primeira tarefa da srta. Gilliatt.

Os preparativos para a viagem foram ofuscados pelo fim do casamento de Randolph. “Estou tão triste pelo que aconteceu, que pôs fim a tantas esperanças para Randolph e Pamela”, escreveu Churchill à mãe de Pamela Churchill, lady Digby, dois dias antes da partida. “A guerra passou sobre a vida de milhões de pessoas. Temos de fazer o melhor possível com o que restou entre as ruínas.”

Desembarcando em Nova York no fim da tarde de 14 de janeiro, Churchill e Clementine tomaram imediatamente o trem para Miami Beach, onde, à sua chegada na manhã de 16 de janeiro, Churchill foi solicitado a participar de uma coletiva de imprensa, que se realizou no pátio da casa que seria sua residência durante cerca de três semanas, na North Bay Road, nº 5.905, com acesso próprio ao oceano. A um cinegrafista que lhe pediu para dizer dez palavras ao microfone, Churchill respondeu: “Pediram-me para dizer apenas dez palavras, mas não me disseram quais deveriam ser essas dez palavras. As dez que me ocorrem à mente são: ‘Que grande prazer sinto com o esplêndido sol de Miami.’”

Os jornalistas locais ficaram maravilhados com seu visitante. “Um olhar genial e levado”, disse um jornalista, que acrescentou: “O humor que lubrificou toda a sua vida lampeja em seu rosto e faísca em sua língua. Sua vida foi lubrificada? Quem combateu como ele combateu poderia viver sem um senso de humor que o equilibrasse?” Em tom sério, Churchill disse aos jornalistas que apoiava o pedido do governo trabalhista para um empréstimo de 4 bilhões de dólares aos Estados Unidos. “Se não nos for dada a oportunidade para nos levantarmos, nunca conseguiremos tomar nosso lugar entre as outras nações”, disse ele.

A chegada de Churchill aos Estados Unidos gerou uma vasta correspondência, recebendo uma média de trezentas cartas por dia. Foram necessárias três secretárias para se ocuparem das mensagens; uma delas, Lorraine Bonar, que já se encontrava na casa para dar as boas-vindas ao novo patrão, escreveu à mãe: “Bom, o grande homem já chegou e é simplesmente maravilhoso. Ele me cativou completamente com sua ausência de pretensões e é realmente encantador com todos.” Ele era, acrescentou, “um grande brincalhão”, mas também houve ocasiões, segundo recordaria mais tarde, em que ele podia ser “muito difícil e contraditório e tinha mesmo pequenas zangas com a sra. Churchill, quando lhe gritava ‘Clemmie’ do outro lado da casa. Uma vez, eles passaram cerca de dois dias falando um com o outro apenas o estritamente necessário”.

Numa carta a um velho amigo dos tempos do Exército, general Tudor, Churchill descreveu as dificuldades de ajustar-se após a derrota eleitoral seis meses antes. “Não achei nada fácil mudar tão rapidamente de uma vida de atividade intensa e de responsabilidades para uma de lazer em que não há nada a esperar a não ser um anticlímax. Em todo o caso, felizmente, tenho a minha pintura, na qual tenho mergulhado com grande vigor, e muitas outras distrações, de modo que o tempo passa de modo agradável

e rápido.”

Durante sua primeira semana em Miami Beach, Churchill teve uma febre que permaneceu alta durante vários dias, mas depois baixou, permitindo-o não só pintar como nadar no oceano. Em 30 de janeiro, teve uma longa conversa com Emery Reeves, que antes da guerra tinha garantido a vasta circulação de seus artigos por toda a Europa, falando-lhe sobre a publicação de suas memórias de guerra. “Eu não esqueci tudo o que você fez por mim antes da guerra e gostaria que você se encarregasse dessa tarefa”, disse Churchill a Reeves. Ao longo da década seguinte, e mesmo depois, Reeves assegurou a mais ampla circulação possível das memórias, suas traduções e seu retorno financeiro.

Em 1º de fevereiro, Churchill e Clementine, acompanhados de Sarah, voaram para Havana. Era sua primeira visita a Cuba desde 1895. Após uma visita ao presidente cubano, ele participou de uma coletiva de imprensa. Solicitado a criticar o governo de Attlee, respondeu: “Eu não discuto o governo do meu país quando me encontro longe dele.” Sobre o resultado das eleições gerais, afirmou: “Em meu país, o povo pode fazer o que lhe apetece, embora frequentemente suceda que depois não goste do que fez.”

Após seis dias passeando, nadando e pintando, Churchill regressou de Havana a Miami em 8 de fevereiro. Dois dias depois, voou para Washington, onde jantou com Truman na Casa Branca e ensaiou o tema da conferência que faria em Fulton. O secretário de Estado, James Byrnes, também estava presente. Ambos “pareceram gostar bastante”, escreveu ele a Attlee. “Existe aqui bastante receio em relação à Rússia como causadora de problemas futuros.” A atitude de Bevin nas Nações Unidas a esse respeito “tem sido muito útil”.

Em 12 de fevereiro, Churchill ofereceu um almoço a Truman na embaixada britânica. No dia seguinte, regressou a Miami, onde, uma semana depois, numa conversa com Bernard Baruch, seu amigo, e com Byrnes, tendo ambos voado de Washington para se encontrarem com ele, Churchill expôs a opinião do governo britânico de que o empréstimo americano deveria ser isento de juros.

“Tenho certeza de que seu discurso em Fulton vai ser útil”, escreveu Attlee a Churchill em 25 de fevereiro. No dia seguinte, perante um público de mais de 17 mil pessoas no estádio Burdine, em Miami, ele chegou à conclusão, a partir de sua própria falta de êxito em passar nos exames na escola, acumulada com sua experiência subsequente de receber graus acadêmicos honorários, “que nenhum rapaz ou moça deve sentir-se desanimado pela falta de sucesso na juventude, mas deve fiel e diligentemente continuar a perseverar e a compensar o tempo perdido”.

Churchill deixou Miami em 1º de março, embarcando num trem para Washington, onde mostrou seu discurso de Fulton ao almirante Leahy, principal conselheiro militar de Truman, que se mostrou, segundo Churchill informou a Attlee e Bevin, “entusiástico”. Byrnes, a quem também mostrou, “ficou entusiasmado e não sugeriu qualquer alteração”. Notícias que chegaram nesse mesmo dia acerca de uma decisão soviética sobre não retirar suas tropas do norte da Pérsia, como acordado entre Bevin e Molotov seis meses antes, pareceu adicionar peso à defesa de uma atitude de firmeza anglo-americana.

Em 4 de março, Churchill foi à Casa Branca, onde Truman e Leahy o encontraram para a viagem de trem até o Missouri, que levaria 24 horas. Churchill ficou impressionado ao saber por eles que, num esforço para mostrar a determinação da América em não permitir a expansão soviética para o Egeu e para o Mediterrâneo, o couraçado *Missouri*, no qual a rendição japonesa tinha sido assinada, na baía de Tóquio, seria enviado para o Mediterrâneo com uma força naval.

Churchill relatou a Attlee e Bevin que, durante a viagem de trem para oeste, Leahy disse-lhe que essa esquadra “consistiria em mais outro couraçado, dos mais poderosos, em dois dos maiores e mais poderosos porta-aviões, em vários cruzadores e em cerca de uma dúzia de contratorpedeiros”. Tanto Truman quanto Leahy “mencionaram que os navios da classe do *Missouri* têm mais de 140 peças antiaéreas”. Churchill comentou:

O mencionado acima me impressionou como uma importante ação de Estado. E é uma ação calculada para fazer a Rússia compreender que precisa chegar a um acordo razoável com as democracias ocidentais. Do nosso ponto de vista, tenho certeza de que a chegada e a permanência nos estreitos de uma esquadra americana tão poderosa devem ser inteiramente benéficas, quer por tranquilizar a Turquia e a Grécia, quer por criar um adiamento do corte de nossa linha vital no Mediterrâneo pelo estabelecimento de uma base naval russa em Trípoli.

Churchill continuou a trabalhar em seu discurso durante a viagem de trem. Depois, à margem do rio Missouri, mostrou a versão final do discurso a Truman. “Ele me disse que o achou admirável e que só faria bem, ainda que fosse criar uma grande agitação”, escreveu ele a Attlee e Bevin.

Em palavras que foram radiodifundidas nos Estados Unidos, Churchill falou em Fulton sobre “a suprema tarefa e dever” da democracia americana e do mundo de língua inglesa de “defender os lares das pessoas comuns contra as misérias e os horrores de outra guerra”. Era preciso fazer com que as Nações Unidas funcionassem efetivamente e fossem “uma força de ação e não meramente um borbulhar de palavras”. Todo e cada Estado membro deveria disponibilizar uma esquadra aérea, a ser comandada, quando necessário, pelas próprias Nações Unidas. “Eu gostaria que isso tivesse sido feito depois da Primeira Guerra Mundial e confio ardentemente que será feito de imediato.” Porém, o segredo da bomba atômica deveria ser mantido entre a Grã-Bretanha, o Canadá e os Estados Unidos, e não compartilhado com as Nações Unidas. “Eu não acredito que dormiríamos tão bem se as posições estivessem invertidas e se algum Estado comunista ou neofascista monopolizasse esses terríveis meios.”

Churchill falou então sobre sua admiração pelas proezas dos russos na guerra e declarou:

Nós damos as boas-vindas à Rússia, ao seu justo lugar entre as grandes nações do mundo. Damos as boas-vindas à sua bandeira, tremulando sobre os mares. Acima de tudo, nós desejamos constantes, frequentes e crescentes contatos entre o povo russo e nossos povos em ambos os lados do Atlântico. É, no entanto, meu dever, pois estou certo de que queiram que eu exponha os fatos tal como os vejo, que eu coloque diante de vocês certas realidades acerca da presente situação na Europa.

Os “fatos”, para Churchill, eram os seguintes:

De Stettin, no Báltico, a Trieste, no Adriático, desceu uma cortina de ferro sobre o continente. Por trás dessa linha estão todas as capitais dos antigos Estados da Europa Central e Oriental: Varsóvia, Berlim, Praga, Viena, Budapeste, Belgrado, Sófia e Bucareste. Todas essas cidades famosas e as populações de seus países ficam naquilo que tenho de chamar de esfera soviética; todos estão sujeitos, de uma ou outra forma, não só à influência soviética, mas também a um muito alto e, em muitos casos crescente, grau de controle por parte de Moscou. Somente Atenas — a Grécia, com suas glórias imortais — permanece livre para decidir seu futuro numa eleição sob observação britânica, americana e francesa.

Churchill falou então sobre a “proeminência e poder” dos partidos comunistas da Europa Oriental,

muito além dos seus números e das suas tentativas de obtenção de “controle totalitário”. Essa, disse ele, “não era certamente a Europa libertada que lutamos para construir. Não é tampouco uma Europa que contenha os elementos essenciais de uma paz permanente”. Era necessária agora “uma nova unidade na Europa”, dentro do quadro das Nações Unidas e de sua Carta; uma unidade da qual as nações não pudessem ser “permanentemente banidas”. A necessidade dessa unidade era urgente; mesmo em nações “para cá da cortina de ferro”, como a Itália e a França, bem como em lugares bem longe da fronteira russa, “pelo mundo inteiro” partidos comunistas ou quintas-colunas comunistas “constituem um desafio crescente e um perigo para a civilização cristã”.

Para Churchill, uma nova guerra não era iminente nem inevitável. E era porque acreditava que “nós temos em nossas mãos o poder para salvar nosso futuro” que ele falava nesses termos. “Eu não acredito que a Rússia soviética deseje a guerra. O que eles efetivamente desejam são os frutos da guerra e a expansão alargada de seu poder e de suas doutrinas.” O que era necessário era “um entendimento” com a Rússia. Quanto mais isso fosse adiado, maiores seriam os perigos. Por aquilo que tinha observado “dos nossos amigos e aliados russos durante a guerra, estou convencido de que não há nada que eles admirem tanto quanto a força e o poder e não há nada que eles respeitem menos do que a fraqueza, especialmente a fraqueza militar”. Margens estreitas de superioridade militar não eram suficientes; elas ofereciam tentações de “provas de força”. Se as democracias ocidentais permanecessem unidas não era provável que alguém “as atacasse”. Porém, se “elas se deixarem dividir ou falharem em seu dever e deixarem escapar esses anos de total importância, então a catástrofe pode realmente subjugar a todos”.

Churchill relembrou então os anos amargos anteriores à guerra.

Da última vez, eu vi que a guerra se aproximava e gritei bem alto aos meus compatriotas e ao mundo, mas ninguém prestou atenção. [...] Até 1933, ou mesmo 1935, a Alemanha poderia ter sido poupada do terrível destino que se abateu sobre ela. Todos nós poderíamos ter sido poupados dos sofrimentos que Hitler lançou sobre a humanidade. Nunca houve uma guerra mais fácil de evitar, por ação oportuna, do que aquela que recentemente devastou áreas tão grandes do globo. Na minha opinião, ela podia ter sido evitada sem se disparar um único tiro, e a Alemanha poderia ser hoje uma nação poderosa, próspera e coberta de honrarias, mas ninguém esteve disposto a ouvir e, um por um, fomos todos sugados pelo redemoinho.

Não se podia permitir que isso acontecesse novamente e um novo conflito poderia ser evitado “alcançando agora, em 1946, um bom entendimento, em todos os pontos, com a Rússia”.

Churchill insistia para que os americanos não subestimassem a força da Grã-Bretanha e da Comunidade Britânica. Se, disse ele, essa força fosse adicionada ao poder dos Estados Unidos, “com tudo o que tal cooperação implica, no ar, no mar, em toda a parte do globo, na ciência, na indústria e na força moral, não haverá um titubeante e precário equilíbrio de poder como tentação à ambição ou à aventura”.

Pelo contrário, haveria “uma assoberbante garantia de segurança”. Se todas as “forças morais e materiais e convicções” da Grã-Bretanha se juntassem com as ações dos Estados Unidos “numa associação fraterna, as estradas do futuro estarão abertas não só para nós, mas para todos, não só no nosso tempo, mas para um século vindouro”.

Churchill tinha pretendido chamar seu discurso de “Paz mundial”, mas intitulou-o “Os tendões da paz”. Era uma nobre visão, mas o discurso foi novamente considerado alarmista, como tinham sido seus

discursos de 1932 e 1938. Em Londres, o *Times* descreveu como “menos que feliz” seu contraste entre a democracia ocidental e o comunismo, declarando que os dois credos políticos tinham “muito que aprender um com o outro, o comunismo no mecanismo das instituições políticas e o estabelecimento dos direitos individuais, e a democracia ocidental no desenvolvimento do planejamento econômico e social”. Longe de ficar conhecido como “Os Tendões da Paz”, o discurso de Churchill ficou rapidamente conhecido como o “Discurso da Cortina de Ferro”, como se ele tivesse contribuído para criar uma Cortina de Ferro e quisesse mantê-la no local. De acordo com o *Wall Street Journal*, “os Estados Unidos não pretendem aliança nenhuma nem nada que se assemelhe a uma aliança com nenhuma outra nação”.

Churchill encontrava-se “convencido”, conforme disse a Attlee e a Bevin em seu retorno a Washington, em 7 de março, de que “era necessária uma prova de força e poder de resistência para conseguirem um bom acordo com a Rússia”. Ele acrescentou: “Prevejo que essa será a opinião prevalecente nos Estados Unidos num futuro próximo.”

Em 8 de março, enquanto um temporal crescia em volta de seu suposto apelo a uma aliança militar contra a Rússia e seu apelo real para “um bom entendimento” com a mesma Rússia era ignorado, Truman deu uma coletiva de imprensa em que negou que tinha sabido antecipadamente o que Churchill diria. Nesse mesmo dia, tendo partido de Washington e viajado num trem noturno, Churchill repetiu seu tema ao discursar na Universidade da Virgínia. Lá, com a presença de Eisenhower, disse ao seu auditório:

A paz não será preservada por bons sentimentos, expressos em lugares-comuns, ou por caretas oficiais e correções diplomáticas, embora essas possam ser desejáveis de tempos em tempos. Ela não será preservada ignorando, em anos perigosos, a panóplia da força militar. Deve haver pensamento empenhado. Deve haver visão e uma perseverança fiel. Greatheart deve ter sua armadura e sua espada para defender os peregrinos em seu caminho. E, acima de tudo, deve haver uma união dos corações, inspirada nas convicções e ideais comuns.

Em 12 de março, quando Churchill se encontrava em Nova York, o jornal do Partido Comunista, *Pravda*, publicou em Moscou um ataque àquilo que chamava “suas velhas calúnias” a respeito das “tendências expansionistas soviéticas”. Churchill também soube nesse dia que, na véspera, dois deputados trabalhistas tinham pedido a Attlee que “repudiasse” o discurso de Fulton. Quando Attlee decidiu fazê-lo, 93 deputados trabalhistas enviaram para a mesa uma moção de censura a Churchill, designando seu discurso como “adverso à causa da paz mundial”. Sua objeção incidia sobre o que chamavam de “sua proposta para uma aliança militar” entre a Commonwealth e os Estados Unidos “com o fim de combater a difusão do comunismo”. Entre os signatários da moção encontrava-se um futuro primeiro-ministro trabalhista, James Callaghan.

Sem conhecimento dos descontentes trabalhistas, Churchill tinha continuado a auxiliar Attlee e o governo trabalhista no assunto do empréstimo americano. Num encontro realizado no Clube Nacional de Imprensa, em Washington, em 11 de março, e novamente num almoço privado com vários importantes investidores americanos, em Nova York, em 13 de março, ele argumentou em favor de uma atitude branda por parte da América. Attlee ficou grato por esse auxílio, enviando-lhe uma nota especial de “apreciação e agradecimentos calorosos”.

Stálin ficou particularmente sentido com o discurso em Fulton; numa sessão sem precedentes de perguntas e respostas, publicada no *Pravda* em 14 de março, descreveu-o como sendo “calculado para lançar sementes de discórdia entre os governos aliados e para tornar a colaboração difícil”. Churchill era

agora apresentado como um “mercador da guerra”. Tinha “muitos amigos, não só na Inglaterra como nos EUA”. Tal como Hitler havia “iniciado seu processo de desencadear a guerra” pronunciando suas teorias raciais, Churchill “também inicia seu processo de desencadear uma guerra com uma teoria racial, declarando que apenas os povos de língua inglesa são nações de pleno direito, cuja vocação é o controle do destino de todo o mundo”.

Churchill ignorou as acusações de Stálin, mas, no discurso final de sua visita, proferido em Nova York em 15 de março, respondeu à principal crítica americana ao seu discurso em Fulton, dizendo numa recepção cívica: “Eu nunca pedi uma aliança militar anglo-americana nem um tratado. Eu pedi algo mais do que isso, algo diferente. Pedi uma associação fraterna, uma associação livre, voluntária, fraterna. E não tenho dúvidas de que ela acabará por acontecer tão certo quanto o sol nascerá amanhã.”

Em 20 de março, os Churchill partiram de Nova York no *Queen Mary*. Quando o navio estava a dois dias de viagem, o couraçado *Missouri* partiu também de Nova York, mas para Istambul. Nesse mesmo dia, a União Soviética anunciou que todas as suas tropas seriam evacuadas da Pérsia. “O *New York Times* atribui a mudança nas táticas dos russos aos seus dois discursos”, telegrafou Randolph ao pai, de Nova York, em 24 de março. De Londres, chegou uma mensagem de felicitações de Violet, filha de Asquith, que lhe escreveu: “Os acontecimentos reforçaram fortemente suas palavras.” Numa nota de agradecimento pela viagem que tinha compartilhado com ele, sua filha Sarah escreveu-lhe: “Eu sei que tudo esteve longe de ser perfeito para você, mas o senhor contribuiu para a causa mundial, além de tudo o que fez pela nossa pobre e velha Inglaterra.”

14.

Cartografando o passado, guiando o futuro

Em 29 de março de 1946, três dias após seu regresso dos Estados Unidos, Churchill convidou seu assistente literário de antes da guerra, Bill Deakin, para almoçar com ele em Hyde Park Gate. Foi a primeira etapa no estabelecimento de uma equipe de pesquisa para suas memórias de guerra e para determinar um método de trabalho para o que se calculava que fossem quatro ou cinco volumes e que foram mais tarde ampliados para seis. Foi atribuída a Deakin a responsabilidade de pesquisar os arquivos de Churchill, conservados num cofre em Whitehall, e selecionar as principais minutas e memorandos. Ficou também encarregado de preparar o planejamento e os rascunhos de cada capítulo, especialmente nos seus aspectos diplomáticos e políticos.

Para colaborar nos aspectos militares, Churchill convidou um antigo chefe de Estado-Maior de Mountbatten, general Sir Henry Pownall, para ser seu assistente. Os aspectos navais foram postos nas mãos do comandante G. R. G. Allen. Churchill pediu ao general Ismay, anterior responsável por seu Ministério da Defesa, para fazer uma supervisão do que era escrito; Ismay estava sempre pronto a contribuir com suas próprias recordações de acontecimentos que Churchill não conseguia lembrar em detalhes. Dúzias de outras personalidades contemporâneas enviaram a Churchill trechos de diários com episódios específicos que ele queria descrever.

Foi investida uma enorme quantidade de tempo e de esforços na preparação das memórias de guerra. Um jovem advogado, Denis Kelly, ordenou os próprios arquivos de Churchill em Chartwell. Duas novas secretárias, Lettice Marston e Chips Gemmell, juntaram-se a Jo Sturdee e Elizabeth Gilliatt.

Em Chartwell, em Londres ou em suas viagens, o trabalho das memórias tornou-se um aspecto da vida diária de Churchill. Além disso, a pedido de Attlee, fez, em 31 de março, uma exposição de suas opiniões sobre a importância de um coordenador para as necessidades de abastecimento dos três ramos das Forças Armadas nos tempos de paz, chamando a atenção de Attlee não para sua própria opinião sobre o assunto em 1936, mas para um memorando de seu pai, datado de 21 de março de 1890, advogando a nomeação de alguém que “estabelecesse um vasto armazém que possa fornecer às chefias militares e navais a maior parte dos abastecimentos necessários”. O “advento da aviação” tinha tornado tal projeto “indispensável”, comentou Churchill.

Churchill também considerou oportuno reiterar na Inglaterra o tema subjacente ao discurso feito em Fulton. Em 7 de maio, ao receber a cidadania honorária de Westminster, declarou: “A suprema esperança e a realização primordial é conseguir um bom e fiel entendimento com a Rússia soviética.” Na Câmara dos Comuns, em 5 de junho, alertou para o fato de “a ‘sovietização’ e, em muitos casos, a ‘comunização’” da Europa Central e Oriental “contra a vontade da grande maioria dos povos de muitas dessas regiões não serem conseguidas de forma permanente sem dar origem a males e conflitos terríveis”. O esmagamento do movimento húngaro pelas forças soviéticas em 1956 ocorreria ainda durante a vida de Churchill; a Primavera de Praga de 1968, igualmente levada a um final abrupto pelas tropas russas, aconteceria três anos após sua morte.

Churchill dedicou-se a estudar a literatura do movimento para a formação dos Estados Unidos da Europa, mas quando lhe foi dito, em 19 de junho, que o principal objetivo era “a contenção da Rússia”, escreveu imediatamente àqueles que desejavam sua adesão: “Acho que seria uma pena ligar-me a uma organização com uma tendência tão antirrusa.” Ele tinha planos para apresentar sua própria visão de uma Europa unida durante um discurso em Zurique. Em 23 de agosto, partiu para a Villa Choisi, às margens do lago Genebra. A vivenda tinha sido posta à sua disposição pelas autoridades da comuna de Bursinel. Ali, no agradável isolamento de um cenário idílico à beira do lago, trabalhou em seu discurso, prosseguiu com suas memórias de guerra e pintou.

Churchill passou quatro semanas na Villa Choisi. Clementine e Mary estavam com ele, bem como duas de suas quatro secretárias, Elizabeth Gilliatt e Lettice Marston. “Estamos passando um tempo delicioso aqui, com todo o conforto e na mais estrita privacidade”, escreveu Churchill a um amigo em 29 de agosto. “Tenho muitas coisas para pintar no jardim.”

Ao falar na Universidade de Zurique, em 19 de setembro, Churchill apelou a “uma espécie de Estados Unidos da Europa”. “Porém, por onde começar?”, perguntou à sua audiência, dizendo que tinha uma proposta que os deixaria “atônitos”. “A primeira etapa para a recriação da família europeia seria uma parceria entre a França e a Alemanha.” Não poderia haver um ressurgimento da Europa “sem uma França e uma Alemanha espiritualmente grandes”.

O apelo de Churchill para a reconciliação entre França e Alemanha Ocidental, como um prelúdio a uma Europa unida, era feito, segundo ele, sob a sombra de um “horrível agente de destruição”, a bomba atômica. Sendo utilizada por “diversas nações em guerra”, a bomba não só poria fim a “tudo aquilo a que chamamos civilização, mas poderia mesmo desintegrar o próprio globo”. Portanto, havia uma urgência em acabar com o conflito de longa data entre as duas grandes nações da Europa Ocidental. O processo “deve começar agora”. Contudo, ele não limitava esse processo de reconciliação apenas à Europa. Esse trabalho necessitava de “amigos e de patrocinadores”, a Grã-Bretanha e a Comunidade Britânica, bem como “a poderosa América e, confio, a Rússia soviética — pois então, na verdade, tudo estaria bem”.

Mais uma vez, Churchill se referia à Rússia não como um permanente adversário, mas como um parceiro potencial. Quanto ao seu apelo para uma reconciliação franco-alemã, “os franceses estão espantados, o que é natural, mas a ideia vai ganhar raízes”, disse-lhe Leo Amery.

Nesse outono, Randolph escreveu ao pai com queixas sobre a possibilidade da nacionalização das terras. Churchill respondeu: “Sou contra a ideia da posse, pelo Estado, de toda a terra, mas não podemos esconder que seríamos muito mais fortes se o solo de nosso país estivesse dividido por dois ou três milhões de pessoas, em vez de por 20 mil ou 30 mil. O homem é um animal ligado à terra. Até os coelhos têm seus buracos e as raposas têm as suas tocas.”

A “toca” de Churchill era Chartwell. Nesse outono, temendo que seu rendimento não lhe permitisse mantê-la, falou, muito deprimido, com seu amigo lorde Camrose sobre a possibilidade de pô-la à venda. Quando Camrose perguntou se estaria disposto a aceitar 50 mil libras por ela, ele respondeu, rindo, que por essa quantia, ele “incluiria também o cadáver”. Camrose sugeriu imediatamente a formação de um consórcio de homens ricos que adquirissem a propriedade por essa importância, permitindo a Churchill viver nela durante o resto de sua vida por uma renda nominal de 350 libras por ano. Após sua morte, a propriedade seria doada ao Estado como um monumento permanente. Churchill ficou encantado e disse que deixaria “uma quantidade de papéis e documentos na casa”. Ele prosseguiu, dizendo a Camrose que sempre tinha pensado em ser sepultado em Chartwell e que essa proposta tinha decidido “definitivamente” essa questão.

O dinheiro foi rapidamente reunido por dezessete benfeitores, incluindo o próprio Camrose. Então, enquanto Churchill trabalhava em Chartwell em suas memórias de guerra, Camrose, que se deslocara a

Nova York, e Emery Reves negociaram a venda das memórias nos Estados Unidos. Churchill receberia 1,4 milhão de dólares na época. Suas preocupações financeiras tinham terminado, principalmente no que dizia respeito à herança que poderia deixar aos seus netos sob a forma de um fundo. Não havia como pagar-lhe a generosidade, escreveria Mary mais tarde, “a não ser com nossa gratidão e com nosso amor, tentando mostrar aos nossos filhos e dependentes a mesma grandeza de coração e constância de amor que ele sempre mostrou”.

Sete secretárias foram recrutadas para o trabalho de escrita das memórias, inclusive a secretária de Clementine, Grace Hamblin. Bill Deakin tornou-se um viajante regular entre os porões de Whitehall e Chartwell. “Tudo era dedicado às memórias”, recordaria Deakin mais tarde. “Ele se concentrava nelas impiedosamente. Considerava-as como seu monumento.” Havia também o persistente apelo da política. Churchill não tinha intenções de abandonar seu papel como líder da oposição. Em Blackpool, em 5 de outubro, declarou seu apoio à repartição de lucros e à aproximação entre empregadores e empregados, calculadas para tornar o empregado um “sócio”. Reiterou também seu apelo para a criação dos Estados Unidos da Europa, que deveriam, segundo disse numa declaração pública nesse outubro, estender-se “desde o Atlântico até o mar Negro”. Até isso ser possível, poderia começar-se pela Europa Ocidental. A Rússia, segundo disse a Attlee em 10 de outubro, não marcharia para oeste até o mar do Norte ou até o Atlântico por duas razões: “A primeira é sua virtude e contenção. A segunda é a posse da bomba atômica pelos Estados Unidos.”

A um amigo que lhe exprimiu seu receio de que uma Europa unida servisse apenas para desafiar o bloco soviético, Churchill escreveu, em 19 de outubro: “Eu não me sinto atraído por um bloco ocidental como uma solução final. O ideal seria a EUROPA.” Dividir a Europa em dois blocos opostos, oeste e leste, seria um “vício”. Sem a “ressurreição e reconciliação da Europa não existe esperança para o mundo”, escreveu ele a um deputado trabalhista em 7 de novembro. Ao general De Gaulle, que era então um civil, mas cujo apoio para uma Europa unida ele agora procurava, Churchill escreveu em 26 de novembro: “É minha convicção que se a França tomasse a Alemanha ocidental pela mão e, com a total cooperação britânica, a unisse ao Ocidente e à civilização europeia, isso seria uma vitória gloriosa que corrigiria tudo o que tivemos de passar e talvez evitaria que tenhamos de passar por muito mais outra vez.”

De Gaulle respondeu que o apelo de Churchill para a reconciliação entre a França e a Alemanha tinha sido “mal recebido” na França. Attlee também não permitia qualquer associação formal do Partido Trabalhista a um pequeno grupo ativista multipartidário que Churchill tinha estabelecido para obter apoio parlamentar para uma federação europeia, mas Churchill não desistiria. “A vida vai embora, mas uma pessoa luta com as forças que lhe restam pelas coisas que para si são importantes”, escreveu ele a Louis Spears.

Em 30 de novembro, Churchill completou 72 anos. Entre os assuntos que considerava importantes estava a manutenção da soberania britânica na Índia, bem como a criação de um Estado judaico em pelo menos parte da Palestina. O governo trabalhista opunha-se às duas questões. Opunha-se também a um compromisso que Churchill propôs na Câmara dos Comuns segundo o qual, quer na questão da Índia quer na questão da Palestina, a Grã-Bretanha “invocasse a ajuda” das Nações Unidas. Nesse inverno, Churchill passou muito tempo em Chartwell, escrevendo suas memórias. “É um empreendimento colossal e é possível que eu me vá antes que a carga seja transportada até o topo da colina”, escreveu ele a Attlee em 28 de dezembro. “No entanto, é bom reunir certa quantidade de material que, se não for história, é pelo menos uma contribuição para a história.”

Em 11 de fevereiro de 1947, Churchill e Clementine foram à igreja de St. Margaret, em Westminster, para o casamento de sua filha Mary com Christopher Soames, um oficial que ela tinha conhecido quando ele era adido militar adjunto em Paris. Desse momento em diante, Soames seria um excelente companheiro de Churchill, auxiliando-o na gestão de Chartwell e de outros terrenos próximos e acompanhando-o em muitas de suas viagens ao exterior.

A alegria de Churchill com o casamento de sua filha mais nova foi seguida por tristeza ao saber que seu irmão Jack estava morrendo. Em 20 de fevereiro, ao falar com um amigo, mencionou o “meu querido Jack, cada dia mais próximo do recife, para o qual ele olha com um ar destemido”. Três dias depois, Jack morreu. “Eu sei como meu pai gostava dele, e ele adorava-o com um amor sem manchas de inveja pelos triunfos, animação e destino de sua vida”, escreveu Sarah. A lorde Quickswood, seu antigo padrinho de casamento lorde Hugh Cecil, Churchill escreveu em resposta à sua carta de pêsames:

Nós sempre fomos muito ligados; depois que a casa foi atingida por uma bomba durante a guerra, ele viveu comigo na Downing Street. Era um homem sem medo e com pouca dor. A morte parece muito fácil no fim da estrada. Acha que ficaremos dormindo por muito tempo? Eu espero que sim. Pronto para servir se for necessário. A única preocupação de Jack era a Inglaterra. Eu lhe disse que tudo estava bem..

Para garantir a defesa adequada da Inglaterra, Churchill deu seu apoio à Lei do Serviço Militar lançada pelo governo trabalhista, que obrigava todos os homens entre 18 e 26 anos de idade ao serviço militar por dezoito meses. Porém, Churchill não conseguiu resistir a dizer à Câmara dos Comuns, durante um debate em 31 de março, numa referência a Attlee e a A. V. Alexander:

É sem dúvida uma ironia do destino que o primeiro-ministro e o ministro da Defesa sejam os homens que trazem uma Lei do Serviço Militar agora, após dois anos de paz, quando todos os nossos inimigos se renderam incondicionalmente. Sim, porque esses foram os mesmos políticos que, quatro meses antes do eclodir da guerra, conduziram seus seguidores no *lobby* contra o estabelecimento do serviço militar obrigatório e tiveram depois a coragem de culpar o Partido Conservador.

Quando, sob pressão de sua ala esquerda, o governo trabalhista reduziu a duração do serviço militar a um ano, Churchill disse à Câmara: “O título de ministro da Defesa deveria ser mudado. Ele deveria chamar-se ‘Ministro da Defesa a menos que seja atacado’. Que lamentável exibição!” Churchill ficou ainda mais furioso quando Attlee anunciou que a Grã-Bretanha se retiraria de seu papel como protetora da Grécia e da Turquia e que o faria dentro de 38 dias, mas ficou deliciado quando Truman assumiu imediatamente o manto de defensor dos povos que tentavam manter sua independência “contra movimentos agressivos que tentassem impor-lhes regimes totalitários”. A Doutrina Truman, como ficou conhecida, entrou em vigor em 22 de maio. Churchill tinha escrito a Truman dez dias antes, dizendo-lhe que não podia resistir, “depois do ano que passou e de tudo o que aconteceu, a escrever-lhe e dizer o quanto admiro o que fez pela paz e pela liberdade do mundo desde que estivemos juntos”.

Churchill escreveu essa carta no dia seguinte ao seu retorno de Paris, onde tinha ido receber a Medalha Militar. Clementine o tinha aconselhado a não usar sua farda de comodoro da Aviação durante a

cerimônia, escrevendo-lhe antes de sua partida:

Gostaria de persuadi-lo a usar trajes civis durante sua visita a Paris. Na minha opinião, o uniforme da Força Aérea, exceto quando usado por tripulações, tem um ar bastante falso. E não foi como um comodoro da Aviação que você venceu a guerra, mas sim com sua capacidade e seu poder como estadista.

Todas as vicissitudes políticas durante os anos de exílio o qualificaram para o poder ilimitado e supremo quando assumiu o comando da nação. Não é preciso usar as suas medalhas para mostrar suas proezas. Acho que o uniforme azul é uma máscara para você, e tenho orgulho do meu simples porco civil.*

A princípio, Churchill cedeu a Clementine, dizendo ao seu criado de quarto: “Vou usar roupas civis e não levarei nenhum uniforme.” Porém, decidiu depois levar seu uniforme da Força Aérea e usá-lo na cerimônia na Cour des Invalides, onde recebeu a medalha, e no Arco do Triunfo, onde depôs uma coroa de flores no Túmulo do Soldado Desconhecido.

Em 20 de maio, Attlee pediu a Churchill que aceitasse uma política não partidária em relação à Índia. O plano do governo trabalhista era a divisão da Índia em dois Estados, o predominantemente hindu, na forma de “Índia”, e o predominantemente muçulmano, na forma de “Paquistão”, cada um com o estatuto de domínio, com direito à eventual independência. Esse plano de partilha, no qual tinham insistido os dirigentes da minoria muçulmana, tinha sido considerado aceitável pelos chefes do Partido do Congresso Indiano e pelo vice-rei, lorde Mountbatten. Nessa mesma data, Mountbatten foi, com Attlee, encontrar-se com Churchill, que aceitou o apelo do dirigente trabalhista; o Partido Conservador não se oporia à legislação necessária para atribuir o estatuto de domínio à Índia.

Assim, num ato de conciliação, terminou a esperança de Churchill, pela qual ele lutara tão arduamente, de manter uma forma de governo britânico na Índia, pelo menos no governo central. Churchill cumpriu sua palavra; quando foi apresentada à Câmara dos Comuns em 4 de julho, a Proposta de Lei da Independência da Índia foi apoiada pelos conservadores. Em 4 de agosto, em mais um gesto de conciliação, dessa vez para com o Leste Europeu comunista, declarou num comício conservador em Blenheim: “Não desejamos nenhum mal àqueles que se encontram para leste dessa Cortina de Ferro, que nunca foi obra nossa. Pelo contrário, entendemos que nossa prosperidade e felicidade aumentariam com a prosperidade e a felicidade deles.” Ele continuou no mesmo tom, fazendo um apelo que só seria respondido um quarto de século após sua morte: “Que o sol brilhe dos dois lados da Cortina de Ferro. No dia em que esse brilho for igual em ambos os lados, a Cortina deixará de existir. Ela se desvanecerá como as névoas da manhã e derreterá na luz quente de dias felizes e de alegre amizade.”

Nesse outono, Churchill tomou a iniciativa de tentar aliar as forças conservadoras e liberais contra o governo trabalhista, que tinha proposto a nacionalização da indústria do aço. Numa emissão política do partido, em 16 de agosto, ele afirmou:

Faz 41 anos desde que eu, jovem ministro liberal, no governo do sr. Asquith, argumentei contra essa mesma falácia socialista e disse: “A organização existente da sociedade é ativada pela mola da seleção competitiva. É possível que seja uma forma muito imperfeita de organização da

sociedade, mas é tudo o que temos entre nós e a barbárie.” Eu acrescentaria agora o totalitarismo, que é apenas a barbárie organizada pelo Estado.

Vivendo principalmente em Chartwell, Churchill continuava a trabalhar nos dois primeiros volumes de suas memórias de guerra. Ao mesmo tempo, tentava persuadir o Partido Conservador a opor-se à Proposta de Lei da Independência da Birmânia, discursando contra ela em 5 de novembro. Comentando uma recente declaração de Attlee sobre a Índia, a cuja Lei de Independência os conservadores não se opuseram, falou sobre “a cena impressionante com um homenzinho de ar tranquilo, com sua voz tranquila, varrendo totalmente nossa posição na Índia”. Pelo menos, a Índia se mantivera na Comunidade Britânica; o objetivo da nova lei “é colocar a Birmânia totalmente fora do império como uma potência estrangeira”. Ele se opunha totalmente. Parte de seu receio era que a anarquia se seguisse rapidamente à retirada britânica. Quando Arthur Henderson, falando pelo governo, apontou a necessidade de permitir aos habitantes da Birmânia gozar “da mesma liberdade democrática de que nós gozamos”, ele replicou com uma amarga referência à guerra civil entre hindus e muçulmanos na Índia: “E que tal as mortes de 500 mil pessoas na Índia? Gozar de liberdade democrática!”

Quando a Câmara votou ao final do debate, houve 288 votos a favor da Lei de Independência da Birmânia e 114 votos contra; Churchill ficou furioso por tão poucos deputados, pouco mais de metade, se incomodarem em estar presentes no que, para os deputados trabalhistas, foi certamente “uma alegria”.

Em 30 de novembro, Churchill completou 73 anos. Nessa noite, houve um jantar na casa em Hyde Park Gate. “Winston estava com uma disposição sombria, convencido de que a nação está destinada a sofrer a mais agonizante crise econômica”, escreveu Colville em seu diário.

Ele afirma que toda a ansiedade que sofreu durante a batalha do Atlântico foi “uma coisa de nada” em comparação a isso. Nós seríamos capazes de vencer se tivéssemos a força de espírito, a unidade e a ausência de inveja, de malevolência e de ódio que nesse momento estão tão conspicuamente ausentes. Nunca em sua vida tinha sentido tal desespero, e responsabilizava por isso o governo, cuja “insaciável ânsia de poder é apenas igualada por uma incurável impotência em seu exercício”.

Colville acrescentou: “As frases e os epigramas rolavam à maneira antiga, mas eu sentia falta da esperança indômita e da convicção que tinham caracterizado o primeiro-ministro em 1940 e em 1941.”

Em 6 de dezembro, quando foi feito cidadão honorário da cidade de Manchester, Churchill falou abertamente acerca de suas angústias, avisando que o socialismo, “que é a substituição da iniciativa privada pelo controle de funcionários do Estado” tornaria impossível à Grã-Bretanha sustentar a população existente. Pelo menos um quarto dessa população teria de “desaparecer de um modo ou de outro” à medida que o padrão de vida caísse. A emigração, “mesmo se praticada a uma escala nunca sonhada, não poderia funcionar a tempo de evitar esse melancólico declínio”.

Quatro dias após seu discurso em Manchester, Churchill partiu num avião, em Northolt, em busca de sol e determinado a fazer progressos em suas memórias de guerra. De Paris voou para Marrakech, onde durante um mês pintou e trabalhou em suas memórias. No entanto, a inquietação em relação ao futuro não podia ser facilmente posta de lado. A Clementine, que não se sentia em condições para a expedição, escreveu em 12 de dezembro: “Continuo a sentir-me deprimido sobre o futuro. Realmente não consigo ver como nossa pobre ilha vai conseguir ganhar a vida quando há tantas dificuldades à nossa volta e

tantas divisões entre nós. Em todo o caso, espero conseguir apagar tudo isso do meu pensamento por mais algumas semanas.” A pintura e a escrita prosseguiram bem, com provas de prelo e notas históricas chegando quase diariamente. Porém, com o aparecimento de uma tosse muito forte, Churchill pediu que lorde Moran o visitasse. Moran foi, levando Clementine com ele. Ambos ficaram aliviados por não se tratar de uma nova pneumonia, e Churchill, igualmente aliviado, não tardou em estar fora da cama, de volta ao trabalho e à sua tela.

* * *

Em 4 de janeiro de 1948, a Birmânia tornou-se uma república independente. Nesse dia, lorde Cherwell voou ao encontro de Churchill em Marrakech, levando consigo oito capítulos das memórias de guerra, que tinham sido analisados por Edward Marsh. Mais notas e sugestões chegaram nessa semana do filósofo de Oxford Isaiah Berlin. Nem todas as críticas eram tão bem recebidas. Quando Emery Reves escreveu-lhe dizendo que, em sua considerada opinião, existiam documentos demais citados na íntegra e que era necessário um considerável trabalho de revisão para conseguir integrá-los ao texto, Churchill ficou muito abatido. Foi Sarah quem procurou acalmá-lo. “O pai é o melhor historiador, o melhor jornalista, o melhor poeta”, escreveu ela. “Isole-se e ouça apenas alguns poucos — muito poucos —; mesmo assim, escreva o livro a partir do seu próprio coração, do seu próprio conhecimento, e ele que fique em pé ou caia pelo seu mérito. Ele vai ficar em pé. Todos desejarão ouvir sua história. Detesto vê-lo assim, pálido, e já não senti-lo com uma preocupação feliz.”

Reves também podia dar conselhos bem-vindos. Em 14 de janeiro, opôs-se ao título que Churchill tinha escolhido para o primeiro volume, “O caminho descendente”, por “soar um pouco desencorajador”. Churchill escolheu então outro título, de uma seleção que Reves enviou-lhe. O livro se chamaria “A tempestade em formação”.

Churchill deixou Marrakech em 18 de janeiro. Quatro dias depois falou na Câmara dos Comuns, durante um debate sobre as relações exteriores da Inglaterra. Para ele, a única maneira de evitar um conflito com a Rússia era “chegar a uma situação de confronto com o governo soviético e, por processos diplomáticos formais, com toda a sua privacidade e a sua gravidade, alcançar um acordo permanente”. A palavra “acordo” era exatamente a mesma que ele tinha utilizado no discurso feito em Fulton.

A União Soviética não parecia estar com disposição para um acordo. Em 21 de fevereiro, o Partido Comunista tcheco, por ordens de Moscou, tomou o poder em Praga. Quando quatro refugiados tchecos, inclusive o general Ingr, ministro da Defesa do governo tcheco no exílio durante a guerra, vieram a Hyde Park Gate pedir-lhe conselhos, Churchill pediu a Bevin e ao embaixador americano, Lewis Douglas, que os recebessem. Também mencionou ao seu antigo secretário militar, Ian Jacob, que recentemente tinha sido nomeado responsável pelo Serviço Estrangeiro da BBC, que um dos tchecos lhe tinha dito que “a BBC é ouvida na Tchecoslováquia ainda mais do que durante a guerra, mas existe o sentimento de que não está sendo feito o melhor uso dessa grande oportunidade”.

Na sequência da subjugação da Tchecoslováquia ao jugo comunista, Churchill sentiu-se sacudido por um pensamento violento. Em 17 de abril, Lewis Douglas relatou a Washington, após uma conversa com Churchill sobre o domínio soviético na Alemanha Oriental: “Ele acredita que esse é o momento, já, de dizer aos soviéticos que, se eles não se retirarem de Berlim e abandonarem a Alemanha Oriental, nós arrasaremos suas cidades.”

* * *

Em 19 de abril, a revista *Life* deu início à publicação em folhetins do primeiro volume das memórias de guerra de Churchill. Era o início de uma leitura pública em massa, aumentada quando o volume propriamente dito foi publicado e renovado com a aparição de cada um dos cinco volumes subsequentes. Esses formavam o primeiro relato plenamente documentado da guerra e o único escrito por um dos líderes das três grandes potências. As vendas foram enormes, quer no país quer no exterior.

O tema central do primeiro volume era a fraqueza das democracias face à tirania antes de 1939 e os ódios e rancores nacionais alimentados durante os anos entre as duas guerras. Em 7 de maio, na sessão inaugural do Congresso da Europa, em Haia, Churchill proferiu um poderoso apelo para deixar “morrer os rancores nacionais e as vinganças”. Também incitou ao “progressivo apagamento de fronteiras e barreiras que agravam e coagulam nossas divisões” e deu as boas-vindas aos delegados da Alemanha ocidental ao congresso, descrevendo o “problema alemão” como a necessidade de restaurar a vida econômica alemã e fazer reviver “a antiga fama sem expor seus vizinhos — e nós próprios — a uma reafirmação de seu poder militar do qual ainda trazemos cicatrizes”.

A pergunta a ser feita era: “Por que milhões de humildes lares da Europa, e muita de sua ilustração e de sua cultura deveriam viver com medo que a polícia bata à porta?” “Essa é a pergunta a que temos de responder aqui”, continuou Churchill. “Essa é a pergunta a que talvez ainda possamos responder aqui. Afinal, a Europa precisa apenas erguer-se e mostrar-se em toda a sua majestade, fidelidade e virtude para confrontar todas as formas de tirania, antigas e modernas, nazista ou comunista, com uma força que é inconquistável e que deve apenas ser exercida a tempo para nunca mais ser desafiada.”

Dois dias depois, em Amsterdã, mencionou como compreendia as “provações e os sofrimentos” dos alemães, dos russos e dos japoneses. “Não é contra nenhuma raça ou nação que nós alinhamos. É contra a tirania em todas as suas formas.” Para esse fim, Churchill apoiava a proposta francesa, feita pela primeira vez em Haia menos de três meses após seu próprio discurso, para a constituição de uma Assembleia Europeia. Ficou irritado quando Attlee lhe disse, numa carta particular, que Bevin achava que o ministro das Relações Exteriores “não poderia comprometer-se” com tal assembleia. Em resposta, Churchill manifestou a esperança de que o governo considerasse possível “colocar-se mais na linha de opinião da Europa ocidental”. No entanto, os dirigentes trabalhistas esquivaram-se a um compromisso que era pouco popular entre seus membros.

Por duas vezes durante esse verão, Churchill esteve em conflito com o partido que liderava. Em suas memórias, atacara a fraqueza e a política externa de Chamberlain. Na Câmara dos Comuns, exigia que a Grã-Bretanha reconhecesse o recém-declarado Estado de Israel. Em 2 de junho, Henry Channon anotou em seu diário, após um almoço oferecido em honra de Churchill no Hotel Savoy: “Sua recepção foi morna, sem deixar de ser cordial e amigável, ainda que os entusiasmos passados tenham desaparecido. Penso que o partido está ressentido, quer com sua violenta crítica de Munique, recentemente publicada, quer com suas alegadas inclinações pró-sionistas.”

Essas opiniões não impediam Churchill de continuar a defender o reconhecimento britânico de Israel ou de criticar em suas memórias as políticas das quais tinha discordado. Porém, informou àqueles que preparavam os rascunhos para os capítulos que deveria ser feita justiça ao outro lado, fazendo esforços frequentes para se assegurar de que as opiniões de seus opositores teriam lugar em sua narrativa. “O senhor deve compreender que não está nos meus planos ser desnecessariamente desagradável com homens que escolhemos na época e que sem dúvida fizeram seu melhor”, explicou a Ismay. Ainda assim, as opiniões de Churchill podiam ser ofensivas: vários generais afrontados quiseram que fossem feitas alterações nas edições futuras, com o que Churchill concordou. Quando o segundo volume foi publicado,

três generais franceses, juntamente com o filho de um quarto, protestaram. Ao enviar esses protestos a Churchill, Emery Reves comentou: “Parece que suas memórias provocaram o espírito agressivo dos generais franceses, um espírito que faltou, tristemente, em 1939. Talvez tenha sido um erro não publicar esse segundo volume no início da guerra.”

Churchill não ignorou arbitrariamente as críticas feitas pelos generais franceses; elas estavam bem presentes em sua mente quando, num prefácio especial à edição francesa, escreveu:

Os fatos sobre os quais presto testemunho são que antes da guerra não foi dada ao exército francês uma boa oportunidade pelos políticos ou pela Câmara e, em segundo lugar, que ele foi desfeito pela incursão dos blindados alemães numa escala e de uma forma que poucos de nós, nos governos ou na vida privada, teríamos podido prever. Assim, não obstante a bravura dos soldados ou o talento de seus comandantes, os homens do exército francês nunca tiveram a possibilidade de combater contra os alemães frente a frente, cara a cara.

Acontecimentos correntes interferiram na escrita de Churchill nesse verão, quando, em 24 de junho, as forças soviéticas na Alemanha Oriental impuseram um bloqueio total de estradas e ferrovias, nos dois sentidos, a Berlim. Ernest Bevin discursou contra essa tentativa soviética de estrangulamento e foi organizada uma ponte aérea para levar abastecimentos vitais a Berlim numa base de 24 horas por dia. Bevin tinha “razão ao falar em nome de uma Grã-Bretanha unida”, disse Churchill aos seus eleitores em 10 de julho, sentindo-se ainda inquieto. “A gravidade desses acontecimentos deixa-me preocupado”, escreveu ele a Montgomery em 18 de julho. “Espero que não estejamos perto de outra ‘Munique’, porque para um crime dessa ordem por parte de um governo britânico não haveria perdão.” Nove dias depois, analisando a crise em sua mais larga perspectiva, escreveu a Eisenhower que tinha decidido não se candidatar à Presidência dos Estados Unidos. Disse-lhe que era necessário, para evitar uma terceira guerra mundial, “um acordo com a Rússia soviética, em resultado do qual os russos se retirassem para sua terra e ficassem por lá, espero eu, satisfeitos”. Era “vital para o futuro” que o momento para tal acordo fosse escolhido “quando eles perceberem que os Estados Unidos e seus aliados possuem uma força avassaladora”.

Em 22 de agosto, Churchill e Clementine deixaram a Inglaterra e foram para Aix-en-Provence, onde, no Hôtel du Roy René, ele trabalhou em suas memórias de guerra. Também ponderou numa solução para o bloqueio de Berlim, dizendo a um amigo que o visitou: “Eu teria um confronto com eles agora. Não acredito que haveria uma guerra. Eu diria, muito correta e delicadamente: ‘No dia em que deixarmos Berlim, vocês terão de deixar Moscou.’” Churchill sugeriu a Eden que o confronto fosse adiado por um ano, quando a Força Aérea americana teria “um acréscimo de um terço em bombas atômicas e meios melhores e mais eficazes para lançá-las por aviões e das bases que estão sendo desenvolvidas, a maior parte em East Anglia”. O que Churchill não sabia era que o governo trabalhista já estava trabalhando na criação de uma bomba atômica britânica.

De Aix, Churchill mudou-se, em 20 de setembro, para a Villa de Beaverbrook, “La Capponcina”, na Côte d’Azur. Clementine regressou a Londres. O expediente diário de esclarecimentos históricos entre Churchill e seus consultores prosseguiu até seu retorno a Chartwell em 2 de outubro. Depois, deslocou-se várias vezes para falar sobre a necessidade de “resistência à tirania em todas as suas formas”, uma frase que usou em Biggin Hill, próximo de Chartwell, numa alocução à Esquadilha 615, em 5 de outubro, e

quatro dias mais tarde em Llandudno, em Gales, num comício do Partido Conservador, onde disse acerca dos russos: “Eles que soltem os Estados satélites da Europa que mantêm presos em seu punho fechado. Eles que libertem, pela sua partida, as onze antigas capitais da Europa Oriental que têm nas suas garras. Eles que se retirem para sua própria pátria, que engloba um sexto de toda a superfície terrestre do globo”. Churchill acrescentou, num eco de seu conselho a respeito da Alemanha em 1932: “As nações ocidentais terão melhores possibilidades de alcançar um acordo permanente, sem derramamento de sangue, se formularem suas justas exigências agora, enquanto têm o poder atômico, antes que os russos também tenham.”

* * *

Em 27 de novembro, três dias antes de seu 74º aniversário, Churchill, segundo relatado na revista *Time*, “vestiu calças de montaria, fortificou-se com ponche de rum e saiu a galope atrás de uma matilha, num cavalo emprestado, numa caçada à raposa”. Um mês depois, deixou novamente a Inglaterra, mais uma vez para Paris e o sul da França, onde tornou a passar duas semanas no Hotel de Paris, em Monte Carlo. Enquanto estava lá, leu uma afirmação nas memórias de um oficial americano segundo a qual, em 1944, “uma invasão em grande escala nos Bálcãs já não era considerada”. Sobre essa afirmação, ele replicou: “Ninguém nunca considerou uma invasão dos Bálcãs. Essa é apenas uma das histórias estúpidas propagadas pelos americanos. Eu mesmo nunca considerei nada, para além de ações de ‘comandos’ e auxílio às forças de resistência.”

Churchill voltou à Inglaterra em 13 de janeiro de 1949. Seis semanas depois, regressou ao continente para falar, em Bruxelas, a favor do estabelecimento de um Tribunal Europeu dos Direitos do Homem. Era preciso que houvesse, disse ele em seu discurso ao Conselho do Movimento Europeu, em 26 de fevereiro, algum meio pelo qual acontecimentos como a recente prisão e encarceramento do cardeal Mindszenty na Hungria “possam ser postos à prova de uma justiça imparcial”. Os defensores de uma Europa unida não poderiam “descansar satisfeitos” com a divisão da Europa em “livre e não livre”: a Europa “que queremos unir é *toda* a Europa!”.

Nesse mês de março, Churchill tinha planejado visitar os Estados Unidos, tendo sido convidado a falar no Instituto de Tecnologia de Massachusetts. Pretendia também passar algum tempo na Jamaica, na companhia de lorde Beaverbrook, mas Clementine opôs-se a essa primeira fase de sua viagem, no que ela designava, numa nota que lhe enviou em 5 de março, “esse momento de dúvida e desânimo entre nossos seguidores”. Os membros do Partido Conservador estavam inquietos com o prolongamento do governo trabalhista. Havia também certo descontentamento com a direção de Churchill, que muitos *tories* consideravam não ser suficientemente firme nem decisiva. Isso se tornara claro na série de mais de trinta almoços que Clementine tinha organizado em Hyde Park Gate para que seu marido se encontrasse com tantos deputados conservadores quanto possível. Ficar com Beaverbrook, avisou ela, aumentaria a dúvida e o desânimo e pareceria cinismo e um insulto ao partido.

A carta de Clementine prosseguia:

Frequentemente brinca comigo e me chama de “cor-de-rosa”, mas, acredite, eu sinto o que está acontecendo. Eu não me importaria se você deixasse a direção do partido quando as coisas corressem bem, mas não posso tolerar que seja aceito de uma forma embaraçosa e com murmúrios.

À minha maneira humilde, tenho tentado ajudar com almoços políticos aqui e com visitas a Woodford e auxiliando na correspondência com seus eleitores, mas me sinto gelada e desencorajada pela noção cada vez mais profunda de que você só está fazendo o suficiente para manter-se no poder. Isso não é suficiente, de forma alguma, nesses tempos duros e angustiantes.

Churchill aceitou o conselho de sua esposa. “A situação política aqui está desconfortável”, escreveu ele a Beaverbrook cinco dias depois. “Acho que não devo manter-me afastado por tanto tempo.” Então, em 18 de março, embarcou no *Queen Elizabeth* para Nova York. Tinham passado quase 55 anos desde que atravessara o Atlântico pela primeira vez, o que, segundo escreveu à Cunard White Star Line, “é muito tempo em termos de vida humana”. Discursando em Nova York em 25 de março, elogiou o recentemente assinado Pacto do Atlântico, antecessor da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Para ele, o povo americano fazia “parte dele porque não havia uma alternativa, mas, se todos nós juntarmos nossas sortes e compartilharmos nossos destinos, penso que não teremos razão para lamentar”. O pacto era necessário porque, disse ele, “precisamos não só convencer o governo soviético de que temos uma força superior — de que eles são confrontados por uma força superior —, mas de que não estamos impedidos por quaisquer considerações morais, se for o caso, de utilizar essa força com completa falta de piedade. E é essa a maior possibilidade de paz, é o caminho mais seguro para a paz. E então os comunistas negociarão”.

Para Churchill, a Europa já teria sido “comunizada” há algum tempo e Londres já teria estado “sob bombardeio”, não fosse o efeito dissuasor da bomba atômica nas mãos dos Estados Unidos. Ele reiterou esse ponto durante uma conversa privada com Truman na Casa Branca, alguns dias depois, quando instou o presidente a tornar público que os Estados Unidos estavam preparados para usar a bomba atômica na defesa da democracia. Então, em 31 de março, após ter viajado de trem até Boston, proferiu, no Instituto de Tecnologia de Massachusetts, o discurso para o qual tinha ido aos Estados Unidos. “Mal imaginávamos que aquilo que chamamos de ‘o Século do Homem Comum’ testemunharia, como sua característica mais saliente, mais homens comuns matando uns aos outros com mais meios do que em quaisquer séculos da história da humanidade”, disse ele, recordando o ano de 1900. O comunismo havia criado um “cisma fundamental” em relação ao resto da espécie humana, mas ele não queria acreditar que qualquer povo poderia ser mantido hipnotizado *para sempre*. “A maquinaria da propaganda pode encher suas mentes com falsidades e negar-lhes a verdade durante muitas gerações, mas a alma do homem assim mantida como num transe, ou gelada numa longa noite, pode ser despertada por uma centelha vinda Deus sabe de onde, e, num momento, toda essa estrutura de mentiras e opressão é posta em julgamento”, disse ele.

O “objetivo e as ideias” atuais, prosseguiu Churchill, eram a amizade com a Rússia. Se, no entanto, houvesse uma guerra de nervos, “asseguremo-nos de que nossos nervos são sólidos e fortificados pelas mais profundas convicções de nossos corações. Se perseverarmos continuamente, todos juntos, e não permitirmos qualquer apaziguamento da tirania e do mal em qualquer de suas formas, não será nossa coragem nem a estrutura da nossa civilização que cederá, e a paz será conservada”. Em 7 de abril, enquanto Churchill voltava à Grã-Bretanha a bordo do *Queen Mary*. Truman proferiu a declaração em que Churchill tinha insistido, dizendo que “não hesitaria” em utilizar a bomba atômica se isso fosse necessário para a defesa dos Estados Unidos ou se o destino das democracias do mundo estivesse em causa. “Essa declaração será, não tenho dúvida, um grande auxílio para a causa da paz”, escreveu Churchill a um amigo após seu regresso à Inglaterra. Dois meses mais tarde, escreveu a Truman: “Fiquei muito impressionado com sua declaração sobre não temer utilizar a bomba atômica se for necessário.

Estou certo de que isso fará mais do que todo o resto para afastar a catástrofe de uma terceira guerra mundial.”

A necessidade de uma unidade em todas as forças democráticas influenciou até mesmo a atitude de Churchill em relação à Índia. Menos de dois anos após sua aceitação da Lei de Independência da Índia, concordou com mais uma proposta do governo trabalhista, de que a Índia permanecesse parte da Comunidade Britânica, mas como uma república independente. “Não tenho dúvida de que é nosso dever fazer todo o nosso possível para que o novo sistema seja bem-sucedido”, disse ele a um par conservador influente, lorde Salisbury, em 28 de abril. Na Câmara dos Comuns, nesse mesmo dia, disse que “perigos e dificuldades” compartilhados por todos os estados “podem criar novas harmonias com a Índia, bem como com outras vastas partes da Ásia”.

A decisão de Churchill sobre aceitar a República da Índia foi aceita pelo seu partido. Ao marechal Smuts, da África do Sul, que levantou objeções, ele escreveu um mês depois: “Quando fiz a mim mesmo a pergunta sobre se era melhor tê-los na Comunidade Britânica, mesmo nesses termos, ou deixá-los ir embora completamente, meu coração deu-me a resposta: ‘Eu quero que fique.’ Nehru tem demonstrado magnanimidade após dezesseis anos de prisão.” Churchill prosseguiu: “A oposição ao comunismo permite um crescente laço de unidade.” Mesmo os birmaneses, a cuja independência ele se tinha oposto, poderiam ter um lugar no novo esquema de coisas. “É até possível que a Birmânia arranje um bilhete de volta na segunda classe”, escreveu ele a lorde Salisbury. “A isso eu daria as boas-vindas. Talvez se lembre da dificuldade que tive em pôr o partido a votar contra a Lei de Independência da Birmânia, mas agora, no seu sofrimento e na sua tragédia, muitos birmaneses devem estar pensando nos dias doces da rainha Vitória.” Churchill acrescentou: “É possível que sejam apenas sonhos vãos de um homem de idade, no entanto sou incapaz de perder as esperanças.”

Nesse verão, Churchill foi à Itália, mais uma vez acompanhado por um número suficiente de secretárias e caixas de documentos que lhe possibilitassem continuar seu trabalho no quarto volume de suas memórias de guerra. Clementine acompanhou-o, assim como o general Ismay e Bill Deakin. Primeiro, ficaram em Gardone, no lago de Como, e depois em Carezza. Essas férias de trabalho foram interrompidas em meados de agosto, quando Churchill viajou até Estrasburgo para a sessão inaugural do Conselho da Europa, como líder da seção da oposição parlamentar britânica. Herbert encabeçava a seção do governo. Um dos colegas delegados conservadores, Harold Macmillan, ficou espantado com a forma como Churchill entrou no espírito do debate e da política. “Ele andava para cá e para lá, conversava com todos os delegados, ia à sala de fumo e, de modo geral, deu-se ao trabalho de granjear a simpatia de seus novos colegas parlamentares”, notou Macmillan. Durante quatro dias, Churchill recebeu delegados franceses, holandeses e italianos em sua vivenda. Depois, em seu discurso de 17 de agosto, incitou o Conselho da Europa a funcionar como uma “unidade europeia” no seio das Nações Unidas. E então, olhando ao redor da sala, perguntou, num rompante dramático: “Onde estão os alemães?”

Churchill pressionou o conselho a convidar uma delegação da Alemanha Ocidental a participar em suas deliberações tão cedo quanto possível. Isso deveria ser feito antes do fim desse mês. O ano vindouro era “precioso demais para se deixar perder”. “Se fosse perdido, poderia ser perdido para sempre. Esse poderia não ser *um* ano. Esse poderia ser *o* ano”, disse Churchill. Era apenas através do “crescimento e reunião do sentimento do europeísmo, falado aqui e escutado por todo o mundo que conseguiremos tomar não decisões executivas, mas uma parte ativa e de liderança no reviver do maior dos continentes, que caiu na maior das misérias”, continuou ele. Conforme Churchill tinha sugerido, a Alemanha ocidental foi convidada a participar no Conselho da Europa, ainda que a decisão não tenha

sido tomada senão na sessão seguinte, que aconteceu em Paris, no início de novembro. Depois de dois anos, seria feita membro efetivo com pleno direito de voto.

De Estrasburgo, Churchill foi para a Riviera Francesa, onde, mais uma vez instalado em La Capponcina, e auxiliado por Denis Kelly, retomaria o trabalho por alguns dias em suas memórias de guerra antes de voltar a Estrasburgo. A estrela de cinema Merle Oberon também era hóspede na vivenda; na tarde de 23 de agosto, adequadamente equipado, deu cambalhotas no mar para diverti-la. Kelly recordaria mais tarde um episódio em que “estávamos sentados com nossas toalhas, bebendo martinis, e ele subitamente pousou seu copo de uísque com soda, olhou para meu corpo magricela e grunhiu: ‘Denis, você é uma vergonha para o império britânico’”.

Nessa noite, Churchill jogou cartas com Beaverbrook. Quando se levantou por um momento, verificou que sua perna direita estava dormente. Continuou a jogar, mas a seguir sentiu uma cãibra no braço direito. Nessa noite, ainda sem saber que algo estava seriamente mal, discutiu com Kelly suas preocupações acerca do antiamericanismo de Beaverbrook. “Essa gente não sabe nada do que está acontecendo”, disse ele enquanto chapinhava na água do banho.

Pela manhã, Churchill percebeu que alguma coisa não estava bem. As cãibras persistiam e ele não conseguia escrever com facilidade. Lorde Moran foi chamado e veio imediatamente de Londres. Churchill tinha sofrido um ligeiro derrame cerebral. Quando tentou assinar o nome, verificou que não conseguia fazê-lo. Sua nova ida a Estrasburgo foi imediatamente cancelada, assim como os planos que tinha feito para ir à Suíça por um pequeno período para pintar. Durante três dias, deixou completamente de trabalhar, exceto para treinar sua assinatura, perguntando repetidas vezes a Elizabeth Gilliat: “Já está boa?” No quarto dia, sentiu-se suficientemente bem para ditar alguns textos.

Preocupado e irritado com a perspectiva de que se notasse que o ataque, mantido estritamente em sigilo, tinha afetado ligeiramente seu andar, Churchill regressou à Inglaterra de avião, voando até Biggin Hill e seguindo de automóvel para Chartwell. Em 3 de setembro, foi a Epsom, onde viu Colonist II, um cavalo de corrida que tinha comprado recentemente, mas não fez nenhum discurso público até 13 de outubro. Nesse dia, discursou no Congresso dos Sindicatos Conservadores, e depois, no dia seguinte, no Congresso Conservador, ambos em Londres. Seis dias depois, estava em Bristol para fazer a alocação do chanceler na cerimônia dos graus honoríficos. Em 21 de outubro, falou na reunião anual de El Alamein, realizada no Albert Hall.

Sempre que possível, durante esse outono, Churchill permaneceu em Chartwell. Havia feito, em 16 de setembro, uma doação a favor da mulher de lorde Moran, de forma que ela recebesse quinhentas libras por ano livres de impostos. Essa era a segunda doação que tinha estabelecido para ela. Sabendo que seu médico não tinha muito dinheiro, ele insistia em ajudar. “Espero que não me proibam de fazê-lo”, escreveu.

Churchill tinha sido responsável por muitos outros atos de generosidade, quer sob a forma de auxílio financeiro, quer em apoio moral. Por mais de vinte anos, ele tinha pagado dívidas frequentemente substanciais do filho, e, quando o primeiro casamento de Randolph chegou ao fim, ele fez uma provisão generosa em favor de Pamela. Ele também tinha garantido que não faltasse nada às duas filhas de sua secretária Violet Pearman, que tinha morrido pouco depois do eclodir da guerra. Durante as décadas de 1930 e 1940, vários de seus ministros com problemas pessoais, incluindo Eden, tinham-no procurado e recebido auxílio. Em 1937, Ethel Snowden, viúva de um de seus mais acérrimos críticos trabalhistas, escreveu-lhe, ao ler o obituário que Churchill tinha escrito sobre seu marido, Philip Snowden: “Sua generosidade para com um adversário político estabelece-o para sempre aos meus olhos como o grande cavalheiro que sempre considerei que era. Se eu tivesse tido problemas que não pudesse eu mesma resolver, não há ninguém a quem eu sinta que poderia recorrer com maior confiança de que seria bem

tratada.”

* * *

O trabalho nas memórias de guerra continuou ao longo de setembro e outubro; havia uma constante revisão dos capítulos à medida que Churchill recebia, de muitos participantes do drama, as críticas que ele tinha solicitado. Dúzias de cartas com sugestões e respostas a questionamentos eram submetidas ao escrutínio de Kelly e Deakin, que depois trabalhavam com o patrão para corrigir os capítulos. “Você deve concordar que fiz um esforço prodigioso”, disse Churchill ao seu editor, Desmond Flower, quando o trabalho finalmente foi terminado. Em 2 de novembro, Churchill falou na Exposição Nacional do Livro. “Escrever um livro é uma aventura”, disse ele. “No início, é um brinquedo e um divertimento; depois, torna-se uma amante; e a seguir torna-se um senhor e um tirano. A última fase é quando estamos prestes a reconciliarmo-nos com nossa servidão, mas então matamos o monstro e o lançamos ao público.”

Nesse mês, Churchill completou 75 anos. O quarto volume das memórias de guerra estava prestes a ser finalizado, atrasado apenas, e brevemente, por uma gripe que o forçou a ficar de cama na segunda semana de dezembro, quando estava em Hyde Park Gate. Em 19 de dezembro, estava novamente em Chartwell, “em grande forma”, segundo Archibald Sinclair disse a um amigo, “tão animado em sua conversa quanto no Gabinete, nos velhos tempos, comendo, bebendo e fumando tão vorazmente quanto sempre”. Sinclair acrescentou:

Ele me levou para dar uma volta, mostrou-me seus touros, *short horns* e *jerseys*, e um enorme galinheiro feito de tijolos que ele mesmo tinha construído, que chamava de Chickenham Palace. Ao lado havia uma porção de terreno barulhento e sujo, que era o Chickenham Palace Gardens. “Que espécie de galinhas cria?”, perguntei. “Oh, não me preocupo com esses detalhes”, rosnou Winston.

Em 29 de dezembro, Churchill deixou a Inglaterra mais uma vez, em sua quarta viagem ao exterior naquele ano, indo à ilha da Madeira, que ele tinha visto pela última vez cinquenta anos antes, a caminho da Guerra dos Bôeres. Pretendia ficar várias semanas e completar o quarto volume de suas memórias. Para facilitar esse processo, Deakin foi ao seu encontro no Ano-Novo. Porém, uma semana após o início do trabalho, Attlee anunciou que haveria eleições gerais em 23 de fevereiro. Churchill teve de voltar às pressas à Inglaterra, retornando de avião em 12 de janeiro de 1950 e iniciando já no dia seguinte uma série de consultas, em Chartwell, sobre o manifesto eleitoral conservador. Churchill queria que fosse dada particular ênfase a duas palavras, sendo elas “incentivo” e “estímulo”.

A Clementine, que tinha permanecido na Madeira, telegrafou em 16 de janeiro: “Espero que tudo tenha sido agradável. Aqui, nada senão trabalho e confusão.” Nesse dia, foi a Londres, onde houve mais consultas, todos os dias, em Hyde Park Gate. “Teve um dia que passamos nove horas na sala de jantar”, contou Churchill à sua mulher em 19 de janeiro. Dois dias mais tarde, fez a primeira emissão de rádio para a campanha do Partido Conservador, dizendo aos seus ouvintes que a escolha colocada perante eles era “dar outro mergulho na arregimentação socialista ou, por meio de um grande esforço, recuperar a liberdade, a iniciativa e a oportunidade da vida britânica”.

Na manhã de 24 de janeiro, Churchill voltou a sentir-se mal. “Tudo ficou enevoado”, explicou ele a lorde Moran, que, assegurando-lhe de que não se tratava de um novo ataque, contou que parecia ter espasmos arteriais quando ficava muito cansado. A campanha eleitoral precisava prosseguir; Churchill

recrutou a ajuda de dois jovens para elaborar os rascunhos de seus discursos, Reginald Maudling, futuro ministro das Finanças, e George Christ, editor do jornal semanal do Partido Conservador. Eles o auxiliaram a preparar o discurso para seu círculo eleitoral em 28 de janeiro, no qual Churchill atacaria as nacionalizações do governo trabalhista: o Banco da Inglaterra tinha sido nacionalizado em 1945, o carvão, a aviação civil e os transportes, em 1946, a eletricidade, em 1947 e o gás, em 1948. A Proposta do Ferro e do Aço, que tinha passado à sua segunda leitura em novembro de 1948 e que aguardava apenas uma vitória trabalhista para ser implementada, “será repelida por nós”, declarou Churchill. Ele repetiu essa promessa em Leeds em 4 de fevereiro.

De Leeds, Churchill viajou para Cardiff, onde citou Lloyd George e seu alerta, feito 25 anos antes, de que “socialismo significa amarrar a comunidade”. De Cardiff, foi para Devonport, onde discursou na campanha para a eleição de Randolph. Regressou depois ao seu círculo eleitoral, antes de partir para Edimburgo, onde falou em 14 de fevereiro, mencionando sua esperança de que fosse possível encontrar “uma fundação mais augusta e exaltada para a paz” do que a bomba atômica. Ele não conseguia evitar voltar à ideia de “um novo contato com a União Soviética no mais alto nível”. Então, usando pela primeira vez a expressão “cúpula” em referência a negociações entre os líderes mundiais, disse:

Agrada-me a ideia de um supremo esforço para criar uma ponte sobre o fosso entre os dois mundos, de modo que cada um possa viver sua vida, se não em amizade, pelo menos sem os ódios de uma guerra fria. Tomem nota das minhas palavras, porque eu nem sempre estive errado. Não é fácil ver como as coisas poderiam ficar piores com uma cúpula, se isso fosse possível.

Na sequência de sua expressão de esperança de uma “cúpula”, Churchill voltou para Londres e, em seguida, para Chartwell. No dia seguinte, 16 de fevereiro, foi amplamente difundido o boato de que ele tinha morrido. Ele emitiu imediatamente um comunicado à imprensa no qual declarava: “Informam-me, de diversos setores, que foi divulgado o boato de que eu teria morrido nessa manhã. O que é mentira.” Então, num esforço para isolar a fonte do rumor, acrescentou: “Esse foi, no entanto, um bom exemplo da campanha de fofocas que é feita, mas teria sido mais criativo guardá-lo para o dia da votação.”

Em sua última emissão política do Partido Conservador, em 17 de fevereiro, Churchill apelou a “uma sacudidela” dos ombros da Grã-Bretanha para “libertar-se” do socialismo. Foi então para norte, até Manchester, para um discurso final antes do dia das eleições. Em 23 de fevereiro, depositou seu voto em seu círculo eleitoral, voltando em seguida a Hyde Park Gate para ouvir os resultados pelo rádio durante a madrugada. Por volta do meio-dia de 24 de fevereiro, porém, já era claro que o trabalhismo permaneceria no poder, mas, mesmo considerando os nove lugares dos liberais, o Partido Trabalhista tinha uma maioria de apenas seis. Ambos os genros de Churchill, Duncan Sandys e Christopher Soames, tinham sido eleitos, mas Randolph tinha perdido, ainda que por uma pequena margem; era sua quarta tentativa falhada para entrar para o Parlamento. Churchill mantinha-se líder da oposição. Tinha-se iniciado um movimento, nos círculos conservadores, para substituí-lo por alguém mais jovem, quase certamente Anthony Eden, mas Churchill mantinha-se confiante em que conduziria seu partido à vitória nas próximas eleições, que não poderiam demorar muito. Um candidato derrotado, Anthony Barber, que vinte anos depois seria ministro das Finanças, escreveu-lhe: “Para a maior parte dos jovens candidatos como eu, foi uma grande inspiração ter um homem com sua personalidade e sua experiência ao leme, e espero que não considere impertinência nem lugar-comum quando digo que sua chefia, desde o final da guerra, é um dos mais vitais fatores que trouxe nosso partido de novo à sua atual posição.”

Churchill voltou a Chartwell, determinado a acabar o quarto e o quinto volumes de suas memórias de guerra antes das eleições seguintes, deixando assim apenas um volume para ser feito mais tarde. Trabalhando muitas vezes até tarde, pela noite adentro, ele ditava vastas porções da narrativa a uma nova secretária, Jane Portal. No Parlamento, continuava a falar energicamente contra o governo de Attlee, primeiro em 7 de março e novamente em 16 de março. Henry Channon anotou em seu diário em 16 de março: “Winston falou no debate sobre a Defesa durante mais de uma hora e parecia muito bem-disposto. Nada de vulcão extinto.” Em 28 de março, Churchill falou outra vez na Câmara dos Comuns, argumentando que tinha chegado o momento de a Alemanha Ocidental assumir sua parte na defesa do Ocidente. “A Grã-Bretanha e a França deveriam estender as mãos da amizade à Alemanha e, assim, em caso de sucesso, permitir que a Europa reviva”, disse ele.

Em 16 de maio, Churchill foi o convidado de honra num banquete da Comissão da Bancada Conservadora de 1922. Ele sabia que seu discurso poria à prova a vontade do grupo de continuar a tê-lo como líder do partido. Tinha-o preparado com cuidado, expondo o que ele considerava serem as políticas do partido na metrópole e no estrangeiro: o direito individual à liberdade, o fim das nacionalizações, a aliança com os liberais contra os trabalhistas e a procura por uma Europa unida, incluindo a Alemanha na Europa e sendo forte face à Rússia. “A palavra ‘apaziguamento’ não é popular, mas tem seu lugar em todas as políticas”, disse ele. “Tenhamos a certeza de pô-la no lugar certo. Apaziguar os fracos, desafiar os fortes. É horrível para uma nação importante como a Grã-Bretanha fazer ao contrário.”

Churchill ficou satisfeito com o calor com que foi recebido, dizendo aos deputados: “Espero que me deem, como líder, a simpatia e a confiança de que necessito. Seu acolhimento hoje, aqui, removeu a barreira que tinha se levantado em mim.” Ele disse que viria com mais frequência aos seus encontros e que esperava também encontrar-se com seu corpo executivo “a intervalos regulares”. Também estabeleceria uma comissão para o governo sombra, que preparasse o partido para as próximas eleições. Dois dias depois, em Edimburgo, Churchill lançou um ataque cerrado à política do governo trabalhista de tributação elevadas e punitivas, assim como o “total fracasso” das nacionalizações. “Nós proclamamos que o Estado é o servo, e não o senhor do povo”, afirmou ele. Como anteriormente, teve ajuda de George Christ na preparação de seu discurso, mas nem sempre utilizou o esboço que Christ lhe dera. Numa ocasião, ao agradecer a Christ por seu rascunho, desculpou-se igualmente: “Não o ter utilizado em nada diminui o valor do auxílio que me deu”, escreveu ele. “Ele me forneceu a corda com a qual me icei para a terra até poder caminhar com meus pés na praia.” A quantidade de discursos que Churchill fazia era extrema para um homem de 75 anos. “Tive um ritmo tremendo com três discursos e duas noites no trem”, escreveu ele a Randolph em 21 de maio.

A idade, no entanto, estava cobrando seu preço; em 25 de maio, o distinto neurologista Sir Russell Brain disse a Churchill que a “constrição” sobre seus ombros tinha aumentado porque as células do cérebro que recebiam as mensagens do ombro estavam morrendo. Um mês mais tarde, um segundo especialista, Sir Victor Negus, confirmou que Churchill sofria de uma surdez crescente, dizendo-lhe que não poderia continuar a ouvir “o chilrear dos pássaros e as vozes das crianças”. Mesmo assim, ele continuou a trabalhar ao longo do mês de junho em suas memórias de guerra, com Deakin e Kelly a alternarem como seus auxiliares de fim de semana. Deakin lembraria mais tarde a “enorme capacidade de Churchill de viver o momento, o mais intenso poder de concentração que jamais encontrei em alguém”.

Churchill voltou a Londres em 26 de junho, quando, ao falar na Câmara dos Comuns, denunciou a

recusa do governo trabalhista em participar numa conferência em Paris destinada a estabelecer uma reserva comum de carvão e de aço para a Europa ocidental. A ausência da Grã-Bretanha, disse ele, poderia “prejudicar as esperanças de um acordo geral” e “perturbar o equilíbrio da Europa”. Ele prosseguiu, explicando que era “absolutamente a favor de uma reconciliação entre a França e a Alemanha e de receber a Alemanha na família europeia, mas isso implica, como sempre insisti, que a França e a Grã-Bretanha atuem em conjunto, de modo a poderem negociar, de igual para igual, com a Alemanha, que é muito mais forte do que a França”. Para ele, a recusa do governo trabalhista em participar na conferência revelava “uma atitude esquelética”. No mesmo discurso, apoiou a adesão do governo à ação das Nações Unidas após uma invasão norte-coreana ao território da Coreia do Sul; em 5 de julho deu o apoio conservador à moção do governo para o envio de tropas para resistir à “agressão não provocada”.

Em 27 de julho, Churchill pediu a convocação de uma sessão privada da Câmara dos Comuns para discutir o aumento mundial das Forças Armadas soviéticas. Como Attlee opôs-se, a Câmara votou. O pedido de Churchill foi derrotado, mas apenas por um único voto. Foram 295 votos contra 296. Churchill preparou-se para falar na sessão de abertura da Assembleia Consultiva do Conselho da Europa, em Estrasburgo, onde insistiria na criação de um exército europeu. Em 6 de agosto, voou de Biggin Hill para Estrasburgo, onde, durante os quatro dias seguintes, trabalhou em seu discurso. Macmillan, que estava com ele, escreveu em seu diário em 10 de agosto: “Não se pode deixar de admirar sua extraordinária atenção aos detalhes e seu desejo de aperfeiçoar e melhorar.”

Churchill proferiu seu discurso em 11 de agosto, fazendo um apelo a todos os países da Europa ocidental para que arcassem com sua parte e dessem seu melhor na defesa militar da Europa. Ele estava “muito satisfeito” que os alemães, “no meio de todos os seus problemas, tenham vindo aqui para compartilharem nossos perigos e aumentarem nossa força”. A liberdade e a civilização da Europa ocidental estão “sob a sombra da agressão comunista russa”, apoiada por grandes quantidades de armamentos. Se os alemães juntassem sua sorte à sorte da Europa Ocidental “devemos considerar sua segurança e sua liberdade tão sagradas quanto as nossas próprias”. Uma “real frente defensiva” precisava ser criada na Europa. “Aqueles que servem a causas supremas não devem considerar o que podem obter, mas o que podem dar. Que essa seja nossa rivalidade nos anos que estão à nossa frente.”

A moção de Churchill a favor da criação de um exército europeu foi aprovada por 80 votos contra 5, com 27 abstenções, principalmente dos delegados do Partido Trabalhista britânico. A força dessa votação deu a Churchill um sentimento de considerável realização. Os alemães ocidentais concordaram em dar uma contribuição de cinco ou seis divisões para o exército europeu, e a França aceitou. “O fim do conflito entre a França e a Alemanha, o que é realmente um ato sublime da parte dos dirigentes franceses e uma excelente manifestação da confiança que a Alemanha ocidental tem em nossa fé e em nossa boa vontade, é, penso eu, um imenso passo na direção da espécie de mundo pela qual você e eu temos lutado”, escreveu Churchill a Truman em 13 de agosto. “É também a melhor esperança de evitar uma terceira guerra mundial”, completou ele.

Regressando à Inglaterra em 26 de agosto, Churchill fez uma emissão política do partido, na qual lamentou que o governo tivesse ignorado seu apelo em Edimburgo, em fevereiro de 1949, para uma “cúpula” com os dirigentes soviéticos. A única maneira de lidar com a Rússia comunista, para ele, era dispor de “força superior, de uma ou outra forma, e então atuar de forma franca e razoável”. Na Câmara dos Comuns, em 12 de setembro, criticou o governo por permitir a venda contínua de máquinas à Rússia. Era “intolerável pensar” que tropas britânicas estivessem sendo enviadas para ação “num fim de mundo”, a Coreia, “enquanto fornecemos ou estamos prestes a fornecer àqueles que estão tentando matá-los se não as armas de guerra propriamente ditas, os meios para fazê-las”.

Churchill continuou, dizendo que pensava que “o sentimento da grande maioria das pessoas nesta

casa é de que nem mais máquinas com aplicação na produção bélica nem mais máquinas ou motores que possam ser usadas para fins militares devem continuar a ser enviadas deste país para a Rússia soviética ou para as nações satélites enquanto se mantiver o presente estado de tensão”. O apelo de Churchill foi um sucesso e a venda das máquinas foi contida.

Porém, uma semana mais tarde, não foi bem-sucedido ao tentar persuadir o governo a não colocar em vigor a nacionalização do ferro e do aço num momento em que a nação se encontrava tão equilibradamente dividida em relação à questão e “perturbando o funcionamento normal e eficiente de uma indústria vital para nosso programa de defesa”.

Em 1º de outubro, Churchill celebrou um aniversário raro para qualquer político, o quinquagésimo aniversário de sua primeira eleição para o Parlamento. Dez dias depois, voou para a Dinamarca para receber o grau *honoris causa* da Universidade de Copenhague. Após ouvir as empoladas palavras introdutórias sobre seus anos como líder de guerra, Churchill respondeu: “Apenas servi ao meu país, e, se não tivesse, em qualquer momento, mostrado resoluta firmeza para lutar e conquistar, deveria ter sido imediatamente, e com toda a razão, tirado do cargo.” A guerra voltou aos pensamentos de Churchill no final de outubro, quando a Câmara dos Comuns retornou, finalmente, ao lugar que ocupara antes da guerra, no palácio de Westminster, que fora obrigada a abandonar devido a um bombardeio em maio de 1941.

Falando depois de Attlee, Churchill descreveu-se como “filho da Câmara dos Comuns”. “O primeiro-ministro disse — e com muita verdade — que a Câmara dos Comuns era a oficina da democracia, mas ela tem também outras pretensões”, acrescentou ele.

É a campeã do povo contra a opressão executiva. Não estou aqui defendendo uma posição partidária — isso é bastante inadequado numa ocasião assim. A Câmara dos Comuns sempre foi o organismo controlador e, se necessário, o organismo alterador dos governantes do momento e dos ministros nomeados pela Coroa. Ela se afirma para sempre contra o poder da oligarquia e de um só homem. Todas essas tradições, que nos formaram ao longo de centenas de anos, transportando conosco uma grande parte do pensamento que comanda a raça humana, receberam novos sopros de vida ao mesmo tempo que o direito de voto se estendeu até tornar-se universal. A Câmara dos Comuns defende a liberdade e a lei.

Churchill ficou comovido quando Attlee decidiu chamar um dos arcos não bombardeados da Câmara dos Comuns de “o arco de Churchill”. Uma semana depois, uma votação inesperada levou a uma maioria antigovernamental de seis, mas, uma vez que não se tratava de um voto de confiança, o governo não precisou demitir-se.

Em 30 de novembro, Churchill completou 76 anos. Nesse dia, num debate na Câmara dos Comuns sobre questões estrangeiras, ele voltou a defender uma “cúpula”, chamando-lhe, e até o processo que conduziria a ela, “a melhor esperança de evitar uma terceira guerra mundial, não através de apaziguamento dos oponentes, mas através de medidas sensatas, jogo limpo de força e a prova de uma determinação invencível”. Duas semanas depois, durante um debate sobre a situação internacional, Churchill elogiou o apoio de Attlee ao estabelecimento de estreitas relações anglo-americanas e ao rearmamento da Alemanha ocidental. A decisão de aceitar uma Alemanha Ocidental rearmada como parte integrante da defesa da Europa Ocidental fora tomada por Attlee e Bevin contra os desejos da maioria de seus colegas

de conselho. Eles sabiam, no entanto, que, apesar da hostilidade do partido, e do Ministério das Relações Exteriores, podiam confiar em Churchill para levar os conservadores, que constituíam metade do eleitorado, a apoiarem a política e a torná-la bipartidária, como Churchill fizera anteriormente em relação à independência da Índia.

Três dias depois de seu discurso de apoio à política de defesa de Attlee, Churchill deixou Londres, dirigindo-se para Casablanca e seguindo de carro para Marrakech, onde esperava completar o quinto volume de suas memórias de guerra. “Tenho trabalhado oito horas por dia na cama, o que é muito confortável”, relatou a Clementine no dia de Natal. Além do trabalho em suas memórias, Churchill fazia passeios quase diários para pintar ou fazer piqueniques. “Vim para aqui para brincar, mas até agora tem sido apenas *trabalhar* sob condições fisicamente agradáveis”, acrescentou ele num melancólico *postscriptum*.

No dia de Ano-Novo de 1951, Churchill partiu em busca de “um paraíso de pintura iluminado pelo sol”; o encontrou em Tinghir, além das montanhas do Atlas, e lá permaneceu durante dois dias. Após seu regresso a Marrakech, Kelly, que fora com ele, regressou a Londres, mas Deakin partiu da Inglaterra em 5 de janeiro, juntamente com a filha de Churchill, Diana, para encontrar-se com ele. Passados dois dias, Clementine juntou-se ao grupo a tempo de participar de uma segunda expedição pelas montanhas até Tinghir. Entre essas agradáveis excursões, não só o quinto, mas também o sexto volume, o último, avançaram em direção à sua conclusão.

Em 20 de janeiro, após mais de sete semanas ao sol, Churchill voltou a Londres, onde voltou a mergulhar na luta política, procurando constantemente minar a precária maioria trabalhista na Câmara dos Comuns. Contudo, uma maioria de seis não podia ser ultrapassada, especialmente quando, na época do voto de desconfiança em 15 de fevereiro, durante a qual Churchill conduziu o ataque conservador, seis dos nove liberais votaram ao lado do governo. Cinco dias depois, em outra votação, o governo assegurou uma maioria de oito. Em março desse ano, por motivos de doença, Ernest Bevin foi forçado a demitir-se. Em 17 de março, numa emissão radiofônica do partido, Churchill elogiou “a firme resistência de Bevin à agressão comunista”, assim como o papel que havia desempenhado no fortalecimento dos laços da Grã-Bretanha com os Estados Unidos.

Na Câmara dos Comuns e no país, Churchill continuou a criticar as políticas trabalhistas. Em 18 de maio, em Glasgow, à medida que as forças unidas da China e das Nações Unidas combatiam na Coreia, ele censurou os membros trabalhistas por seus sentimentos pró-chineses e antiamericanos, “embora sejam os chineses que estão matando nossos homens e os americanos que estão ajudando a Inglaterra”. Em 7 de junho, liderou a oposição num debate que durou 21 horas. Harold Macmillan comentou:

Consciente de que muitas pessoas sentem que ele é velho demais para formar um governo e de que esse fato provavelmente será usado como um grito contra ele nas eleições, Churchill usou esses dias para fazer uma demonstração de sua energia e de sua vitalidade. Participou de todas as votações, fez uma série de pequenos discursos brilhantes, mostrou todas as suas qualidades de humor e sarcasmo e corou tudo com um notável café da manhã (às 7h30), com ovos, bacon, linguiças e café, seguido de uísque com soda e um enorme charuto. Essa última proeza despertou admiração geral. Por tudo isso, foi elogiado diariamente pelos jornais de lorde Beaverbrook, entrou e saiu de Palace Yard entre grupos de excursionistas que o admiravam e davam-lhe vivas, e, ao todo, nada lhe faltou a não ser Colonist II ganhar essa tarde a Taça de Ouro de Ascot.

Clementine não aprovava o entusiasmo pelas corridas recentemente adquirido pelo marido. “Acho que essa é uma faceta nova e singular da variada vida de Winston”, escrevera ela, em maio, a uma amiga. “Antes de comprar o cavalo (não imagino por quê), ele mal estivera num hipódromo em toda a sua vida. Devo dizer que não acho essa nova faceta loucamente divertida”, acrescentou ela. Para Churchill, porém, era um prazer novo. Quando, nesse ano, numa corrida em Hurst Park, Colonist II chegou em primeiro lugar, vencendo Above Board, com as cores reais, ele escreveu à princesa Elizabeth: “Quem me dera que nós dois pudéssemos sair vitoriosos, mas isso não teria fundamentado a animação e a vivacidade dos apostadores.”

O verão passou com os trabalhistas ainda no poder. Em 27 de junho, o Gabinete sombra discutiu a nacionalização do petróleo iraniano pelo novo primeiro-ministro, dr. Mossadegh. O principal ativo adquirido por Mossadegh foram os poços de petróleo da Anglo-Persian Oil Company e da refinaria de Abadan, que o próprio Churchill assegurara para a Grã-Bretanha em 1914. Churchill estava preocupado com a capacidade soviética de tirar proveito do imbróglio do Irã. “Ilimitados fornecimentos de petróleo afastarão o maior impedimento em relação a uma agressão russa de grande envergadura”, disse ele num telegrama enviado a Truman em 29 de junho. Churchill mostrou seu telegrama ao novo secretário das Relações Exteriores, o trabalhista Herbert Morrison, que lhe escreveu em resposta: “Acho que essa mensagem pode ser muito útil e estou satisfeito por tê-la enviado a nós.”

Falando na Câmara dos Comuns em 30 de julho, Churchill deu as boas-vindas ao envio de um mediador a Teerã por parte de Truman. Encontrava-se “extremamente ansioso para encorajar a Marinha dos Estados Unidos a adotar um papel de liderança no Mediterrâneo”, disse ele. Desde o fim da guerra, “tenho estado ansioso para que os Estados Unidos se interessem mais pelo que está acontecendo na Pérsia e no Egito”. Durante seu discurso, Churchill criticou o governo britânico por não estar disposto a desafiar a recusa do Egito em permitir que navios com destino a Israel passassem pelo canal de Suez; a Grã-Bretanha deveria tê-lo feito “há dois anos ou ter apoiado Israel a fazê-lo há dois anos”. Ele continuou: “Por que não poderíamos ter recusado todas as exportações militares, assim como todos os pagamentos, com base em saldos de confiança, até que o assunto estivesse resolvido?”

“Ele estava tremendamente em forma”, anotou Macmillan em seu diário, acrescentando que, com seu discurso, Churchill tinha “estabelecido uma ascendência completa sobre o partido e, de fato, sobre a Câmara”.

Churchill estava dominado por uma disposição entusiástica. Em 3 de agosto, o *Times*, num artigo de destaque, elogiou seu quarto volume, recém-publicado, e, citando um telegrama que Roosevelt enviara a Churchill no tempo da guerra, disse: “É divertido estar na mesma década que você.” “Muitos leitores sentirão o mesmo tipo de êxtase à medida que virem as páginas dessa autobiografia muito viva e reveladora”, comentou o jornal. O autor, entretanto, estava ocupado em dar os toques finais às provas de seu quinto volume, dizendo a Clementine no dia da crítica publicada no *Times*: “Estou praticamente rescrevendo os primeiros capítulos do quinto volume à medida que passo por eles. Levam quatro ou cinco horas cada um, e, ao todo, são vinte. Pode imaginar que tenho pouco tempo para meus outros encargos — o peixe, dentro e fora de casa, as terras, o pisco (que fugiu). Contudo, durmo muito, uma média de 9 em 24 horas.”

Clementine estava de férias na França, em Annecy, na Haute-Savoie. Em 15 de agosto, Churchill deixou a Inglaterra para juntar-se a ela. Lá, sem nenhum dos seus “jovens cavalheiros” para ajudá-lo, trabalhou durante uma semana em seu quinto volume, ditando as alterações a Jane Portal. “Ele tinha o pressentimento de que seria primeiro-ministro após as eleições seguintes; um pressentimento muito forte

de que voltaria. Estava sempre falando sobre isso”, recordou ela mais tarde. Após uma semana em Annecy, o mau tempo convenceu Churchill a viajar mais para sul. Escolheu Veneza, onde pôde tomar banho nas águas mornas do Lido.

Durante sua estadia em Veneza, Churchill completou a última revisão de seu quinto volume. Em 12 de setembro estava de volta à Inglaterra. Oito dias depois, recebeu um curto bilhete de Attlee: “Meu caro Churchill, decidi que haverá eleições gerais em outubro. Vou anunciá-lo hoje após o noticiário das nove horas. Atenciosamente, C. R. Attlee.” Churchill começou imediatamente a ajudar a preparar o manifesto do Partido. Estava “muito consciente”, disse ele nesse dia a vários colegas conservadores mais velhos, das dificuldades com que se depararia qualquer administração conservadora, tanto no país quanto no estrangeiro, acrescentando com uma candura capaz de desarmar que “não podia somar à sua boa reputação, podia somente prejudicá-la”.

A campanha para as eleições gerais de 1951 foi a 16ª vez, desde 1899, que Churchill fazia parte do processo eleitoral. Em 2 de outubro, pronunciou seu primeiro discurso da campanha, em Liverpool. No dia seguinte, foi publicado o manifesto conservador. Continha uma surpresa, que era uma promessa da introdução de um Imposto sobre o Excesso de Lucros relativo aos fabricantes de armamento durante o período de rearmamento. Esse imposto era ideia do próprio Churchill, que se recordava de sua hostilidade para com os elevados lucros auferidos por fabricantes de armas na Primeira Guerra Mundial, e também antes de 1939, e não desejava que essa situação se repetisse durante sua própria administração.

À medida que a campanha para as eleições gerais se intensificava, o jornal *Daily Mirror* cunhou uma frase que causou grande inquietação a Churchill. “De quem é o dedo que eles querem no gatilho?”, perguntava-se. “De Attlee ou de Churchill?” Churchill respondeu a essa pergunta em 6 de outubro, num discurso em seu círculo eleitoral: “Tenho certeza de que não queremos dedos em gatilho nenhum. E muito menos queremos um dedo trêmulo.” Churchill não acreditava que uma terceira guerra mundial fosse inevitável, mas, se acontecesse, não seria um dedo britânico a puxar o gatilho que lhe daria início. “Pode ser um dedo russo, um dedo americano ou um dedo da Organização das Nações Unidas, mas não será um dedo britânico.” A influência britânica no mundo não era o que fora em “dias passados”. Ele podia, na verdade, desejar que fosse maior, “porque tenho certeza de que seria usada, como sempre foi usada ao máximo, para evitar uma luta de morte entre as nações”.

Em 8 de outubro, Churchill fez a primeira emissão radiofônica da campanha do Partido Conservador. A diferença entre os pontos de vista conservador e socialista, disse ele, era a diferença entre a escada e a fila: “Nós somos a favor da escada, em que todos podem tentar seu melhor para subir. Eles são a favor da fila, em que cada um espera pela sua vez.” Churchill também falou sobre “uma profunda ânsia por algum espaço para respirar, por uma pausa no meio do frenesi”. No seu comentário a essa emissão radiofônica, David Butler, perito em campanhas eleitorais, escreveu: “Com toda a sua moderação e todo o seu vigor, com toda a sua clareza e sua habilidade técnica no modo de discursar, o senhor Churchill fez a melhor emissão radiofônica conservadora das eleições, talvez a melhor emissão radiofônica de todos os partidos. Esse foi considerado por muitos seu melhor esforço pessoal desde a guerra.”

Churchill falava quase diariamente em encontros eleitorais: em 23 de outubro, disse à audiência em Plymouth que, se permanecesse na vida pública, sempre se esforçaria para dar “uma contribuição importante para a prevenção de uma terceira guerra mundial e para alcançar a paz que cada país desejava ardentemente”. Rezava para ter essa oportunidade. “É o último prêmio que procuro ganhar.”

A votação ocorreu em 25 de outubro. Nessa manhã, numa animada reiteração visual de sua questão do

“dedo no gatilho” duas semanas antes, o *Daily Mirror* publicou uma fotografia de um homem com um charuto, num meio perfil ampliado, com a legenda: “De quem é o dedo que está no gatilho?” Essa acusação, pela qual Churchill depressa assegurou um pedido de desculpas formal, não impediu seu regresso ao poder. Embora o número real de votos trabalhistas tenha sido ligeiramente mais elevado do que o número de votos para os conservadores, estes conquistaram 321 lugares contra 295 para os trabalhistas. Os lugares liberais caíram de 9 para 6. Entre os candidatos conservadores, Randolph, mais uma vez, não foi bem-sucedido. Não voltaria a candidatar-se ao Parlamento. Ao final da tarde do dia 26 de outubro, seu pai dirigiu-se ao palácio de Buckingham, onde, mais uma vez, tal como em maio de 1940 e em maio de 1945, o rei pediu-lhe que formasse governo. “Espero sinceramente que Winston possa ajudar o país”, escreveu Clementine a uma amiga. “Será um trabalho árduo, mas ele tem um coração determinado e ansioso.”

15.

Primeiro-ministro em tempo de paz

Churchill não perdeu tempo para formar sua administração. Assim como em maio de 1940, automeinou-se ministro da Defesa. Anthony Eden, que tivera esperanças de suceder-lhe como líder do partido, tornou-se ministro das Relações Exteriores pela terceira vez em sua carreira; a primeira vez que tinha ocupado esse alto cargo fora em 1935. R. A. Butler, que tivera um papel preponderante no renascimento dos destinos do Partido Conservador nos círculos eleitorais, foi empossado chanceler do Tesouro. Harold Macmillan foi convocado a ir a Chartwell e instado a “construir casas para o povo” como ministro da Habitação. “Foi ótimo ter me ligado outra vez aos antigos cenários que me lembraram o Churchill dos tempos de guerra”, recordou ele mais tarde. “Crianças, amigos, ministros, secretários privados, datilógrafas, todos numa enorme agitação, mas todos a apreciarem imenso o retorno ao centro do palco.”

O primeiro Gabinete da administração de Churchill em tempo de paz reuniu-se em 30 de outubro de 1951. Seu primeiro ato foi pôr em andamento a privatização do ferro e do aço, uma das promessas eleitorais. Também foi decidido que, tendo em conta a severa crise econômica com que se confrontavam, todos os ministros aceitariam uma redução imediata de seus ordenados; Churchill propôs-se ganhar 7 mil libras em vez das 10 mil libras do ordenado institucional de primeiro-ministro. Numa segunda reunião do Gabinete, em 1º de novembro, aprovou a proposta de Butler para um corte drástico nas despesas governamentais. Quatro dias depois, em sua primeira referência ao Ministério das Relações Exteriores desde que se tornara primeiro-ministro, disse à Câmara dos Comuns que Eden e ele partilhavam a ideia “de um esforço supremo para minimizar o abismo entre os dois mundos, para que cada um de nós possa viver sua vida, se não em amizade, pelo menos sem o medo, os ódios e o assustador desgaste da ‘guerra fria’”.

Em 30 de novembro, Churchill completou 77 anos. Seu secretário particular naquele dia era David Hunt, que mais tarde recordou como, após o jantar, “ele desceu para a sala do Gabinete para trabalhar exatamente da mesma maneira como sempre fazia, e, com sua habitual consideração, convidou-me para tomar uma bebida com ele”. Churchill disse a Hunt: “O senhor nunca tinha visto um primeiro-ministro com 77 anos.” Hunt respondeu: “Não, mas o senhor viu.” O último primeiro-ministro em atividade com a idade de Churchill fora Gladstone.

Estaria Churchill idoso demais para arcar com os rigores do cargo de primeiro-ministro? Clementine estava muito preocupada com a perspectiva de seu regresso ao governo nessa idade. Até Churchill sabia que o peso do cargo seria severo; a Jock Colville, quem tinha convidado para juntar-se ao seu gabinete privado como secretário particular principal, confidenciou que pretendia manter-se como primeiro-ministro por apenas um ano, e que, depois, passaria o cargo a Eden. Ele “apenas desejava ter tempo para restabelecer o relacionamento íntimo com os Estados Unidos, que havia sido a pedra basilar de sua política durante a guerra, e para restaurar no país as liberdades que haviam sido corroídas pelas restrições do tempo de guerra e pelas medidas socialistas do pós-guerra”.

Na prossecução do primeiro desses objetivos, Churchill informou ao Gabinete, em 11 de dezembro, que pretendia visitar os Estados Unidos tão brevemente quanto possível. Tinha também o objetivo prático de pedir assistência sob a forma de “equipamentos ou materiais” para o programa de defesa britânico. Antes de partir, foi a Paris com Eden, onde, em 18 de dezembro, no final de uma visita de dois dias, assegurou aos franceses que a Grã-Bretanha privilegiava o estabelecimento de uma Comunidade Europeia da Defesa, apesar de não poder integrá-la. Os britânicos estavam preparados para se associarem a esse projeto “tão intimamente quanto fosse possível em todos os estágios de seu desenvolvimento político e militar”. Em privado, Churchill teria preferido o que mais tarde chamou de uma “grande aliança” de exércitos nacionais, mais do que uma “amálgama imunda” de forças, mas, independentemente do que aconteceu, em 22 de dezembro ele disse em seu primeiro discurso como primeiro-ministro: “Vamos erguer-nos com todas as nossas forças em defesa do mundo livre e contra a tirania comunista e a agressão”, trabalhando em “verdadeira camaradagem” por uma Europa unida. O objetivo era evitar a guerra e promover a paz. “Pode acontecer de este país ter a honra de ajudar a civilização a escalar a montanha trabalhando duramente pela paz, como já fizemos uma vez durante os terrores da guerra.”

No último dia de 1951, Churchill partiu de trem de Londres para Southampton, onde embarcou no *Queen Mary*. O dia de Ano-Novo de 1952 foi passado no mar. Quando, durante a viagem, Colville tentou que Churchill lesse algum dos materiais preliminares para as negociações com os americanos, ele relutou, comentando que ia à América “para restabelecer relações, não para transações comerciais”. Porém, o economista Donald MacDougall, que lhe mostrou o resumo do discurso da parte econômica, ficou encantado quando Churchill, após a leitura, “devolveu-me um sumário magistral em verdadeira prosa churchilliana”.

O *Queen Mary* chegou a Nova York em 4 de janeiro de 1952. De Nova York, Churchill deslocou-se para Washington no avião de Truman. Nessa noite, Truman e ele jantaram a bordo do iate presidencial. Churchill elogiou muito o esforço americano na Coreia e o rearmamento americano. “Agora o mundo livre não é um mundo nu, mas um mundo rearmado”, disse ele. Churchill desejava que os Estados Unidos se unissem à Grã-Bretanha no envio de forças para manter a liberdade de navegação no canal de Suez. Quando se preparava para deixar o iate e dirigir-se à embaixada britânica, Churchill virou-se para Dean Acheson, secretário de Estado americano, e perguntou: “Senti que essa noite estiveram reunidos à volta da mesa os governos do mundo — não para dominá-lo —, mas para salvá-lo?”

As negociações em Washington prolongaram-se por mais dois dias. Em relação à Otan, Churchill prometeu que o governo britânico daria “a maior contribuição de que fosse capaz”. Seu objetivo, comunicou ele a Truman na primeira sessão formal da conferência, era que “a força do Ocidente abrandasse os medos soviéticos de uma amizade entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, de forma que temessem mais nossa hostilidade do que nossa amizade e que isso os conduzisse à busca de nossa amizade”. Os sentimentos de Churchill eram tão profundos e tão fortemente expressos que um dos diplomatas britânicos presentes escreveu em seu diário que Truman “foi um pouco abrupto numa ou duas ocasiões com o pobre velho Winston e tivera a tendência, após poderosas e emotivas declarações de fé na cooperação anglo-americana por parte do velho senhor, a interrompê-lo com um ‘Obrigado, sr. Primeiro-Ministro. Podemos deixar esse assunto para ser tratado pelos nossos conselheiros’. Um pouco contudente”.

Na quarta sessão, Churchill argumentou a favor de um exército europeu como “o único método de integrar as forças alemãs na defesa da Europa ocidental”, mas avisou que a atual luta na Indochina

Francesa, onde os franceses estavam a “lutar como tigres” para proteger seu império do Extremo Oriente, significava que a França não estava dando “seu melhor” para um exército europeu. Se não fosse assim, “os franceses se tornariam mais fortes na Europa e, assim, desejosos de permitir que os alemães se tornassem mais fortes”.

Durante essas negociações em Washington, Churchill e Truman reafirmaram, e tornaram público, o entendimento secreto que Truman tinha firmado anteriormente com Attlee de que a bomba atômica não seria usada a partir das bases aéreas americanas em East Anglia sem o consentimento britânico. Ao relatar esse acordo na Câmara dos Comuns dois meses depois, Churchill também se referiu à bomba atômica britânica: “Eu não sabia, até ter tomado posse, de que não só o governo socialista tinha feito a bomba atômica a título de pesquisa, como havia criado, à custa do gasto de milhões de libras, a importante estrutura necessária para a sua produção regular.” Essa arma, acrescentou Churchill, seria experimentada durante o ano de 1952, com o acordo do governo australiano, “num local consentimento apropriado daquele continente”.

Em 9 de janeiro, Churchill deixou Washington com destino a Nova York. Dois dias depois, viajou num trem noturno para Ottawa, onde discursou num banquete oferecido em sua honra pelo governo do Canadá. Apesar da rendição incondicional da Alemanha e do Japão, disse ele, “a paz não está acertada”. Agora, a Otan era “a melhor garantia não só da prevenção da guerra, mas da vitória se nossas esperanças forem arruinadas”.

Feito o discurso, Churchill voltou no trem noturno para Washington, onde durante dois dias trabalhou na embaixada britânica no discurso que faria ao Congresso. Muito desse trabalho foi feito na cama; de fato, às 11h20 de 17 de janeiro ele ainda estava na cama, quarenta minutos antes de ser recebido no Capitólio, sendo que, somente devido a um esforço sobre-humano e à assistência de uma escolta de motociclistas chegou lá na hora certa. Seu tema era de esperança: “Sob a pressão e a ameaça da agressão comunista, a associação fraternal dos Estados Unidos com a Grã-Bretanha e com a Comunidade Britânica e a nova crescente unidade na Europa — agora mais frutífera do que entre a França e a Grã-Bretanha —, estão sendo projetadas para diante, talvez por várias gerações, nos destinos do mundo”, disse ele. “Se isso se provar verdadeiro — e certamente tem se provado até agora —, os arquitetos do Kremlin podem ter construído uma estrutura mundial diferente e muito melhor do que tinham planejado.”

Churchill também falou sobre o Oriente Médio, dizendo ao Congresso que já “não é possível” que a Grã-Bretanha sozinha carregasse “o peso de conservar a liberdade da famosa rota de navegação do canal de Suez”. Isso era “uma responsabilidade mais internacional do que nacional”. Havia mais de 80 mil soldados britânicos na zona do canal. Até “forças inexpressivas” dos Estados Unidos, da França e da Turquia “criariam um símbolo da unidade de propósitos que nos inspiram”. Ele não acreditava que seria um exagero dizer que essas forças inexpressivas “provavelmente levariam à harmonia todo o movimento pelo qual a política das quatro potências poderia decidir medidas pacíficas e conduzir a um fim as enormes desordens no Oriente Médio, onde, deixem-me assegurar, estão latentes perigos não inferiores àqueles que os Estados Unidos têm enfrentado na Coreia”.

Churchill falou então de uma área do Oriente Médio, onde, disse ele, “ainda há ao mesmo tempo sol e sombra”, dizendo ao Congresso:

Desde os dias da Declaração Balfour, tenho desejado que os judeus tenham um território nacional e tenho trabalhado nesse sentido. Satisfaz-me pagar aqui meu tributo às conquistas daqueles que fundaram o Estado Israelita, que se defendem com tenacidade e que oferecem asilo a um grande número de refugiados judeus. Espero que com essas ajudas eles possam converter

desertos em jardins, mas se forem gozar de paz e prosperidade terão de lutar para renovar e preservar suas relações amigáveis com o mundo árabe, sem o que enormes sofrimentos podem surgir para todos.

Voltando-se para a Europa, Churchill falou sobre a prevenção de uma terceira guerra mundial sob a forma de um “comando unido” das forças mais fortes possíveis; quanto mais depressa isso fosse feito, “mais depressa também nosso senso de segurança, e a realidade de nossa segurança, residirá numa população masculina valente, resoluto e bem-armada, mais do que nos horríveis segredos que a ciência arrancou à natureza”. Esses segredos, os segredos da bomba atômica, constituíam o que ele chamou de “inibição suprema” contra uma terceira guerra mundial e “a garantia mais efetiva” de vitória se tal guerra viesse a acontecer.

Nessa tarde, durante a quinta e última sessão da Conferência de Washington, Churchill explicou a Truman sua relutância em procurar um encontro com os líderes soviéticos até que eles “indicassem que estavam preparados para fazer um esforço genuíno para chegar a um entendimento com as democracias”. Ele temia que se essa conferência acontecesse, e não desse resultados, as pessoas presumiriam que “a guerra seria inevitável”. Porém, se as democracias estivessem dispostas a fazer um esforço intensivo “pela rádio, por meio de panfletos e por todos os outros meios de propaganda que tinham ao seu alcance” para levar ao conhecimento das pessoas por trás da Cortina de Ferro os “fatos verdadeiros” da situação, os líderes do Kremlin, temendo “tal revelação da verdade às massas que eles manipulam”, poderiam concordar em renovar a conferência, o que, pensava Churchill, poderia então ser feito “com maiores esperanças de sucesso”.

As esperanças de Churchill revelavam a extensão de sua determinação em arranjar uma saída para o impasse da Guerra Fria. No dia seguinte, foi de trem para Nova York. “Passei pelo que me parece ter sido a quinzena mais árdua de que me lembro”, escreveu ele a Clementine em 20 de janeiro, quando estava em Nova York. “Vou ficar aqui durante 48 horas para recuperar-me. Nunca tinha enfrentado um turbilhão tão grande de pessoas e de problemas, e os dois discursos foram muito duros e verdadeiras provações.” Dois dias mais tarde, partiu para Southampton, chegando à Inglaterra em 28 de janeiro.

Em 6 de fevereiro, o rei George VI morreu. Churchill falou comovidamente sobre sua doença terminal quando fez o anúncio público no dia seguinte. “Durante esses últimos meses, o rei caminhou com a morte, como se a morte fosse uma companheira, uma conhecida que ele reconheceu e não temeu”, disse ele. “No final, a morte chegou como uma amiga, e, depois de um alegre dia de sol e de esportes, depois de dada boa-noite àqueles que mais o amavam, adormeceu como qualquer homem ou mulher que luta por ser temente a Deus e que nada mais no mundo pode desejar fazer.” Da nova rainha, “a segunda rainha Elizabeth”, Churchill disse aos seus ouvintes: “Eu, que passei minha juventude na augusta, inquestionável e tranquila glória da era vitoriana, posso perfeitamente sentir alguma emoção ao evocar, uma vez mais, a oração e a antífona: ‘Deus Salve a Rainha.’”

A própria saúde de Churchill não era boa. Em 21 de fevereiro, sofreu um ligeiro espasmo arterial. Lorde Moran temia que tivesse um enfarte. As pressões do cargo precisavam ser reduzidas. Vários membros veteranos do partido que foram consultados sugeriram que Churchill se demitisse logo após a coroação em maio de 1953. Uma ideia era que fosse para a Câmara dos Lordes, continuando a ser primeiro-ministro, mas dando a Eden a direção da Câmara dos Comuns. Churchill, entretanto, tinha ido para Chartwell para recuperar-se. Também trabalhava em seu discurso de resposta a uma moção de censura dos trabalhistas que o acusavam de querer uma guerra na China para acelerar o fim do impasse militar na Coreia.

Quando Churchill falou durante o debate de 26 de fevereiro, seu vigor foi incomparável; não só negou a acusação, mas, com efeitos devastadores, revelou que o governo trabalhista tinha por duas vezes, a primeira em maio e a segunda em setembro de 1950, acordado com os Estados Unidos que, em certas circunstâncias e contingências, seriam tomadas ações “não confinadas à Coreia”. Os membros trabalhistas do Parlamento estavam chocados e os conservadores, deliciados. Harold Nicolson comentou: “Quão melhor ele é na Câmara do que em campanha eleitoral! Como ele adora isso! Se ele fosse outra pessoa qualquer, seria possível dizer que está pálido e gordo e tem um aspecto doentio, mas, de alguma maneira, emana desta montanha doentia um brilho vulcânico.”

No Gabinete, a principal preocupação de Churchill continuava a ser a defesa nacional e imperial e o envio de sinais claros à Rússia de que a Grã-Bretanha não estava indefesa. Por sua iniciativa, mais de 30 mil homens alistaram-se no serviço da guarda. Ao mesmo tempo, tropas em postos de treinamento de recrutas em toda a Inglaterra foram organizadas em quinhentas “colunas móveis”, capazes, informou ele mais tarde na Câmara dos Comuns, “de tomarem conta de si próprios e de imporem consideráveis pressões sobre qualquer aventura aerotransportada, podendo matar ou capturar aqueles que aterrissassem”. Projetando o olhar muito longe, pediu, em 20 de fevereiro, que os chefes de Estado-Maior se certificassem de que as ilhas Malvinas estivessem devidamente defendidas e de que um destacamento dos fuzileiros reais fosse enviado numa fragata para as imediações das ilhas.

Em 5 de março, Churchill apresentou o orçamento da Defesa na Câmara dos Comuns, informando aos membros do Parlamento de que sua primeira impressão, ao tornar-se ministro da Defesa no mês de outubro anterior, assim como primeiro-ministro, “tinha sido uma sensação de extrema nudez como nunca tinha sentido em tempos de paz ou de guerra, quase como se estivesse a viver numa colônia de nudistas”. Agora, tudo isso seria retificado. Contudo, as considerações financeiras significariam que as despesas com a Defesa seriam refreadas e mesmo reduzidas: “Não devemos iludir o país com expectativas maiores do que aquelas que suas energias de vida poderão cumprir.”

Para aliviar sua carga de trabalho, Churchill pediu que o marechal de campo Alexander tomasse conta do Ministério da Defesa, mas as questões da Defesa ainda dominavam seu pensamento; em 19 de março, quando a Comissão de Defesa do Gabinete discutia uma sugestão americana para aumentar a área de conflito na guerra da Coreia, bombardeando portos e linhas de comunicações na China, ele foi contra tais ações. “Seria um absurdo gastar bombas na imensa vastidão da China e seria errado matar milhares de pessoas sem finalidade”, disse ele.

* * *

A oposição trabalhista instituiu uma série de sessões tardias, e até durante toda a noite, esperando assim cansar os conservadores. Churchill era um frequentador assíduo, mas não foram tempos felizes para ele. “Pode haver alguma atitude mais nauseabunda do que meia dúzia de robustos jovens socialistas a uivarem para o sr. Churchill, escarnecendo de seus discursos e até de suas entradas e saídas da Câmara, insultando-o sobre sua avançada idade e sua crescente surdez?”, anotou Channon em seu diário em 9 de abril. Uma semana mais tarde, Churchill adoeceu: “Uma miserável constipação instalou-se em meu peito”, disse ele a Moran. Esteve em recuperação em Chartwell, mas voltou a Londres para falar na Câmara dos Comuns em 25 de abril. “Não consigo lembrar-me de uma época, e minha experiência é longa, em que as dificuldades públicas e as lutas partidárias tenham atingido tão elevadas proporções ao mesmo tempo”, disse ele.

Em 3 de maio, Churchill comunicou ao país um resumo dos seis primeiros meses de sua

administração. Seriam necessários três ou quatro anos de “governo seguro, calmo e resoluto” para compensar o balanço dos anos de governo dos trabalhistas, “de extravagância, desperdício, gastos supérfluos e vivência à custa do dinheiro americano”, disse ele. Churchill já havia aprovado totalmente o primeiro orçamento de Estado feito por Butler e continuaria a apoiar seu ministro das Finanças em sua luta por economias. Em 7 de maio, durante a reunião do Gabinete, Churchill apoiou fortemente o pedido de Butler para reduzir os custos das forças britânicas estacionadas na Alemanha, então estimados em 130 milhões de libras por ano. Churchill propôs que fosse criada uma comissão do Gabinete que tentasse encontrar formas de reduzir esses custos para 70 milhões de libras. Sua proposta foi aceita.

Apesar de estar presente em todas as reuniões do Gabinete e de presidir a sua Comissão de Defesa, Churchill achava cada vez mais difícil conseguir ler as vastas quantidades de materiais que lhe eram apresentados para consideração ou acompanhar as complexidades de algumas das discussões. “Os intervalos brilhantes e luminosos ainda acontecem, e continuam a ser inigualáveis, mas a idade começa a notar-se”, escreveu Colville em seu diário em 16 de maio. Nessa noite, Churchill chegou ao ponto de falar com Colville sobre a possibilidade de um governo de coligação para lidar com as dificuldades financeiras britânicas. “Ele até se aposentaria para tornar isso possível”, notou Colville. Quanto aos méritos da coligação, que Churchill havia proposto inicialmente durante a agitação política de 1910, comentou: “Oitenta por cento das pessoas deste país estavam de acordo com oitenta por cento das coisas a serem feitas.”

Em 21 de maio, no debate sobre os transportes, o vigor mental de Churchill foi inigualável. Em determinado momento, descreveu Herbert Morrison como “uma curiosa mistura de genialidade e malícia”; a genialidade era natural, explicou ele, a malícia “precisa ser adotada para ele se manter equilibrado” com a retaguarda parlamentar trabalhista. Falando da decisão do governo conservador sobre não desnacionalizar as estradas de ferro, disse:

Nunca fiquei chocado com a nacionalização das estradas de ferro. Na verdade, creio que eu mesmo a propus antes da maioria dos membros da Câmara terem sequer pensado que viriam para o Parlamento. Não tenho, de maneira nenhuma, a certeza de ter agido bem. Não tenho a mania de achar que nunca me engano. De qualquer forma, temos de encarar os fatos. As estradas de ferro são e continuarão a ser nacionalizadas.

Churchill tinha preparado seus comentários com antecedência e com seu habitual cuidado, mas seu discurso na noite de 23 de maio, quando falou num jantar de inspetores dos impostos em Londres, foi quase totalmente escrito por Colville. Era a primeira vez em mais de meio século de discursos públicos que Churchill permitia que isso acontecesse. Colville comentou: “Isso é de fato um sinal de senilidade avançada.” Uma semana mais tarde, escreveu em seu diário: “A sra. Churchill pensa que ele não durará muito tempo como primeiro-ministro.” Porém, a vitalidade de Churchill não estava terminada; em 11 de junho, como convidado de honra do almoço anual da Associação de Imprensa, falou com vigor sobre como a Grã-Bretanha lutava “não por glórias vãs ou pompa imperial, mas pela sobrevivência como uma nação independente e autossuficiente”.

O trabalho no volume final das memórias de guerra precisava continuar; em 13 de junho, Deakin foi a Chartwell para assegurar a Churchill que todos os seus ajudantes, incluindo o general Pownall, o comodoro Allen e Denis Kelly, faziam progressos contínuos. Os apêndices e os mapas estavam quase prontos; Churchill estava satisfeito por seus assessores assumirem o peso total desses aspectos finais.

Três dias mais tarde, Colville escreveu em seu diário: “O primeiro-ministro está deprimido e confuso. Disse-me, essa noite, que seu entusiasmo está mais baixo. Acho que a questão reside em que ele não consegue ver uma luz no fim do túnel. E eu também não. Mas são 1h30, aproximando-se a hora em que a coragem e a vida estão em seu menor fluxo.”

Sem o conhecimento de Churchill, quatro membros de seu governo reuniram-se em Londres nesse mesmo dia, 16 de junho, e decidiram pedir-lhe que se demitisse imediatamente ou que marcasse uma data para a demissão. Eles eram o líder da Câmara e lorde do Selo Privado, Harry Crookshank; o secretário da Commonwealth, lorde Salisbury; o ministro para a Escócia, James Stuart; e o *whip*, Patrick Buchan-Hepburn. Foi Buchan-Hepburn, que tinha sido secretário particular de Churchill depois da derrota nas eleições de 1929, que tomou a seu cargo a entrega da mensagem. Ele o fez na noite de 23 de junho, mas não foi bem recebido. Três dias antes, Churchill havia dito a lorde Moran que tinha um movimento para depô-lo. Agora Churchill sabia a verdade, mas ainda conseguia encontrar reservas de energia necessárias para liderar seu partido e defender o governo. Em 1º de junho, a oposição atacou o governo por sua falta de conhecimento antecipado dos recentes bombardeios americanos às centrais hidroelétricas norte-coreanas. Essas centrais, no rio Yalu, situavam-se ao longo da fronteira chinesa. Churchill liderou a defesa do governo com perícia e eficácia. Channon anotou em seu diário: “O velho leão, frescamente vestido com calças cinza e um casaco curto, pulverizou seus atacantes; raramente foi tão devastador.” Channon acrescentou: “Talvez esteja compreendendo o crescente descontentamento dos conservadores.”

O fardo da posição britânica pesava muito a Churchill. A Clementine, que se encontrava de férias na Itália, explicou em 11 de julho: “Temos uma aparência muito árida, com todo o nosso poder, majestade, domínio e forças empenhadas em quererem pagar as faturas que vencem todas as semanas. Nunca vi as coisas tão embaralhadas e cansativas, mas temos de perseverar.” Dez dias depois, Churchill disse a Clementine que a ausência de Eden, devido à icterícia, tinha aumentado “sua carga”. Havia também o problema de lorde Salisbury que, escreveu Churchill, tinha sido “bastante cansativo”, tendo um “tipo de mentalidade derrotista” no que dizia respeito à continuação da desnacionalização do aço.

No Gabinete, as sugestões de Churchill eram muitas vezes decisivas. Em 24 de julho, apoiou com sucesso a petição de Macmillan para não serem reduzidas as despesas com a habitação. Cinco dias depois, propôs uma anistia para os homens que tinham desertado das Forças Armadas durante a guerra; ele achava que era uma “coisa dolorosa” alguns homens ainda vivessem na Grã-Bretanha como “proscritos ou foras da lei”. Sua proposta foi aceita e declarou-se a anistia. Na Câmara dos Comuns, também, sua autoridade era considerável; em 30 de julho, num discurso que ele mesmo havia elaborado, defendeu a necessidade de manter as despesas com a defesa da Grã-Bretanha “dentro dos limites de nossa força econômica”. O esforço tinha sido considerável. “Aos poucos recupero-me do discurso”, telegrafou ele a Clementine na noite seguinte.

Em 14 de agosto, Churchill e Clementine deram uma festa de casamento para sua sobrinha, Clarissa, e Anthony Eden, na Downing Street. Três dias depois, houve outra celebração familiar quando um neto de Churchill, Jeremy Soames, foi batizado em Westerham Church. Depois, em 9 de setembro, Churchill e Clementine deixaram Londres para férias em La Capponcina. “Essa estadia parece ser a maneira perfeita de passar alguns dias pacíficos”, escreveu à rainha ao aprovar a partida de seu primeiro-ministro. Suas férias coincidiram com a publicação do quinto volume de suas memórias de guerra. Também foi uma oportunidade para fazer mais progressos em seu sexto e último volume; nessa altura, tanto Elizabeth Gilliatt quanto Jane Portal o acompanharam. Ele ficou em La Capponcina durante duas semanas, pintando, nadando e trabalhando em seu livro. Ele ditou uma nota típica a ser enviada a Deakin, que

começava assim: “A morte do presidente Roosevelt. Como isso chegou a mim? Quando falei ao Parlamento? O que disse?”

Em 25 de setembro, Churchill regressou à Inglaterra de avião. Seis dias depois, voou para a Escócia, onde foi hóspede da rainha em Balmoral. Enquanto estava lá, chegaram notícias à Downing Street, nas primeiras horas da manhã, sobre a bem-sucedida explosão da primeira bomba atômica britânica na ilha de Monte Bello, situada na costa noroeste da Austrália. Um novo secretário privado, Anthony Montague Browne, que havia chegado à Downing Street durante a estadia de Churchill na Escócia, foi aconselhado a telefonar para Balmoral e a acordar o primeiro-ministro para contar-lhe as novidades, “mas mesmo nessa fase inicial concluí que isso seria imprudente!”, recordou ele mais tarde.

No dia seguinte, Churchill voltou a Londres. Numa carta enviada à rainha após seu regresso, escreveu: “Fiquei profundamente impressionado com o desenvolvimento da personalidade do príncipe Charles desde a última vez que o vi em Windsor. Ele é jovem demais para pensar tanto.” O príncipe Charles, na época, ainda não tinha quatro anos. Uma semana após seu regresso a Londres, Churchill voltou a viajar para norte, para Scarborough, onde, em 11 de outubro, discursou na Conferência do Partido Conservador, falando sobre a necessidade de continuarem a ser feitas economias nos gastos governamentais. Repetiu esse tema em 4 de novembro, na Câmara dos Comuns, e no dia seguinte, perante a Comissão de Defesa do Gabinete. Esse havia sido o tema de seu pai setenta anos antes. Nesse mês, Churchill escreveu a R. A. Butler, cujo pai falecera havia pouco tempo: “Eu sei o que senti quando perdi meu pai, apesar de vê-lo muito pouco. Eu o reverenciava e admirava a distância, com exceção de algumas ocasiões brilhantes.” Churchill acrescentou: “Tenho lutado para defender sua memória.”

Em 4 de novembro, o general Eisenhower foi eleito presidente dos Estados Unidos. Publicamente, Churchill saudou a eleição. Em privado, não se sentia nada satisfeito, tendo dito a Colville cinco dias mais tarde: “Estou bastante preocupado. Acho que isso torna uma guerra muito mais provável.” Churchill sentia agora que tinha uma nova missão e um renovado senso de propósito: usar sua grande autoridade como primeiro-ministro para tentar conseguir uma reconciliação entre os Estados Unidos e a União Soviética. Teria vitalidade para perseguir tal objetivo? Nesse mesmo dia, Colville anotou em seu diário: “Ele (Winston) está ficando cansado e visivelmente idoso. É difícil que consiga compor um discurso e as ideias já não fluem.”

Churchill mencionou novamente, como já havia feito em maio, a possibilidade de demitir-se. Em 28 de novembro, a secretária de Estado adjunta do Ministério das Relações Exteriores, Evelyn Shuckburgh, confidente de Eden, anotou em seu diário: “O primeiro-ministro disse a Clarissa que quer desistir. Ela diz que ele está à espera de uma oportunidade e que Anthony deve ser gentil com ele. Deve deixá-lo ir à América.” Nesse dia, o próprio Churchill havia falado com Eden. Tinha-lhe pedido, relatou Shuckburgh, que o deixasse abandonar o Gabinete “tão discretamente quanto possível, com apenas um discurso”. Dois dias depois, Churchill completou 78 anos, mas Gladstone ainda tinha sido primeiro-ministro aos 87 anos.

Eden pressionou Churchill para que dissesse quando se demitiria. Em 7 de dezembro, em Chequers, Churchill falou com Eden sobre os discursos: “Eu teria a vida facilitada se não fosse primeiro-ministro.” Porém, não fazia nenhuma promessa nem marcava data. Sua mente ainda se encontrava focada numa visita a Eisenhower. Ele queria ir de avião, mas lorde Moran avisou-o sobre os riscos de um voo tão longo; mesmo com uma cabine pressurizada, avisou ele, a circulação de Churchill poderia piorar. Churchill decidiu ir por mar. Na noite de 30 de dezembro, partiu de Waterloo para Southampton, onde mais uma vez embarcou no *Queen Mary*. Durante a viagem, no dia de Ano-Novo de 1953, Churchill disse a Colville que este “com certeza viveria o suficiente para ver o Leste Europeu livre do comunismo”. Colville morreria em 1987, dois anos antes da queda do Muro de Berlim.

O *Queen Mary* chegou a Nova York em 5 de janeiro. Como Eisenhower não seria empossado antes

das próximas duas semanas, Churchill tinha decidido encontrar-se com ele privadamente em Nova York. Os dois passaram duas horas sozinhos. Enquanto esteve em Nova York, Churchill visitou o local de nascimento de sua mãe, na Henry Street, nº 426, no Brooklyn.

Em 7 de janeiro, num segundo encontro com Eisenhower, Churchill instou o presidente eleito a ir com ele, o mais depressa possível após a tomada de posse, ao encontro de Stálin. Eisenhower declinou; Churchill podia ir a Moscou, disse ele, mas preferia encontrar-se com o líder soviético em território neutro, como por exemplo em Estocolmo. Eisenhower também perguntou a Churchill se ele punha alguma objeção a que ele se encontrasse com Stálin a sós. “Durante a guerra teria objeções porque nossa contribuição de forças era praticamente igual”, respondeu Churchill. “Agora não me importo, mas não se apresse. Ambiente-se primeiro.”

Na manhã de 8 de janeiro, Churchill viajou no avião presidencial para Washington, onde Truman, nos últimos dias de sua Presidência, recebeu-o na Casa Branca e foi depois seu convidado num jantar na embaixada britânica. Em 9 de janeiro, Churchill voou de Washington para a Jamaica, onde ficou durante quase três semanas. Ali, além de pintar e nadar, continuou a trabalhar no volume final de seu livro de memórias de guerra. Também refletiu sobre sua visita à América; uma noite, durante o jantar, descreveu Eisenhower como “um verdadeiro homem de estatura limitada”.

Enquanto Churchill ainda estava na Jamaica, Eden confienciava a Shuckburgh, dizendo que achava que “o velhote nunca renunciará”. Em 29 de janeiro, ignorando as recentes preocupações de seu médico, Churchill regressou à Inglaterra de avião. Uma de suas primeiras intervenções no Gabinete após seu regresso foi para argumentar a favor da abolição do racionamento do chocolate e dos doces. O ministro em causa insistia em que, se isso fosse feito, as reservas de açúcar se esgotariam. De qualquer forma, Churchill recusou-se negociar, e, em 5 de fevereiro, o racionamento foi abolido. Ao fim de seis meses, havia excesso de açúcar.

Em 5 de março, foi anunciado na rádio Moscou que Stálin tinha morrido. Churchill imediatamente vislumbrou uma oportunidade de começar alguma forma de diálogo com os sucessores de Stálin, a quem mandou uma mensagem de “pesar e conforto” pela morte de seu líder. “Sinto que talvez ambos sejamos chamados, juntos ou separadamente, a prestar contas por não termos feito nenhuma tentativa de virar a página, de forma a que uma nova pudesse ser iniciada, com alguma coisa mais consistente do que uma série de incidentes casuais e perigosos ocorridos durante os muitos pontos de contato entre as duas divisões mundiais”, telegrafou ele a Eisenhower em 11 de março. Porém, o telegrama de Churchill cruzou-se com uma carta de Eisenhower, na qual o novo presidente rejeitava qualquer “cúpula”, receando que isso pudesse dar ao novo governo soviético “mais um engenho de propaganda”.

Churchill não permitiu que a atitude de Eisenhower o parasse e, em 28 de março, mostrou a Eden o rascunho de uma carta que queria enviar a Molotov, para marcar pelo menos uma reunião de ministros das Relações Exteriores. Nesse rascunho, Churchill sugeria Viena como ponto de encontro. Quando informou a Eisenhower sobre essa limitada iniciativa, o presidente manteve-se cético. Em 11 de abril, Churchill telegrafou pela terceira vez a Eisenhower para tentar convencê-lo de que durante a reunião de cúpulas deveriam marcar algum encontro. “Nasceu uma grande esperança no mundo de que haja uma mudança de sentimentos no âmago das vastas e poderosas massas da Rússia, e isso pode fazê-los ir longe e depressa, e talvez conduza à revolução”, escreveu ele. Um dia depois, Churchill telegrafou outra vez: “Criou-se uma nova esperança, penso eu, no infeliz e perplexo mundo. Deve ser proclamada nossa inflexível determinação de resistência à tirania e à agressão comunistas, e, ao mesmo tempo, ainda que separadamente, devemos declarar que ficaríamos muito satisfeitos se soubéssemos que tinha havido uma

verdadeira mudança de sentimentos e não deixar que dissessem que fechamos a porta.”

Discursando em 17 de abril em Glasgow, numa reunião de conservadores escoceses, Churchill tornou públicas suas esperanças: “Haverá uma nova brisa a soprar no atormentado mundo?”, perguntou ele. Três dias depois, foi surpreendido pelo anúncio de que Eisenhower estava disposto a discutir pontos concretos com a Rússia; essa era uma “iniciativa corajosa e inspiradora”, disse ele na Câmara dos Comuns nesse mesmo dia. No entanto, no mesmo momento em que parecia que surgiam oportunidades na política externa, Eden adoecia gravemente em resultado de uma operação que tinha corrido mal. Quase morreu numa segunda operação em 29 de abril. Desesperado, Eden embarcou num avião para Boston para fazer uma terceira operação. Churchill decidiu tomar conta da pasta das Relações Exteriores, tal como fizera no início da doença de Eden. Num almoço em 2 de maio com o diplomata britânico Pierson Dixon, Churchill comentou, sobre “os acontecimentos em Laos”, que tinha conseguido “manter-se na ignorância dessas zonas estranhas durante toda a sua vida e que era duro que viessem aborrecê-lo nessa idade avançada”.

Naquela primavera, Churchill aceitou o pedido da rainha para tornar-se cavaleiro da Ordem da Garter; a partir daí, tornou-se Sir Winston. Em resposta à carta de parabéns enviada por Pamela Lytton, escreveu: “Aceitei porque era o desejo da rainha. Acho-a esplêndida.”

Em 5 de maio, Churchill informou Eisenhower que, se o presidente americano não fosse a Moscou, ele, Churchill, estava preparado para ir sozinho. “Não temo a ‘peregrinação solitária’ desde que em meu coração sinto que isso poderá ajudar a prosseguir a causa da paz, e, ainda que corra mal, só poderá afetar minha reputação.” Ele acrescentou: “Acredito firmemente que o interesse próprio será o guia dos soviéticos. Meu desejo é que esse interesse próprio dê-nos uma forma mais fácil de conduzir as negociações.” Dos homens que agora governavam a Rússia, apenas Molotov tinha alguns contatos fora de lá. “Estou ansioso por conhecer esses homens e falar com eles, como penso que poderei, francamente e em pé de igualdade”, escreveu ele a Eisenhower. “Somente indo a Moscou posso encontrá-los todos.”

Em 11 de maio, Churchill explicou na Câmara dos Comuns suas razões para desejar tentar uma abertura nas negociações com os sucessores de Stálin e para fazê-lo “sem grandes demoras”. “Pode acontecer que não se consiga obter quaisquer acordos firmes e imediatos, mas pode haver um sentimento geral de que poderão fazer algo melhor do que destruir a raça humana, inclusive a si próprios”, disse ele.

O discurso de Churchill enfureceu o Ministério das Relações Exteriores, “visto que pensavam”, recordou Colville mais tarde, “que uma aproximação amistosa com a Rússia poderia desencorajar as potências europeias que trabalhavam no tema da união ocidental. Um ano e meio mais tarde, Eden recordaria como tinha ficado zangado ao ler isso enquanto estava doente. O ministro de Estado no Ministério das Relações Exteriores, Selwyn Lloyd, estava, no entanto, “entusiasmado” com o assunto. O primeiro-ministro francês, René Mayer, ansioso por não ser excluído, pediu a Eisenhower uma reunião antes da “cúpula”. Em 20 de maio, Eisenhower telefonou a Churchill para perguntar se a França poderia ser incluída no próximo encontro de alto nível entre líderes ocidentais. Churchill concordou imediatamente, sugerindo as Bermudas como ponto de encontro, mas uma crise política na França retardou qualquer decisão durante mais de três semanas.

A política e as relações exteriores foram postas de lado durante a última semana de maio, quando a Grã-Bretanha se preparava para celebrar a coroação de Elizabeth II. Em 27 de maio, Churchill, resplandecente em seu traje de cavaleiro da Ordem Garter, ofereceu um jantar na Downing Street. A coroação propriamente dita aconteceu em 2 de junho. “Ele estava muito cansado, quase relutante em ir”, recordou Jane Portal mais tarde. Mesmo assim, foi com Clementine à Abadia de Westminster numa

carruagem fechada puxada por dois cavalos. Quando a cerimônia acabou, cansado pelos seus esforços, Churchill abandonou a procissão que regressava ao palácio e foi para Downing Street.

Contudo, não havia folga no trabalho. Na tarde de 3 de junho, presidiu a abertura da reunião dos primeiros-ministros da Comunidade Britânica, dando-lhes as boas-vindas a Londres e fazendo-lhes um resumo do cenário mundial. Para ele, os líderes soviéticos deveriam estar profundamente preocupados com o perigo de uma guerra atômica, porque, uma vez iniciada, “o poderoso ‘oceano de terra’ da Rússia e da Sibéria rapidamente se tornaria descontrolado e, assim que entendessem que eram livres para agir como entendessem, e que não poderiam mais ser controladas pela máquina central do governo soviético, as pessoas podiam mostrar sua preferência por viverem alegremente por si, sem compromisso de fidelidade para com um Estado soviético unificado”. Era importante saber quais eram as intenções e políticas soviéticas. Para esse fim, a intenção de Churchill era ter “conversas informais” com os líderes soviéticos tão cedo quanto possível.

Em 5 de junho, durante a ausência de Eden, Churchill presidiu um banquete oferecido à rainha pelo Ministério das Relações Exteriores na Lancaster House. Em 8 e 9 de junho, voltou a presidir a reunião dos primeiros-ministros da Comunidade Britânica. Somente em 12 de junho teve oportunidade de ir para Chartwell, mas ainda tinha de finalizar os planos para a Conferência das Bermudas, onde esperava conseguir persuadir tanto os americanos quanto os franceses a aprovarem seu desejo de falar com os novos líderes russos, provavelmente a sós, e se necessário em Moscou. Em 20 de junho, estava novamente na Downing Street para discutir esses planos com Selwyn Lloyd e Pierson Dixon. “Mentalmente ele está mais alerta do que estava perto do fim da guerra”, escreveu Dixon em seu diário. “Como sempre, fez todo o trabalho, tal como ditar os telegramas após tomar suas decisões.”

Três dias mais tarde, Churchill estava na Downing Street para um jantar em honra do primeiro-ministro italiano, Alcide de Gasperi. Esse seria seu último compromisso formal antes de partir para as Bermudas. Ao final do jantar, fez um pequeno discurso, principalmente sobre Júlio César, a conquista da Grã-Bretanha pelos romanos e as legiões romanas. Então, quando chegou o momento de os convidados deixarem a sala de jantar, levantou-se para conduzi-los à sala de estar. Depois de poucos passos, afundou-se na poltrona mais próxima.

Churchill tivera um derrame. Mary foi chamada imediatamente por um convidado que se alarmara com sua palidez; mais tarde, ela recordou que seu pai “tinha um ar infeliz e incerto e estava muito incoerente”. Na manhã seguinte, para espanto das pessoas mais próximas, Churchill insistiu em presidir a reunião do Gabinete, “apesar de”, lembrou Colville, “sua boca estar torcida e ter dificuldade para movimentar o braço esquerdo”. O Gabinete reuniu-se ao meio-dia. Nenhum ministro notou qualquer problema; mais tarde, Butler comentou que Churchill tinha estado “curioso e inesperadamente silencioso à medida que despachava os assuntos, sem muitos comentários”. Macmillan achou que ele estava “muito branco” e “que não tinha falado muito”.

Depois da reunião do Gabinete, Churchill almoçou com Clementine, Mary e Christopher Soames. “Winston estava extremamente cansado e mais uma vez teve dificuldades para levantar-se da cadeira” recordou Mary mais tarde. Na manhã seguinte, sua saúde havia piorado. Até o último momento, ele desejou presidir a reunião do Gabinete daquela manhã, mas ao meio-dia só queria ir para Chartwell. Ali, durante a noite, Colville notou “que sua capacidade física se deteriorara consideravelmente”.

No dia seguinte, 26 de junho, o lado esquerdo de Churchill estava parcialmente paralisado e o uso do braço esquerdo fora perdido. Lorde Moran, que visitou seu paciente nessa tarde, duvidou que ele sobreviveria ao fim de semana, mas naquela mesma noite ele estava suficientemente bem para ditar um telegrama a Eisenhower, adiando o encontro nas Bermudas. Um comunicado de imprensa emitido nessa noite por Moran e Sir Russel Brain anunciou que Churchill “necessitava de repouso absoluto”. Não

revelava o motivo.

A recuperação claramente seria um longo e árduo processo, mas iniciou-se imediatamente, contrariando o alarme de Moran na sexta-feira. No domingo, Churchill sentia-se suficientemente bem para se sentar à mesa no almoço. Tinha como convidado principal Beaverbrook; falando sobre a questão da televisão comercial, Churchill disse-lhe que deveria haver uma votação livre na Câmara dos Comuns.

“Ele está mais bem-disposto hoje”, escreveu Mary em seu diário. “Notam-se distintas melhoras.” Ao falar com Colville no dia seguinte, Churchill disse-lhe que provavelmente isso significaria sua aposentadoria, mas que queria ver como se sentia, e, se recuperasse as forças suficientemente bem para se dirigir ao Partido Conservador em sua reunião anual em outubro, continuaria em seu cargo.

Churchill tinha fixado para si mesmo um objetivo quatro meses antes, que pareceu ajudar em sua recuperação. Em 30 de junho, uma semana após o derrame, recebeu o secretário do Gabinete, Sir Norman Brook, em Chartwell. “Estava numa cadeira de rodas”, recordou Brook mais tarde.

Após o jantar, na sala de estar, ele disse que se levantaria. Colville e eu pedimos-lhe que não o fizesse, e, quando ele insistiu, colocamo-nos um de cada lado para ampará-lo se ele caísse. Ele nos afastou com sua bengala e mandou-nos recuar. Colocou então os pés no chão, agarrou-se aos braços da cadeira e, num tremendo esforço, com o suor escorrendo pelo seu rosto, elevou-se e pôs-se de pé. Tendo demonstrado que conseguia, sentou-se novamente e pegou seu charuto.

“Ele estava determinado a recuperar-se”, refletiu Norman Brook.

16.

Recuperação, última ambição, demissão

À medida que se recuperava de seu derrame, Churchill convidava cada vez mais amigos e colegas para visitá-lo em Chartwell. Harold Macmillan, que almoçou com ele em 2 de julho de 1953, recordou mais tarde seu “espanto por um homem que tinha sofrido tal calamidade mostrar alegria e coragem”. A atmosfera da refeição, longe de ser opressiva, era “quase jovial”.

Em 4 de julho, Churchill já conseguia caminhar pequenas distâncias sem ajuda. Dois dias depois, sentiu-se suficientemente bem para receber um visitante do Ministério das Relações Exteriores, Sir William Strang, com quem debateu o desejo francês por uma reunião dos ministros das Relações Exteriores das três potências, para obterem apoio para a continuação da luta francesa na Indochina. “Deveríamos estar nas Bermudas hoje”, disse ele a Strang. Com a perspectiva de um encontro com os russos ainda muito presente em sua mente, Churchill telegrafou a Eisenhower em 17 de julho, explicando por que preferia que qualquer reunião dos ministros das Relações Exteriores das quatro potências fosse precedida de um encontro de chefes de Estado e primeiros-ministros. “Acima de tudo, pensei que pudéssemos formar nossa própria opinião sobre Georgi Malenkov, que fez encontros fora da Rússia”, explicou ele. Somente depois de uma reunião desse tipo é que “deveríamos pôr nossos ministros para trabalhar num conjunto de linhas menos ambiciosas, ainda que mais esperançosas e mais fáceis”.

Eisenhower ainda não estava disposto a aceitar uma “cúpula”; Churchill ainda não estava disposto a abandonar a ideia. Colville, tendo almoçado a sós com ele, em 24 de julho, anotou em seu diário: “Continua muito envolvido com a possibilidade de conseguir alguma coisa dos russos e com a ideia de encontrar-se cara a cara com Malenkov. Muito desiludido com Eisenhower, que considera fraco e estúpido.” Nessa tarde, Churchill sentiu-se bem, ao ponto de ir de Chartwell a Chequers, numa viagem de três horas.

Em 27 de julho, um débil Anthony Eden, que acabara de voltar de Boston depois de sua terceira operação, foi a Chequers para visitar Churchill. Nesse dia, a Guerra da Coreia chegou ao fim com a assinatura de um acordo de armistício; uma “cúpula” parecia ainda mais promissora. Três dias depois, Elizabeth Gillatt disse a lorde Moran que seu paciente “clama por trabalho”. Durante o feriado bancário de agosto, Eden voltou a Chequers. Colville anotou em seu diário:

Winston está realmente ansioso com as negociações, que poderão conduzir a um abrandamento da Guerra Fria, a um intervalo em que a ciência poderá usar suas maravilhas para melhorar a raça humana e, conforme ele colocou, a um descanso das classes de sua juventude, que poderiam dar lugar às massas de amanhã. Eden está concentrado em manter a força da Otan e a aliança ocidental por meio da qual, acredita ele, a Rússia já terá sido severamente enfraquecida. Winston está deprimido com a atitude de Eden (que reflete a posição do Ministério das Relações Exteriores), porque acredita que isso trará anos de mais ódio e hostilidade.

Ainda mais deprimente, escreveu Colville, era o fato de lorde Salisbury, depois de uma visita a Washington, ter relatado que encontrara Eisenhower “violentamente russóphobo, muito mais ainda do que Dulles, e que acredita que o presidente é pessoalmente responsável pela política de inúteis alfinetadas e táticas de assédio que os Estados Unidos estão seguindo contra a Rússia na Europa e no Extremo Oriente”.

Em 8 de agosto, Churchill estava suficientemente bem para presidir, em Chequers, uma reunião de ministros a fim de discutir a resposta soviética a um convite das três potências para uma conferência de ministros das Relações Exteriores. “Com exceção de seu caminhar instável, os vestígios deixados pelo derrame desapareceram, apesar de ainda se cansar facilmente”, escreveu Colville em seu diário. Quatro dias depois, os russos anunciaram que tinham desenvolvido uma bomba atômica. “O primeiro-ministro continua achando que deveríamos tentar um entendimento”, escreveu Colville. As palavras de Churchill para ele foram: “Não devemos nos manter no caminho da guerra a não ser que estejamos certos de que não há nenhum caminho para a paz.”

Oito semanas tinham passado desde o derrame de Churchill. “A recuperação é animadoramente incrível”, escreveu Brendan Bracken a Beaverbrook em 14 de agosto. Quatro dias depois, Churchill foi conduzido de carro para Londres, onde, pela primeira vez desde a manhã do derrame, presidiu uma reunião do Gabinete. Na manhã seguinte, encontrou-se com o embaixador britânico em Moscou. Nesse mesmo dia, iniciou as fundações de mais um esforço literário, a reedição de sua *História dos povos de língua inglesa*, que havia sido impressa nas vésperas da guerra e nunca fora publicada. Seu principal ajudante, que o visitou na sala do Gabinete nesse dia, seria Alan Hodge, editor da revista mensal *History Today*. “Tenho vivido durante a Segunda Guerra Mundial”, disse Churchill a lorde Moran nesse dia. “Agora quero viver nesta história. Vou pôr um ovo por ano. Um volume a cada doze meses não significaria muito trabalho.”

Voltando a Chartwell, Churchill trabalhou para finalizar os últimos capítulos do sexto volume de suas memórias de guerra. O comodoro Allen e Denis Kelly o ajudaram. Walter Graebner, da revista *Time-Life*, que visitou Churchill no dia em que ele trabalhava no relato da batalha do golfo de Leyte no Pacífico, recordou mais tarde:

O trabalho começou à mesa do almoço após esvaziada a segunda garrafa de champanhe e após os charutos serem acesos. “Agora vamos ao trabalho”, disse Churchill. Ainda estávamos sentados ali às 16h45, tendo Churchill revisto cada palavra do manuscrito para ter certeza de que compreendia a história completa da batalha e de que a havia relatado claramente e com suas melhores palavras. Durante os anos em que o conheci, nunca sua mente esteve tão aguçada quanto naquela tarde cinzenta de agosto de 1953.

Churchill já se sentia suficientemente bem para viajar para Londres sempre que necessário; assim o fez em 25 de agosto para uma reunião do Gabinete, tendo depois trabalhado nas provas de seu sexto volume até a hora do jantar. No dia seguinte, manteve-se acordado até 1h45, conversando com Eden e Macmillan. Porém, nem tudo estava bem, como escreveu Clementine a Mary em 5 de setembro:

Estou triste pelo papai; apesar do espetáculo de bravura, cansa-se com muita facilidade e sente-se deprimido. Trabalha demais e ainda não aprendeu como e quando deve parar. Arrasta-se melancolicamente e simplesmente não vai para a cama. Faz progressos, mas agora são

imperceptíveis. Se não houver nenhum contratempo, a recuperação pode prolongar-se por dois anos. Acho que tem acompanhado pelos jornais o tremendo *va-et-vient* de ministros. O papai se diverte imensamente com isso. Por vezes, eles estão ainda mais cansados do que ele por estarem à mesa de jantar além da meia-noite!

Churchill regressou à Downing Street, em 8 de setembro, para uma discussão sobre uma possível ação egípcia contra as forças britânicas no canal de Suez. Houve sugestões para uma resposta militar, mas Churchill exigiu precaução. Não “deveriam esquecer” que havia sanções econômicas e financeiras que podiam ser aplicadas “sem recorrerem à intervenção direta das tropas britânicas”. Havia sempre a possibilidade de a Grã-Bretanha, lembrou ele, por meio do bloqueio das contas bancárias egípcias em libras, poder “controlar o fluxo de petróleo para o Cairo”.

Em 11 de setembro, contra o conselho de Clementine, Churchill foi às corridas em Doncaster, de onde viajou no trem real para Balmoral. Nesse dia, acompanhou a rainha a Crathie Kirk, onde orara pela última vez na companhia do rei Edward VII, 45 anos antes, quando era presidente da Câmara de Comércio. “Tantos cargos que ele já ocupou!”, comentou lord Moran. Depois de voltar a Londres para mais uma reunião do Gabinete, Churchill deixou a Inglaterra em 17 de setembro para duas semanas de férias no sul da França. Mais uma vez, instalou-se na Villa de Beaverbrook. No início, nem tudo correu bem. “O primeiro-ministro está nas profundezas de uma depressão”, escreveu Jane Portal a R. A. Butler, seu tio, e continuou:

Ele medita constantemente sobre demitir-se ou não. Estava exausto com a ida a Balmoral, as reuniões do Gabinete e a viagem. Às vezes, acho que ele faria melhor em ocupar-se apenas de sua *História dos povos de língua inglesa*, o que já seria bastante notável. Ele aprecia muito suas mensagens quando conta as novidades e considera-o muito. Está preparando um discurso para a conferência de Margate, mas se pergunta quanto tempo poderá ter para isso. Da janela do seu quarto, pintou um quadro a têmpera.

Vagarosamente, o humor de Churchill melhorou. “Os gatinhos são muito amáveis comigo, mas evidentemente não acreditam muito em meus projetos”, escreveu ele a Clementine em 21 de setembro.

Tenho feito meu trabalho diário e prestado atenção à tenebrosa confusão do mundo. Ditei cerca de 2 mil palavras para um possível discurso em Margate para ver como o pronunciarei a um auditório seletivo quando estiver pronto. Ainda pondero sobre o futuro e não quero decidir até estar convencido. Fui a Monte Carlo hoje e comprei um livro pavoroso, escrito pelo autor de *All Quiet in the Western Front* [*Nada de novo no front*]. É todo sobre campos de concentração, mas numa impressão boa e legível, o que é importante para mim. É como se me refugiasse da melancolia no horror. Dá-me um cenário. Já li quase três quartos do *Coningsby*, mas a impressão era pálida e pequena. Fico contente por não ter vivido naquela sociedade artificial de duques e pretensas duquesas.

O “livro pavoroso” era *Spark of Life* [*Centelha de vida*], de Erich Maria Remarque; *Coningsby* era

um dos romances de seu antecessor, Disraeli, cuja morte em 1881 fora uma de suas primeiras memórias políticas.

Colville, que voou em 23 de setembro para juntar-se a Churchill, recordou mais tarde que o primeiro-ministro “passou horas pintando rochas e pinheiros”. A pintura, escreveu Churchill a Clementine em 25 de setembro, era “uma grande distração e um pequeno poleiro para um pássaro cansado”. No dia seguinte, tendo revisto outra vez as provas do período anterior à guerra de seu livro sobre os povos de língua inglesa, escreveu a Beaverbrook: “No geral, acho que prefiro ter vivido todos os nossos enormes problemas do que quaisquer dos vividos pelos outros, apesar de precisar registrar meu pesar pelo fato de a raça humana nunca ter aprendido a voar.”

Churchill aconselhou Beaverbrook a ser “cuidadoso” com sua oposição a um exército alemão. “Apesar de exércitos já não serem os instrumentos pelos quais o destino das nações é decidido, haverá com certeza um exército alemão, e eu espero que esteja do nosso lado, e não contra nós”, escreveu ele. “Isso não deve de forma alguma evitar, mas pelo contrário ajudar, relações amigáveis com o urso.”

* * *

Em 30 de setembro, Churchill voou à Inglaterra. Nove dias depois, viajou a Margate para fazer o discurso cuja receptividade o ajudaria a decidir seu futuro político. Falou durante cinquenta minutos, de pé, sem perder o fluxo ou a concentração. Ao longo desse discurso, reiterou suas esperanças expressas em 11 de maio sobre encontrar-se com os russos numa “cúpula”. Também disse aos conservadores ali reunidos que a aliança da Otan existia “não para jogar a Rússia contra a Alemanha nem a Alemanha contra a Rússia, mas para fazê-las sentir que podem viver em segurança uma com a outra apesar de seus graves problemas e diferenças”. O papel da Grã-Bretanha seria usar sua crescente influência junto a ambos “para libertá-los de qualquer ansiedade que pudessem sentir uns pelos outros”. Pessoalmente, dava as boas-vindas à Alemanha, que havia “retornado ao seio das grandes potências do mundo”. O discurso foi um sucesso. Também foi “uma enorme provação”, recordou mais tarde Jane Portal. Apesar de as notícias sobre seu derrame terem sido mantidas em segredo, circularam rumores sobre sua saúde. “Todos o observavam em busca de sinais de fraqueza”, acrescentou a srta. Portal. “Foi uma façanha ele ter conseguido superar isso.”

Em 16 de outubro, Churchill soube que tinha ganhado o prêmio Nobel de Literatura. Era um tributo digno para quem tinha publicado seu primeiro livro havia mais de cinquenta anos. Sua história em cinco volumes da Primeira Guerra Mundial se tornara um clássico e sua história em seis volumes da Segunda Guerra Mundial estava agora quase completa. Quatro dias depois, voltou à Câmara dos Comuns, pela primeira vez desde o derrame, para uma sessão de perguntas ao primeiro-ministro. “Ele parecia confiante, ainda que com uma leve surdez apesar do aparelho auditivo, mas aparentemente mais vigoroso do que nunca”, comentou Henry Channon. Ele duvidava, no entanto, de que Churchill conseguiria “continuar por muito tempo”.

Havia agora uma pressão renovada sobre Churchill para demitir-se. Clementine queria que ele passasse o bastão a Eden, que andava desesperado por ser nomeado para seu lugar. Porém, em 3 de novembro, quando fez seu primeiro discurso parlamentar após o derrame, o vigor de Churchill era tal que lhe deu a confiança de que necessitava para não desistir. Channon comentou em seu diário a propósito do discurso: “Brilhante, cheio de astúcia e de encanto, de inteligência e de estocadas, ele despejou suas frases tipo Macaulay para uma quieta e espantada Câmara. Foi um espetáculo olímpico. Um desempenho supremo que não tornaremos a ver nele nem em mais ninguém. Em dezoito anos nessa ilustre Câmara, eu

nunca tinha ouvido nada assim.”

Churchill saiu da Câmara e caminhou sem ajuda para a sala de fumo. Então, “inflamado de orgulho, prazer e triunfo, sentou-se ali durante duas horas a bebericar brandy e a receber cumprimentos, resplandecendo como um garoto de escola”, anotou Channon. Nem Channon nem nenhum daqueles que se amontoaram à volta do triunfante orador perceberam que ele se recuperava de um derrame; a maioria das pessoas que sabia do derrame, inclusive seus médicos, chegou a concluir que ele nunca mais falaria na Câmara dos Comuns. “Essa foi a última maldita barreira”, foram suas palavras para Moran ao voltar à sua sala na Câmara dos Comuns. “Agora, Charles, podemos pensar sobre Moscou”, acrescentou ele.

A primeira etapa desse tipo de viagem a Moscou seria uma reunião preparatória com os americanos e os franceses; 48 horas após seu triunfo parlamentar, Churchill mais uma vez convidou Eisenhower para encontrá-lo nas Bermudas. Ficou combinado que se reuniriam ali durante quatro dias, começando em 4 de dezembro, juntamente com o novo primeiro-ministro francês, Joseph Laniel. Churchill estava determinado a encontrar uma forma de renovar as relações com a Rússia; por sugestão sua, Colville e Soames tinham ido à embaixada soviética para uma conversa privada sobre as possibilidades de tréguas. Contudo, um telegrama do novo embaixador britânico em Moscou, William Hayter, trazia maus augúrios para as esperanças de Churchill. Os soviéticos viam a coexistência como a história “da cobra e do coelho”, relatou Hayter em 24 de novembro. O novo líder soviético, Malenkov, “chegou à conclusão de que os métodos de Stálin eram duros demais”, disse ele. “Outros e mais sutis métodos de enfraquecimento do Ocidente serão adotados daqui para a frente.”

Churchill não se deixou abater por essa rígida apreciação. Em 1º de dezembro, dia posterior ao seu 79º aniversário, partiu de Londres para as Bermudas, num longo e por vezes turbulento voo de dezessete horas. Lorde Cherwell estava com ele, visto que Churchill havia escrito a Eisenhower: “Quero discutir com você nossa ‘conivência’ nos assuntos atômicos etc.” Ele acrescentou: “Evidentemente, isso pode reforçar a impressão, a que acredito que seja favorável, de que nosso encontro não é um simples incidente na recente correspondência com os soviéticos. Ele sempre pode ir a Washington depois de nossa conversa, se achar conveniente que se encontre com mais alguns colaboradores.” O aspecto atômico era de particular responsabilidade de Cherwell desde os primeiros anos da guerra, havia mais de dez anos.

No dia seguinte à sua chegada às Bermudas, Churchill foi ao aeroporto para dar as boas-vindas ao primeiro-ministro francês, Laniel, e ao seu ministro das Relações Exteriores, Georges Bidault. No dia seguinte, voltou ao aeroporto para cumprimentar Eisenhower e Dulles. Durante uma conversa privada, Eisenhower disse a Churchill que se houvesse uma ruptura deliberada no armistício coreano por parte dos comunistas, os Estados Unidos “consideravam responder com armas atômicas dirigidas a alvos militares”. Churchill não se opôs, dizendo a Eisenhower, nas atas registradas, que “aceitava essa proposta”. Então, recordou Colville mais tarde, ele se encaminhou para a praia, onde se sentou “como o rei Canuto desafiando a maré cheia (e conseqüentemente molhando os pés)”.

A primeira sessão da Conferência das Bermudas iniciou-se nessa tarde. Na discussão sobre a União Soviética, Bidault pôs em dúvida a real existência de uma “aparência nova”. Churchill respondeu: “Devemos certificar-nos primeiro de que não estamos descartando essa possibilidade muito facilmente.” Ele não estava “muito apressado em acreditar que nada além de maldade emanaria desse poderoso braço da família humana e que nada mais do que perigo e riscos poderiam vir desse vasto oceano de terra num círculo tão pouco conhecido e compreendido”. Para espanto de Churchill, Eisenhower descreveu a nova Rússia como uma cortesã; “apesar do banho, do perfume e das rendas, não deixava de ser a mesma

mulher”. Porém, talvez pudessem “tirá-la da rua principal e colocá-la numa viela recôndita”. Eisenhower não queria “abordar esse problema considerando que tinha havido alguma mudança na política soviética de destruir o mundo livre capitalista por qualquer meio, pela força, pela farsa ou pela mentira. Esse era o propósito a longo prazo. A julgar pelo que escreviam, era claro que não tinha havido nenhuma mudança desde Lênin”.

Eisenhower pediu a Churchill para corrigi-lo se estivesse enganado e, então, adiou a conferência. Nessa noite, em discussão com Churchill e Eden, mencionou novamente a questão da futura ação americana na Coreia, se as tréguas fossem quebradas. Churchill, apoiado por Eden, “opôs-se fortemente” à sugestão de Eisenhower de utilizar a bomba atômica no caso de recomeço das hostilidades.

Num encontro posterior com Churchill, na manhã seguinte, Eisenhower propôs, incluído num discurso que ele proferiria nas Nações Unidas, fazer referência ao “obsoleto molde colonial” que se quebrava. Nesse dia, depois do almoço, Churchill persuadiu Eisenhower a retirar de seu discurso algo que Colville chamou de “uma frase detestável”. Mais sugestivamente, Churchill convenceu Eisenhower a substituir a frase que dizia que os Estados Unidos eram “livres para usar a bomba atômica” por outra que afirmasse que os Estados Unidos se “reservavam o direito de usar a bomba atômica”. O tema central da proposta de Eisenhower, o controle da energia atômica por um corpo internacional, era muito agradável a Churchill. Parecia uma forma de evitar a crise.

A maior parte do resto da conferência foi ocupada com debates sobre a Comunidade da Defesa da Europa e com uma série de apelos de Churchill aos franceses, insistindo para que aceitassem que um contingente militar alemão fizesse parte integrante da defesa da Europa Ocidental. Quando Bidault falou apaixonadamente sobre a atual disputa franco-alemã no Saar, na fronteira oriental da França, Churchill, de acordo com os registros nas atas da reunião, “pediu e implorou aos seus amigos franceses que não permitissem que uns simples campos do vale do Saar determinassem a vida ou morte do ardente espírito francês e o desabar de uma grandiosa estrutura sobre a qual se fundavam tantas esperanças”. Se a Alemanha fosse deixada totalmente desarmada, ficaria “à mercê da Rússia a qualquer instante”.

Os franceses não ficaram convencidos e os americanos não concordaram com o pedido de Churchill para participarem com a Grã-Bretanha no policiamento da zona do canal de Suez. Em relação ao propósito da visita de Churchill, uma política comum em relação à Rússia, tendo em mente uma “cúpula”, os americanos foram inflexíveis: ela não traria resultados nenhum a não ser uma vitória para a propaganda soviética. Quando a Conferência terminou, em 8 de dezembro, Churchill era um homem desiludido. Ele tinha feito uma grande viagem e dominado sua doença, mas sua advocacia tinha fracassado.

Churchill deixou as Bermudas na noite de 10 de dezembro. Onze dias depois, explicaria a um antigo ministro do Trabalho, o trabalhista Richard Stokes: “Não podemos nos esquecer da preocupação dos americanos em relação ao rearmamento da Rússia. Nós não podemos superar sem eles.” No entanto, ficou incomodado, no início do Ano-Novo, quando soube que os americanos pretendiam fornecer ajuda militar ao Paquistão e iniciar algum tipo de colaboração militar entre a Turquia e o Paquistão; isso, disse ele ao Gabinete em 7 de janeiro de 1954, “não conferirá nenhum acréscimo de força militar ao Ocidente nesse momento e inevitavelmente será considerado pelo governo soviético como um ato provocativo”.

Em 21 de janeiro, Churchill soube pelos jornais da morte de seu amigo Richard Molyneux, soldado dos tempos de Omdurman. Com a intenção de ajudar a curar um ferimento de Molyneux depois da batalha, Churchill doou parte de sua própria pele para enxerto. “Ele levará minha pele consigo, uma espécie de posto avançado, para o próximo mundo”, comentou Churchill ao ler a notícia. A partida de Churchill para

o próximo mundo não parecia agora tão iminente quanto alguns tinham temido. Após vê-lo numa reunião no Other Club em 28 de janeiro, e depois na Downing Street, na manhã seguinte, escreveu a Beaverbrook: “Nem à noite nem na metade de seu trabalho pela manhã estiveram visíveis traços de cansaço, muito menos de fraqueza ou letargia. Ele continua a irradiar jovialidade e poder. Sua autoridade está inalterada.”

No Gabinete, em 3 de fevereiro, Churchill fez sua primeira intervenção sobre uma questão que começava a pairar no horizonte político, centrada na possibilidade de restrições legislativas para a imigração de “pessoas de cor” oriundas da Comunidade Britânica. Para ele, o “rápido desenvolvimento das comunicações” provavelmente levaria a um “aumento contínuo do número de “pessoas de cor” que entram neste país, e a sua presença, mais cedo ou mais tarde, causará incômodo a vastas camadas do povo britânico”. Poderia, no entanto, dar-se o caso de o problema “ainda não ter assumido proporções suficientemente grandes para permitirem ao governo tomar contramedidas adequadas”.

Em fevereiro, surgiram dois apelos na imprensa para a demissão de Churchill, no *Daily Mirror* e no *Punch*. Nesse mês, Churchill também sofreu uma decepção quando, no muito esperado encontro dos ministros das Relações Exteriores das quatro potências, realizado em Berlim, os russos mostraram-se obstinados e inflexíveis. Porém, quando falou na Câmara dos Comuns, em 25 de fevereiro, manifestou claramente que continuava a ter esperanças numa calmaria política. “A paciência e a perseverança nunca devem ser desprezadas quando a paz no mundo está em causa. Mesmo que tenhamos de passar por uma década de disputas de uma Guerra Fria cheia de fúteis querelas parlamentares, isso será preferível a um catálogo de horrores indescritíveis e inimagináveis. Nós não devemos lançar mão de utilizar todos os canais que estão abertos ou que possamos vir a abrir nem relaxar as medidas defensivas indispensáveis para nossa própria força e segurança”, disse ele.

Para Churchill, não havia “contradição alguma” entre uma política de incremento da capacidade defensiva do mundo livre contra “uma potencial agressão soviética armada” e a tentativa simultânea de “criar condições para que a Rússia exista confortável e pacificamente ao lado de todos nós”. Seu apelo terminou desse modo: “A paz é nosso objetivo e a força é a única forma de obtê-la. Não devemos ser demovidos por observações sarcásticas de quereremos as duas coisas ao mesmo tempo. De fato, só poderemos obter algum resultado se conseguirmos as duas coisas ao mesmo tempo.”

O vigor de Churchill ainda surpreendia aqueles que sabiam que ele tinha tido um derrame. Depois de uma reunião de cinco horas no Gabinete, em 4 de março, lorde Moran perguntou-lhe se estava cansado. “De forma nenhuma”, respondeu ele. “Agora vou jantar com o embaixador americano.” Moran comentou: “Essa criatura espantosa não obedece a lei alguma, não reconhece regras.” Uma semana mais tarde, contudo, quando jantava com Butler, Churchill disse ao seu ministro das Finanças: “Sinto-me como um avião no final de seu voo, ao crepúsculo, com o combustível no fim, procurando um local seguro para aterrissar.” O único interesse político que lhe restava era conseguir ter “uma cúpula com os russos”.

Aqueles que queriam a demissão de Churchill estavam cada vez mais vociferantes e mordazes. Em 22 de março, na privacidade de seu diário, Harry Crookshank o chamou de “gagá”. No entanto, quatro dias depois, Jane Portal, que o via quase todos os dias, descreveu-o a lorde Moran como estando “bastante vivo”. Ele também estava cada vez mais ativo em suas tentativas de convencer Eisenhower a fazer mais uma tentativa para uma “cúpula” com a Rússia e a fomentar maior atividade comercial entre o Leste e o Ocidente. Porém, em resposta ao apelo para um incremento comercial com a Rússia, Eisenhower respondeu que não queria que os russos gozassem dos benefícios de consumo ocidentais.

Churchill não esmoreceu em seus esforços para influenciar o presidente. Com a explosão de uma bomba de hidrogênio americana nesse mês, muitos tiveram uma sensação de pânico. Mesmo assim, Churchill continuava esperançoso — como disse a Eisenhower em 27 de março — “em promover um

desanuviamiento nas relações com a Rússia soviética e em encorajar e contribuir para a melhoria das condições de vida na Rússia, o que levará a um maior usufruto, por parte do povo russo, dos bens de consumo a que o presidente se refere e das modernas comodidades e divertimentos populares que são tão presentes no estilo de vida britânico e americano”. No clima da Guerra Fria, esses sentimentos demonstravam grande visão, mas a cada telegrama enviado por Churchill para Eisenhower, Anthony Eden sentia que sua autoridade como ministro das Relações Exteriores ficava prejudicada. A tensão entre os dois homens aumentou quase até um ponto de ruptura. Em 31 de março, Eden, em desespero, disse a um de seus conselheiros: “Isso não pode continuar assim. Ele está gagá. Ele nem consegue terminar as frases.”

No mesmo dia, o *New York Times* pareceu apoiar o julgamento de Eden. “Pela primeira vez desde que o Parlamento voltou a reunir-se no outono, Sir Winston parecia inseguro e cansado”, dizia o jornal. “Esse não é o Churchill de dois anos atrás e não passa de uma sombra da grande figura de 1940.” Triunfantemente, o *Daily Mirror* imprimiu esse comentário em sua última página com o cabeçalho “O que a América pensa sobre Churchill”. Podia ser uma “sombra” em comparação com 1940, mas o *New York Times* desconhecia a vigilância contínua que Churchill mantinha em relação aos assuntos do mundo. No dia anterior, ele tinha escrito ao seu amigo lorde Beaverbrook, proprietário do *Daily Express*:

Penso que o *Express* adotou uma posição muito sensata ao não tentar impedir os Estados Unidos de prosseguirem em suas experiências com hidrogênio. Uma ruptura com eles poderia tornar-se fatal para a paz mundial e para nossa sobrevivência, uma vez que eles poderiam perfeitamente avançar sozinhos e nós estamos geograficamente bastante pior situados.

Churchill acrescentou: “Eu lamento que continuem a opor-se tão violentamente ao rearmamento, com as devidas limitações, da Alemanha ocidental. Isso acontecerá de qualquer modo e será melhor tê-los do nosso lado do que contra nós.”

Mesmo fraco, Churchill preparava um discurso sobre a bomba de hidrogênio, que fez na Câmara dos Comuns em 5 de abril. Em sua fala, advertiu que nada poderia ser mais desastroso para a sobrevivência da Europa Ocidental e para a segurança da Grã-Bretanha “do que uma disputa entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos”. Tal como tinha feito havia quase um ano, também falou, em 11 de maio, sobre a possibilidade de uma “cúpula”; que, dessa vez, teria um “tema” diferente, como resultado do discurso de Eisenhower nas Nações Unidas, propondo um novo mecanismo consultivo e cooperativo para a esfera da indústria atômica.

“Se a Rússia, a Comunidade Britânica e os Estados Unidos se reunissem numa mesa-redonda para discutir a aplicação comercial da energia atômica e o deslocamento de algumas de suas reservas de urânio, não pareceria estranho que surgisse a questão da bomba de hidrogênio, que poderia acabar completamente com esses planos tão bonitos, e então minha esperança em relação a negociações sobre assuntos de alto nível entre chefes de Estado e governos envolvidos poderá não parecer tão impossível quanto pareceu até agora”, declarou ele. Havia dois objetivos fundamentais para a política britânica:

Um é não deixarmos passar nenhuma oportunidade para convencer os líderes soviéticos e, se conseguirmos alcançá-los, o povo russo, de que as democracias ocidentais não têm nenhuma intenção agressiva contra eles. O outro é assegurarmo-nos de que, até esse objetivo ser alcançado, possuímos a força necessária para impedir qualquer agressão de sua parte e repeli-la caso

aconteça.

Enquanto Churchill proferia essas palavras, seus comentários eram entrecortados por gritos de “Demita-se!” vindos das bancadas dos trabalhistas. Esses clamores eram tão ruidosos que por vezes ensurdeciam suas palavras. Contudo, não foram tanto as interrupções, mas a falta de reação por parte de Churchill que provocou o comentário mais importante. “A virulência do ataque não o estimulou ao combate dessa vez”, escreveu o correspondente do *Times* que estava no Parlamento. “O ataque pareceu despojar sua voz de autoridade e obrigá-lo a avançar tenazmente ao longo dessa parte do discurso.”

O desempenho de Churchill, em 5 de abril, marcou um ponto de virada; foi “a primeira vez que reconheci, sem sombra de dúvida, até que ponto seus poderes tinham diminuído”, recordou mais tarde um dos seus secretários particulares, Anthony Montague Browne. “Em outros tempos, ele teria posto de lado seus apontamentos e devastado a oposição, porque sua causa tinha mais peso.” Havia uma “sensação esmagadora”, anotou Evelyn Shuckburgh em seu diário, “de que o primeiro-ministro havia tido um enorme fracasso e havia exposto sua debilidade à Câmara”.

Apesar do revés em 5 de abril, Churchill, receoso de um mundo dividido por um conflito nuclear, expressou suas preocupações no banquete da Academia Real, em 28 de abril, e, dois dias mais tarde, no Albert Hall. Em Chequers, em 26 de abril, procurou alertar o representante do presidente Eisenhower, almirante Radford, que estava esperançoso com relação a um compromisso britânico de participação na guerra da Indochina, “para o perigo da guerra nas periferias, onde os russos são fortes e capazes de mobilizar o entusiasmo dos nacionalistas e dos povos oprimidos”. Sua política era “bastante diferente”, disse ao almirante, com “negociações ao centro”. Negociações essas que nem deviam levar a uma conciliação nem a um ultimato, mas que deviam ser “dirigidas de forma a dar a entender aos russos todas as implicações da força ocidental e convencê-los da insensatez da guerra”.

No dia em que o almirante Radford estava em Chequers, o sexto e último volume das memórias de guerra de Churchill era publicado em Londres. Brendan Bracken escreveu, ao congratulá-lo, que “nunca existiu uma criatura como W. S. C.”. Em paralelo, Churchill já considerava julho como possível data para sua demissão, observando o modo como Eden recebia cobertura diária da imprensa devido ao seu trabalho na conferência internacional sobre a Indochina em Genebra. “Ele está atravessando um vale de decisão, ou melhor, um vale de indecisão, em relação ao momento em que deve abdicar do poder”, escreveu Violet Bonham Carter a um amigo após uma visita a Churchill em Chartwell. “Senti que ele estava num grande tormento mental. Eu insisti, certa ou erradamente, para ele se manter. ‘Sabe que, junto com Beaverbrook, você é a única pessoa que realmente quer que eu fique?’, respondeu-me ele.” Bracken era outra pessoa que parecia favorável à ideia de Churchill manter-se ao escrever a Beaverbrook nesse mês: “Apenas Churchill é capaz de segurar o excitável Tio Sam.”

Em 27 de maio, Churchill discursaria num comício de mulheres do Partido Conservador no Albert Hall. “Eu não escondo que compor um texto é agora uma tarefa mais difícil do que costumava ser, mas mesmo assim, como sempre, desagrada-me que outros escrevam meus discursos”, escreveu a Clementine dois dias antes. Ele trabalhou no discurso durante mais de dois dias e falou durante quarenta minutos, dizendo às mulheres que acreditava que “poderemos ainda ver em nossas vidas — ou pelo menos em suas vidas — os terríveis segredos que a ciência arrancou à natureza servirem não para destruir a humanidade, mas para pôr fim às guerras que os homens pretendiam combater”.

Churchill já planejava viajar a Washington para discutir com Eisenhower uma permuta anglo-americana de informação no campo do uso pacífico da energia atômica. Com esse fim, mais uma vez levaria consigo lorde Cherwell. Ao saber do plano de Churchill, Eden aproveitou a oportunidade para

sugerir-lhe, numa carta datada de 7 de junho, que pedisse demissão do cargo de primeiro-ministro assim que retornasse de sua viagem. “Meu caro Anthony, não posso comprometer-me a fazer o que me sugere”, respondeu Churchill. “Sinto uma preocupação crescente com a crise e a tensão que se desenvolvem a nível mundial e falharei em meus deveres se abandonar minhas responsabilidades nessa conjuntura ou se não usar minha influência em causas que ambos consideramos tão importantes.” Ele não pretendia, contudo, continuar “para além do outono”.

A seguir à carta de Eden, Churchill discutiu sua demissão com Macmillan, a quem disse que desejava deixar o cargo no outono. Alguns dias mais tarde, recebeu uma carta de Macmillan, escrita à máquina, em que dizia que, do seu ponto de vista, seria melhor que fosse criado um novo governo naquele ano, “para que os ministros sejam empossados de suas novas funções antes e não após as férias de verão”. Churchill não gostou. “Meu caro Harold, recebi sua carta ontem pela manhã”, respondeu Churchill em 20 de junho. “Acho que ela não deveria ter sido escrita a não ser pela sua própria mão. Eu estava plenamente consciente das suas ideias. Atenciosamente, Winston S. Churchill.”

Churchill estava convencido de que ainda conseguiria influenciar os americanos na adoção de uma política de contenção com a Rússia, baseada na construção daquilo que descreveu a Eisenhower, numa mensagem de 21 de junho, como “uma frente mundial contra a agressão comunista”. A Grécia, a Turquia, o Iraque, o Paquistão e a Iugoslávia de Tito, que tinha cortado relações com Moscou em 1948, poderiam fazer parte dessa frente. “Eu procuro, como sabe, convencer a Rússia de que existe uma saída completamente cordial e confortável, com a qual seu povo sacrificado poderá conquistar uma vida mais livre, mais plena e mais feliz.”

Na noite de 24 de junho, Churchill, Eden e Cherwell deixaram Londres num voo para Washington. Havia passado um ano desde o derrame. O propósito principal da visita, escreveu Colville durante o voo, era “convencer o presidente de que devíamos cooperar mais eficazmente na esfera atômica e do hidrogênio e de que nós, americanos e britânicos, devíamos ir falar com os russos num esforço para evitar a guerra, diminuir os efeitos da Guerra Fria e conseguir um período de dez anos de ‘desanuviamento’ durante o qual pudéssemos dirigir nossas riquezas e nossos conhecimentos científicos para fins mais proveitosos do que a produção de armas catastróficas”.

No aeroporto de Washington, Churchill foi recebido por Dulles e pelo vice-presidente, Richard Nixon, e levado para a Casa Branca, onde ficou durante todo o período das negociações. Para sua surpresa, logo no primeiro encontro, nessa manhã, Eisenhower expressou sua concordância com a ideia de uma “cúpula” com os russos. Churchill propôs então que fosse feita uma “ação de reconhecimento” em Moscou, possivelmente por ele mesmo, “para checar se surgiria alguma coisa promissora”. Eisenhower aceitou que Churchill fosse sozinho a Moscou; no entanto, ele não estava disposto a deslocar-se para nenhum encontro “em qualquer lugar sob a alçada soviética”. Quando Churchill sugeriu que um encontro entre ele próprio, Malenkov e Eisenhower poderia acontecer na neutra Estocolmo ou até em Londres, Eisenhower concordou. Com respeito à “ação de reconhecimento” preliminar, Churchill disse a Eisenhower: “Eu juro que não o comprometerei de forma nenhuma.”

Antes da partida de Churchill para Washington, a Comissão de Política de Defesa do Gabinete, do qual ele era presidente, havia decidido que a Grã-Bretanha produziria sua própria bomba de hidrogênio. Essa decisão foi mantida em sigilo para a totalidade do Gabinete. Contudo, em 26 de junho, Churchill disse a Eisenhower que a Grã-Bretanha fabricaria sua própria bomba e que o faria na Grã-Bretanha. Os dois homens discutiram também “os perigos que o mundo enfrentava devido à mobilidade da bomba”. Acharam, no entanto, que um embargo geral às experiências com a bomba de hidrogênio não seria “sensato” à luz daquilo que as atas da reunião chamaram de “dificuldades de detecção” e da possibilidade de encobrimento de qualquer explosão.

Num almoço público, em 26 de junho, Churchill dirigiu-se a trinta senadores e congressistas. O comunismo era uma “tirania, mas nos encontrarmos para conversar é preferível à guerra”, disse ele. Essa abordagem ainda não satisfazia Dulles, que, numa conversa privada com Churchill, no dia seguinte, manifestou suas dúvidas a respeito de um encontro inicial entre Churchill e os russos. De acordo com as anotações de Dulles acerca dessa conversa, “salientei que não seria bem-visto o sr. Churchill partir numa missão exploradora sozinho e que teríamos de tornar bem claro que o sr. Churchill não estava de forma alguma falando ou agindo em nome dos Estados Unidos. Sir Winston disse que compreendia isso completamente. Por outro lado, ele não iria como intermediário entre os Estados Unidos e a União Soviética, mas sim como representante do espírito e das intenções do ‘nosso lado’. Recomendei fortemente que esse assunto fosse ponderado cuidadosamente antes que fossem tomadas decisões”.

As negociações de Washington terminaram em 29 de junho. Num comunicado final divulgado nessa manhã, Churchill e Eisenhower anunciaram que haviam concordado que a Alemanha ocidental, agora República Federal Alemã, “tomasse assento como parceira com iguais direitos na comunidade das nações ocidentais, onde daria sua própria contribuição para a defesa do mundo livre”. Dessa forma, concretizou-se a ideia que Churchill tinha apresentado em Zurique oito anos antes. Nesse dia, durante o almoço, discutiu-se a cooperação nuclear anglo-americana; as conclusões dessa discussão ainda se mantêm secretas. Depois, Churchill voou de Washington para Ottawa, onde informou ao primeiro-ministro canadense e ao ministro da Defesa que a Grã-Bretanha tinha decidido fabricar a bomba de hidrogênio.

Ao meio-dia de 30 de junho, em Ottawa, Churchill falou pelo rádio ao povo canadense, antes de jantar com o primeiro-ministro do Canadá. Foi conduzido diretamente da mesa do jantar para o aeroporto, de onde voou para Nova York. Chegando a Nova York depois da meia-noite, foi conduzido imediatamente ao porto, onde embarcou no *Queen Elizabeth*. Na manhã seguinte, ao meio-dia, estava a caminho de casa. Durante a viagem, decidiu finalmente por aquilo que Colville tinha chamado de “uma expedição à Rússia, onde pediria a libertação da Áustria como prova de desejo de melhores relações”.

Eden, que também estava a bordo, pressionou Churchill a assumir um compromisso preciso em relação à sua demissão. Churchill concordou e disse a Eden, em 2 de julho, que iria a Moscou no início de agosto e que depois passaria o bastão a ele, em 21 de setembro. Nesse mesmo dia, Churchill ditou um telegrama para Molotov, propondo um encontro entre ele e os líderes soviéticos, “que poderia ser o prelúdio de uma reunião mais ampla em que muita coisa poderia ser resolvida”. Ao ser-lhe enviado o texto desse telegrama, Eisenhower respondeu: “O senhor não perde tempo nenhum.”

Eden ficou irritado por Churchill querer enviar o telegrama do navio, sem consultar o Gabinete. “Depois de prolongada conversa, Eden foi chamado e finalmente chegaram a um acordo”, registrou Corville em seu diário. Churchill mandaria o telegrama para o Gabinete, como Eden desejava, “desde que pudesse dizer que Eden concordava com ele (o que, é claro, não era verdade). Eden, por fraqueza, cedeu”. Para surpresa e satisfação de Churchill, quando R. A. Butler enviou uma mensagem para o navio em resposta ao telegrama proposto, ele pareceu “satisfeito com a ideia geral”. O telegrama foi então enviado para Moscou. No entanto, nenhum outro ministro do Gabinete o tinha visto além de Butler.

Em 6 de julho, o *Queen Elizabeth* chegou a Southampton. No dia seguinte, Churchill falou ao Gabinete sobre a decisão de ser fabricada uma bomba de hidrogênio britânica. Ele não tinha dúvidas de que a “a melhor possibilidade para a preservação da paz mundial era tornar óbvio aos potenciais agressores que não teriam qualquer esperança de evitar uma retaliação esmagadora com uso do poder nuclear”. Nessa noite, Churchill recebeu a resposta ao telegrama enviado do navio. Ela era inteiramente favorável ao encontro entre ele e Molotov em Moscou. Tudo parecia favorável a Churchill nesse último grande ato como estadista, mas, quando o Gabinete se reuniu, em 8 de julho, rapidamente tornou-se óbvio

que muitos ministros se opunham totalmente à iniciativa de Churchill e se encontravam profundamente indignados por tal atitude ter sido tomada sem serem consultados.

Tanto lorde Salisbury quanto Harry Crookshank se pronunciaram contra o telegrama de Churchill para Molotov. Então, Butler infringiu um golpe demolidor na iniciativa de Churchill. O telegrama que seria enviado chegou a Butler, segundo ele próprio, na tarde de sábado, 3 de julho, quando se encontrava em Norfolk. Era-lhe dirigido pessoalmente. “Nada no telegrama indicava um convite ao parecer do Gabinete.” De fato, antes mesmo que pudesse enviar seus próprios comentários, “foi recebido um novo telegrama do primeiro-ministro, inquirindo se a mensagem já tinha sido transmitida para Moscou”. “Isto confirmava sua ideia de que não se esperava que ele solicitasse as opiniões de seus colegas do Gabinete e, de qualquer modo, teria sido muito difícil fazê-lo, estando os ministros dispersos durante o fim de semana”, disse Butler.

O relato chocou os ministros de Churchill. À medida que prosseguia o debate, tornava-se evidente que a maioria não apoiava uma visita a Moscou. Churchill procurou uma saída, dizendo ao Gabinete que consultaria Eisenhower primeiro. Isso foi aceito. Tudo dependeria “de o Gabinete querer ir em frente com o projeto ou não”, disse a Eisenhower. Contudo, ele não queria desistir de sua ideia de um encontro dos três líderes, e disse a Eisenhower num telegrama em 9 de julho: “Não tenho intenções de ir a Moscou. Somente poderemos encontrar-nos como iguais e, ainda que Estocolmo, como mencionou antes de tomar posse, e Viena sejam ambas possibilidades aceitáveis, Anthony fez-me uma proposta que acho ser a melhor, sugerindo Berna.” Malenkov podia deslocar-se a Berna assim que terminasse a Conferência de Genebra. Molotov também viria de Genebra, “e Anthony e eu poderíamos ter algumas conversas”. Depois, então, poderia haver uma conferência dos três ou quatro líderes, em Londres, em setembro.

“É claro que tudo isso pode não passar de uma fantasia”, admitiu Churchill. “Os soviéticos podem recusar qualquer encontro fora de Moscou. Nesse caso, nada acontecerá agora. Também podem não oferecer nada e procurar simplesmente, totalmente em vão, dividir a unidade anglo-americana. Eu alimento esperanças e não ilusões, e, afinal de contas, sou ‘um elemento sacrificável’, e estou preparado para ser, nessa causa tão importante.”

No Gabinete, Eden interveio vigorosamente contra o prosseguimento da iniciativa de Churchill. Os perigos do encontro que Churchill propunha, disse ele aos seus colegas, em 9 de junho, eram a falta de uma agenda definida e o problema “das questões que os russos poderiam levantar”. Como alternativa à criação da Comunidade de Defesa da Europa, alertou Eden, “provavelmente sugerirão que uma Alemanha unida seja admitida na Otan e que a Otan deve, por consequência, ser alargada para incluir a União Soviética”. No que dizia respeito a um projeto para um “encontro mais amplo”, Eden avisou que a Grã-Bretanha devia estar preparada para a pressão dos russos, sugerindo que o encontro tivesse como base as cinco maiores potências, “incluindo a China comunista”.

Apesar de Churchill não abandonar a esperança de encontrar-se com Malenkov, a opinião do Gabinete pendia claramente para se opor a ele. Em 16 de julho, Macmillan visitou lady Churchill para dizer-lhe que o Gabinete estava “em perigo de ruptura” devido a esse assunto. Existia uma irritação considerável por causa do telegrama enviado por Churchill a Molotov a bordo do navio, que vários ministros sentiam como tendo sido de natureza anticonstitucional. Quando o Gabinete se reuniu, em 23 de julho, houve um consenso generalizado de que os ministros deviam ter sido consultados antecipadamente em relação a um telegrama daquela importância. A respeito do teor da proposta de Churchill, Eden falou sem rodeios no Gabinete, afirmando energicamente que não acreditava “que há alguma vantagem num encontro bilateral com os russos nesse momento”. Acrescentou, no entanto, de forma bastante ambivalente, que, tendo em vista o fato de Churchill, com toda a sua longa experiência, sentir com tamanha convicção que valia a pena fazer a tentativa, ele estava “disposto a concordar se o encontro não

acontecesse em solo russo”.

O Gabinete decidiu adiar a decisão até sua próxima reunião, três dias mais tarde. Quando se encontraram, em 26 de julho, era evidente que a opinião majoritária continuava a ser contrária a qualquer encontro entre Churchill e Malenkov, onde quer que fosse. Consequentemente, Churchill retirou sua proposta, mas o novo fator da bomba de hidrogênio o havia convencido de que deveria ser feito qualquer tipo de esforço para dar fim à Guerra Fria. Quando, em 29 de julho, surgiram críticas na Câmara dos Comuns em relação ao acordo anglo-egípcio, assinado dois dias antes no Cairo, que levava à retirada das tropas britânicas da zona do canal de Suez, Churchill suplicou aos deputados que considerassem o assunto numa perspectiva mais ampla. “Quão absolutamente desproporcionais em relação ao canal de Suez e à posição que mantemos no Egito são os desenvolvimentos aterradores e o espetáculo assustador que a imaginação apresenta diante de nós”, disse ele. Churchill continuou:

Simplesmente tentar imaginar os contornos das primeiras semanas de guerra em condições que desconhecíamos no começo dessa sessão e sobre as quais nada nos foi dito, simplesmente representar esse quadro e submetê-lo à apreciação da Câmara, convencerá os distintos cavalheiros, tenho certeza, da obsolescência das bases e do senso de proporção que são vitalmente necessários no momento presente não só em relação às disposições militares como também em todas as nossas tentativas para estabelecer relações humanas entre as nações.

O apelo de Churchill foi eficaz. “Antes de se sentar, ele tinha trazido à Câmara um senso de proporção, de forma que foi possível medirem a importância do Suez em relação às incríveis calamidades de uma guerra de extermínio”, escreveu Moran em seu diário. Porém, apesar desse sucesso parlamentar, durante uma intervenção que não durou mais de quatro minutos, cada vez mais ministros aderiam a um movimento privado, mas determinado, para forçar sua demissão. Ele não havia mencionado junho, julho e depois setembro como o mês de sua demissão? Ele não poderia fixar uma data agora? Churchill era “uma maravilha e um mistério”, escreveu sua filha Mary em seu diário, em 29 de julho. “Nenhum de nós conhece *realmente* suas intenções — talvez nem ele mesmo!”

Churchill foi para Chartwell. Para consternação de seu Gabinete, decidiu não passar o bastão a Eden em setembro. Eden perguntou se esse processo poderia dar-se em outubro, para que ele pudesse ir ao Congresso do Partido já como primeiro-ministro ou como primeiro-ministro indigitado, mas Churchill não aceitou, esclarecendo que desejava manter-se no leme até os primeiros meses de 1955. “Reflito muito sobre as coisas, e minha disposição não é sempre jovial”, escreveu ele em 10 de agosto a Clementine, que passava férias no sul da França. Ele ficou particularmente aborrecido quando foi anunciado que Attlee visitaria Moscou. “Teria sido uma explosão de alegria se eu tivesse visitado Malenkov”, disse a Moran em 12 de agosto. “Agora foi Attlee quem o fez.” Churchill agarrava-se tenazmente à esperança de um encontro com os russos. Apresentou seus argumentos, primeiro a Butler e depois a Macmillan, que os anotou em seu diário em 24 de agosto depois de uma visita a Chartwell: “Ele propôs manter-se no cargo enquanto pudesse. Encontrava-se numa posição única. Podia falar com quem quisesse em ambos os lados da Cortina de Ferro, fosse através de mensagens pessoais ou cara a cara. Tendo recuperado a saúde totalmente, não podia abandonar seu mandato.” Churchill também disse a Macmillan que um governo “com pontas soltas”, como seria aquele que Eden seria obrigado a dirigir se Churchill renunciasse antes de eleições, “nunca poderia ter sucesso”. “Figuras notáveis, como lorde Rosebery e Arthur Balfour, foram varridas, apesar de seu talento e de seu encanto, após terem sucedido a

Gladstone e Salisbury”, continuou ele. De acordo com as notas de Macmillan, Churchill acrescentou que “ele era o primeiro-ministro e nada podia afastá-lo do cargo enquanto ele conseguisse formar e controlar um governo e tivesse a confiança da Câmara. A contínua conversa nos corredores e na imprensa sobre sua demissão era intolerável. Isso começou, é claro, após sua doença no ano anterior, mas agora ele estava recuperado. Naturalmente, como qualquer homem de quase 80 anos, que tinha sofrido dois derrames, poderia morrer a qualquer momento, mas não podia comprometer-se a morrer em nenhum momento em particular! Entretanto, não pretendia demitir-se”.

Churchill mostrou a Macmillan a carta que estava escrevendo a Eden, explicando que tinha intenção de continuar como primeiro-ministro até as eleições gerais em novembro de 1955. A carta provocou-lhe uma grande angústia, principalmente porque Clementine estava muito relutante em vê-lo continuar em funções por mais um ano ou mais. “Harold achou que eu devia mandá-la”, escreveu Churchill a Clementine no dia seguinte. “Já foi mandada. A responsabilidade é minha, mas espero que ainda me ame.”

Em 27 de agosto, Eden foi visitar Churchill. Sua conversa confirmou que Churchill não tinha intenção de deixar o cargo por pelo menos um ano. “Você é novo”, disse-lhe Churchill. “Tudo será seu antes de ter 60 anos. Por que está com tanta pressa?” Dois dias depois, Churchill anunciou ao Gabinete que permaneceria. Ele estava novamente dedicado a conseguir aquilo que chamou, numa carta para Bernard Baruch, de um encontro “ao mais alto nível” com os russos. “Tenho certeza de que vai ficar satisfeito ao saber que não penso em aposentar-me nesse momento”, disse ele a Baruch. “Creio sinceramente que ainda tenho alguma contribuição a dar à causa da paz pela força. Estou seguro de que sempre serei escutado com imparcialidade em minha terra natal. Parece que tenho ganhado vigor ao longo desse ano e consigo aguentar o trabalho de um longo dia, principalmente se conseguir dormir um bom sono na metade do dia.” Churchill acrescentou: “Minha mente está continuamente atormentada com o problema termonuclear, apesar de eu ainda acreditar que é mais provável que ele acabe com a guerra do que com a humanidade.”

No último dia de agosto, Churchill ficou chocado ao saber que a assembleia francesa tinha rejeitado a Comunidade de Defesa da Europa por 319 votos contra 264. Escreveu imediatamente ao chanceler alemão, dr. Konrad Adenauer, pedindo que concordasse em não fazer pressão, em quaisquer disposições de defesa, por uma força alemã maior do que aquela que estava prevista no plano da Comunidade de Defesa da Europa. “Desse modo, a nova Alemanha ganhará respeito e dignidade morais, que são muito mais importantes do que simplesmente começar a reclamar o direito de criar as divisões que entender ou ter as mesmas divisões que os outros e mergulhar num infundável debate legalista sobre o assunto”, escreveu ele. Esse conselho vinha, explicou Churchill, “de alguém que, após tantos anos de luta, tem poucos desejos mais fortes do que ver a nação alemã ganhar seu lugar legítimo na família das nações livres”.

Numa carta para Eisenhower em 18 de setembro, Churchill disse ao presidente: “Eu espero e anseio sinceramente que continuemos a considerar a participação alemã como nosso objetivo nº 1 e a querer que eles estejam do nosso lado, e não do oposto.”

Em Chequers, Graham Sutherland pintava um retrato de Churchill que lhe seria oferecido por ambas as câmaras do Parlamento em seu octogésimo aniversário. Em 1º de setembro, Clementine escreveu a Mary: “O sr. Graham Sutherland é ‘o máximo’. Ele é realmente um homem encantador e é difícil acreditar que os desenhos selvagens e cruéis que exhibe tenham saído do seu pincel.” Churchill já tinha posado para ele três vezes, mas ninguém tinha visto os traços iniciais do retrato, “só que papai e ele estão muito

impressionados com o poder do desenho”. À medida que o quadro avançava, Sutherland assegurava-se de que a pintura fosse coberta depois de cada sessão. Após terminado, o quadro foi levado, e o resultado final não foi visto por Churchill nem por Clementine.

Em 9 de outubro, Churchill falou no Congresso do Partido Conservador em Blackpool. Fazia catorze anos que era o líder do Partido Conservador, assinalou ele, sem fazer qualquer referência à sua retirada. “De qualquer maneira, os filiados parecem satisfeitos com que ele saia quando e como quiser”, escreveu o *Observer*. Porém, o jornal não sabia que Macmillan tinha escrito a Churchill uma semana antes insistindo em que ele fixasse uma data para sua aposentadoria e que a data fosse suficientemente afastada das eleições para dar a Eden tempo de “fazer campanha”.

Imediatamente após seu regresso de Blackpool, Churchill convidou Macmillan a ir a Chartwell. Depois do encontro, Macmillan escreveu em seu diário que Churchill continuaria como primeiro-ministro “sem nenhum compromisso escrito ou verbal” em relação à data de sua demissão. Churchill também ofereceu a Macmillan o lugar de ministro da Defesa, que ele aceitou. Em 26 de outubro, Mary escreveu em seu diário: “Parece agora tão fantástico que alguma vez tenhamos pensado e acreditado que papai devia se retirar! Ele está agora em plena atividade: renovou o governo todo.”

Churchill não se permitia descanso. Em 9 de novembro, falou em Guildhall; em 12 de novembro, na Harrow School; em 23 de novembro, em Woodford; e em 26 de novembro na Universidade de Bristol, onde, segundo as notas de Moran, os alunos “não tiveram nenhuma sensação de que ele era um velho — pelo contrário, parecia ser tão jovem quanto eles, e 2 mil vozes jovens manifestaram sua alegria e sua aprovação. O mesmo humor travesso marcou a forma como se dirigiu aos seus superiores”. Entre o público em Bristol encontrava-se um antigo embaixador britânico em Washington, Sir Oliver Franks, que disse a Moran que havia visto Churchill alguns dias antes no palácio de Buckingham, “sentado num sofá, aparentemente cansado demais para conseguir escutar quem quer que fosse; sua face estava branca e parecia uma máscara, o corpo largado dava a aparência de um homem muito velho que não viveria muito tempo, mas em Bristol estava rosado e sua expressão estava cheia de vivacidade, com olhos brilhantes”.

Em 30 de novembro, Churchill completou 80 anos; nenhum primeiro-ministro tinha estado em sua função até aquela idade desde Gladstone. Além de Churchill, nenhum outro membro do Parlamento tinha sido eleito no reinado da rainha Vitória. Nessa manhã, diante de uma vasta assembleia reunida em Westminster Hall, ele foi presenteado com o retrato de Sutherland, que descreveu como “um exemplar notável da arte moderna”. “Sem dúvida combina força com candura”, completou ele. Porém, ele não o apreciou; parecia juntar um aspecto de rudeza impenitente com senilidade. Depois da morte do marido, Clementine deu ordens para que fosse destruído.

A homenagem de Attlee nesse manhã foi mais aceitável, em que ele teceu os merecidos louvores a Churchill pelas reformas sociais liberais anteriores à Primeira Guerra Mundial e descreveu a campanha do estreito de Dardanelos, em 1915, como “a única ideia estratégica de guerra e com imaginação”. Attlee acrescentou: “Eu só queria que o senhor tivesse tido todos os poderes para tê-la levado até o fim.” Em sua resposta, Churchill afirmou: “Aproximo-me do final da minha viagem. Espero ainda ter alguns serviços a prestar.” Em 7 de dezembro, em resposta às felicitações de Eisenhower, escreveu-lhe acerca da aspiração que ainda lhe restava, dizendo ao presidente: “Ainda alimento esperanças de que consigamos um encontro com o novo regime russo e de que ambos possamos estar presentes.”

Será que Churchill continuava a ter energia para essas atividades? Numa anotação escrita três meses mais tarde, Colville recordaria:

Ele envelhecia a cada mês que passava e sentia relutância em ler quaisquer papéis que não

fossem jornais ou em pensar em qualquer coisa que não considerasse divertida. Dedicava cada vez mais tempo ao besigue e cada vez menos tempo aos assuntos públicos. A preparação de uma questão parlamentar podia consumir uma manhã inteira; departamentos do governo podiam requerer informações sem que isso lhe despertasse o menor interesse (eram classificados com um “R.” e largados para mofar numa caixa preta); era um esforço até mesmo assinar cartas e era uma verdadeira condescendência ler telegramas do Ministério das Relações Exteriores.

No entanto, Colville acrescentara: “Em alguns dias, o antigo fulgor volta a aparecer, perspicácia e bom humor voltam a borbulhar e a brilhar, sua sabedoria manifesta-se em frases notáveis e, ainda que ocasionalmente, um brilho de gênio manifesta-se numa decisão, numa carta ou numa frase.”

Em 21 de dezembro, Eden visitou Churchill na Downing Street para pedir-lhe que marcasse uma data para sua demissão. Churchill mencionou o fim de junho ou julho como uma data possível, mas não fez promessas. Quando um grupo de ministros do Gabinete o visitaram no dia seguinte, ele disse, segundo anotações de Eden em seu diário, “que era evidente que queriam que ele saísse”. Ninguém contestou. Nem Churchill quis manter-se por mais tempo contra a opinião obviamente unânime de que devia afastar-se, não em algum momento indefinido no verão, mas de forma a dar todo o tempo necessário a Eden para preparar-se para as eleições. No início de 1955, decidiu, sem informar Eden ou Macmillan, sair no começo dos feriados de Páscoa; nesse ano, a Câmara interromperia as atividades em 7 de abril. “Agora seu único desejo é encontrar uma pequena casa de campo no sul da França, onde possa passar os meses de inverno dos anos que lhe restam”, disse Bracken a Beaverbrook em 17 de janeiro.

A decisão de Churchill foi mantida em segredo total. Ele ainda não tinha perdido as esperanças de ter um encontro com os russos. Em 12 de janeiro, disse ao primeiro-ministro francês, Pierre Mendès France, que havia algum tempo “sentia um forte desejo de estabelecer um contato pessoal direto com os novos líderes do governo soviético que pudesse levar a uma reunião das quatro grandes potências”. Ele gostaria de apresentar outras ideias, entre as quais a possível admissão de Israel na Comunidade Britânica. “Israel é um poder no mundo e uma ligação com os Estados Unidos”, escreveu ele a Eden em 9 de fevereiro. Nove dias depois, num almoço no palácio de Buckingham, abordou com Evelyn Shuckburgh a questão de Israel poder vir a ser membro da Comunidade Britânica, pedindo que não apagasse essa ideia de sua mente. “Isso seria uma coisa ótima. Há tanta gente que quer abandonar-nos; isso pode ser a mudança da maré.” Churchill também quis encorajar Nehru “a fazer aquilo que nenhum outro ser humano podia fazer”, ou seja, como explicou ao primeiro-ministro indiano em 21 de fevereiro, “dar à Índia a liderança da Ásia, pelo menos no campo do pensamento, com a liberdade e a dignidade do indivíduo como ideais em vez da alienação do Partido Comunista”.

Exatamente um mês após Bracken ter dito a Beaverbrook que Churchill pretendia afastar-se em abril, Macmillan, que não sabia, escreveu em diário: “Acho que agora ele tomou finalmente a decisão de sair. Conformou-se com a ideia e começou a planejar um futuro e uma vida agradável.” Macmillan chegou a essa conclusão depois de uma sessão do Gabinete em que Churchill mostrou-se com uma “disposição muito jovial”. Em dado momento do debate, surgiu a questão do futuro traçado para a Parliament Square e de sua possível remodelação e alargamento. Esse seria “um bom tema para um político à beira da aposentadoria”, disse Churchill aos seus ministros. Segundo Macmillan, foi a primeira vez que Churchill fez referência, no Gabinete, a um momento em que pudesse já não ser primeiro-ministro. Quando Macmillan foi a Chartwell, em 26 de fevereiro, Churchill disse-lhe que tinha intenção de afastar-se em 5 de abril. Também disse ao seu visitante que desejava conhecer o próximo orçamento ainda “como

primeiro-ministro”. Como o orçamento seria apresentado em 28 de março, não haveria conflito com a data do afastamento.

Churchill tinha ainda um importante discurso para fazer. “Ele mesmo o ditou”, recordou Jane Portal mais tarde. Assim como em um de seus primeiros discursos no Parlamento, em 1901, ele falou sobre as mudanças profundas na natureza da guerra. Em 1901, era a ameaçadora perspectiva da utilização de todos os recursos industriais de uma nação para a guerra; em 1955, era a bomba de hidrogênio. “O que devemos fazer?”, perguntava Churchill.

Para onde viraremos para salvar nossas vidas e o futuro do mundo? Isso não é muito importante para os velhos; eles morrerão em breve, de qualquer forma, mas acho que é pungente olhar para a juventude com toda a sua atividade e todo o seu ardor e, sobretudo, olhar para as criancinhas absorvidas em suas brincadeiras inocentes, e nos interrogarmos sobre o que estará reservado a eles se Deus cansar-se da humanidade.

A melhor defesa seria “um desarmamento global feito com boa-fé”, mas a “longa história e tradição da Rússia tornam inaceitáveis para o governo soviético qualquer tipo de sistema prático de inspeção internacional”. As grandes potências “devem conceber um sistema de desarmamento equilibrado e gradual”. Enquanto isso não pudesse ser conseguido, haveria apenas “uma política sensata” para o mundo livre, uma política de defesa por meio da dissuasão. “Esses elementos dissuasores poderão em algum momento tornar-se os pais do desarmamento desde que eles sejam, de fato, dissuasores.”

A bomba de hidrogênio, “com um raio de ação destrutivo tão vasto e com uma área de contaminação ainda mais ampla, seria também eficaz contra nações cuja população, até hoje, encontra-se disseminada em territórios com áreas tão grandes que poderia levá-las a pensar que não sofreriam perigo nenhum”. Isso era “bem compreendido” pelos líderes de ambos os lados. Essa era a razão por que ele “havia muito tempo” ansiava por uma cúpula “em que esses assuntos pudessem ser falados aberta e frontalmente de um participante cordial para outro”. E, depois, acreditava Churchill, “poderemos muito bem, num processo de sublime ironia, chegarmos a um estado em que a segurança seja o robusto escudo do terror e a sobrevivência seja a irmã gêmea do aniquilamento”. Ainda havia tempo e esperança, acreditava ele, “se combinarmos paciência com coragem”. Em seu discurso, o último que faria na Câmara dos Comuns, declarou: “Poderá vir a nascer o dia em que o jogo limpo, o amor por seu semelhante e o respeito pela justiça e pela liberdade permitam que gerações atormentadas avancem, deixando serena e triunfantemente a época hedionda em que vivemos. Até lá, nunca hesitem, nunca se cansem, nunca desesperem.”

Churchill falou durante 45 minutos. Sua autoridade, “como ele tão brilhantemente demonstrou, ainda estava nas melhores condições”, comentou o *Sunday Times*. O que o periódico não sabia é que Churchill finalmente decidira abandonar suas funções. No segundo dia do debate, em resposta a uma crítica de que a Grã-Bretanha havia seguido os ditames dos Estados Unidos na questão da bomba de hidrogênio, Churchill assombrou os membros do Parlamento com sua primeira referência pública ao derrame. “Eu estava completamente preparado para ir ver o presidente”, disse ele, recordando os primeiros meses de 1953. “No entanto, fui fulminado por uma doença muito súbita que me paralisou completamente em nível físico. Por isso, tive de adiar o encontro.”

Seis dias depois, durante um almoço com Eden, na Downing Street, Churchill confirmou que renunciaria em 5 de abril, dentro de menos de um mês. Três dias depois, foi-lhe mostrado um telegrama enviado pelo embaixador britânico em Washington, Sir Roger Makins, comunicando uma sugestão de

Eisenhower para que ele, Churchill e Adenauer se encontrassem em Paris, em 8 de maio, décimo aniversário do Dia da Vitória, para homologar um novo acordo de defesa que substituísse a Comunidade de Defesa da Europa. De acordo com o embaixador, Eisenhower também disse que, enquanto estivesse em Paris, poderia preparar-se para “planejar um encontro com os soviéticos, num esforço contínuo para reduzir tensões e o risco de guerra”.

A princípio, Churchill não compreendeu as implicações daquilo que Eisenhower propunha. Numa segunda leitura do telegrama e de um comentário de certo modo depreciativo do Ministério das Relações Exteriores, ele subitamente viu uma oportunidade para ressuscitar suas esperanças num encontro de alto nível. Porém, 8 de maio era um mês e três dias depois da data em que pretendia aposentar-se. Churchill escreveu a Eden em 12 de março, dizendo-lhe que a sugestão de Eisenhower “deve ser vista como a origem de uma nova situação que afetará nossos planos e agendas pessoais”. Churchill pensava ver uma luz ao fim de seu longo túnel em direção a uma cúpula. “A magnitude da proposta de Washington em relação a um encontro ao mais alto nível é agora o fato dominante, e nossa resposta não deve menosprezá-lo ou desencorajar seu desenvolvimento”, disse ele a Eden. O telegrama de Washington deveria ser mostrado ao Gabinete. Enquanto isso, “deve ser enviada uma mensagem cordial que Makins possa entregar”.

Eden ficou desesperado por Churchill desejar empreender uma nova iniciativa diplomática, para não falar em ficar no poder por mais um mês, mas, quando Churchill regressou de Chequers a Londres, na tarde de 13 de março, disse a Eden que sua oferta para retirar-se em 5 de abril estava retirada, em face da perspectiva de uma reunião em Paris, seguida por uma cúpula em Londres.

O Gabinete reuniu-se ao meio-dia, na Downing Street, para discutir o telegrama de Makins. Eden foi enérgico ao dizer que ele não antevia nenhum novo desenvolvimento nas relações com a Rússia. Churchill discordou; ele atribuía uma “importância primordial à disposição do presidente de deslocar-se à Europa com o propósito de planejar um encontro das quatro maiores potências com os russos”. Isso, disse ele, era “uma iniciativa nova e muito significativa, e devemos acolhê-la bem”.

O Gabinete discutiu então a possibilidade de realizar o encontro de Paris em maio, como era proposto por Eisenhower, seguido por um encontro das potências em junho. Churchill sugeriu então que o encontro de junho, no qual os russos estariam presentes, fosse realizado em Londres. Terá sido a alusão a junho que, de repente, enfureceu Eden? Para perplexidade de seus colegas, que nada sabiam acerca da data de 5 de abril para a entrega do bastão, ele perguntou lenta e deliberadamente: “Isso significa, sr. primeiro-ministro, que as combinações que fez comigo ficaram para trás?”

Churchill ficou furioso por Eden ter introduzido a questão da demissão dessa maneira e começou a responder de uma forma bastante vaga acerca dos “interesses nacionais” e de aquela “ser minha ambição”, o que fez com que Eden o interrompesse. “Eu sou ministro das Relações Exteriores há dez anos. Não sou digno de confiança?”, questionou ele.

“Parece que existem certos fatos que nem todos conhecemos”, interrompeu lorde Salisbury, que nada sabia sobre a data de 5 de abril e que agora insistia que fosse comunicado ao Gabinete o que se passava entre Churchill e Eden. Churchill recusou-se a fazê-lo. “Não posso consentir nessa discussão”, disse ele. “Sei qual é o meu dever e vou cumpri-lo. Se algum membro do Gabinete discordar, pode sair.”

Os ministros ficaram completamente desnorteados com o que tinha acontecido. “Os pobres ministros, a maioria dos quais não conhecia nada sobre a história que estava por trás, pareciam confusos e preocupados”, escreveu Churchill a Clementine. “É claro que, como você sabe, só uma coisa me influenciou, e essa foi a possibilidade de conseguir, com Ike, um encontro de alto nível com os soviéticos num futuro próximo. Se não for por isso, estou completamente pronto para passar a responsabilidade. Eu achei que a mensagem de Makins oferecia uma possibilidade nova, é por isso que a coloco à prova.”

Por uma extraordinária ironia do destino, imediatamente após os trabalhos do Gabinete, em 14 de março, Churchill teve de dar os retoques finais num discurso para a Câmara dos Comuns em resposta a uma moção de censura dos trabalhistas, que criticava os esforços do governo para assegurar a paz mundial e seu desejo de conferenciar com a União Soviética. A moção foi elaborada por Attlee. “Tenho feito muito esforço para pôr em movimento esse processo de uma conferência em alto nível e conseguir resultados reais”, disse Churchill à Câmara. Poucas afirmações poderiam ser mais verdadeiras e nenhuma seria mais irritante para Eden. Malenkov tinha sido substituído pelo marechal Bulganin e por Nikita Krushev. “Apesar de não pretender avaliar as implicações das recentes mudanças na oligarquia soviética, não sinto que eles devam desencorajar nossos esforços práticos”, disse Churchill à Câmara.

A moção de censura de Attlee foi derrotada, e Churchill preparou-se para fazer esses “esforços práticos” para o encontro em Paris e para a cúpula em Londres. Contudo, poucas horas depois de seu discurso, foi recebida uma mensagem na Downing Street, vinda da embaixada americana, com a notícia, que Churchill relatou imediatamente a Clementine, de que “Ike não estava interessado em participar num encontro com a Rússia”. Em 16 de março, um telegrama de Makins confirmou que nem Eisenhower nem Dulles pretendiam ter um encontro “prematureo” das grandes potências com a Rússia. A cúpula de Londres estava acabada. Para Churchill, a notícia foi um golpe; para Eden, uma alegria. A data de 5 de abril para a tomada de posse podia ser restabelecida. “O primeiro-ministro parece muito abatido”, escreveu Macmillan em seu diário após almoçar na Downing Street em 17 de março. “Agora é certo que a crise da indecisão chegou ao fim”, acrescentou ele.

Ainda não tinha chegado realmente ao fim. Em 27 de março, Churchill soube que o marechal Bulganin tinha falado favoravelmente em relação a negociações entre as quatro maiores potências. Dois dias depois, numa audiência no palácio de Buckingham, ele disse à rainha que tinha pensado em adiar sua renúncia. “Perguntou-lhe se ela se importava, e ela disse que não!”, anotou Colville no dia seguinte. Alguns dias depois, o secretário particular da rainha Elizabeth, Sir Michael Adeane, escreveu a Churchill dizendo que a rainha “compreende perfeitamente” que, em 29 de março, “ainda haja incerteza em relação ao futuro”. Era uma incerteza que não podia e não duraria muito. Durante 30 de março ficou óbvio que, apesar do que Bulganin tinha dito, não havia nenhuma possibilidade real de uma conferência de alto nível num futuro próximo, especialmente devido à atitude hostil de Eisenhower em relação a tal encontro. Churchill pediria sua demissão em 5 de abril como planejado.

Às 18h30 de 30 de março, Churchill chamou Eden e Butler. “Anthony e eu fomos convidados a ir à sala do Gabinete”, recordou Butler mais tarde.

Winston cometeu um lapso, mandando-me sentar à sua direita, mas depois se corrigiu, chamando Anthony com um gesto. Nós olhávamos para fora, para a Parada da Guarda Montada. Depois, Churchill disse muito laconicamente: “Eu vou sair, e o Anthony vai me substituir. Podemos falar sobre os detalhes mais tarde.” A cerimônia estava terminada. Vimo-nos no corredor, onde Anthony e eu apertamos as mãos.

Na manhã de 31 de março, Churchill pediu a Sir Michael Adeane para informar a rainha de que ele se demitiria em cinco dias. “Apesar de ter reconhecido sua sensatez ao tomar essa decisão, a rainha sentiu o mais profundo pesar e disse que teria saudades das audiências semanais, que ela achava tão instrutivas, e, se era possível falar assim de assuntos de Estado, tão divertidas”, replicou Adeane.

Chegava ao fim uma vida inteira de política; no entanto, uma greve dos jornais fez com que a

demissão de Churchill quase não tivesse cobertura. Em 4 de abril, ele e Clementine deram um jantar de despedida à rainha e ao duque de Edimburgo na Downing Street. No dia seguinte, ao meio-dia, Churchill participou de sua última reunião do Gabinete, desejando aos seus colegas “toda a sorte na situação difícil, mas auspiciosa, que eles enfrentariam”. Depois, encontrou-se com os ministros fora do conselho e disse-lhes: “O homem é espírito.” Deixou-lhes com um conselho: “Nunca se separem dos americanos.”

Churchill foi conduzido ao palácio de Buckingham, onde entregou sua demissão à rainha. “Ela perguntou-me se eu recomendava algum sucessor”, observou ele em seu regresso à Downing Street.

Respondi-lhe que preferia deixar a ela a decisão. Ela disse que o assunto não era difícil e que convocaria Sir Anthony Eden. Após falarmos mais um pouco, Sua Majestade disse que achava que eu gostaria de continuar na Câmara dos Comuns, mas que, se não fosse assim, ela me daria um título de duque. Eu disse que gostaria de continuar na Câmara dos Comuns enquanto me sentisse capaz, mas que, se sentisse que o trabalho era demasiado, ficaria muito honrado se ela reconsiderasse a proposta.

Nessa tarde, durante sua última hora na Downing Street, Churchill ofereceu um chá de confraternização à sua equipe, composta por cerca de cem pessoas, incluindo secretárias, telefonistas, mensageiros e motoristas. Ao sair pela porta principal, foi aplaudido por seus convidados e seguiu de carro para Chartwell.

Churchill não tinha intenção de permitir que a aposentadoria ou a velhice refreassem seu amor pela aventura; uma semana depois de sua demissão, viajou novamente com Clementine, dessa vez para a Sicília. Quando embarcava, foi-lhe entregue uma carta da rainha, escrita de próprio punho. “Para agradecer-lhe por aquilo que fez, devo confinar-me à minha própria experiência no período relativamente curto de tempo — pouco mais de três anos — em que estou no trono e o tive como meu primeiro-ministro”, escreveu ela.

Se não menciono os anos anteriores, com todos os seus graves acontecimentos, e nos quais desempenhou um papel primordial, é porque já sabe como meu pai tinha suas obras em alta estima e tem também consciência de que ele comungava com seu povo e com os povos de todo o mundo livre o reconhecimento de uma dívida e de um profundo e sincero agradecimento.

A carta da rainha prosseguia:

Durante os anos mais recentes, foi preciso enfrentar a Guerra Fria e, com ela, ameaças e perigos mais atemorizadores do que todos com os quais se debateu antes, em tempos de guerra ou paz. Com sua percepção e capacidade para dar forma ao nosso destino, conseguiu, se é que era possível, aumentar a admiração que granjeava, não só aqui como em quase todo o mundo. Saiba que levará consigo para a aposentadoria um grande capital de verdadeira admiração. Quanto a mim, sei que, ao perder meu consultor constitucional, ganhei um sábio conselheiro, que não procurarei em vão quando necessitar de ajuda e de apoio nos dias vindouros. E que eles sejam abundantes.

Durante duas semanas, Churchill permaneceu num hotel em Villa Politi, em Siracusa. Em 18 de abril, respondeu à rainha, dizendo-lhe que, desde seus primeiros dias no trono, ele tinha sentido “o impacto de uma nova personalidade a dominar nossa história”. Ele continuou:

Nossa Ilha já não tem a mesma autoridade ou o mesmo poder que teve nos dias da rainha Vitória. Um vasto mundo eleva-se à sua volta, e, apesar de todas as nossas vitórias, não poderíamos merecer a categoria que temos se não fosse pelo respeito por nosso caráter e bom senso e por uma admiração geral, não manchada pela inveja, por nossas instituições e por nosso estilo de vida. Tudo isso ficou ainda mais forte e mais solidamente alicerçado durante os anos iniciais do presente reinado, e considero o sinal mais direto da graça de Deus, que alguma vez recebemos em minha longa vida, o fato de toda a estrutura de nossa comunidade recém-formada estar unida e iluminada por uma presença resplandecente em seu topo.

Churchill finalizou sua carta com uma reflexão sobre a “atmosfera histórica” de Siracusa:

Nosso hotel ergue-se junto às pedreiras sinistras onde 6 mil prisioneiros de guerra atenienses foram obrigados a trabalhar e a morrer de fome em 413 a.C., e eu estou tentando pintar um quadro da entrada de uma caverna perto da galeria cujos ecos transportavam segredos aos ouvidos de Dionísio. Tudo isso condiz com os processos mentais e psicológicos existentes em depor minhas responsabilidades diretas na condução de grandes negócios e recostar-me numa reflexão confortante: “Fiz o meu melhor.”

17.

Os últimos anos

Churchill levava dois amigos próximos para a Sicília; um era lorde Cherwell, que conhecia havia 35 anos, e o outro, Jock Colville, que fora membro do seu gabinete particular durante oito dos quinze anos precedentes. Um dia, em conversa com eles, Churchill exprimiu seu arrependimento por não ter levado em consideração, enquanto primeiro-ministro de 1951 a 1955, as recomendações feitas por Cherwell e outros a respeito da incapacidade britânica de formar técnicos em número suficiente. Cherwell e Colville responderam que ainda não era tarde demais e nasceu a ideia de uma instituição na Grã-Bretanha semelhante ao Instituto de Tecnologia de Massachusetts, onde Churchill discursara em 1949. Colville ofereceu-se para angariar os fundos; ao regressar à Inglaterra, iniciou o processo muitas vezes desencorajador que o levou, no intervalo de cinco anos, ao estabelecimento de uma nova instituição, o Churchill College, em Cambridge.

Em 28 de abril de 1955, de volta a Londres, Churchill observou e apoiou as atividades de Eden na liderança do Partido Conservador para as eleições gerais. Também se mostrou satisfeito com a comunicação de que os ministros das Relações Exteriores da Grã-Bretanha, da França, dos Estados Unidos e da União Soviética afinal se reuniram naquele verão para negociações. Durante a campanha eleitoral, proferiu vários discursos em seu círculo eleitoral e um discurso em Bedford, a favor de seu genro, Christopher Soames. Não fez qualquer tentativa para intervir na política dos conservadores nem para influenciar o modo como a campanha eleitoral era conduzida. “Tenho um imenso desejo de ficar quieto e não fazer nada”, escreveu a Bernard Baruch em 26 de maio.

O resultado das eleições deu uma vitória decisiva aos conservadores. No dia em que os resultados foram conhecidos, o secretário do Gabinete, Sir Norman Brook, escreveu a Churchill:

O senhor esteve muito presente em meus pensamentos ao longo dessas eleições e gostaria de dar-lhe meus sinceros parabéns pelo resultado, pois se trata de um testemunho notável do desempenho e do êxito de seu governo nos últimos três anos e meio. A verdadeira questão era saber se o povo estava contente com o governo que teve. E ficou evidente que estava. A diminuição do voto trabalhista é seguramente significativa. Estou certo de que deve estar satisfeito com a forma como as coisas decorreram.

Após as eleições, Churchill mostrou uma disposição afável. Em 29 de maio, em Chartwell, lorde Moran registrou o comentário de Elizabeth Gilliatt:

Ele tem estado muito bem-disposto. Mesmo quando tinha três discursos nas mãos e estávamos

atentos a reações, nunca teve uma palavra de desagrado. Lorde Moran sabe como ele não gosta de novas secretárias. Agora tem duas e é muito simpático com elas. Nessa manhã, não fui pontual, mas, quando disse que lamentava, lorde Moran viu como ele foi amável.

As novas secretárias eram Doreen Pugh e Gillian Maturin. Pretendia-se que permanecessem até que a correspondência gerada pelas eleições fosse despachada, uma questão, pensou-se, de três ou quatro semanas, mas a srta. Maturin acabou por ficar três anos e meio e a srta. Pugh, quase dez anos.

Em 30 de maio, numa longa e amigável carta, Eden disse a Churchill que esperava ter uma reunião ao mais alto nível com os russos em julho. “Senti pena por não conseguir persuadir Ike a testar o ‘novo estilo’ de Malenkov em 1953”, respondeu Churchill no dia seguinte. Ele acrescentou:

Kruschev tem o Exército como Malenkov nunca teve, por isso um “novo estilo” pode ser mais frutífero. Não creio que o exército russo deseje a guerra. Já não existe qualquer glória militar. Os soldados estariam mais seguros do que os civis, embora não tão confortáveis quanto em tempo de paz. Examinando o cenário de minha posição imparcial, sinto que as dificuldades serão gradualmente ultrapassadas e que a raça humana poderá ser submetida ao teste da extrema prosperidade.

Em Chartwell, Churchill trabalhou em seu livro sobre a história dos povos de língua inglesa, tendo a ajuda de Denis Kelly e de Alan Hodge. Em 2 de junho, o trabalho foi interrompido quando sofreu um espasmo de uma artéria. Durante vários dias teve dificuldade em escrever, pegar uma xícara de café ou segurar o charuto na boca, mas sentiu-se suficientemente bem seis dias mais tarde para deslocar-se a Londres para a abertura do Parlamento, e ficou satisfeito quando, ao entrar na Câmara, ouviu um membro do Parlamento exclamar “Churchill!”. Após o chamado, houve uma grande salva de palmas na galeria pública, e membros do Parlamento juntaram-se à sua volta, aclamando e acenando suas folhas com a ordem de trabalhos com entusiasmo.

Churchill regressou a Chartwell para trabalhar em sua *História*. Em 15 de junho, foi informado por Macmillan de que poderia manter os serviços de Anthony Montague Browne, um de seus antigos secretários. “Por favor, disponha dele pelo tempo que desejar”, escreveu Macmillan. Também escreveu a Montague Browne: “Estou a cedê-lo ao Winston porque ele precisa de alguém. Naturalmente, será apenas por um ano ou dois.” Na realidade, Montague Browne seria o dedicado secretário particular de Churchill durante quase dez anos. “Desde 1955 até o dia em que meu pai deu o último suspiro, Anthony esteve praticamente sempre ao seu lado”, recordou Mary mais tarde. Ela continuou: “O correio não parava de chegar. Era Anthony quem planejava e geria, aconselhando e auxiliando, os negócios do meu pai e sua vida privada. Seus conhecimentos, sua experiência profissional e sua devoção ao meu pai foram um dos fatores mais importantes nos últimos dez anos da vida dele.”

Em 21 de junho, Churchill regressou a Londres para discursar em Guildhall durante a cerimônia de inauguração de sua estátua. “Confesso que, tal como Disraeli, estou do lado dos otimistas”, disse ele. “Não acredito que a humanidade vá destruir-se. Há algum tempo penso que seria bom que os líderes das grandes nações falassem em privado uns com os outros. Fico muito satisfeito por isso acontecer agora.” A estátua que Churchill descerrou foi obra de um refugiado iugoslavo judeu, Oscar Nemon.

De Guildhall, Churchill voltou a Chartwell. “Estou ficando muito mais velho agora que os estímulos da responsabilidade e do poder me abandonaram e cambaleio na sombra da aposentadoria”, escreveu a

Pamela Lytton em 30 de junho. Em 18 de julho, escreveu a Eisenhower: “É uma experiência estranha e terrível renunciar à responsabilidade e deixar os aparatos do poder caírem por terra. Uma sensação de descontração, não apenas psicológica, mas também física, apodera-se de nós para deixar um sentimento tanto de alívio quanto de despojamento. Só percebi como estava cansado quando parei de trabalhar.” Um mês mais tarde, escreveu ao general Tudor, seu amigo, acerca de seu afastamento de suas funções: “O pior é que, quando abandonamos nossas responsabilidades, sentimos que nosso poder cai com aquilo que segurava.”

Em 15 de setembro, Churchill voou com Clementine para uma estadia prolongada na casa de campo de Beaverbrook no sul da França. Era o início de um novo estilo de vida para Churchill, que passava cada vez mais tempo no sol e no conforto da Riviera francesa. Grande parte de seu tempo era dedicado à pintura. Também ditou o prefácio de seu novo livro. Em outubro, Hodge e Kelly foram ajudá-lo. Clementine regressou à Inglaterra em 16 de outubro. Para cinco breves discursos que concordara fazer em seu regresso, disse-lhe Churchill, George Christ enviara-lhe “um excelente conjunto de notas”. Na Inglaterra, Deakin voltara a integrar a equipe, embarcando num avião para juntar-se a Churchill em 28 de outubro. Antes de regressar a Londres, Churchill deu início à procura do que chamava de sua “casa de campo dos sonhos”, que esperava comprar. Nunca a encontraria.

Em 14 de novembro, de volta à Inglaterra, Churchill proferiu cinco breves discursos: para seu círculo eleitoral, para os rapazes de Harrow, para os jovens conservadores, no Draper’s Hall e na Mansion House. Nesta última ocasião, foi nomeado cidadão honorário de Belfast e de Londonderry. Em 30 de novembro, celebrou seu 81^o aniversário. Em seguida, na segunda semana de janeiro de 1956, viajou novamente para o sul da França, dessa vez não para a casa de campo de Beaverbrook em Cap d’Ail, mas para La Pausa, em Roquebrune, empoleirada por entre olivais, bem acima da estrada sinuosa. Essa casa, habitada por Emery Reves e por sua esposa Wendy, seria a “casa de campo dos sonhos” dos últimos anos de Churchill. Apelidada por ele “Terra da Pausa”, oferecia-lhe conforto, calma e privacidade, bem como paisagens magníficas para a pintura. “Até agora não saí dessa luxuosa casa”, escreveu a Clementine em 15 de janeiro. “Tenho passado o tempo principalmente na cama revisando o livro.” Dois dias depois, voltou a escrever: “Reves e Wendy são extremamente atenciosos. Convidam as pessoas de que gosto e ninguém de quem não gosto.”

A satisfação de Churchill com sua nova vida era evidente em todas as suas cartas. Em 30 de janeiro, escreveu a Clementine, que ficara em Londres atormentada pela falta de saúde e estava planejando uma longa viagem por mar a Ceilão:

Passo os dias sobretudo na cama e levanto-me para o almoço e o jantar. Estou tendo um curso de Monet, Manet, Cézanne, entre outros, dado pelos meus anfitriões, que são ambos versados em pintura moderna e praticam no estúdio — agora em parte um escritório com a srta. Maturin. Também têm uma espécie de gramofone fabuloso que toca continuamente Mozart e outros compositores de mérito e mais o que se quiser em discos de 78 rotações. Estou tendo uma formação artística com professores muito agradáveis.

A satisfação de Churchill em sua primeira estadia em La Pausa era evidente em todas as suas cartas. “Com exceção do livro, estou ocioso e preguiçoso”, escreveu a Clementine no começo de fevereiro.

Uma semana mais tarde, Churchill retornou a Londres. “Foi muito agradável estar um mês sob seus

cuidados”, escreveu a Wendy Reves no dia seguinte ao seu regresso. “Estou sem dúvida melhor por essa razão, apesar de envelhecer à medida que os dias passam.” Nesse mês, deslocou-se à Câmara dos Comuns para o voto livre na questão do enforcamento, tendo votado a favor da manutenção da pena de morte. Mais tarde, em 1º de março, voltou para La Pausa. Enquanto lá estava, os primeiros exemplares encadernados do primeiro volume de *História dos povos de língua inglesa* foram enviados pela gráfica, com o título “O nascimento da Grã-Bretanha”. Entretanto, Churchill trabalhava com Kelly e Hodge no quarto e último volume. Todas as manhãs, deslocavam-se do hotel onde estavam instalados para trabalharem com Churchill, que se sentava na cama rodeado de livros e papéis. Em uma manhã, o texto em que estavam trabalhando tratava do Congresso de Berlim de 1878. Apontando a frase que mencionava 1878, Churchill disse a Kelly: “Eu já estava vivo.”

Em 6 de abril, Clementine chegou a Marseille no regresso por mar de sua viagem ao Ceilão. Churchill telefonou para o navio para perguntar se ela gostaria de encontrá-lo em La Pausa. “Não consigo separar e voltar a guardar roupas amarrotadas e inadequadas, por isso vou diretamente para casa”, telegrafou ela em resposta. Cinco dias depois, estando Clementine ainda no mar, Churchill embarcou num avião para a Inglaterra a fim de estar à sua espera quando ela chegasse. Seu regresso coincidiu com uma intensificação da crise no Oriente Médio, com o Egito insistindo em manter o canal de Suez fechado a navios com destino aos portos de Israel.

Israel era pressionado para não reagir. Em 13 de abril, dois dias após o seu retorno da França, Churchill referiu-se a esse fato durante um breve discurso para a Primrose League, da qual era grão-mestre, no Albert Hall. Se Israel fosse “dissuadido de usar a vida do seu povo para repelir os egípcios até que tenham aprendido a usar as armas russas que foram fornecidas a eles, e se os egípcios atacarem nesse momento, será não apenas uma questão de prudência, mas uma medida de honra, assegurar que eles não sejam derrotados por terem esperado”.

Churchill também falou sobre o Oriente Médio numa carta que escreveu a Eisenhower em 16 de abril. “Estou muito satisfeito por saber que reconhece tão abertamente a importância do petróleo do Oriente Médio”, disse ele ao presidente. “Quando estava no Almirantado em 1913, apropriei-me da Anglo-Persian Company por qualquer coisa como 3 milhões de libras e adaptei a enorme esquadra que estava construindo para aquele método de propulsão. Foi um bom negócio.” Retomando o confronto em curso entre Egito e Israel, Churchill escreveu: “Estou certo de que se agirmos conjuntamente conseguiremos adiar uma guerra entre Israel e o Egito.” Então, disse a Eisenhower:

Sou obviamente um sionista, como tenho sido desde a Declaração Balfour. Acho magnífico que essa pequena colônia de judeus seja um refúgio para seus compatriotas de todas as terras em que foram tão cruelmente perseguidos, e, ao mesmo tempo, que sejam atualmente a força de luta mais eficaz na área. Estou certo de que a América não assistiria, sem reagir, enquanto eles são dominados pelas armas russas, em especial se os tivéssemos persuadido a não agir enquanto sua sorte durasse.

Em abril desse ano, os líderes soviéticos, Bulganin e Krushev, estiveram na Grã-Bretanha; Eden convidou Churchill e Clementine para almoçarem com eles na Downing Street em 17 de abril. “Sentei-me ao lado de Krushev”, contou Churchill a Moran. “Os russos ficaram encantados ao me ver. Anthony disse-lhes que eu ganhei a guerra.” A guerra esteve muito presente na mente de Churchill três semanas mais tarde, quando voou para Aachen a fim de receber o prêmio Charlemagne. A cerimônia aconteceu em

10 de maio, dezesseis anos depois do dia em que se tornara primeiro-ministro na guerra contra a Alemanha. Seu objetivo no discurso de agradecimento foi bipartido: insistir em que os alemães fossem receptivos a um eventual afrouxamento da política soviética e, ao mesmo tempo, recomendar-lhes que não fossem apressados demais em seu desejo de reunificação. Com esses tópicos em mente, Montague Browne esboçara o discurso, que Churchill depois proferiu. “A ideia era apenas dele”, recordou mais tarde Montague Browne. “Provocou um calafrio”, acrescentou ele.

Nos três dias que se seguiram, Churchill visitou bases do exército britânico e falou, improvisadamente, em seis ocasiões. O jantar com as tropas britânicas em Celle foi “um enorme sucesso”, recordou Montague Browne. “Os soldados foram muito amáveis com ele. Ele estava em seu hábitat.” Na tarde de 13 de maio, Churchill voou a Biggin Hill, escoltado por aviões de caça da Esquadrilha 615. “No geral, a visita deixou uma recordação agradável”, escreveu a Eisenhower. “Fiquei contente por ver que, apesar da marcha do tempo, ainda consigo aguentar quatro dias de trabalho contínuo.”

No final de maio, Churchill regressou a La Pausa. Clementine foi com ele, assim como Sarah. Em julho, voltou a voar para a Alemanha, a fim de assistir a uma corrida de cavalos em Düsseldorf. Pouco depois de seu retorno à Inglaterra, o presidente do Egito, Gamal Nasser, nacionalizou o canal de Suez. “Pessoalmente, acho que a Grã-Bretanha e a França devem agir conjuntamente e com vigor”, escreveu Churchill a Clementine em 30 de julho. “Se necessário, devem usar armas enquanto a América está atenta à Rússia. Não creio que os russos tenham qualquer intenção de serem envolvidos numa grande guerra.”

Eden começara a preparar-se para uma possível invasão ao Egito e enviou a Churchill um número considerável de telegramas secretos, de forma a mantê-lo a par dos acontecimentos. Em 30 de julho, encontrou-se com Churchill no gabinete do primeiro-ministro na Câmara dos Comuns e forneceu-lhe mais detalhes. “Estou satisfeito com a política adotada a respeito do Suez”, escreveu Churchill a Clementine em 3 de agosto.

Vamos fazer tudo o que pudermos. Anthony contou-me tudo, e eu até pensei em fazer um discurso, mas tudo correu tão bem no debate de quinta-feira que teria sido um risco desnecessário. Como estou bem informado, não posso revelar quaisquer segredos numa carta desprotegida, mas sinto que você pode ter certeza de que não haverá razões de queixa em relação ao que tentamos fazer.

Quando Macmillan jantou com Churchill em Chartwell dois dias mais tarde, discutiram uma possível invasão ao Egito. “Se desembarcarmos, certamente teremos de procurar as forças egípcias, destruí-las e derrubar o governo de Nasser”, disse-lhe Macmillan. Em seguida, Churchill “pegou uns mapas e ficou muito entusiasmado”, escreveu Macmillan em seu diário.

Ansioso para dar seu conselho a Eden, Churchill partiu de carro de Chartwell com destino a Chequers em 6 de agosto. Levando Doreen Pugh, ditou enquanto seguiam e parou num parque à beira da estrada para que ela pudesse datilografar o que ele havia ditado:

A operação militar parece muito séria. Temos um grande atraso quando nossas intenções são conhecidas. Os jornais e os correspondentes estrangeiros são livres para publicar o que quiserem.

Devia ser imposta uma censura. Num mês, deve ser possível a pelo menos mil russos e voluntários semelhantes assumirem o comando dos melhores aviões e tanques egípcios. Isso poderia expor-nos a uma resistência muito mais severa.

Churchill acrescentou: “Quanto mais se pensa em tomar o canal, menos a ideia agrada. A longa estrada sobrelevada poderia ser facilmente obstruída por uma sucessão de minas. Será atribuída a nós grande parte da responsabilidade por interromper o trabalho, se nossa atuação correr sem dificuldades. O Cairo é o centro do poder de Nasser.”

Churchill ficara satisfeito ao ser informado por Eden de que seriam usadas divisões blindadas “devidamente apoiadas pelas forças aéreas”. Quando chegou a Chequers, entregou-lhe a carta e, após uma breve conversa, regressou a Chartwell. Três dias depois, escreveu a Clementine, que estava de férias na Suíça: “A união do islã é admirável. Não há dúvida de que a Líbia, a quem pagamos 5 milhões de libras por ano, bem como a Jordânia, a quem pagamos 10 milhões de libras ou mais, manifestam hostilidade abertamente.”

Em 12 de setembro, Churchill e Clementine estiveram juntos em Hyde Park Gate em seu 48º aniversário de casamento. Cinco dias mais tarde, Churchill voou para o sul da França a fim de voltar a La Pausa. Clementine permaneceu em Londres. Lorde Cherwell voou ao encontro de Churchill para fazer-lhe companhia e trabalharem no último volume do livro. Hodge também se encontrava lá, bem como um jovem professor de Oxford, Maurice Shock, que estava ajudando na seção dedicada a Gladstone e Disraeli. Em meados de outubro, Hodge regressou a Londres com sua esposa, Jane, que escreveu a Churchill dizendo que quando as filhas lhe perguntassem onde estivera, “darei que estive a visitar um grande homem, que é o mais amável do mundo”.

Em 19 de outubro, Churchill desmaiou, caiu e ficou inconsciente durante vinte minutos. Era mais um derrame. Nove dias mais tarde, sentiu-se suficientemente bem para regressar à Grã-Bretanha. Dois dias depois, forças israelitas atravessaram o deserto do Sinai, destruindo as tropas egípcias e chegando até poucos quilômetros do canal de Suez. Na sequência de um ultimato anglo-francês de doze horas lançado ao Egito, insistindo em que uma força anglo-francesa fosse ser autorizada a “instalar-se temporariamente” no canal de Suez, bombardeiros britânicos atacaram aeródromos egípcios enquanto tropas britânicas lançaram-se ao mar em Malta com destino a Port Said, na extremidade norte do canal.

Em 3 de novembro, com as forças britânicas ainda a caminho do Egito, Churchill emitiu uma declaração pública apresentando “as razões que me levaram a apoiar o governo na questão do Egito”. Apesar de todos os esforços da Grã-Bretanha, da França e dos Estados Unidos, escreveu ele, “as fronteiras de Israel estremeceram com assassinatos e ataques armados”. O Egito, “o principal instigador desses incidentes”, havia “rejeitado a contenção”. Israel, “perante a mais grave provocação”, tinha “reagido contra o Egito”. A Grã-Bretanha pretendia “restaurar a paz e a ordem” no Oriente Médio, “e estou convencido de que atingiremos nosso objetivo”, afirmou ele. Churchill também estava “confiante em que nossos amigos americanos acabarão por perceber que, não pela primeira vez, agimos de forma independente pelo bem comum”.

A mensagem de Churchill foi publicada nos jornais na manhã de 5 de novembro, no preciso momento em que paraquedistas britânicos e franceses, na dianteira das forças ainda a caminho por mar, aterrissavam na extremidade norte do canal de Suez, capturando Port Said. “Meu caro Winston, não sei como agradecer-lhe pela sua admirável mensagem”, escreveu-lhe Eden nesse dia. “Tem surtido um enorme efeito e estou certo de que terá uma influência ainda maior nos Estados Unidos.” Eden

acrescentou: “São dias difíceis, mas a alternativa era um lento sangrar até a morte.” “Obrigado por suas amáveis palavras”, respondeu Churchill. “Estou muito satisfeito por ter ajudado.”

Na manhã de 6 de novembro, as forças navais da Grã-Bretanha e da França chegaram finalmente a Port Said, desembarcaram e avançaram para sul ao longo do canal. Nesse mesmo dia, contudo, após uma semana de intensa pressão por parte dos americanos, acrescida da recusa de muitos colegas do Gabinete em apoiá-lo, Eden concordou com um cessar-fogo. No dia seguinte, 7 de novembro, Churchill esteve presente numa cerimônia na Parliament Square para a inauguração de uma estátua em honra do marechal de campo Smuts. No decurso de seus escassos comentários, Churchill declarou, com o triunfo de Nasser em mente: “Hoje, entre os muitos clamores e tensões do mundo, estamos cercados por uma forma limitada e estéril da vasta e por vezes grandiosa força do nacionalismo. Para Smuts, apesar de grande patriota, essa crença superficial teria sido desagradável e estranha. As qualidades desse homem transcenderam a nacionalidade.”

Em 20 de novembro, Jock Colville jantou com Churchill em Hyde Park Gate. A retirada definitiva das forças anglo-francesas fora aceita por Eden com a condição de que Eisenhower e os Estados Unidos continuassem a apoiar a Grã-Bretanha. A propósito da decisão de Eden sobre atacar o Egito, Colville perguntou a Churchill:

— Se fosse primeiro-ministro, teria feito o mesmo?

— Nunca teria ousado, e, se tivesse ousado, nunca teria ousado parar — respondeu Churchill.

A outro amigo, Churchill comentou com aspereza: “Isso nunca teria acontecido se Eisenhower estivesse *vivo*.”

Em 9 de janeiro de 1957, doente e atordoado pelas críticas selvagens às suas ações no Suez, Eden demitiu-se. Ao ir de Chartwell para Londres no dia seguinte, Churchill, então com 82 anos, foi convocado ao palácio de Buckingham, por uma questão de cortesia, para dar seu conselho quanto ao sucessor de Eden. Recomendou Macmillan, assim como o fizeram os outros três conselheiros privados que foram consultados. Nessa noite, Macmillan tornou-se primeiro-ministro; na noite seguinte, jantou com Churchill em Hyde Park Gate.

Churchill mais uma vez deixaria a Inglaterra em busca do sol, e seu destino era novamente La Pausa. O último volume de seu livro estava praticamente concluído; Kelly, Hodge e Montague Browne estavam com ele para rever os fatos finais. Após três semanas, o trabalho estava terminado. Em 13 de fevereiro, regressou à Inglaterra para uma série de compromissos, incluindo um almoço com Macmillan, um jantar no Other Club e uma noite tranquila com Randolph antes de voltar para La Pausa com Clementine. “Ele estava envelhecido, mas continua muito bem informado e perde pouco do que se passa”, observou Macmillan em seu diário.

A vida de Churchill em La Pausa girava em torno da pintura; entre suas visitas contava-se o empresário de nacionalidade grega Aristóteles Onassis, cujas conversas e personalidade Churchill muito apreciava. “A conversa centrou-se na política e no petróleo”, escreveu Churchill a Clementine, que regressara à Inglaterra. “Recordei-lhe que comprei a Anglo-Persian para o Almirantado há quarenta ou cinquenta anos e tirei um bom lucro para o governo britânico, cerca de 300 ou 400 milhões! Ele disse que conhecia os detalhes. Tudo isso me fez lembrar do pobre Hopkins, mas acho que o fizemos juntos. Aprecio as honras.” Hopkins, um alto funcionário das Finanças, que tinha 33 anos em 1913, morrera em 1955. Após cinco semanas em La Pausa, Churchill retornou à Inglaterra. A velhice começava lentamente a dar sinais. Depois de jantar em Chartwell em abril, Macmillan observou em seu diário: “Ele estava em boa forma, apesar de já estar muito surdo. Já não fala muito, pela primeira vez escuta. Tudo isso é

bastante triste, pois o espírito de luta abandonou-o. Está um velhote muito agradável e cortês.” Contudo, Churchill ainda era capaz de falar em público em ocasiões especiais como em maio, no encontro anual da Primrose League, no Albert Hall. Também fazia questão de passar o maior tempo possível no sul da França; nesse verão, permaneceu um mês em La Pausa, enviando regularmente cartas manuscritas a Clementine. Pintava quase todos os dias. Ia jantar fora. Lia romances. Continuava em sua busca por uma casa de campo dos sonhos, mas tinha um ar pensativo com cada vez mais frequência. “Estou cansado de um trabalho que está feito e espero não encolher quando chegar ao fim”, escreveu numa das cartas para casa nesse verão. “Meu único desejo é viver em paz os anos que me restam, se anos forem.”

Os anos restantes de Churchill foram inevitavelmente marcados pela tristeza da morte de amigos próximos. Em julho de 1957, seu melhor amigo e confidente, lorde Cherwell, morreu; tinha 71 anos, a mesma idade que Clementine. Antes da guerra, fora com o professor que examinara as fraquezas e as invenções da política de defesa britânica. Fora a ele que Churchill confiara os segredos da política nuclear britânica durante seus mandatos como primeiro-ministro, em tempo de guerra e de paz. Foi a Oxford assistir ao funeral de Cherwell. “Ao passarmos pela nave lateral da Christ Church Cathedral, a congregação levantou-se espontaneamente”, recordou mais tarde um convidado presente. “Depois da cerimônia, ele foi de carro até o cemitério. Percorreu em procissão o caminho do cemitério. Atravessou para além do caminho, avançando sobre os difíceis tufos de erva, com passos firmes, mas envelhecidos, em direção à campa de seu querido velho amigo.”

Em outubro, foi publicado o terceiro volume da história de Churchill. O quarto volume estava concluído. “Agora me aposento da literatura”, escreveu Churchill a Bernard Baruch. “Estou empenhado em encontrar outra maneira de passar de forma agradável os anos restantes da minha vida.” Nesse outono, passou três semanas com Clementine na casa de campo de Beaverbrook em Cap d’Ail. Com um convidado com quem, durante um almoço, discutia sobre a Índia, Churchill comentou, com um brilho nos olhos: “Agora sou meramente um velho reacionário, aposentado e cansado.” Dias mais tarde, observou a Montague Browne: “Acho que a Terra será em breve destruída por uma bomba de cobalto. Se eu fosse Deus Todo-Poderoso, não a voltaria a criar, com medo de que me destruíssem também da próxima vez.”

De La Capponcina, Churchill voltou a La Pausa. “Comecei um novo quadro de flores, pintado dentro de casa, e vou levantar-me com essa finalidade.”, escreveu a Clementine, que regressara à Inglaterra. Em outubro desse ano, enquanto Churchill ainda estava em La Pausa, a União Soviética lançou o primeiro satélite. “O satélite em si etc., não me aflige”, escreveu a Clementine.

O que é desconcertante é a prova do avanço das ciências soviéticas comparadas com as americanas. O Professor estava, como sempre, vigilante e ativo. Tivemos bastantes avisos, mas ficamos irremediavelmente para trás em formação técnica, e a pouca capacidade de que dispomos tende a dispersar-se e espalhar-se pela América e pelos domínios. Essa é a era mecanizada, e onde é que nós estamos? *Qualidade e primeira classe* ainda possuímos, mas os números escasseiam. As condições necessárias para o desenvolvimento falharam. Temos de continuar os esforços e olhar para a união com a América.

Um mês após ter voltado à Inglaterra, Churchill completou 83 anos. Indomável, assistiu a vários

debates na Câmara dos Comuns, regressou no Ano-Novo a La Pausa, pintou, leu romances e continuou a enviar relatos manuscritos de suas atividades a Clementine. Em fevereiro de 1958, ainda em La Pausa, teve uma broncopneumonia. Quando se recuperou, a Câmara dos Comuns enviou-lhe uma mensagem de felicitações. Também o fez Brendan Bracken, que escreveu: “Estou contente e extremamente aliviado com sua rápida recuperação. Se escrevesse um livro sobre saúde sem regras, superaria as vendas de todos os seus outros livros.”

Em março, ainda em La Pausa, Churchill teve mais dois acessos de febre. Após seu retorno à Inglaterra em abril, a febre voltou. Foram chamadas duas enfermeiras a Hyde Park Gate para cuidar dele; elas seriam suas auxiliares permanentes, assistidas por um enfermeiro, Roy Howells. Esse auxílio faria parte da triste realidade da velhice. Porém, no final do mês, apesar de visivelmente debilitado, Churchill sentia-se suficientemente bem para jantar no Other Club e para ocupar seu lugar na Câmara dos Comuns.

Em julho, uma rebelião no Iraque levou ao assassinato do rei, da família real e do primeiro-ministro. No Líbano, um apelo ao auxílio americano conduziu à chegada das tropas americanas a Beirute. Na Grã-Bretanha, o governo apoiou a ação americana, à qual a oposição trabalhista opôs-se, ainda irritada com a intervenção no Suez. Churchill decidiu falar sobre esses acontecimentos na Câmara dos Comuns, em apoio à atitude do governo, e, após informar Macmillan de que interviria no debate, escreveu em forma de nota, como fora seu hábito durante mais de meio século, o que diria:

“A América e a Grã-Bretanha devem trabalhar em conjunto, alcançar *unidade* de objetivos.”

“As complicações que o problema apresenta podem ser remediadas se, e apenas se, forem enfrentadas por forças unidas e princípios comuns, não apenas pelo aumento do poder.”

“Quando nos dividimos, perdemos.”

“Não se trata em primeiro lugar de uma questão de força material.”

“Anthony Eden e o Suez. Ele estava *certo*. Os recentes acontecimentos vêm prová-lo. É possível que suas ações tenham sido *prematuras*.”

* * *

Churchill pretendia prosseguir para dizer que seria “fácil demais zombar dos Estados Unidos” por sua ação no Líbano; não era o momento “de tentar acertar contas” com a América devido à sua oposição ao Suez. “As contas estão a acertar-se por si mesmas. O insensato é que duas nações como a Inglaterra e os Estados Unidos procurem pontos de divergência.” Os americanos estavam “totalmente justificados” ao entrar no Líbano. “Eles não precisam de nossa ajuda material ou militar. Se precisassem, estou certo de que a receberiam.”

Tendo preparado as notas para seu discurso, Churchill hesitou. Estava debilitado e cansado demais para se aventurar num novo discurso parlamentar. “Passei uma ou duas horas a pensar no que diria e cheguei à conclusão de que não tinha nada que valesse a pena dizer”, escreveu a Macmillan em 15 de julho. “Aparecerei no átrio para apoiá-lo. Desculpe-me pela mudança de planos.”

Nesse verão, Churchill retornou a La Capponcina, novamente como convidado de lorde Beaverbrook. Chegara havia apenas uma semana quando foi informado de que Brendan Bracken morrera. Conhecia-o, assim como a lorde Cherwell, desde os anos 1920 e dera-lhe lugar no Gabinete durante a guerra. Saudara seus conselhos e apreciara sua companhia. Imediatamente preparou-se para pegar um avião para a Inglaterra, mas foi informado de que Bracken dissera especificamente que não queria “nenhuma

cerimônia”, e por isso permaneceu na França. “Sei o quanto gostava de Brendan e o que essa ruptura com o passado mais feliz significará para você”, escreveu Colville. Enquanto isso, Beaverbrook havia deixado La Capponcina e viajado ao Canadá. “Fico muito contente que tenha apreciado minha companhia”, escreveu-lhe Churchill dias mais tarde. “Tornou-se muito fraca, embora calorosa. Os laços que formamos há tantos anos e reforçamos nos dias da guerra duraram toda a nossa vida.”

Em 12 de setembro, Churchill e Clementine celebraram suas bodas de ouro em La Capponcina; Randolph e sua filha Arabella vieram da Inglaterra para estarem com eles. Dez dias mais tarde, Churchill embarcou numa nova aventura, um cruzeiro no iate *Christina*, como convidado de Onassis. Os dias a bordo do iate foram um tempo de tranquilidade, presidido por um atencioso e divertido anfitrião. Durante o dia, Churchill descansava ou jogava cartas. Todas as noites havia um filme. Após dez dias, o *Christina* chegou a Gibraltar, de onde Churchill voou para a Inglaterra. Em seguida, em 12 de outubro, regressou de avião a La Pausa. Planejava pintar, “mas estou hesitante, inerte e preguiçoso”, explicou a Clementine. Mais adiante na carta, escreveu: “Os derradeiros dias ou anos de vida são cinzentos e monótonos, mas tenho a sorte de tê-la ao meu lado.”

A preocupação com a saúde de Clementine era um ponto dominante dos pensamentos e das cartas de Churchill sempre que estava longe dela. Havia também uma preocupação com o bem-estar de três dos seus filhos; Diana sentia-se frequentemente deprimida e procurava a ajuda da organização Samaritans; Randolph tinha um temperamento impetuoso e perdia muitos amigos; e Sarah, como Randolph, era vítima do alcoolismo e perseguida pela imprensa. Para Churchill, a situação de seus três filhos, todos eles talentosos e carinhosos, era uma fonte de sofrimento.

A vida em La Pausa oferecia a Churchill distração e até emoções fortes; não tendo nunca andado de helicóptero, aceitou o convite do capitão do porta-aviões americano *Randolph* para voar até o navio e inspecionar a guarda de honra naval. A viagem de helicóptero foi “um episódio hilariante”, disse a Wendy Reves, que o acompanhava. Mais tarde, em 6 de novembro, viajou até Paris para ser condecorado por De Gaulle com a Croix de la Libération, a mais alta distinção concedida aos que serviram com as forças da França Livre ou na Resistência. Iniciou seu discurso de agradecimento, que proferiu em inglês, com as palavras: “Fiz muitas vezes discursos em francês, mas isso foi em tempo de guerra, e não desejo submetê-los às provações de dias mais sombrios.”

De volta a Londres, Churchill foi quase todos os dias à Câmara dos Comuns. Novamente, contemplou a ideia de fazer um discurso, mas decidiu não fazer. Em 30 de novembro, completou 84 anos. Cinco semanas mais tarde, partiu com Clementine para Marrakech, para cinco semanas sob o sol do norte da África que tanto apreciava, depois do que embarcaram no *Christina* para um segundo cruzeiro, dessa vez ao longo da costa marroquina até as ilhas Canárias. Em março de 1959, voltou a Londres para quatro dias frenéticos, que incluíam uma visita a Chartwell e um jantar no Other Club, antes de voltar a viajar para La Pausa.

Em La Pausa, Churchill pintou. Trinta e cinco anos antes escrevera na *Nash's Pall Mall*: “A pintura é uma amiga que não faz pedidos indevidos, não convida a atividades cansativas, mantém um andamento fiel mesmo com passos frágeis e segura a tela como uma proteção entre nós e os olhos invejosos do tempo ou o avanço carrancudo da decrepitude. Felizes são os pintores, pois não ficarão sós. A luz e a cor, a paz e a esperança farão companhia até o fim, ou quase até o fim, do dia.”

Enquanto Churchill estava em La Pausa, Sarah, que então atuava numa peça em Liverpool, foi presa numa noite, após se perder ao voltar ao hotel; depois de um breve comparecimento em tribunal na manhã seguinte, foi multada em duas libras por embriaguez e posta em liberdade. Alguns jornais divertiram-se à custa de sua desgraça. “Acho que a trataram muito mal em Liverpool e despertaram seu espírito impetuoso”, escreveu Churchill a Clementine. “Lamento que esteja carregando esse fardo e espero que o

fato de ficar com Mary e Christopher alivie suas preocupações. Minha querida, meus pensamentos estão com você. Tudo cai em cima de você. Pobrezinha! Com amor, continuo destroçado como um barco naufragado, mas com a bandeira ainda a esvoaçar.”

Churchill voltou a Londres no início de abril. Uma semana mais tarde, sofreu outro pequeno derrame, mas mais uma vez sua determinação ultrapassou a enfermidade; uma semana depois do acidente, foi ao seu círculo eleitoral falar na reunião em que seria renomeado candidato. Seu discurso foi preparado por Montague Browne, mas o próprio Churchill o leu, falando por mais de vinte minutos, devagar e numa voz por vezes quase inaudível. Foi um esforço tremendo. Ao deixar a plataforma, dirigiu-se a Montague Browne com as palavras: “Agora para a América.”

Nada conseguia dissuadir Churchill da ideia de atravessar o Atlântico mais uma vez. “Está decidido a visitar a América novamente e não há discussão!”, disse Montague Browne a um amigo. Clementine não se sentia completamente bem ou com forças suficientes para fazer a viagem. Churchill manteve-a a par de suas atividades, escrevendo em 5 de maio no papel timbrado da Casa Branca, pois era convidado de Eisenhower: “Minha querida Clemmie, aqui estou eu. Tudo corre bem e o presidente é um verdadeiro amigo. Tivemos um jantar extremamente agradável ontem à noite e pus o sono em dia, dormindo onze horas. Fui convidado a ficar na cama durante toda a manhã e vou-me encontrar com o sr. Dulles depois do almoço.” Quando se encontrou com Dulles, ficou horrorizado com o aspecto do secretário de Estado; Dulles morreria de um câncer duas semanas mais tarde.

Em várias conversas com Eisenhower, Churchill levantou questões que o Ministério das Relações Exteriores lhe pedira para abordar sobre a discriminação americana em relação aos empreiteiros britânicos. A caminho do aeroporto de Washington ao final da visita, Churchill disse ao embaixador britânico: “Espero que dê ao primeiro-ministro um bom relatório de minha visita e diga-lhe que me portei bem.”

De regresso à Grã-Bretanha em meados de maio, Churchill voltou a partir para climas mais ensolarados, embarcando no *Christina* para um cruzeiro em águas gregas e turcas e passando depois várias semanas em La Pausa; durante quatro anos, esse fora um abrigo de paz e de satisfação, sua amada “Terra da Pausa”.

Debilitado, mas indomável, Churchill falou em seu círculo eleitoral na reunião de consagração da sua candidatura, em 29 de setembro, e, dias mais tarde, falou no círculo eleitoral vizinho de Walthamstow a favor do candidato conservador. Nas eleições gerais em 3 de outubro, os conservadores voltaram ao poder com uma maioria reforçada. Em 30 de novembro, Churchill fez 85 anos; em busca de sol, foi para o Hotel de Paris, em Monte Carlo, onde ficou com Clementine numa suíte do último andar com uma vista magnífica sobre a estrada e o Mediterrâneo. Ainda nesse ano, embarcou no *Christina* para um novo cruzeiro para as Antilhas. De volta à Inglaterra, comentou com sua filha Diana: “Minha vida acabou, mas ainda não terminou.”

* * *

Uma semana antes de seu 86º aniversário, Churchill sofreu mais um pequeno derrame. No dia do seu aniversário, porém, sentiu-se suficientemente bem para se levantar e almoçar com a família. Três meses mais tarde, voltou às suas viagens mais uma vez, voando até Gibraltar a fim de embarcar no *Christina* para mais um cruzeiro com “Ari” Onassis para as Antilhas. Durante a viagem, escreveu a Clementine, que não se sentira tão bem para viajar:

Minha querida Clemmie,

Essa é uma carta para mantermos contato e com a minha própria caligrafia, toda feita por mim! E para te dizer o quanto te amo. Viajamos ininterruptamente por mares intermináveis, calmamente durante semanas, e agora aqui estamos — a poucos dias de encontrar Ari e sua família. Este é momento de mostrar a você que ainda possuo o dom da escrita e continuo a usá-lo, mas não vou abusar.

Seu sempre afeiçoado W.

O *Christina* navegou ao longo da costa atlântica dos Estados Unidos até Nova York, onde Churchill pegou um avião de volta a Londres. Depois de dois meses em casa, voltou para Monte Carlo, onde passou o resto do inverno. A pintura tornou-se impossível para ele; seu passatempo agora era ler romances e estar com os amigos e com a família; seu neto Winston, de 21 anos, encontrava-se entre aqueles que voaram para estar com ele. Churchill ainda conseguia escrever à esposa várias vezes, fazendo à mão. Numa das cartas podia-se ler:

Minha querida Clemmie,

É tudo muito agradável e os dias vão passando. Estamos gradualmente saldando dívidas para com velhos amigos com almoços e jantares. É difícil para mim escrever uma boa carta e espanto-me com a rapidez com que meus amigos realizam suas tarefas diárias. É espantoso que sejam tão bem-sucedidos.

Mas escrevi aquilo que é a expressão do meu amor. Querida, eu escrevia razoavelmente bem quando era mais novo, mas, agora que estou ultrapassado, você tem meu sincero amor.

Seu afeiçoado Winston.

P.S. Sou surpreendido diariamente pelos progressos que detecto em meu homônimo. É um rapaz fabuloso. Estou muito contente por tê-lo conhecido.

* * *

Churchill deixou o sul da França no início de setembro de 1961, regressando a Chartwell. Em 30 de outubro, assistiu à abertura oficial do Parlamento; um mês depois, completou 87 anos; nessa noite, jantou com Beaverbrook em Hyde Park Gate e, no dia seguinte, voltou a voar para Monte Carlo. Foi aí que, no começo de uma nova visita em junho de 1962, caiu e quebrou o quadril. Foi-lhe preparada uma cama num hospital francês, mas Churchill disse a Montague Browne: “Quero morrer na Inglaterra.” Quando esse comentário foi transmitido à Downing Street, Harold Macmillan enviou um avião Comet da Força Aérea para levá-lo a Londres. Ao ser transportado para fora do avião numa maca, Churchill fez aos espectadores o sinal do V de Vitória.

Em 1º de abril de 1963, Clementine Churchill fez 78 anos. Nesse dia, seu marido, de 88 anos, enviou-lhe uma carta manuscrita:

Minha querida,

Isto é apenas para te dar meu mais sincero amor e beijos *cem vezes repetidos*.

Sou um escrevinhador bastante reles e enfadonho, mas minha caneta ao escrever leva consigo meu coração.

Sempre seu e eterno W.

Mais tarde, nesse mês de abril, Churchill regressou ao Hotel de Paris, em Monte Carlo, por duas semanas. Depois, voltou para Londres. Em resultado da grande insistência de Clementine, aceitou não se candidatar novamente ao Parlamento. Em junho, voltou a Monte Carlo e ao *Christina*. O cruzeiro, que seria seu último, levou-a à Sardenha, Corfu e Atenas. De volta a Londres em julho, foi mais uma vez à Câmara dos Comuns, onde membros do Parlamento ficaram impressionados com sua debilidade. Duas semanas mais tarde, voltou a sofrer um derrame. Em outubro desse ano, Diana suicidou-se. Tinha 54 anos e sofria de depressão havia muito tempo. “A letargia da idade extremamente avançada embrutece muitas sensibilidades, e meu pai apenas percebeu lentamente o que eu tinha para lhe dizer, mas depois recolheu-se num grande e distante silêncio”, escreveu Mary.

Dois dias antes de seu 89º aniversário, Churchill voltou à Câmara dos Comuns, onde foi levado numa cadeira de rodas. Nessa noite, jantou no Other Club. Regressou mais duas vezes à Câmara dos Comuns, tendo feito sua última visita em 27 de julho de 1964. Em meados de outubro, saiu de Chartwell para Londres pela última vez. Em 30 de novembro, completou 90 anos. Levado à janela em Hyde Park Gate para agradecer os aplausos da multidão, levantou a mão com o V de Vitória. Em 8 de dezembro, Bill Deakin foi almoçar com Churchill; dois dias depois, foram juntos ao Other Club. “Tornara-se cada vez mais difícil despertar a faísca outrora tão vivaz”, recordou mais tarde um dos membros presentes naquela noite. “Tudo o que se podia dizer era que ele sabia onde estava e que estava feliz por ali estar.” Um mês mais tarde, em 10 de janeiro de 1965, Churchill sofreu um grave derrame. Faleceu duas semanas mais tarde.

A nação chorou sua morte, expressando seu pesar no velório de Churchill em Westminster Hall, onde 300 mil pessoas desfilaram diante de seu caixão durante o funeral oficial, o primeiro dado a um membro da Câmara dos Comuns desde a morte do duque de Wellington mais de um século antes. Homens e mulheres choraram ao ver passar o caixão numa carruagem de artilharia ao longo das ruas de Londres, seguido por membros da família de Churchill, liderados por Clementine e Randolph. O serviço fúnebre na catedral de St. Paul foi assistido por 6 mil pessoas, incluindo seis soberanos e quinze chefes de Estado. Terminou com o soar do toque de recolher e com o toque de alvorada por um trombeteiro posicionado em um ponto alto da Whispering Gallery. O caixão foi transportado numa barcaça ao longo do Tâmesa até a estação de Waterloo, de onde seguiu por trem até a igreja da paróquia em Bladon, onde Churchill foi enterrado junto aos seus pais e ao seu irmão Jack, tendo como pano de fundo seu local de nascimento, o palácio Blenheim.

Em sua mensagem ao Parlamento, a rainha referiu-se a Churchill como “um herói nacional”. Attlee, seu delegado em tempo de guerra e sucessor no pós-guerra, descreveu-o como “o maior inglês do nosso tempo, penso que o maior cidadão do mundo em nosso tempo”. Na reunião seguinte do Other Club, na qual Churchill esperara estar presente e que era o único compromisso assinalado em seu calendário de fevereiro, Macmillan disse aos presentes: “Nossa melhor hora e nosso momento mais notável surgiram do nosso trabalho com ele.” Lorde Chandos, anteriormente Oliver Lyttelton, recordou as qualidades de Churchill como estadista:

Apreciava um conflito de ideias, mas não um conflito entre pessoas. Seus poderes eram de imaginação, de experiência e de magnanimidade. Talvez sua magnanimidade não tenha sido suficientemente estimada. Churchill via o homem como uma criatura nobre, e não como uma criatura vil. As únicas pessoas que nunca perdoou foram aquelas que, nas palavras que tão frequentemente utilizava, “ficaram aquém do nível dos acontecimentos”.

Cada geração fará sua própria avaliação da carreira de Churchill. “É difícil suplantar a difamação, mas a verdade também é muito poderosa”, escrevera ele em fevereiro de 1942. À medida que os anos passarem e que o material histórico for estudado com mais imparcialidade, as ações e os objetivos de Churchill serão vistos como humanos e previdentes. Seu patriotismo, seu senso de retidão, sua crença na democracia e suas esperanças para a raça humana foram igualados por enormes capacidades de trabalho, reflexão, visão e previsão. Seu caminho foi muitas vezes rodeado de controvérsias, desilusões e abusos, mas nunca o desviaram de seu senso de dever e de sua fé no povo britânico.

“É difícil que seus descendentes herdem seu talento, mas espero sinceramente que possam compartilhar, de alguma forma, as qualidades do seu coração”, escrevera Mary ao seu pai em 1951. Quatro anos mais tarde, Randolph escrevera-lhe: “O poder passa e desaparece. A glória, que é alcançada por um justo exercício do poder — ao qual se junta talento, trabalho, coragem e sacrifício pessoal —, permanece solitária. Sua glória está guardada para sempre no pedestal indestrutível de sua obra e nunca poderá ser deteriorada ou manchada. Fluirá com os séculos.” Assim foi o apoio de um filho na época da demissão definitiva de seu pai. Outras palavras de conforto vieram de Mary nove anos mais tarde, quando os grandes impulsos da vida de Churchill finalmente desvaneciam. “Para além de todos os sentimentos que uma filha tem por um pai afetuoso e generoso, devo-lhe o que todos os ingleses, homens, mulheres e crianças, também lhe devem: a própria liberdade”, escreveu ela.

Agradecimentos

Sou grato a todos aqueles que, durante os últimos trinta anos, confiaram a mim suas recordações de Churchill. Aqueles que são citados neste livro foram generosos tanto com seu tempo quanto com suas memórias. Gostaria de agradecer a Valentin Berezhev, Harold J. Bourne, Sir John Colville, Ivon Courtney, Sir William Deakin, Sir Donald MacDougall, Robert Fox, Eve Gibson, Elizabeth Gilliat, Grace Hamblin, Pamela Harriman, Kathleen Hill, Marian Holmes, Patrick Kinna, Elizabeth Layton, James Lees-Milne, brigadeiro Maurice Lush, John J. McCloy, Jock McDavid, Malcolm MacDonald, visconde Margesson, Sir John Martin, Trevor Martin, Anthony Montague Browne, marechal de campo visconde Montgomery of Alamein, Sir John Peck, capitão Sir Richard Pim, Doreen Pugh e lady Williams of Evel (Jane Portal).

Meus mais sinceros agradecimentos, quer pelos conhecimentos, quer pelo material que me forneceram durante vários anos, vão para os filhos de Churchill: lady Sarah Audley, lady Soames e Randolph Churchill, meu predecessor como biógrafo.

Junto com aqueles que me ajudaram com recordações, agradeço a todos que responderam aos meus questionários históricos para este tomo ou que me forneceram material documental. Meus agradecimentos por essa ajuda vão para Patricia Ackerman, arquivista do Churchill College Archives Centre; J. Albrecht, da Ligue Suisse pour la Protection de la Nature; Larry Armn, do Claremont Institute for the Study of Statesmanship and Political Philosophy; Jeanne Berkeley; Alan S. Baxendale; dr. David Butler; Juhan Challis; Robert Craig Henry E. Crooks; Michael Diamond; dr. Michael Dunnill; Felicity Dwyer, repórter do *Daily Express*; Nicholas P. Eadon; Linda Greenlick, bibliotecária-chefe do *Jewish Chronicle*; Irene Morrison, do Scottish Tourist Board; David Parry, do Departamento de Fotografia do Imperial War Museum; Gordon Ramsey; Andrew Roberts; James Rusbridger; Matthew Spalding; Ken Stone, do Metropolitan Police Historical Museum; Jonathan de Souza; lorde Taylor of Hadfield; professor Vladimir Trukhanovsky; sra. M. E. Vinnal, diretora de pessoal e administração do *Evening Standard*; Frank Whelan, repórter do *Sunday Call-Chronicle*; e Benedict K. Zobrist, diretor da Biblioteca Harry S. Truman no Missouri.

Também sou grato, pela utilização de materiais de Churchill nunca antes publicados, à British Library Manuscript Collections, à leiloeira Christie's, à Hollinger Corporation, a A. Rosenthal, a Chas W. Sawyer, a John R. Smethurst, ao arquivo do *The Times*, ao arquivo de Blenheim Palace e à National Trust Collection.

Pelos direitos de reprodução das fotografias, gostaria de agradecer à World Wide Photos Inc (número 5); à Radio Times Hulton Picture Library (números 6, 12, 21, 30, 63, 64, 72, 73, 74, 75, 88 e 136); à Odhams Press (9); a J. Bowers, Pretória (11); ao Arquivo Bettman (14); a Longmans Green (16); a Syndication International e *Daily Mirror* (24, 25, 57, 60 e 81); ao *Die Woche* (28); a Elliot and Fry (29); a The Press Association (33, 36, 40, 55, 56, 77 e 129); ao *Daily Sketch* (37); ao *Tatler* (38 e 83); à London News Agency Photo (41, 58); ao major-general Sir Edmund Hakewill-Smith (43); ao Imperial War Museum (44, 45, 91, 92, 93, 96, 97, 98, 99, 100, 103, 104, 112, 113, 118, 121, 122, 123, 126 e 127); ao Trustees of the Low Estate (49 e 89); à Central Press Photos Ltd (53); a G. M. Georgoulas (51); à

Keystone Press (59, 90, 94, 102, 128, 130 e 140); à Tropical Press Agency Ltd (61); à Times Newspapers Ltd (62); à Associated Press Ltd (65, 68, 70 e 84); a Stefan Lorant (71); à Fox Photos (76 e 85); ao *Daily Express* (79); ao *Punch* (80); a H. Roger Viollet (87); à United Press Internacional (95, 106 e 141); a J. J. Moss (105); ao War Office Photograph, fotógrafo capitão Horton (114); a Thomas Dalby (116); à Viscount Montgomery Collection (117 e 125); a Donald Wiedenmayer (119); a Earl Alexander Collection (120, 132 e 133); a Signal Corps Photo (131); a Photo Haminger (134); a Life Photo, fotógrafo N. R. Farbman (135); e a Emery Reves (142). As fotografias restantes são da Broadwater Collection no Churchill College, em Cambridge.

Pela ajuda em examinar minuciosamente o texto e fazer importantes sugestões quanto ao seu conteúdo, sou excepcionalmente grato a Sir David Hunt, Adam O’Riordan e Edward Thomas; todos eles me auxiliaram com seus vastos conhecimentos e com seu espírito crítico. Helen Fraser, Laura Beadle e muitos outros colaboradores de William Heinemann envolvidos na publicação deste livro foram sempre prestativos e encorajadores nas diversas, e por vezes difíceis, etapas da produção. As provas e a revisão foram habilmente feitas por Lisa Glass e Arthur Neuhauser. Rachelle Gryn auxiliou-me na descoberta de importantes fatos e Kay Thomson desempenhou uma enorme quantidade de tarefas administrativas.

Como em todos os meus trabalhos anteriores sobre Churchill, estou em dívida para com minha mulher, Susie, pela contribuição em cada etapa e em cada página.



Churchill, com 7 anos, na Irlanda.



O 2º tenente Winston Churchill em 1895.



Winston Churchill em 1900.



Enquanto inspeciona o trabalho de reconstrução em Cherbourg, Winston Churchill tem seu charuto aceso por um trabalhador francês. Churchill viajava com o major-general Cecil Moore (visível no primeiro plano).



O primeiro-ministro Winston Churchill assiste à exibição de um Boeing Fortress Mk I durante sua visita a uma estação de bombardeiros RAF, 6 de junho de 1941.



O primeiro-ministro Winston Churchill inspeciona uma Tommy ao visitar posições de defesa costeira próximo a Hartlepool, 31 de julho de 1940.



Sr. e Sra Churchill durante viagem no Tâmesa.



Churchill e sua filha, comandante júnior Mary Churchill, durante uma cerimônia em Bruxelas, Bélgica.



Winston Churchill, se recuperando de uma pneumonia, com o general Dwight Eisenhower (à esquerda), o general Sir Henry Maitland-Wilson (à direita) e outros chefes militares em Tunis, Tunísia, no Natal de 1943.



O primeiro-ministro Winston Churchill e o general Sir Bernard Montgomery reunidos em 22 de julho de 1944 com as tropas de Caen, que fizeram parte dos desembarques no Dia D.



Winston Churchill, Franklin D. Roosevelt e Josef Stalin durante a Conferência de Yalta em fevereiro de 1945.



Winston Churchill trabalhando durante uma viagem de trem. O primeiro-ministro passava muito tempo viajando por todo o país para supervisionar pessoalmente alguns

assuntos e, muitas vezes, trabalhava durante as viagens de trem.



O ministro de Munições Winston Churchill é escoltado por trabalhadores em um quintal em obras, em Georgetown, durante uma visita em 9 de outubro de 1918.



Churchill faz seu famoso “V” da vitória durante uma visita a Bradford, 4 de dezembro de 1942.



Churchill, Sr. Eden e o arcebispo Damaskinos, em uma viagem a Atenas.



O primeiro-ministro Winston Churchill ao lado de seu irmão – major John (Jack) Churchill – durante uma visita ao Comando Sul, Inglaterra, em 25 de julho de 1941.



O primeiro-ministro com sua família em Chartwell. Da esquerda para a direita: Duncan e Diana Sandys, Julian Sandys, Emma Soames, o Sr. Churchill, Nicolas Soames, Winston Churchill Jr., a Sra. Churchill, Arabella Churchill e Randolph Churchill.



O primeiro-ministro Winston Churchill fala com seu filho, capitão Randolph Churchill, em um aeródromo no Norte da África, após o fim da batalha do deserto em fevereiro de 1943.



Kaiser Guilherme II com o ministro júnior Winston Churchill durante as manobras de verão do Exército Imperial Alemão em 1906.



Winston Churchill e o rei Ibn Saud, da Arábia Saudita, durante um almoço no Auberge du Lac, Fayoum, em fevereiro de 1945.



Winston Churchill com oficiais da 29ª Divisão francesa em Nieuwpoort, Bélgica, durante a Primeira Guerra Mundial.



Winston Churchill, membro do Parlamento, em 1904.



O funeral de Sir Winston Churchill, em 30 de janeiro de 1965.



Delegação britânica na Conferência de Paz de Paris, em 1919. Da esquerda para a direita: Sir Joseph Ward, general Smuts, Lord Milner, Sir Joseph Cook, Sr. Barnes, Sr. Arthur Balfour, Sr. Montague, Sr. Lloyd George, Sr. Arthur Chamberlain, Sr. Hughes, Sir F. Smith, Sr. Winston Churchill, general Sir Henry Wilson, Sr. Botha, Sr. Massey e Sr. Kerr.



O presidente Roosevelt e o primeiro-ministro Churchill durante a Conferência de Casablanca, em janeiro de 1943.



Um almoço ao ar livre feito pelo primeiro-ministro Winston Churchill, juntamente com o general Sir Bernard Montgomery e outros oficiais superiores do Oitavo Exército, durante a visita de Churchill a Tripoli.



O primeiro-ministro Winston Churchill faz um discurso em Uxbridge durante a campanha das eleições gerais em 27 de junho de 1945.



O primeiro-ministro Winston Churchill acena para uma multidão durante sua visita a Manchester e Merseyside entre 25 e 26 de abril de 1941.



Churchill em uma visita ao Conselho do Exército no Reno.



Churchill acena para a multidão em Whitehall no dia do anúncio de que a guerra contra a Alemanha havia sido vencida, em 8 de maio de 1945.



O primeiro-ministro britânico Winston Churchill, o embaixador americano em Londres John Winant e primeiro-ministro australiano Robert Menzies depois de uma cerimônia na Universidade de Bristol, onde Churchill era chanceler, em 12 de abril de 1941.



Winston Churchill, o presidente Truman e Stalin na Conferência de Potsdam, 23 de julho de 1945.



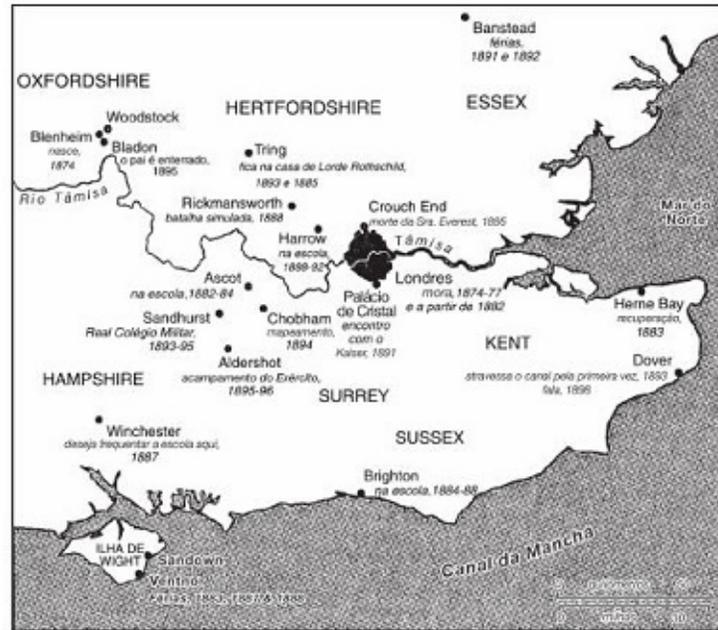
Major Winston Churchill com o general Emile Fayolle e outros oficiais, incluindo o capitão Edward Spears (terceiro da esquerda para a direita), em Camblain L'Abbe, durante uma ofensiva francesa em 15 de dezembro de 1915.



Sua Majestade, o rei George VI, e a rainha Elizabeth com a princesa Elizabeth, a princesa Margaret e o primeiro-ministro Winston Churchill na varanda do Palácio de

Buckingham no Dia da Vitória na Europa, 8 de maio de 1945.

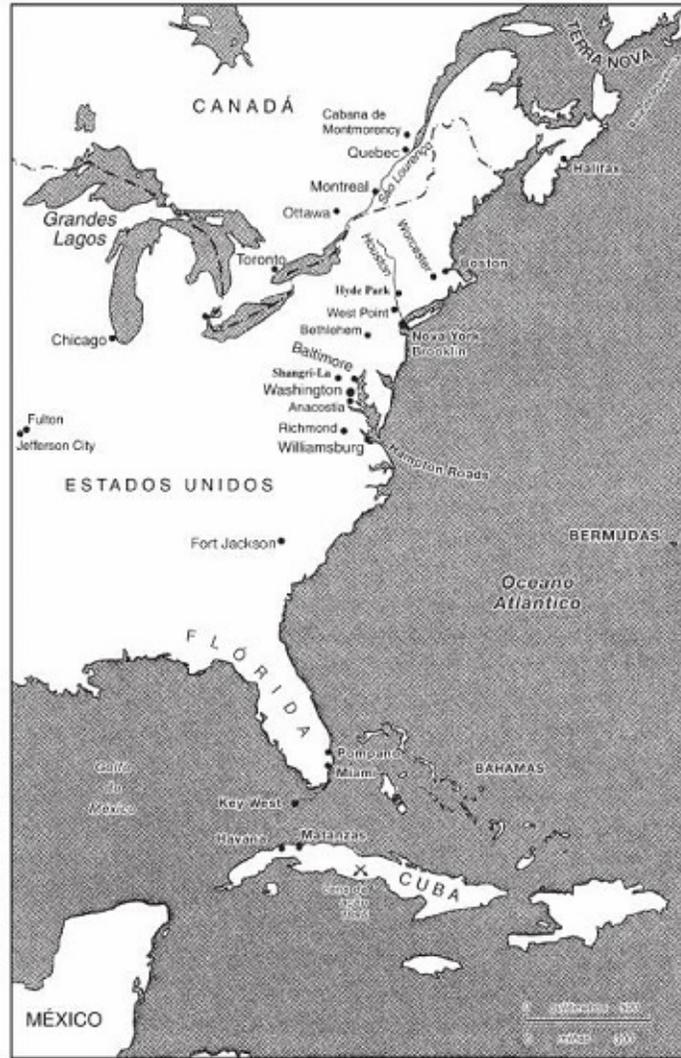
Mapas



1. Sul da Inglaterra, 1874-1897



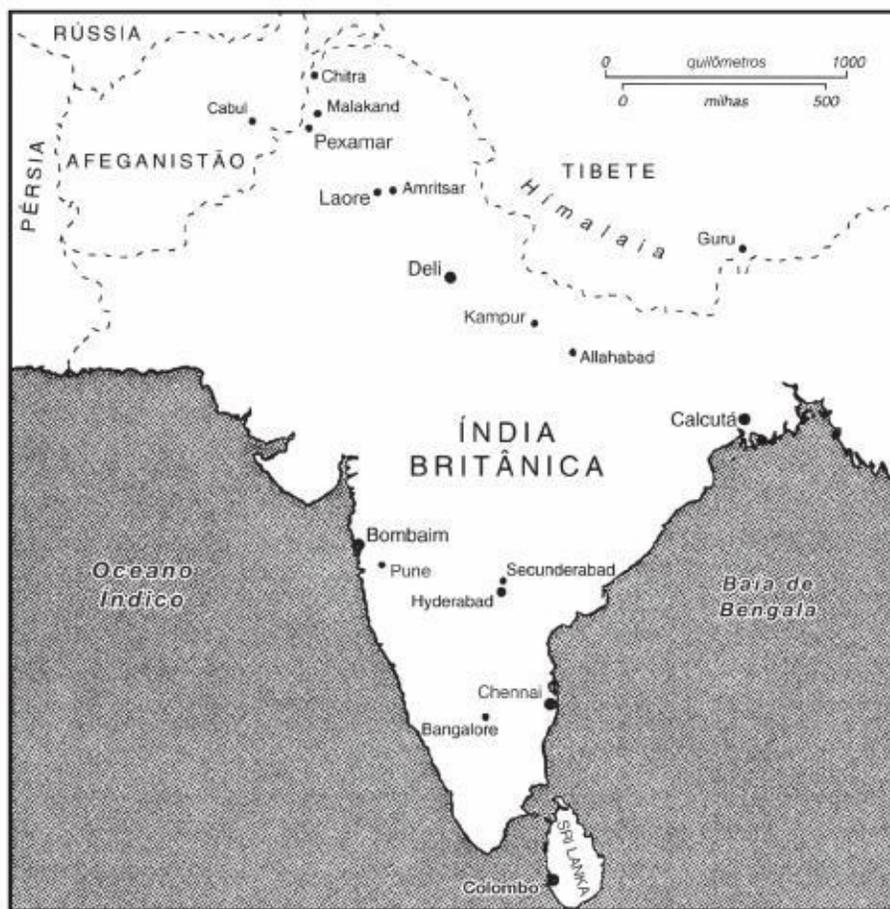
2. Sul da Inglaterra, a partir de 1897



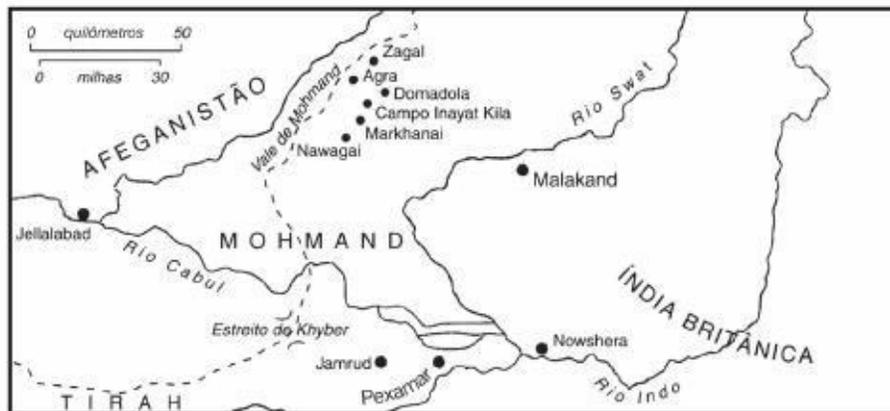
3. Visitas ao Novo Mundo, 1895-1961



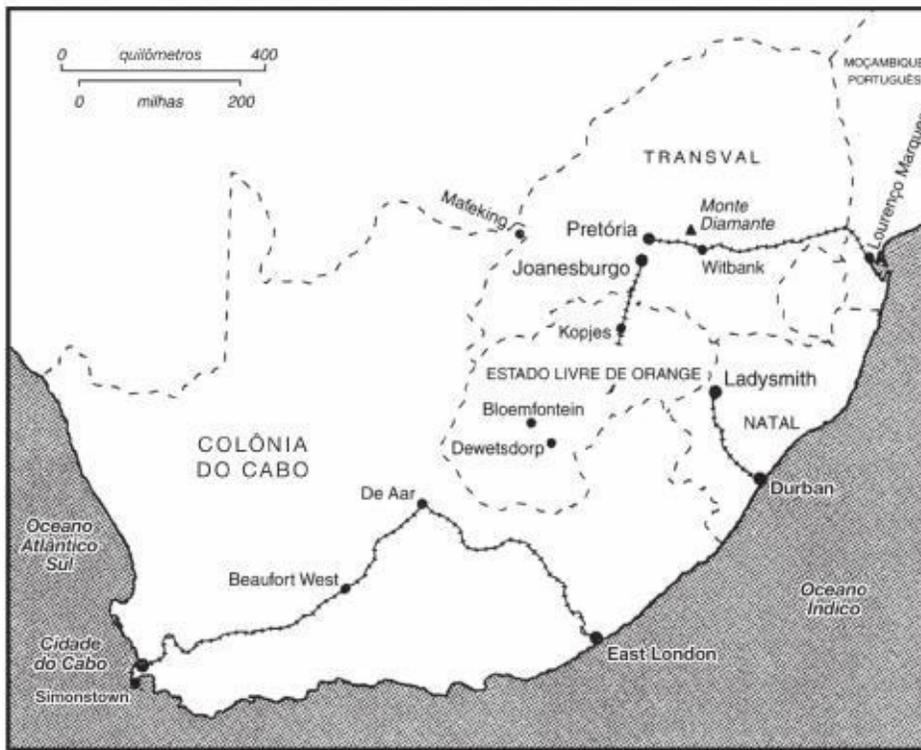
4. Irlanda



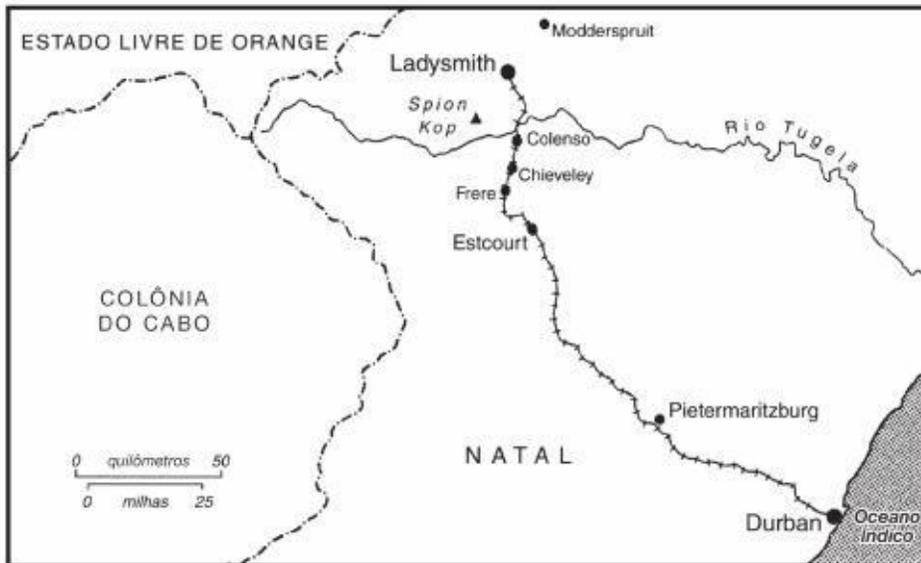
5. Índia Britânica



6. Fronteira noroeste da Índia, 1897



7. África do Sul, 1899-1900



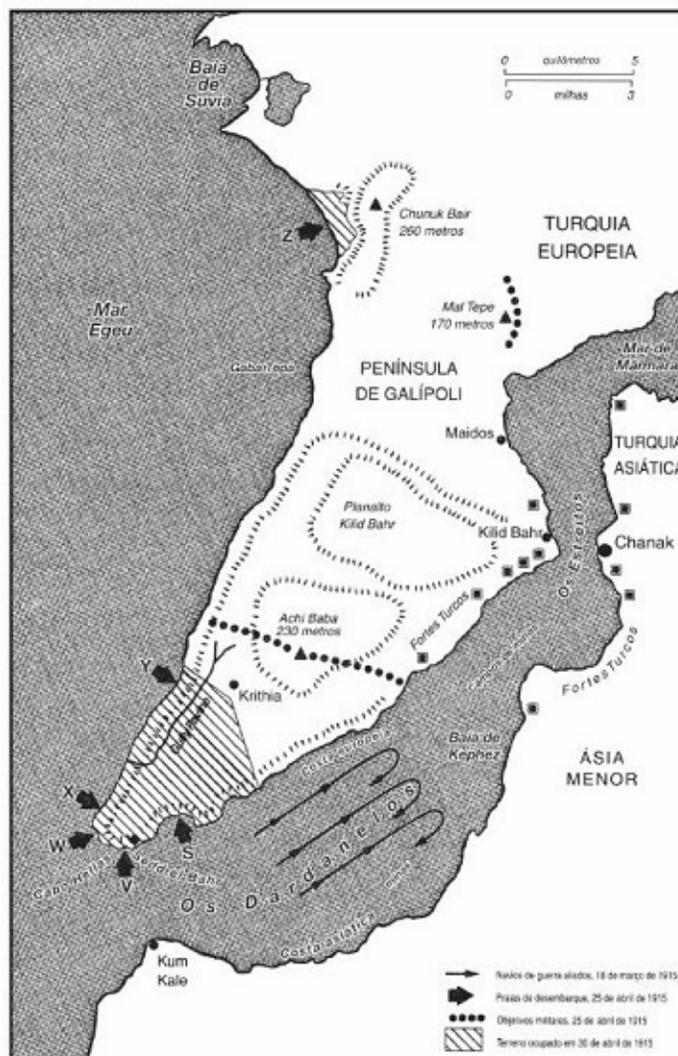
8. De Durban a Ladysmith



9. Egito, Sudão e África Oriental



10. Europa, 1914-1918



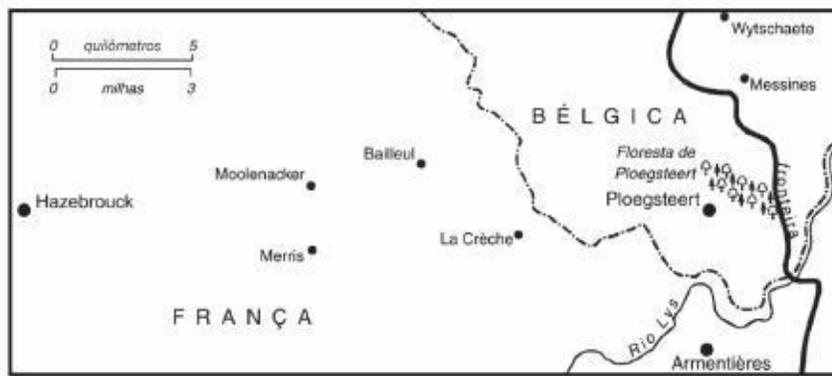
11. Os Dardanelos e Galípoli, 1915



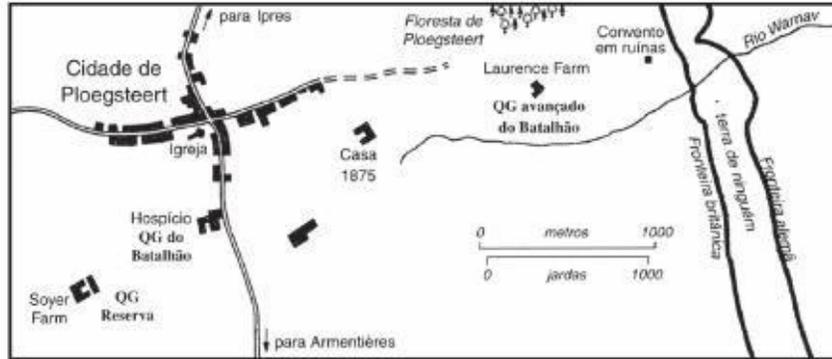
12. A Frente Ocidental



13. Em treinos, 1915



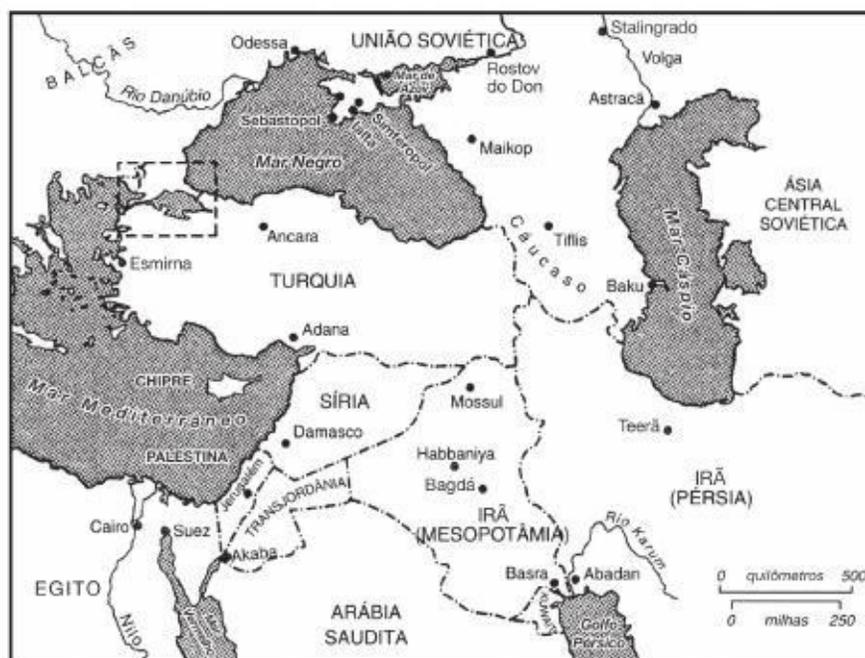
14. Batalhão de Comando, 1916



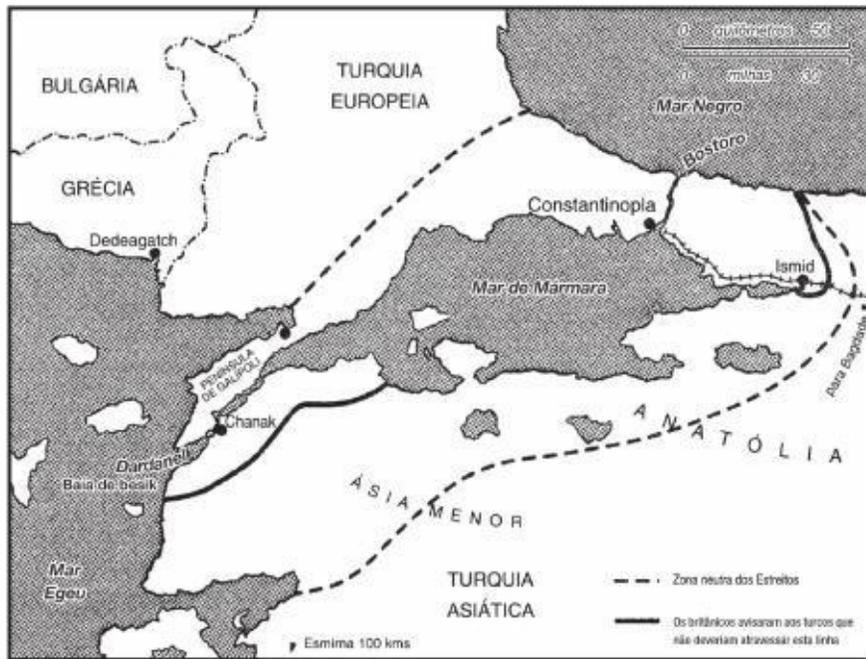
15. Cidade de Ploegsteert, 1916



16. Rússia: a intervenção, 1919-1920



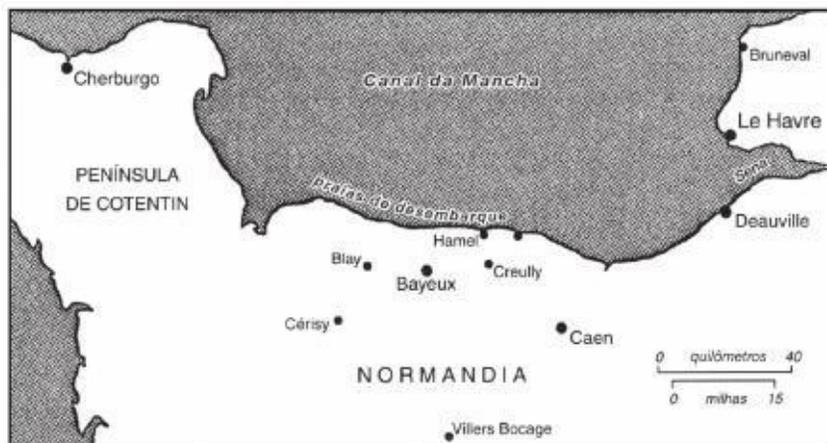
17. O Oriente Médio



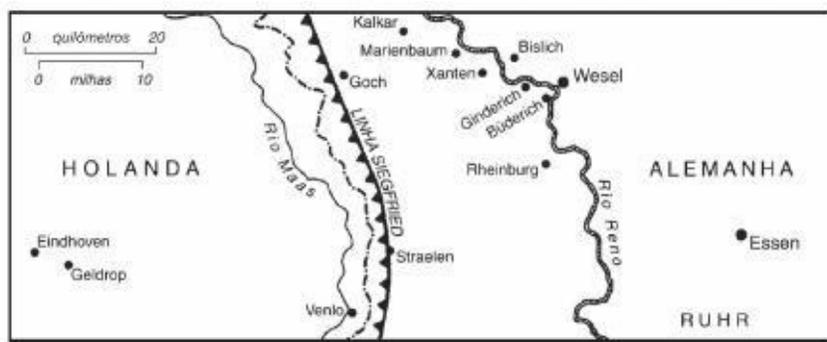
18. Chanak, 1922



19. Europa Ocidental, 1939-1945



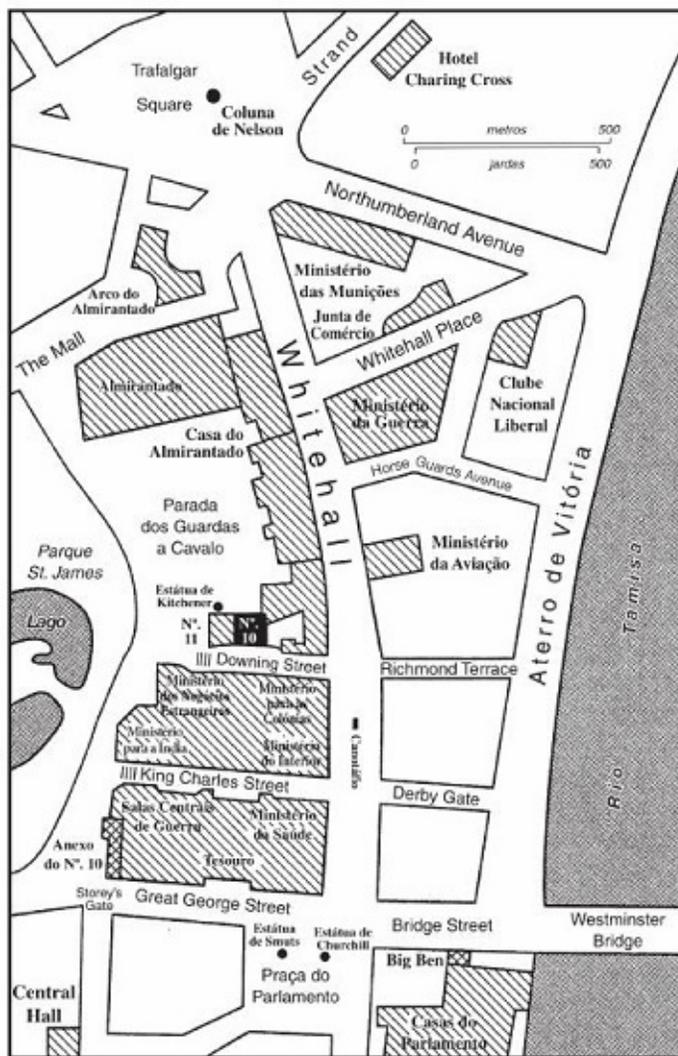
20. Normandia, 1944



21. Travessia do Reno, março de 1945



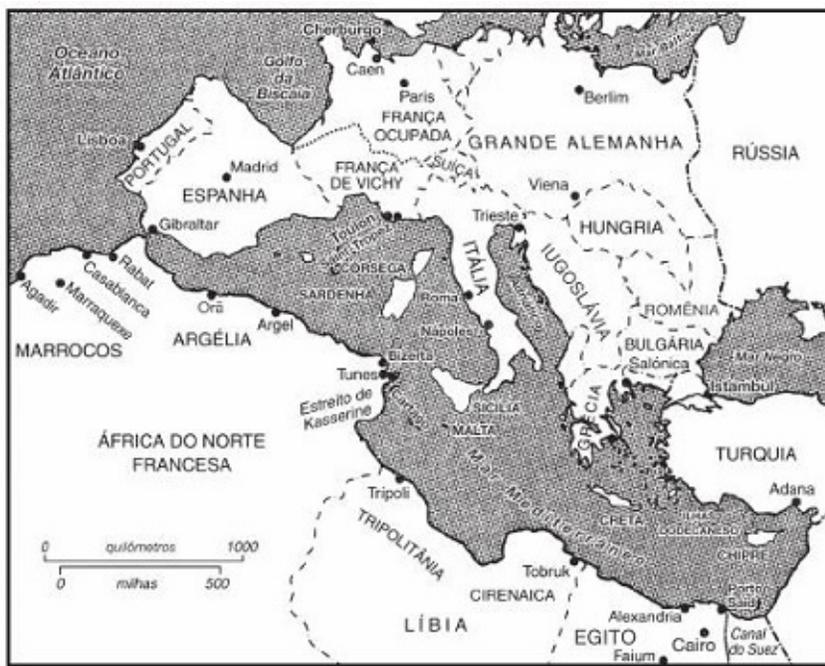
22. Grã-Bretanha em guerra, 1939-1945



23. Whitehall



24. O Deserto Oriental, 1940-1943



25. O Mediterrâneo



26. Europa Central, Leste Europeu e Itália, 1939-1945



27. Viagens na Europa



28. Sul da França

Índice remissivo

A

Abdullah 210

Acordo de Munique 78, 79, 81, 82, 84, 87, 88,
93

Adenauer

Konrad Adenauer 403, 408

Alan Brooke 138, 184

Alcide de Gasperi 384

Alexander

Harold Alexander 201, 202, 205, 207, 208,
212, 219, 220, 221, 224, 226, 229, 238, 240,
242, 246, 249, 250, 252, 254, 255, 256, 261,
263, 264, 266, 267, 270, 273, 282, 283, 287,
308, 311, 312, 313, 322, 330, 331, 376

Aliados 23, 31, 111, 114, 166, 169, 175, 195,
209, 210, 213, 220, 221, 224, 228, 229, 230,
232, 237, 239, 242, 247, 251, 252, 255, 263,
266, 267, 270, 290, 309, 310, 334

Altmark 112

Amery

Leo Amery 39, 50, 78, 79, 99, 101, 116,
200, 237, 345

Anderson

Charles Anderson 39

John Anderson 47, 53, 60, 99, 166, 222,
230, 322

Arthur Henderson 349

Ashley

Maurice Ashley 12

Asquith 35, 61, 90, 107, 148, 342, 349

Attlee

Clement Attlee 31, 48, 77, 79, 95, 96, 113,
118, 121, 122, 128, 130, 139, 149, 166, 194,
204, 221, 228, 290, 317, 320, 321, 322, 324,
325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 336, 337,
338, 340, 341, 343, 346, 347, 348, 349, 352,
360, 362, 364, 365, 366, 369, 373, 402, 405,
409, 429

Auchinleck 176, 178, 180, 184, 185, 186, 197,
198, 199, 201

Auchinleck 176

Augusta 181

Austen Chamberlain 29, 39, 44, 47, 54

B

Badoglio

Marechal Badoglio 225, 246

Baldwin

Stanley Baldwin 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22,
23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 35, 39, 41, 43, 46,
47, 48, 49, 50, 53, 56, 57, 64, 67, 71, 74, 85,
122, 124, 133, 334

Balfour

A. J. Balfour 61, 403

Balmoral 379, 388, 389

Barrington

Robin 219

Baruch

Bernard 50, 337, 403, 413, 422

Batalha da Inglaterra 140, 147, 153

BBC 177, 351

Beaverbrook

lorde 27, 122, 132, 134, 136, 140, 144, 149,
166, 184, 280, 354, 355, 356, 358, 359, 367,
385, 387, 388, 389, 393, 395, 397, 406, 415,
416, 422, 424, 428

Bedell-Smith

General 240, 244, 261

Berkeley

capitão 114, 124, 126, 130, 131, 136, 137,
139, 153, 160, 161, 178

Bernays

Robert 57

Beveridge

William 51, 218, 317, 319

Bevin

Ernest 121, 122, 166, 167, 317, 318, 336,
337, 338, 340, 351, 352, 353, 366, 367

Bidault

Georges 391, 392

Bierut

Boleslaw 325, 326

Bismark 174

Blenheim 28, 349, 429, 431

Blitz 147, 152, 174

Blum

Léon 86

bomba atômica 198, 222, 226, 268, 322, 325,

329, 331, 338, 344, 346, 354, 356, 357, 361,
373, 375, 380, 387, 392

Bonar Law 79

Boucher

capitão Mailand 35

Bracken

Brendan 49, 59, 77, 84, 92, 99, 280, 328,
387, 397, 406, 423, 424

Brook

Norman 385

Brooke

Alan Brooke 138, 184, 185, 189
general 195, 196, 198, 201, 202, 205, 222,
223, 224, 227, 231, 233, 237, 245, 246, 247,
248, 253, 255, 257, 259, 267, 278, 279, 302,
304, 305, 327, 328

Butler

David 370, 371, 377, 380, 385, 388, 394,
400, 402, 410, 431

C

Cadogan

Alexander 136, 184, 215, 228, 231, 245,
247, 248, 276, 290, 295, 304, 309, 324

Câmara dos Comuns 19, 20, 23, 25, 26, 29, 31,
32, 33, 34, 35, 39, 44, 45, 49, 54, 57, 66, 69,
71, 72, 78, 83, 84, 87, 91, 92, 93, 96, 98, 99,
100, 101, 105, 106, 107, 114, 116, 118, 119,
122, 127, 132, 133, 140, 142, 143, 144, 147,
151, 154, 155, 156, 161, 164, 171, 174, 187,
192, 194, 196, 197, 199, 210, 216, 223, 225,
230, 242, 244, 249, 252, 257, 269, 270, 275,
276, 277, 278, 279, 281, 289, 301, 306, 309,
314, 320, 344, 346, 347, 348, 351, 353, 357,
362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 371, 373,
375, 376, 377, 379, 380, 382, 383, 385, 390,
391, 394, 395, 401, 407, 409, 411, 416, 418,
423, 425, 428, 429

Camp David 221

canal de Suez 167, 178, 324, 374, 388, 393,
401, 402, 417, 418, 420

canal do Suez 368, 373

Cavalcade 30

Chamberlain

Austen 54

Neville 30, 32, 34, 38, 57, 58, 65, 66, 67, 68,
69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80,
81, 83, 84, 85, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96,
98, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 109, 110,
113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 124,
127, 128, 129, 138, 139, 147, 154, 159, 199,
300, 317, 352

Charles Wilson 190, 191, 201

Cherwell

lorde 222, 351, 391, 397, 398, 413, 419, 422,
424

Christina 424, 425, 426, 427, 428

Christopher Soames 346, 362, 385, 413

City of Benares 154

Clemenceau

Georges 135

Clementine

Clementine Churchill 11, 19, 20, 22, 27, 28,
30, 37, 42, 51, 53, 86, 87, 101, 139, 141,

142, 153, 155, 172, 180, 184, 189, 194, 195,
201, 202, 206, 214, 216, 221, 224, 226, 234,
238, 240, 250, 251, 253, 256, 261, 263, 268,
270, 272, 274, 275, 280, 283, 284, 285, 286,
287, 288, 290, 299, 300, 306, 307, 308, 309,
311, 312, 313, 314, 315, 318, 320, 327, 330,
331, 332, 333, 335, 336, 344, 345, 346, 348,
350, 354, 355, 358, 360, 366, 367, 368, 369,
370, 372, 375, 379, 383, 385, 388, 389, 390,
397, 402, 403, 404, 405, 409, 410, 411, 415,
416, 417, 418, 419, 421, 422, 423, 424, 425,
426, 427, 428, 429

Codrington 109

Colville

Jock 115, 131, 134, 144, 147, 150, 154, 155,
156, 157, 161, 164, 168, 172, 175, 176, 177,
193, 241, 242, 246, 248, 249, 279, 280, 283,
284, 285, 286, 289, 290, 300, 301, 305, 306,
350, 372, 377, 378, 380, 381, 383, 384, 385,
386, 387, 389, 391, 392, 398, 399, 405, 410,
413, 421, 424

John 12

Comissão de Defesa Imperial 24, 59

Conferência das Bermudas 392

Conferência Mundial para o Desarmamento

46

Conselho de Guerra 12, 104, 124

conservadores 18, 25, 27, 30, 39, 49, 61, 64,
79, 81, 84, 115, 117, 120, 290, 300, 303, 319,
326, 327, 349, 355, 358, 362, 366, 369, 370,
376, 377, 379, 382, 390, 413, 415, 426

Craig

James (sir) 87

Robert 431

Cumberland 154

Cunningham

Andrew 269

John 254, 255

czar Nicolau II 291

D

Daily Express 23, 395, 431, 432

Daily Mail 27

Daily Mirror 369, 370, 394, 395, 432

Daily Telegraph 69, 73, 95

Daladier

Edouard 78, 87, 106

Dalton

Hugh 35, 128, 145

Darlan

almirante 106, 109, 143, 209, 213

Davidson

J. C. C. 27, 122

Deakin

Bill 12, 36, 37, 59, 214, 343, 345, 358, 360,
363, 366, 378, 379, 415, 428, 431

Declaração Balfour 93, 374, 417

De Gaulle

general Charles 134, 135, 139, 154, 223,
239, 241, 261, 264, 278, 279, 346, 425

Derby

lorde 57, 65

Diana

Diana Churchill 86, 223, 275, 280, 326,
366, 425, 426, 428

Dill

John (general) 130, 148, 166, 167, 177, 184

Disraeli

Benjamin 389, 415, 419

Douglas-Jones

Eric 153

Douglas MacArthur 206

Dudley

Sir Dudley Pound 102, 108, 143, 148, 188,
200, 230

Duff Cooper 25, 47, 57, 73, 78, 84, 99

Dulles 387, 391, 398, 399, 410, 426

Duncan Sandys 86, 224, 280, 326, 327, 362

Dunquerque 96, 97, 126, 127, 129, 130, 131,
132, 134, 195, 201, 232, 267

duque de Windsor 54, 56

E

Eden

Anthony 20, 22, 27, 28, 56, 61, 64, 68, 69,
78, 79, 82, 89, 93, 95, 96, 99, 119, 122, 127,
133, 135, 149, 154, 157, 160, 161, 163, 166,
167, 177, 188, 193, 200, 207, 212, 227, 228,
231, 232, 233, 248, 257, 258, 272, 274, 278,
279, 280, 282, 283, 285, 286, 287, 290, 291,
292, 302, 303, 309, 312, 314, 315, 320, 322,
325, 326, 327, 354, 359, 362, 371, 372, 375,
379, 380, 381, 382, 383, 384, 386, 387, 388,
390, 392, 395, 397, 398, 399, 400, 401, 402,
403, 404, 406, 408, 409, 410, 411, 413, 414,
417, 418, 419, 420, 421, 423

Edward VII 388

Eisenhower

general 206, 212, 216, 217, 219, 221, 222,
223, 225, 231, 233, 235, 237, 238, 239, 240,
244, 245, 246, 247, 248, 250, 256, 257, 260,
261, 279, 288, 289, 302, 303, 305, 307, 308,
309, 311, 312, 313, 320, 332, 340, 380, 381,
382, 383, 385, 386, 387, 391, 392, 394, 395,
396, 397, 398, 399, 400, 404, 405, 408, 409,
410, 415, 417, 418, 421, 426

Enigma 115, 126, 131, 146, 151, 157, 164, 165,
168, 176, 178, 180, 185, 192, 195, 211, 230,
251, 255

estatuto de domínio 348

Evening News 28, 93

Evening Standard 32, 39, 56, 60, 61, 69, 71,
431

Executivo de Operações Especiais 145, 169,
214

Exército Vermelho 202, 211, 243, 260, 273,
290, 296

F

Fisher

Warren 29

Forbes Leith Fraser 90

Força Expedicionária Britânica 103, 109, 123,
129, 201

Frances Stevenson 17

Frank Clarke 228

Frank Don 67

Frank Knox 159

Franklin

Hugh 308

Frederick Guest 48, 49

Freund

Richard 75

G

Gandhi

 Mahatma 19

Garvin

 J. L. 24, 95

G. D. Birla 19

general Brooke 201, 302

general Kennedy 173, 246, 249

general Maitland Wilson 255, 262, 280

general Messe 218

general Sir Maitland Wilson 234

general Tudor 336, 415

Gilbert Winant 186

Giraud

 general 213, 223

Gladstone 371, 380, 403, 405, 419

Goebbels 42

Gordon Ramsey 431

Graf Spee

 courageado 108, 112

Great Contemporaries 61

Greenwood

 Arthur 101, 113, 118, 121, 128, 166

Grupo Stern 278

guerra da Crimeia 298

Guilherme 323

Gwendeline

 lady 88

H

Hamblin

Grace 12, 37, 59, 345, 431

Hamilton

Ian 229

Harold Alexander 194

Harold Laski 321

Harriman

Averell 168, 172, 178, 184, 186, 220, 271,
330, 431

Harry Crookshank 378, 394, 400

Harry Hopkins 138, 143, 163, 308

Harvey

Oliver 86, 193, 195, 225, 273

Hayter

William 391

Heinrich Himmler 309

Henlein

Konrad 73, 74

Henry Hill 58

Herbert Fisher 42

história dos povos de língua inglesa 387, 414

History Today 387

Hitler

Adolf 20, 22, 26, 27, 31, 32, 33, 34, 39, 41,
54, 60, 61, 65, 66, 68, 69, 70, 72, 75, 76, 77,
78, 79, 81, 83, 86, 89, 90, 94, 95, 96, 98,
100, 105, 114, 115, 119, 123, 125, 131, 139,
140, 142, 144, 145, 151, 152, 155, 156, 157,
158, 169, 171, 173, 175, 177, 178, 179, 182,
188, 189, 201, 203, 209, 210, 211, 212, 214,
218, 228, 229, 232, 246, 251, 255, 256, 259,
290, 291, 300, 309, 310, 311, 312, 322, 323,
332, 334, 339, 341

Hoare 32

Samuel 15, 18, 23, 24, 27, 30, 47, 57, 75, 90,
104, 112, 119, 120

Hodge

Alan 387, 414, 415, 416, 419, 421

Hollis

Leslie 135

Hopkins

Harry 163, 164, 165, 168, 182, 199, 200,
216, 220, 222, 235, 261, 288, 421

Hore-Belisha

Leslie 57, 88, 93, 99

Hugh Cecil 328, 347

I

Inskip

Thomas 32, 33, 34, 36, 38, 39, 41, 44, 47,
49, 52, 54, 55, 57, 62, 66, 67, 71, 75, 86, 88

Ironside

general 65, 66, 96, 116, 120, 126

Irwin

lorde 29

Isaiah Berlin 351

Ismay

Sir Hastings 126, 130, 131, 136, 137, 139,
145, 147, 148, 149, 151, 170, 172, 198, 199,
202, 217, 229, 243, 278, 312, 313, 343, 353,
358

Israel 353, 368, 406, 417, 420

Ivon Courtney 431

J

Jack

Jack Churchill 280, 347, 429

Jane Portal 12, 362, 369, 379, 383, 388, 390,
394, 407, 431

Jeremy Soames 379

Jock Colville 105, 124, 240, 283, 317, 372, 413,
420

John Colville 431

John Cunningham 239, 242

John G. Winant 177

John Kennedy 200

Jones

Dr. Thomas 27, 35, 72, 105

Joseph Kennedy 94, 125

Joseph Toole 65

K

Kaiser 61

Kai-shek

Chiang 193

Kathleen Hill 99, 102, 109, 159, 188, 431

Kennedy

Joseph 94

King

Mackenzie 333

King George V

couraçado 241, 280

Kitchener

lorde 230

Knox

Frank 159

Kristalnacht 83

Krushev

Nikita 409, 414, 417

L

lady Chamberlain 54

lady Soames 11

Lancastria

navio 139

Leahy

almirante 337

Leeper

Reginald 33, 44, 282, 283

Lees-Milne

James 431

Lênin 392

Leslie Burgin 92

Leslie Howard 223

Lewis

tenente-capitão Roger 107

Lewis Douglas 351

liberais 27, 61, 69, 118, 119, 321, 349, 362,
367, 370, 405

Liberator

bombardeiro 201, 202, 216

Life

revista 352

Lindemann

Frederick 24, 27, 32, 59, 67, 103, 104, 109,
132, 150, 222

linha Aliakmon 167, 172, 173

linha Curzon 236, 270, 272, 273, 274, 275,
276, 308

linha Maginot 97, 109, 110, 123

linha Siegfried 97, 102, 295, 302

Linlithgow 60, 65

Lippmann

Walter 94

Lisboa 223

Lloyd

Lloyde George 15, 19, 28, 50, 77, 93, 112,
116, 117, 122, 125, 128, 143, 306, 307, 361,
383, 384

lorde Cork 116, 117

lorde Davies 52

lorde Runciman 74

Lorraine Bonar 336

Ludlow-Hewitt

Edgar 62, 63, 124
Lush
Maurice 264, 431

M

MacArthur

Douglas 206

MacDonald

Ramsay 23, 28, 81

Mackenzie King 333

Mackesy

general 114, 115

MacLean

comandante Lachlan 53, 54, 55, 60, 62, 67

Macmillan

Harold 30, 84, 91, 96, 117, 234, 238, 239,
264, 282, 283, 286, 287, 298, 358, 364, 367,
368, 371, 379, 385, 386, 388, 397, 401, 402,
403, 404, 406, 407, 410, 414, 418, 419, 421,
423, 424, 428, 429

Maisky

Ivan 33, 75, 177, 270

Makins

Sir Rogers 408, 409, 410

Malcolm MacDonald 28, 95, 431

Marlborough

7o. duque 28, 36, 43, 59, 60, 61, 67, 74, 75

Marsh

Edward 351

Mary

Mary Churchill 155, 172, 194, 213, 217,
226, 228, 229, 230, 238, 253, 268, 280, 300,
302, 308, 315, 320, 322, 327, 328, 330, 331,
333, 334, 335, 344, 345, 346, 384, 385, 388,
402, 404, 415, 425, 428, 430

Mary Churchill 213

Matsuoka

Yosuke 169, 170

Maurice Shock 419

Melchett

lorde 58

Menzies

Robert 167, 178, 184

Michael Adeane 410

Michael Creswell 22, 67

Mikolajczyk

Stanislaw 273, 275, 294

Minney

R. J. 82

Mohamed Ali el-Kebir

navio 146

Molotov

Viacheslav 270, 272, 293, 337, 382, 383,
399, 400, 401

Molyneux

Richard 393

Montague Browne

Anthony 12, 380, 396, 414, 415, 418, 421,
422, 426, 428, 431

Montgomery

general 142, 202, 205, 206, 207, 208, 210,
212, 215, 216, 217, 218, 219, 240, 247, 253,
257, 260, 261, 266, 287, 288, 289, 295, 302,
304, 305, 306, 307, 308, 312, 322, 354, 431

Moran

lorde 237, 238, 245, 319, 327, 330, 350, 359,
361, 375, 377, 378, 381, 385, 386, 387, 388,
391, 394, 402, 404, 414, 417

Morrison

Herbert 121, 122, 317, 368, 377

Morton

Desmond 15, 17, 23, 29, 39, 55, 140

Mountbatten

lord Louis 195, 205, 212, 213, 226, 227,
325, 326, 329, 343, 348

Moyne

lorde 76, 277, 278

Muirhead-Gould

capitão Gerald 26

Mussolini 24, 25, 26, 27, 68, 69, 78, 91, 105,
123, 127, 157, 166, 173, 225, 228, 229, 230,
272, 311

Myers

major G. P. 47

N

Nashs Pall Mall 425

Nasser

Gamal 418, 419, 420

Nehru

Jawaharlal 357, 406

Neptune

navio 185

Nevile Henderson 89

Neville Chamberlain 23, 29, 30, 31, 38, 41, 47,
48, 53, 57, 124, 155, 159

Newall

Sir Cyril 148

News Chronicle 93

New York Times 342, 395

Nicholas P. Eadon 431

Nicolson

Harold 46, 49, 71, 77, 78, 94, 105, 107, 193,
245, 246, 249, 276, 279, 280, 289, 301, 376

Norman Brook 385

O

Oberon

Merle 358

Observer 24, 95, 404

Oliver Lyttelton 180, 261, 429

Oliver Stanley 119

Onassis

Aristóteles 421, 424, 427

Orion

cruzador 290, 291

Osbert Sitwell 25

Oswald Frewen 194

Otan 373, 387, 390, 401

Other Club 78, 242, 393, 421, 423, 425, 428,
429

P

painel consultivo de industriais 88

Pakenham-Walsh

tenente-coronel Ridley 148

palácio de Buckingham 118, 120, 121, 300,
313, 317, 318, 327, 335, 370, 404, 406, 410,
411, 421

Partido Conservador 26, 39, 57, 82, 89, 144,
155, 236, 321, 347, 348, 349, 354, 355, 361,
362, 370, 371, 380, 385, 397, 404, 413

Partido Fascista 225

Partido Liberal 100

Partido Trabalhista 17, 18, 31, 34, 35, 43, 44,
46, 55, 79, 100, 101, 113, 118, 120, 199, 276,
317, 321, 326, 328, 346, 362, 364

Partido Unionista 24

Patrick Donner 46

Pearl Harbour 159, 186, 187, 188, 194, 197,
323

Pearman

Violet 37, 59, 67, 112, 359

Peck

Sir John 12, 149, 241, 254, 269, 324, 431

Peel

Sidney 86

Pétain

general 130, 134, 135, 136, 139, 143, 161,
163

Pierson Dixon 382, 384

Portal

Jane 390

Sir Charles 189, 195, 227, 255, 269, 294

Port Said 420

Pound

Sir Dudley 102, 105, 108, 113, 133, 139,
143, 148, 188, 189, 200, 230, 231

Pravda 341

Prince of Wales

navio 174, 180, 181, 187, 188

príncipe Louis 195

protestantes 60

Punch 394, 432

Q

Queen Elizabeth

couraçado 335, 356, 399, 400

R

rainha Elizabeth 98, 375, 410

Ramsey

almirante 19, 250

Randolph

Randolph Churchill 11, 18, 23, 27, 28, 37,
56, 105, 109, 119, 120, 121, 122, 132, 155,
174, 182, 184, 196, 206, 209, 215, 216, 238,
249, 250, 261, 275, 314, 327, 335, 342, 345,
359, 361, 362, 363, 370, 421, 424, 425, 429,
430, 431

Rashid Ali 172, 176

Reeves

Emery 336

Regimento de Hussardos 205, 215

rei George II 287

rei George VI 107, 375

René Pléven 138

Repulse

navio 187, 188

Resolution

couraçado 154

Reynaud

Paul 81, 86, 126, 128, 130, 134, 135, 136,
137, 139

Richard Nixon 398

Richards

A. H. 44, 76, 82, 85, 86

Robert Boothby 49

Robert Fox 431

Roberts

lorde 314, 431

Robinson

Sir Arthur 59

Roger Lewis

capitão-tenente 107

Rommel

Erwin 166, 171, 172, 174, 175, 185, 186,
197, 199, 202, 205, 206, 207, 208, 209, 212,
214, 217, 250, 259

Roosevelt

Theodore 95, 108, 109, 123, 125, 132, 137,
138, 143, 146, 147, 148, 158, 159, 162, 163,
164, 165, 168, 172, 173, 175, 178, 180, 181,

182, 183, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 194,
195, 196, 197, 198, 199, 200, 203, 213, 214,
220, 221, 222, 223, 225, 226, 227, 228, 229,
231, 232, 233, 234, 235, 239, 240, 241, 245,
254, 255, 256, 259, 260, 261, 262, 263, 266,
267, 268, 271, 275, 278, 283, 287, 288, 289,
290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 299, 301,
303, 304, 308, 309, 368, 379

Rosebery

lorde 61, 403

Rowley

Herbert 44

Royal Oak

couraçado 106

Royal Scotsman

navio 262

R. V. Jones 142

S

Salas Centrais de Guerra 152, 156, 160, 244,
266

Samuel

Herbert 85, 104

Samuel Hoare 24, 27, 38, 104, 142

Sassoon

Philip 20, 21

Scadding

John 238

Simon

Sir John 18, 20, 22, 67, 99

Simpson

Wallis 48, 49, 305

Sinclair

Archibald 49, 77, 79, 96, 119, 122, 134, 139,
149, 321, 360

sindicatos 34, 61

Sir Andrew Cunningham 230, 266

Sir Archibald Boyd-Carpenter 46

Sir Archibald Clark Kerr 201, 244

Sir Arthur Robinson 59

Sir Charles Portal 157, 170

Sir Eric Phipps 26

Sir Herbert Samuel 21

Sir Horace Rumbold 32, 90

Sir Horace Wilson 88, 92

Sir Russell Brain 363

Sir William Goodenough 32

Smethurst

Samuel 431

Smuts

marechal de campo 161, 166, 167, 228,
264, 280, 357, 420

Snowden

Philip 359

Soames

Christopher 391

Souza

Louis de 431

Spears

Louis (capitão) 97, 130, 135, 136, 241, 346

Spectator 49

Spenser Grey 23

Stálin 171, 175, 178, 179, 180, 182, 183, 184,
185, 189, 191, 195, 201, 203, 204, 205, 206,
208, 211, 215, 218, 219, 220, 226, 228, 231,
233, 235, 236, 237, 240, 241, 243, 244, 251,
252, 254, 256, 259, 260, 262, 266, 267, 269,
270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 278, 279,
280, 282, 284, 288, 289, 291, 292, 293, 294,
295, 296, 297, 298, 300, 301, 302, 303, 304,
307, 308, 310, 313, 316, 323, 324, 325, 326,
329, 341, 381, 382, 383, 391

Stanley

Oliver 119

Star 43, 71, 95, 356

Stimson

Henry 322, 323, 325

Stumme

general 207, 208

Sunday Graphic 95

Sunday Referee 82

Sunday Times 408

Sutherland

Graham 404, 405

T

Thornton-Kemsley

Colin 82, 89, 102

Time-Life 387

Times 46, 49, 57, 75, 76, 91, 93, 98, 219, 265,
340, 368, 395, 396

Tirpitz

grande-almirante 230

Tito 214, 249, 250, 252, 262, 280, 289, 295,
308, 311, 313, 398

Tobruk 163, 164, 172, 173, 185, 197, 198, 210,
212, 215

Tratado de Versalhes 15

Tríplice Aliança 170

Trótski 42

Truman

Harry 309, 311, 312, 313, 315, 316, 322,
323, 324, 325, 326, 329, 333, 336, 337, 338,
340, 347, 348, 356, 357, 364, 368, 372, 373,
375, 381, 431

V

Vansittart

Sir Robert 25, 33, 44, 51

Vian 112, 253

Vincent Sheean 24

Violet

Violet Asquith 35, 59, 107, 148, 342, 397

von Kleist

Ewald 73, 259

W

Warren Fisher

Sir 29

Washington Post 282

Watson-Watt

Robert 38, 39

Wavell

general 158, 159, 161, 163, 164, 166, 167,
171, 174, 175, 176, 183, 190, 192, 193, 207,
221

Weizmann

Dr. Chaim 258, 277, 278

Westminster Hall 405, 429

Weygand

general 125, 126, 134, 135, 136, 137, 139,
140, 161, 190

whips 30

Wilson

Charles 190

Wood

Sir Evelyn 30, 84, 97, 103, 104, 108, 118,
120, 166

Y

Yorkshire Post 69

SIR MARTIN GILBERT(1936-2015) é um dos principais historiadores de sua geração. Membro honorário do Merton College, em Oxford, há trinta anos, ele é o biógrafo oficial de Churchill e autor de oitenta livros, entre os quais *Segunda Guerra Mundial* (publicado no Brasil em 2015 pela Casa da Palavra); *First World War*; *A Comprehensive History of Israel*; e os três volumes de *A History of the Twentieth Century*.

Em *CHURCHILL – UMA VIDA*, o historiador mundialmente consagrado Martin Gilbert constrói o mais completo relato biográfico já escrito sobre o primeiro-ministro britânico que mudou a história do Reino Unido e do mundo. Nesta segunda parte da biografia, tratando tanto de aspectos pessoais quanto políticos, Gilbert nos coloca diante de uma Europa às vésperas da Segunda Guerra Mundial, revelando em detalhes as pressões que finalmente levariam Churchill a se consagrar num exemplo de homem público, com a energia e o gênio necessários para dar fim ao conflito.



* Clementine apelidava o marido carinhosamente de “pig”, “porco” em português. (N. da R.)